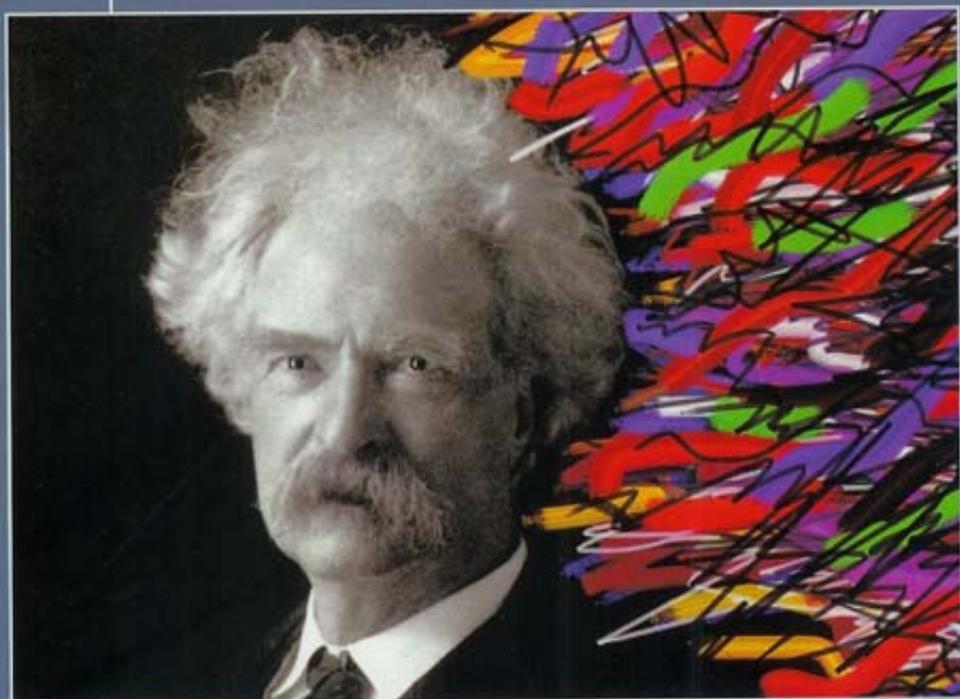


PATRIOTAS E TRAIDORES

Antiimperialismo, política e crítica social



Mark Twain



EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

“Ele nada tinha de pessoal contra mim, exceto o fato de eu me opor à guerra política, e me chamou de traidor por não ter ido lutar nas Filipinas. Mas isso não prova nada. Não quer dizer que um homem seja um traidor. Onde está a prova? Somos 75 milhões aprimorando nosso patriotismo.

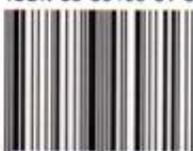
Ele próprio fez a mesma coisa.

Seria completamente diferente se a vida do país estivesse em perigo, sua existência em jogo; então – e esse é um tipo de patriotismo – seríamos todos voluntários ao lado da bandeira, e ninguém iria pensar se a nação estava certa ou errada; mas quando não se trata de qualquer ameaça à nação, mas apenas de uma guerrinha distante, então pode se dar que a nação se divida em torno da questão política, metade patriotas, metade traidores, e ninguém será capaz de distinguir entre eles.”

MARK TWAIN

Patriotas e traidores

ISBN 85-86469-81-5



9 788586 469817



CLÁSSICOS DO PENSAMENTO RADICAL

PATRIOTAS E TRAIDORES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Twain, Mark, 1835-1910.

Patriotas e traidores : antiimperialismo, política e crítica social /
Mark Twain ; tradução de Paulo Cezar Castanheira ; organizadora Maria Sílvia
Betti. – São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. – (Coleção Clássicos
do Pensamento Radical)

Bibliografia

ISBN 85-86469-81-5

1. Libertarianismo 2. Movimentos antiimperialistas 3. Twain, Mark,
1835-1910 - Crítica e interpretação I. Betti, Maria Sílvia. II. Título. III. Título:
Antiimperialismo, política e crítica social. IV. Série.

03-0732

CDD-810.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Escritores norte-americanos: Apreciação crítica :
Literatura norte-americana 320.531

MARK TWAIN

PATRIOTAS E TRAIADORES

Antiimperialismo, política
e crítica social

ORGANIZAÇÃO, INTRODUÇÃO,
TEXTOS DE ABERTURA E REVISÃO DA TRADUÇÃO

MARIA SÍLVIA BETTI

*Professora de literatura norte-americana
da Universidade de São Paulo*

TRADUÇÃO

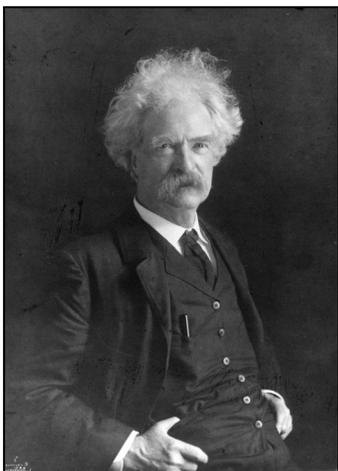
PAULO CEZAR CASTANHEIRA



EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

“Parece-me que nosso prazer e dever seria tornar livres aquelas pessoas e deixar que elas próprias resolvam sozinhas as suas questões internas. E é por isso que sou antiimperialista. Eu me recuso a aceitar que a águia crave suas garras em outras terras.”

MARK TWAIN



Mark Twain

Samuel Langhorne Clemens nasceu na cidade de Flórida, Missouri, nos Estados Unidos em 1835. Foi aprendiz de impressor, piloto nas barcas do rio Mississípi, jornalista, romancista, conferencista e ensaísta. Ao ingressar na carreira literária na década de 1860, adotou o pseudônimo de Mark Twain, expressão técnica usada para indicar condições seguras de navegação. Após a bem-sucedida publicação de *Inocentes no exterior* (1869), Twain mudou-se para Hartford, Connecticut, onde escreveu os clássicos *As aventuras de Tom Sawyer* (1876) e *As aventuras de Huckleberry Finn* (1884), que misturavam autobiografia e ficção.

Exibiu sua face de crítico social em obras como *O príncipe e o mendigo* (1881), *Um ianque de Connecticut na corte do rei Artur* (1889) e *Tragédia de Pudd'nhead Wilson* (1894). O estilo da prosa humorística de Twain é considerado a base da moderna literatura norte-americana. Mark Twain faleceu em 1910, em Redding, Connecticut, nos Estados Unidos.

Fundação Perseu Abramo
Instituída pelo Diretório Nacional
do Partido dos Trabalhadores em maio de 1996

Diretoria

Hamilton Pereira (presidente) – Ricardo de Azevedo (vice-presidente)
Selma Rocha (diretora) – Flávio Jorge Rodrigues da Silva (diretor)

Editora Fundação Perseu Abramo

Coordenação editorial
Flamarion Maués

Editora Assistente
Candice Quinelato Baptista

Assistente editorial
Viviane Akemi Uemura

Revisão
Maurício Balthazar Leal
Márcio Guimarães de Araújo

Índice remissivo
Marcello Lagonegro

Capa e projeto gráfico
Hélio de Almeida

Foto da capa
BoondocksNet.com

Editoração eletrônica
Augusto Gomes

Impressão
Gráfica OESP

1ª edição: abril de 2003
Tiragem: 3.000 exemplares

Todos os direitos reservados à Editora Fundação Perseu Abramo
Rua Francisco Cruz, 224 – CEP 04117-091 – São Paulo – SP – Brasil
Telefone: (11) 5571-4299 – Fax: (11) 5571-0910

Na Internet: <http://www.efpa.com.br>
Correio eletrônico: editora@fpabramo.org.br

Copyright © 2003 by Editora Fundação Perseu Abramo
ISBN 85-86469-81-5

SUMÁRIO

MARK TWAIN: UMA REDESCOBERTA OPORTUNA <i>Maria Sílvia Betti</i>	9
ANTIIMPERIALISMO	45
HAVAÍ	107
RÚSSIA	143
ÁFRICA DO SUL E AUSTRÁLIA	163
GUERRA HISPANO-AMERICANA/FILIPINAS	195
CHINA	229
CONGO	261
RAÇA, GÊNERO E RELIGIÃO	295
FICÇÃO E JORNALISMO	343
POSFÁCIO – MARK TWAIN NO BRASIL <i>Maria Sílvia Betti</i>	417
CRONOLOGIAS	425
FONTES DOS TEXTOS PUBLICADOS	439
ÍNDICE	445
ÍNDICE REMISSIVO	449

MARK TWAIN: UMA REDESCOBERTA OPORTUNA

Maria Sílvia Betti

A condição de inegável celebridade de Mark Twain sempre contribuiu, ironicamente, para que seus escritos antiimperialistas fossem, como ocorre ainda hoje, relativamente desconhecidos e pouco presentes no campo dos estudos literários e historiográficos. Isso se deve à própria história do destino editorial de seu trabalho após sua morte, em 1910. Seria eufemismo falar-se em omissão ou em mero mascaramento da produção relacionada ao tema do imperialismo e das frequentes e veementes referências feitas a ele por Mark Twain, principalmente nos últimos 12 anos de sua vida. O termo correto é censura, e a posição de destaque que o autor ocupa no cânone literário norte-americano atesta este aspecto, tornando-o inequívoco sobretudo a partir do minucioso levantamento que vem sendo realizado, há cerca de dez anos, por Jim Zwick, pesquisador e professor norte-americano da Syracuse University a quem se devem as edições críticas e os estudos historiográficos utilizados como base para esta edição.

Não há muitos outros escritores na literatura norte-americana a terem alcançado a popularidade de Mark Twain, seja entre a crítica em geral, seja no setor editorial e na indústria da cultura. Homem de múltiplos talentos, Twain foi humorista, ficcionista, jornalista, conferencista, empreendedor comercial, contista e, acima de tudo, crítico das mudanças sociais registradas nos Estados Unidos no período compreendido entre o final da Guerra de Secessão, em 1865, e o início do século XX.

Figurando entre os maiores nomes da ficção norte-americana, Twain é considerado um “clássico” cujo trabalho resistiu ao tempo, como comprova a perene popularidade de obras como *As aventuras de Tom Sawyer*, *As aventuras de Huckleberry Finn*, *O príncipe e o plebeu* e *Um ianque na corte do rei Artur*, para citar apenas alguns dos títulos principais. A fama que alcançou acabou servindo de pretexto para que o teor político de seu trabalho fosse posto de lado e ele passasse a ser tratado por críticos e editores como autor de obras de caráter predominantemente cronístico e ligeiro, marcado por aspectos regionais e humorísticos.

Todo o teor de crítica de seu trabalho em relação ao imperialismo em geral e ao expansionismo imperialista norte-americano em particular foi deliberadamente mantido, durante décadas, à margem das edições e dos estudos acadêmicos, mostrando ter sido objeto de inequívoca censura por parte do *establishment* editorial e acadêmico norte-americano.

Inicialmente um defensor manifesto do processo de anexações territoriais empreendido pelos Estados Unidos, Twain veio, gradativamente, a tornar-se um crítico ferrenho da rapina imperialista praticada pelo país, o que o levou, em seu retorno em 1900, após longa ausência, a fazer-se membro ativo da Liga Antiimperialista Norte-Americana. A partir desse momento, todo o seu prestígio literário e o seu talento na expressão escrita e oral foram colocados a serviço da causa antiimperialista, dando origem a uma produção extensa e diversificada que inclui artigos, cartas, panfletos, ensaios e textos satíricos.

DADOS BIOGRÁFICOS

A biografia de Mark Twain é longa e assombrosamente prolífica em várias áreas diferentes. Seu nome verdadeiro era Samuel Langhorne Clemens, e seu nascimento se deu em 30 de novembro de 1835 na pequena cidade de Flórida, no estado de Missouri. A primeira parte de sua infância foi passada na cidade de Hannibal, no mesmo estado, às margens do rio Mississípi. A família era proveniente do estado de

Tennessee, no Sul, e a atmosfera social de Hannibal assemelhava-se muito à das cidades sulistas, principalmente devido à vigência da escravidão. Tratava-se de uma região fronteira, atravessada pelas enormes balsas e barcas que subiam e desciam o rio, constantemente cruzada por viajantes e peregrinos das mais diversas procedências (muitos dos quais fugitivos), e nela Mark Twain viveu a primeira parte de sua meninice.

Aos 12 anos, com a morte de seu pai, Twain se vê na necessidade de trabalhar e, tornando-se aprendiz dos impressores locais, emprega-se como tipógrafo e posteriormente como jornalista, vindo a trabalhar no jornal local de Hannibal, dirigido por seu irmão mais velho, Orion. É nesse jornal que Twain inicia sua carreira de ficcionista, escrevendo pequenas histórias humorísticas sob a assinatura pomposa de W. Spaminondas Adrastus Blab.

Um período de profundas mudanças, tanto domiciliares como profissionais, inicia-se para ele ao completar 18 anos. Essas mudanças, que se estendem por cerca de quatro anos, levam-no a estabelecer-se sucessivamente em cidades localizadas entre o Meio-Oeste e o Leste. Decidido a empreender uma viagem ao Sul, Twain desce o Mississípi rumo a Nova Orleans num dos famosos barcos a vapor característicos desse período. A viagem viria a transformar-se num marco importante de sua vida: nela, ele conhece o veterano piloto de bordo Horace Bixby e inicia o aprendizado do ofício de piloto, que se estende durante quatro anos. É na experiência adquirida na arte da navegação do Mississípi que o jovem Samuel trava contato com a expressão que posteriormente se converteria em seu próprio pseudônimo literário, Mark Twain. Guiado pelo veterano piloto Ben Thornburgh nas passagens de difícil travessia, o aprendiz aguardava ouvir do mestre o grito de aviso informando que a profundidade atingida já permitia prosseguir viagem. Esse grito era o esperado “mark twain” (indicador da profundidade de 3,65 m), informando que a barra já havia sido transposta e que era possível seguir a todo vapor.

O início da guerra civil, em 1861, vem interromper o tráfego fluvial entre Sul e Norte, e a pilotagem de vapores deixa de ser uma ativi-

dade lucrativa. Engajado numa tropa confederada de voluntários, Twain desloca-se até o então recém-organizado território de Nevada. Após um período inicial, em que se põe à procura de jazidas de prata e especula em reivindicações de terras, emprega-se como repórter no *Enterprise*, jornal local para o qual escreve pequenas histórias humorísticas. É nessa época que, pela primeira vez, utiliza o pseudônimo com o qual viria a notabilizar-se.

Em 1864, uma desavença com um jornalista local obriga-o a deixar a cidade. Estabelecendo-se temporariamente em São Francisco, Twain trabalha como repórter para o *Golden Era*. A atividade, exercida na qualidade de *free lancer*, permite-lhe paralelamente encontrar tempo para a prospecção de ouro nas montanhas da Califórnia e para uma viagem às Ilhas Sandwich, cujos custos ele paga com colaborações para o *Sacramento Union* sob a forma de cartas. Essa era a modalidade de trabalho que lhe convinha, permitindo-lhe associar as viagens à atividade cronística e jornalística. E é precisamente assim que Twain haveria de passar os anos que se seguem, estabelecendo-se como repórter nacional e realizando viagens que se estendem até a Europa e o Oriente Próximo. Esse período proporciona-lhe o primeiro contato com uma cultura estrangeira *in loco*, assim como seus primeiros contatos com povos que sofrem na carne o processo expansionista norte-americano, e haveria de render-lhe os primeiros *insights* na direção de uma consciência crítica quanto à política externa norte-americana.

Paralelamente ao trabalho de correspondente, Twain inicia uma movimentadíssima carreira de conferencista, utilizando sua agudeza de observação e sua verve de contador de casos para relatar as experiências de viagens. O sucesso é tão grande que sua primeira turnê apresentando conferências rende-lhe uma série de 16 apresentações em várias partes do país.

A fama literária se faz sentir já no período posterior ao de sua viagem às Ilhas Sandwich, em 1866, quando ele, de passagem por Nova York, trata de publicar seu primeiro livro, baseado em histórias que ouvira na região das *Sierras* de Nevada: *A célebre rã saltadora do condado*

de Calaveras e outras histórias. Twain era agora colaborador não apenas do *Golden Era*, da Califórnia, mas também do *Tribune*, de Nova York, e sua popularidade aumentava progressivamente, não apenas sob a forma impressa, por meio de seus escritos, mas também por intermédio das conferências, que o levaram a cruzar o país sucessivas vezes.

Em 1870 um acontecimento parece indicar uma mudança de rumos em sua vida de incessantes e incansáveis viagens: o casamento com a filha de um rico industrial de Nova York, Olívia Langdon, que ele cortejara insistentemente. Com a ajuda financeira do sogro, Twain compra parte de um jornal em Buffalo em 1871 e, no ano seguinte, estabelece-se em magnífica residência que faz construir em Hartford, em meio à elite da Nova Inglaterra. Sua primeira filha, Susan, havia acabado de nascer, e ele parecia aclimatado aos hábitos da burguesia, que caracterizavam os moradores de Hartford. Alguns de seus trabalhos já eram, a essa altura, conhecidos em escala nacional. *The Innocents Abroad* havia atingido a casa de 100 mil exemplares vendidos, e ele podia desfrutar a estabilidade financeira de que agora dispunha e viver confortavelmente da profissão de escritor. Inicia-se assim um período prolífico e socialmente agitado. Uma viagem à Inglaterra, em 1874, possibilita-lhe travar contato pessoal com algumas das celebridades do mundo literário de então: o poeta Robert Browning, o escritor russo Ivan Turgueniev e o excêntrico reverendo e escritor Lewis Carroll. Nesse mesmo ano nasce sua segunda filha, Clara, e, em 1876, ele publica *As aventuras de Tom Sawyer*. Um contrato editorial para um livro sobre a Europa leva-o a viajar novamente entre abril de 1878 e setembro de 1879, período em que visita a França, a Bélgica e a Holanda.

Para Twain, as viagens estavam diretamente ligadas a sua produtividade literária: em 1880, ano em que nasce sua terceira filha, Jean, ele publica *Um vagabundo no estrangeiro* e, nos anos seguintes, *O príncipe e o plebeu* (1881), *A vida no Mississípi* (1883), *As aventuras de Huckleberry Finn* (1885) e *Um ianque na corte do rei Artur* (1889), interessante sátira política que alude, implicitamente, aos processos expansionistas e imperialistas do Reino Unido e dos Estados Unidos.

O espírito empreendedor que sempre o caracterizou leva-o, em meio a essa fase de intensa criação, a associar-se a um amigo, James Paige, inventor de uma máquina tipográfica que ele resolve financiar. Tratava-se de uma máquina de eficiência e rapidez superiores às habituais, mas o surgimento do linotipo, nesse mesmo período, rapidamente contribui para sua obsolescência. Utilizada em caráter experimental pelo *Chicago Herald*, a máquina é considerada um fracasso. Twain, que havia investido nela contando com um lucrativo retorno, quase vai à bancarrota, sendo obrigado a encerrar sua participação na casa editorial Charles L. Webster & Co., que publicara muitos de seus trabalhos: os recursos por ele deslocados para investir na máquina de Paige haviam desequilibrado as finanças da editora e sua situação financeira pessoal havia se tornado crítica.

A salvação lhe veio por meio do auxílio de Henry Hatson Rogers, executivo da Standard Oil e um dos industriais mais bem estabelecidos daquele momento. Rogers era um admirador de Twain, com quem costumava beber e jogar pôquer, e intercedeu em seu favor, além de orientá-lo com relação à questão dos direitos autorais, fazendo de Livy (Olívia Clemens, mulher de Twain) a beneficiária oficial.

Em 1890, duas perdas levam Twain a fechar a residência em Hartford e, no ano seguinte, a transferir-se para a Europa: as mortes de Jane, sua mãe, e de Olive, sua sogra.

Entre 1892 e 1900, viaja incansavelmente, apresentando conferências e escrevendo. As viagens vão aos poucos modificando sua visão no que diz respeito à propalada legitimidade do imperialismo, ao mesmo tempo que lhe dão experiência de convívio com diferentes povos e culturas. Em 1893 e 1894, negócios e assuntos de família levam-no a retornar aos Estados Unidos, mas apenas provisoriamente. Em 1895 um contrato com a editora Harper & Brothers para um livro sobre viagens leva-o a uma turnê que inclui visitas à Colúmbia Britânica, ao Havaí, às Ilhas Fiji e à Nova Zelândia.

Entre 1896, ano em que publica um livro sobre a vida de Joana d'Arc, e 1897, seguem-se viagens à Índia, à África do Sul, à Inglaterra,

à Suíça e à Áustria, e, em 1898, à Tchecoslováquia e novamente à Inglaterra e à Suécia.

Mesmo com um duro golpe – a perda de sua filha mais velha, Susan, aos 23 anos de idade, em 1896 –, Twain não se deixa abalar, como atesta o seu cronograma de conferências e sua produção de todos esses anos pelo continente europeu. Em 1899, ano em que escreve “O homem que corrompeu Hadleyburg”, ele volta à Inglaterra, onde fica por um ano, em Londres.

Em outubro de 1900, aclamado e recebido como uma celebridade nacional, Twain retorna aos Estados Unidos, fixando-se em Riverdale. Seu fôlego de viajante não havia se esgotado, porém, e ele volta a viajar, visitando a Flórida, o Caribe, o Meio-Oeste (inclusive a velha Hannibal, de sua infância, e St. Louis).

Com o agravamento do estado de saúde de sua mulher, Twain resolve voltar à Europa, onde permanece entre 1903 e 1904. O falecimento dela, ocorrido em Florença, e a crise nervosa que acometeu sua filha Clara levam-no a voltar aos Estados Unidos, estabelecendo-se em Nova York, em 1905.

Famoso e homenageado por seus 70 anos, Twain publica *Os diários de Adão e Eva* e é recebido na Casa Branca pelo vice-presidente Theodore Roosevelt. Uma série de questões relativas a direitos autorais preocupam-no, e Twain dirige apelos aos membros do Congresso, procurando estimular a elaboração de uma legislação coerente.

Apesar das adversidades atravessadas e da agitação à sua volta, é um período bastante produtivo, em que ele publica “The \$30,000 Bequest”, “What Is Man?” e “Chapters From My Autobiography”, e no ano seguinte, *Christian Science*.

Em 1907 Twain realiza sua última viagem à Inglaterra, onde recebe um título honorário na universidade de Oxford. Nesse mesmo período, Albert Bigelow Paine é convidado por ele a tornar-se seu biógrafo oficial e, passando a morar na residência do escritor, dá início à compilação de seus escritos e à elaboração do trabalho. Apesar de ter fixado residência em Connecticut, Twain realiza sucessivas viagens às Bermudas em 1908, 1909 (quando publica “Shakespeare está morto?”)

e 1910, ano em que vem a falecer, aos 75 anos de idade, um ano após a morte de sua filha caçula, Jean.

MUITO ALÉM DO ÍCONE

Apesar de sua inegável celebridade e da elevada estima que tantas gerações de leitores e críticos lhe dedicaram, Twain foi sempre, predominantemente, considerado autor de uma obra infanto-juvenil, o que sem dúvida também contribuiu para que com frequência se ignorasse o aspecto da militância antiimperialista. Isso se deve, em grande parte, à sua inclinação ficcional para uma literatura “de ação”, voltada ao desenvolvimento de enredos repletos de acontecimentos inesperados e de reviravoltas do destino dos protagonistas. Indubitavelmente existe aí uma afinidade com características que a indústria cultural viria a tornar indissociáveis de uma faixa de leitores mais próximos à adolescência.

Por outro lado, o vigor juvenil de seu estilo permite-lhe tratar de forma pitoresca e inventiva de uma enorme gama de temas, seja em um estilo mais propriamente realista e impregnado da tão propalada “cor local”, seja em um campo mais abertamente fantasioso, em que se permite liberar sua imaginação e desenvolver alegorias históricas e políticas.

Na produção ensaística e jornalística, Twain não deixou nunca de lado a sua bem-humorada ironia, que se transformava em corrosivo sarcasmo sempre que necessário e com frequência se combinava ao recurso do paradoxo para produzir páginas de grande contundência crítica, quase sempre dotadas de caráter paródico.

Entre suas obras mais amplamente conhecidas destacam-se alguns títulos a essa altura considerados “clássicos” da literatura norte-americana, como os romances *As aventuras de Tom Sawyer*, de 1876, *O príncipe e o plebeu*, de 1881, *As aventuras de Huckleberry Finn*, de 1884, e *Um ianque na corte do rei Artur*, de 1889.

As aventuras de Tom Sawyer relata as peripécias que Tom, um garoto da região próxima às margens do Mississípi, experimenta durante um verão da década de 1840. Juntamente com seu amigo Huck

Finn, um menino pobre cujo pai é o bêbado da cidade, Tom envolve-se numa aventura noturna em pleno cemitério e acaba presenciando o assassinato do Dr. Robinson, médico e cientista, pelo cruel Injun Joe. A situação complica-se quando um inocente (Muff Potter) é acusado pelo crime. Após uma série de aventuras que envolvem a fuga dos dois garotos acompanhados pelo amigo Joe Harper para uma ilha deserta (a ilha Jackson) em meio ao Mississípi, a verdade é revelada: Tom encontra o tesouro de Injun Joe e, com a ajuda de Huck, acaba sendo aclamado como um herói local.

O príncipe e o plebeu fantasia episódios reais da história da Inglaterra ocorridos em 1547, quando morre o rei Henrique VIII e seu filho, Eduardo VI, assume o trono. No enredo concebido por Mark Twain, pouco após a morte do rei Henrique, o jovem herdeiro da coroa inglesa troca inadvertidamente de lugar com um sócia, Tom Canty, um pequeno indigente. As experiências por que passam, em suas novas condições, colocam os meninos em situações desafiadoras: Eduardo é atormentado por John Canty, o pai de Tom, ladrão e dado à bebida. Logo na primeira noite, apanha por afirmar ser o príncipe de Gales, afirmação que repete constantemente sem conseguir que acreditem em suas palavras. Logrando finalmente escapar, encontra Miles Hendon, um nobre que retornava à Inglaterra após dez anos de ausência, período em que lutou como soldado e acabou sendo feito prisioneiro. Hendon decide protegê-lo, apiedando-se dele por julgá-lo louco.

Também Tom passa por alguém fora de seu perfeito juízo e é assistido pelo conde de Hertford, o lorde protetor do jovem rei. Apesar de desempenhar muito bem seu papel real e de tomar decisões bastante humanitárias com relação a seus súditos, Tom avista sua mãe verdadeira em meio ao povo em pleno dia da coroação e é tomado de culpa diante de sua própria conduta. Eduardo aparece, durante a cerimônia, a tempo de reclamar seu verdadeiro lugar como rei.

As aventuras de Huckleberry Finn é o relato das aventuras de Huck (o mesmo que participara do enredo de *As aventuras de Tom Sawyer*) e Jim, um escravo fugido, em seu percurso Mississípi abaixo em uma pequena jangada. O enredo inicia-se pouco depois das cenas finais de

As aventuras de Tom Sawyer. Os capítulos iniciais apresentam o mundo divertido e emocionante de Tom, Huck, Joe Harper e outros garotos, que resolvem formar uma gangue de aventureiros.

O conflito se apresenta quando Huck escapa ao cativo que lhe havia sido imposto por seu pai, o bêbado Pap Finn, e, juntamente com Jim, um escravo fugido proveniente de Hannibal, no Missouri, foge pelo Mississípi com destino a Ohio, estado onde a escravidão já fora abolida e onde Jim poderia viver e trabalhar como homem livre.

Um nevoeiro faz que eles errem o percurso e se envolvam em uma série de peripécias com King e Duke, dois trapaceiros que conhecem no caminho. O desfecho vem na seqüência de uma série de aventuras que contam com a participação de Tom Sawyer e apresentam a decisão de Jim, mesmo após constatar-se liberto, de marchar para os territórios onde a abolição já havia sido decretada.

Um ianque na corte do rei Artur é uma fantasia política que apresenta as aventuras de Hank Morgan, cidadão norte-americano que, golpeado durante uma luta em Hartfield, nos Estados Unidos do século XIX, cai inconsciente e acorda na Inglaterra do ano 538, em plena corte do lendário rei Artur. Ao longo de um período de aproximadamente dez anos de permanência na corte arturiana, Morgan acaba introduzindo uma série de modificações na sociedade da época.

O desenrolar dos fatos é relatado por um narrador que conhecera Morgan no castelo de Warwick, ouvira dele a história surpreendente de suas aventuras e, por fim, ganhara dele um manuscrito contendo a íntegra de sua fabulosa história, desde o momento em que despertara na Inglaterra lendária dos tempos arturianos e fora levado a Camelot por um cavaleiro.

A leitura do manuscrito pelo narrador ativa o desenvolvimento do enredo mediante uma estrutura episódica, enfatizando o aspecto surpreendente da forma como Morgan, usando sempre de astúcia, escapa aos perigos mais incríveis. Fazendo-se passar por um mago capaz de fazer obscurecer o próprio Sol, Morgan, que na verdade se vale de um eclipse, acaba sendo nomeado ministro perpétuo e executivo do rei.

O desejo de aprimorar a qualidade de sua vida na corte leva-o, pouco a pouco, a introduzir pequenos utensílios como sabonetes, livros, canetas e tinta. Aos poucos sua notoriedade vai crescendo a ponto de lançar sombra até mesmo ao mago Merlin, seu poderoso rival.

Passam-se muitos anos, durante os quais Hank introduz importantes mudanças na sociedade inglesa do período, fundando indústrias e escolas, dando treinamento a professores e apoiando a tolerância religiosa.

Nos anos que se seguem, Hank é responsável pela implementação de grandes progressos sociais e técnicos, inventando o telégrafo, o telefone, o barco a vapor e as ferrovias.

As experiências de Hank no século VI terminam quando ele, envenenado por Merlin, é condenado a dormir por 13 séculos. Merlin é morto ao tropeçar e cair sobre uma cerca eletrificada. A história se encerra quando o narrador, ao concluir o manuscrito, vai espiar o adormecido Hank, que, em meio ao sono, balbucia nomes de personagens dos eventos relatados.

O trabalho ficcional de Mark Twain transcende em muito os parâmetros dentro dos quais a tradição crítica e acadêmica veio a imortalizá-lo como ícone da literatura norte-americana. A sutileza crítica prenunciada na extraordinária riqueza de temas e formas trabalhados vai muito além do mero registro cronístico saboroso e abre significativas possibilidades de discussão do processo vertiginoso de transformações vividas pelo país, passando pela guerra civil, pela ocupação do Oeste, pela urbanização em suas variantes regionais, pelos conflitos raciais, pela luta pelo voto feminino e pela ascensão do país à condição de potência internacional nos planos político e econômico.

A militância antiimperialista, abraçada por ele num momento (1898) em que desfruta indiscutível prestígio literário nacional e internacional, encontra-se presente, ainda que muito embrionariamente, nas entrelinhas de obras anteriores de sua produção. Ao longo da cronologia de seus trabalhos pode-se acompanhar, implicitamente, a gradativa constituição de uma consciência crítica em relação aos mitos da nacionalidade norte-americana e aos seus pressupostos e con-

tradições. No estágio atual de estudos da obra de Twain, é precisamente essa a diretriz de trabalho mais estimulante, pelo fato de convidar ao reexame de sua produção e de desdobrar-se em instigantes revelações e debates de surpreendente atualidade.

Imortalizado nas tradições literárias e culturais dos Estados Unidos e submetido à institucionalização daí decorrente, o nome de Twain foi, durante décadas, veiculado por iniciativas de propagação de uma “americanidade” pouco condizente com a militância antiimperialista que desenvolveu.

O momento atual caracteriza-se, precisamente, pelo crescente interesse em relação ao estudo dos escritos antiimperialistas de Twain, sobretudo os pertencentes ao período de 1898 a 1910 (ano de sua morte). Isso tem aberto novas e significativas possibilidades de releitura do conjunto de seus trabalhos, não apenas no sentido da discussão política neles implícita, mas também no da reavaliação do próprio rendimento literário dos recursos e formas.

MARK TWAIN E O ANTIIMPERIALISMO

Embora o pensamento antiimperialista de Mark Twain não se ligue exclusivamente a sua atuação na Liga Antiimperialista Americana, foi sua entrada para essa associação que assinalou de forma mais sistemática a elaboração de escritos relacionados ao tema. A adesão ao movimento antiimperialista foi seguramente a mais longa e significativa forma de ativismo político de sua vida, tendo fornecido farto material de inspiração a editoriais e cartunistas políticos da época.

No âmbito específico da Liga, Twain foi, juntamente com William Dean Howells¹, a figura de maior projeção pública, e o estudo de sua participação na entidade e da produção a ela relacionada possui crucial

1. 1837-1920. Escritor norte-americano e editor-chefe (1871-1920) do *Atlântico Mensal* (*Atlantic Monthly*), encorajou um grande número de escritores, entre eles Mark Twain e Henry James. Escreveu o romance *A ascensão de Silas Lapham* (*The Rise of Silas Lapham*), de 1885, entre outros, e muitos trabalhos de crítica literária.

importância para uma rediscussão crítica tanto de sua obra como do debate antiimperialista nos Estados Unidos.

A história do processo de supressão da dimensão política do trabalho de Twain dentro do movimento antiimperialista associa-se diretamente à exclusão institucionalizada do imperialismo como tema de reflexão e debate, seja no campo da formação cultural do cidadão norte-americano comum, seja no âmbito da pesquisa acadêmica. O tratamento dispensado pela crítica aos escritos de Twain desde o período que se segue a seu falecimento indica que o esvaziamento do teor político de seu trabalho envolveu pressões políticas em vários níveis. Embora inúmeros outros autores tenham sido vítimas de mecanismos semelhantes, sua posição de inegável destaque no cânone literário norte-americano confere a essa história um especial interesse.

Como muitos outros escritores que viriam a tornar-se antiimperialistas proeminentes, Twain acreditava, até seu retorno da Europa, em 1900, que a Guerra Hispano-Americana de 1898 havia sido travada visando a libertação de Cuba do jugo da Espanha. A leitura cuidadosa do texto do Tratado de Paris leva-o a dar o primeiro passo no sentido de uma reavaliação desse julgamento e a concluir que a intenção política norte-americana era claramente a de subjugação.

Este foi o momento em que, de forma pública e inequívoca, Twain se declarou abertamente antiimperialista, e é também o momento em que ele começa a sofrer ataques de antagonistas políticos e de críticos descontentes com suas posições. Em fevereiro de 1901 um detrator, em Albany, tentou desacreditá-lo afirmando que, se fosse levado realmente a sério por suas declarações, ele com certeza, àquela altura, já teria sido no mínimo linchado. O comentário foi feito a propósito do fato de o escritor haver se referido à bandeira norte-americana como uma bandeira desonrada. Twain respondeu de forma contundente num discurso em 23 de março, no Lotos Club:

Ele nada tinha de pessoal contra mim, exceto o fato de eu me opor à guerra política, e ele disse que eu era um traidor e não fui lutar nas

Filipinas. Isso não prova nada. Não quer dizer que um homem seja um traidor. Onde está a prova? Somos 75 milhões aprimorando nosso patriotismo. Ele próprio fez a mesma coisa. Seria completamente diferente se a vida do país estivesse em perigo, sua existência em jogo; então – e esse é um tipo de patriotismo – seríamos todos voluntários ao lado da bandeira, e ninguém iria pensar se a nação estava certa ou errada; mas quando não se trata de qualquer ameaça à nação, mas apenas de uma guerrinha distante, então pode se dar que a nação se divida em torno da questão política, metade patriotas, metade traidores, e ninguém será capaz de distinguir entre eles.²

Suas palavras corroboram a posição firmada logo após seu retorno da Europa, quando dissera aos repórteres que cobriram sua volta, no final de 1900: “Oponho-me a deixar que a águia ponha suas garras sobre qualquer outra terra”³. Uma série de discursos e entrevistas nos meses seguintes, já em 1901, vem confirmar sua posição, como o discurso “Saudação do século XIX ao século XX”, proferido no final desse mesmo ano, atacando frontalmente as quatro manifestações exponenciais do poder imperial do momento: a tomada da baía de Kiao Chow, na China, pela Alemanha, a ocupação da Manchúria pela Rússia, a Guerra dos Bôeres na África do Sul e a Guerra Filipino-Americana. Duas semanas após a publicação do discurso, Twain foi convidado a ocupar o posto de vice-presidente da Liga Antiimperialista, aceitando prontamente. Embora ele próprio não se imaginasse exercendo atividades exaustivas nessa função, ela lhe concedia um importante canal para a expressão da solidariedade à luta contra o imperialismo. O ensaio intitulado “Para aquele que vive nas trevas”, escrito um mês depois, viria a ser publicado sob a forma de panfleto, tendo sido, segundo Jim Zwick, a publicação sem dúvida mais popular da entidade.

2. Zwick, Jim. “As regards patriotism”. http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_lotos010323.html [2002-09-02].

3. Zwick, Jim. Mark Twain’s Antiimperialist Writings in the American Century. <http://www.boondocksnet.com/twain/contested.html> [2002-09-02].

A Liga Antiimperialista havia sido fundada dois anos antes, em 1898, em Boston, logo após o final da Guerra Hispano-Americana, quando o governo norte-americano passou a demonstrar abertamente não estar disposto a libertar Porto Rico, Guam e as Filipinas. Políticos, empresários, líderes trabalhistas, educadores, religiosos e intelectuais haviam aderido, afirmando seu apoio ao movimento. Rapidamente filiais da Liga organizaram-se por todo o país, arregimentando, entre outros, figuras cujas ligações com o movimento antiimperialista eram as mais diversas, e até, em alguns casos, suspeitas: encontram-se, entre os membros, o industrial Andrew Carnegie⁴, o presidente da Federação Americana do Trabalho (American Federation of Labor), Samuel Gompers⁵, os pensadores William James e John Dewey⁶, o ex-presidente Grover Cleveland⁷, as reformadoras sociais Jane Addams⁸ e Josephine Shaw Lowell, os líderes do movimento de direitos civis Moorfield Storey e Oswald Garrison Villard, e até mesmo Benjamin R. Tillman, um dos líderes do movimento contrário à extensão do direito de voto aos negros e defensor caloroso das leis de segregação no Sul.

O imperialismo era uma questão polêmica em todos os movimentos sociais de então, e a oposição a ele aglutinou membros indiscutivelmente inconciliáveis em outras áreas. A Liga congregava tanto setores que condenavam o imperialismo por julgá-lo negativo para o trabalho como outros que o condenavam por seus efeitos negativos para o mundo empresarial. A diversidade de opiniões abrangia, ainda, racistas que brandiam a bandeira do antiimperialismo por entender

4. 1835-1919. Industrial e filantropo nascido na Escócia, reuniu fortuna considerável na indústria do aço e doou milhões de dólares para a causa pública.

5. 1850-1924. Líder trabalhista nascido na Inglaterra e presidente da Federação Americana do Trabalho (1886-1924, com exceção de 1895). Obteve salários mais altos, redução do número de horas de trabalho e maior liberdade para os sindicalizados.

6. 1859-1952. Filósofo e educador norte-americano que liderou o movimento pragmático e rejeitou os métodos tradicionais de ensino por meio da repetição mecânica em prol de um sistema amplamente baseado na experiência.

7. 1837-1908. Vigésimo segundo e vigésimo quarto presidente dos Estados Unidos, conhecido pelas campanhas contra a corrupção e a prática de se recompensar eleitores em troca de votos.

8. 1860-1935. Líder pacifista e reformadora social, fundadora da Hull House (1889), um centro assistencial e educacional para os pobres de Chicago. Trabalhou também pela paz e pelas reformas sociais.

que os territórios anexados iriam, ao final, tornar-se estados da União, levando assim à inclusão de povos considerados “inferiores” ao conjunto da população norte-americana. Estes setores em particular acabaram por afastar-se da entidade assim que o recém-firmado Tratado de Paris se encarregou de deixar claro que o temor era infundado e que as colônias anexadas não haveriam de tornar-se estados: nas palavras do comissário de Paz Whitelaw Reid, era necessário “resistir à doutrina insana que pressupõe que o governo deriva seus poderes e legitimidade do consentimento dos governados”⁹.

A campanha contra a ratificação do Tratado de Paris, em janeiro de 1901, foi a primeira organizada pela Liga e destinava-se a denunciar a existência de campos de concentração organizados por norte-americanos em território filipino e a cobrar do governo uma investigação a respeito. Fazendo uso de uma propaganda intensiva e de uma grande diversidade de formatos e materiais, a Liga procurou utilizar-se, tanto quanto possível, da mídia disponível naquele momento, fazendo circular panfletos, folhetos, brochuras, livros, poemas avulsos, jornais, cartazes, circulares e cartas.

Sem dúvida alguma Twain manteve-se sempre atualizado em relação à literatura antiimperialista da época e recebeu uma grande variedade de livros e panfletos publicados pela Liga, entre os quais encontram-se os discursos de Carl Schurz¹⁰, enviados em dezembro de 1900, pronunciamentos de congressistas sobre a captura do líder filipino Emílio Aguinaldo, a íntegra da Lei Tarifária Filipina, de 1901, panfletos sobre as atrocidades norte-americanas nas Filipinas, um panfleto e um livro de Louis F. Post (editor do jornal *The Public*), uma cópia do bem-conceituado estudo historiográfico de Henry Parker Willis intitulado *Nosso problema filipino: um estudo da política colonial americana* (nunca publicado no Brasil) e, provavelmente, cópias da maioria dos panfletos publicados pela Liga Antiimperialista de Nova

9. Zwick, Jim. Mark Twain's Antiimperialist Writings in the American Century. Loc. cit.

10. 1829-1906. Oficial do Exército, político e editor nascido na Alemanha. Senador por Missouri (1869-1875), disseminou as idéias políticas do Partido Republicano com seus discursos e, posteriormente, com seus editoriais.

York e pela Liga Antiimperialista nacional, regularmente enviados aos membros dessas entidades¹¹.

Foi no âmbito da Liga que Mark Twain fez suas mais importantes contribuições à causa antiimperialista. A condição de celebridade que desfrutava e sua indiscutível habilidade de escritor permitiram-lhe produzir para a organização documentos como a já mencionada “Saudação...”, de dezembro de 1900, que circulou de costa a costa por todo o país, tanto separadamente, sob a forma de cartão, como em jornais, chegando a ser publicado juntamente com declarações de William McKinley¹², Theodore Roosevelt¹³ e William Jennings Bryan¹⁴ (presidente e vice-presidente eleitos e o seu oponente na recém-concluída campanha presidencial) a propósito do novo século.

Também o ensaio “Para aquele que vive nas trevas”, ironizando a idéia da civilização como “bênção” concedida aos povos “libertados”, teve ampla circulação após ter sido publicado no número de fevereiro de 1901 da *North American Review*. Uma edição paralela, preparada pela própria Liga sob a forma de panfleto, teve a mais ampla tiragem entre todas as suas publicações, atingindo a casa dos 125 mil exemplares. Twain tornou-se simultaneamente e num curto espaço de tempo o mais influente e o mais odiado crítico das políticas adotadas pela Casa Branca, fato que, na época, veio a dividir seu próprio público

11. Zwick, Jim. Mark Twain's Arguments against War and Imperialism. http://www.boondocksnet.com/ai/twain_d.html

12. 1843-1901. Vigésimo quinto presidente dos Estados Unidos (1897-1901). Sua presidência foi marcada pela Guerra Hispano-Americana, pela anexação de Cuba e das Filipinas, pela abertura de uma política de livre comércio com a China e pela aprovação do Ato do Padrão Ouro (1900). Foi assassinado por um anarquista em Buffalo, Nova York.

13. 1858-1919. Vigésimo sexto presidente dos Estados Unidos (1901-1909). Herói da Guerra Hispano-Americana e governador de Nova York (1899-1900), assumiu a Presidência após o assassinato de William McKinley, em setembro de 1901. Sua administração foi marcada pela regulamentação de monopólios, pela construção do canal do Panamá, por uma política externa de livre comércio com a China e pela política externa do *big stick*, que pregava a idéia de impor-se pela força. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1906 por sua mediação na Guerra Russo-Japonesa.

14. 1860-1925. Advogado e político, candidatou-se sem sucesso à Presidência em 1896, 1900 e 1908. É famoso por seu discurso intitulado “Cruz de Ouro” (1896), defendendo o lastro de prata para a moeda norte-americana, por sua atuação como promotor e por sua defesa do fundamentalismo no julgamento de Scopes, um professor processado por ensinar a teoria da evolução das espécies de Darwin num município de Tennessee em 1925.

leitor. Um admirador, em carta dirigida a ele nesse período, resume bem a questão: “Até aqui o senhor foi estimado pelos amigos que conquistou; agora o senhor deve ser estimado pelos inimigos que faz”¹⁵.

A associação de Twain com a Liga irá desempenhar a partir de então uma influência marcante em seus escritos, além de levá-lo a empreender a revisão de uma série de princípios que defendera até pouco antes. Isso se dá principalmente no que diz respeito à idéia de uma “missão” norte-americana diante das demais nações e de uma suposta natureza “não-americana” do imperialismo. A afirmação de que os Estados Unidos “importaram” o ideário imperialista da Europa e de que esse ideário era “estranho” à expansão dos ideais da república norte-americana cai fragorosamente por terra diante da forma de atuação norte-americana no plano internacional e do discurso inegavelmente imperialista que predomina no plano institucional em todo o país.

Muitos antiimperialistas defendiam esse mesmo ponto de vista (ou seja, acreditavam que o imperialismo era uma deturpação do verdadeiro americanismo) e aceitavam como historicamente indiscutível o fato de que um império não apenas não se constituía numa república, como vinha a tornar-se um risco para a sobrevivência política desta. Zwick cita, como representativo dessa posição, o discurso proferido no Congresso pelo deputado John F. Shafroth:

As repúblicas formam-se somente após as revoluções. A mudança para o império é lenta e gradual. Uma das mais tristes lições da história é que, quando quer que estas escolas políticas se confrontem, nas repúblicas antigas, a escola imperial, com sua ofuscante influência da riqueza e do poder, sempre vence.¹⁶

Muitos dos escritos de Twain a respeito do tema apontam na mesma direção do discurso de Shafroth, ou seja, ressaltam a idéia da degeneração dos ideais fundadores dos princípios políticos da nação. Para

15. Zwick, Jim. *Mark Twain's Antiimperialist Writings in the American Century*. Loc. cit.

16. Zwick, Jim. *Mark Twain's Arguments against War and Imperialism*. Loc. cit.

Jim Zwick esta seria uma das razões pelas quais muitos pesquisadores consideram “pessimista” o tom de Twain nos escritos dessa fase, que é também a fase final de sua carreira. Os chamados “escritos sombrios” (*dark writings*), como foram designados os textos elaborados nesse período, encontram-se impregnados de antiimperialismo, aspecto no qual, aliás, o autor nunca esteve isolado, dispondo sempre de um número amplo e significativo de correligionários dentro e fora do campo literário e jornalístico. O propalado “pessimismo” é incompatível com o vigor e o empenho demonstrados por Twain em sua militância antiimperialista, que se concentra precisamente nesses últimos 12 anos de sua vida. Não é difícil, portanto, entender por que a maior parte da crítica, durante muito tempo, insistiu em descrever esse período como de amargura e declínio: ao depreciar a importância da produção nele desenvolvida, punha-se também em segundo plano a discussão de seu trabalho antiimperialista, o que sem dúvida alguma atendia aos interesses dominantes, tanto no mundo acadêmico como no editorial.

Outro aspecto de importância a ser lembrado é a forma singular como Twain, decano da literatura do país e celebridade de renome internacional, permite-se rever sua posição acerca do imperialismo e modificá-la, levado pela análise dos fatos e de suas implicações. Discorrendo a respeito da posição norte-americana diante de Cuba logo após seu retorno da Europa, Twain afirmara que os Estados Unidos estavam “jogando o jogo americano”, ou seja, apoiando, segundo ele ainda acreditava no momento, um movimento libertário. Segundo um raciocínio análogo, sua visão inicial da Guerra das Filipinas levava-o a enxergar um caráter libertário e humanista como fator para a participação norte-americana. Pouco tempo depois, ele próprio revia essas avaliações em entrevista ao jornal *New York Herald*:

Eu dizia com meus botões: aqui está um povo que sofre há 300 anos. Temos capacidade de torná-los livres como nós, dar-lhes um governo e um país que sejam só seus, colocar uma miniatura da Constituição americana a flutuar no Pacífico, fundar uma república absolutamente nova que há de tomar seu lugar entre as nações livres do mundo. Pare-

ceu-me grandiosa a tarefa que nos havíamos imposto. Mas repensei muito desde então, li com todo cuidado o Tratado de Paris e vi que nunca tivemos a intenção de libertar, mas a de subjugar aquele povo. Fomos até lá para conquistar, não para salvar.

Evidentemente as palavras de Twain ilustram o vigor de seu pensamento e sua notável disponibilidade para pensar de forma crítica. A despeito disso, é importante lembrar, por outro lado, que ele é essencialmente um homem de sua época. Para Twain, assim como para outros antiimperialistas, o aspecto mais nefasto desse processo era o de traição do que acreditava serem os “ideais republicanos” do país, uma vez que os Estados Unidos haviam sido a primeira nação surgida de uma revolução contra um império colonial. A idéia fundamental era que a constituição de um império por parte dos Estados Unidos teria um efeito desagregador em relação aos princípios verdadeiramente fundadores dessa república. Esse argumento demonstra o quanto o autor ainda acreditava no caráter indiscutível desses princípios, crença que se incorporava de forma inseparável aos seus mais calorosos argumentos antiimperialistas.

Alguns desses argumentos encontram-se em uma série de fantasias históricas escritas a partir de 1901 abordando a ascensão hipotética de uma monarquia despótica ou de uma ditadura militar que deruba a República e implanta a censura a livros e bibliotecas, levando ao esquecimento das tradições americanas e reescrevendo a história de modo a glorificar o imperialismo e o autoritarismo.

A idéia de uma forte ligação entre a expansão paralela do comércio e do império havia sido anteriormente formulada, aliás, num livro escrito por um autor do qual, com razões muito compreensíveis, o presidente Theodore Roosevelt era um dos mais influentes admiradores: *A influência do poder marítimo sobre a história*, do capitão Alfred T. Mahan¹⁷. Para Mahan, os três pontos-chave para se entender as his-

17. 1840-1914. Oficial da Marinha norte-americana e historiador. Este seu livro desencadeou um verdadeiro processo de armamentismo naval no período imediatamente anterior à Primeira Guerra Mundial.

tórias e as estratégias políticas das nações dotadas de fronteiras marítimas eram a produção, associada à necessidade do intercâmbio de produtos, o comércio marítimo, pelo qual o intercâmbio se processava, e as colônias, que facilitavam e aumentavam as operações de embarque e tendiam a protegê-lo mediante a multiplicação dos pontos de segurança¹⁸.

Por ocasião da Guerra Hispano-Americana (1898), as idéias de Mahan e de outros teóricos do imperialismo rapidamente popularizaram-se nos meios de comunicação de massa. À guisa de exemplo, Jim Zwick cita o subtítulo de um dos panfletos de 1898 sobre “As Ilhas Filipinas”, que anunciava oficialmente os benefícios do imperialismo de forma tão exageradamente entusiástica a ponto de parecer paródica: “Anexação: como ela americanizará, civilizará e desenvolverá as muitas ilhas, expandirá nosso comércio ao extremo, absorverá nossa produção, manterá nosso circuito comercial ativo e dará emprego a todo o nosso povo”¹⁹.

Durante a campanha presidencial de 1900, o Comitê Republicano Nacional publicou um panfleto intitulado “Expansão comercial”, que apesar de reiterar muitos dos argumentos de forma um pouco mais sóbria encerrava-se com um “Mapa do Oriente mostrando Manila, Filipinas, como Centro Geográfico do Campo Comercial Oriental”. Muito estrategicamente, na campanha presidencial daquele ano a plataforma republicana não fazia a mais leve menção aos benefícios econômicos a serem obtidos com a tomada das Filipinas, mas afirmava a obrigação do país de “subjugar insurreições armadas e conferir as bênçãos da liberdade e da civilização a todos os povos libertados”²⁰.

Com o intuito de assegurar e proteger a nova expansão comercial, os contingentes da Marinha norte-americana haviam sido aumentados e novas bases navais haviam sido estabelecidas em Cuba, Porto Rico, Guam e nas Filipinas. Também o exército permanente havia pra-

18. Zwick, Jim. *Mark Twain's Arguments against War and Imperialism*. Loc. cit.

19. Zwick, Jim. *Mark Twain's Arguments against War and Imperialism*. Loc. cit.

20. Zwick, Jim. *Mark Twain's Arguments against War and Imperialism*. Loc. cit.

ticamente quadruplicado, passando de 26.800 soldados em 1898 a 104.000 em 1901. Pela primeira vez na história norte-americana o aumento das tropas do exército tornava oficial a distribuição de contingentes no além-mar. As próprias milícias estaduais, autônomas até 1903, foram reorganizadas sob controle militar federal, e o apoio norte-americano ao Panamá, em sua luta pela independência da Colômbia, só se dá em troca do controle exclusivo da zona do canal.

Acompanhando de perto a distribuição das novas posições militares no exterior estabelecidas pela Lei Militar de 1901, Twain chega a afirmar que esse processo haveria de estender-se até 1946. Por uma grande ironia, a data projetada por ele viria marcar, na verdade, o início de um novo ciclo: o do estabelecimento militar e armamentista da Guerra Fria, quando mais uma vez o intervencionismo externo seria justificado com os argumentos da defesa às instituições democráticas.

Embora evidentemente voltado à atuação do país no plano internacional, o pensamento crítico de Mark Twain a respeito do imperialismo não deixa de lado sua repercussão interna no país. A idéia de patriotismo é um dos tópicos mais constantes neste campo, principalmente a veiculada junto à opinião pública pelos canais oficiais do Estado e pela imprensa. Procurando defender os antiimperialistas da acusação de serem antipatrióticos, Twain apóia sua defesa numa analogia de grande eficácia argumentativa: assim como os antiimperialistas nesse momento, também os nortistas, opositores da escravidão, haviam sido desprezados e sofrido perseguições no período que precedera a guerra civil, quando a causa abolicionista não se encontrava ainda associada à causa “patriótica” da União.

Para o autor, os momentos de crise cívica são precisamente aqueles em que a grande massa da população preocupa-se prioritariamente em estar do lado vencedor, qualquer que seja ele: o relativismo do jogo político e a natureza dos fatores que o compõem associam-se àquilo que é costumeiramente chamado de patriotismo, e que consiste, como ele acentua, na covardia moral e na acomodação às circunstâncias dominantes. O ponto central da análise desenvolvida por Twain a respeito é a necessidade de preservar o direito individual de livre manifesta-

ção, mesmo em situação de discordância em relação ao Estado, sob o risco de tornar “grotesca” e “risível” a prática do chamado patriotismo.

Twain preocupa-se em analisar também a natureza do pensamento imperialista no plano conceitual. Para ele, a idéia de imperialismo encontra-se associada à de monarquia, o que o leva a classificar de “monárquica” a atitude do governo ao impor aos cidadãos uma noção fechada e indiscutível do que é politicamente certo e defensável. “Nossa pátria, certa ou errada!”, a lição cívica que ele próprio ouvira repetidas vezes ao longo de sua formação escolar, seria agora o equivalente ao dogma do monarquismo segundo o qual “O rei não erra”²¹. Ao ser chamado publicamente de “traidor” pelo fato de não ter apoiado a guerra contra as Filipinas, Twain ironiza e questiona os tênues limites que separam patriotas de traidores diante dos interesses e conveniências dos diversos grupos. O ponto de vista implícito é o professado pela Liga desde sua fundação, estabelecendo uma oposição fundamental entre dois lados antagônicos: o da luta pelos valores associados aos princípios fundadores da nação americana e o das recentes políticas “não-americanas” do imperialismo. A plataforma que orientou as posições da Liga desde o início de suas atividades é clara a este respeito:

Afirmamos que a política conhecida como imperialismo é hostil à liberdade e tende ao militarismo, um mal do qual sempre nos orgulhamos de estar livres. Lamentamos que tenha sido necessário, na terra de Washington e Lincoln, reafirmar que todos os homens, qualquer que seja sua raça ou cor, têm o direito à vida, à liberdade e à busca da felicidade. Defendemos a idéia de que os governos extraem seus justos poderes do consentimento dos governados. Insistimos que a subjugação de qualquer povo é “agressão criminosa” e deslealdade aberta aos princípios distintivos de nosso governo.²²

21. <http://www.boondocksnet.com/ai> [2002-3-17].

22. Zwick, Jim. Mark Twain' Arguments against War and Imperialism. Loc. cit.

A estreita e pública associação de Twain com a Liga leva-o, gradualmente, a aceitar convites como o da Associação Americana de Reforma do Congo (American Congo Reform Association), em 1905, para atuar como seu representante, e o do comitê de organização de uma homenagem a Maxim Gorky, para presidir a cerimônia destinada a levantar fundos para a Revolução Russa.

As atividades de Twain em apoio à Revolução Russa são geralmente desconhecidas ou ignoradas pela maior parte da crítica. Twain foi co-fundador da entidade denominada Amigos Americanos da Liberdade Russa (American Friends of Russian Freedom), e seu ensaio “O solilóquio do czar”, publicado em 1905, trata diretamente do assunto. No início de 1906 Twain escreve uma carta para ser lida em um encontro destinado a arrecadar fundos para a revolução. “Alguns de nós”, afirmou ele nessa ocasião, “podem viver para ver o dia abençoado em que czares e grão-duques serão tão escassos como acredito que sejam no céu”.

A IDÉIA ANTIIMPERIALISTA NOS ESTADOS UNIDOS

O historiador Michael Parenti define o imperialismo como o processo no qual uma nação, baseada em seus próprios interesses político-econômicos dominantes, expropria outras nações de territórios, mão-de-obra, matérias-primas e mercados tendo em vista unicamente seu próprio enriquecimento²³.

O imperialismo é historicamente muito anterior ao surgimento do capitalismo. Os grandes impérios da Antiguidade, como o persa, o macedônio e o romano, apresentam-se aos olhos contemporâneos como formas ancestrais do imperialismo, ostentando já algumas de suas características mais essenciais.

Sob a forma capitalista, o imperialismo constrói seus mecanismos de controle por meio de investimentos realizados nos países domina-

23. Parenti, Michael. “Against the empire”. Chapter 1. <http://www.michaelparenti.org/Imperialism101.html>

dos, transformando e direcionando a economia, a política, as atividades financeiras e a produção para o sistema internacional de capital.

No contexto norte-americano, o imperialismo faz parte de um processo de expansão colonialista registrado no final do século XIX, que apresentou, desde o início, características diversas das observadas entre os grandes impérios constituídos nas fases anteriores.

Desde 1823 o lema “A América para os americanos”, postulado nos termos da Doutrina Monroe, criara uma divisão de domínios em relação à Europa, procurando assegurar-se de que não haveria intervenções por parte das potências europeias, e muito menos estabelecimento de novas colônias, no continente americano. O Corolário Roosevelt, promulgado sob a presidência de Theodore Roosevelt, em 1904, acrescentou à Doutrina Monroe um adendo fundamental aos interesses norte-americanos instituindo a chamada política do *big stick*, ou seja, oficializando a possibilidade de intervenção externa norte-americana sempre que os Estados Unidos a considerassem necessária.

A ideologia do Destino Manifesto, que se difunde em torno de 1845, e a tese historiográfica da Fronteira como princípio fundador do caráter nacional norte-americano, foram ambas instrumentos de indiscutível importância no estabelecimento das bases para o avanço do imperialismo norte-americano. Embora o Destino Manifesto não estivesse associado a uma estrutura definida de princípios políticos, a idéia nele disseminada, de expansão territorial como “missão” do país, permitiu que se associasse o avanço rumo ao Oeste a uma saudável e desejável extensão das chamadas instituições democráticas. Escamoteava-se, assim, o caráter violento da marcha rumo ao Oeste e o massacre das populações nativas.

Paralelamente, a tese da Fronteira, surgida do postulado central de um ensaio do historiador Frederick Jackson Turner, de 1896, acentava com a necessidade de se encontrar novas fronteiras que permitissem à nação manter vivo o seu senso de identidade. Segundo Turner, o sentido de constante avanço rumo aos limites da faixa inicialmente ocupada pelos pioneiros da colonização havia permitido forjar-se o

caráter nacional norte-americano, principalmente no que diz respeito ao seu pragmatismo empreendedor.

As formulações ideológicas do Destino Manifesto e da tese da Fronteira atuaram amplamente como justificações para o expansionismo em curso: não é casual, portanto, o fato de o Show do Oeste Selvagem de Buffalo Bill (Buffalo Bill's Wild West Show) ter incorporado cenas da intervenção norte-americana em Cuba. O sentido épico da conquista, anteriormente associado à marcha rumo ao Oeste, associava-se, agora, às anexações de países latino-americanos, justificando assim a política externa norte-americana.

Entre o final da Guerra Civil (1865) e o início do século XX, os Estados Unidos foram rápida e significativamente guindados à condição de potência imperialista. Já na década de 1850 tropas norte-americanas estavam sendo enviadas para a Argentina, a Nicarágua, o Japão, o Uruguai e a China, e Cuba encontrava-se na mira.

No final do século XIX a crescente economia industrial dos Estados Unidos se vê forçada a lidar com um enorme excedente de produtos. A superabundância da produção leva o país a procurar novos mercados no exterior.

O período que se segue ao final da Guerra Hispano-Americana (1898) intensifica as idéias expansionistas associadas ao Destino Manifesto. No Congresso chega-se a falar em anexação de todos os territórios espanhóis. Alguns jornais falam em anexação da própria Espanha, enquanto os líderes expansionistas, como o presidente Roosevelt, postulam abertamente a idéia de um império americano, idéia intensamente combatida pela Liga Antiimperialista num momento em que Mark Twain encontrava-se já entre as fileiras de seus militantes.

Quando os representantes da Espanha e dos Estados Unidos reuniram-se em Paris para a elaboração de um tratado de paz, a maioria dos membros da comissão designada pelo presidente McKinley era composta por adeptos das políticas expansionistas. As colônias cujos destinos estavam ali sendo decididos não tiveram representação.

O processo imperialista norte-americano estava longe, no entanto, de ter encontrado seu limite: Panamá, República Dominicana e

Nicarágua foram os alvos seguintes, sofrendo formas prolongadas e ostensivas de intervenção.

No decorrer do século XX os interesses capitalistas norte-americanos mudam gradativamente de figura: as transformações do mundo produtivo e dos grandes capitais tornam possível, agora, a captação e o controle da riqueza das nações dominadas sem que seja necessário um processo de ocupação e de administração territorial. Como afirma Michael Parenti, sob essa nova forma de imperialismo a bandeira “fica em casa” e o dólar vai aonde quer que se deseje, devidamente respaldado pelos aparatos armamentistas.

O imperialismo é a força histórica mais poderosa em atuação nos últimos quatro ou cinco séculos. Ao sabor de seus avanços rumo ao Novo Mundo, os povos nativos desagregaram-se, perderam suas identidades e foram massacrados.

Apesar disso, o tema do imperialismo como objeto de discussão crítica e de pesquisa tem sido recorrentemente ignorado ou “pasteurizado” nos Estados Unidos, em abordagens historiográficas nas quais as nações anexadas são brandamente designadas como “territórios” e as intervenções militares consideradas assuntos de defesa nacional, de “segurança” e de “manutenção da estabilidade”.

A dominação imperialista é muitas vezes explicada como resultante de um desejo “inato” de expansão e dominação, embora o imperialismo territorial não seja mais a modalidade predominante. No mundo contemporâneo o poder imperialista manifesta-se por meio de outros mecanismos, cabendo sempre ao capital financeiro a parte do leão dos recursos geradores de lucros. É o que caracteriza as formas atualmente designadas como “império informal”, “neocolonialismo”, “colonialismo sem colônias” e “neoimperialismo”.

Grosso modo, o chamado Terceiro Mundo tornou-se como um paraíso fiscal, oferecendo esquemas de produção e consumo com taxas de lucro consideravelmente mais altas do que as que poderiam ser obtidas num país com forte regulamentação econômica. Sob o neoimperialismo, as nações do Terceiro Mundo arcam com os custos administrativos de suas próprias gestões, enquanto os interesses

imperialistas ficam livres para concentrar-se na acumulação de capital.

Ao longo dos séculos de colonização as perspectivas de estudo dos processos históricos do imperialismo foram sujeitas a diversas formas de manipulação ideológica. Fala-se, por um lado, da natureza “tropical” como determinante de uma índole supostamente menos produtiva, de tal forma que a condição de pobreza pareça resultante de uma tendência “natural”, e não de um processo de exploração. Fala-se do “atraso cultural” dos países do Terceiro Mundo, numa tentativa implícita de justificar investimentos ditos de atualização cultural e técnica. As condições de pobreza são, via de regra, explicadas por meio de processos que as façam parecer o resultado de um conjunto de fatores não relacionado à ação da potência hegemônica em questão.

Nos Estados Unidos, a interpretação dominante nos últimos 50 anos baseia-se na idéia de que é função das nações economicamente fortes auxiliar no processo de modernização econômica dos países em sua órbita de influência.

A idéia subjacente é justificar o intervencionismo econômico por meio do propósito de supostamente promover o reerguimento dessas nações pobres, escamoteando assim o interesse em fomentar mercados onde colocar seus produtos segundo regras determinadas por seus próprios interesses.

Na verdade, o que se tem feito sentir no Terceiro Mundo é a presença de uma forma de capitalismo dependente e explorador. Ao contrário dos postulados das teorias mencionadas, o problema crucial não se encontra na pobreza natural da terra ou na improdutividade de seu povo, mas no processo de exploração e na desigualdade social. As condições econômicas têm se deteriorado intensamente com o crescimento dos investimentos das corporações transnacionais. O legado da dominação imperial não é apenas a miséria, mas uma estrutura dominada por redes internacionais de corporações ligadas a empresas matrizes na América do Norte, na Europa e no Japão. As economias do Terceiro Mundo permanecem fragmentadas e desarticuladas interna e externamente.

Nesse contexto, o levantamento das reflexões e dos escritos antiimperialistas de Mark Twain assume indiscutível importância pela forma profundamente crítica e reflexiva com que ele é levado a examinar e implicitamente documentar o teor dos debates acerca do antiimperialismo num momento tão decisivo para a ascensão dos Estados Unidos como nação hegemônica no plano econômico internacional.

A CENSURA AO LONGO DO SÉCULO

Apenas parte dos escritos antiimperialistas de Mark Twain foram publicados por ele em vida, embora seu ativismo nunca tenha sido interrompido ao longo de sua prolífica carreira e das inúmeras entrevistas e declarações que deu. Somente após a fundação do Projeto Mark Twain (Mark Twain Project) e dos Documentos Mark Twain (Mark Twain Papers), que ocorreu após a morte de Clara Clemens (filha e herdeira de Mark Twain) em 1962, tornou-se possível o livre acesso aos originais do autor. A maior parte de seus críticos teve de contentar-se, até aquele momento, com edições que, conforme as pesquisas posteriores de Jim Zwick revelaram, eram produtos do esforço de manutenção de uma certa imagem pública de Mark Twain, associada à sua celebridade como humorista, satirista de costumes e integrante de uma forma de criação já completamente identificada à tradição literária e cultural do país.

Esse processo encontra-se associado, particularmente, às edições preparadas sob a responsabilidade do biógrafo oficial de Twain e executor de seu testamento literário, Albert Bigelow Paine, nas décadas que se seguiram à sua morte. O tipo de recepção predominante à obra do autor veio a ser extraordinariamente influenciado pela biografia escrita por Paine e publicada em 1912, e pela série de edições extraídas do caderno de anotações do autor, em lançamentos editoriais que se estenderam de 1912 a 1935.

Mediante colaboração entre Paine e Frederick A. Duneka, da editora Harper & Brothers, inúmeras edições póstumas trouxeram a público trabalhos provenientes do levantamento dos três manuscritos

inconclusos. É o caso de *O estranho misterioso* (*The Mysterious Stranger*), de 1916, *O que é o homem? E outros ensaios* (*What is Man? And Other Essays*), de 1917, *Europa e alhures* (*Europe and Elsewhere*), de 1923, *Discursos de Mark Twain* (*Mark Twain's Speeches*), também de 1923, *Autobiografia de Mark Twain* (*Mark Twain's Autobiography*), de 1924, e *Caderno de Mark Twain* (*Mark Twain's Notebook*), do mesmo ano. Essas publicações, sob a orientação de Paine, forneceram os padrões para as séries lançadas pela editora Harper & Brothers, que por sua vez tornaram-se a base para inúmeras outras coleções de trabalhos do autor.

O caráter e o critério de Paine como editor passaram inquestionados durante décadas, não apenas por ter sido ele o biógrafo oficial, mas por ter trabalhado a partir do acervo de escritos originais do autor, o que em princípio parecia implicar a garantia de que as edições apoiavam-se em textos autênticos e inalterados, contrariamente ao que depois se viria a constatar.

O que caracteriza a relação de Paine com o material ficcional e ensaístico de Mark Twain é seu desejo de acomodar a imagem do autor aos moldes do estereótipo que a opinião pública foi levada a fixar e que, evidentemente, deixava de lado os aspectos de sua crítica ao imperialismo norte-americano. A preocupação de Paine a esse respeito é explicitada em uma carta que ele dirige a um editor da Harper & Brothers em 1926, sugerindo que todos os esforços possíveis fossem feitos para evitar que outros ensaístas ou pesquisadores escrevessem sobre o autor, sob pena de verem a imagem do Twain “tradicional”, que haviam preservado, começar a perder o brilho e a transformar-se. O apelo do biógrafo à casa editora encontra respaldo num argumento poderoso dentro da lógica do mercado editorial: o fato de que, em sua avaliação, o material literário de que a Harper era proprietária sofreria, se isso acontecesse, um processo de depreciação²⁴, decorrente da agregação de aspectos que destoariam dos já estabele-

24. Zwick, Jim. “Mark Twain Uncensored”. <http://www.boondocksnet.com/twainwww/essays/uncensored020114.html>

cidos pela fortuna crítica do escritor. Como observa Zwick, o “Mark Twain tradicional” não era um homem, e sim uma imagem que Paine desejava restaurar²⁵.

Essa imagem sofreu mudanças significativas ainda durante a vida do autor, entre o final da década de 1890 e os primeiros anos do século XX, quando ele se tornou o porta-voz de questões políticas e sociais que se encontravam na ordem do dia. O próprio William Dean Howells, também filiado à Liga Antiimperialista, registrou a percepção dessas mudanças em uma resenha crítica que escreveu, em 1901, sobre o lançamento de uma compilação dos trabalhos de Twain. Howells observou, com indisfarçável apreensão, que a reputação literária de Twain como humorista de costumes corria o risco de ser sobrepujada por sua então crescente reputação como crítico social, o que o levou a recomendar um equilíbrio entre as duas posições. Howells temia que o *status* de Twain como crítico social pudesse afetar negativamente a apreciação, por exemplo, dos escritos da fase inicial de sua carreira. Isso diferencia sua opinião da de Paine, que se preocupava, efetivamente, em manter os padrões de uma recepção do trabalho de Mark como autor não ligado à discussão política de âmbito nacional e, particularmente, não associado ao debate acerca do imperialismo. Diante dessa premissa, Paine se preocupou não apenas em ser seletivo na escolha dos originais a serem publicados, como também não revelou escrúpulos em censurar passagens, muitas vezes extensas, a respeito do imperialismo, e de fazê-lo tanto com o material inédito como com as reedições que supervisionou. A partir de seu legado como editor e executor do testamento literário de Twain, pesquisadores e ensaístas têm-se visto, assim, na incumbência de restabelecer os novos textos definitivos e de proceder à reinterpretação da obra do autor e de seu significado literário e político.

Embora não seja o objetivo desta breve introdução discutir as particularidades do processo de censura realizado por Paine, pode-se citar o caso de “Desprezo pelo reles McKinley” (“Contempt for the lousy

25. Zwick, Jim. Loc. cit.

McKinley”), um dos primeiros casos de censura de Paine a um original de Twain, verificado em sua edição da *Correspondência de Mark Twain (Mark Twain’s Letters)*, de 1917. Nesse volume, em carta a Joseph H. Twitchell datada de 24 de janeiro de 1901, o autor comentava seu desejo de, por um mês, concentrar-se exclusivamente em seu trabalho com o intuito de “escrever um livrinho cheio de bem-humorado e jovial desprezo pelo reles McKinley”. Pouco depois, Twain viria a descrever o presidente como o responsável pelo envio de tropas às Filipinas “para lutarem com mosquetes desonrados sob uma bandeira poluída”²⁶. A crítica à guerra nas Filipinas e ao imperialismo foi parcialmente tolerada por Paine em outras cartas, mas o termo “desprezo pelo reles McKinley” aí utilizado não se adequava à imagem do Mark Twain “tradicional”, o que levou o editor a suprimi-lo e a terminar o trecho com “escrever um livrinho”²⁷.

Ainda com relação às menções à questão filipino-americana, há outro exemplo bastante ilustrativo do procedimento editorial de Paine: os *Discursos de Mark Twain*, publicados em 1923 com a supressão de um parágrafo inteiro do discurso no Lotos Club, em 23 de março de 1901, sobre a oposição do autor à guerra, muito embora o texto integral já houvesse sido publicado anteriormente em 1911.

Da mesma forma, o parágrafo final de “No tocante ao patriotismo”, publicado em *Europa e alhures*, teve seu parágrafo final cortado no trecho em que Twain comentava as mudanças da opinião pública com relação à guerra do México e à guerra civil:

O treinamento nos tornou duplamente ansiosos para libertar Cuba; o treinamento nos levou a fazer a ela tão nobre promessa; o treinamento nos permitiu descumpri-la. Um longo treinamento nos tornou capazes de tomar sem remorsos o país e as liberdades de uma nação fraca, um treinamento curto nos tornou felizes pela tarefa e orgulhosos por tê-la completado. O treinamento nos fez odiar os desumanos campos de con-

26. Zwick, Jim. “Mark Twain Uncensored”. Op. cit.

27. Zwick, Jim. Loc. cit.

centração de Weyler, e o treinamento nos convenceu a preferi-los a outros métodos de ganhar o amor de nossos “pupilos”.²⁸

A influência de Paine sobre a recepção internacional ao trabalho de Mark Twain não se limita, porém, à censura dos escritos sobre imperialismo. Inúmeras referências a religião e relações raciais foram igualmente alvos da reprovação do biógrafo e, depois, objetos de reconstituições críticas mediante o minucioso levantamento dos originais.

Paralelamente a Zwick, pesquisadores como Paul Baender e Terry Oggel encarregaram-se de reexaminar, respectivamente, as revisões feitas por Paine dos escritos de Mark Twain sobre religião e conflitos raciais, o que os levou à produção de reveladores ensaios que discutem e trazem novamente a público o caráter por tanto tempo encoberto do engajamento de Twain no debate antiimperialista e na discussão das questões sociais de seu tempo.

As questões suscitadas pela leitura dos escritos antiimperialistas de Mark Twain encontram-se mais presentes e pertinentes do que nunca no mundo contemporâneo, apesar da distância de quase um século que nos separa deles. A história dos Estados Unidos ao longo do século XX é, em grande parte, a história de sua política externa intervencionista e beligerante, cujas mais recentes investidas são as verificadas no Iraque, no Afeganistão e nos Bálcãs. Tendo perdido a hegemonia econômica que conquistou após a Segunda Guerra Mundial, o imperialismo norte-americano passou a utilizar-se do poder bélico para assegurar a obtenção de seus objetivos.

Mais recentemente, episódios como o da visita do senador republicano John McCain ao Vietnã, por ocasião do 25º aniversário da vitória da Frente de Libertação Nacional (em maio de 2000), fazem pensar em Twain e no vigor com que certamente teria expressado suas convicções antiimperialistas a respeito. McCain, que foi piloto de bombardeiros durante a Guerra do Vietnã, e por cinco anos e meio permaneceu prisioneiro dos vietnamitas, teve sua visita patrocinada pelo programa

28. Zwick, Jim. “As regards patriotism”. Loc. cit.

“Today”, da NBC, e expressou, em seus pronunciamentos, a impaciência norte-americana diante do ritmo lento com que o Vietnã marchava, naquele momento, rumo a uma abertura ao mercado capitalista. Tanto em Hanói como na cidade de Ho Chi Minh, McCain atacou os vietnamitas em seus pronunciamentos, chegando a afirmar que o lado errado havia ganho a guerra²⁹. O discurso por ele desenvolvido apresenta os traços típicos da retórica imperialista norte-americana, nunca completamente refeita do impacto da derrota sofrida diante de um dos mais significativos movimentos de luta popular do século XX. Certamente esse episódio não teria escapado à mira crítica de Twain.

Em 1998 o crítico e pensador marxista norte-americano Fredric Jameson observava que o teor de “macartismo” nos Estados Unidos após a queda do Muro de Berlim excedia em muito o do período em que o sistema de medidas anticomunistas preconizado pelo senador Joseph McCarthy vigorou oficialmente, no início na década de 1950³⁰. Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 têm servido, nesse quadro, de pretexto para a difusão de um ideário patriótico que exacerba ao máximo o pensamento imperialista veiculado sob a forma de um imaginário cívico, em moldes muito semelhantes aos daqueles tão acerbamente criticados por Mark Twain.

Não é casual, assim, a recente retomada de uma polêmica do início da Guerra Fria, quando a expressão “governada por Deus” foi acrescentada ao Juramento à Bandeira em alusão à nação por ela representada. O Juramento à Bandeira foi criado por Francis Bellamy e publicado pela primeira vez em 8 de setembro de 1892 – pouco antes, portanto, do início da Guerra Hispano-Americana – na edição da revista *The Youth Companion*.

Desde o final da guerra civil, em 1865, os exercícios patrióticos vinham sendo estimulados nas escolas como forma de criar um sentido de unidade nacional. A iniciativa de sua implantação, porém, só ganhou apoio mais significativo após a deflagração da Guerra Hispano-

29. <http://www.wsws.org/articles/2000/may2000/viet-m03.shtml> [2002-11-02].

30. Jameson, Fredric. *O método Brecht*. Trad. Maria Sílvia Bettí, revisão técnica Iná Camargo Costa. Petrópolis, Vozes, 1999.

Americana, em 1898, e nos anos que se seguiram, nos quais os Estados Unidos vieram a constituir um império de grandes proporções, que se estendia do Caribe à Ásia.

Nesse contexto, pela primeira vez, determinou-se que a bandeira fosse exposta nas escolas e que os alunos proferissem, no início das atividades de cada dia, o juramento de lealdade a ela.

Mark Twain participa da polêmica instaurada nesse momento no sentido de debater se o patriotismo podia ou não ser “ensinado” ou incorporado às atividades escolares e torna-se um dos mais acalorados críticos da idéia, questionando-a numa série de artigos dirigidos ao superintendente da Instrução Pública, Charles Skinner, autor do manual escolar que preconizava a prática.

Em 1954, já sob a vigência do chamado macartismo e da Guerra Fria, a expressão “governada por Deus” foi acrescida ao juramento, com o desejo de reforçar a oposição à União Soviética. Estava-se, então, em plena era da paranóia anticomunista e no ano das transmissões televisivas dos inquéritos presididos pelo Comitê de Atividades Antiamericanas. Por uma não casual ironia, o juramento havia sido aprovado oficialmente pelo governo 12 anos antes, em 1942, ou seja, precisamente no mesmo ano em que os cidadãos japoneses residentes na Califórnia, no Oregon e no estado de Washington haviam sido confinados em campos de detenção, onde permaneceram durante toda a Segunda Guerra Mundial.

Atualmente, volta-se a debater a legitimidade e a pertinência da expressão “governada por Deus”, após uma corte da Califórnia haver decidido pela sua inconstitucionalidade.

Como observa Jim Zwick, o grande pesquisador do antiimperialismo na obra de Twain, certamente não teria escapado ao escritor a ironia de se acrescentar “governada por Deus” a um juramento endossado durante um dos períodos mais repressivos da história norte-americana como o do macarthismo, e muito menos de debater a expressão durante o momento atual, em que as liberdades civis vão sendo solapadas sumariamente sob o peso ideológico da repercussão dos ataques de 11 de setembro.

PATRIOTAS E
TRAIADORES

ANTIIMPERIALISMO

SAUDAÇÃO AO SÉCULO XX

(31 de dezembro de 1900)

Ao retornar da Europa, no final de 1900, Mark Twain fez de seu último pronunciamento público do ano um libelo contra o imperialismo, abordando e estabelecendo relações entre quatro das mais gritantes manifestações imperialistas: a tomada da baía de Kiao Chow, na China, pela Alemanha, a ocupação da Manchúria pela Rússia, a Guerra dos Bôeres na África do Sul e a Guerra Filipino-Americana.

A Saudação havia sido originalmente escrita para uso da Cruz Vermelha em uma série de noites de vigília que ocorreria por todo o país na passagem do ano, mas a constatação de que seu nome estaria sendo usado para a publicidade do evento levou Mark Twain a não autorizar a sua utilização. O texto veio a ser publicado em 30 de dezembro de 1900 pelo New York Herald e foi divulgado por todo o país por meio de pequenos cartões-postais, impressos pela Liga Antiimperialista da Nova Inglaterra.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO DO SÉCULO XIX AO SÉCULO XX ANOTADO TAQUIGRAFICAMENTE POR MARK TWAIN

Apresento aos senhores esta majestosa senhora chamada CRISTAN-DADE – que volta encharcada, enlameada e desonrada dos ataques piratas a Kiao Chow, Manchúria, África do Sul e Filipinas; tem a alma cheia de maldade, o bolso carregado de espólios e a boca cheia de pia hipocrisia. Dêem-lhe sabão e toalha, mas escondam o espelho.

Dez., 31, 1900.

Dêem-lhe o espelho; talvez ela negue a mentira.

Ao se ver como os outros a vêem.

A VOLTA DO ANTIIMPERIALISTA

(6 E 15 DE OUTUBRO DE 1900)

Mark Twain era uma celebridade nacional e havia passado quase dez anos fora do país, viajando e atuando em missões relacionadas a assuntos internacionais. Seu retorno, em 15 de outubro de 1900, foi um evento de enorme repercussão na imprensa e nos meios políticos e literários.

Uma semana antes de sua chegada o jornal New York World já publicava, com destaque, suas opiniões sobre o imperialismo. A eleição presidencial estava próxima, e nela o imperialismo era saudado pelos democratas como um assunto de importância primordial. O clima político era dos mais carregados: embora o candidato democrata, William Jennings Bryan, fosse contrário ao imperialismo, sua defesa do uso livre dos padrões de prata e de ouro como base para as emissões monetárias havia levado muitos antiimperialistas a apoiarem o republicano William McKinley.

Nestas entrevistas com Twain, os repórteres enviados para realizar a cobertura de sua chegada procuraram obter definições e confirmações de seus pontos de vista no tocante ao antiimperialismo.

MARK TWAIN, O MAIOR HUMORISTA
AMERICANO, VOLTA PARA CASA

New York World (Despacho de Londres, 6 de outubro de 1900)

Você me pergunta sobre o assim chamado imperialismo. Bem, tenho opinião formada sobre esta questão. Estou em desvantagem por não saber se nosso povo apóia ou condena a ocupação por nós de toda a face do globo. Se apóia, isso me entristece, pois não acho sábio nem

necessário. Quanto à China, aprovo a ação do nosso governo de se livrar daquela complicação. Está se retirando depois de fazer o que ela queria. Está certo. Nada mais temos a tratar na China, assim como nada temos em qualquer outro país que não o nosso. Há também o problema das Filipinas. Tentei muito e, ainda assim, por mais que pense, não consigo entender como fomos nos envolver naquela confusão. Talvez fosse impossível não entrar – talvez fosse inevitável que tivéssemos de lutar contra os nativos daquelas ilhas –, mas não consigo entender, e nunca consegui chegar à origem de nosso antagonismo contra os nativos. Na minha opinião, devíamos agir como seus protetores – jamais oprimi-los sob nosso tacão. Cabia a nós livrá-los da tirania espanhola, permitir que organizassem seu próprio governo e esperar que ele estivesse pronto para ser avaliado. Não deveria ser um governo ajustado às nossas idéias, mas um governo que representasse os sentimentos da maioria dos filipinos, um governo de acordo com as idéias filipinas. Essa teria sido uma missão digna dos Estados Unidos. Mas agora... Ora, nos enfiamos numa confusão, num lamaçal de onde, a cada passo, torna-se imensamente mais difícil sair. Gostaria muito de nos ver saindo de lá e de tudo o que aquilo significa para nós como nação.

MARK TWAIN VOLTA AOS ESTADOS UNIDOS

Chicago Tribune (Nova York, 15 de outubro de 1900)

CHICAGO TRIBUNE – O senhor foi apresentado aqui como antiimperialista.

MARK TWAIN – E sou. Há um ano eu não era. Pensava que seria muito bom dar muita liberdade aos filipinos, mas hoje acho que é melhor que eles próprios se dêem a sua própria liberdade. Além do mais, ao examinar o tratado vejo que nos obrigamos a controlar os padres e suas igrejas. Acho que isso não é bom.

CHICAGO TRIBUNE – Então o senhor apóia Bryan?

MARK TWAIN – Acho que não. Estou mais inclinado para McKinley, ainda que ele seja imperialista. Mas não me faça perguntas sobre política, pois só sei o que li nos jornais ingleses.

MARK TWAIN NOS ESTADOS UNIDOS

New York Tribune (Nova York, 15 de outubro de 1900)

Antes eu não era antiimperialista. Pensava que salvar aquelas ilhas do governo sob o qual haviam sofrido durante 300 anos era uma causa digna de nós. Mas ainda não havia estudado o Tratado de Paris. Quando vi que ele nos tornou responsáveis pelos padres e suas propriedades, mudei de idéia.

MARK TWAIN, ANTIIMPERIALISTA, NOS ESTADOS UNIDOS

New York Herald (Nova York, 15 de outubro de 1900)

Quando parti destas terras, em Vancouver, era um ardente imperialista. Queria ver a águia americana sair voando sobre o Pacífico. Ela me parecia cansada e domesticada, satisfeita apenas com as Rochosas. Por que não abrir as asas sobre as Filipinas, eu me perguntava. E me dizia que seria muito bom.

Eu dizia com meus botões, aqui está um povo que sofre há 300 anos. Temos capacidade de torná-los livres como nós, dar-lhes um governo e um país que sejam só seus, colocar uma miniatura da Constituição americana a flutuar no Pacífico, fundar uma república absolutamente nova que há de tomar seu lugar entre as nações livres do mundo. Pareceu-me grandiosa a tarefa que nos havíamos imposto.

Mas repensei muito desde então, li com todo cuidado o Tratado de Paris, e vi que nunca tivemos a intenção de libertar, mas a de subjugar aquele povo. Fomos até lá para conquistar, não para salvar.

Também comprometemos a força desta nação em manter e proteger o sistema abominável estabelecido pela Igreja Católica nas Filipinas.

Parece-me que nosso prazer e dever seria tornar livres aquelas pessoas e deixar que elas próprias resolvessem sozinhas as suas questões internas. E é por isso que sou antiimperialista. Eu me recuso a aceitar que a águia crave suas garras em outras terras.

A PROCISSÃO ESTUPENDA

(1901)

Dando prosseguimento à visão crítica apresentada em “Saudação do século XIX ao século XX”, um ano antes, Mark Twain compõe, de forma irônica e contundente, uma alegoria do significado histórico e político da passagem de século dentro da esfera política internacional de então.

“A procissão estupenda” referida no título é o cortejo simbólico de chegada do século XX, imaginado como uma espécie de parada triunfal em que as instituições apresentam-se com as vestimentas figurativamente representativas de sua índole real. As imagens apresentam um caráter sintético e eloqüente, com destaque para a figura sangrenta e imponente da Cristandade, cuja frente é cingida por uma coroa de espinhos ornamentada com cabeças de bôeres, boxers e filipinos. A visão irônica da civilização como processo predatório é apoiada na crítica à rapina imperialista como elemento característico do processo histórico atravessado.

Na hora marcada ela atravessou o mundo na seguinte ordem:

O SÉCULO XX – Uma figura loura e jovem, bêbada e imoral, levada nos braços de Satã. Uma bandeira com o lema “Agarre o que puder, guarde o que agarrar”.

Guarda de Honra: Monarcas, presidentes, chefes políticos, ladrões, condenados, todos vestidos a caráter e trazendo os símbolos de sua profissão.

CRISTANDE – Uma matrona imponente vestida em túnicas encharcadas de sangue. Sobre a cabeça uma coroa dourada de espinhos;

empaladas nos espinhos as cabeças sangrentas de patriotas – bôeres, boxers, filipinos; numa das mãos uma funda, na outra a Bíblia, aberta no texto “Faça aos outros”, saindo do bolso uma garrafa com o rótulo “Trazemos a vós as bênçãos da civilização”. Colar: algemas e um pé de cabra.

Seguidores: de um lado a Matança, de outro a Hipocrisia.

Bandeira com o lema “Ama os bens de teu próximo como a ti mesmo”.

Insígnia: a bandeira negra.

Guarda de Honra: Missionários e soldados alemães, franceses, russos carregados de saques.

E assim por diante, com uma seção dedicada a cada nação da terra, encabeçada pela bandeira negra, cada uma trazendo símbolos horríveis, instrumentos de tortura, prisioneiros mutilados, corações partidos, jangadas cobertas de cadáveres sangrentos. E para fechar bandeiras com as inscrições:

Todos os homens brancos nascem livres e iguais

Cristo morreu para salvar os homens

Cristo morreu para libertar os homens

INFORMAÇÕES

(10 de dezembro de 1867)

A situação hipotética aludida neste texto serve de veículo para a sátira de Twain à idéia de que os territórios anexados propiciariam um ambiente estável para os negócios. Escrito em 1867, no momento imediatamente posterior ao da anexação do Alasca, o texto veio a ter efeitos devastadores no processo de anexação de São Tomás, então em curso. É de se notar que, aqui, as baterias críticas de Twain voltam-se contra a anexação por razões associadas diretamente aos interesses de negócios do país, numa espécie de alerta de defesa contra as instabilidades e precariedades naturais dos territórios.

O senhor poderia me oferecer informações, se as há, sobre as ilhas que o governo está pensando em comprar?

Quem quer saber é o meu tio. É um homem industrioso, cheio de disposição, e pretende ganhar a vida honesta e humildemente, mas, acima de tudo, ele quer viver em paz. Quer se estabelecer, viver em paz e sem ostentação. Visitou a ilha de São Tomás, mas acha que as coisas ainda estão meio desorganizadas por lá. Há algum tempo ele foi até lá com um *attaché* do Departamento de Estado, que devia levar o dinheiro para pagar a ilha. O dinheiro do meu tio também ficou na mesma caixa, e assim, quando desceram em terra para pegar o recibo, os marinheiros arrombaram a caixa e levaram todo o dinheiro, sem distinguir entre o dinheiro do governo, que podia legitimamente ser roubado, e o do meu tio, que era sua propriedade privada e devia ter sido respeitado. Mas ele voltou, pegou mais dinheiro e retornou à ilha. E então pegou febre. O senhor deve saber que existem sete tipos diferentes de febre por lá e, como o sangue estava fraco em razão da falta

de sono e do cansaço mental, ele não conseguiu se curar da primeira febre, e depois, ninguém sabe como, pegou as outras seis. Ele não é homem de gostar de febres, apesar de ser bem-intencionado e de sempre fazer o que acha certo, então ficou muito irritado quando teve a impressão de que ia morrer.

Mas ele sofreu com as doenças, curou-se e fundou uma fazenda. Cercou as terras, mas no dia seguinte veio uma enorme tempestade e carregou tudo para Gibraltar, ou algum outro lugar ali por perto. Ele só disse, no seu jeito paciente, que tudo havia sumido, e que não ia esquentar a cabeça procurando, embora achasse que tudo tivesse ido parar em Gibraltar.

Então investiu numa montanha e montou uma fazenda lá no alto, para não ficar no caminho quando o mar voltasse a invadir a praia. Era uma boa montanha e uma boa fazenda, mas não adiantou; houve um terremoto na noite seguinte e sacudiu a terra até destruir tudo. Restaram apenas fragmentos, entende, tudo misturado com a propriedade de outro homem; ele não conseguiu separar os fragmentos dele sem acionar a Justiça, mas não queria fazê-lo porque seu principal objetivo quando foi para São Tomás era viver sossegado. Ele só queria se estabelecer e viver em paz.

Pensou muito e, finalmente, decidiu tentar as terras baixas novamente, principalmente porque dessa vez queria montar uma olaria. Comprou um terreno plano e preparou 100 mil tijolos para secar antes de irem ao forno. Mas parece que a sorte não estava do lado dele. Um vulcão furou a terra aquela noite e os tijolos foram parar numa altura de 600 metros. Ele ficou muito irritado. Esteve lá em cima e viu que os tijolos até já estavam cozidos e prontos, mas não conseguiu trazê-los para baixo. De início pensou que o governo talvez fizesse descer os tijolos para ele, pois quem comprara a ilha devia proteger a propriedade em que um homem havia investido de boa-fé. Mas ele queria sossego e decidiu não pedir o subsídio que estava considerando.

Na semana passada ele voltou à ilha em dois navios de guerra, para contornar a costa em busca de um lugar seguro para montar uma fazenda onde pudesse viver sossegado, mas veio um grande “maremo-

to” que carregou os dois navios para uma das províncias do interior e ele quase perdeu a vida. Então desistiu de usar navios para conduzir pesquisas e está desanimado.

E agora não sabe o que fazer. Já tentou o Alasca, mas os ursos o perseguiram tanto, ele vivia tão sobressaltado que teve que ir embora. Nunca ia ter sossego com todos aqueles ursos correndo atrás dele o tempo todo. Foi por isso que ele veio para essa nova ilha que compramos – São Tomás. Mas ele está começando a achar que São Tomás não é um lugar tranqüilo para um homem de temperamento igual ao dele, e é por isso que ele quer que eu descubra se o governo está pensando em comprar mais algumas ilhas. Ouviu falar que é verdade, e espera que seja Porto Rico, se for uma ilha sossegada. O senhor acha que o governo vai comprá-la?

PATRIOTAS E TRAIADORES: DISCURSO NO JANTAR DO LOTOS CLUB

(27 de fevereiro de 1901)

Até mesmo questões não diretamente relacionadas à causa antiimperialista faziam os seus opositores manifestarem-se abertamente quando se viam diante de alguém tão marcadamente associado à campanha antiimperialista como Mark Twain. Neste discurso, proferido por Twain em 1901 no Lotos Club, o autor responde às críticas que lhe haviam sido dirigidas por um membro da Sociedade Médica do Estado de Nova York, o doutor Frank van Fleet, que ao discutir um projeto de lei relacionado a osteopatia, no qual o escritor participara como depoente, procurara desacreditar a seriedade de suas críticas ao envolvimento norte-americano nas Filipinas. Referindo-se à afirmação feita por Twain de que a bandeira norte-americana era uma bandeira desonrada, Van Fleet procurara diminuir Twain diante do próprio público, declarando que se as críticas do escritor tivessem sido levadas a sério ele certamente já teria sido “linchado”. Em sua resposta incisiva e irônica, Twain, chamado de traidor por não ter se alistado para lutar nas Filipinas, questiona a maleabilidade e a utilidade comprometedoras do conceito de patriotismo diante da situação nacional nesse momento.

Bem, nunca hei de negar a gratidão àquele Legislativo pela hospitalidade oferecida e pela oportunidade de ouvir um reverendo senhor dizer o discurso de improviso que leu de um manuscrito datilografado, no qual ele mais uma vez fez o que já havia sido feito tantas vezes antes – destruir meu caráter, ou o que restou dele. Segundo ele, se me fosse dado o que justificasse o meu merecimento, eu não seria bem-

vindo naquele lugar, poderia ser bem-vindo em outro lugar, talvez, ou ser enforcado em algum poste qualquer. Falou da minha última fuga da cadeia e contou que roubei vários pares de botas pertencentes a outras pessoas. Era mentira, pura e simples, e ele sabia muito bem que era mentira. Ele também, como eu, era ali um convidado, e estava tão interessado em expor meu caráter do passado – apesar de ter ido lá expressamente para me obliterar diante daquelas pessoas. Ele nada tinha de pessoal contra mim, exceto o fato de eu me opor à guerra política, e me chamou de traidor por não ter ido lutar nas Filipinas. Mas isso não prova nada. Não quer dizer que um homem seja um traidor. Onde está a prova? Somos 75 milhões aprimorando nosso patriotismo. Ele próprio fez a mesma coisa. Seria completamente diferente se a vida do país estivesse em perigo, sua existência em jogo; então – e esse é um tipo de patriotismo – seríamos todos voluntários ao lado da bandeira, e ninguém iria pensar se a nação estava certa ou errada; mas quando não se trata de qualquer ameaça à nação, mas apenas de uma guerrinha distante, então pode se dar que a nação se divida em torno da questão política, metade patriotas, metade traidores, e ninguém será capaz de distinguir entre eles.

DISCURSO NO LOTOS CLUB EM 23 DE MARÇO DE 1901

Twain volta, aqui, ao assunto do discurso anterior, de 27 de fevereiro. O objetivo imediato da fala é outro: trata-se do relato da visita que fez ao governador Benjamin Oddell para pronunciar-se contra-riamente a um projeto de lei destinado à restrição das liberdades individuais (a Lei Ramapo). Como condição para tal pronunciamento, Twain deveria apresentar, em troca, uma lei relacionada à polícia. O absurdo da exigência e a cínica seriedade com que lida com ela resultam numa irônica e satírica proposta de inversão de funções: escritores (ele próprio, por exemplo, e Willian Dean Howells, ambos exaustos e desejosos de trabalhar em coisas mais amenas) exerceriam cargos de chefia policial, e as autoridades policiais exerceriam, a partir daí, a função literária. Twain ironiza o fato de Depew, do serviço de polícia,

ter publicado livros e discursos, sendo em função disso mencionado como seu presumível irmão gêmeo desaparecido logo após o nascimento.

Recentemente tive o prazer e a honra de visitar o governador Odell para tratar de questões de interesse público em seu lar político no Palácio Estadual, no seio de sua família política, o Legislativo, uma família composta na proporção de três republicanos para defender os negócios para cada democrata dedicado a garantir ornamento e elevação social. Fui até lá sem remuneração para me declarar contrário à redução, à proposta de redução, das liberdades dos cidadãos e para votar contra a Lei Ramapo no Senado, se tivesse oportunidade de entrar no salão daquela Casa para apresentar uma lei relacionada à polícia. Não que houvesse falta de leis sobre a polícia. E, se o governador promettesse assiná-la, minha lei seria aprovada. Sou privilegiado em todas as casas legislativas em qualquer lugar do mundo, o que resulta mais de acidente que de mérito. Eu queria propor o projeto de lei. Pareceu-me uma idéia muito boa. Ela era diferente de todas as leis sobre polícia que já foram apresentadas em qualquer lugar. Aqui e ali ela era um pouco interesseira, e minha idéia era ter apenas autores na polícia. Quanto a mim, eu gostaria de ser o chefe de polícia, não porque pensasse ser realmente qualificado, mas por estar cansado e querer descansar. Queria o Sr. Howells como meu imediato, não porque o Sr. Howells saiba alguma coisa sobre essas coisas, mas por também estar cansado. Muitos autores estão cansados. E agora que o Sr. Depew publicou discursos e outros livros e se tornou um autor, eu iria querê-lo como meu segundo imediato. Não porque ele esteja cansado, pois ele não está, mas porque é um daqueles homens que fazem tudo bem feito, então ele tomaria conta da polícia e eu ficaria com o salário! Além disso, e mais que isso, eu e ele temos uma ligação. De fato, somos membros da famosa classe de 1853 de Yale, só que ele já estava lá antes de eu chegar. Outra coisa: como eu, ele é do Missouri. E quem é do Missouri não é dado a empulhar ninguém. E existe ainda uma ligação mais íntima. Quando nasci, eu era um de um par de gêmeos. Um deles

desapareceu, e recentemente comecei a notar que a semelhança pessoal entre Depew e eu, o estilo elegante e a graça de forma, esse tipo de coisas, e a atividade de fazer discursos e – ora, tudo isso prova que eis aqui aquele gêmeo perdido havia tantos anos!

Bem, eu queria... queria Stedman, Aldrich e Brander Mathews, Crawford e Cable para comporem o destacamento da Broadway, e outros para o distrito da luz vermelha, e ainda outros para cuidar das belas manicures.

Eu próprio criei esse projeto. Era meu sonho; era minha esperança, minha ambição, mas fracassou como fracassam tantos sonhos brilhantes nesse mundo de desencantos. O governador Odell não concordou. Segundo ele, os autores estavam bem onde estavam, e ainda disse mais: “Eu não posso deixar a cidade desprotegida”. Ora, essa observação era irrelevante. Foi uma desconsideração. O que eu estava tentando era exatamente proteger a cidade. Segundo ele, autores como polícia... seria pior que Ramapo, mas não posso concordar com ele. Ramapo está autorizado a provocar uma sede dramática – e os autores jamais fariam uma coisa dessas.

BEM-VINDO AO LAR: DISCURSO EM JANTAR NO LOTOS CLUB

(10 de novembro de 1901)

Temos aqui mais um discurso pronunciado por Twain no Lotos Club, de Nova York. O tema, neste caso, é a crítica às circunstâncias que haviam dado aos republicanos William McKinley e Theodore Roosevelt a vitória numa campanha eleitoral que apregoara abertamente a bandeira do imperialismo.

Twain empreende uma visão de conjunto da cena política norte-americana com os seus componentes característicos: a acumulação de poder por parte dos militares e a adulação interesseira da monarquia, associada por ele ao imperialismo.

O discurso foi publicado dois dias depois no jornal Boston Transcript, que considerou particularmente contundentes os comentários de Twain sobre Roosevelt.

Twain revela-se um crítico sensível e lúcido, capaz de antever aspectos do mundo moderno da informação, ao afirmar que o texto havia sido publicado de forma indistinta, em meio a tudo o mais que havia aparecido nos jornais. Esse comentário parece indicar que não lhe passou despercebido o fato de essa forma de inserção ter contribuído, em alguma medida, para atenuar o impacto crítico que o texto potencialmente possuía.

Ah, os senhores muito realizaram durante o tempo em que estive ausente; muitas coisas, algumas delas merecedoras de menção. Ora, lutamos uma guerra justa enquanto estive fora, e isso é algo raro na história – uma guerra justa é tão rara a ponto de ser quase desconhecida na história, mas foi graças àquela guerra que trouxemos a liberdade para Cuba e a juntamos àquelas três ou quatro nações livres que exis-

tem no mundo; e decidimos libertar também os pobres filipinos, e por que, por que, por que fracassou aquele justo objetivo, creio que nunca vou saber.

Mas acabamos de realizar um feito muito respeitável na China; nossa administração prudente e ponderada realizou um feito respeitável naquelas paragens, e outras potências não podem, de forma alguma, afirmar o mesmo. O Terror Amarelo é uma ameaça para o mundo hoje. Paira, enorme e ominoso, sobre aquele horizonte distante; não sei o que há de resultar do Terror Amarelo, mas nosso governo não pode ser responsabilizado por sua invocação; por isso nos felicitamos, e disso nos orgulhamos.

Criamos a prata livre, guardamos o seu berço; fizemos tudo o que nos foi possível para educar aquela criança, mas aqueles republicanos pestilentos... quero dizer, eles vivem espalhando o sarampo sempre que podem, e nunca conseguiremos educar essa criança. Mas não tem importância, há muitas outras coisas a serem feitas, e temos de pensar em outra coisa. Ora, experimentamos um presidente durante quatro anos, e durante todo esse tempo ele foi criticado e considerado fraco, e então viramos a folha e há dois dias ele foi reeleito com votos suficientes para eleger dois. Ah, coerência, coerência! Teu nome é... Não sei qual o teu nome... digamos Thompson, qualquer nome está bom, mas o fato é que a coerência existe. Depois experimentamos no governo do estado um valente cavaleiro, e gostamos tanto dele nesse cargo que agora ele foi feito vice-presidente, não para que o cargo lhe dê distinção, mas para que ele confira distinção ao cargo. E isso é uma necessidade... uma necessidade. E agora, pelo menos durante algum tempo, não precisamos mais gaguejar canhestramente quando um estrangeiro nos perguntar: “Como se chama o seu vice-presidente?”. O que temos agora é conhecido; é muito, amplamente conhecido, e é até bem visto em alguns círculos. Não sou acostumado ao louvor excessivo, talvez esteja exagerando um pouco; mas, ora, minha antiga e afetuosa admiração pelo governador Roosevelt talvez me tenha traído nesse excesso de reverência; mas eu o conheço, e os senhores o conhecem; e se lhe derem corda – quero dizer, se – ele há de justificar todos esses

elogios; é melhor deixar como está. E acabamos de colocar em seu lugar o Sr. Odell, ao que me parece outro valente cavaleiro; ultimamente todas as coisas boas se oferecem para essa profissão. Eu mesmo poderia ter me feito um valente cavaleiro se adivinhasse a abertura desse Klondike¹ político, mas só teria sido um cavaleiro se me fosse possível ir para a guerra de automóvel, mas nunca a cavalo! Eu conheço bem os cavalos; conheci cavalos na guerra e na paz, e um cavalo nunca se sente à vontade em lugar nenhum. É muito caprichoso, muito dado a iniciativas. Cheio de idéias; não, de cavalos nem quero chegar perto.

E então afastamos Chauncey Depew de uma vida ativa e útil e o fizemos senador, embalsamado, arrolhado. E eu não posso me queixar. Esse homem disse muitas verdades a meu respeito e eu sempre afirmei que alguma coisa ainda iria lhe suceder. Vejam aquela (apontando para o Sr. Depew) múmia dourada! Em tantos banquetes, dos dois lados do oceano, ele fez de minha vida um sofrimento, e agora é a vez dele. Morra a mão que arrancar aquela rolha!

Tudo isso aconteceu, todas essas coisas se deram, durante a minha ausência, o que demonstra a pouca importância de um mugwump² neste mundo frio e insensível, ainda que seja o último existente – um Partido Republicano de um só. E mais uma coisa aconteceu, talvez o acontecimento mais imponente de todos: a instituição chamada As Filhas da Coroa – As Filhas da Coroa Real –, que foi fundada e começou a funcionar. Ora, eis uma idéia americana; existe um ideal, nascido de não sei que tipo especial de insanidade, mas certamente uma que não deixa ninguém de miolo mole – não se pode amolecer o que não existe –, As Filhas da Coroa Real! Apenas as descendentes americanas de Carlos II se qualificam. Deus meu, como é duradouro o produto elegante daquele velho harém!

1. Região do território de Yukon, no Canadá, a leste do Alasca, atravessada pelo rio Klondike num percurso de cerca de 145 km. A descoberta de ouro nessa região, em 1896, levou a uma corrida do ouro entre 1897 e 1898, quando 25 mil pessoas acorreram à região.

2. Palavra de origem índia, tanto pode significar independência quanto indecisão. Neste contexto o termo designa os republicanos que, na eleição presidencial de 1884, se recusaram a apoiar o candidato do partido, James G. Blaine, levando à sua divisão. (N. T.)

Muito bem, estou realmente muito feliz por poder me reunir mais uma vez com os senhores, partilhar mais uma vez o pão e o sal desta casa hospitaleira. Há sete anos, quando aqui fui recebido, estava velho e sem esperança e os senhores me deram a força e o incentivo necessários para erguer um homem, fazê-lo ver a felicidade de estar vivo; e agora volto do meu exílio rejuvenescido, forte e vivo, pronto a recommençar a vida, e sua recepção dá o toque final à minha juventude reconquistada e a torna para mim uma realidade, não um sonho gracioso que se esvai pela manhã. Muito obrigado.

PARA AQUELE QUE VIVE NAS TREVAS

(1901)

William McKinley, candidato republicano às eleições presidenciais de 1900, baseou grande parte de sua plataforma na idéia da responsabilidade dos Estados Unidos pelos territórios então tomados à Espanha. Alegando a necessidade da defesa desses novos territórios, McKinley alertava para a urgência de se acabar com as insurreições armadas nesses locais e, assim, conferir as “bênçãos” da civilização aos povos libertados.

Twain tratou do assunto neste que é um de seus mais importantes e controvertidos ensaios sobre o imperialismo. Ironizando a idéia da civilização como “bênção” oferecida aos que “vivem na escuridão”, ele trata de questões diversas relacionadas ao tema do antiimperialismo: as agressões cometidas na cidade de Nova York sob os auspícios do chefe político de Tammany Hall, Richard Croker, as indenizações cobradas pelos missionários mortos logo após a Rebelião dos Boxers, a política repressora designada como “luva de aço” aplicada pelo kaiser alemão contra a China e as atrocidades cometidas pelos ingleses na África do Sul e pelo Exército dos Estados Unidos nas Filipinas.

A crítica dirigida por ele aos missionários era constante e cerrada; apesar disso, a estratégia dos missionários de responder apenas aos comentários que lhes diziam respeito contribuiu para que questões como a Guerra das Filipinas e as atividades missionárias na China fossem tratadas como aspectos totalmente diferenciados, o que evidentemente dificultava a percepção crítica do processo imperialista nelas implícito.

Para Twain tratava-se de problemas análogos. No artigo intitulado “A causa do reverendo doutor Ament, missionário”, de 1901, ele afirma não haver diferença entre o missionário, que impõe multas 13 ve-

zes superiores ao preço de uma propriedade danificada pelos boxers, e McKinley, autor de um projeto de “Assimilação benevolente dos filipinos”.

Aqui, como em muitos outros de seus escritos antiimperialistas, a mordacidade e a veia satírica de Twain são responsáveis pela extraordinária eficácia crítica do documento.

A CAUSA DO REVERENDO DOUTOR AMENT (1901)

Nos Estados Unidos, o Natal vai descer sobre um povo alegre, cheio de esperanças e sonhos. Uma condição que significa satisfação e felicidade. Um ou outro queixoso rabugento talvez encontre uns poucos ouvintes. A maioria vai se perguntar se ele está doente e passar adiante. – *New York Tribune*, sobre o Natal.

De The Sun, de Nova York

Este artigo não pretende descrever as terríveis agressões contra a humanidade cometidas em nome da política em alguns dos distritos mais mal-afamados do East Side. Seria impossível descrevê-las, não há palavras. Mas ele pretende dar à massa de cidadãos mais ou menos despreocupados desta bela metrópole de Nova York uma concepção do caos e da ruína impostos a todo homem, toda mulher e toda criança na mais densamente populosa e menos conhecida das áreas da cidade. Nome, data e local serão fornecidos aos que têm um pouco de fé – ou a qualquer um que se sinta agredido. É simplesmente uma declaração do que foi visto e observado, escrita com total liberdade e sem adornos.

Tente imaginar, se conseguir, uma área da cidade completamente dominada por um homem, sem cuja permissão não se fazem negócios legítimos nem ilegítimos; onde se incentiva a atividade ilícita e se desencoraja a lícita; onde residentes respeitáveis se trancam à noite atrás de portas e janelas em quartos abafados, num calor de 40°C, deixando de sair para o lugar onde se pode respirar naturalmente, a varanda; onde mulheres nuas dançam à noite nas ruas e homens caren-

tes de sexo cortam a noite como abutres, em “negócios” que não são apenas tolerados, mas até incentivados pela polícia; onde a educação das crianças se inicia pelo conhecimento da prostituição e as meninas são treinadas apenas nas artes de Frinéia³; para onde se importam meninas educadas com o refinamento do lar americano em pequenas cidades do norte do estado, de Massachusetts, Connecticut e de Nova Jersey, que são mantidas prisioneiras, quase como se trancadas atrás das grades até perderem toda a aparência de mulheres; onde os meninos aprendem a agenciar clientes para as mulheres das casas de má fama; onde existe uma sociedade organizada de homens jovens cujo único fim é corromper moças e oferecê-las aos prostíbulos; onde homens que passam com as esposas pelas ruas são abertamente insultados; onde crianças contraem doenças de adultos e são os principais clientes dos hospitais e dispensários; onde a regra, e não a exceção, é não se punir o assassinato, o estupro, o assalto e o roubo – em resumo, onde o prêmio das formas mais terríveis de vício é o lucro dos políticos.

A notícia que se segue vem da China e foi publicada no *The Sun* de Nova York, no último dia de Natal. Os itálicos são meus:

O reverendo Sr. Ament, da Câmara Americana de Missões no Estrangeiro, acaba de retornar de uma viagem que fez com o fim de cobrar indenizações por danos provocados pelos boxers. Em todos os lugares por onde passou, os chineses foram obrigados a pagar. Segundo ele, todos os nativos cristãos das missões já estão bem providos. Havia 700 sob seus cuidados, mas 300 foram mortos. Cobrou 300 taels por cada um dos assassinados, mais o pagamento de indenizações por toda a propriedade pertencente a cristãos que foi destruída. E multas que chegaram a 13 VEZES o valor a ser indenizado. Esse dinheiro vai ser usado para a propagação da Palavra de Deus.

3. Frinéia: bela e audaciosa cortesã grega do século IV a.C.. Levada a julgamento em Atenas por impiedade, foi despida por seu advogado diante dos juízes e, assim, imediatamente absolvida.

O Sr. Ament declara que as indenizações que cobrou são moderadas, se comparadas com o valor recebido pelos católicos, que exigem, além do dinheiro, cabeça por cabeça. Cobram 500 tael por cada católico assassinado. Na região de Wenchiu, 680 católicos foram mortos, e por eles os católicos europeus cobraram 750 mil colares de cobre⁴ e 680 cabeças. Durante a conversa, o Sr. Ament se referiu à atitude dos missionários em relação aos chineses. Disse ele:

“Nego enfaticamente que os missionários sejam vingativos, que eles tenham em geral feito saques, ou que desde o cerco eles tenham feito qualquer coisa que as circunstâncias não tenham determinado. Eu critico os americanos. A luva de pelica dos americanos não é tão boa quanto a luva de aço dos alemães. Trate os chineses com luvas de pelica e eles se aproveitam”.

A declaração de que os franceses vão devolver o que foi saqueado pelos soldados franceses provocou muito riso por aqui. Os soldados franceses foram saqueadores mais sistemáticos que os alemães, e a verdade é que mesmo hoje cristãos católicos portando bandeiras francesas e armas modernas estão saqueando aldeias na província de Chili.

Por sorte, notícias tão alvissareiras nos chegam na véspera do Natal – bem em tempo para que possamos comemorar o dia com alegria e entusiasmo adequados. Nossos espíritos se elevam e inventamos novas brincadeiras: tael ganho eu, cabeça você perde⁵.

O nosso querido reverendo Ament é o homem certo no lugar certo. O que esperamos de nossos missionários no estrangeiro não é apenas representar por seus atos e pessoas a graça, a bondade, a caridade e o amor de nossa religião, mas que também representem o espírito americano. Os mais antigos americanos são os pawnees. A *História* de Macallum nos informa que:

4. Havia na China o costume de amarrar moedas de cobre, que eram vazadas, formando colares. Isto facilitava o manuseio do dinheiro, os pagamentos e recebimentos. (N. T.)

5. Em inglês o jogo da cara ou coroa tem o nome *heads or tails*, efigie ou o reverso, o que permite o trocadilho. (N. T.)

Quando um boxer branco mata um pawnee e destrói sua propriedade, os outros pawnees não se preocupam em caçar aquele, matam qualquer branco que aparecer; também fazem que alguma aldeia branca pague aos herdeiros do pawnee o valor integral do falecido, mais o valor integral da propriedade destruída; e fazem a aldeia pagar, além de tudo isso, 13 vezes⁶ o valor da propriedade para constituir um fundo para disseminação da religião pawnee, considerada por eles a melhor de todas para enternecer e humanizar o coração do homem. Consideram também que é verdadeiramente digno e justo que os inocentes paguem pelos culpados, e que é preferível fazer noventa e nove sofrerem a deixar um único culpado sem castigo.

É explicável a inveja do Sr. Ament em relação a católicos tão empreendedores, que não apenas ganham muito dinheiro por convertido que perdem, mas que, além disso, recebem “cabeça por cabeça”. Mas ele deveria se consolar pensando que tudo o que eles coletam se destina aos seus próprios bolsos, ao passo que ele, desprendido, separa míseros 300 tael para tal fim e destina a totalidade das 13 repetições da indenização por perdas de propriedade ao serviço de propagação da Palavra de Deus. Sua magnanimidade conquistou-lhe a aprovação de toda esta nação e há de lhe assegurar a ereção de um monumento. Que ele se satisfaça com tais recompensas. Todos nós o respeitamos por defender corajosamente os colegas missionários dessas acusações exageradas que já começavam a nos inquietar, mas que seu testemunho tanto modificou que já somos capazes de enfrentá-las sem sofrimento. Por ora, sabemos que, mesmo antes do cerco, os missionários

6. O editorial sem título publicado no *The Public* de 12 de fevereiro de 1901 menciona as críticas feitas pelo Dr. Wyland Spalding a Mark Twain devido às afirmações a respeito deste episódio: segundo Spalding, “13 vezes” teria sido fruto de um equívoco do telegrafista, que teria transmitido esse número em vez de “1/3” (um terço). Apesar de reconhecer que Twain havia feito posteriormente uma retratação e mencionado o erro, Spalding sentiu-se mais seriamente ofendido pelo fato de Twain, em sua retratação, haver inquirido ainda com maior pertinácia, em nome de que lei ou de que moral o missionário coletou algo de pessoas que não haviam causado qualquer dano a quem quer que fosse, indagando também qual seria a diferença entre uma extorsão doze vezes maior e uma um terço maior. Em claro apoio a Twain, o jornal afirma que o Sr. Spalding poderia ter-lhes dado maior satisfação em responder a essas perguntas do que ao denunciar Twain e acusá-lo de indecente e mal-educado.

não se dedicavam de modo geral aos saques e que, desde o cerco, eles agiram com toda lisura, exceto quando foram pressionados pelas circunstâncias. Proponho-me a organizar a construção do monumento. As contribuições podem ser enviadas para a Câmara Americana; os desenhos devem ser enviados a mim. Os projetos devem enfatizar as 13 reduplicações da indenização e o objeto que justificou sua cobrança; como ornamento, os projetos devem exibir 680 cabeças, dispostas de forma a dar um efeito agradável e belo; quanto aos católicos, sua grande realização merece menção no movimento. Aceito sugestões de lemas, se houver algum que seja pertinente.

O feito financeiro de extorquir de camponeses miseráveis uma indenização multiplicada por 13 para expiar as culpas de outros, condenando-os assim, e às suas mulheres e aos seus filhos inocentes, à certeza da fome e de uma morte lenta a fim de que o dinheiro arrecadado pudesse ser “*usado para a propagação da Palavra de Deus*”, não perturba minha serenidade, embora o ato e as palavras, em conjunto, concretizem uma blasfêmia tão horrível e colossal que, não tenho dúvidas, jamais se encontrará igual na história desta ou de qualquer outra era. Ainda assim, se algum leigo tivesse realizado o mesmo feito e o justificado com as mesmas palavras, sei que teria tido calafrios. O que também teria ocorrido se eu tivesse realizado o feito e pronunciado eu mesmo as palavras, apesar de o pensamento ser impensável, por mais que pessoas desinformadas me considerem irreverente. Às vezes um pastor ordenado se torna blasfemo. Quando tal acontece, o leigo deixa de competir; não tem a menor chance.

Temos ainda a garantia emocionada do Sr. Ament de que os missionários não são “vingativos”. Vamos esperar e orar para que nunca o sejam, mas guardem a mesma índole quase morbidamente justa e tranqüila que hoje dá tanta satisfação a seu irmão e defensor.

O trecho que se segue é da edição do *New York Tribune* da véspera do Natal. Foi escrito pelo correspondente do jornal em Tóquio. Soa estranho e impudente, mas os japoneses ainda são apenas parcialmente civilizados. Quando se tornarem completamente civilizados, não falarão como falam hoje:

A questão missionária ocupa, evidentemente, lugar de destaque nessa discussão. Entende-se hoje que é essencial que as potências ocidentais reconheçam o sentimento de que invasões religiosas de países orientais por poderosas organizações ocidentais equivalem a expedições de pirataria, que não merecem apenas condenação, mas que exigem medidas enérgicas para serem suprimidas. O sentimento predominante aqui é o de que as organizações missionárias constituem uma ameaça constante às relações internacionais pacíficas.

Devemos? Ou melhor, devemos continuar a impor nossa civilização aos povos que vivem na escuridão, ou devemos dar um descanso a esses infelizes? Vamos continuar a avançar, no nosso passo antigo, piedoso e ruidoso, e comprometer o novo século com o mesmo jogo, ou vamos antes nos recompor, sentar e repensar? Não seria prudente reunir nossos instrumentos civilizadores e avaliar o estoque que ainda temos, coisas como contas de vidro, teologia, metralhadoras Maxim, hinários, gim e tochas de progresso e luz (ajustáveis, ótimas para incendiar aldeias sem necessidade de preparação), fechar os livros, calcular lucro ou prejuízo para poder decidir racionalmente entre continuar no negócio ou vender os ativos e usar o resultado dessa venda para fundar um novo sistema civilizador?

Levar as bênçãos da civilização ao nosso irmão que vive na escuridão já foi um bom negócio e rendia bons lucros; ainda hoje é possível ganhar dinheiro, desde que se trabalhe bem – mas não o suficiente, a meu ver, para justificar maiores riscos. Os povos que vivem na escuridão estão ficando raros – raros e retraídos. E a escuridão que ainda existe não é realmente de boa qualidade, pouco escura para essa atividade. Em sua maioria aqueles que vivem nas trevas já receberam mais luz do que precisam e do que é lucrativo para nós. Fomos injudiciosos.

A Companhia Bênçãos da Civilização, desde que administrada com inteligência e cuidado, é uma bênção. É possível obter ganhos, expressos em dinheiro, territórios, soberania e outros tipos de emolumentos, superiores aos oferecidos por qualquer outro jogo. Mas, na minha opinião, a cristandade não tem jogado bem ultimamente, e com certe-

za passará a ter prejuízo com ele. Repica com tanta ânsia toda aposta sobre a mesa que aqueles que vivem nas trevas já estão notando; notam e começam a se alarmar. Têm dúvidas quanto às bênçãos da civilização. Mais que isso, passaram a examiná-las cuidadosamente. E isso não é bom. Bênçãos da Civilização é uma boa marca, uma boa propriedade comercial; sob luz mortíça, talvez não haja outra tão boa. Sob a luz correta, e a uma distância adequada, com o produto ligeiramente fora de foco, ela oferece àqueles que vivem nas trevas esta imagem desejável:

AMOR,	ORDEM E DIREITO,
JUSTIÇA,	LIBERDADE,
BONDADE,	IGUALDADE,
CRISTIANISMO,	VIDA COM HONRA,
PROTEÇÃO PARA OS FRACOS,	CARIDADE,
TEMPERANÇA,	EDUCAÇÃO,
	e muitas outras.

E este produto é bom? Meu amigo, é uma maravilha. Há de trazer para a luz qualquer idiota na escuridão em qualquer lugar do mundo. Mas não se o adulterarmos. É preciso enfatizar essa questão. Esta marca destina-se exclusivamente à exportação – aparentemente. *Aparentemente*. Aqui entre nós, em confiança, não é nada disso. Aqui entre nós e em confiança, isso não passa de uma cobertura, alegre, bonita e atraente, que expõe os padrões especiais de nossa civilização que reservamos para consumo doméstico, ao passo que oferecemos realmente o que há no interior do fardo, e que o cliente que vive na escuridão compra com seu próprio sangue. O que há dentro do fardo⁷ é real-

7. A idéia de “fardo” aqui remete ao poema “O fardo do homem branco” (“White man’s Burden”), de Rudyard Kipling, publicado no *McClure Magazine* no dia 12 de fevereiro de 1899. A guerra filipino-americana havia começado oito dias antes e o Tratado de Paris seria ratificado dois dias depois da publicação, o que o situa num momento particularmente significativo da expansão imperialista e, ao mesmo tempo, de atuação da Liga Antiimperialista nos Estados Unidos. Embora no poema estivessem mescladas as louvações ao império e as advertências acerca dos custos que ele implicava, os próprios imperialistas interpretaram a expressão “fardo do homem branco” como um eufemismo para o impe-

mente civilização, mas apenas para exportação. Existe alguma diferença entre as duas? Em alguns detalhes, certamente há.

Sabemos todos que este negócio está sendo arruinado. Não é tão difícil perceber as razões. Tudo porque o Sr. McKinley, o Sr. Chamberlain⁸, o kaiser e o czar começaram a exportar o que há no interior do fardo, *sem a embalagem*. E isso perturba o jogo. Mostra que estes novos jogadores não o dominam suficientemente bem.

É triste observar e ver os movimentos errados, tão estranhos e desajeitados. O Sr. Chamberlain fabrica uma guerra usando materiais tão inadequados que os camarotes sofrem e a platéia ri, e ele tenta se convencer de que não se trata meramente de uma excursão à caça de dinheiro, mas de algo dotado de uma espécie de respeitabilidade obscura e vaga que ele não consegue perceber, e de que mais tarde ele será capaz de limpar outra vez a bandeira, quando tiver acabado de arrastá-la na lama, capaz de fazer que ela volte a brilhar na abóbada do céu, como brilhou ao longo de mil anos no respeito do mundo, até ele lançar sobre ela sua mão infiel. Isso é jogar mal, muito mal. Pois se expõe o que se esconde no interior da embalagem aos que vivem na escuridão, e eles dizem: “O quê! Cristão contra cristão? E só por dinheiro? Será isso um exemplo de paciência, amor, magnanimidade, bondade, caridade, proteção dos fracos – esse ataque estranho e exagerado de um elefante a um ninho de ratos do campo, sob o pretexto de que os ratinhos o insultaram – uma conduta que ‘nenhum governo digno de respeito deixaria passar sem punição’, como disse o Sr.

rialismo e uma justificação implícita da política imperialista como uma empreitada nobre e altruísta. Rapidamente os antiimperialistas responderam por meio de paródias do poema, tendo como foco o novo conflito nas Filipinas e a hipocrisia dos que o defendiam e desejavam ocultar os interesses econômicos, políticos e militares nele envolvidos. Para os antiimperialistas, o “fardo” verdadeiro era o dos trabalhadores dos Estados Unidos. Em 1901, após dois dias de terríveis batalhas nas Filipinas, Twain indagava: “O fardo do homem branco” foi cantado, mas quem cantará o do Homem de Cor?”. O conceito de “fardo do homem branco” se fez presente novamente em período posterior, a propósito das intervenções norte-americanas nas Américas e no decorrer da Primeira Guerra Mundial.

8. Joseph Chamberlain, 1836-1914. Político britânico reformista e membro do Parlamento por Birmingham. Foi secretário de assuntos coloniais durante o governo conservador de Salisbury, sendo responsável pelas relações com as repúblicas bóeres na época em que irrompeu a Guerra dos Bóeres, em 1899. Foi uma das figuras mais representativas da política externa britânica desse período.

Chamberlain? Seria o caso de um bom pretexto para uma causa sem importância, sem ser um bom pretexto para uma grande causa? – pois recentemente a Rússia afrontou o elefante três vezes e sobreviveu sem ferimentos. Será isso a civilização e o progresso? Isso será melhor do que o que já temos? Toda essa destruição, incêndios, desertos criados no Transvaal⁹ – seria um aperfeiçoamento de nossa escuridão? Seria possível haver dois tipos de civilização, um para consumo doméstico e outro para o mercado pagão?”

Então aquele que vive nas trevas fica em dúvida, balança a cabeça e lê esse trecho da carta de um soldado britânico, em que ele conta suas aventuras em uma das vitórias de Methuen, alguns dias antes da derrota em Magersfontein, e fica mais uma vez em dúvida:

Avançamos colina acima e invadimos as trincheiras, e os bôeres viram que estavam perdidos; então eles largaram as armas, caíram de joelhos, levantaram as mãos e pediram clemência. E clemência nós demos a eles. Com as colheres longas.

A colher longa é a baioneta. Vejam o último *Lloyd's Weekly*, de Londres. A mesma edição – e a mesma coluna – trazia uma sátira inconsequente sob a forma de censuras amargas e chocadas aos bôeres por suas brutalidades e desumanidades!

Em seguida, para prejuízo nosso, o kaiser começou a praticar o jogo antes de dominá-lo. Perdeu alguns missionários numa agitação de rua em Shantung, e para acertar as contas apresentou uma cobrança absurda por eles. A China teve de pagar 100 mil dólares por cabeça, em dinheiro; 19,3 quilômetros de território, com milhões de habitantes e que valem 20 milhões de dólares; a construção de um monumento e de uma igreja cristã, embora o povo da China com certeza fosse se lembrar desses missionários sem precisar desses memoriais

9. Região localizada na porção nordeste da África do Sul além do rio Vaal, atualmente faz fronteiras com a Suazilândia, o Zimbábue e Botswana. No século XIX a descoberta de ouro atraiu um grande número de exploradores e aventureiros britânicos. Durante a Guerra dos Bôeres, a estratégia de atear fogo às matas e fazendas difundiu-se como meio de forçar os bôeres a deixar seus refúgios.

dispendiosos. Está tudo errado. Errado, pois aquele que vive nas trevas jamais se deixará enganar. Ele sabe que foi uma cobrança excessiva. Sabe que um missionário é como qualquer outro homem: vale apenas o custo de um substituto, nada mais. É útil, mas um médico também é útil, um delegado, um editor; mas um imperador justo não cobra indenizações de guerra por eles. Um missionário inteligente, diligente, mas obscuro, assim como um editor inteligente, diligente, mas obscuro, valem muito, todos o sabemos; mas não valem a terra. Estimamos o editor, lamentamos sua perda; mas quando ele morre devemos considerar excessiva uma compensação por sua perda composta de 19,3 quilômetros de território, uma igreja e uma fortuna. Quero dizer, ainda que se tratasse de um editor e tivéssemos que pagar indenização por ele. Não é um valor condizente com um editor ou um missionário; pode-se comprar reis por menos. O kaiser fez uma jogada errada. É verdade que ele ganhou; mas também produziu a *revolta dos chineses*, a rebelião indignada dos patriotas traídos da China, os boxers. Os resultados foram caros para a Alemanha e para outros disseminadores do progresso e das bênçãos da civilização.

A aposta do kaiser foi paga, mas mesmo assim foi uma jogada errada, pois terá certamente efeito danoso sobre aqueles que vivem nas trevas na China. Eles hão de ponderar o que aconteceu e provavelmente irão dizer: “A civilização é bela e graciosa, pois essa é a sua reputação; mas estará ao nosso alcance? Existem chineses ricos, talvez eles tenham condições; mas essa cobrança não foi apresentada a eles, foi apresentada aos camponeses de Shantung; só eles terão de pagar essa quantia enorme, e eles ganham meros quatro centavos por dia. Será essa civilização melhor que a nossa, mais santa, elevada e nobre? Ou isso seria rapacidade? Quem sabe extorsão? A Alemanha teria cobrado 200 mil dólares aos Estados Unidos por dois missionários, teria brandido a luva de aço na sua cara, enviado navios de guerra e soldados com a ordem: ‘Tomem 19,3 quilômetros de território, no valor de 20 milhões de dólares, como pagamento adicional pelos dois missionários e mandem aqueles camponeses construir um monumento aos missionários e uma custosa igreja cristã para que eles não sejam esqueci-

dos? E depois a Alemanha teria ordenado aos seus soldados: ‘Marchem através da América e matem, sem perdão; façam lá da máscara alemã o que representa aqui a máscara do huno, um terror de mil anos; marchem através da grande república e matem, rasgando para passagem de nossa religião ofendida uma estrada que lhe corte o coração e as vísceras? A Alemanha teria feito a mesma coisa com Estados Unidos, Inglaterra, França ou Rússia? Ou somente com a China, a indefesa – repetindo o ataque do elefante contra os ratinhos do campo? Devemos investir nessa civilização – uma civilização que considerou Napoleão um pirata por ter roubado os cavalos de bronze de Veneza, mas que rouba de nossas paredes os antigos instrumentos astronômicos e pilha como bandidos comuns, ou seja, todos os soldados estrangeiros, com exceção dos da América; e que assalta aldeias aterrorizadas e comunica todo dia o resultado para os jornais felizes da pátria: ‘Perdas chinesas, 450 mortos; nossas, *um oficial e dois homens feridos*. Avançaremos amanhã sobre a próxima aldeia, de onde comunicaremos um *massacre*’. Temos recursos para investir em tal civilização?’.

Depois foi a vez de a Rússia entrar no jogo e jogar insensatamente. Afronta a Inglaterra uma ou duas vezes – observada por aquele que vive nas trevas; com a assistência moral da França e da Alemanha, ela rouba do Japão uma presa de guerra duramente conquistada, encharcada no sangue chinês – Port Arthur –, mais uma vez observada por aquele; então ela toma a Manchúria, ataca suas aldeias e afoga o grande rio com cadáveres inchados de incontáveis camponeses massacrados – ainda observada por aquele assustado. E talvez ele diga para si mesmo: “É mais uma potência civilizada, trazendo numa das mãos a bandeira do Príncipe da Paz e na outra a cesta de pilhagem e uma faca de açougueiro. Existirá outra salvação para nós ou teremos de adotar a civilização e descer até o seu nível?”.

Em seguida vêm os Estados Unidos, e o nosso Mestre do Jogo joga mal, como jogou o Sr. Chamberlain na África do Sul. Foi um erro; mais que isso, foi um erro inesperado de um mestre que vinha jogando tão bem em Cuba. Em Cuba ele estava praticando o jogo *americano* normal e estava ganhando, pois não havia como derrotá-lo. O mestre

olhou para Cuba e disse: “Eis uma nação oprimida e sem amigos, disposta a lutar para conquistar a liberdade; vamos nos associar a ela e colocar a força de 70 milhões de simpatizantes e os recursos dos Estados Unidos: jogue!”. Ninguém além da Europa combinada teria condições de repicar, e a Europa não se combina em torno de nada. Em Cuba ele estava seguindo nossas grandes tradições de uma forma que nos enchia de orgulho, dele e da profunda insatisfação que sua jogada provocou na Europa continental. Movido por uma grandiosa inspiração, ele gritou aquelas palavras emocionadas que declaravam ser a anexação forçada uma “agressão criminoso” e, ao dizer isso, “disparou mais um tiro ouvido por todo o mundo”. A lembrança daquela declaração magnífica não será superada por nenhuma outra lembrança de ato seu, a não ser pelo fato de, passados meros 12 meses, ele tê-la esquecido e à promessa solene que a acompanhou.

Pois, logo em seguida, veio a tentação filipina. Era forte; forte demais, e ele cometeu um erro grave: começou a jogar o jogo europeu, o jogo de Chamberlain. Foi uma tristeza; aquele erro foi uma tristeza muito grande; aquele erro terrível, irremediável. Pois aqueles eram a hora e o lugar de jogar mais uma vez o jogo americano. E sem custos: grandes ganhos, ricos e permanentes; indestrutíveis; uma fortuna a ser transmitida para sempre aos filhos da bandeira. Não a terra, não o dinheiro, não a dominação; não, algo que valia muitas vezes mais que essa escória: nossa participação, o espetáculo de uma nação de escravos havia muito perseguidos e atormentados que se libertaria por nossa influência; a cota da nossa posteridade, a lembrança daquele belo feito. O jogo era nosso. Se tivesse sido jogado de acordo com as regras americanas, Dewey¹⁰ teria zarpado de Manila logo depois de derrotar a esquadra espanhola, depois de fincar na praia um sinal de garantia de toda propriedade e toda vida estrangeiras contra agressão pelos filipinos, e um aviso às potências que qualquer interferência com os

10. O comodoro George Dewey é considerado um herói da Guerra Hispano-Americana, por ter derrotado a frota espanhola no Pacífico. Deu início à Batalha de Manila às seis horas da manhã do dia 1º de maio de 1898, e com uma frota de seis navios (onde se incluía a nau capitânia *Olympia*) em seis horas pôs a pique todos os navios da armada espanhola.

patriotas emancipados seria considerada um ato hostil aos Estados Unidos. As potências são incapazes de se combinar, nem mesmo em torno de uma causa que não seja boa, e o sinal teria sido respeitado.

Dewey teria ido tratar de outros problemas, deixando ao competente exército filipino a tarefa de liquidar por inanição a pequena guarnição espanhola e mandá-la de volta para casa, e os cidadãos filipinos criariam a forma de governo que preferissem, tratariam os frades e suas aquisições duvidosas de acordo com as idéias filipinas de equidade e justiça – idéias que já foram testadas e consideradas de ordem igual às das que predominam na Europa e na América.

Mas jogamos o jogo de Chamberlain, e perdemos a oportunidade de acrescentar outra Cuba e outro feito de honra à nossa história.

Quanto mais estudamos esse erro, mais percebemos suas más conseqüências para os negócios. Aquele que vive nas trevas com certeza há de dizer: “Aqui há algo curioso e inexplicável. Só pode ter havido duas Américas: uma que liberta os cativos e outra que toma dos cativos recém-libertados a sua liberdade, briga com eles sem qualquer razão aparente e depois os mata para lhes tomar a terra”.

Na verdade, aquele que vive nas trevas *está* realmente dizendo coisas semelhantes; em nome dos negócios, temos de convencê-lo a olhar de maneira mais saudável a questão filipina. Precisamos organizar suas idéias. Acho que isso é possível; pois o Sr. Chamberlain organizou as idéias inglesas sobre a questão sul-africana de uma maneira muito inteligente e bem-sucedida. Apresentou os fatos – alguns deles – e mostrou àquele povo confiante o que significavam. Isso foi feito estatisticamente, a melhor forma de fazê-lo. Ele usou a fórmula “ $2 \times 2 = 14$ e $9 - 2 = 35$ ”. Os números não falham; os números convencem os eleitos.

Mas o meu plano é ainda mais ousado que o do Sr. Chamberlain, apesar de parecer uma cópia do dele. Vamos ser mais francos que o Sr. Chamberlain; vamos apresentar todos os fatos, sem ocultar nenhum, e depois os explicamos de acordo com a fórmula do Sr. Chamberlain. Essa sinceridade corajosa há de perturbar aquele que vive nas trevas, e ele vai aceitar a explicação antes que sua visão mental tenha tido tempo de entendê-la. Eis o que lhe diremos:

“Nossa explicação é simples. No dia 1º de maio, Dewey destruiu a frota espanhola. Isto deixou o arquipélago nas mãos de seus proprietários legítimos, a nação filipina. Tinham um exército de 30 mil homens e conseguiriam liquidar a pequena guarnição espanhola, então o povo organizaria um governo criado por ele próprio. Nossas tradições determinavam que Dewey fincasse um sinal de aviso e partisse. Mas o Mestre do Jogo imaginou outro plano – o plano europeu. Agiu de acordo com ele. Era o seguinte: enviar um exército – ostensivamente para ajudar os nativos patriotas a dar o toque final na sua longa e corajosa luta pela independência, mas na verdade para lhes tomar a terra. Ou melhor, em nome do progresso e da civilização. O plano se desenvolveu, estágio por estágio, satisfatoriamente. Fizemos uma aliança militar com os filipinos confiantes e eles cercaram Manila por terra, e com sua valiosa ajuda o lugar, com sua guarnição de 8 mil ou 10 mil espanhóis, foi tomado – o que àquela época não teríamos conseguido sem ajuda. Conquistamos sua ajuda pela esperteza. Sabíamos que eles estavam lutando por sua independência, e já lutavam havia dois anos. Sabíamos que eles acreditavam que estávamos participando de sua honrosa causa – como havíamos ajudado os cubanos a lutar pela independência de Cuba – e deixamos que eles continuassem a acreditar. *Até o momento em que Manila se tornou nossa e pudemos prosseguir sem eles.* Então abrimos o jogo. É claro que eles ficaram espantados – era natural; surpresos e desapontados; desapontados e magoados. Para eles tudo aquilo era antiamericano, não-característico, contrário às nossas tradições estabelecidas. O que também era natural, pois estávamos jogando o jogo americano apenas para a platéia – na verdade era o jogo europeu. Foi muito bem executado, com perfeição, e eles ficaram perplexos. Não conseguiam entender; tínhamos sido tão amigos – até afetuosos – daqueles patriotas simplórios! Nós próprios havíamos trazido do exílio seu líder, seu herói, sua esperança, seu Washington – Aguinaldo; nós o trouxemos num navio de guerra, com todas as honras, sob o abrigo e a hospitalidade sagrados da bandeira; nós o trouxemos e o devolvemos ao povo, e conquistamos sua gratidão eloqüente e comovida. É verdade, fomos amigos deles, e os encorajamos

de tantas formas! Emprestamos armas e munições, oferecemos assessoria; trocamos cortesias com eles; deixamos nossos doentes e feridos sob seus cuidados; confiamos nossos prisioneiros espanhóis às suas mãos honestas e humanas; lutamos com eles ombro a ombro contra o ‘inimigo comum’ (frase nossa); elogiamos sua coragem, elogiamos seu heroísmo; elogiamos sua bondade, sua conduta correta e honrosa; usamos suas trincheiras, suas posições reforçadas, que eles haviam antes tomado aos espanhóis; nós os mimamos, mentimos para eles ao proclamar oficialmente que nossas forças de mar e terra vinham para lhes dar a liberdade e para expulsar o cruel Governo Espanhol; ludibriamos, usamo-los até não precisar mais deles; então desprezamos a laranja chupada e a jogamos fora. Mantivemos as posições que lhes tomamos pela trapaça; mais tarde avançamos e anexamos o território dos patriotas – uma idéia inteligente, pois precisávamos de uma revolta, e isso iria gerar uma. Um soldado filipino, cruzando o terreno onde ninguém tinha o direito de o impedir, foi abatido por uma de nossas sentinelas. Os patriotas, confusos, reagiram com armas, sem esperar para saber se Aguinaldo, que estava ausente, teria ou não aprovado. Aguinaldo não aprovou, mas de nada adiantou. O que queríamos, em nome do progresso e da civilização, era o arquipélago, sem o estorvo de patriotas que lutam pela independência; precisávamos da guerra. Agarramos a oportunidade. Foi mais uma vez a história do Sr. Chamberlain – pelo menos na motivação e na intenção; e jogamos tão bem quanto ele”.

Neste ponto de nossa declaração franca dos fatos para aquele que vive nas trevas, deveríamos lhe oferecer um brinde sobre o tema das bênçãos da civilização – para variar e para elevação de seu espírito – e depois continuar com nossa história:

Depois que nós e os patriotas capturamos Manila, a propriedade da Espanha sobre o arquipélago e sua soberania sobre ele chegaram ao fim – obliteradas, aniquiladas, nenhum vestígio de qualquer das duas. Foi então que imaginamos essa idéia divinamente engraçada de comprar da Espanha os dois espectros! [Não há risco em confessar este fato àquele

que vive nas trevas, pois nem ele, nem ninguém vai acreditar.] Ao comprar os dois espectros por 20 milhões de dólares, assumimos também responsabilidade sobre os frades e seus bens acumulados. Creio que também contratamos a disseminação da lepra e da varíola, mas quanto a isso ainda há dúvidas. Mas não tem importância: pessoas que já sofrem com os frades não se importam com outras doenças. Ratificado o tratado, Manila conquistada e garantidos os nossos espectros, Aguinaldo se tornou inútil, bem como os donos do arquipélago. Forçamos uma guerra e desde então estamos caçando o antigo hóspede e aliado dos Estados Unidos por florestas e pântanos.

Neste ponto da história, seria bom vangloriarmo-nos de nossa guerra e de nossos heroísmos no campo de batalha, para tornar nossos feitos tão belos quanto os dos ingleses na África do Sul; mas acredito que não seja aconselhável exagerar nessa ênfase. É preciso cautela. Evidentemente será necessário ler para o homem os telegramas de guerra, para manter a franqueza do nosso relato; mas seria bom que lhes déssemos um tom bem-humorado, que deverá aliviar um pouco a sua eloquência soturna e as exhibições indiscretas de sangrenta exaltação. Antes de ler para ele os títulos destes despachos de 18 de novembro de 1900, seria bom ensaiar sua leitura, para colocar neles o tom correto de leveza e graça:

ADMINISTRAÇÃO ESGOTADA PELO PROLONGAMENTO DAS HOSTILIDADES!
GUERRA DE VERDADE ESPERA OS REBELDES FILIPINOS!
ADOTADO O PLANO KITCHENER!¹¹

Kitchener sabe bem como tratar essa gente desagradável que luta por seus lares e liberdades, e é preciso deixar vaziar que estamos apenas imitando Kitchener, e que não temos interesse nacional na questão,

11. Militar inglês, foi comandante em chefe das tropas inglesas durante a Guerra dos Bóeres. Entre suas táticas estava o incêndio de fazendas e a transferência de mulheres e filhos dos bóeres para campos de concentração infectados. (N. T.)

além de granjear a admiração da Grande Família de Nações, em cuja augusta companhia o Mestre do Jogo adquiriu para nós um lugar na última fila.

É claro que não podemos esquecer os relatórios do general McArthur – oh! Por que essas coisas embaraçosas sempre são publicadas? – e deixar escorrer da língua, *en passant*, e assumir os riscos:

Durante os dez últimos meses, nossas perdas montaram a 268 mortos e 750 feridos; as perdas filipinas, 3.226 mortos, e 694 feridos.

Temos de estar preparados para segurar aquele que vive nas trevas, pois é provável que ele desmaie diante dessa confissão, dizendo: “Meu Deus, aqueles ‘negros’ cuidam dos prisioneiros feridos e os americanos os massacram!”.

Ele deverá ser reanimado, convencido, mimado, e devemos assegurar a ele que os caminhos da Providência são os melhores, e que não ficaria bem para nós proclamar os defeitos deles; e então, para demonstrar que somos apenas imitadores, não os inventores, é preciso ler para ele este trecho da carta de um soldado americano para a mãe, publicada no *Public Opinion* de Decorah, Iowa, em que ele descreve o fim de uma batalha vitoriosa:

“NÃO SOBROU NENHUM VIVO. SE ALGUM ESTAVA FERIDO, A GENTE LHE ENFIAVA A BAIONETA”.

Depois de relatar para aquele que vive nas trevas os fatos históricos, é preciso reanimá-lo mais uma vez e explicá-los a ele. Devemos dizer-lhe:

Parece mentira, mas na realidade não é. Pode ter havido mentiras, é verdade, mas foram contadas por uma boa causa. Fomos traiçoeiros, mas foi apenas para que o bem emergisse do mal aparente. É verdade que esmagamos um povo iludido e confiante; atacamos os fracos e sem amigos que confiavam em nós; destruimos uma república ordeira, justa

e inteligente; apunhalamos um aliado pelas costas e esbofeteamos o rosto de nosso hóspede; compramos uma mentira de um inimigo que nada tinha para vender; roubamos a terra e a liberdade de um amigo confiante; convidamos nossos jovens a apoiar no ombro um fuzil desacreditado e os obrigamos a fazer o trabalho que geralmente é feito por bandidos, sob a proteção da uma bandeira que os bandidos aprenderam a temer, não a seguir; corrompemos a honra americana e maculamos seu rosto perante o mundo, mas cada detalhe visava o bem. Disso temos certeza. Todo chefe de Estado e soberano em toda a cristandade, 90% de todos os corpos legislativos da cristandade, inclusive o nosso Congresso e as assembléias legislativas de 50 estados são membros não apenas da igreja, mas também da Companhia Bênçãos da Civilização. Esta acumulação mundial de moral treinada, de altos princípios e de justiça, não tem capacidade de cometer um único erro, de realizar um ato injusto, uma única coisa não-generosa, uma única coisa que não seja imaculada. Ela sabe do que se trata. Não se apoquente; está tudo bem.

Ora, basta isso para convencer um homem. Os senhores verão. Isto há de recuperar os negócios. Será também suficiente para eleger o Mestre do Jogo para o lugar vago na Trindade de nossos deuses nacionais; e lá, do alto de seus tronos, os três hão de se sentar, era após era, às vistas do povo, cada um trazendo o emblema de seu serviço: Washington, a espada do libertador; Lincoln, as correntes partidas dos escravos; o Mestre, as correntes restauradas.

Tudo isto há de dar um forte impulso aos negócios. Os senhores verão.

Tudo agora é prosperidade; tudo está como sempre quisemos que estivesse. Temos o arquipélago e nunca o perderemos. Temos também razões para esperar que em breve teremos uma oportunidade de nos livrar do contrato congressional com Cuba e de oferecer a ela algo melhor. É um país rico, e muitos de nós já começam a perceber que aquele contrato foi um erro sentimental. Mas é agora – exatamente agora – o momento de iniciar o lucrativo trabalho de reabilitação – trabalho que vai nos enriquecer, facilitar nossa vida e acabar com os

boatos. Não podemos esconder de nós mesmos que, no íntimo, nossa farda nos preocupa. É um de nossos orgulhos; está acostumada à honra, aos grandes e nobres feitos e, assim, vê-la envolvida nessa atividade nos desagrada. E nossa bandeira – outro de nossos orgulhos, o principal! Nós a adoramos tanto; e depois de vê-la em terras distantes, vê-la inesperadamente em céus estranhos, ondulando a nos saudar e bendizer, prendemos a respiração, descobrimos a cabeça e ficamos sem fala durante um momento, a pensar no que ela era para nós e nos grandes ideais que representava. É verdade. É preciso resolver essas dificuldades; não podemos manter nossa bandeira no estrangeiro, nem a nossa farda. Elas já não são necessárias lá; vamos trabalhar de outra forma. No que se refere à farda, a Inglaterra já achou uma solução; logo, nós também encontraremos. Teremos de enviar soldados – é inevitável –, mas é possível disfarçá-los. É o que a Inglaterra está fazendo na África do Sul. Até mesmo o Sr. Chamberlain se orgulha do honroso uniforme da Inglaterra; então o exército que está lá usa um disfarce feio e odioso, feito de um tecido amarelo igual ao material das bandeiras de quarentena que são usadas para afastar os sãos das doenças imundas e da morte repulsiva. É um tecido chamado Kakhi. Poderíamos adotá-lo. É leve, confortável, grotesco e engana o inimigo, que não consegue imaginar que um soldado se oculte dentro dele.

Quanto à bandeira da província filipina, é um problema de fácil solução. Faremos uma bandeira especial – como já fazem os estados: será igual à nossa bandeira, com as listas brancas tingidas de preto e as estrelas substituídas pelo crânio e as tíbias cruzadas.

E lá não vamos precisar de uma comissão civil. Como não tem poderes, ela terá de inventá-los, e esse tipo de trabalho não é para qualquer um; é preciso um especialista. Mas não necessariamente o Sr. Croker. Não queremos os Estados Unidos representados lá, somente o jogo.

Com os reparos sugeridos, progresso e civilização terão um *boom* naquele país capaz de absorver todos aqueles que vivem nas trevas, e poderemos retomar o ritmo normal dos negócios.

OS ESTADOS UNIDOS DO LINCHAMENTO¹²

A palavra “linchamento” remete à história da prática de uma execução coletiva e sumária de um suspeito sem existência de prova ou realização de julgamento. Significativamente, a origem dessa prática nos Estados Unidos liga-se ao Sul daquele país – precisamente a mesma região em que os linchamentos se disseminaram logo após o final da Guerra de Secessão, em 1865, quando teve início o período de Reconstrução, com a divisão do conjunto dos estados do Sul em cinco regiões administrativas mantidas sob ocupação por parte do governo da União, num processo que se estendeu até 1877.

O termo “linchamento” surgiu a partir de um documento datado de Pittsylvania, na Virginia, em 22 de setembro de 1780, quando um grupo de habitantes locais, liderados pelo capitão William Lynch, firmou publicamente sua intenção de punir os suspeitos por atos “fora da lei” mediante a aplicação de formas de justicamento proporcionais ao delito de que fossem acusados. O termo, derivado do sobrenome do capitão Lynch, associa-se geralmente ao enforcamento, mas muitas vezes outras formas de execução são aplicadas.

O artigo de Mark Twain foi elaborado a partir de um caso de linchamento múltiplo ocorrido no estado natal do escritor, Missouri, onde três negros foram linchados, cinco famílias negras tiveram suas casas queimadas e outras 30 foram expulsas para o mato após o misterioso assassinato de uma jovem branca em Pierce City.

O episódio dá a Twain a oportunidade de analisar e discutir a prática então cada vez mais generalizada do linchamento como fenôme-

12. No original, “The United States of Lynchendom”, Twain utiliza um neologismo intraduzível por meio da palavra “lyncherdom”, composta de *lyncher* (linchador) e do sufixo *dom*, que forma substantivos abstratos.

no nacional. O texto, impregnado de sincero empenho humanista, deixa ao leitor a impressão incômoda de que a acuidade da percepção crítica de Twain se atenua quando, diante das questões internas, entra em cena sua tendência natural de reverenciar a nação como instância supostamente portadora de um cerne ético e democrático a ser preservado. É significativo, assim, o fato de o ponto de partida do texto ser precisamente a lamentação pelo fato de o linchamento ocorrido, o primeiro verificado em Missouri, representar uma “nódoa” no nome até então ilibado dos missourianos. A ingenuidade ufanista da expressão usada (“E assim caiu o Missouri, o grande estado!”) associa-se à apreensão diante do que lhe parece ser o possível desdobramento do episódio: a ocorrência de outros atos semelhantes, desencadeados por meio de procedimento imitativo e de covardia moral, considerada inerente ao ser humano. Ao enfatizar a conspiração moral das comunidades associadas à ocorrência, Twain parece, ainda que involuntária e inconscientemente, conferir-lhe maior peso do que ao ato de violência, arbitrariedade e aviltamento sofrido pelas vítimas. Twain demonstra aqui, como em outros textos, acreditar na existência de formas modelares de conduta, capazes de suscitar a transformação social mediante um processo imitativo de procedimento. Isto ocorre, por exemplo, quando convoca ironicamente a presença dos missionários (reiterando nas entrelinhas sua crítica à atuação missionária na China) ou quando defende a presença de homens de coragem, capazes de fomentar a transformação da consciência coletiva. A crença em tal modelo explícita, de forma clara, a natureza racionalista e iluminista do pensamento de Twain, mostrado aqui por prisma diverso do que se evidencia quando trata diretamente das questões ligadas ao antiimperialismo.

I

E assim caiu o Missouri, o grande estado! Alguns de seus filhos se juntaram aos linchadores e a nódoa cai sobre todos nós. Aquele pu-

nhado de filhos nos deram um caráter e nos rotularam com um nome e agora, para os habitantes dos quatro cantos do mundo, somos os “linchadores”, e sempre seremos. Pois o mundo não pára e pensa – não é assim que ele faz; o que costuma fazer é generalizar a partir de uma única amostra. O mundo não diz: “Aquele povo do Missouri passou 80 anos construindo seu bom nome; os cem linchadores naquele canto do estado não são missourianos verdadeiros, são renegados”. Não, o mundo não vai aceitar a verdade; vai generalizar a partir de uma ou duas amostras enganosas, e dirá: “Os missourianos são linchadores”. O mundo não reflete, não tem lógica nem senso de proporção. Para ele, os números nada significam; para ele, os números nada revelam, ele é incapaz de pensar racionalmente com números; ele é capaz de dizer, por exemplo, que a China está sendo rápida e seguramente cristianizada, pois nove chineses são convertidos a cada dia; mas desconsidera o fato de que 33 mil pagãos nascem a cada dia, o que prejudica o primeiro argumento. O mundo vai dizer: “Há cem linchadores lá, portanto os missourianos são linchadores”; o fato significativo de existirem 2,5 milhões de missourianos que não são linchadores não altera o veredicto.

II

Oh, Missouri!

A tragédia aconteceu perto de Pierce City, no canto sudoeste do estado. Numa tarde de domingo uma jovem branca que havia saído sozinha da igreja foi encontrada assassinada. Pois lá existem igrejas; no meu tempo, a religião era mais geral, mais difusa no Sul do que no Norte, e acho que também mais viril e séria; tenho razões para crer que ainda é assim. A jovem foi encontrada assassinada. Apesar de ser uma região de igrejas e escolas, o povo se levantou e linchou três negros, dois deles bem velhos, queimou cinco casas de negros e expulsou 30 famílias de negros para o mato.

Não quero me deter na provocação que levou aquelas pessoas a cometer aqueles crimes, pois nada tem a ver com a questão; a única

pergunta é: o assassino *pode tomar a lei nas próprias mãos*? É muito simples e justo. Provar que o assassino usurpou a prerrogativa da lei ao punir quem cometeu um crime decide a questão; nem mil provocações são uma justificativa aceitável. O povo de Pierce City sofreu uma amarga provocação; de fato, alguns detalhes indicam que foi a mais amarga das provocações, mas isso não exclui o fato de terem tomado a lei nas próprias mãos, quando, de acordo com seus próprios estatutos, a vítima teria sido enforcada se a lei tivesse seguido seu curso, pois há muito poucos negros naquela região, sem autoridade, incapazes de influenciar qualquer júri.

Por que, em diversas partes do país, o linchamento, com vários acompanhamentos bárbaros, se tornou um dos reguladores favoritos nos casos do “crime de sempre”? Seria porque os homens pensam que uma punição exagerada e terrível é uma lição mais dramática e uma repressão mais eficaz do que o enforcamento sóbrio e sem cor executado discretamente na prisão? É claro que homens são não pensam assim. Até uma criança entende. É preciso entender que qualquer acontecimento estranho e muito comentado sempre é seguido de imitações, pois o mundo tem um estoque muito grande de gente excitável que só precisa de um pequeno incentivo para perder o pouco discernimento que ainda tinha e fazer coisas enlouquecidas, que jamais faria em circunstâncias normais. É preciso entender que quando um homem salta da ponte de Brooklin outro há fatalmente de imitá-lo; que, se uma pessoa se aventura a cair nas cataratas do Niágara dentro de um barril, outra vai imitá-la; que todo Jack Estripador que ganha notoriedade por assassinar mulheres em becos escuros há de ser imitado; que quando alguém tenta assassinar um rei e os jornais espalham a notícia pelo mundo surgirão regicidas por toda parte. Uma criança já deve saber que uma violência e um assassinato cometidos por um negro vão alterar os intelectos perturbados de muitos outros negros e produzir exatamente as tragédias que a comunidade tenta evitar; que cada um desses crimes produz outra série deles, e aumenta, ano a ano, o número dessas tragédias, ao invés de reduzi-lo; que os linchadores são os maiores inimigos das mulheres. Uma criança deve

também saber que um linchamento muito comentado há de infalivelmente gerar outros linchamentos aqui e ali e que, com o passar do tempo, se desenvolve uma mania, uma moda; uma moda que, ano a ano, se espalha mais, tomando um estado depois do outro, como uma epidemia. A prática do linchamento já chegou ao Colorado, já chegou à Califórnia, já chegou a Indiana, e agora chega ao Missouri! É possível que eu ainda chegue a ver um negro ser queimado na Union Square, Nova York, na presença de 50 mil pessoas e nenhum delegado à vista, nenhum governador, nenhum policial, nenhum coronel, nenhum religioso, nenhum representante da lei e da ordem.

Aumento de linchamentos – Em 1900 ocorreram oito casos a mais que em 1899, e é possível que este ano haja mais do que aconteceram no ano passado. Passada pouco mais da metade do ano, e já temos 88 casos, contra 115 ocorridos durante todo o ano passado. Os quatro estados do Sul, Alabama, Geórgia, Louisiana e Mississípi, são os maiores linchadores. No ano passado houve oito casos no Alabama, 16 na Geórgia, 20 na Louisiana e 20 no Mississípi – mais da metade do total. Neste ano, até hoje já aconteceram nove no Alabama, 12 na Geórgia, 11 na Louisiana e 13 no Mississípi – mais da metade do número total do país inteiro. – *Chicago Tribune*.

Talvez o aumento seja resultado do instinto humano inato de imitação; isso e a fraqueza mais comum do homem, sua aversão a ser notoriamente conspícuo, apontado, evitado como um dos elementos do grupo impopular. O outro nome desta fraqueza é covardia moral, e ela é a principal característica de 9.999 homens em 10 mil. Não apresento esses números como uma descoberta; no íntimo o mais imbecil dentre nós sabe que eles são verdadeiros. A história não nos deixa esquecer nem ignorar este traço supremo do nosso caráter. Ela sempre nos faz lembrar de que desde o começo do mundo toda revolta contra a infâmia ou opressão pública sempre começou pelo único homem de coragem que havia no meio dos 10 mil, enquanto o resto esperava timidamente, e só decidiu se unir a esse homem e aos seus compa-

nheiros dos outros grupos de 10 mil depois de muita hesitação e relutância. Os abolicionistas ainda se lembram. No íntimo, o sentimento público os apoiava desde o início, mas cada um tinha medo de falar enquanto não percebesse um sinal de que seu vizinho no íntimo pensava como ele. Depois veio a explosão. É o que sempre acontece. É o que vai acontecer um dia em Nova York, e até na Pensilvânia.

Já se supôs – e falou – que as pessoas que assistem a um linchamento gostam do espetáculo e aproveitam a oportunidade de ver um. Não pode ser verdade; toda a nossa experiência contraria esta afirmação. O povo do Sul é feito do mesmo material e na mesma forma que o povo do Norte, cuja vasta maioria é boa, tem bom coração e sofreria cruelmente diante de semelhante espetáculo, mas compareceria e fingiria gostar se sentisse necessidade da aprovação pública. É assim que somos feitos, não há como evitar. Outros animais não são assim, mas também não há como evitar. Eles carecem do senso moral; nós não podemos trocar o nosso por um vintém, ou por qualquer outra coisa que valha um pouco mais. O senso moral nos ensina o que é certo e como evitá-lo quando não for popular.

Há quem pense, como já afirmei, que a turba linchadora gosta do linchamento. Isso é evidentemente falso; não é possível acreditar que seja verdade. Já se afirmou livremente, e foi publicado muitas vezes nos últimos tempos, que o impulso de linchar tem sido mal interpretado, que ele não resulta de um impulso de vingança, mas de “uma necessidade atroz de *ver o sofrimento humano*”. Se fosse verdade, as multidões que acompanharam o incêndio do Windsor Hotel estariam se divertindo com os horrores que se passavam diante de seus olhos. Mas ninguém pensa isso daquelas pessoas, ninguém será capaz de lançar tal acusação. Muitos arriscaram a vida para tentar salvar homens e mulheres em perigo. E por que o fizeram? Porque ninguém desaprovava. Não havia restrição; eles podiam obedecer ao seu instinto natural. Por que uma multidão igual, no Texas, no Colorado ou em Indiana, com o coração partido e infeliz, pára e assiste, fingindo por todos os sinais externos que gosta de assistir a um linchamento? Por que não ergue um dedo nem dá um grito de protesto? Acho que é por pensar

que seria impopular; cada um tem medo da desaprovação do vizinho, o que é geralmente mais temido que ferimentos e morte. Quando há um linchamento as pessoas vêm de longe assistir, trazendo mulheres e filhos. Será que querem mesmo assistir? Não, eles só vêm porque têm medo de ficar em casa e por isso serem alvo de comentários ofensivos. Pode-se acreditar que seja esta a razão, pois sabemos todos o que *cada um de nós* sente diante desses espetáculos e como reagiríamos diante de tal pressão. Não somos melhores nem mais corajosos que ninguém, e deste fato não há como fugir.

Um Savonarola¹³ domina e dispersa uma turba de linchadores com um simples olhar; o mesmo se pode dizer de um Merrill ou de um Beloat¹⁴. Pois nenhuma turba prevalece diante de um homem conhecido pela coragem. Ademais, uma turba prefere ser dispersada, pois não há dentro dela nem dez homens que não gostariam de estar em outro lugar – e estariam se tivessem a coragem de ir. Quando era menino, vi um homem corajoso insultar e zombar de uma turba e dispersá-la; mais tarde, em Nevada, vi um bandido obrigar 200 homens a ficarem sentados enquanto a casa se incendiava, e saírem apenas depois de receber permissão dele. Um homem de coragem é capaz de assaltar sozinho um trem de passageiros, e a metade de um homem de coragem é capaz de assaltar uma diligência e roubar de todos os passageiros.

Então talvez o remédio para os linchamentos seja este: colocar um homem de coragem em toda comunidade afetada com a tarefa de incentivar, apoiar e trazer à luz a profunda condenação ao linchamento que se oculta no íntimo do coração, pois ela está lá, disso não há dúvida. Então aquelas comunidades hão de descobrir coisa melhor a

13. Girolamo Savonarola, 1452-1498. Frei dominicano do período da Reforma. Sua cruzada contra a corrupção política e religiosa assegurou-lhe grande popularidade. Em 1494 liderou uma revolta em Florença expulsando a família Médici, detentora do poder político da cidade, e estabelecendo uma república. As denúncias que fez contra o papa Alexandre VI (Rodrigo Borgia), acusando-o de corrupção, provocaram sua excomunhão, em 1497. No ano seguinte ele foi preso, torturado e queimado sob a acusação de heresia.

14. Merrill, xerife do condado de Carroll, na Geórgia; Beloat, xerife de Princeton, Indiana. Pelo poder de uma indiscutível reputação de coragem e sangue-frio, os dois enfrentaram multidões de linchadores e foram vitoriosos.

imitar, pois, sendo humanas, elas não de forçosamente imitar alguma coisa. E onde se encontrarão esses homens de coragem? Eis a dificuldade; não devem existir na Terra nem 300 dessas pessoas. Se a coragem *física* fosse suficiente, seria mais fácil; poderiam ser encontrados no atacado. Quando Hobson¹⁵ pediu sete voluntários que o acompanhassem até o que parecia ser a morte certa, 4.000 homens responderam, na verdade toda a frota. A razão é que *o mundo inteiro aprovaria*. E eles sabiam; mas se o projeto de Hobson resultasse no desprezo de amigos e conhecidos cuja aprovação os marinheiros valorizavam, nem os sete voluntários pedidos teriam se apresentado.

Não, pensando bem, esta solução não funciona. Não existem tantos homens moralmente corajosos à mão. Falta-nos o material da coragem moral; nossa condição é de profunda pobreza. Temos os dois xerifes do Sul, mas isso não é o suficiente para continuar; os dois têm que ficar e zelar por suas próprias comunidades.

Mas se fosse possível encontrar mais três ou quatro xerifes do mesmo estofo! Seria uma solução? Acredito que sim. Pois somos todos imitadores: surgiriam outros xerifes corajosos; ser um xerife destemido passaria a ser uma marca da única coisa correta e a temida desaprovação caberia à outra espécie; a coragem passaria a ser a norma nesse ofício, a falta dela uma desonra, assim como a coragem logo substituiu a timidez do soldado novo; então desapareceriam as hordas e os linchamentos, e...

Mas isso não pode começar sem iniciadores, e onde podemos encontrá-los? Propaganda? Então vamos anunciar.

Mas, enquanto esperamos, há ainda um outro plano. Vamos importar missionários americanos da China e mandá-los para os cam-

15. O assistente naval construtor Richmond Pearson Hobson (1870-1937) foi um dos chamados heróis da Guerra Hispano-Americana, na qual sua fama só foi ultrapassada pela de Theodore Roosevelt e pela do comodoro George Dewey. Sua popularidade veio da tentativa que fez de bloquear o porto de Santiago de Cuba afundando deliberadamente o carvoeiro Merrimac à sua entrada, com a intenção de assim encurralar a frota espanhola no porto. A missão, considerada suicida, foi realizada com uma tripulação de sete voluntários e resultou num grande fracasso: o Merrimac teve seu leme avariado e, danificado sob o fogo inimigo, afundou, sem porém bloquear o canal, como pretendia Hobson. Capturado juntamente com seus companheiros, Hobson foi por fim trocado por reféns e tornou-se uma celebridade nacional.

pos de linchamento. Há 1.511 deles, e se cada um converter dois chineses por ano contra uma taxa de nascimentos de 33 mil pagãos por dia serão necessários mais de 1 milhão de anos para que as conversões compensem os nascimentos de novos pagãos e a cristianização do país passe a ser uma esperança real; portanto, se podemos oferecer aos missionários um campo rico de oportunidades aqui mesmo, a menores custos e bastante satisfatórios no que se refere ao perigo, por que eles se recusariam a voltar e tentar? Os chineses são universalmente considerados um povo excelente, honesto, honrado, industrioso, confiável, generoso; é melhor deixá-los em paz, eles estão muito bem como estão e, ademais, praticamente todo convertido corre o risco de contrair a nossa civilização. É preciso cuidado. É preciso pensar duas vezes antes de incentivar um risco como esse, pois, *uma vez civilizada, a China jamais voltará a ser incivilizada*. Ninguém ainda pensou nisso. Devemos agora considerar essa possibilidade. Nossos missionários verão que temos um grande campo para eles, e não somente para os 1.511, mas para 15.011. Vamos ouvir o que dirão quando lerem o telegrama abaixo, e saber se existe na China algo mais apetitoso. Vem do Texas:

O negro foi levado até uma árvore e balançou no ar. Madeira e capim foram empilhados sob o corpo e acenderam o fogo. Então alguém sugeriu que o homem não deveria morrer tão depressa, e ele foi baixado e um grupo foi até Dexter, a cerca de três quilômetros, para buscar querosene, que foi atirado nas chamas e se completou o trabalho.

Temos que lhes implorar que voltem e nos ajudem nessa hora de necessidade. O patriotismo lhes impõe este dever. Nosso país está em situação pior que a da China; eles são nossos compatriotas, a pátria suplica sua ajuda nesta hora de profunda aflição. São competentes, nosso povo não. Estão acostumados a zombarias, chacotas, insultos e perigo; nosso povo não. Têm o espírito do mártir; ninguém que não tenha o espírito do mártir será capaz de enfrentar uma horda de linchadores, intimidá-la e dispersá-la. Eles têm capacidade de salvar este país, temos de implorar que voltem e o salvem. Vamos pedir a eles

que leiam outra vez aquele telegrama, o leiam ainda mais uma vez, imaginem a cena e a avaliem sobriamente; depois multipliquem por 115 e somem 88; ponham os 203 numa fila, com uma distância de 200 metros entre as tochas humanas, deixando bastante espaço em volta para 5 mil cristãos americanos, homens, mulheres e crianças, jovens e donzelas poderem assistir; tudo isso deve ser feito à noite, para aumentar o efeito hediondo; montem o espetáculo num terreno em leve aclive, as tochas subindo até o alto; assim a vista poderá abranger toda a fila de 38,6 quilômetros de tochas de carne e osso, ao passo que se fosse num terreno plano a fila desapareceria por causa da curvatura da Terra. Tudo pronto, escuridão absoluta, o silêncio impressionante, pois não deve haver um único som além do murmúrio suave da brisa noturna e os soluços abafados dos sacrificados, que se acendam ao mesmo tempo as piras da longa linha, e o brilho e os gritos e as agonias subam em direção ao céu até o Trono.

Há mais de 1 milhão de pessoas presentes; a luz das tochas delinea as torres de 5 mil igrejas. Caridoso missionário, saia da China! Volte para casa e converta esses cristãos!

Acredito que se alguma coisa tem capacidade de cortar essa epidemia de loucura sangrenta há de ser a personalidade marcial que consegue enfrentar as hordas sem hesitar; e como essas personalidades são formadas na familiaridade com o perigo, e pelo treinamento e pelo amadurecimento que vêm da resistência a ele, o lugar mais provável de encontrá-las será entre os missionários que estão na China há um ou dois anos. Há trabalho suficiente para todos eles e para outras centenas ou milhares deles, o campo é crescente e está em expansão. Seremos capazes de encontrá-los? Devemos tentar. Em meio a 75 milhões há de existir outros Merrills e outros Beloats, e a lei de nossa raça diz que cada exemplo há de acordar e trazer para a linha de frente os cavaleiros adormecidos que existem entre nós.

PATRIOTISMO MONÁRQUICO E REPUBLICANO

(c. 1905 -1908)

Neste pequeno texto, extraído das páginas finais do caderno de anotações referentes ao período 1905-1908, Twain retoma a idéia de que há dois tipos de patriotismo: um monárquico, de caráter servil, que postula o apoio incondicional à pátria (“nossa pátria, certa ou errada”), e outro republicano, baseado no princípio do livre pensamento, que pressupõe o direito de oposição por parte do indivíduo. Este último é o tipo de patriotismo exercido por todos os que postulam a causa antiimperialista e associa-se, para Mark Twain, a um conjunto de valores ligados ao direito de livre manifestação, opondo-se, se necessário, à própria bandeira. Pode-se notar aqui, conforme apontamos na “Introdução”, a associação feita por Mark Twain entre a nação norte-americana e os ideais republicanos de liberdade democrática, incompatíveis com o imperialismo.

No início, o patriota é apenas um rebelde.

No início de uma mudança, o patriota é um homem raro, ousado, odiado, desprezado. Quando sua causa é vitoriosa, os tímidos se unem a ele, pois então ser patriota já não custa nada. A alma e a substância do que geralmente se chama patriotismo é a covardia moral, e sempre foi.

Em qualquer crise cívica grave e perigosa, o rebanho não se preocupa com os erros e acertos da questão, anseia apenas por ficar do lado vencedor.

No Norte, antes da guerra, o homem que se opusesse à escravidão era desprezado, colocado no ostracismo e insultado. Pelos “patriotas”. Então, pouco a pouco, os “patriotas” foram se passando para o lado dele, e então patriota era quem adotava atitude igual à dele.

Há duas espécies de patriotismo – o monárquico e o republicano. No primeiro caso, o governo e o rei fornecem a você suas próprias noções de patriotismo; no segundo, nem o governo, nem a nação inteira tem o privilégio de ditar a qualquer indivíduo que forma terá o seu patriotismo. O dogma do patriotismo monárquico é: “O rei não erra”. Nós o adotamos com todo o seu servilismo, com uma insignificante mudança de palavras: “Nossa pátria, certa *ou* errada!”. Atiramos fora o nosso bem mais valioso – o direito do indivíduo de se opor tanto à bandeira como ao país quando ele (apenas ele, e mais ninguém) acredita que os dois estejam errados. Jogamos fora, e com ele tudo o que havia de respeitável nessa palavra grotesca e ridícula, patriotismo.

PROGRESSO MATERIAL E A GANA DO DINHEIRO: CARTA A JOSEPH H. TWITCHELL

(14 de março de 1905)

Nesta carta dirigida a seu amigo, o reverendo Joseph Twitchell, Twain aborda a questão do imperialismo a partir do prisma ético, discutindo o conceito de progresso num contexto em que o valor máximo é o do dinheiro. A idéia de uma marcha evolutiva da humanidade na direção do progresso técnico e ético é diretamente questionada à luz de fatos então recentes, como a omissão da Inglaterra diante da Guerra dos Bôeres, a atuação dos norte-americanos na Guerra das Filipinas e a posição da Rússia diante da guerra com o Japão.

Estabelecendo uma distinção entre o progresso das materialidades e o progresso da virtude, Twain discute a questão da honestidade diante do dever e faz restrições severas à idéia de que o progresso tenha efetivamente se apresentado fora da esfera material, exceção feita à reduzida parcela de “10% da cristandade”. O uso da ironia, recurso tão caro ao escritor, permite-lhe tomar o pretexto da missiva ao amigo reverendo como forma de passar à discussão das questões da conjuntura política e dos valores religiosos. Twain critica a crença de que tudo no plano humano – o progresso material inclusive – se faz em consonância com a vontade de um ser superior, ilação que permite, nesse momento, que se incorra no erro de considerar a apropriação imperialista exercida pelos Estados Unidos uma parte desse processo supostamente evolutivo.

As palavras de Twain no início da carta permitem inferir-se, ainda, uma diferente visão do conceito de honestidade para Twitchell (que julga honestos os fazendeiros e os senadores norte-americanos em questões de dinheiro) e para Twain (que considera crucial a noção de honestidade diante do dever, associada ao posicionamento de resistência e luta contra o imperialismo).

Meu caro Joe,

Conheço um ditado de cabeça oca: “Um homem que é pessimista antes dos 48 sabe muito; se é otimista depois, sabe muito pouco”.

Portanto, fico muito feliz ao refletir que sou uma pessoa melhor e mais sábia que você. Ouvi dizer, Joe, que você agora trabalha “no atacado”; “no atacado” os fazendeiros e senadores americanos são “honestos”. Isso se refere a vendas por *dinheiro*? Quem duvida? Seria esta a única medida de honestidade? Não é verdade que existem dezenas de tipos de honestidade que não podem ser medidas pelo padrão do dinheiro? Traição é traição – e há mais de uma forma de traição; a forma dinheiro é apenas uma delas. Uma pessoa que não é leal a um dever confesso é simplesmente desonesta e sabe disso; sabe, e sabê-lo a perturba intimamente, e ela não se orgulha de si própria. Julgado por esse padrão – e quem discorda de sua validade? –, não existe um único homem honesto em Connecticut, nem no Senado, nem em lugar nenhum. E neste caso nem a mim eu faço exceção.

Será verdade que o estou condenando e ao resto do populacho? *Não* – asseguro-lhe que não estou. Pois conheço as limitações da raça humana, e isso me obriga – prazerosa obrigação – a ser justo com ela. Toda pessoa nela incluída é honesta de uma ou de várias formas, mas nenhum de seus membros é honesto de todas as formas exigidas – exigidas por quê? *Por seu próprio padrão*. Fora essa, da forma como eu entendo, não existe para ela outra obrigação.

E eu sou honesto? Dou-lhe minha palavra de honra (particular) de que não sou. Há sete anos venho adiando um livro que minha consciência me obriga a publicar. Considero meu dever publicá-lo. Há outras dificuldades que sou capaz de enfrentar, mas não enfrento essa. É verdade, até eu sou desonesto. Não de muitas formas, mas de algumas. Acho que são 41. Somos todos honestos de uma ou de muitas formas – todos os homens no mundo –, embora eu às vezes tenha a impressão de ser o único que tem uma lista negra tão curta. Às vezes me sinto isolado nessa altaneira solidão.

Ah, é verdade, não estou esquecendo o “progresso constante, de era para era, da vinda do reino de Deus e da virtude”. “De era para era” – é verdade, é uma boa descrição daquele passo enlouquecido. Eu (acredito que nem as Montanhas Rochosas) não estarei aqui para testemunhar sua chegada, mas está tudo bem – ele há de chegar, com toda certeza. Mas você não pode ficar ironicamente se desculpando em nome da Deidade. Se o progresso há de chegar, deve-se inferir que Ele quer que chegue; portanto não é generoso de sua parte, e eu me ofendo ao ver você lançar sarcasmos sobre o seu passo. Ainda assim eu não seria justo se não reconhecesse que os sarcasmos são merecidos. Quando a Deidade quer uma coisa e, depois de ter trabalhado por essa coisa durante “eras e eras”, não é capaz de mostrar progresso ínfimo visando sua realização é... Bem, a gente não ri, mas somente por não ter coragem. A fonte da “virtude” é o coração? É. E movida e dirigida pelo cérebro? É. A história e a tradição confirmam que o coração é mais ou menos o que era no início; não houve nem mesmo a sombra de uma mudança. Seus impulsos bons e maus e suas conseqüências são hoje os mesmos que havia nos antigos tempos da Bíblia, nos tempos do Egito, nos tempos dos gregos, na Idade Média e no século XX. Não houve mudanças.

Enquanto isso, o cérebro não sofreu mudança alguma. É o que sempre foi. Existem alguns bons cérebros e uma multidão de fracos. Foi assim nos tempos bíblicos e em todos os outros tempos – gregos, romanos, medievais e no século XX. Entre os selvagens – todos os selvagens – o cérebro médio é tão competente quanto o cérebro médio aqui e em todo lugar. Um dia eu o provo a você. E também há entre eles grandes cérebros. Eu provo isso também, se você quiser.

Bem, o século XIX trouxe progresso – o primeiro progresso depois de “eras e eras” –, um progresso colossal. Em quê? Materialidades. Fizeram-se aquisições maravilhosas em coisas que aumentam o conforto de muitos e tornam mais difícil a vida de outros tantos. Mas e o aumento da virtude? É possível descobri-lo? Acho que não. As materialidades não foram inventadas em benefício da virtude; imagino que seja muito difícil demonstrar que por causa das materialidades

hoje exista mais virtude que antes. Na Europa e nos Estados Unidos há uma grande mudança de ideais (devida a elas) – você se admira? Toda a Europa e os Estados Unidos inteiros lutam febrilmente por dinheiro. O dinheiro é o ideal supremo – todos os outros ficam relegados ao décimo lugar para o grosso das nações conhecidas. A febre do dinheiro sempre existiu, mas na história do mundo ela não foi a loucura em que se transformou no seu tempo e no meu. Esta loucura corrompeu essas nações; tornou-as duras, sórdidas, cruéis, desonestas, opressivas.

A Inglaterra se ergueu contra a infâmia que foi a Guerra dos Bôeres? Não – ergueu-se a favor dela. Os americanos se levantaram contra a infâmia da Guerra das Filipinas? Não – levantaram-se a favor dela. A Rússia se levantou contra a infâmia da guerra atual? Não – continuou sentada e nada disse. E o Reino de Deus avançou na Rússia desde o início dos tempos? Ou na Europa e nos Estados Unidos, considerando o grande passo para trás representado pela febre pelo dinheiro? Ou em qualquer outro lugar? Se houve algum progresso em direção à virtude desde o início da Criação – do que, na minha inabalável honestidade, sou forçado a duvidar –, acredito que devemos limitá-lo a 10% das populações da Cristandade (mas deixando de fora a Rússia, a Espanha e a América do Sul). Isso nos dá 320 milhões dos quais tirar 10%. Ou seja, 32 milhões avançaram para a virtude e o Reino de Deus desde que as “eras e eras” começaram a correr, e Deus lá sentado, admirando. Bem, isso deixa 1 bilhão e 200 milhões fora da corrida. Continuam onde sempre estiveram; não houve mudança.

N.B. Não vou cobrar por essas informações. Mas apareça em breve, Joe.

Do amigo,
Mark.

CARL SCHURZ, PILOTO

(*Harper's Weekly*, Nova York, 26 de maio de 1906)

Mark Twain homenageia neste texto a memória de Carl Schurz, alemão de nascimento e senador pelo Missouri. Os termos da homenagem, ressaltando as qualidades de caráter e a habilidade política de Schurz, permitem ao leitor apreender nas entrelinhas aspectos reveladores da visão que Twain tem da política, assim como de sua autocrítica como pensador e comentarista político.

A analogia que serve de base ao raciocínio desenvolvido é a do político como mestre piloto, à semelhança dos veteranos do Mississípi com quem ele convivera, capazes de determinar qual curso d'água se deveria seguir sem risco. Essa imagem definidora, que serve de parâmetro para o talento político de Schurz, deixa entrever por parte de Twain a valorização das qualidades do político como estrategista e líder, revelando a matriz iluminista e racionalista que se encontra na base de seu pensamento e de seu antiimperialismo.

Sabemos todos que a morte de Carl Schurz é uma perda irreparável para o país; alguns de nós a sentirão como uma perda individual e pessoalmente irreparável. Eu sempre tive confiança suficiente – talvez excessiva – na minha capacidade de buscar sozinho o canal político certo e seguro, e de segui-lo até as águas profundas além do recife sem me encalhar; mas houve ocasiões, ao longo dos últimos 30 anos, em que me faltou confiança – então me lançava na esteira de Carl Schurz, dizendo para os meus botões: “Ele é tão seguro quanto Ben Thornburgh”. Quando eu era um piloto jovem no Mississípi, há mais ou menos meio século, a confraria relacionava entre os mestres três incomparáveis: Horace Bixby, Beck Jolly e Ben Thornburgh. Onde eles

não tinham receio de entrar com o vapor, o resto da guilda entrava sem medo. Mesmo assim ainda havia uma diferença: entre os três, todos preferiam seguir Ben Thornburgh, pois às vezes os outros usavam o gênio nato e uma leitura quase inspirada da água para escolher a passagem mais funda no recife, mas Ben Thornburgh era diferente: se havia dúvidas sérias, ele fazia parar o vapor, assumia a barca de sondagem, sondava várias passagens possíveis e lançava bóias. Se ele não descobrisse uma, ninguém mais descobriria. Era o que eu sentia com relação a ele; e assim, mais de uma vez eu esperei até que ele me indicasse o caminho, então me lançava na esteira de seu vapor e passava pelos destroços de suas bóias a meia força até ouvir o esperado grito de “mark twain”¹⁶ que me informava que eu havia vencido a barra e podia avançar a todo vapor.

Eu tinha a mesma confiança em Carl Schurz como sondador de canais políticos. Confiava em suas qualidades natas para esse ofício: sua honra sem mácula, seu patriotismo inatacável, sua inteligência penetrante; também tinha enorme confiança na sua competência adquirida como sondador de canais. Tinha tanta confiança na sua capacidade de ler corretamente as superfícies políticas quanto na de Bixby de ler os sinais tênues e fugidios sobre a face do Mississípi – a onda bonitinha que escondia um recife mortal, o recife de vento, que nada tinha sob ele, a área de água calma que prometia “quarter-less-twain”¹⁷, mas não oferecia nem 1,8 metro. E, acima de tudo, ele era meu Ben Thornburgh: sempre que ele definia uma nova rota passando por Helena Reach¹⁸ ou por um perplexo Plum Point Bend¹⁹ eu tinha certeza de que ele não se tinha satisfeito apenas com a leitura da água, mas havia lançado a barca de sondagem e marcado com bóias todo o labi-

16. “Twain”, termo técnico de navegação no contexto dos barcos a vapor do Mississípi, correspondia à profundidade de 3,65 metros. O termo “mark twain” indica que o barco pode avançar a pleno vapor e sem risco de encalhar.

17. Quarter less twain: profundidade de 3,2 metros.

18. Helena Reach: cidade na região do rio Mississípi, junto à fronteira do estado do Arkansas, abriga hoje em dia um Cemitério Confederado.

19. Plum Point Bend, próximo a Fort Pillow, no estado do Tennessee, foi cenário de uma importante batalha da guerra civil norte-americana em 1862.

rinto de uma ponta à outra. Então eu me lançava na sua esteira e seguia com toda confiança. Segui e nunca me arrependi.

Tive por ele a mais sincera afeição, estima e admiração durante mais de uma geração. Nem sempre naveguei com ele na política, mas sempre que tinha dúvidas quanto à minha própria competência em escolher o caminho certo toquei duas batidas mais uma (soltar sondas de bombordo e estibordo) e o segui até o fim sem dúvida nem hesitação. Outro dia vou falar de Carl Schurz, o homem e o amigo, mas não agora; agora quero apenas oferecer esta breve palavra de homenagem e reverência, como um aluno agradecido para o mestre que já não existe.

O VERDADEIRO PATRIOTISMO NO TEATRO DAS CRIANÇAS

(20 de novembro de 1907)

O Teatro das Crianças foi um projeto para imigrantes organizado pela Aliança Educacional do Lower East Side, de Manhattan. A entrevista aqui reproduzida foi realizada no dia 20 de novembro de 1907, um dia após a apresentação de uma adaptação de O príncipe e o mendigo. Nela, Twain fala sobre o aspecto que o levou a dar seu apoio ao projeto: a “formação de verdadeiros patriotas”. Criticando o civismo de fachada ensinado nas escolas, Twain enfatiza a necessidade de se promover a defesa da cidadania verdadeira. Isso implica, sob seu ponto de vista, uma visão crítica diante daquilo que é comumente associado à imagem da pátria: a idéia da adesão incondicional e total aos seus pressupostos.

É de se observar seu entusiasmo irrestrito diante da iniciativa da Aliança Educacional. Se por um lado isso corrobora a existência de uma tendência à idealização na discussão do que seria um patriotismo “verdadeiro”, mais próximo da noção de cidadania, ressalta-se, por outro lado, a valorização de um componente crítico inseparável do processo de formação postulado pelo autor.

“Há uma outra questão – talvez a mais importante de todas; é, não tenho dúvidas de que é a mais importante”, continuou lentamente. “Uma questão a que devíamos todos estar atentos – uma questão pela qual os Estados Unidos têm boas razões para se interessar.”

O rosto forte de meu anfitrião assumiu uma expressão séria, pensativa. Estava sentado na cama, as costas retas, e passava as mãos pelo longo cabelo branco. O robe branco de gola virada estava aberto junto ao pescoço. Os travesseiros estavam empilhados atrás dele apoiados

na cabeceira alta de mogno. Ele agora falava mais apaixonadamente do que antes.

“Esta questão da maior importância está relacionada à cidadania.”

Mais uma vez ele fez uma pausa. Depois continuou depressa, excitado:

“Cidadania? Não temos cidadania! Em lugar dela, ensinamos o patriotismo, de que Samuel Johnson dizia, já há 140 ou 150 anos, ser o último refúgio do canalha – e sei que ele estava certo. Lembro-me de que quando era menino ouvi muitas e muitas vezes a frase: ‘Minha Pátria, certa ou errada, minha Pátria!’. Uma idéia absolutamente absurda. Que absurdo ensinar esta idéia à juventude deste país”.

Ele falava calma e decididamente, mas a voz demonstrava a indignação que sentia.

“E parece ser esta a idéia única de patriotismo. Há não muito tempo, vi um grupo de rapazes treinando. Assumiram um ar militar e executaram as evoluções de soldados treinados. Isso deveria lhes ensinar o patriotismo, mas, com nossa idéia de patriotismo, que incentivo tem o jovem para tomar um fuzil e lutar por seu país? Sou capaz de imaginar uma situação – até mesmo na condição de hoje – em que um homem se sentiria obrigado a lutar por seu país. Uma dessas situações poderia ser uma invasão. Neste caso o homem deveria lutar, mas deveria lutar sob protesto, e por esta razão: se este país for invadido, algo de errado ele terá feito contra outro país; um erro como o que os Estados Unidos cometeram ao tomar as Filipinas; uma mancha na nossa bandeira que nunca será apagada. Ainda assim, hoje nas escolas públicas, ensinamos nossas crianças a saudar a bandeira, e é essa a nossa idéia do que seja instilar neles o patriotismo. E esse tal de patriotismo é o que nós confundimos com cidadania; mas, se há uma mancha na nossa bandeira, não se deve mais honrá-la, ainda que seja a nossa bandeira. A verdadeira cidadania consiste em proteger a bandeira da desonra; tornar o emblema de uma nação, conhecido de todas as nações, igualmente verdadeiro, honesto e honrado. E deveríamos esquecer para sempre aquela frase: ‘Minha Pátria, certa ou errada, minha Pátria!’”

Mark Twain tornou a encher cuidadosamente o cachimbo; acendeu um fósforo e puxou uma longa baforada até acender o fumo. O gatinho subiu no seu ombro e passeou familiarmente em volta do pescoço. Durante um instante Mark Twain fumou em silêncio. Depois continuou.

“Pode ser que sejamos obrigados a tomar lições de cidadania no Teatro das Crianças do East Side. É lá que se ensinam os verdadeiros princípios de uma vida de verdade, que é o significado de cidadania, àqueles meninos e meninas que serão os futuros cidadãos dos Estados Unidos. Primeiro, eles aprendem o que significam auto-respeito e autoconfiança. Aprendem que os verdadeiros motivos da vida se resumem a buscar os mais altos ideais. Os dramas que representam têm lições que atendem a este objetivo. E, o que é melhor, eles aprendem a agir e a pensar por si próprios. É essa capacidade de pensar por si mesmo que forma a verdadeira opinião pública. Dizemos que existe opinião pública nos Estados Unidos, mas não existe. Nossos pensamentos são todos de segunda mão. Quantas pessoas hoje são capazes de decidir se é melhor para o país comércio livre ou tarifas alfandegárias? As únicas opiniões que a maioria de nós tem sobre esse tema são opiniões tomadas de segunda mão de alguns homens que querem influenciar a nossa forma de pensar, e eles tendem a pensar numa direção que atenda melhor aos seus interesses particulares ou aos do partido que representam. Então, não temos cidadania, e nosso chamado patriotismo torna-se um patriotismo usado em benefício dos partidos políticos e transformado em *slogan* partidário.

“Ora, existe então um novo culto em formação no East Side? Será que vamos aprender com esse novo culto que a verdadeira cidadania é igual ao verdadeiro patriotismo? O que se inicia aqui deverá se estender universalmente? Durante 14 anos Isidor Straus, o presidente da Aliança Educacional, se dedica a ir recebê-los ao descer dos navios e nunca mais os perde de vista. A moral deles é acompanhada; eles são educados nas coisas práticas da vida, as coisas que formam a cidadania que nós, como nação, já perdemos. Temos boas razões para emular essas pessoas do East Side. Eles lêem a nossa história e aprendem os

grandes problemas da América que não conhecemos e não aprendemos, aprendem em primeira mão e pensam por si próprios. Não estão atrasados no estudo das estatísticas que muitos de nós parecem detestar por considerá-las secas, mas veríamos que são intensamente interessantes se resolvéssemos estudá-las corretamente.”

O fogo na lareira estava baixo. Mark Twain se levantou e jogou nele três ou quatro achas. As chamas envolveram a madeira seca e iluminaram o quarto.

“Sua vida tem sido muito agitada”, comentei. “O público lhe deve muito. Mas talvez o maior trabalho de sua vida seja este de ajudar o movimento do Teatro das Crianças.”

“É o trabalho mais importante da minha vida!”, respondeu enfaticamente.

HAVAÍ

AS ILHAS SANDWICH: DEPOIMENTO DE MARK TWAIN

New York Tribune (6 de janeiro de 1873)

A viagem de Mark Twain às Ilhas Sandwich, hoje o Havaí, deu-se em 1866 por motivos profissionais: ele contava 31 anos de idade e começava sua carreira tanto na literatura como no jornalismo, atuando como correspondente estrangeiro do jornal Sacramento Union. Era sua primeira experiência de contato com uma cultura estrangeira, e ficou bastante impressionado com o efeito devastador da civilização sobre a população nativa.

Desejando lançar-se paralelamente na carreira de conferencista, Twain encontrou, em seus escritos de viagem ao Havaí, material para a primeira conferência profissional, que apresentou em outubro do mesmo ano em San Francisco, seis meses após a publicação de seu primeiro livro. A mesma conferência repetiu-se por um período consideravelmente longo, que se estende até 1873, com a realização de várias revisões no texto original.

Em 1872, com a morte do monarca havaiano Kamehameha V, reacende-se o debate sobre a anexação. O jornal New York Tribune pede a Twain um ensaio a respeito, publicando-o em duas partes nos dias 6 e 9 de janeiro de 1873.

O tratamento dispensado por Twain à natureza e à cultura havaianas evidencia seu deslumbramento ante a exuberância da natureza local, assim como uma certa ingenuidade conceitual (como quando afirma que a índole dos nativos havaianos apresenta um cristianismo natural), mas não consegue escamotear um tom de condescendência superior diante de hábitos que incluíam originalmente a poligamia, a ausência de preocupação com o futuro e um sistema de crenças que não consegue ver senão como superstição. É interessante observar que é precisamente o alto grau de apreço de Twain com relação

aos havaianos que o leva a fazer a afirmação inusitada de que, embora não se considere um defensor das iniciativas missionárias, elas podem vir, no caso das Ilhas Sandwich¹, a lançar sementes com probabilidade de germinar, naquela “terra selvagem”, “em uma ou duas gerações”.

Como expressão do pensamento libertário de Mark Twain, o artigo apresenta a ênfase na avassaladora diminuição da população local após o contato com a civilização, numa redução da ordem de 400 mil para 50 mil em menos de cem anos, e denuncia as escorchantes taxas alfandegárias impostas pelos Estados Unidos aos plantadores locais. Mas é no segmento final do texto que Twain toca no fulcro do interesse norte-americano ao mencionar a alta lucratividade das terras e a elevadíssima margem de lucro da produção local de cana-de-açúcar.

Senhor,

Quando me dá a honra de sugerir que eu escreva um artigo sobre as Ilhas Sandwich, justamente agora que a morte do rei atraiu naquela direção uma parte da atenção pública, o senhor chama para a luz um homem cuja modéstia teria preferido mantê-lo na obscuridade. Eu poderia lhe oferecer um monte de estatísticas, mas a maioria dos seres humanos preferem histórias, portanto o senhor não há de me condenar se eu atender à maioria dos leitores e deixar para outros a preocupação da minoria com a aritmética.

Há seis anos, passei vários meses nas Ilhas Sandwich e, se me fosse possível, gostaria de voltar e lá passar o resto de meus dias. É um paraíso do homem indolente. Se for rico, poderá viver com largueza, e sua riqueza será respeitada como em outras partes da terra; se for pobre, poderá se unir aos nativos e viver com quase nada: tal como uma borboleta, ele vai tomar sol o dia inteiro sob as palmeiras sem temer a acusação da consciência.

1. As Ilhas Sandwich formam atualmente o território do Havaí e fazem parte dos Estados Unidos. Honolulu, a capital, fica na Ilha de Oahu.

Quem está naquele recanto abençoado está protegido da agitação da vida; passa os dias cochilando num longo sonho de paz; o passado é coisa esquecida, o presente é o céu, o futuro se resolve sozinho. Está no centro do Pacífico; está a 3 mil quilômetros de distância do continente mais próximo; está a milhões de quilômetros do mundo; até onde se vê, em qualquer direção, a crista das ondas esconde o horizonte, e além dessa barreira o universo é apenas uma terra estranha, sem o menor interesse.

O clima é simplesmente delicioso, nunca é frio no nível do mar, e nunca é muito quente, pois elas estão a meio caminho, 20 graus ao norte do Equador. Mas é possível escolher o próprio clima: as oito ilhas habitadas não passam de montanhas que se erguem do mar, um grupo de sinos, com uma aba (não muito grande) na base. Todos sabem como é. Muito bem, toma-se um termômetro e nele se marca a posição onde se quer permanentemente a coluna de mercúrio (com uma variação de no máximo 7 graus) seja no inverno ou no verão. Se a temperatura desejada é 27 graus à sombra (com o privilégio de subir ou descer 3 graus a longos intervalos), deve-se construir a casa na aba – o terreno plano ou levemente inclinado à beira da praia – e se terá garantia absoluta daquela temperatura. E é esse o clima em Honolulu, a capital do reino. Caso se prefira uma temperatura de 21 graus, a casa deverá ser construída na encosta de qualquer montanha, 120 ou 150 metros acima do nível do mar. Quem preferir 15 graus deve construir 500 metros acima. Quem preferir um clima hibernal deve continuar subindo e acompanhando o mercúrio. Se preferir neve e gelo eternos, deve construir no cume de Mauna Kea, quase 5.000 metros acima do mar. Se o que se quer é calor, pode-se construir em Lahaina, onde jamais se prende o termômetro no prego, pois o prego pode derreter e quebrar o termômetro, ou na cratera do Kilauea, que parece a antecipação da ida para o destino final. Não existem tantos climas diferentes assim reunidos em nenhum outro lugar do globo que não as Ilhas Sandwich. Quem subir ao cume do Mauna Kea e ficar entre os bancos de neve que já lá estavam antes do nascimento do capitão Cook e, enquanto treme, apesar dos agasalhos de pele, lançar um olhar à en-

costa da montanha, poderá ver exatamente onde termina a zona gelada e começa a vida vegetal: uma massa de árvores baixas e retorcidas se transforma nas espécies mais altas e soltas que se vêem mais abaixo, que, por sua vez, se transformam na folhagem cheia e nas cores variadas da zona temperada; mais abaixo, o simples verde comum de uma floresta se derrama sobre a faixa de laranjeiras que cingem a montanha como um cinturão, e é um verde tão escuro e profundo que a distância transforma em preto; ainda mais abaixo, os olhos descobrem as planícies ao nível do mar, onde os canaviais se queimam sob o sol, e as palmeiras emplumadas se refletem nas ondas tropicais, e onde os nativos pecadores passeiam completamente nus, sem ver, nem se importar, que alguém, ou a neve, ou os dentes que batem estejam tão perto. Pode-se portanto ver todos os climas da terra, e observar vegetações de todas as cores com uma passada de olhos, um olhar que percorre apenas uns cinco quilômetros, a mesma distância que voa o passarinho.

Os nativos da ilha são apenas cerca de 50 mil, os brancos 3 mil, principalmente americanos. De acordo com o capitão Cook, os nativos eram 400 mil há menos de cem anos. Mas os comerciantes trouxeram trabalho e belas roupas; em outras palavras, a destruição longa, deliberada e infalível; e os missionários trouxeram consigo a graça e os deixou prontos. Assim, as duas forças trabalham harmoniosamente, e qualquer um que entenda o que dizem os números será capaz de adivinhar quando o último kanaka passará ao seio de Abraão e suas ilhas às mãos dos brancos. É exatamente igual a prever um eclipse: se o começo estiver correto, não há como errar. Durante quase um século os nativos vêm mantendo uma relação de três nascimentos para cada cinco mortes, e o resultado final é evidente. Dentro de 50 anos um kanaka será uma curiosidade na sua própria terra e, como investimento, será mais rendoso que um circo.

Tenho muita pena de ver desaparecer essas pessoas, pois são os selvagens mais interessantes que existem. Sua língua é suave e musical, não tem um único som sibilante, e todas as palavras terminam em vogal. Jim Fisk aqui é chamado de Jimmy Fikki, pois preferem violen-

tar um nome próprio muito áspero em seu estado natural. Comparado à língua havaiana, o italiano é áspero e desagradável.

Andavam todos nus, mas os missionários proibiram; nas cidades os homens hoje usam roupas, e no campo usam chapéu-coco e uma espécie de fralda de tecido; quando em público, usam a gola da camisa e um colete. Nada além da religião e da educação teria provocado mudanças tão admiráveis. As mulheres usam uma ampla túnica de algodão que lhes cai dos ombros até os pés.

Falando com toda simplicidade, nos velhos tempos não havia obstáculos às relações entre os sexos. Recusar as atenções de um estranho era considerado uma atitude desprezível para uma mulher ou moça, mas os missionários combateram tanto esse costume que ele finalmente desapareceu, e hoje só existe na realidade, mas não tem nome.

Os nativos são as criaturas mais generosas e desprendidas feitas à imagem do Criador. Onde não foram mudados pela influência do branco, recebem muito bem todo estrangeiro e dividem com ele tudo o que têm, um traço que talvez nunca tenha existido em qualquer outro povo. Vivem apenas o presente; amanhã é algo que não entra nos seus cálculos. Tive um empregado nativo em Honolulu, formado numa escola de missionários, e ele dividia o tempo entre traduzir o Testamento Grego e tomar conta de minha propriedade, ou seja, de meu cavalo.

Toda vez que recebia seus salários, ele saía e gastava tudo, uma quantia variável entre 50 centavos e um dólar, em poi (uma pasta feita da raiz de taioba e que é considerada a iguaria nacional), e chamava todos os nativos que aparecessem para comer com ele. E lá na grama macia sob os tamarindeiros sentavam-se os selvagens felizes e comiam tudo, até não sobrar nada. O rapaz passava um ou dois dias feliz e com fome, então outro kanaka que ele talvez nunca tivesse visto o convidava para uma festa semelhante, e ele se recompunha.

A antiga religião era uma mistura confusa de superstições curiosas. O tubarão parece ter sido seu deus principal, ou pelo menos o deus que eles tentavam propiciar. Depois vinha Pele, uma deusa que presidia os terríveis fogos do Kilauea; não faltavam deuses menores. Hoje os nativos são cristãos, todos eles; vão todos à igreja e gostam

mais de teologia que de tortas; gostam de fazer sermões longos como a Declaração de Independência; quanto mais chatos, mais eles gostam, ficam lá sentados a cozinhar em transe até sair flutuando na própria gordura, enquanto os ministros observam, observam, e os ajudam a chegar ao fim. A escola dominical é um dos passatempos preferidos, e eles nunca se cansam. Se houvesse uma intoxicação mental ou física dessa parte do serviço, eles deixariam de respirar. Para o nativo a religião é comida e bebida. Sabe ler a Bíblia (impressa na língua nativa, que todos, sem exceção, homem, mulher ou criança, conhecem), e a lê sem parar. E lê um mundo de histórias morais, escritas segundo o padrão exagerado das histórias de escola dominical, e adora seus heróis – heróis que açoitam o mundo com a boca cheia de manteiga e que são absolutamente estúpidos e pios. E conhece todos os hinos que já foram ouvidos, e ele os canta com a voz suave e agradável, que faz palavras nativas que significam “parado às margens agitadas do Jordão” soarem doce e grotescamente estranhas para nós, como um dicionário que se tritura às avessas através do moinho. Então se vê que os nativos, grandes ou pequenos, velhos e jovens, são saturados de religião, pelo menos da música e da poesia da religião. Mas, no que se refere à prática, varia. Alguns dos mais nobres preceitos do cristianismo eles já praticavam naturalmente, e sempre hão de praticar. Alguns dos preceitos menores eles deixam naturalmente de praticar, e com a mesma naturalidade nunca praticarão. Aprenderam com o homem branco a mentir, e mentem com prazer e sem pecado, pois não pode haver pecado em algo que eles não conseguem entender como pecado. Consideram o adultério poeticamente errado, mas correto em termos práticos.

São pessoas sentimentalmente religiosas, talvez seja esta a sua melhor descrição. No tempo bom oram, cantam e pregam a moral, mas quando surgem problemas então a coisa fica séria e eles geralmente abandonam a poesia e buscam socorro no deus tubarão de seus pais. As antigas superstições estão entranhadas nos seus ossos e no seu sangue, e vez por outra eles se valem delas da maneira mais natural e perdoável.

Sou dos que consideram lento e desencorajador o trabalho missionário, e pouco satisfatório em seus resultados. Mas estou longe de considerar esse trabalho inútil ou prejudicial. Acredito que essa semente, lançada em terra selvagem, há de produzir bons frutos na terceira geração, e que vale a pena lutar por esse resultado. Mas não acredito que se possa esperar muito da primeira e da segunda gerações. É contra a natureza. É preciso longo tempo e trabalho de cultivo para transformar a amêndoa amarga em pêssego. Mas isso não é razão para abandonarmos o esforço, pois no fim ele se paga.

Os nativos são excelentes marinheiros, e os baleeiros os preferem a qualquer outra raça. São muito afáveis, dóceis e dispostos, e tão fiéis que são considerados os melhores trabalhadores pelos plantadores de cana. Tudo isso depõe a favor dos pobres alunos escuros da escola dominical daquelas ilhas distantes!

Há um pequeno imposto sobre a propriedade, e todo nativo que tenha uma renda de 50 dólares anuais tem direito a voto.

Os 3 mil brancos manipulam o dinheiro e são responsáveis pela totalidade do comércio e da agricultura e administram a região. Os americanos são a grande maioria. Os brancos são plantadores de cana, comerciantes, oficiais de navios baleeiros e missionários. Os missionários lamentam a presença da maioria dos outros brancos, e estes lamentam que aqueles não migrem. A maior parte do cinturão que margeia o mar e sobe em direção às encostas das montanhas é rica e fértil. São apenas 80 mil hectares desse terreno fértil, mas sua capacidade é inimaginável! Em Louisiana, 80 mil hectares produzem no máximo 50 mil toneladas anuais de açúcar, talvez nem isso; mas nas ilhas é possível produzir 400 mil toneladas anuais. É uma declaração ousada, mas mesmo assim é verdade. Nas ilhas é comum uma produção de 6,5 toneladas por hectare; 7,5 não é anormal, dez toneladas é freqüente; e conheço um homem que colheu 50 toneladas de três hectares numa colheita. Essa cana estava plantada na encosta, 750 metros acima do nível do mar e levou três anos para amadurecer. Podem enviar pedidos de informações ao capitão McKee, Ilha de Mani, I.S. Há poucas plantações nessa altura, portanto 12 meses são mais que sufi-

cientes para a maturação da cana. E gostaria de chamar sua atenção para dois ou três fatos dignos de nota. Por exemplo, lá não é necessário se apressar a cortar a cana, ela pode ficar plantada sem que haja prejuízo. E não é necessário manter um exército de empregados para plantar na época do plantio, moer na época da moagem e colher freneticamente quando chega o frio. Nada disso. Não há pressa. Pode-se manter uma grande plantação com poucos empregados, porque se planta quando se quer, e se colhe e mói a cana quando for conveniente. Não há o perigo do inverno gelado, quanto mais tempo a cana ficar plantada, mais ela cresce. Às vezes – na verdade, geralmente – parte dos empregados está no plantio, outra parte está na colheita no campo ao lado e o resto está na usina moendo cana. É possível plantar uma vez a cada três anos e colher duas rebrotas sem replantio. Pode-se continuar colhendo as rebrotas o tempo que se quiser; a cada ano diminui o volume de cana, mas o suco fica mais denso e rico, e nada se perde. Conheço um preguiçoso que colheu 16 rebrotas sem replantio!

As fortunas que ganharam os plantadores daqui durante a guerra civil, quando o açúcar chegou à faixa dos 40 centavos o quilo! O açúcar lhes tinha custado pouco mais de 20 centavos o quilo, entregue em San Francisco, tudo pago. Mas hoje, se alguém perguntar por que esses plantadores gostariam de viver sob a nossa bandeira, a resposta é simples: nós lhes cobramos taxas alfandegárias de nove centavos por quilo de açúcar refinado; intermediação, frete e estocagem (duas ou três vezes) custam mais sete centavos por quilo, cultivar a cana e fazer o açúcar, mais dez centavos – totalizando 30 centavos por quilo, um pouco mais ou um pouco menos. E hoje o preço do açúcar refinado no atacado chega a 31 centavos. Lucro: nenhum. Mas, se anexássemos as ilhas e tirássemos a escorchante taxa alfandegária de nove centavos, alguns dos grandes plantadores que hoje mal conseguem respirar ganhariam 75 mil dólares ou mais por ano. Em dois anos se pagariam as plantações, todo o estoque e o maquinário. Já faz muito tempo desde que estive nas ilhas, e não me lembro com segurança se a taxa alfandegária americana era de nove centavos por quilo, mas tenho certeza de que não era inferior a sete.

Gostaria de dizer uma palavra a respeito do falecido rei Kamehameha V e sobre o sistema de governo, mas prefiro esperar mais um dia. Gostaria também de saber por que os correspondentes de seus jornais puderam ignorar com tamanha calma o verdadeiro herdeiro do trono das Ilhas Sandwich, como se ele não existisse ou fosse carta fora do baralho, e gostaria de depor em sua defesa. Estou falando de um fiel simpatizante dos Estados Unidos, príncipe William Lanalilo, descendente de 11 gerações de selvagens coroados – um esplêndido sujeito, com talento, gênio, educação, elegância, instintos generosos e um intelecto que brilha através de ondas de uísque, como se esse fluido alimentasse o brilho de uma lâmpada de cálcio na sua cabeça. Todo mundo na ilha sabe que William – ou “príncipe Bill”, como é afetuosamente chamado – é o próximo na linha de sucessão ao trono; então, por que ignorá-lo?

AS ILHAS SANDWICH: CONCLUSÃO DO DEPOIMENTO DE MARK TWAIN

New York Tribune (9 de janeiro de 1873)

A idéia de uma missão “civilizadora” no Havaí é veementemente descartada por Twain nesta seqüência a seu artigo para o New York Tribune. Usando de sua ironia habitual, Twain parodia o que há de mais retrógrado e preconceituoso no pensamento imperialista, sequioso de anexações. Ao parodiar o discurso xenófobo dos defensores das instituições norte-americanas, Twain estabelece um paralelo entre figuras como as do financista Jay Gould² e o político Boss Tweed³ como exemplos concretos da civilização política e econômica norte-americana.

Senhor,

Depois de explicar quem são os 3 mil brancos e que tipo de gente são os 50 mil nativos, vou oferecer algumas informações sobre como é governado esse reino de brinquedo, com sua população de brinquedo. Por um delegado e seis soldados? Por um juiz e um júri? Por um prefeito e um conselho de notáveis? Nada disso. Por um rei – e um Parlamento – e um Ministério – e um Conselho Privado – e um exército em armas (200 soldados) – e uma marinha (uma balsa e uma jangada) – e uma Corte de Juízes Supremos – e um administrador em cada ilha. É

2. Jay Gould (1836-1892). Financista norte-americano e especulador financeiro que, juntamente com James Fisk e Daniel Drew, assumiu o controle da Ferrovia Erie, que entre 1867 e 1868 estivera sob o controle do magnata Cornelius Vanderbilt. Juntamente com Fisk, Gould causou pânico financeiro em 24 de setembro de 1869 com uma tentativa de golpe no mercado de ouro. Nas ilustrações de *Um ianque na corte do rei Artur*, de Twain, Gould serviu de inspiração para a figura do mercador de escravos, executada pelo ilustrador Dan Beard.

3. William Marcy Tweed (1823-1878), conhecido como “Boss Tweed”. Político e líder do Partido Democrata em Nova York na década de 1860, foi o responsável por uma fraude envolvendo milhões de dólares antes de ser denunciado e condenado, em 1873.

assim o governo. É como usar todas as máquinas da Great Eastern para mover um prato de sardinhas.

Há mais ou menos 50 anos, os nativos, por um impulso repentino que nem eles mesmos entenderam, queimaram todos os ídolos e abandonaram a antiga religião da terra. O mais curioso é que nessa mesma época nossa primeira remessa de missionários contornava o estreito de Horn, e eles chegaram bem a tempo de oferecer àquele povo um meio novo e muito melhor de alcançar a graça. Batizaram os homens, mulheres e crianças na mesma hora e por atacado, e começaram imediatamente a educá-los nos dogmas da nova religião. Construíram enormes igrejas e chegaram a receber em comunhão até 5 mil pessoas no mesmo dia. A notícia percorreu o mundo, e por toda parte as nações se regozijaram; os mais espirituais lhe deram o nome de “grande despertar”, e até mesmo os inconvertidos se comoveram e a comentaram com admiração. Os missionários aprenderam a língua, traduziram para ela a Bíblia e outros livros, fundaram escolas e até universidades, e ensinaram toda a nação a ler e a escrever; os príncipes e nobres adquiriram educação universitária e se familiarizaram com uma meia dúzia de línguas mortas e vivas. Então, uns 20 anos mais tarde, os missionários fizeram uma Constituição que se tornou a lei da terra. Ela ergueu a mulher ao nível de seu senhor; colocou o arrendatário no mesmo nível do dono da terra; criou um sistema justo e equitativo de impostos; introduziu as eleições e o sufrágio universal; definiu e garantiu diversos direitos e privilégios para o rei, os chefes e o povo; e instituiu um Parlamento no qual estavam representados todos os estados do reino, e, se me lembro bem, deu a esse Parlamento o direito de aprovar leis contra o veto do rei.

A coisas correram bem durante vários anos, especialmente durante o reinado do irmão do falecido rei, um príncipe esclarecido e liberal; mas quando ele morreu e Kamehameha V subiu ao trono as coisas tomaram uma direção diferente. Ele era um daqueles “reis pela graça de Deus”, e não a “figura decorativa” que alguns disseram que seria; de fato, ele foi o maior poder nas ilhas durante todo o seu reinado, e a vontade real era suficiente para criar ou derrubar uma lei.

Ele foi senhor no começo, no meio e até o fim. O Parlamento foi a “figura decorativa” e nunca deixou de sê-lo durante seu reinado. Um de seus primeiros atos foi se deixar tomar por extrema cólera (quando o Parlamento derrubou algumas de suas medidas), rasgar a Constituição e pisoteá-la com seus sapatos 44. E seu ato seguinte foi dissolver violentamente o Parlamento e mandar seus membros tratar da própria vida. Ele odiava parlamentos, que considerava um estorvo irritante e inútil para um rei, mas permitia que existissem porque, como obstrução, eles eram mais ornamentais que reais. Odiava o sufrágio universal e o destruiu; pelo menos tirou dele todo o conteúdo e deixou a figura inócua. Disse que não permitiria que mendigos votassem o gasto do dinheiro de gente industriosa e forçou a adoção do voto qualificado. Rodeou-se de um gabinete subserviente, formado por americanos e outros estrangeiros, para o qual ditava suas medidas, e por meio dele para o Parlamento. Esta instituição se opunha respeitosamente, para não dizer lamentosamente, a elas e as aprovava.

Não é o que se espera de uma figura decorativa real. Ele não era um idiota. Era um soberano sábio, conhecia o mundo, era educado e competente e pretendia o bem de seu povo, e nisso foi bem-sucedido. Nele não havia futilidades reais; vestia-se simplesmente, andava por Honolulu, dia ou noite, a cavalo, desacompanhado; era popular e muito respeitado, diria mesmo amado. Talvez o único homem que nunca o temeu tenha sido o “príncipe Bill”, de quem eu já falei. Talvez o único homem corajoso bastante para dizer o que pensava do rei, no Parlamento e nas assembléias, tenha sido o atual herdeiro do trono – se é que o “príncipe Bill” ainda está vivo, e não tive notícia de sua morte. Este jovem ousado tratava o rei sem luvas de pelica e não tinha medo das conseqüências; sendo um pouco mais popular que o próprio rei entre os nativos, sua oposição era significativa. Isto era o que se ouvia há seis anos em Honolulu, e eu o relato aqui por acreditar que seja a verdade, não por saber que é a verdade.

O príncipe William deve ter hoje 35 anos, calculo. Não há relação de sangue entre ele e a casa de Kamehameha. Ele vem de uma raça mais antiga e orgulhosa; uma raça de chefes e príncipes imperiosos da

Ilha de Maui que detiveram o poder indiscutido durante vários séculos. É o décimo primeiro príncipe na descendência direta, e os nativos sempre prestaram homenagens à sua venerável nobreza que nunca prestaram à casa de Kamehameha. Ele é considerado o verdadeiro herdeiro do trono do Havaí pela razão que se segue: pela lei da terra, um rei pode, ao morrer ou abdicar, indicar seu próprio sucessor – indicar qualquer filho, qualquer membro da família real. O antigo rei morreu sem indicar filho ou filha, irmão, tio, sobrinho nem pai (seu pai nunca foi rei e morreu há um ou dois anos), e sem indicar sucessor. O Parlamento tem poderes para eleger um rei e esse rei pode ser escolhido em uma das 12 famílias mais importantes. É como eu entendia essa questão e tenho certeza de que estou certo. O príncipe William supera em nobreza qualquer outro chefe nas ilhas, como um duque real supera um simples conde. Ele é o único havaiano fora da família real que tem direito a usar e transmitir o título de príncipe; e é tão popular que se o dono do cetro fosse escolhido pelo voto popular sua vitória seria esmagadora.

Era um homem muito bonito, de porte principesco, sóbrio ou bêbado, mas digo isto figurativamente, pois ele nunca se apresentou bêbado; não havia bebida suficiente para tal efeito. Tinha feições finas e um nariz romano que era um modelo de beleza e de grandeza. Era muito espirituoso e tinha muita coragem e iniciativa; era muito inteligente, tinha a fala fácil e viva, objetiva e vigorosa; nada ocultava nem fingia, era direto em tudo que fazia sem se importar com quem lhe visse a mão ou descobrisse seu jogo. Era um grande amigo dos Estados Unidos. É ele o legítimo herdeiro ao trono, se não estiver morto, como já expliquei.

Sugeri que William bebe. Isto não constitui um defeito num cidadão das Ilhas Sandwich. O uísque não os prejudica; raramente embaraça as pernas ou enevoa o cérebro de um nativo acostumado. Para o príncipe Bill, não passa de água com sabor; é para ele o que a sidra é para nós. Poi é o agente que protege o amante do uísque. Quem o come habitualmente pode beber muito sem se prejudicar. O falecido rei e sua irmã bebiam uísque em quantidades ilimitadas, o que faziam

todos os nativos se pudessem comprar. A bebida dos nativos se chama awa, é tão forte que perto dela o uísque não passa de tolice de criança. Transforma a pele de um homem em escamas de peixe tão duras, que se ele fosse mordido por um cachorro só ficaria sabendo no dia seguinte pelos jornais. É feita de uma raiz qualquer. É até certo ponto uma bebida “fina”, mas a carga de impostos a colocou praticamente fora do alcance dos plebeus. Depois da awa, o que é o uísque?

Há muitos anos o rei e seu irmão visitaram a Califórnia e algumas pessoas em Sacramento resolveram que seria divertido deixá-los bêbados. Então eles reuniram os “enxugadores” mais responsáveis da cidade e começaram a encher a realeza e a si próprios com um ponche à base de conhaque. Ao fim de duas ou três horas os cidadãos estavam caídos debaixo da mesa e os dois príncipes desconsolados a comentar a secura e a solidão daquele lugar! Estou lhe passando esta história pelo mesmo preço que paguei em Sacramento.

O Parlamento havaiano consiste de meia dúzia de chefes, alguns brancos e talvez 30 ou 40 kanakas. Os ministros do rei (meia dúzia de brancos) reúnem-se com eles e derrubam toda a oposição aos desejos do rei. Duas pessoas sempre falam ao mesmo tempo, o membro do Parlamento e o tradutor público. A pequena legislatura é tão orgulhosa quanto qualquer outro Parlamento, e cheia de vaidades. A sabedoria do Parlamento kanaka é tão profunda quanto a das nossas assembleias estaduais, nem um pouco a mais. Talvez Deus tenha feito todas as assembleias iguais. Lembro-me de um projeto de lei kanaka que me chamou a atenção: propunha ligar as ilhas de Oahu e Havaí por meio de uma ponte pênsil, porque a viagem entre os dois pontos provocava muito enjôo e desconforto nos nativos. A ponte deveria ter 240 quilômetros de comprimento.

Quase posso adivinhar o que está acontecendo agora em Honolulu durante os meses de luto, pois estava lá quando morreu Victoria, a irmã do falecido rei. David Kalakua (um chefe), comandante em chefe das Tropas de Casa (não é um belo título?), há de estar montando guarda diante das entradas fechadas dos jardins do “palácio”, proibindo a entrada de todos os brancos que não os funcionários do Estado; e

lá dentro os pagãos convertidos uivam e dançam e gemem e celebram a mesma cerimônia selvagem que era celebrada antes de Cook descobrir a região. Eu morava a três quadras do palácio de madeira de dois andares quando Victoria estava sendo carpida, e durante 30 noites em seqüência o pow-wow⁴ matinal desafiava o sono. Durante todo aquele tempo a princesa cristã, mas moralmente impura, foi velada no palácio. Entrei uma noite nos jardins e vi centenas de selvagens seminus de ambos os sexos batendo tristemente os tom-toms, gemendo e miando à luz fantástica de inúmeras tochas; e um grande grupo de mulheres moviam os corpos flexíveis nos movimentos intrincados de uma dança lasciva chamada hula-hula, e cantavam um acompanhamento em palavras nativas. Perguntei ao filho de um missionário o que significavam as palavras. Ele me explicou que elas celebravam certos dons e excelências físicos da princesa morta. Insisti pedindo mais detalhes, mas ele disse que eram palavras obscenas demais para serem traduzidas; as excelências corporais não podiam ser mencionadas; melhor deixar para a imaginação habilidades tão glorificadas. Disse-me que o rei estava sem dúvida sentado onde ouvia aqueles elogios nojentos e se divertia com eles, o educado e culto Kamehameha V. E pensar que um de seus títulos era o de “chefe da Igreja”, pois, embora tenha sido criado na religião dos missionários e educado nas suas escolas e universidades, logo ele aprendeu a desprezar suas formas plebéias de adoração, importou o sistema e um bispo ingleses e comandava ele próprio a sua igreja. Pode-se ter uma idéia das saturnais que agora assombram a noite naqueles jardins onde se vela o corpo de Sua Majestade.

O falecido rei era geralmente encontrado aos domingos na congregação real da Real Igreja Católica Reformada Havaiana, mas quando enfrentava problemas não era à cruz que ele recorria em busca de auxílio; recorria aos deuses pagãos de seus ancestrais. Ora, era um homem capaz de escrever magníficas cartas, em bela caligrafia, usando palavras do inglês mais escorreito e de talvez salpicar algumas elegantes referências aos clássicos; e quem sabe algumas referências à ciên-

4. Cerimônia ou ritual conduzido por um xamã.

cia, ao direito internacional ou à história política do mundo; ou de se apresentar elegantemente vestido a rigor e entreter convidados num estilo principesco, e conversar como um cavalheiro cristão nato; e de trabalhar como um castor, dia após dia, nas questões de Estado, e às vezes trocar missivas com os reis e imperadores do mundo. E na semana seguinte, terminado o trabalho, ele se retirava para um ajuntamento de cabanas de palmeira na praia, e lá, durante uma semana, se transformava num pagão indistinguível de seu avô selvagem. Suas roupas se reduziam a uma calça parecida com uma fralda, ele se encharcava diariamente de uísque, e gozava a companhia de algumas concubinas, enquanto outras dançavam o hula-hula. E quando oprimido por grandes dificuldades ele convocava um dos parentes, uma velha feiticeira, e lhe pedia a opinião e as ordens dos deuses pagãos, e a essas ordens ele obedecia. Era tão supersticioso que não era capaz de cruzar uma linha riscada no caminho, preferia dar a volta. Tudo isso era bem conhecido nas ilhas. Só uma vez vi esse rei, e nessa ocasião ele não estava em um de seus deboches periódicos. Em traje a rigor, ele compareceu ao funeral de sua irmã, e um metro de luto lhe caía da cartola.

Quando se pensa que a população das ilhas pouco passa das 50 mil almas, e que sobre esse punhado de gente repousa uma monarquia cujos fraques são adornados por um número de dignitários titulados suficiente para governar o Império Russo, não se entende como ainda exista alguém a ser governado. E a verdade é que uma das maiores raridades do mundo é encontrar alguém nas ilhas que não tenha um título. Eu me sentia tão isolado, como a única pessoa não-oficial em Honolulu, que tive de sair de lá para encontrar companhia.

Depois de toda essa exibição de grandeza real, é humilhante ter de reconhecer que as exportações totais chegam a 1,5 milhão de dólares, as importações a quantia semelhante e que as rendas totais a, digamos, 500 mil dólares. E ainda assim eles pagam 36 mil dólares por ano ao rei, alguma coisa entre 3 mil dólares e 8 mil dólares a outros funcionários – e Deus sabe que são muitos.

A dívida nacional chegava a 150 mil dólares quando lá estive, e não havia nada no país que lhes desse tanto orgulho. Dela não abri-

riam mão em troca de dinheiro algum. Era de se ver o ar de importância com que Sua Excelência, o ministro das Finanças, arrastava o orçamento anual, relacionava os itens mais portentosos e ostentava o total monumental!

Os “ministros reais” são curiosidades naturais. São homens brancos de várias nacionalidades que migraram para lá em tempos idos. Um dos espécimes, não o mais favorável, é Harris, um americano vaidoso, de pernas compridas, advogado sem brilho de New Hampshire. Se tivesse um cérebro comparável às pernas, faria de Salomão um ignorante; se sua modéstia fosse comparável à sua ignorância, uma simples violeta seria altaneira; se seu saber fosse igual à sua vaidade, Humboldt seria tão iletrado quanto o reverso de uma lápide; se sua estatura fosse proporcional à sua consciência, ele seria como um germe sob o microscópio; se suas idéias fossem grandes como suas palavras, seriam necessários três meses para lhes percorrer o perímetro; se fosse possível contratar uma platéia para ouvi-lo enquanto quisesse falar, ela morreria de velhice; e se tivesse de falar até dizer alguma coisa ainda estaria perorando quando soasse a última trombeta. E teria a cara-de-pau de esperar até que tudo se acalmasse para poder continuar.

É este (ou era) Sua Excelência, o Sr. Harris, ministro Disto ou Daquilo de Sua Majestade – pois ele era de tudo um pouco; foi sempre, e particularmente, o servo mais humilde e obediente, o mais fiel adorador do rei, seu maior advogado e porta-voz no ramo parlamentar do ministério. E quando surgia alguma questão (não interessa o que fosse) como ele se erguia, agitava-se, açoitava o ar com as mãos ossudas, enquanto bradava e lançava banalidades altissonantes, a que ele dava o nome de eloquência, destilava fel que ele pensava ser sátira e emitia um monte melancólico de asneiras a que dava o nome de humor, tudo acompanhado de contorções do rosto de coveiro que ele considerava serem expressão cômica!

Chegou às ilhas como um advogado pequeno e obscuro, e chegou a uma grandeza oficial tão multifacetada que o povo sarcástico lhe dava o nome de “as rodas do governo”. Tornou-se o grande homem

em terra de pigmeus; tinha o calibre do qual outros países fazem delegados e pequenos funcionários. Não quero parecer preconceituoso contra Harris, e espero que nada do que eu disse dê tal impressão. Devo ser um historiador imparcial, e para isto sou obrigado a revelar que, vista de longe, figura tão imponente lembra o Monumento a Washington, e de perto não passa de um reles moinho de vento de 30 dólares.

Harris gosta de proclamar com orgulho que já não é americano, que é havaiano de coração, e que isso também é motivo de orgulho; e que é súdito e servo determinado de seu senhor, o rei, orgulhoso e grato de ser assim.

Proponho agora que anexemos as ilhas. Imagine como poderíamos aumentar o comércio de baleias! [Embora, sob nossos tribunais e juizes, talvez logo passe a ser impossível reunirem-se ali os navios baleeiros sem serem esfolados e roubados por marinheiros e chicanistas, como acontece até hoje em San Francisco, um lugar de onde fogem os comandantes, tal como evitam recifes e bancos de areia.] Anexemos as ilhas. Poderíamos produzir lá açúcar suficiente para abastecer toda a América, a preços muito baixos quando não houver mais cobrança de impostos alfandegários. E teríamos um grande porto de escala para os nossos navios do Pacífico; um entreposto extremamente conveniente, um posto avançado de sentinela para uma força armada e poderíamos plantar algodão e café e ter bons lucros, sem taxas alfandegárias e capital fácil. E seríamos donos do maior vulcão do mundo, o Kilauea! Barnum seria o administrador; hoje ele já sabe tudo sobre fogos. Vamos anexar, sem hesitações. Seria fácil pacificar o príncipe Bill e os outros nobres, basta mandá-los para uma reserva. Nada agrada mais um selvagem que uma reserva, uma reserva onde todo ano ele receba machados, Bíblias e cobertores que podem ser trocados por pólvora e uísque; uma doce Arcádia cercada de soldados. Se anexarmos, receberemos 50 mil selvagens a preço de banana, completos, com sua moral e suas doenças. Não será preciso gastar com educação, já são educados; não haverá necessidade de convertê-los, já são convertidos; não precisaremos gastar com roupas, por razões óbvias.

Precisamos anexar aquele povo. Nós o faremos sofrer com nosso governo sábio e benfazejo. Podemos lhes ensinar a novidade que são os ladrões, desde o batedor de carteira até os ladrões municipais e os de colarinho branco, e mostrar a eles como é bom prendê-los, julgá-los e depois soltá-los, alguns em troca de dinheiro, outros de influência política. Terão vergonha de sua justiça simples e primitiva. Abandonarão o hábito de vez por outra enforcar alguém por assassinato, e lhes ofereceremos o juiz Pratt⁵ para lhes ensinar como recuperar para a sociedade os assassinos Avery atualmente em extinção. Vamos lhes oferecer Barnards para manter suas empresas financeiras fora de dificuldades. Vamos lhes oferecer júris completos formados pelos mais simples e encantadores capadócijs. Vamos lhes oferecer estradas de ferro para comprar seus legislativos como roupa velha, atropelar seus melhores cidadãos e ainda reclamarem por eles estarem sujando os trilhos com seus líquidos desagradáveis. Vamos lhes dar Connolly, emprestar Sweeny, oferecer-lhes alguns Jay Goulds⁶ que darão um fim àquela idéia fora de moda de que roubar não é uma atividade respeitável. E também Woodbull e Claflin. E George Francis Traine. Temos também conferencistas a lhes oferecer! Inclusive eu próprio.

Podemos transformar aquelas ilhas sonolentas num dos locais mais agitados da terra e trazê-las para o esplendor de nossa santa e sublime civilização. É da anexação que aqueles pobres ilhéus precisam. “Devemos àqueles que vivem nas trevas negar a luz da vida?”

5. Abner Pratt foi o primeiro cônsul norte-americano nas Ilhas Sandwich.

6. Ver nota 2, p. 118.

NOSSOS AMIGOS SELVAGENS DAS ILHAS SANDWICH

(1873)

Este texto apresenta uma das cinco versões do texto manuscrito da conferência preferida de Twain sobre o Havaí. Ele a reescreveu várias vezes, entre 1866 e 1873, apresentando-a a platéias do Leste e da Inglaterra. Como falava de memória, os manuscritos não contêm senão notas curtas, que lhe serviam de roteiro de orientação. A versão aqui apresentada é a mesma que figura na compilação de Paul Fatout intitulada Conferências de Mark Twain (Mark Twain Speaking), reunindo relatos jornalísticos do circuito percorrido por Twain no Nordeste do país entre 1869 e 1870.

Senhoras e senhores:

A próxima conferência deste curso será apresentada por Samuel L. Clemens, um cavalheiro cujo caráter e cuja intocável integridade só têm igual na sua elegância e na sua simpatia. E sou eu esse homem! Fui forçado a substituir o presidente nesta apresentação, pois, sabendo que ele nunca cumprimenta ninguém, preferi apresentar-me eu mesmo.

As Ilhas Sandwich serão o assunto desta conferência – quando chegar a ela – e farei o possível para contar a verdade com a fidelidade de todo jornalista. Adorná-la com algumas bijuterias não fará diferença; a verdade não será prejudicada, elas serão como a craca que orna a ostra prendendo-se a ela. Esta figura para mim é original! Nasci no interior, longe do mar, e não sei como a craca se prende à ostra.

Infelizmente, o primeiro objeto que vi nas Ilhas Sandwich foi repulsivo. Era um caso de lepra oriental de tão horrível natureza que nunca mais consegui tirá-lo da memória. Não tenho a intenção de dar à minha conferência esta aparência doentia, mas, como foi a primeira

coisa que vi naquelas ilhas, foi também a primeira idéia que me ocorreu quando me propus a falar sobre elas. É muito difícil tirar da memória um objeto desagradável. Foi o que descobri há muitos anos. Quando fiz uma excursão funerária a Quaker City, eles me mostraram vários objetos interessantes numa catedral, e eu tinha a esperança de guardar todos eles na memória, mas não consegui.

Esqueci de todos – menos de um – e esse me ficou na memória por ser tão desagradável. Era uma curiosa escultura antiga. Não sei onde a encontraram, nem há quanto tempo. Era a imagem de pedra de um homem sem pele, um homem recém-esfolado de que se viam todas as veias, artérias e tecidos. Era uma coisa horrível, mas havia nela algo fascinante. Parecia tão natural; parecia sofrer, e qualquer um sabe que um homem recém-esfolado deve ter a aparência de muita dor. E aquele só não a teria se tivesse a atenção atraída por outro problema. Era um objeto assustador, e muitas vezes eu sofri desde que vi aquele homem. Às vezes ainda sonho com ele, ora ele está parado de pé à minha cabeceira, ora ele fica deitado entre os lençóis, tocando-me – a pior companhia que jamais tive na cama.

Não consigo esquecer lembranças desagradáveis. Certa vez, fugi da escola e fiquei com medo de voltar à noite para casa, então me esgueirei pela janela e me escondi no escritório de meu pai. A lua lançava uma luz mortalmente pálida na sala e logo distingui no chão uma forma comprida e estranha. Queria me aproximar e tocá-la; mas não, contive-me, não a toquei. Tive muita presença de espírito, tentei dormir, e fiquei pensando nela. Aos poucos, à medida que o luar caía sobre ela, percebi que era um homem morto, com o rosto branco voltado para a lua. Nunca me senti tão mal em toda a minha vida. Nunca tive tanta vontade de andar! Saí de lá. Não corri – apenas saí pela janela – e levei o batente comigo. Não precisava levar o batente, mas me pareceu mais fácil levá-lo que o deixar no lugar. Não estava com medo, estava muito agitado. Nunca mais me esqueci daquele homem. Havia morrido na rua; fora trazido para ali para ser julgado e acabou condenado. Mas estou divagando; o que estou dizendo nada tem a ver com as Ilhas Sandwich, mas uma lembrança leva à outra, e me lembro de

tudo isso pelo desprazer da primeira coisa que lá vi. Não é bom entrar diretamente num assunto importante. Quando um rapaz pretende propor casamento a uma jovem, ele não fala diretamente. Começa falando do tempo. Foi o que eu mesmo fiz muitas vezes.

Agora vou falar a respeito da Ilhas Sandwich. Há quem imagine que as Ilhas ficam na América do Sul, e este é um erro que quero atacar; é um erro que pretendo combater. As Ilhas Sandwich ficam a 3.218 quilômetros a sudoeste de San Francisco, mas por que foram deixadas lá no meio do Pacífico, longe de tudo, num lugar tão inconveniente, não é problema nosso – foi obra da Providência e não se deve discutir Suas obras. É uma questão semelhante a tantas outras que gostaríamos de examinar, como, por exemplo, para que foram criados os mosquitos, mas nas atuais circunstâncias sentimos não ser educado entrar nessas questões.

São 12 as ilhas, e sua área total não deve ser maior que a de Rhode Island mais a do estado de Connecticut. São ilhas de origem vulcânica, ou, deveria dizer, ilhas de construção vulcânica. Se houver em qualquer delas uma colher de terra comum, só pode ter sido importada. Oito ilhas são habitadas, e quatro delas são contornadas por montanhas que limitam a melhor terra para cana-de-açúcar que existe no mundo. As terras da Louisiana são consideradas ricas, e produzem de 227 a 771 quilos por acre. Duzentos acres nos Estados Unidos produzem entre 20 mil e 30 mil dólares de trigo; nas ilhas, a mesma área produz 200 mil dólares de açúcar, uma produção impossível neste país a menos que alguém decida plantar selos para colher ações. Eu poderia continuar falando sobre o açúcar a noite toda, e até gostaria. Mas acho melhor poupar os senhores. É muito interessante para quem se interessa, mas agora vou mudar de assunto. Se quiserem, há os relatórios do Departamento de Patentes, que posso recomendar como a mais plácida literatura que conheço.

As ilhas foram descobertas há 80 ou 90 anos pelo capitão Cook⁷, embora outro homem pudesse tê-las descoberto antes se não fosse

7. James Cook, conhecido como “capitão Cook” (1728-1779). Navegador britânico e explorador, comandou as três maiores viagens de descoberta e mapeamento e nomeou muitas das ilhas do oceano Pacífico. Navegou ao longo da costa da América do Norte até o estreito de Behring.

desviado do curso por um manuscrito encontrado numa garrafa. Quando foram descobertas, as ilhas abrigavam uma população de mais ou menos 400 mil pessoas, mas o homem branco chegou trazendo, além de educação, civilização e todas as outras calamidades semelhantes, várias doenças complicadas, e conseqüentemente a população caiu para 55 mil, e já existe uma proposta de enviar mais missionários para acabar com o resto. Não foram a educação e as instalações civilizadoras as responsáveis pela matança, foram as doenças importadas; todos agora têm tuberculose e outras doenças confiáveis e, falando figurativamente, estão rapidamente abandonando os negócios. Quando se forem, tomaremos posse de tudo como seus herdeiros legítimos.

Há mais ou menos 3 mil brancos nas ilhas; na maioria são americanos. São eles os reis de fato das Ilhas Sandwich; lá a monarquia é pouco mais que um nome. Na escala de caráter, aquele povo tem alta posição, comparável à de qualquer outro povo no mundo, e alguns dos que nasceram e foram educados nas ilhas nem chegam a ter idéia do que seja um vício. Um kanaka, ou nativo, não é ninguém se não tiver uma principesca renda anual de 75 dólares, ou um esplêndido patrimônio de 100 dólares. O país está apinhado de ocupantes de cargos públicos e de candidatos a esses cargos; existem muitos desses nobres patriotas. Em qualquer grupo de três homens, dois seriam funcionários e o terceiro candidato a funcionário. Numa ilha pequena, cuja área é equivalente à metade da de qualquer dos bairros de St. Louis, há uma quantidade enorme de nobres, príncipes, homens de alta posição, com títulos importantes, ocupantes de cargos importantes com direito a enormes salários – como por exemplo o ministro da Guerra, o secretário da Marinha, secretários de Estado e ministros da Justiça. Todos exibem belos uniformes e conferem grande imponência a um velório. É o país ideal para o herói medíocre, que é logo reduzido à humildade. Eles são tantos que um nobre de qualquer outro país seria reduzido a nada. Os kanakas celebram a nobreza de sua gente e, portanto, todo mundo é celebrado.

A cor dos nativos é um marrom escuro, quase uma mistura de marrom e preto. Uma cor muito bonita. O sol tropical e a tranqüilida-

de dos costumes herdados de seus ancestrais os tornaram preguiçosos, mas não são maus, são um povo bom. As mulheres nativas dos distritos rurais usam uma roupa comprida de algodão, mas não os homens. Nas grandes ocasiões os homens usam um guarda-chuva ou algum artigo como esse; fora isso, não se interessam por roupas vistosas.

Em tempos idos o rei era absoluto, sua pessoa era sagrada, e bastava que a sombra de um kanaka do povo caísse sobre ele para condenar o kanaka à morte. Sem salvação. Tudo o que o rei decretasse ser tabu representava a morte para quem o tocasse ou mesmo mencionasse. Abaixo do rei vinham os altos sacerdotes que faziam os sacrifícios humanos; abaixo deles os grandes chefes feudais e em seguida os kanakas comuns, que eram escravos de todos, cruelmente oprimidos. E lá no fundo dessa pirâmide estavam as mulheres, escravas abjetas de todo mundo. Elas faziam todo o trabalho e eram tratadas barbaramente. Sentar-se à mesa com o marido representava para uma mulher a condenação à morte, bem como comer as melhores frutas da ilha. Ao que parece, eles tinham uma noção obscura de uma mulher que comeu um fruto no Jardim do Éden, e achavam que não valia a pena correr o risco. E isso é sabedoria, sabedoria inegável. Adão foi realmente pouco severo. Eva quebrou o tabu, e daí vêm todas as dificuldades. Não se pode ser indulgente com as frutas nas mãos das mulheres.

Eram um povo teimoso, esses kanakas. Aos poucos foram chegando os missionários americanos e romperam os grilhões de toda a raça, quebrando o poder de reis e chefes. Libertaram o homem comum e elevaram sua mulher a uma posição de igualdade, deram a cada um seu pedaço de terra, que não lhe poderia ser tomado. Os missionários ensinaram toda a nação a ler e a escrever na língua nativa. Acho que não existe hoje um único analfabeto acima de oito anos em qualquer das Ilhas Sandwich. Creio que é o país mais bem educado do mundo, inclusive algumas partes dos Estados Unidos. E tudo foi feito pelos missionários americanos. E tudo foi em grande parte pago com as moedinhas que as crianças americanas levam para a escola paroquial. Todos nós colaboramos. É verdade que o sistema criou oportunidades para meninos maus. Muitos meninos maus aprenderam o

hábito de confiscar as moedas da causa missionária. Mas uma das lembranças de que mais me orgulho é o fato de eu nunca ter cometido esse pecado em toda a minha vida – no máximo uma ou duas vezes. Minha contribuição não pode ser negada. Por trinta anos, deixei 2 dólares investidos naquela causa. Mas não me importo. Não ligo para o dinheiro que foi usado para fazer o bem. E não digo isso para me vangloriar, só o menciono como um fato humanizador que poderá ter um efeito benéfico e beneficente sobre esta platéia.

Os nativos são hospitaleiros – muito hospitaleiros. Quem quiser passar alguns dias na cabana de um nativo pode ir e será bem-vindo. Ele vai fazer todo o possível para lhe dar conforto. Oferecerão cachorro assado, poi, peixe cru, porco salgado, fricassê de gato, todas as especialidades da estação. Tudo o que o coração humano deseja eles colocarão à sua disposição. Talvez esse não seja o festim cativante que parece ser à primeira vista, mas é oferecido com toda sinceridade e pelos melhores motivos do mundo, e é isso o que torna respeitável um festim, seja ele palatável ou não. Mas, se alguém pretende comerciar, aí tudo é completamente diferente – aí é negócio! E o kanaka é o homem certo. É um comerciante nato e, se puder, ele lhe passa a perna. Mente com a cara lavada, da primeira até a última palavra. Não são as mentiras que eu e vocês costumamos contar, são mentiras gigantescas, mentiras que assombram pela grandeza, mentiras que assustam pela impossibilidade quase imperial. É capaz de vender um cupim pelo preço corrente de uma montanha, e é capaz de mentir tanto que o preço até vai parecer baixo. Quando é pego, se desculpa com uma indiferença tranqüila de irresistível charme.

Uma das peculiaridades dos kanakas é que quase todos eles têm muitas mães, que não são as mães naturais; ainda não sei bem como fazer tal afirmação, mas mães adotadas. Têm o costume de chamar de mãe qualquer mulher de que gostem, independentemente de cor ou política, e existem nativos com mil mães, caso suas afeições sejam elásticas e liberais, como é o caso da maioria deles. Esse costume gera alguns incidentes curiosos. Um californiano foi para lá e iniciou uma plantação de cana-de-açúcar. Um de seus empregados pediu uma li-

cença para enterrar a mãe e foi atendido. Poucos dias depois ele voltou com o mesmo pedido. “Pensei que você a tivesse enterrado na semana passada”, disse o patrão. “Mas esta é outra”, explicou o nativo. “Está bem”, respondeu o patrão, “vá e enterre sua mãe”. Um mês depois o empregado queria enterrar mais algumas mães. “Olhe, não quero ser duro com você nesta hora de aflição, mas parece que seu estoque de mães é muito grande e atrapalha o seu trabalho, então vá embora e só volte depois de enterrar todas as mães que você ainda tenha neste mundo.”

Os kanakas são um povo estranho. São capazes de morrer quando querem. É verdade. São tão indiferentes à vida quanto um francês traído pela amante. Quando decidem morrer, morrem, estando ou não doentes, e não há meio de dissuadi-los. Quando alguém decide morrer, se deita e espera morrer, como se tivesse todos os médicos do mundo à sua volta. Um homem no Havaí perguntou ao seu empregado se ele não gostaria de, quando morresse, ser enterrado com grande pompa. Com um sorriso feliz, ele respondeu que gostaria, e no dia seguinte veio o supervisor e disse, “aquele rapaz se deitou e morreu ontem à noite, e disse que o senhor lhe prometeu um enterro grandioso”.

Gostam de cerimônias fúnebres. Grandes funerais são sua principal fraqueza. Roupas solenes, velórios imponentes e longas procissões são coisas que apreciam. Há alguns anos, um kanaka e sua mulher foram condenados à morte na forca por assassinato. Receberam a sentença com evidente satisfação, pois ela lhes dava a oportunidade de um lindo enterro. Para eles não interessa quem seja o enterrado; se pudessem, prefeririam assistir o próprio funeral ao de qualquer outra pessoa. O casal tinha posses e era dono de muitas terras. Venderam todas as terras e gastaram todo o dinheiro em roupas finas para o enforcamento. E a mulher subiu ao patíbulo num lindo vestido branco, sapatilhas e penas coloridas, e o homem usava um casaco maravilhoso, fraque azul com botões de latão e luvas brancas. Enquanto o nó era ajustado ao seu pescoço, ele assoou o nariz com um gesto grandioso, para mostrar o lenço branco bordado. Nunca vi um casal que tivesse tanto prazer num enforcamento.

Aquele povo também gosta muito de cachorros – não os grandes cães da Terra Nova, ou os imponentes mastins, mas aqueles cachorrinhos pequenos e desprezíveis que o homem branco condenaria à morte por uma questão de princípio. Não há nada de atraente nesses cachorrinhos, eles não têm uma única característica bonita, a não ser a cauda grossa. Um amigo meu disse que, se tivesse um cachorro desses, ele lhe cortaria o rabo e jogaria fora o resto do cachorro. Eles tratam dos cachorros, cuidam deles com carinho, e os cozinham e comem. Eu não consegui. Preferiria passar dois dias com fome a devorar assim um velho amigo, mas muitos brancos naquelas ilhas abandonam os preconceitos e jantam aqueles cachorrinhos, pois, afinal, eles não passam da conhecida lingüiça americana sem o mistério.

Um kanaka é capaz de comer tudo o que possa morder – um peixe vivo com escamas e tudo, o que deve ser muito desagradável para o peixe, mas o kanaka não liga. Já se disse que os kanakas eram canibais, mas é mentira. Eles não comeram o capitão Cook – ou, se o fizeram, foi apenas para se divertir. Mas houve um caso de canibalismo. Um estrangeiro das Ilhas do Pacífico Sul mudou-se para lá e comeu muitos kanakas. Era um cidadão útil, mas tinha fortes preconceitos políticos e guardava o apetite para a época das eleições, para reduzir os votos do Partido Democrata.

Neste ponto da minha conferência, em outras cidades geralmente faço uma demonstração de canibalismo, mas não conheço bem a cidade e não quero tomar liberdades. Ainda assim, se alguém na platéia me oferecer uma criança, poderei ilustrar a questão. Mas na verdade não é importante. Sei que crianças hoje são raras e caras, devido à desatenção que lhes é dedicada desde que começou o movimento em prol dos direitos da mulher. Vou saltar essa parte do programa, embora ela seja bonita e interessante. Mas não é necessária. E, ademais, não estou com fome.

Bem, aquele canibal estrangeiro acabou se cansando de só comer kanakas, como se cansaria qualquer sujeito normal, e achou que valia a pena experimentar um homem branco com cebolas. Então ele capturou e devorou o capitão de um navio baleeiro, mas isso foi o pior

que poderia lhe acontecer. O capitão era mais difícil de digerir que uma barrica de pregos. Com esse pecado na consciência e um capitão no estômago, seu sofrimento foi indescritível. Ele sofreu alguns dias e depois morreu. A verdade é que nem eu acredito nesta história, e só a conto por causa de sua moral. Acho que os senhores não entenderam a moral da história; mas eu sei que ela tem uma moral, porque já a contei umas 30 ou 40 vezes e nunca encontrei a moral.

Apesar de todos esses costumes bons e hospitaleiros, os kanakas têm alguns instintos cruéis. Gostam de jogar uma galinha viva no fogo só para vê-la pular. Antigamente, eram cruéis consigo mesmos. Costumavam arrancar o cabelo e queimar a pele, raspar a cabeça, arrancar um olho ou um par de dentes da frente toda vez que morria um rei ou alguma pessoa importante só para demonstrar tristeza e, se sua dor fosse grande demais, eles escalpelavam o vizinho e queimavam sua casa. Um excelente costume, já se vê, que oferecia uma boa oportunidade para acertar velhas contas. É uma pena não o termos aqui! Às vezes eles também matavam um bebê – às vezes o enterravam vivo; mas os missionários aniquilaram o infanticídio – de minha parte, não consigo entender a razão.

As mulheres das Ilhas Sandwich têm muitos costumes simpáticos que poderíamos praticar aqui com grande vantagem. Lá as mulheres cavalgam como os homens. Gostaria de introduzir esta reforma na nossa terra. Aqui também as mulheres deveriam cavalgar como os homens, pois o silhão é muito perigoso. Quando se encontram na rua, elas correm, se abraçam e se beijam, não se insultam umas às outras pelas costas. Gostaria de introduzir também esta reforma. Nossas mulheres não agem assim, e acho que deveriam. Mas estou entrando em terreno perigoso. Prefiro parar por aqui mesmo.

Esse povo faz praticamente tudo de trás para diante. Prendem a sela pelo lado direito, que é o lado errado; montam pelo lado errado; viram-se para o lado errado para dar passagem a quem vem da outra direção; usam a mesma palavra para dizer “adeus” e “bom dia”; usam o “sim” para dizer “não”; as mulheres fumam mais que os homens; o sinal para pedir que você se aproxime é sempre feito na direção opos-

ta; o único pássaro de belas penas nativo das ilhas só tem duas, e as duas ficam sob as asas, e não no alto da cabeça; os gatos geralmente têm uma cauda de apenas cinco centímetros, e geralmente elas terminam em um nó; o pato nativo vive no topo seco das montanhas a 1.524 metros de altitude; os nativos cozinham as galinhas em fogo baixo em vez de assá-las; dançam nos velórios e cantam canções tristes quando estão felizes; e com atroz perversidade eles lavam a camisa com um porrete e passam com um caco de tijolo. Ao jogar o nobre jogo americano, o *seven-up*⁸ – é um jogo... bem, mais tarde eu explico. Alguns dos senhores talvez já o conheçam, o resto talvez adivinhe; mas, quando jogam este jogo tão nobre e intelectual, quem dá as cartas distribui para a direita, e não para a esquerda, e o que ainda é muito pior – o dez vale mais que o ás! Ora, tamanha ignorância é condenável e, quanto a mim, agradeço a ida dos missionários para lá.

Os senhores agora podem imaginar o tipo de eleitores que terão se tomarem as ilhas daquele povo, como tenho certeza de que um dia vai ser feito. De início eles vão fazer tudo de trás para diante. Provocarão muitos problemas por aqui. Em vez de favorecer e incentivar o judicioso sistema de especulação ferroviária, toda essa espécie de coisas, acabarão por eleger para o Congresso o homem mais incorruptível. Não virar tudo de cabeça para baixo.

O povo de Honolulu é o mais tranqüilo do mundo. Poucas pessoas aqui conhecem seus costumes. Fundaram uma companhia de gás e definiram o preço do gás em 13 dólares por 305 metros. Só faturaram 16 dólares no primeiro mês. Foram todos para a cama ao anoitecer. São um povo excelente. E falo sério. Desconhecem até o nome de alguns dos vícios deste país. Uma mulher consultou um médico. Queriam um remédio para debilidade geral. Ele prescreveu que ela deveria beber cerveja porter⁹. Mais tarde ela voltou. A porter não fizera ne-

8. Jogo de cartas que requer sete pontos para a vitória.

9. A cerveja porter foi criada em meados do século XVIII e é o produto de três tipos populares de cerveja: a suave, a escura e a chamada *stale ale*. Era muito popular entre os trabalhadores do comércio marítimo, e estes eram chamados de “porter”. Era muito escura, pesada e tinha uma elevada dosagem de álcool (em torno de 7%).

nhum efeito. Ele perguntou a ela quanta cerveja tinha tomado. Ela respondeu que tinha tomado uma colher de sopa dissolvida num copo d'água. Quem dera pudéssemos importar um pouco dessa santa ignorância. Lá eles bebem pouco. Depois de pagar os impostos de importação de bebidas não sobra nada com que comprar bebida. São muito inocentes e bebem qualquer coisa que seja líquida – querosene, terebintina, óleo de cabelo. Numa cidade, no dia 4 de julho, toda a comunidade se embebedou com um barril do xarope da Sra. Winslow.

A maior glória das Ilhas Sandwich é o seu grande vulcão. O vulcão de Kilauea tem 5.181 metros de diâmetro, e entre 213 e 243 metros de profundidade. Perto dele, o Vesúvio é fichinha. É o maior vulcão do mundo; lança chamas a enormes alturas. Pode-se testemunhar uma cena de sublimidade ímpar, e as visões mais impressionantes. Quando o vulcão explodiu há alguns anos, a lava fluiu dele durante 20 dias e 20 noites, e criou uma correnteza de 40 milhas de comprimento até encontrar o mar, rasgando as florestas em sua passagem assustadora, engolindo cabanas, destruindo toda vegetação, arrasando vales escuros e *canyons* sinuosos – em meio a todo esse carnaval de destruição, majestosas colunas de fumaça se elevavam formando uma negra mortalha nebulosa. Chamas verdes e azuis eram lançadas para o alto e rasgavam a vasta escuridão, tornando tudo grandiosamente sublime.

Os nativos são indiferentes ao terror dos vulcões. Durante uma erupção eles comem, bebem, vendem, plantam e constroem, aparentemente indiferentes ao rugido da terra, ao tremor e à fusão de rochas gigantescas, ao bramido das ondas, aos ruídos assombrosos que vêm do fogo das profundezas. Andam tranqüilamente em meio à chuva de cinzas, areia e brilhantes cintilações, olhando desinteressados a aparência mutante da atmosfera, pesada, negra, lívida e em brasa, a subita repentina de grandiosos pilares de fumaça, mil colunas torcidas de fumaça e a nuvem densa e colorida. Todos esses fenômenos impressionantes são tratados por eles como uma chuva breve ou a correnteza de um riacho, ao passo que para os outros eles são os sinais da partida dos céus e do juízo final. É isso! Graças a Deus, finalmente tirei esse vulcão da minha cabeça.

Conheci há tempos, perto de Sacramento, um editor rural alto e desajeitado a quem enviei uma ode ao mar, que começava assim: “A longa e verde onda do Pacífico”. O editor rural me respondeu em carta e declarou que não se deixara enganar por mim, e que não aceitaria minhas insinuações grosseiras. Sabia muito bem o que eu queria dizer com “longa e verde onda do Pacífico”.

Há uma coisa característica dos trópicos que um estrangeiro, querendo ou não, com toda certeza vai ter, que é a febre boo-hoo. Os sintomas são náusea no estômago, fortes dores de cabeça, de barriga, nas costas, e completa indiferença sobre ter ou não ter aulas. Ninguém é cidadão das Ilhas Sandwich se não tiver sofrido a febre boo-hoo. Quem a teve nunca mais se esquece. Lembro-me de um menino das ilhas que teve a febre. Um nova-iorquino lhe perguntou se ele tinha medo da morte. Ele respondeu: “Não, não tenho medo de nada; só tenho medo de morrer de febre boo-hoo”.

O clima das ilhas é extremamente aprazível, é lindo. Em Honolulu o termômetro está sempre entre 26 e 27 graus durante praticamente o ano todo; não varia mais de 6,6 graus em 12 meses. Nas áreas de produção de açúcar o termômetro marca sempre 21 graus e não varia. Qualquer termômetro, ainda que não tenha mercúrio, funciona. São 27 graus na praia, 21 mais para o interior, 16 graus nas encostas das montanhas, e à medida que se sobe, a temperatura vai caindo para 10, 4, -1 graus, e até menos, até que se chega ao topo, onde o frio é tanto que não se consegue mais falar a verdade. Posso afirmá-lo porque já morei nas ilhas. O clima é muito saudável, particularmente para os brancos, e por isso os brancos saudáveis cometem as maiores imprudências. Levantam-se muito cedo: é possível vê-los já às sete e meia da manhã, cumprem todas as suas obrigações até o anoitecer. Toda essa atividade não lhes faz mal; não lhes provoca a morte, como seria de esperar. Já vi um calor tão forte na Califórnia que as verdinhas¹⁰ chegaram a 61 graus à sombra.

10. No original, o termo informal “*greenbacks*” refere-se às cédulas em papel. Nesse momento, contemporâneo ao chamado Pânico de 1873, a defesa de um padrão de prata para a moeda nacional norte-

Os nativos acreditam na superstição de que os maiores mentirosos do mundo sempre visitam a ilha antes de morrer. E acreditam porque é verdade; os senhores não estão me entendendo, quero dizer que quando chegam lá os mentirosos ficam. O povo tem vários espécimes de que se orgulhar. Dão muito valor às suas pequenas perfeições, a que aludem como se a inspiração do homem viesse de baixo. Havia entre eles um homem chamado Morgan. Ele jamais permitiu que alguém contasse uma mentira maior que a dele próprio, e sempre contava a última. Quando alguém falava de uma ponte natural na Virgínia, ele dizia que já a conhecia, pois seu pai tinha trabalhado na sua construção. Alguém falava do seu cavalo maravilhoso. Morgan então falava de um cavalo que tivera. Um dia ele estava passeando e veio uma tempestade e o perseguiu por 29 quilômetros, mas não conseguiu alcançá-lo. Nenhuma gota de chuva caiu sobre seu cavalo, mas o cachorro veio nadando atrás da carroça por todo o caminho.

Certa vez, quando se discutia o assunto de homens maus, Morgan contou de uma companhia fundada por homens maus. Contrataram um pobre-diabo para explodir rochas. Esse sujeito fez um buraco de quatro pés de fundo, colocou a pólvora e começou a tamponar em volta do pavio. Eu conheço bem essa história de tamponamento, pois trabalhei numa mina. A barra de ferro com que ele batia soltou uma fagulha e provocou uma explosão prematura, e o homem com sua barra de ferro foi mandado pelos ares, cada vez mais alto, até ficar do tamanho de um menino, e continuou subindo até ficar do tamanho de um cachorro, e continuou subindo até sumir de vista; e logo ele voltou a aparecer, do tamanho de uma abelha, e continuou caindo até ficar do tamanho de um cachorro, e continuou caindo até ficar do

americana surge como uma alternativa ao padrão ouro, apoiado num metal de preço cada vez mais alto e de cada vez mais difícil obtenção. A desmonetização da prata na América e na Europa e o aumento da extração haviam levado à queda de seu preço no mercado. Os defensores da inflação passam, assim, a pregar o padrão prata, acreditando que a emissão de moedas com o padrão prata atenderia seus objetivos tanto quanto as cédulas de papel (“*greenbacks*”), pelo menos enquanto um dólar de prata valesse intrinsecamente menos do que um de ouro. A idéia de um dinheiro “barato” leva à formação de um partido político (“*Greenback Party*”), que várias vezes chegou a indicar candidatos às eleições presidenciais e que teve um período de florescimento em eleições locais entre 1873 e 1878.

tamanho de um menino, até chegar ao chão do tamanho de um homem, e caiu exatamente no mesmo lugar onde estava tamponando. E vocês acreditam – concluiu Morgan – que, apesar de não ter se ausentado por mais de 15 minutos, ainda assim a companhia era tão sovina que lhe cortou os 15 minutos do pagamento?

A terra de que estive falando aos senhores está no meio do deserto de água, no coração das solidões quase sem solo do Pacífico. É uma terra de sonho, linda e encantadora. Gostaria de fazer os senhores entenderem toda a sua beleza. É uma terra que parece muito vaga e encantadora quando se lê sobre ela, e que é ocupada por um povo de raça gentil, indolente e descuidada.

É a terra do domingo. A terra da indolência e dos sonhos, onde o ar é sonolento e as coisas tendem ao repouso e à paz, a desconhecer o trabalho e a agitação, o cansaço e a ansiedade da vida.

RÚSSIA

AO EDITOR DE RÚSSIA LIVRE

(1890)

Mark Twain escreveu esta carta, nunca enviada, em agosto ou setembro de 1890 em resposta à solicitação de um artigo que lhe fora feita pelo editor em questão. Em abril do ano seguinte Twain viria a participar como sócio-fundador da Sociedade dos Amigos Americanos para a Liberdade Russa, tendo seu nome incluído na capa de Rússia Livre pouco tempo depois.

Onteora, 1890

Agradeço a honra do convite para dizer alguma coisa, mas quando penso no último parágrafo de sua primeira página, e depois estudo sua declaração na terceira página, que trata dos objetivos dos muitos partidos pela libertação da Rússia, não sei bem como proceder. Permita-me citar aqui os parágrafos a que me refiro.

Mas os corações humanos são construídos de maneira que a vista de uma vítima voluntária de uma idéia nobre os agita mais que a visão de uma multidão que se submete a um destino cruel que não consegue evitar. Ademais, estrangeiros não percebem com tanta clareza como os russos a enorme responsabilidade do governo pela miséria torturante das massas; nem entendem a sordidez moral imposta pelo governo sobre a totalidade da Rússia educada. Mas as atrocidades cometidas contra prisioneiros indefesos existem em toda sua baixeza, concretas e palpáveis, não admitem desculpas, dúvidas nem hesitações, clamando ao coração da humanidade contra a tirania russa. E o governo do czar, estupidamente confiante na sua posição aparentemente inexpugnável,

em vez de aprender com as primeiras censuras, parece zombar dessa era humanitária pelo agravamento das brutalidades. Não satisfeito em impor morte lenta aos seus prisioneiros e em enterrar a flor de nossa nova geração nos desertos da Sibéria, o governo de Alexandre III decidiu quebrar seu espírito submetendo-a deliberadamente a um regime jamais visto de brutalidade e degradação.

Quem lê este parágrafo à luz das revelações de George Kennan¹ e considera o quanto ele significa, considera que todas as figuras terrenas são incapazes de tipificar o governo do czar, e que é necessário descer ao inferno para encontrar algo comparável, volta-se esperançoso para sua declaração dos objetivos dos diversos partidos para a libertação – e se desaponta. Aparentemente nenhum deles é capaz de pensar em destruir o inferno atual, todos esperam simplesmente esfriá-lo um pouco.

Percebo agora por que todos os homens são inimigos mortais e implacáveis das cascavéis: é porque a cascavel não tem o dom da fala. Como fala, a monarquia conseguiu convencer os homens de que é diferente das cascavéis, que esconde em si algo de valioso, que vale a pena preservar uma coisa boa, sincera e augusta, desde que adequadamente modificada, e que lhe dá o direito à proteção contra o porrete do primeiro que a encontrar fora da toca. Parece uma ilusão estranha e inconciliável com nossa superstição de que o homem é um ser racional. Se uma casa está em chamas, imaginamos confiantes ser dever do primeiro que aparecer apagar o fogo da forma que lhe for possível, encharcando-a de água, explodindo-a com dinamite, usando qualquer meio que evite que o fogo se espalhe e que salve o resto da cidade. O que é o czar da Rússia senão uma casa em chamas no meio de uma cidade de 80 milhões de habitantes? Ainda assim, em vez de apagar o

1. George Kennan foi autor de uma série de artigos, publicados entre 1888 e 1891, sobre o exílio e o confinamento de oponentes políticos do czar. A série causou apreensão nos Estados Unidos a respeito das condições desses prisioneiros e do regime russo. Mark Twain leu a série e antes do final de 1890 estabeleceu contato com o organizador dos Amigos Ingleses da Liberdade Russa, ajudando a fundar, no ano seguinte, a similar norte-americana dessa instituição.

fogo, e o seu ninho e o seu sistema, os partidos para a libertação pretendem apenas esfriá-lo um pouco e mantê-lo.

Isto me parece ilógico; de fato, uma idiotice. Imagine que esse maníaco russo de coração de granito e de presas sangrentas entrasse na sua casa e perseguisse as mulheres e crianças, as suas próprias. O que você faria com ele, supondo que tivesse uma espingarda? Muito bem, ele está solto na sua casa, a Rússia. E, de espingarda na mão, vocês tentam imaginar meios de “modificá-lo”.

Será possível que esses partidos para a libertação imaginam que terão sucesso num projeto que já foi tentado um milhão de vezes na história do mundo sem que houvesse um único caso bem-sucedido; a “modificação” do despotismo por qualquer outro meio que não o derramamento de sangue? O privilégio de escrever em segurança estas sentenças sanguinárias foi comprado para mim por rios de sangue derramado em muitos campos, em muitas terras, mas não existe privilégio algum que me tenha chegado em razão de petição, persuasão, agitação pró-reforma ou qualquer outro método semelhante. Quando consideramos que nem o mais respeitável monarca europeu jamais devolveu um direito público antes que ele lhe fosse tomado pela violência sangrenta, seria racional supor que métodos mais suaves serão capazes de ganhar privilégios na Rússia?

É claro que eu sei que a melhor forma de derrubar o trono russo seria pela revolução. Mas não é possível fazer lá uma revolução, portanto a única coisa a ser feita, aparentemente, é manter o trono vazio por dinamite até que um dia os candidatos declinem da honra com agradecimentos. E depois organizar uma república. Este método tem algumas vantagens significativas, pois, enquanto uma revolução destrói algumas vidas que não poderiam mesmo ser poupadas, com a dinamite isso não acontece. Considere o seguinte: aqueles que conspiram contra a vida do czar vêm de todas as classes sociais, desde a mais baixa à mais alta. E considere: se tantos participam ativamente quando o perigo é tão ameaçador, isso não seria prova de que os simpatizantes que não se movem nem mostram as mãos devem ser multidões incontáveis? Será possível partir, durante gerações, os corações de mi-

lhares de famílias com o pavoroso exílio anual para a Sibéria e não cobrir toda a Rússia de ponta a ponta com pais e mães, irmãos e irmãs enlutados que odeiam secretamente o perpetrador de crime tão portentoso, cuja vida exigem com fome e sede? Se sua mulher, ou seu filho, ou seu pai tivesse sido exilado para as minas da Sibéria por algumas frases triviais arrancadas de um espírito sofredor pela tirania intolerável do czar e, tendo a oportunidade de matá-lo, você não o tivesse feito, você não acredita que pelo resto de sua vida teria vergonha de viver na sua própria sociedade? Suponha que aquela senhora russa linda e refinada que foi inteiramente despida diante da soldadesca brutal e açoitada até a morte pela mão do czar, e em presença dele, fosse sua esposa, ou sua filha, ou sua irmã, e que hoje o czar passasse ao alcance de sua mão, o que você sentiria – e o que você faria? Pense que por toda a Rússia, de uma fronteira a outra, uma miríade de olhos se tenham enchido de lágrimas quando chegou a notícia, e que através das lágrimas aquela miríade de olhos vissem, não aquela pobre senhora, mas os entes amados que se perderam, cujo destino o dela fez lembrar com novo acesso da dor de um passado negro e amargo que nunca será esquecido nem perdoado.

Se sou um swinburneano² – e o sou até a medula dos ossos –, tenho certeza de que a natureza humana tem honra bastante para crer na existência de 80 milhões de russos que também o são, e de uma única família russa que não o é.

2. Algernon Charles Swinburne, 1837-1909. Poeta e crítico britânico, atacou as convenções da moralidade britânica em sua obra e escreveu poesia considerada erótica e ousada para a época.

O SOLILÓQUIO DO CZAR

(1905)

Publicado na North American Review em março de 1905, em pleno ano da revolução verificada na Rússia czarista por ocasião do Domingo Sangrento, quando as tropas do czar abrem fogo contra uma manifestação pacífica de trabalhadores em São Petersburgo. O texto foi elaborado aproximadamente na mesma época em que Twain escreveu o “Solilóquio do rei Leopoldo”, a respeito dos horrores praticados no Estado Livre do Congo.

Sua afinidade literária com a sátira política em primeira pessoa leva-o a lançar mão da estrutura formal do solilóquio, forma dramática ou literária em que uma personagem extravasa de maneira ordenada e lógica os seus pensamentos e emoções em monólogos, sem dirigir-se especificamente a qualquer ouvinte.

Imaginando um momento real de total desnudamento do czar diante de sua própria consciência, Twain empreende uma crítica ao mascaramento ideológico produzido pelo poder constituído e por suas representações. A crítica converge para a exterioridade dos símbolos do poder monárquico, atraindo a idolatria popular e estimulando a idéia de uma natureza divina e superior dos representantes da realeza. Mais uma vez tem-se aqui um texto que evidencia a convicção republicana de Twain, e sua insistência na idéia da racionalidade do patriotismo moderno, reiterando sua crença no patriotismo como processo politicamente redentor, capaz de desencadear a luta pela superação da miséria e da exploração.

A ironia do paralelo entre primitivos e civilizados funciona de forma paródica, evidenciando o absurdo do discurso do czar. Da mesma forma, a equiparação entre os desmandos da tradição czarista na Rússia e o processo descrito de animalização dos súditos do czar é igualmente

te reveladora do sentimento de simpatia e de solidariedade de Twain diante da causa revolucionária, por ele avaliada como resultante de uma adesão consciente a um patriotismo que considera ao mesmo tempo racional e nacional.

Depois do seu banho matinal, o czar costuma meditar durante uma hora antes de se vestir – *Do correspondente do London Times.*

[*Olhando-se no espelho*] Nu, o que sou eu? Uma caricatura magra, enrugada, de pernas de aranha da imagem de Deus! Veja a cabeça de cera – o rosto expressivo como um melão – as orelhas de abano – os cotovelos – o peito fundo – as canelas finas – e os pés, cheios de calos e juntas e ossos, a cópia de chapa de raios-x! Não há nada de imperial em mim, nada imponente, impressionante, nada que provoque respeito e reverência. É diante disto que 140 milhões de russos beijam a terra? É a isto que adoram? Evidentemente, não! Em particular, ninguém sabe disso melhor que eu: são as minhas roupas. Sem minhas roupas eu seria tão destituído de autoridade quanto qualquer outro homem nu. Ninguém me distinguiria do cura, do barbeiro, do *dandy*. Então quem é o verdadeiro imperador da Rússia? Minhas roupas. Mais ninguém.

Como sugeriu Teudelsdrickh, o que seria um homem – o que seria qualquer homem – sem suas roupas? Quem pára para pensar sobre esta proposição percebe que sem roupas um homem nada seria; que as roupas não apenas fazem o homem, elas são o homem; que sem elas ele é um zero, um vazio, um ninguém, um nada.

Títulos, mais uma artificialidade, são parte das roupas. São elas e os adereços que escondem a inferioridade daquele que os veste e o fazem parecer grande e um fenômeno, quando no fundo ele nada tem de notável. Elas são capazes de fazer uma nação cair de joelhos e adorar sinceramente o imperador que, sem as roupas e o título, cairia ao nível do operário e seria engolido, desapareceria na multidão de irrelevâncias; um imperador que, nu num mundo nu, não seria notado, não seria comentado, seria atropelado a cotoveladas como qual-

quer outro estranho sem importância, talvez até lhe oferecessem um copeque para carregar a mala de alguém; ainda assim um imperador que, pelo puro poder dessas artificialidades – roupas e títulos –, se faz adorado como um deus por seu povo, capaz de à sua vontade, sem contestações, exilá-lo, persegui-lo, destruí-lo, como só poderia fazer com ratos se um acidente de nascimento tivesse lhe dado outra vocação, que não o império, mais de acordo com sua capacidade. É uma força estupenda – a que reside nas roupas e nos títulos que a tudo ocultam; encham de respeito quem as observa; fazem-no tremer; ainda assim ele sabe que toda dignidade real hereditária comemora uma usurpação, um poder adquirido ilegitimamente, uma autoridade conferida por pessoas que não a tinham. Pois os monarcas têm sido escolhidos apenas pela aristocracia: jamais uma nação elegeu um.

Não existe poder sem roupas. São elas o poder que governa a raça humana. Dispam-se os governantes, e Estado algum será governado; funcionários nus não terão autoridade; pareceriam (e seriam) iguais a qualquer outro – um lugar-comum, uma inseqüência. Um policial sem farda é um homem; com a farda ele é dez. Roupas e título são a coisa mais poderosa, a mais formidável influência da terra. São eles que levam a raça humana a respeitar voluntária e espontaneamente o juiz, o general, o almirante, o bispo, o embaixador, o conde frívolo, o duque idiota, o sultão, o rei, o imperador. Nenhum grande título é eficiente sem as roupas que o apóiam. Nas tribos nuas de selvagens os reis usam algum tipo de trapo ou enfeite que os torna sagrados para si e que ninguém mais pode usar. O rei da grande tribo Fan usa uma pele de leopardo no ombro – ela é sagrada à realeza; o resto dele vive absolutamente nu. Sem esse pedaço de pele de leopardo para impressionar e impor respeito ao povo, ele não seria capaz de manter o emprego.

[*Depois de um silêncio*] Uma invenção curiosa, uma invenção sem autor – a raça humana! Os milhões de russos fervilhantes permitem há séculos que minha família os assalte, insulte-os, pisoteie-os, e eles viveram, sofreram e morreram sem nenhum outro objetivo na vida que não tornar confortável a vida da minha família! Essas pessoas não passam de cavalos – cavalos que têm roupas e religião. Um cavalo com

a força de cem homens se deixa açoitar, matar de fome, comandar; os milhões de russos permitem que um punhado de soldados os mantenha na escravidão – soldados que são seus filhos e irmãos!

É uma coisa estranha, quando se considera essa questão: o mundo aplica ao czar e ao seu sistema os mesmos axiomas morais que estão em voga e são aceitos nos países civilizados! Como nos países civilizados é errado remover o opressor de outra forma que não o processo legal, afirma-se que a mesma regra se aplica à Rússia, onde não existem leis – que não as da nossa família. Leis não passam de restrições; não têm outra função que não a de restringir todas as pessoas, e restringi-las igualmente, o que é justo e imparcial; mas na Rússia as leis que existem fazem uma exceção – nossa família. Fazemos o que queremos; sempre fizemos o que quisemos durante séculos. Nossa profissão comum sempre foi o crime, nosso passatempo comum o assassinato, nossa bebida comum, o sangue – o sangue da nação. Sobre nossos rosários repousam milhões de mortos; mesmo assim o moralista pio afirma que assassinar-nos é um crime. Nós e nossos tios formamos uma família de serpentes lançadas sobre 140 milhões de coelhos, a quem torturamos e assassinamos, e dos quais nos alimentamos todo dia; ainda assim o moralista insiste em que matar-nos é um crime, não um dever.

Não posso confessar ao mundo, somente para alguém aqui dentro – eu mesmo –, que isso tudo é de uma ingenuidade hilariante, ilógica. Nossa família está acima da lei; não existe lei que nos atinja, que nos restrinja, que proteja o povo de nós. Estamos portanto fora da lei. E um fora-da-lei é um alvo legítimo para a bala de qualquer um. Ah, o que seria da nossa família sem o moralista? Foi sempre ele o nosso esteio, nosso apoio, nosso amigo; hoje ele é nosso *único* amigo. Sempre que se falou em assassinato, ele avançou e nos salvou com a máxima proverbial: “Controlai-vos: ninguém jamais conquistou algo politicamente valioso pela violência”. É até possível que ele acredite. Porque ele não tem na cabeceira um livro infantil de história do mundo para aprender que essa máxima contraria as estatísticas. Todos os tronos foram estabelecidos pela violência; nenhuma tirania real ja-

mais foi derrubada sem violência; pela violência meus pais fundaram nosso trono; pelo assassinato, traição, perjúrio, tortura, banimento e prisão eles o mantiveram durante quatro séculos, e pelas mesmas artes eu o mantenho hoje. Jamais existiu um Romanoff culto e experiente que não revertesse aquela máxima, dizendo: “Nada politicamente valioso foi conquistado sem violência”. O moralista percebe que hoje, pela primeira vez na nossa história, meu trono está em real perigo e a nação acorda da imemorial letargia da escravidão; mas ele não entende que isso se deve a quatro atos de violência: o assassinato da Constituição finlandesa por minha mão; o assassinato de Bobrikoff e Plehve por assassinos revolucionários; e o massacre de inocentes que ordenei outro dia. Mas o sangue que flui nas minhas veias – sangue informado, treinado, educado por suas heranças terríveis, sangue alertado por suas tradições, sangue que ao longo de 400 anos freqüentou a escola nas veias de assassinos profissionais, meus predecessores – *ele* percebe, *ele* entende! Aqueles quatro atos provocaram uma comoção no fundo inerte e escuro do coração nacional que moralista algum teria conseguido; acordaram o ódio e a esperança naquele coração há tanto tempo atrofiado; e, pouco a pouco, lenta, mas seguramente, aquele sentimento há de penetrar em todos os peitos, e possuí-los. No devido tempo, até mesmo no peito dos soldados – dia fatal, dia do juízo! Pouco a pouco haverá resultados! Como o moralista acadêmico conhece pouco a tremenda força moral do massacre e do assassinato! De fato, haverá resultados! A nação está em parto; e logo haverá um portentoso nascimento – PATRIOTISMO! Dito com palavras rudes, simples e desagradáveis – o verdadeiro patriotismo, patriotismo real: lealdade, não a uma família e a uma ficção, mas lealdade à própria nação!

Existem 25 milhões de famílias na Rússia. Existe um homem-criança no colo de toda mãe. Se esses 25 milhões de mães patriotas ensinassem diariamente a esses homens-crianças, dizendo: “Lembre-se sempre disto, aprenda de cor, viva por isto, se for necessário, morra por isto: nosso patriotismo é medieval, velho, obsoleto; o patriotismo moderno, o verdadeiro patriotismo, o único patriotismo racional, é a *lealdade à Nação TODO o tempo, lealdade ao Governo quando ele a*

merecer”. Quando, em uma geração, houver 25 milhões de patriotas ensinados e treinados nesta terra, meu sucessor há de pensar duas vezes antes de mandar assassinar mil pobres e indefesos cidadãos que imploram humildemente bondade e justiça, como eu mesmo fiz outro dia.

[*Faz uma pausa e reflete*] Bem, talvez eu tenha sido afetado por esses recortes deprimentes de jornal que encontrei sob o travesseiro. Vou ler e ponderar mais uma vez. [*Lê*]

MULHERES POLONESAS AÇOITADAS

Mulheres de reservistas tratadas com horrível brutalidade – Pelo menos uma foi morta.

Telegrama especial do *NY Times*

Berlim, 27 de novembro. Enfurecidas porque as tropas polonesas se recusaram a abandonar mulheres e filhos, as autoridades russas em Kutno, uma cidade na fronteira polonesa, trataram o povo de forma quase incrivelmente cruel.

Sabe-se que uma mulher *foi açoitada até a morte* e que muitas outras foram feridas. Cinqüenta pessoas foram atiradas na masmorra. Alguns dos prisioneiros foram *torturados até a inconsciência*.

Ainda faltam detalhes das brutalidades, mas parece que os cossacos arrancaram os reservistas dos braços de suas mulheres e filhos e *depois açoitaram as mulheres que seguiram os maridos até a rua*.

Quando os reservistas não eram encontrados, suas mulheres eram arrastadas pelos cabelos para a rua e lá *açoitadas*. *O oficial comandante do distrito e o coronel de um regimento ficaram observando enquanto tudo isso acontecia*.

Uma menina que havia ajudado a distribuir panfletos socialistas foi *tratada com terrível atrocidade*.

CZAR É O UNGIDO DO SENHOR

Povo passa a noite orando e jejuando antes de visita de Sua Majestade a Novgorod.

London Times – NY Times. Telegrama especial. Copyright 1904, *NY Times*

Londres, 27 de julho. Os correspondentes russos do *London Times* informam que o seguinte extrato do *Peterburger Zeitung*, que descreve os atos recentes do czar em Novgorod, mostra um exemplo típico da adulação servil que os súditos do czar consideram necessária.

“A bênção dos soldados, *que se ajoelharam devotamente diante de Sua Majestade*, foi um espetáculo comovente. Sua Majestade ergueu bem alto o ícone sagrado e deu em voz alta uma bênção em seu nome e no da Imperatriz.

“Milhares *choraram de emoção e de êxtase espiritual*. Alunas de escolas femininas espalharam rosas no caminho do monarca.

“As pessoas se comprimiram até a carruagem para guardar indelevelmente na memória *as feições sagradas dos Senhores Ungidos*. Muitas pessoas haviam passado a noite rezando e jejuando para serem dignas de *olhar o rosto de sua Majestade com a alma pura e sem pecado*.

“Há grande entusiasmo na *felicidade assim oferecida ao povo*.”

[*Comovido*] Que vergonha!... Que tristeza!... Como é grotesco!... E pensar que fui *eu* quem fez todas essas crueldades. Não há como evitar a responsabilidade pessoal – fui eu quem fez isso a elas. E fui quem recebeu aquela adoração rastejante e aterrorizada! Eu – esta coisa no espelho – esta cenoura! Com uma mão eu açoitei uma mulher inocente até a morte e torturei prisioneiros até a inconsciência; e com a outra eu ergui um fetiche até o Deus meu colega no céu e invoquei sua bênção para os meus adorados animais, aos quais, e a cujos ancestrais, com Sua sagrada aprovação, eu e os meus ensinamos as dores do inferno ao longo de quatro longos séculos. É um quadro! Pensar que esta coisa no espelho – este vegetal – é a divindade aceita de uma nação poderosa, de uma hoste incontável, e ninguém ri; e ao mesmo tempo é um demônio profissional prático, e ninguém se espanta, ninguém descobre as incongruências nem as incoerências! Será que a raça humana é uma piada? Será que ela foi inventada e construída numa época de ócio em que não havia nada para fazer? Será que ela não tem o menor respeito por si mesma?... Acho que meu respeito por ela está decaindo, acabando – e junto vai o meu respeito por mim mesmo. Só existe uma solução – *Roupas!* Roupas que revivem o respeito e reanimam o espírito! O melhor presente dos céus ao homem, sua única proteção contra o autoconhecimento: elas o enganam, conferem-lhe dignidade, pois sem elas ele não a tem. Como são caridosas as roupas, como são bondosas, poderosas, como são inestimavelmente preciosas! As minhas são capazes de expandir um zero até um portento que assombra o mundo; elas cobram o respeito do mundo inteiro – inclusive o meu, que está acabando. Vou me vestir.

RUSSOS SOFREDORES

(18 de dezembro de 1905)

Discurso proferido em 1905 por ocasião de um espetáculo em benefício dos russos, que naquele momento passavam pelos terríveis episódios do massacre e da repressão ao movimento revolucionário abortado. O evento contou com a participação de Sarah Bernhardt, atriz francesa considerada a diva do teatro europeu daquele momento. Após reverenciar o talento e a beleza da atriz, Twain discorre sobre o tema da oportunidade perdida, ilustrando-a com uma espécie de parábola que, lida à luz dos acontecimentos políticos da Rússia naquele momento, constitui-se numa inequívoca alusão de solidariedade à causa revolucionária.

No dia 18 de dezembro de 1905 houve um espetáculo no cassino em benefício dos russos sofredores. Depois da apresentação, o Sr. Clemens falou.

Senhoras e senhores,

Parece uma crueldade infligir a uma audiência como esta a nossa rude língua inglesa, depois de termos ouvido um divino discurso fluindo na lúcida língua gaulesa.

Ela sempre me maravilhou – a língua francesa; sempre foi um mistério para mim. Como é linda. Como parece expressiva. Como é cheia de graça.

E, quando vem de lábios como esses, como é eloquente e líquida. Mas, oh, para mim é sempre um desapontamento, sempre espero ser capaz de entendê-la.

Mas para mim é um prazer tão grande, um prazer tão grande, encontrar madame Bernhardt e rir com ela, mão na mão, coração a coração.

Já a tinha visto atuar, todos a vimos, e ah, ela é divina, mas sempre quis conhecer a própria madame Bernhardt, esta mulher de fogo. Sempre quis conhecer esta maravilhosa personalidade.

Ora, ela é a pessoa mais jovem que já conheci, a não ser por mim próprio, pois sempre me sinto jovem na presença de jovens.

Tenho uma gostosa lembrança de um incidente ocorrido há muitos anos, quando madame Bernhardt veio a Hartford, onde eu vivia, e devia se apresentar, e os ingressos custavam 3 dólares, e havia duas mulheres encantadoras – uma viúva e sua filha –, nossas vizinhas; muito cultas eram elas, tinham gosto refinado e sublime, mas eram muito pobres, e disseram: “Não podemos gastar 6 dólares com prazeres intelectuais; se tivermos de gastar 6 dólares, que seja para ajudar alguém a comprar pão para comer”.

E assim elas lamentaram ter de abrir mão do grande prazer de assistir madame Bernhardt, mas havia dois outros vizinhos igualmente cultos que não tinham como comprar pão, e aquelas duas bondosas senhoras lhes deram os 6 dólares – privaram-se deles –, deram o dinheiro para os pobres vizinhos comprarem pão. E os pobres vizinhos pegaram o dinheiro e compraram ingressos para a apresentação de madame Bernhardt.

É verdade, algumas pessoas têm bom gosto e são inteligentes.

Ora, eu devia fazer um discurso, imagino que devia, mas não vou. Já está tarde, tarde, por isso vou contar uma história; e uma história tem uma vantagem: qualquer que seja a valiosa moral que se coloca num discurso, ela se perde no meio daquelas frases arresadas, e a platéia vai embora sem entender o que era aquela valiosa moral que a gente tentava transmitir; mas, se a gente coloca a mesma valiosa moral numa história, ela se transforma na chave daquela história, e todos a entendem – ela brilha, queima, torna-se a jóia na cabeça do sapo, não se esqueçam.

Se tiver de tratar de um assunto como, digamos, a oportunidade perdida... Ah, a oportunidade perdida. Qualquer um nessa casa

que tenha chegado a esse ponto na vida – 60, 70, talvez até 50, por aí –, quando relembra sua própria história, encontra ao longo de todo o caminho os marcos da oportunidade perdida, e como isso é patético.

Vocês mais jovens não sabem a tragédia que se esconde nessas palavras – a oportunidade perdida; mas qualquer um que tenha chegado à velhice, que realmente viveu e sentiu a vida, conhece a tragédia da oportunidade perdida.

Vou lhes contar uma história cuja moral é essa, cuja lição é essa, cujo lamento é esse.

Há muitos anos eu estava numa vila, subúrbio de New Bedford; bem, quem sabe, New Bedford é um subúrbio de Fair Haven, ou talvez seja o contrário; de qualquer modo, era preciso juntar as duas cidadezinhas para se ter o grande centro da indústria baleeira da primeira metade do século XIX, e eu estava lá, em Fair Haven, há alguns anos com um amigo.

Estava acontecendo a inauguração da nova prefeitura, um edifício público, e lá estávamos nós naquela tarde. O grande edifício estava lotado, parecia um grande teatro de cidadãos felizes, e meu amigo e eu descemos pelo corredor central. Ele viu um homem parado no corredor e me disse: “Veja aquele veterano bronzeado, aquele homem de rosto impassível como se de madeira. Agora, diga-me, você percebe naquele rosto algum traço de emoção? Você é capaz de ver nele alguma coisa que sugira que dentro daquele homem exista um incêndio iminente? Você imaginaria que ele é um vulcão humano?”

“Claro que não; não imagino. Ele me lembra o índio de madeira na frente da tabacaria.”

“Muito bem, vou lhe mostrar que até nos lugares menos promissores existe emoção. Vou conversar com aquele homem e mencionar da forma mais natural um incidente que se passou com ele. Ele deve estar beirando os 90 anos. Já passou dos 80. Vou mencionar um incidente ocorrido há 50 ou 60 anos. Observe o efeito, e tudo vai ser tão natural que você talvez nem perceba o momento em que eu digo aquela coisa, mas observe com cuidado o efeito.”

Ele caminhou até ele e abordou aquela antiguidade, e fez uma ou duas observações. Não consegui acompanhar. Foram tão naturais que não consegui perceber qual acionou aquele botão, pois imediatamente o velho entrou em erupção e encheu todo o lugar de obscenidades as mais requintadas. Vocês nem imaginam o nível refinado de obscenidades. Eu nunca as ouvi gritadas com tanta eloquência.

Jamais apreciei tanto a profanidade quanto apreciei aquela noite, mais do que se eu próprio estivesse gritando. Não há nada comparável a ouvir um artista – todas as paixões expressas em lava, fumaça, trovão, raio e terremoto.

Então meu amigo me disse: “Agora vou lhe contar a causa de tudo isso. Há cerca de 60 anos aquele homem era um jovem de 23, e acabava de retornar de uma viagem de três anos numa baleeira. Chegou feliz e orgulhoso à sua cidade porque agora já não seria mais imediato, ia ser o capitão de uma baleeira, e por isso ele estava feliz e orgulhoso.

“Então ele percebeu que a cidade e toda a região em volta haviam sido atingidas por uma espécie de nevasca, pois durante a sua ausência chegou à região a moda da temperança do padre Mateus. E todo mundo havia feito o juramento; num raio de muitas milhas todos haviam feito o juramento.

“Imagine a solidão a que se condenou esse jovem, que gostava bastante de um grogue³. Ele se transformou num renegado, porque quando descobriram que ele não queria entrar para a sociedade do padre Mateus todos o colocaram no ostracismo, e ele andou por aquela cidadezinha durante três semanas, dia e noite, na mais completa solidão – o único ser humano do lugar que tomava grogue, e era obrigado a beber sozinho.

“Se você não sabe o que é ser colocado no ostracismo, ser evitado pelos amigos, espero que nunca venha a descobrir. Então ele percebeu que havia nesta vida algo mais valioso que o grogue, a amizade do

3. Do inglês, *grog* (1770), “bebida alcoólica, especialmente rum diluído com água, servido quente, com limão e açúcar”; de *Old Grog*, alcunha de Edward Vernon (1684-1757), almirante inglês que ordenou a diluição do rum dos marinheiros; do inglês, *groggram*, “gorgorão”, pelo hábito do almirante de usar uma capa de gorgorão.

vizinho. E finalmente ele desistiu, e certa noite às 9 horas ele foi à Sociedade para a Temperança do padre Mateus, e com o coração partido pediu: ‘Gostaria de ser aceito como membro desta sociedade.’

“E ele se foi chorando, e na madrugada do dia seguinte vieram chamá-lo, acordaram-no, e avisaram que seu navio estava pronto para zarpar numa viagem de três anos. Num minuto ele estava a bordo e partiu.

“E ele disse... Bem, ele nem bem tinha perdido a cidade de vista e já estava arrependido, mas havia decidido que não ia mais beber, e durante toda a viagem de três anos sofreu uma agonia de três anos porque a toda hora ele via o erro que havia cometido.

“Ele sofreu durante toda a viagem; a toda hora seu sofrimento era reavivado, pois a tripulação ia de lá para cá com seus grogues, subia para o tombadilho para beber e ele sentia o perfume torturante.

“Ele sofreu durante os três anos, e afinal, quando chegou ao porto, nevava, estava frio, e ele andava pelo tombadilho coberto de neve, batendo os pés, louco para chegar à terra, e sua tripulação o torturava até o último minuto com o grogue quente, mas finalmente ele foi recompensado. Desceu à terra, correu e comprou um caneco e correu à sociedade e disse ao secretário:

“Tirem o meu nome dos livros desta sociedade, agora! Estou com uma sede de três anos’.

“Isto não é necessário. Você recebeu a bola preta⁴”.

4. O termo utilizado no original é *blackballed*, e significa “você foi excluído”, “você recebeu um voto de exclusão”.

REPÚBLICA RUSSA

(11 DE ABRIL DE 1906)

O movimento norte-americano de auxílio à causa da liberdade russa foi lançado na noite de 11 de abril de 1906, em Nova York. Twain e o escritor e dramaturgo russo Máximo Gorki foram os oradores principais, e Twain fez a apresentação oficial de Gorki.

Se for possível construir uma república russa com a mesma medida de liberdade de que gozamos para dar ao povo perseguido dos domínios do czar, esta é a hora de metermos mãos à obra. Não será necessário discutir os métodos para chegar a este objetivo. Esperemos que se possa adiar ou evitar a luta, mas se ela for necessária...

Tenho a maior simpatia pelo movimento em andamento na Rússia para a libertação daquele país. Tenho certeza de que terá o sucesso que merece. Qualquer movimento semelhante merece e deveria receber a nossa cooperação ativa e unânime, e o pedido de recursos como explicado pelo Sr. Hunter, dado seu significado justo e poderoso, deveria receber apoio integral de todos e de cada um de nós. Qualquer pessoa cujos ancestrais estavam neste país quando tentávamos nos libertar da opressão terá simpatia pelos que hoje buscam a mesma coisa na Rússia.

O paralelo que acabo de traçar mostra apenas que não é importante saber se a opressão é cruel ou não; homens que têm nas veias sangue vermelho e quente não haverão de suportá-la, tentarão se livrar dela. Se nos lançarmos de coração a esta tarefa, a Rússia será livre.

ÁFRICA DO SUL
E AUSTRÁLIA

ÁFRICA DO SUL¹

(1897)

Seguindo o Equador (*Following the Equator*), publicado em 1897, é um extenso relato da turnê mundial empreendida por Twain entre 1895 e 1896, realizando conferências sobre a Índia, a Austrália e a África do Sul.

A turnê era uma forma de ajudá-lo a reerguer-se financeiramente após a derrocada financeira sofrida por ocasião do fechamento de sua editora e das dívidas contraídas em razão de seu equivocado investimento na máquina de linotipos criada por seu amigo Paige.

O ponto de partida da viagem foi Paris. Por ocasião de sua passagem por Nova York, sua mulher Olívia e sua filha Clara decidiram juntar-se a ele e acompanhá-lo no restante da jornada.

A família partiu de Nova York acompanhada do major Pond, responsável pela organização da porção norte-americana da excursão. Após pararem durante algum tempo na Colúmbia Inglesa, os viajantes prosseguiram na direção do Pacífico e, evitando o Havaí, nesse momento dizimado por uma epidemia de cólera, singraram na direção das Ilhas Fiji, da Austrália e da Tasmânia, encaminhando-se em seguida para Nova Zelândia, Ceilão² e Índia.

Todo homem é uma lua e tem um lado
oculto que nunca revela a ninguém.
*Pudd'nhead Wilson's New Calendar*³

1. Capítulos LXVI e LXVII de TWAIN, Mark. *Following the Equator – A Journey Around the World*. Nova York, Dove, 1989.

2. Atual Sri Lanka. (N.T.)

3. O Novo Calendário de Wilson Cabeça de Pudim. (N. T.)

Quando, no ano passado, escrevi no meu caderno de notas o parágrafo que encerra o capítulo anterior, tentava mostrar, de forma extravagante, duas coisas: a natureza conflituosa da informação relativa à política sul-africana oferecida pelo cidadão a um estrangeiro e a confusão resultante que se cria na mente do estrangeiro.

Mas hoje ela já não parece tão extravagante. Naquele tempo agitado, a política sul-africana não era clara nem racional para o cidadão do país, porque seus interesses pessoais e seus preconceitos políticos não o permitiam; e não poderia ser clara ou racional para o estrangeiro, pois suas fontes de informação eram o que eram.

Passei pouco tempo na África do Sul. Quando lá cheguei, o caldeirão político estava fervendo. Quatro meses antes, Jameson e seus oficiais haviam atravessado a fronteira do Transvaal com cerca de 600 homens em armas, para “resgatar as mulheres e crianças” de Johannesburgo; no quarto dia de marcha, os bôeres já o haviam derrotado em batalha e levado presos ele e seus homens para Pretória, a capital; o governo bôer havia devolvido Jameson e seus homens ao governo britânico para serem julgados, e os havia enviado para a Inglaterra; em seguida, mandara prender 64 cidadãos importantes de Johannesburgo como conspiradores e condenara seus quatro líderes à morte, comutando depois a sentença, e agora os 64 esperavam, presos, novos resultados. Antes do final do verão estavam todos livres, com exceção de dois que se recusaram a assinar o pedido de libertação; 58 haviam sido multados em 10 mil dólares, e os quatro líderes em 125 mil dólares, sendo que um deles recebeu também a pena de exílio perpétuo.

Foram dias extremamente interessantes para um estrangeiro, e tive sorte de estar bem no meio da ação. Todo mundo falava, e eu esperava em pouco tempo entender completamente *um dos* lados da questão.

Mas fiquei desapontado. Havia singularidades, perplexidades, inexplicabilidades que não fui capaz de dominar. Não tinha acesso pessoal aos bôeres; além do que consegui entender das declarações publicadas, o lado deles era para mim um segredo. Logo descobri que minhas simpatias se dirigiam aos reformadores presos em Pretória,

seus amigos e sua causa. Pesquisando diligentemente, descobri, aparentemente, todos os detalhes de seu lado da questão, com uma única exceção: *o que eles esperavam de um levante armado.*

Ao que parece, ninguém sabia.

A razão da insatisfação dos reformadores e da sua disposição de mudar parecia clara. Dizia-se em Johannesburgo que os *uitlanders* (estrangeiros) pagavam treze quinze avos dos impostos do Transvaal e ainda assim pouco recebiam em retorno. A cidade não tinha uma lei orgânica; não tinha governo municipal; não tinha o poder de cobrar impostos para drenagem, fornecimento de água, pavimentação, limpeza urbana, esgoto sanitário ou polícia. Havia uma força policial, mas era composta por bôeres e mantida pelo governo do Estado, portanto a cidade não tinha controle sobre ela. A atividade mineradora era extremamente custosa; o governo ainda aumentava mais os custos impondo pesados tributos às minas, sobre a produção, o maquinário, impostos pesados sobre os insumos, fretes altos. E, mais difícil de suportar, o governo se reservava o monopólio da dinamite, insumo essencial, pela qual cobrava um preço exorbitante. O holandês detestado vindo do outro lado da água controlava todos os cargos públicos. O governo era assolado por enorme corrupção. O *uitlander* não tinha direito a voto e só o conquistava depois de 10 ou 12 anos de residência no estado. Não tinha representação no Raad (Legislativo), que o oprimia e explorava. Não havia escolas de língua inglesa, e ainda assim a grande maioria da população branca do estado não falava outra língua. O estado não tinha legislação de controle à bebida, mas permitia o comércio de um destilado barato para os negros, e o resultado é que 25% dos 50 mil negros empregados nas minas passavam a maior parte do tempo bêbados e incapacitados para o trabalho.

Pronto. Estava claro que, se as queixas apresentadas fossem reais, eram abundantes e razoáveis as *razões* para reivindicar mudanças.

O que os *uitlanders* queriam era a reforma, *sob a República existente.*

O que propunham fazer era garantir tais reformas por *orações, petições e persuasão.*

E petições foram apresentadas. E publicaram um manifesto, cuja primeira frase era uma clarinada pela lealdade: “Queremos que esta república se estabeleça como uma verdadeira república”.

Poderia ser mais clara a relação das opressões e dos sofrimentos impostos aos uitlanders? Existiria algo mais leal, respeitoso e cidadão do que a atitude que expressavam em seu manifesto? Não. Tudo isso estava perfeitamente claro, perfeitamente compreensível.

Mas é aqui que começam a se acumular os mistérios, confusões e dúvidas. Acabamos de chegar a um ponto incompreensível.

Pois então se descobre que, em preparação para esta tentativa leal, legal e por todos os títulos normal de convencer o governo a dar solução às suas queixas, os uitlanders haviam contrabandeado para a cidade uma metralhadora Maxim e 1.500 mosquetões, que ficaram escondidos em tanques de óleo e vagões de carvão, e haviam começado a formar e treinar companhias militares compostas de funcionários, comerciantes e cidadãos em geral.

O que estavam pensando? Que os bôeres os atacariam por terem apresentado requerimentos pedindo soluções? Impossível.

Acreditariam que os bôeres os atacariam por terem publicado um manifesto em que exigiam soluções a serem oferecidas pelo governo existente?

Aparentemente sim, pois o ar estava carregado de boatos sobre *obrigar* o governo a apresentar soluções, caso ele não o fizesse espontaneamente.

Os reformadores eram homens de grande inteligência. Se falavam a sério, estavam correndo riscos extraordinários. Tinham propriedades extremamente valiosas a defender; a cidade estava cheia de mulheres e crianças; nas minas havia milhares de negros fortes. Se os bôeres atacassem, as minas seriam fechadas, os negros sairiam em bandos para se embriagar; haveria desordens e lutas, e os bôeres poderiam impor aos reformadores, num único dia, perdas em dinheiro, sangue e sofrimento superiores aos ganhos auferidos em dez anos das esperadas compensações políticas, caso vencessem a luta e assegurassem as reformas.

Estamos em maio de 1897; já se passou um ano, e as confusões daquele dia já foram em grande parte esclarecidas. O Sr. Cecil Rhodes, o doutor Jameson e outros responsáveis pelo ataque já depuseram perante a Comissão Parlamentar de Inquérito em Londres, e o mesmo fizeram o Sr. Lionel Phillips e outros reformadores de Johannesburgo, parteiros de uma revolução natimorta. Esses testemunhos muito esclareceram. Três livros também lançaram luz sobre a questão: *A África do Sul tal como é*, do Sr. Statham, um escritor de grande competência que se alinha com os bôeres; *A história de uma crise africana*, do Sr. Garrett, brilhante escritor que apóia Rhodes; e *O papel de uma mulher na revolução*, da Sra. John Hays Hammond, uma diarista vigorosa, que apóia os reformadores. Depois de fundir a evidência apresentada nos livros tendenciosos e nos depoimentos igualmente tendenciosos, e derramar o líquido resultante nos meus próprios moldes tendenciosos, cheguei à verdade daquela intrigante situação sul-africana, que é a seguinte:

Os capitalistas e outros cidadãos de peso de Johannesburgo sofriam sob vários encargos impostos pelo Estado (A República Sul-Africana, também chamada de “Transvaal”) e desejavam obter por meios pacíficos a modificação das leis.

O Sr. Cecil Rhodes, chefe do governo da colônia britânica do Cabo, milionário, fundador e diretor gerente da territorialmente imensa e financeiramente improdutiva South Africa Company, criador de ambiciosos esquemas de unificação e consolidação de todos os Estados sul-africanos numa comunidade ou império à sombra e sob a proteção da bandeira inglesa, acreditou ver uma oportunidade de usar produtivamente a insatisfação uitlander mencionada acima – fazer o gato de Johannesburgo tirar das brasas a sardinha de seu projeto de consolidação. Com este objetivo ele assumiu a tarefa de fermentar as petições e os requerimentos legais e legítimos dos uitlanders, transformando-os num discurso sedicioso, e suas queixas em ameaças, cujo resultado final seria a revolta e a rebelião armada. Se conseguisse causar um confronto violento entre aquelas pessoas e o governo bôer, a Grã-Bretanha seria chamada a intervir; os bôeres resistiriam à inter-

venção; ela os atacaria e incorporaria o Transvaal às suas colônias sul-africanas. Não era uma idéia idiota, era prática e racional.

Depois de dois anos de cuidadoso planejamento, o Sr. Rhodes foi recompensado; o caldeirão revolucionário fervia em Johannesburgo, e os líderes uitlanders apoiavam suas reivindicações ao governo – transformadas agora em exigências, em ameaças de agir pela força e derramar sangue. Em meados de dezembro de 1895 a explosão parecia iminente. O Sr. Rhodes colaborava diligentemente de seu posto distante na Cidade do Cabo. Comprava armas para Johannesburgo; tomava providências para mandar Jameson cruzar a fronteira e marchar até Johannesburgo à frente de 600 cavaleiros. Jameson, provavelmente seguindo instruções de Rhodes, solicitou aos reformadores uma carta pedindo-lhe que viesse em seu socorro. Outra boa idéia. Grande parte da responsabilidade pela invasão seria dos reformadores. A carta chegou, a carta famosa em que lhe era implorado que viesse em socorro das mulheres e crianças. Ele a recebeu dois meses antes de partir. Mas os reformadores, ao que parece, pensaram melhor e decidiram que não haviam agido ponderadamente, pois um dia depois de enviar a Jameson o documento incriminador eles já queriam retirá-lo e deixar mulheres e crianças em perigo; mas foram informados de que já era tarde. O original já havia sido enviado ao Sr. Rhodes na Cidade do Cabo. Jameson guardara apenas uma cópia.

A partir daquele dia, e até 29 de dezembro, os reformadores se afanaram energicamente para evitar a vinda de Jameson. A invasão de Jameson havia sido fixada para o dia 26. Os reformadores não estavam prontos. A cidade não estava unida. Alguns queriam a paz, e outros um novo governo, uns queriam a reforma do governo existente; aparentemente poucos queriam realizar uma revolução que interessava à bandeira imperial – britânica – e era apoiada por ela; ainda assim começou a circular a notícia de que a ajuda embaraçosa oferecida pelo Sr. Rhodes tinha esse objetivo.

Jameson já estava na fronteira, o freio nos dentes, ansioso para cruzá-la. Depois de muito insistir, os reformadores conseguiram um pequeno adiamento, mas insistiam num adiamento de 11 dias. Apa-

rentemente, os agentes de Rhodes apoiavam esses esforços – na verdade sobrecarregaram o telégrafo tentando fazê-lo voltar. Rhodes era o único homem em condições de efetivamente reter o avanço de Jameson, mas isso seria desvantajoso para seus planos; na verdade, dois anos de trabalho seriam perdidos.

Jameson agüentou durante três dias, depois decidiu não esperar mais. Sem outra ordem que não o significativo silêncio do Sr. Rhodes, ele cortou os fios do telégrafo no dia 29 e avançou naquela noite, correndo a socorrer as mulheres e crianças, atendendo a uma carta recebida nove dias antes – considerada a data – mas realmente datada de dois meses antes. Leu a carta para seus homens, que ficaram sensibilizados. Nem todos ficaram igualmente sensibilizados. Alguns viram nela uma pirataria de duvidosa sabedoria e não gostaram de saber que haviam sido reunidos para atacar um território amigo, quando esperavam atacar os kraals nativos.

Jameson teria de percorrer cerca de 250 quilômetros. Sabia da existência de suspeitas a seu respeito no Transvaal, mas esperava chegar a Johannesburgo antes que elas se generalizassem e criassem empecilhos. Mas um dos fios do telégrafo não havia sido cortado. E a notícia da invasão se espalhou, e poucas horas depois do início da marcha os fazendeiros bôeres já acorriam de todas as direções para interceptá-lo.

Tão logo souberam que ele estava a caminho para salvar as mulheres e crianças, o povo agradecido colocou as mulheres e crianças num trem e despachou-as para a Austrália. Na verdade, a aproximação do salvador de Johannesburgo criou pânico e consternação, e uma multidão de homens pacíficos correram para os trens como uma tempestade de areia. Os primeiros tiveram sorte; garantiram seus lugares e neles ficaram sentados desde oito horas antes da partida do primeiro trem.

O Sr. Rhodes não perdeu tempo. Enviou por cabo a famosa carta de Johannesburgo para a imprensa de Londres, a mais velha fábula a correr pelos cabos.

O novo poeta laureado não perdeu tempo. Produziu um poema emocionante em louvor do heroísmo de Jameson ao correr imediatamente em socorro das mulheres e crianças; pois o poeta, enganado

pela falsa data da carta, dia 20 de dezembro, não poderia saber que ele esperou durante dois meses antes de partir.

Jameson foi interceptado pelos bôeres no dia de Ano-Novo e se rendeu no dia seguinte. A cópia da carta estava em seu poder, e ele tinha instruções, que foram lealmente obedecidas, de, se as condições assim o determinassem, fazer que ela caísse nas mãos dos bôeres. A Sra. Hammond o censura asperamente pelo suposto descuido e acentua seus sentimentos em itálicos ardentes: “Ela foi encontrada no campo de batalha dentro de um alforje de couro que supostamente equipava a sela do Sr. Jameson. *Em nome da discrição e da honra, ele deveria tê-la engolido!* ”.

Ela está exigindo demais. Ele não estava a serviço dos reformadores, ou estava apenas ostensivamente; estava a serviço do Sr. Rhodes. Ela era o único documento inglês claro, sem disfarces de códigos nem mistérios, responsabilmente assinado e autenticado, e implicava diretamente os reformadores na aventura, e o Sr. Rhodes não tinha o menor interesse em que fosse engolida.

Além disso, tratava-se apenas de uma cópia, não era o original. O original estava com o Sr. Rhodes, e ele não o comeu. Ele o enviou para a imprensa de Londres. Já havia sido lido na Inglaterra, nos Estados Unidos e em toda a Europa antes de Jameson perdê-lo no campo de batalha. Se o subordinado merecia castigo, o mandante merecia pelo menos o dobro.

Aquela carta é um documento deliciosamente dramático e merece toda a sua celebridade, em razão dos efeitos estranhos e variados que produziu. No curto espaço de uma semana, ela havia transformado Jameson em ilustre herói na Inglaterra, pirata em Pretória e um idiota indiscreto em Johannesburgo; produziu também a explosão colorida de um poeta laureado que encheu os céus do mundo de esplendores estonteantes, e a informação de sua vinda para salvar mulheres e crianças tirou de Johannesburgo toda essa parcela da população. É muito, para uma carta tão antiga. Para uma carta que já tinha dois meses, ela fez maravilhas; se já tivesse um ano, teria feito milagres.

• • •

Agarre primeiro o seu bôer, para depois chutá-lo.

Pudd'nhead Wilson's New Calendar

Foram dias de grande preocupação para os reformadores ameaçados.

A Sra. Hammond nos informa que no dia 31 (um dia depois de Johannesburgo tomar conhecimento da invasão), “o Comitê Reformador repudiou a invasão do doutor Jameson”.

E também torna pública a sua intenção de aderir ao manifesto.

E pede enfaticamente à população que evite atos abertos de agressão ao governo bôer.

Também “distribui armas” no Palácio do Tribunal e fornece cavalos aos “voluntários recém-recrutados”.

Traz a bandeira do Transvaal para a sede do comitê, que unanimemente jura lealdade a ela, “de peito aberto e braços erguidos”.

Também manda distribuir “mil fuzis Lee-Metford” para os rebeldes.

O reformador Lionel Phillips também informa, em discurso, que a Delegação do Comitê Reformador “havia sido recebida com cortesia pela comissão do governo”, e “dela recebido garantias de que suas propostas seriam seriamente avaliadas”. E que, embora lamentasse a ação precipitada de Jameson, “o Comitê Reformador não tencionava abandoná-lo”.

A população também fica “em estado de grande entusiasmo”, e “é quase impossível controlá-la; quer sair ao encontro de Jameson e escoltá-lo em triunfo até a cidade”.

O alto comissário britânico também fez publicar, no dia 1º de janeiro, uma proclamação de condenação a Jameson e a todos os ingleses que apoiaram sua aventura.

Os reformadores ficam numa posição delicada, cheia de dificuldades e perplexidades. Têm uma série de tarefas duras, mas claras:

Têm de repudiar a invasão, mas apoiar o invasor.

Têm de jurar lealdade ao governo bôer, mas distribuir cavalos aos rebeldes.

Têm de proibir atos abertos de agressão ao governo bôer, mas distribuir armas aos seus inimigos.

Têm de evitar colisões com o governo britânico, mas apoiar Jameson e o novo juramento ao governo bôer, prestado de cabeça descoberta e diante da bandeira.

Na medida do possível, fizeram todas essas coisas; tentaram realizá-las todas; na verdade realizaram todas, uma de cada vez, mas não simultaneamente. Dada a sua natureza, era impossível que fossem simultâneas.

Ao se preparar para uma revolução armada e ameaçar com a revolução, estariam os reformadores blefando ou falando sério? Se estivessem falando sério, estavam assumindo um grande risco, como já foi mostrado. Um cavalheiro de alta posição me informou, em Johannesburgo, estar de posse de um documento impresso que proclamava um novo governo e indicava seu presidente, um dos líderes da reforma. Disse-me ele que aquela proclamação já estava pronta para publicação, mas havia sido retida quando a invasão fracassou. Talvez eu não tenha entendido bem, pois não vi nenhuma menção impressa a esse importante incidente.

Espero estar errado, pois, se estiver, será possível argumentar que privadamente os reformadores não falavam a sério, tentavam apenas assustar o governo bôer para forçá-lo a concordar com as reformas desejadas.

O governo bôer *ficou* assustado, o que era compreensível. Pois, se o plano do Sr. Rhodes era provocar uma colisão que forçasse a intervenção da Inglaterra, a questão era muito séria. Se for possível demonstrar que esse era também o plano dos reformadores, estará provado que eles cancelaram um projeto viável, apesar da quase certeza de sofrerem pesadas perdas antes da chegada dos ingleses. Mas parece evidente que eles não tinham esse plano ou desejo. Se, quando o pior se concretizasse, eles queriam realmente derrubar o governo, pretendiam também manter seu patrimônio.

Esse plano não poderia ter sucesso. Com um exército de bôeres diante dos portões e 50 mil negros revoltados em seu meio, a probabilidade de fracasso teria sido muito grande, ainda que toda a cidade estivesse em armas. Com apenas 2.500 fuzis, eles não teriam a menor chance.

A meu ver, os problemas militares da situação são hoje mais interessantes do que os políticos, pois, por disposição, sempre gostei de guerras. Ou melhor, de discutir guerras e de dar conselhos militares. Se estivesse com Jameson no dia em que ele partiu, eu o teria aconselhado a voltar. Segunda-feira foi o dia em que ele recebeu o primeiro aviso de fonte bôer para não invadir o território amigo do Transvaal, o que demonstrava que sua invasão já era esperada. Se estivesse com ele na terça-feira, quando chegaram novos avisos, eu teria lhe repetido meu conselho. Se ainda estivesse com ele no dia seguinte – o dia de Ano-Novo –, quando recebeu a notícia de que algumas centenas de bôeres o esperavam poucos quilômetros adiante, eu não lhe teria aconselhado, e sim ordenado a retirada. E se estivesse com ele algumas horas depois, o que para mim é inconcebível, eu o teria obrigado pela força a retornar, pois essa foi a hora em que recebeu a informação de que as poucas centenas de soldados eram agora 800; e isso significava que o que já estava crescendo ia continuar a crescer.

Pois, de acordo com a autoridade do Sr. Garrett, sabe-se que os 600 de Jameson não passavam de 530, quando se descontavam os guias nativos e outros; e que os 530 consistiam principalmente de “recrutas verdes”, “soldados inexperientes”, sem treinamento, e não soldados ingleses com experiência de batalha; e eu ainda teria dito a Jameson que aqueles rapazes eram incapazes de atirar a galope na confusão da batalha e que, ademais, não haveria contra quem atirar, somente rochas, pois os bôeres estariam esperando protegidos atrás das rochas, e não em campo aberto. E ainda lhe teria dito que 300 atiradores bôeres de elite, protegidos pelas pedras, venceriam com folga os seus 500 recrutas a cavalo.

BÔERES RECEBEM ARMAS E EQUIPAMENTOS

Se coragem fosse o único requisito essencial para a vitória na guerra, os ingleses jamais teriam perdido uma batalha. Mas, além da coragem, é preciso discernimento quando se luta contra bôeres e peles-vermelhas. Na África do Sul, o soldado britânico sempre lutou de pé, desprotegido, diante dos bôeres escondidos, e arcava com as consequências. Os homens de Jameson certamente seguiriam o costume. Jameson não teria me ouvido, estaria concentrado em repetir a história, em se ajustar ao precedente. Os americanos não estão informados sobre a guerra entre ingleses e bôeres de 1881, mas a história é interessante e poderia ser instrutiva para Jameson se ele se dispusesse a aprender. Vou buscar alguns detalhes em fontes fidedignas – principalmente em “Natal de Russell”. O Sr. Russel não é bôer, é britânico. É inspetor escolar, e sua história é um livro didático destinado à instrução dos jovens ingleses de Natal.

Depois da tomada do Transvaal e da supressão do governo bôer pela Inglaterra em 1877, os bôeres sofreram durante três anos e insistentemente apelaram, sem resultado, à Inglaterra pela restauração de suas liberdades. Eles então se reuniram em massa em Krugersdorp para discutir seus problemas, e resolveram lutar para se libertar do jugo inglês (Krugersdorp – o lugar onde a marcha de Jameson foi cortada). Um punhado de fazendeiros se levantou contra o império mais poderoso do mundo. Proclamaram a lei marcial e a restauração de sua república. Organizaram e enviaram suas forças para interceptar os batalhões ingleses. Ousaram tudo isso, apesar de Sir Garnet Wolseley ter proclamado recentemente que “enquanto o sol brilhasse no céu” o Transvaal continuaria sendo território inglês. E apesar de o comandante do 94º regimento, já em marcha para sufocar a rebelião, afirmar que “os bôeres poriam o rabo entre as pernas ao primeiro rufar dos tambores”.⁴

4. STATHAM, Reginald. *África do Sul tal como é*. Londres, T. Fisher Unwin, 1897, p. 82. (Mark Twain)

Quatro dias depois de erguida sua bandeira, a força bôer que fora enviada para impedir a invasão dos soldados ingleses encontrou-os em Bronkhorst Spruit, os 246 homens do 94º regimento, sob o comando de um coronel, os tambores rufando, os clarins tocando... e irrompeu a batalha. Durou dez minutos. Resultado:

Os ingleses perderam mais de 150 oficiais e soldados, de um total de 246. Os restantes se renderam.

Perdas bôeres, se as houve, não foram informadas.

São excelentes atiradores, os bôeres. Montam desde o berço e caçam animais selvagens com o rifle. São apaixonados pela liberdade e pela Bíblia, e não se interessam pelo resto.

“O general Sir George Colley, vice-governador e comandante-em-chefe de Natal, sentiu ser seu dever avançar imediatamente para libertar os cidadãos e soldados leais sitiados em várias cidades do Transvaal.” Partiu com mil homens e pequena artilharia. Encontrou os bôeres acampados numa posição reforçada no terreno alto de Laing Nek, todos eles protegidos atrás das pedras. Na manhã de 28 de janeiro de 1881 ele passou ao ataque “com o 58º regimento, comandado pelo coronel Deane, 70 homens de um esquadrão de cavalaria, o 60º de fuzileiros, a brigada naval com três lançadores de foguetes e a artilharia com seis canhões”. Bombardeou os bôeres durante 20 minutos, e então lançou o ataque, com o 58º marchando em coluna fechada pela encosta. A batalha durou pouco, com o seguinte resultado, de acordo com Russell:

Perdas inglesas, entre mortos e feridos, 174.

Perdas bôeres, “insignificantes”.

O coronel Deane morreu, e aparentemente foram mortos ou feridos todos os oficiais acima de tenente, pois o 58º fez a retirada *sob o comando de um tenente (África tal como é)*.

E assim terminou a segunda batalha.

No dia 7 de fevereiro o general Colley descobriu que os bôeres estavam flanqueando a sua posição. Na manhã seguinte ele saiu do acampamento em Mount Pleasant e cruzou o rio Ingogo com 270 homens, subiu as colinas de Ingogo e lá lutou uma batalha que durou

do meio-dia até o crepúsculo. Ele então recuou, deixando os feridos aos cuidados de seu capelão militar e, ao tornar a cruzar o rio, que agora estava mais cheio, perdeu por afogamento alguns de seus homens. Foi a terceira vitória dos bôeres. O resultado, de acordo com o Sr. Russell:

Perdas inglesas, 150 de um total de 270.

Perdas bôeres, 8 mortos e 9 feridos – 17.

Houve então um período de calma, mas ao fim de três semanas Sir Goerge Colley concebeu a idéia de escalar, com infantaria e artilharia, as encostas íngremes e difíceis das montanhas de Amajuba durante a noite; uma tarefa dura, mas ele conseguiu. Durante a subida, ele deixou cerca de 200 homens guardando um ponto estratégico e marchou com outros 400 até o cume. Quando o sol surgiu pela manhã, os bôeres tiveram uma surpresa desagradável; lá estavam os soldados ingleses, visíveis no alto da montanha a pouco mais de três quilômetros, e agora sua posição estava à mercê dos ingleses. O comandante bôer resolveu recuar, subindo a montanha. Pediu voluntários, e eles se apresentaram.

O comando cruzou a garganta e começou a subir a encosta, “e de trás das pedras e da vegetação atiravam nos soldados no alto como se estivessem caçando veados”, diz o Sr. Russell. Houve uma fuzilaria contínua, firme e fatal de um lado, ineficaz do outro. Os bôeres chegaram ao cume e terminaram sua tarefa destruidora. Logo os ingleses “se dispersaram e fugiram descendo a encosta”. Os bôeres venceram a batalha. O resultado, em mortos e feridos, inclusive, entre os mortos, o general inglês:

Perdas inglesas, 226 de um total de 400.

Perdas bôeres, 1 morto e 5 feridos.

Aí terminou a guerra. A Inglaterra atendeu à razão e reorganizou a República Bôer, um governo que nunca esteve ameaçado até o dia em que foi atacado por Jameson com seus 500 “soldados inexperientes”. Recapitulando:

Os agricultores bôeres e os soldados ingleses lutaram quatro batalhas, que foram todas vencidas pelos bôeres. Resultado das quatro, em mortos e feridos:

Perdas inglesas, 700 homens.

Perdas bôeres conhecidas, 23 homens.

É interessante observar como Jameson e seus oficiais experientes tentaram lutar suas batalhas conforme as anteriores. O relato do Sr. Garrett é de longe o melhor que encontrei, e nele estão baseadas as minhas impressões sobre a expedição.

Quando soube que iria encontrar 800 bôeres esperando para lhe cortar a passagem, Jameson não se perturbou. Sentiu o que havia sentido dois ou três dias antes, quando lançou sua campanha com uma proclamação semelhante à que o comandante do 94º havia feito ao lançar a sua, nas guerras entre a Inglaterra e os bôeres, 14 anos antes. O comandante havia dito que os bôeres “poriam o rabo entre as pernas ao primeiro rufar dos tambores”. Jameson disse que seus “recrutas inexperientes” iriam chutar os bôeres que encontrassem “em todo o Transvaal”.

Jameson chegou diante dos bôeres. De acordo com os precedentes, eles não estavam à vista. Era uma região de montes e depressões, rochas, valas e restos de mineração, um campo mais desfavorável às atividades da cavalaria do que Laings Nek na tragédia anterior. Jameson atirou contra os montes e rochas com a artilharia, como o general Colley havia feito em Nek; e nenhum bôer foi atingido, nem convencido a sair do abrigo. Então, cerca de cem de seus homens se organizaram para atacar a montanha, conforme o precedente do 58º no Nek, mas quando avançaram eles se abriram numa longa fileira, o que já foi um importante aperfeiçoamento em relação às táticas do 58º; quando chegaram a 200 metros do pico, os bôeres entrincheirados abriram fogo e 20 cavaleiros caíram. Os que não foram feridos desmontaram e atiraram contra as rochas detrás dos cavalos, mas o fogo inimigo era muito forte, e eles montaram e “galoparam ou se arrastaram recuando até uma moita de juncos, onde pouco depois foram feitos prisioneiros deitados entre os juncos. Cerca de 30 foram presos dessa forma, e durante a noite seguinte os bôeres levaram outros 30 mortos ou feridos – os feridos para o Hospital em Krugersdorp”. Sessenta por cento da força de ataque fora perdida, segundo a estimativa do Sr. Garrett.

Resultado que estava de acordo com o precedente de Amajuba, onde as perdas britânicas chegaram a 226 soldados de um total de 400.

No acampamento de Jameson havia, naquela noite, “cerca de 30 homens feridos ou incapacitados”. Na mesma noite, “uns 30 ou 40 soldados se perderam do comando e chegaram até Johannesburgo”. Ou seja, cerca de 150 homens de um total de 530. Seus soldados haviam lutado com valor, mas não conseguiram chegar suficientemente perto de um bôer para poder lhe dar um chute.

Ao amanhecer do dia seguinte, uma coluna de cerca de 400 brancos retomou a marcha. Jameson ainda mantinha uma ótima disposição; de fato, ele manteve a mesma disposição até o fim. Ainda tinha esperanças. Foi uma marcha longa e fatigante por terreno irregular, sob constante ameaça dos bôeres; e finalmente a coluna “caiu numa armadilha” e os bôeres “atacaram de todos os lados”. “Homens e cavalos caíam por todo lado. O sentimento na coluna era o de que, a menos que conseguisse romper as linhas dos bôeres, estavam derrotados. As metralhadoras Maxim foram acionadas até ficarem quentes demais e, como não havia água para resfriá-las, cinco travaram e ficaram fora de ação. O canhão de sete libras foi acionado até a munição ficar reduzida a meia hora de tiro. Tentaram uma última surtida, que fracassou, e então a Artilharia de Staats se aproximou pelo flanco esquerdo e o jogo chegou ao fim.”

Jameson ergueu a bandeira branca e se rendeu.

Contam uma história, que talvez não seja verdadeira, de um agricultor bôer meio ignorante que pensava que a bandeira branca era a bandeira da Inglaterra. Ele havia estado em Bronkhorst, em Laing Nek, Ingogo e Amajuba, e acreditava que os ingleses só içavam a sua bandeira no final da batalha.

CHAMADA DOS PRISIONEIROS

O que se segue é (parece-me) uma estimativa do Sr. Garrett das perdas totais de Jameson em mortos e feridos durante os dois dias:

“Quando se renderam, 20% dos combatentes haviam caído. Houve 76 baixas. Trinta homens doentes ou feridos estavam nos carros. Vinte e sete tiveram morte instantânea ou estavam mortalmente feridos.”

Total, 133 de um montante de 530. Meros 25%⁵. É um importante melhoramento em relação ao precedente estabelecido em Bronkhorst, Laing Nek, Ingogo e Amajuba, e parece indicar que a pontaria dos bôeres já não é tão boa como era naquele tempo. Mas há um detalhe importante em que a expedição repete a história. Ao se render em Bronkhorst, a força inglesa desapareceu completamente do teatro de operações; foi o que aconteceu com a força sob o comando de Jameson.

Também nas perdas dos bôeres a história se repete com bastante fidelidade. Nas quatro batalhas relacionadas acima, as perdas dos bôeres conhecidas foram na média de seis por batalha, contra uma média inglesa de 175. Nas batalhas lutadas por Jameson, conforme um relatório bôer, os mortos bôeres chegaram a quatro. Dois deles foram mortos por acidente pelos próprios bôeres, os dois outros pelo exército de Jameson, um deles intencionalmente, o outro, pateticamente, por um infeliz acaso. “Um jovem bôer chamado Jacobz tentava dar de beber a um soldado ferido (de Jameson) depois do primeiro ataque, quando outro ferido, sem saber sua intenção, atirou nele.” Havia três ou quatro bôeres feridos no hospital de Krugersdorp, e aparentemente não houve outros. O Sr. Garrett, “considerando as possibilidades, aceita sem restrições a versão oficial e agradece a Deus não ter havido mais mortes”.

Como militar, gostaria de observar o que me parecem ser erros militares na condução da campanha que acabamos de examinar. Já prestei serviço ativo no campo de batalha, e foi nas realidades da guerra que adquiri meu treinamento e o direito de falar. Servi durante duas

5. Entretanto, acredito que o total tenha realmente chegado a 150, pois o número de feridos levados para o hospital de Krugersdorp foi de 53, e não de 30, como quer o Sr. Garrett. A senhora de quem fui hóspede em Krugersdorp me deu os números. Ela foi enfermeira-chefe desde o começo das hostilidades (1º de janeiro) até a chegada das enfermeiras profissionais, no dia 8 de janeiro. Segundo ela, três ou quatro dos 53 eram bôeres. (Mark Twain)

semanas no início da nossa guerra civil, e durante todo aquele tempo comandi um grupo de infantaria composto de 12 homens. O general Grant conheceu a história de minha campanha, pois eu lha contei. Também lhe contei o princípio sobre o qual eu a conduzi: cansar o inimigo. Fiz cansar e desqualifiquei muitos batalhões, mas nunca tive baixas, nem perdi um único homem. O general Grant não era dado a elogios, mas afirmou que se eu tivesse sido responsável por toda a guerra muito sangue não teria sido derramado, e que os prejuízos do exército devidos à falta dos resultados animadores da luta no campo de batalha seriam amplamente compensados pelas influências liberalizadoras das viagens. Outro endosso me parece desnecessário.

Vamos então examinar a história e ver o que dela podemos aprender. Nas quatro batalhas de 1881 e nas duas que Jameson enfrentou as perdas britânicas, em mortos, feridos e prisioneiros, chegaram a cerca de 1.300 homens; as perdas conhecidas dos bôeres, a 30 homens. Esses números denunciam um erro oculto. Não se trata de falta de coragem. Acho que houve falta de discernimento. Os ingleses poderiam ter feito uma de duas coisas: abandonado os métodos ingleses e lutado com os métodos dos bôeres; ou aumentado sua força até ser capaz de, ainda usando métodos ingleses, igualar os resultados dos bôeres.

Manter os métodos britânicos exige algumas coisas, determináveis pela aritmética. Se, por exemplo, considerarmos que o conjunto de 1.716 soldados ingleses engajados nas quatro primeiras campanhas se opusesse ao mesmo agregado de soldados bôeres, teríamos o seguinte resultado: a perda britânica de 700 e a perda bôer de 23 indica que para tornar comparáveis os resultados em futuras batalhas será necessário tornar as forças britânicas 30 vezes maiores que as forças bôeres. O Sr. Garrett mostra que as forças bôeres que enfrentaram Jameson eram compostas por 2.000 homens, e que outros 6.000 estavam prontos para entrar em ação no final do segundo dia. A aritmética mostra que para se igualar aos 8.000 bôeres, Jameson deveria ter 240 mil homens sob seu comando, mas ele tinha apenas 530. Do ponto de vista militar, confirmado pelos fatos históricos, imagino que o discernimento de Jameson não era bom.

Mais uma coisa. Jameson estava sendo tolhido por artilharia, munição e fuzis. Os fatos da batalha mostram que ele não deveria ter levado nenhuma dessas coisas. Eram pesadas, atrapalhavam, impediam a marcha. Ali só se podia atirar contra as pedras, e ele sabia que artilharia e fuzis nada valem contra as pedras. Ele estava sobrecarregado de coisas não essenciais. Tinha oito metralhadoras Maxim, semelhantes à Gatling com a capacidade de 500 tiros por minuto; tinha um canhão de 12,5 polegadas e dois de 7; tinha 145 mil balas. Usou tão intensivamente as Maxims contra as pedras que cinco delas travaram – cinco Maxims, não pedras. Acredita-se que mais de 100 mil tiros foram disparados durante as 21 horas de batalha. *Um homem foi morto*. Deve ter sido muito mutilado. Foi um erro trazer as fúteis Maxims. Seria melhor ter trazido uma bateria de máximas de Pudd'nhead Wilson, muito mais mortais que as outras; muito mais fáceis de transportar porque não têm peso.

O Sr. Garrett, sem conseguir disfarçar um sorriso, justifica a presença das Maxims afirmando que elas foram muito úteis porque sua chuva de balas prejudicava a pontaria dos bôeres.

Três canhões, oito Maxims e 500 fuzis deram um resultado que enfatiza um fato já estabelecido: que o sistema inglês de lutar em campo aberto contra os bôeres entrincheirados atrás das pedras não é muito sábio, é injustificável e devia ser abandonado em favor de alguma coisa mais eficaz. Pois o objetivo da guerra é matar, e não desperdiçar munição.

O DOCUMENTO EM EVIDÊNCIA

Se fosse o responsável por qualquer uma dessas campanhas, eu saberia o que fazer, pois estudei os bôeres. Eles valorizam a Bíblia acima de qualquer outra coisa. O comestível mais delicioso da África do Sul é o *biltong*. Já foi mencionado nos livros de Oliver Schreiner. É o que chamamos de carne-seca. É o principal alimento dos bôeres, que são apaixonados por ele, e com toda razão.

Fora eu o comandante da campanha, teria levado apenas fuzis, nada de Maxims e canhões pesados que só servem para quebrar pe-

dras. Eu me infiltraria à noite até um ponto situado a uns 400 metros do acampamento bôer, construiria ali uma pirâmide de biltong e Bíblias com 15 metros de altura, e depois esconderia meus homens por ali. Ao amanhecer, os bôeres iriam enviar batedores e o resto os seguiria correndo. Eu os cercaria e eles teriam de enfrentar meus homens em campo aberto. O resultado de Amajuba seria impossível⁶.

6. Quando estava terminando este livro, surgiu um debate infeliz entre o doutor Jameson e seus oficiais de um lado, e o coronel Rhodes de outro, sobre os termos de uma nota que de Johannesburgo Rhodes enviou por um ciclista a Jameson pouco antes do início das hostilidades naquele inesquecível dia de Ano-Novo. Alguns fragmentos da nota foram encontrados no campo depois da batalha e colados; a questão se refere às palavras contidas nos fragmentos que não foram encontrados. Jameson diz que a nota lhe prometia um reforço de 300 homens de Johannesburgo. O coronel Rhodes nega e diz que prometeu apenas enviar “alguns” homens “ao seu encontro”.

É uma pena que esses dois amigos tenham tropeçado em detalhe tão pequeno. Qual teria sido a vantagem de enviar os 300 homens? Em 21 horas de luta incessante, os 530 homens de Jameson, suas metralhadoras e seus canhões mataram um total de um bôer. Esta estatística demonstra que os 300 homens armados apenas de mosquetões teriam matado no máximo mais meio bôer, o que não teria sido suficiente para garantir a vitória, não teria afetado o resultado da batalha. Os números são claros e mostram com violência matemática que o único meio de salvar Jameson, ou de, no máximo, lhe dar chance igual diante dos bôeres, teria sido o envio de Johannesburgo de 240 Maxims, 90 canhões, 600 carroças de munição e 240 mil homens. Johannesburgo não tinha condições para tanto. Johannesburgo foi insultada de duas formas por não ter fornecido auxílio a Jameson: a primeira por pessoas que não conhecem história, e a segunda por pessoas iguais a Jameson, que a conhecem, mas não conseguem entender o que ela significa. (Mark Twain)

AUSTRÁLIA⁷

(1897)

A viagem de Twain à Austrália se dá no decorrer da já mencionada turnê de 1895-1896 para a realização de conferências ao redor do mundo. Iniciando o périplo em 1895, Twain cruza os Estados Unidos e o Canadá antes de embarcar para a Austrália, de onde seguiria para Nova Zelândia, Índia, Ceilão, Ilhas Maurício e África do Sul, retornando apenas após um ano de viagem.

A recepção calorosa que lhe é dispensada evidencia o grau de aceitação de seus trabalhos e o seu indiscutível status de celebridade literária e política.

Na Austrália, o Movimento pelo Imposto Único (Single Tax Movement) tinha mais força e articulação do que nos Estados Unidos, tal como acontecia na Nova Zelândia e na Inglaterra, e constituía-se num dos movimentos de reforma social mais importantes do período de transição para o século XX.

Henry George, idealizador do movimento, atribuía ao monopólio na propriedade de terra a responsabilidade pela desigualdade social e, considerando o direito a essa propriedade como um direito natural, vislumbrava a solução na adoção de um imposto único sobre o valor da terra. Na prática, o imposto não aboliria a propriedade privada, que era garantida pela Constituição, mas funcionaria, segundo esperava seu criador, como uma espécie de aluguel a ser pago pela comunidade. No contexto do industrialismo da Era Dourada (Gilded Age), o movimento disputava prestígio com o movimento antiimperialista.

7. Capítulos X e XI de TWAIN, Mark. *Following the Equator – A Journey Around the World*. Nova York, Dove, 1989.

Twain foi membro de várias entidades defensoras do Imposto Único. Apesar disso não é tão fácil encontrar evidências que esclareçam de forma definitiva a natureza de seu pensamento a respeito. Nestes dois textos – particularmente no do capítulo X –, pode-se sentir a importância dada por Twain à discussão da propriedade da terra e à forma como essa propriedade é exercida.

Tudo o que é humano é patético. A fonte secreta do humor não é a alegria, mas a tristeza. Não existe humor no céu.

Pudd'nhead Wilson's New Calendar

O capitão Cook descobriu a Austrália em 1770, e 18 anos depois o governo britânico já começava a transportar condenados para lá. No total, Nova Gales do Sul recebeu 83 mil ao longo de 53 anos. Os condenados eram presos por pesadas correntes; estavam mal alimentados e eram maltratados pelos carcereiros; sofriam pesados castigos pelas infrações mais triviais; um historiador descreveu a vida deles como “a mais cruel disciplina que já se conheceu”⁸.

A lei inglesa naquele tempo era impiedosa. Homens, mulheres e crianças eram enviados para esse fim de mundo, com penas entre sete e 14 anos, por erros triviais, que hoje seriam punidos por multa ou por alguns dias na cadeia; e por crimes graves a pena era perpétua. Houve crianças presas por sete anos por terem roubado um coelho!

Quando estive em Londres, há 23 anos, a pena por assalto ou pelo espancamento da mulher era 25 chibatadas nas costas nuas com o gato de nove caudas⁹. Dizia-se que este terrível castigo era capaz de emendar o mais obstinado dos rufiões, e que não havia homem capaz de guardar para si suas emoções depois da nona chibatada; a norma era gritar antes. Essa pena teve um efeito muito saudável nos assaltantes e espancadores de mulheres, mas a humana Londres moderna não a

8. *A história da Australásia*, de J. S. Lurie. (Mark Twain)

9. Bater com o gato de nove caudas = flagelar, bater com chicote ou vara.

suportaria; a lei foi extinta. Muitas esposas espancadas e feridas já tiveram ocasião de deplorar o cruel resultado dessa “humanidade” sentimental.

Vinte e cinco chibatadas! Na Austrália e na Tasmânia um condenado recebia 50 por qualquer infração trivial; e às vezes o guarda violento ainda acrescentava outras 50, mais 50, e mais 50, enquanto o sofredor suportasse a tortura sem morrer. Na Tasmânia, li num velho documento oficial manuscrito o registro de um caso em que o condenado recebeu 300 chibatadas por roubar algumas colheres de prata. E às vezes a pena era ainda maior. E quem manipulava o gato? Geralmente outro condenado; às vezes o melhor amigo do condenado; e ele era obrigado a bater com toda força; caso contrário, seria ele o castigado por sua misericórdia, pois estava sob vigilância, sem beneficiar o amigo, que passaria a ser castigado por outro carrasco, sem redução do castigo completo.

A vida dos condenados na Tasmânia era tão insuportável, e o suicídio tão difícil de realizar, que uma ou duas vezes homens desesperados tiravam a sorte para decidir qual deles iria matar alguém do grupo; um assassinato que garantia ao assassino e às testemunhas a morte pela mão do carrasco!

Os incidentes citados acima são meras indicações, simples sugestões de como era a vida dos condenados, alguns detalhes lançados à nossa vista, saídos de um oceano sem fim de coisas semelhantes; ou, usando uma outra metáfora, um par de torres em chamas, fotografadas de um ponto de onde não se vê a cidade que se incendeia em todas as direções.

Alguns dos condenados – na verdade muitos deles – eram gente muito má, mesmo para aquele tempo; mas a maioria não chegava a ser pior que as pessoas que haviam deixado para trás. Não é possível deixar de acreditar nisso. Somos obrigados a aceitar que uma nação capaz de observar, sem se comover, mulheres famintas e congeladas enforcadas por terem roubado um pedaço de bacon ou alguns trapos, e meninos arrancados dos braços da mãe, e homens de suas famílias para serem mandados para o outro lado do mundo por longos anos

por infrações igualmente triviais, não era uma nação a que se pudesse aplicar o termo “civilizada”. Somos também forçados a acreditar que uma nação que soube, por mais de 40 anos, o que estava acontecendo àqueles exilados, e ainda assim não se deixou perturbar, não estava avançando para um estágio mais alto de civilização.

Se observarmos o caráter e a conduta dos oficiais e cavalheiros encarregados dos condenados, das suas costas e dos seus estômagos, temos mais uma vez de aceitar que entre o condenado e seu carcereiro, e entre os dois e a nação que ficou para trás, havia uma notável monotonia de mesmice.

Quatro anos haviam se passado e muitos condenados haviam chegado. Colonos respeitáveis também começavam a chegar. As duas classes de colonos tinham de ser protegidas em caso de violências entre elas ou com os nativos. É preciso mencionar os nativos, embora eles não chegassem a fazer parte do quadro, por serem tão poucos. Durante o tempo em que não foram muito prejudicados – em que ainda não estavam atrapalhando –, estima-se que em Nova Gales do Sul havia apenas um nativo em cada 20 mil hectares de território.

Era necessário oferecer proteção às pessoas. Os homens do exército regular não aceitavam essa tarefa; naquele fim de mundo não havia honras nem distinções a serem alcançadas. Assim a Inglaterra recrutou e montou uma espécie de milícia de mil civis armados, a que deu o nome de Brigada de Nova Gales do Sul, e a enviou para lá.

Foi o pior de todos os choques. A colônia tremeu diante deles. Aquela brigada foi uma verdadeira lição sobre as condições morais da Inglaterra fora das prisões. Os colonos tremeram. Temia-se que em seguida a nobreza seria importada.

Naqueles primeiros dias, a colônia não era auto-suficiente. Todas as necessidades da vida, alimentos, roupas e tudo mais vinham da Inglaterra, eram guardados em grandes armazéns, distribuídos aos condenados e vendidos aos colonos; vendidos a pouco mais que o preço de custo. A brigada viu aí sua oportunidade. Seus oficiais se tornaram comerciantes, da forma mais ilegal. Começaram a importar rum e a fabricá-lo em destilarias particulares, em clara desobediência às or-

dens e aos protestos do governo. Compuseram-se e dominaram o mercado; boicotaram o governo e os outros comerciantes; estabeleceram um monopólio fechado e o mantiveram sob seu controle estrito. Quando chegava um navio com uma carga de bebidas, não permitiam que ninguém que não eles próprios as comprasse e obrigavam o armador a lhes vender pelo preço que mais lhes conviesse, sempre muito baixo. Compravam rum a 2 dólares o galão e o vendiam a dez. Transformaram o rum na moeda do país e mantiveram um controle devastador sobre a colônia e a oprimiram sob seus tacões durante 18 ou 20 anos antes de serem vencidos e expulsos pelo governo.

Mas durante esse tempo a intemperança se espalhou por toda parte. E eles já haviam extorquido muitas fazendas de seus proprietários em troca de rum, e dessa forma se enriqueceram. Quando descobriam um fazendeiro nas últimas agonias da sede, eles se aproveitavam e o esfolavam em troca de um trago.

Num desses casos, um galão de rum, no valor de 2 dólares, foi trocado por uma fazenda que mais tarde foi vendida por 100 mil dólares.

Quando a colônia já tinha 18 ou 20 anos, descobriu-se que a terra era particularmente indicada para a produção de lã. Veio a prosperidade, começou o comércio com o mundo, abriram-se ricas minas de metais nobres, os imigrantes afluíram, bem como os capitais. O resultado foi a grande, rica e culta comunidade de Nova Gales do Sul. É um país rico em minas, fazendas de lã, ferrovias, navios, escolas, jornais, jardins botânicos, galerias de arte, bibliotecas, museus, hospitais e sociedades culturais; é o lar hospitaleiro de todas as culturas e de todos os empreendimentos materiais, há uma igreja à porta de toda casa e uma pista de corridas em todo caminho.

• • •

É preciso ter o cuidado de extrair de cada experiência apenas a sabedoria que nela há – e parar por aí; senão seremos como o gato que senta sobre a chapa do fogão. Ele nunca mais se senta

sobre uma chapa quente – o que é bom, mas também
nunca mais se senta sobre uma chapa fria.

Pudd'nhead Wilson's New Calendar

Todas as colônias de língua inglesa têm povos muito hospitaleiros, e Nova Gales do Sul e sua capital não são exceção a essa regra. A colônia de língua inglesa dos Estados Unidos da América sempre foi considerada extremamente hospitaleira pelo viajante inglês. E sei por experiência própria que a mesma descrição se aplica a todas as outras colônias de língua inglesa, do Canadá até os confins do mundo. Não pretendo me estender neste tema, pois sei que quando tentam distribuir aos quatro ventos a sua gratidão os escritores em geral enfrentam dificuldades e tropeçam desgraciosamente.

O Sr. Gane (Nova Gales do Sul e Victoria em 1885), tentou distribuir sua gratidão e foi infeliz:

Os habitantes de Sydney são conhecidos pela hospitalidade. O tratamento que tivemos nas mãos desse povo generoso vai nos ajudar a lembrar com prazer os dias que passamos entre eles. Excelem na condição de anfitriões. O “amigo novo” só precisa conhecer um deles, e se torna imediatamente o objeto feliz de numerosos convites e de uma gentileza cheia de consideração. Das cidades que tivemos a fortuna de visitar, nenhuma representou com tanta fidelidade o lar como Sydney.

Ninguém poderia se expressar melhor. Se tivesse parado por aí e ficado longe de Dubbo, mas não; homem insensato, ele voltou ao assunto. Voltou ao assunto bem mais tarde no livro e deve ter esquecido o que havia dito de Sydney:

Não podemos sair da promissora cidade de Dubbo sem atestar os costumes cordiais e hospitaleiros de seus habitantes. Sydney, apesar de merecedora da sua fama que lhe rendeu o tratamento gentil que oferece ao estrangeiro, é, ainda assim, um tanto reservada e formal. Em Dubbo, pelo contrário, embora predominem os mesmos costumes gentis, exis-

te um grau de respeitosa familiaridade que dá à cidade o conforto caseiro que geralmente não se encontra em outras. Ao repousar a pena, estamos felizes por termos tido a sorte de, ainda que tão tarde nesta obra, criar um panegírico, ainda que desprezioso, em homenagem a uma cidade que, apesar de carente de paisagens pitorescas e de produções arquitetônicas interessantes, conta com um corpo de cidadãos cujos corações conquistam para ela uma boa reputação de benevolência e bom coração.

Não sei o que lhe azedou o espírito contra Sydney. Parece estranho que um grau agradável de três ou quatro dedos de familiaridade respeitosa pudesse preencher um homem e nele provocar um caso tão agudo de panegírico. Pois ele está doente, gravemente doente, é evidente. Um homem tranqüilo não detrata friamente as produções arquitetônicas dos outros, ou suas paisagens pitorescas, e sugere que o que prefere em Dubbo são as tempestades de areia e uma familiaridade agradável e respeitosa. Não, esses sintomas já são há muito conhecidos; e quando aparecem sabemos que o homem está com panegírico.

Sydney tem uma população de 400 mil habitantes. Quando um estrangeiro vindo da América pisa em terra, a primeira coisa a lhe chamar a atenção é que o lugar é oito ou nove vezes maior do que imaginava; e em seguida o fato de ser uma cidade inglesa com acessórios americanos. Mais tarde, em Melbourne, verá que os acessórios americanos são ainda mais evidentes; lá, até mesmo a arquitetura sugere a América; uma fotografia de sua rua mais imponente poderia passar pela fotografia da rua mais importante de alguma grande cidade americana. Alguém me disse que as melhores residências eram as dos posseiros¹⁰ da cidade. O nome parece meio fora de foco. Mas, quando chegou, a explicação trazia um novo exemplo das mudanças curiosas que sofrem as palavras, assim como os animais, quando passam de um hábitat e de um clima a outros. Entre nós, quando se fala do pos-

10. O termo original “squatters” (que ao pé da letra significa “agachados”) indica aquele que se instala numa terra não ocupada a fim de reivindicar o título de posse da mesma.

seiro, geralmente se está falando de um homem pobre, mas na Austrália quem fala do posseiro está pensando num milionário; na América ela faz pensar num homem que tem uns poucos hectares e uma escritura duvidosa, na Austrália indica um homem cujas terras têm uma divisa tão longa quanto uma ferrovia e cuja condição de proprietário foi sendo aperfeiçoada de uma forma ou de outra. Na América a palavra indica um homem que possui umas poucas cabeças de gado, na Austrália indica o proprietário de alguma coisa entre 50 mil e meio milhão de cabeças; na América a palavra indica um homem obscuro e sem importância, na Austrália um homem proeminente e da maior importância. Na América ninguém tira o chapéu para um posseiro, mas na Austrália todos tiram. Na América, se seu tio é um posseiro, você esconde, na Austrália você anuncia. Na América, se seu amigo é um posseiro, você nada ganha, mas com um amigo posseiro na Austrália você é convidado a jantar com reis, se houver algum por perto.

Na Austrália é necessário um hectare de pasto (alguns dizem que é o dobro) para manter uma ovelha; e um posseiro que tenha meio milhão de ovelhas tem um domínio privado mais ou menos tão grande quanto Rhode Island. A sua renda anual gerada pela lã pode chegar a algo entre um quarto e meio milhão de dólares.

Ele geralmente vive num palácio em Melbourne, Sydney ou outra das grandes cidades, e faz viagens ocasionais ao seu império ovinocultor situado a muitas centenas de quilômetros para supervisionar os batalhões de cavaleiros, pastores e outros empregados. Ali ele tem uma casa espaçosa e, se gostar de você, poderá convidá-lo a passar lá uma semana, onde você se sentirá em casa, e lhe mostrará sua grande indústria em todos os detalhes, e lhe oferecerá a melhor comida, o melhor fumo, e tudo de melhor que o dinheiro puder comprar.

Em pelo menos uma dessas vastas propriedades existe uma cidade de proporções consideráveis, com todos os negócios e ocupações normais que formam uma cidade importante; e tanto a cidade quanto a terra onde ela está fincada pertencem ao posseiro. Já vi essa cidade, e não é improvável que existam na Austrália outras cidades de propriedade de posseiro.

A Austrália fornece ao mundo não apenas uma excelente lã, mas também a carne de cordeiro. A moderna invenção do congelamento e sua aplicação aos navios geraram esse grande comércio. Em Sydney eu visitei um enorme estabelecimento onde se matam, limpam e congelam mil ovelhas por dia, para serem transportadas para a Inglaterra.

Os australianos não me pareceram muito diferentes dos americanos, na roupa, no porte, nos costumes, na pronúncia, nas inflexões ou na aparência geral. Ainda há sugestões sutis de sua origem inglesa, mas geralmente não são suficientemente pronunciadas para atrair a atenção. Desde o início – do momento em que se completa a apresentação – as pessoas são simpáticas e cordiais. Isso é americano. Dito de outra forma, é a simpatia inglesa sem a timidez e a formalidade.

Veza por outra, mas é raro, ouvem-se as palavras *píper* (páiper), querendo dizer *paper* (pêiper); *lydy* (láidy), em lugar de *lady* (lêidy); *tyble* (táibol), em lugar de *table* (têibol), saindo dos lábios de alguém de quem não se esperaria essa pronúncia. Existe em Sydney uma superstição de que essa pronúncia é um australianismo, mas as pessoas que voltaram à “terrinhã” – que é como os nativos chamam reverente e amorosamente a Inglaterra – sabem que não é verdade. É a língua dos camelôs. Por toda a Austrália essa pronúncia é quase tão comum entre empregados quanto entre as pessoas de pouca educação de Londres de todos os tipos e condições. Aquele “y” fora do lugar é muito marcante quando uma pessoa ouve numa mesma sentença uma quantidade deles suficiente para notar. No hotel em Sydney a camareira me disse, certa manhã:

“The táibol is set, and there is the páiper; and if the láidy is ready I’ll tell the wáiter to bring up the breakfast”¹¹.

Comentei há pouco o costume dos australianos natos de falar da Inglaterra como a “terrinhã”. É sempre gostoso de ouvir, e era sempre pronunciado de uma forma carinhosa e comovente; uma maneira que

11. A mesa está posta, e o jornal está ali; e se madame estiver pronta vou mandar o garçom trazer o café da manhã. (N. T.)

transforma um sentimento num gesto e nos faz ver a Austrália como uma jovem que acaricia a cabeça grisalha da velha mãe.

No lar australiano a conversa à mesa é viva e desembaraçada; não é formal nem rígida; isso faz com que ela lembre menos a Inglaterra que a América. Mas a Austrália é estritamente democrática, e reservas e restrições são geradas pelas diferenças de classe.

As platéias inglesas e as coloniais são excepcionalmente alertas e interessadas. Onde se reúnem massas de pessoas na Inglaterra a casta desaparece, e com ela a reserva inglesa; durante aquele momento a igualdade existe e todos os indivíduos são livres; tão livres da consciência de peias que o hábito inglês de a pessoa se observar e se proteger contra uma exposição indiscreta de sentimentos é esquecido e posto em suspensão, até o ponto de, se tiver vontade, ele ser o único a aplaudir, uma demonstração de coragem incomum em outras partes do mundo.

Mas é difícil tratar com um novo conhecido inglês quando ele está só, ou quando há poucas pessoas presentes, e novas para ele. Ele se guarda, e sua reserva natural se manifesta. Isso lhe deu a falsa reputação de não ter humor e de não apreciar o humor. Os americanos não são ingleses, e o humor americano não é o humor inglês; mas tanto o americano quanto seu humor se originaram na Inglaterra e apenas se modificaram em virtude de condições e ambientes diferentes. Entre os melhores discursos humorísticos que já ouvi estão dois pronunciados em banquetes no clube: um por um inglês e outro por um australiano.

GUERRA
HISPANO-AMERICANA
/FILIPINAS

A MAIS DIGNA DAS GUERRAS: CARTA A JOSEPH H. TWICHELL

(1898)

Em 1898 Mark Twain encontrava-se havia vários anos residindo na Europa e endossava irrestritamente a Guerra Hispano-Americana, acreditando ser ela uma “guerra para libertar Cuba”. É o que atesta esta carta ao amigo e pastor de Hartford, Joseph Twichell.

Kaltenleutgeben, próximo a Viena, 17 de junho de 1898.

Prezado Joe,

Você agora está revivendo em Dave seus dias de guerra, o que deve ser um grande prazer, temperado com o molho da apreensão – o que basta para torná-lo *schmeck*, como dizem os alemães. Se a guerra continuar, Dave há de voltar com duas ou três divisas no ombro e ficaremos todos felizes por ela ter acontecido.

Começamos com Bull Run¹. Agora Dewey e Hobson introduziram um melhoramento no jogo.

Nunca gostei tanto de uma guerra, nem mesmo na história escrita, como estou gostando desta. Pois esta é a mais digna que jamais foi lutada, até onde chega meu conhecimento. É muito digno lutar pela liberdade; outra coisa é lutar pela de outro homem. E acho que esta é a primeira vez que isto é feito.

Esqueça Charley Warner, ele seria capaz de interromper a ressurreição de Lázaro. Diria, o testamento já foi executado, as propriedades

1. Primeira batalha da guerra civil, travada na Virgínia próxima a Manassas, entroncamento ferroviário da Ferrovia Virgínia. Ficou conhecida como Batalha de Manassas, para os confederados, ou Primeira Bull Run, para os unionistas. Recebeu esse nome por causa do riacho que cortava o campo de batalha.

distribuídas, vai ser um trabalhão resolver os problemas, melhor deixar como está; nunca altere coisa alguma, se isto resultar na quebra do movimento suave das coisas e perturbar nossa tranqüilidade.

Companhia! (Psst! Acontece todo dia... e nós viemos para cá por causa do silêncio).

Lembranças a todos,
Mark

RECRUTAS PARA UMA CRUZADA DE CRUCIFIXÃO DA LIBERDADE: CARTA A WILLIAM JAMES LAMPTON

(12 de março de 1901)

O poema “Ready if needed!” (“Pronto se necessário!”), de William J. Lampton, escrito como um voto de louvor à participação dos Estados Unidos na Guerra Hispano-Americana, retratava recrutas que vinham de todas as classes e partes do país.

Em 12 de março de 1901 uma carta de Mark Twain sobre o poema foi publicada pelo Philadelphia North American. A carta de Twain foi descrita pelo jornal como “uma epístola gentilmente satírica”, e Twain foi referido como “grande humorista” e “amigo de Lampton”, mas “desabrido no desfavor que devota à guerra nas Filipinas”.

No dia 23 de março o Army and Navy Journal, publicação das Forças Armadas, divulgou novamente a carta de Twain, criticando-o por distorcer os números do recrutamento.

“É uma infelicidade para a reputação de Mark Twain que ele se permita caluniar esses homens por acreditarem no direito e no dever do governo de impor sua autoridade sobre todo o território que pertence aos Estados Unidos.” The New York Times publicou novamente o editorial na edição do dia seguinte.

O comentário de Twain deixa transparecer aqui, novamente, o espírito de nacionalismo xenófobo que se revela em seus escritos antiimperialistas sempre que ele imputa atitudes imperialistas a uma índole alheia a uma consciência política fundada nos princípios americanos. Ao referir-se de maneira sarcástica ao contingente de descendentes de imigrantes entre os soldados alistados, Mark Twain reafirma a crença ingênua e xenófoba na americanidade dos princípios contrários ao imperialismo, e repassa o preconceito de forma que sem dúvi-

da alguma contradiz o caráter libertário de seu pensamento antiimperialista.

Prezado Lampton:

Permita-me dizer que aprecio muito os seus poemas. Especialmente aquele que descreve de forma tão vívida a resposta dos nossos jovens quando foram convocados a combater um opressor e dar a liberdade às suas vítimas. Escreva outro poema para mostrar como os jovens respondem quando convidados pelo governo a ir às Filipinas numa cruzada de roubo de terras e de crucifixão da liberdade. Observo que eles se apinham diante dos locais de recrutamento no ritmo de 800 por mês, de uma população entusiástica de 75 milhões de homens livres; e que ninguém nascido nos Estados Unidos é capaz de pronunciar seus nomes sem machucar o queixo, nem escrevê-los se não tiver educação estrangeira.

Um abraço,
Mark Twain

TREINAMENTO QUE FUNCIONA

(16 de março de 1901)

Mark Twain abominava o patriotismo cego instituído nas escolas e criticou-o em várias ocasiões. Dois dias antes de iniciar-se a Guerra Hispano-Americana, a Assembléia Legislativa do estado de Nova York aprovou uma lei que estabelecia a prática da saudação à bandeira. A mesma lei deixava a cargo do superintendente de Instrução Pública os demais exercícios patrióticos em âmbito escolar. Charles Skinner, o superintendente em exercício, criou um manual de patriotismo para uso nas escolas públicas do estado de Nova York e, no dia 16 de março de 1901, apresentou-o na reunião da Associação dos Professores Homens da Cidade de Nova York, afirmando que a criação de um império americano após a Guerra Hispano-Americana “tornava ainda mais importante a cidadania”. Durante a reunião, Mark Twain fez um discurso criticando as posições de Skinner e acentuando suas discordâncias em relação à forma como o superintendente entendia o patriotismo.

É impossível concordarmos todos. E isso é muito bom. Se pudéssemos todos concordar a vida seria muito monótona. Acredito que se todos estivéssemos de acordo eu preferiria partir antes de minha hora, ou melhor, desde que eu tivesse coragem para fazê-lo. Concordo em parte com o que disse o Sr. Skinner. De fato, mais do que normalmente concordo com outras pessoas. Acredito que não existam cidadãos privados numa República. Todos são funcionários; acima de tudo, todos são policiais. Ainda que não use o capacete nem botões de latão, seu dever é ver que as leis sejam cumpridas.

Se o patriotismo fosse ensinado nas escolas em anos passados, o país não estaria na posição em que está hoje. O Sr. Skinner está mais

satisfeito com as condições atuais do que eu. Eu gostaria de ensinar o patriotismo nas escolas, e o ensinaria assim: jogaria fora a velha máxima “meu país, certo ou errado” e outras, e em seu lugar eu diria “meu país, quando está certo”.

Não iria buscar meu patriotismo no meu vizinho ou no Congresso. Ensinaria às crianças nas escolas que existem certos ideais e que um deles é o de que todos os homens foram criados livres e iguais. Outro é o de que o bom governo é o que existe pelo consentimento dos governados. Se estivéssemos, o Sr. Skinner e eu, encarregados das escolas públicas, eu criaria um grande número de patriotas que discordariam dos dele.

Eu também ensinaria ao patriota em formação que se ele por acaso se tornasse governo dos Estados Unidos e fizesse uma promessa, ele deveria cumpri-la. Não avançaria mais no ensino da política, pois eu me excito facilmente, e não gosto de me excitar. Prefiro continuar calmo.

A ESTUPENDA PIADA DO SÉCULO

(9 de maio de 1907)

A carreira de conferencista foi, para Mark Twain, uma forma de divulgação de seu trabalho e de discussão de suas idéias. No que diz respeito ao debate antiimperialista, esta atuação teve um papel mais do que importante, já que Twain era invariavelmente convidado e ouvido como celebridade.

No dia 9 de maio de 1907, dirigindo-se a uma conferência em Anápolis, no estado de Maryland, Twain foi recepcionado pelo governador e por um grupo de repórteres que cobriam o encontro. Os relatos abaixo foram publicados, respectivamente, no Baltimore Sun e no Baltimore News.

O MAIS ENGRAÇADO, BALTIMORE SUN

Enquanto o trem rolava na direção de Anápolis, o humorista continuou sendo o centro das atenções do governador e dos que o cercavam. Perguntaram a ele qual a coisa mais engraçada que já havia acontecido.

“O mais engraçado foi quando, no final da Guerra Hispano-Americana, os Estados Unidos pagaram à pobre e decrépita Espanha 20 milhões de dólares pelas Filipinas. Foi a forma de este país comprar a admissão à boa sociedade. Honestamente, quando li nos jornais que o negócio havia sido fechado, eu ri até doer a barriga. Lá estavam os filipinos lutando heroicamente por sua liberdade. A Espanha não queria ouvir. Os Estados Unidos entraram e, depois de reduzir o inimigo à imobilidade, em vez de libertar os filipinos, pagam aquela quantia enorme por uma ilha que não lhes diz respeito apenas por quererem ser

como os países aristocráticos da Europa que têm colônias em águas estrangeiras. Os Estados Unidos queriam fazer parte do grupo, então tiveram de se expandir, igual a uma herdeira americana que compra um duque ou um conde. Parece bom, mas é só.”

Nesse ponto Mark deixou a cabeça cair para trás e riu até arrepiar o cabelo desgrenhado.

A SOCIEDADE DOS LADRÕES COROADOS, *BALTIMORE NEWS*

Paralelamente à conversa generalizada, a subjugação dos hererós² da África do Sul pelo governo alemão foi introduzida por uma referência casual às antigas propriedades de Lord Cecil Calvert feita pelo governador Warfield.

O humorista respondeu:

“Pensar que os assaltantes coroados da Europa tiveram a capacidade de dar a um homem um pedaço de papel garantindo a posse de vastas terras ainda não roubadas dos legítimos donos, mas na iminência de serem roubadas, faz meu sangue ferver. Pensem em Calvert em Maryland, Penn na Pensilvânia e no resto dos piratas do pior tipo que chegam a um país, sem direito algum que não o direito da força superior, e ousam reivindicar a posse de estados inteiros! Os ladrões alemães, comandados pelo ladrão coroadado de todos os ladrões coroados, entram na África do Sul com uma força de 30 mil homens e expulsam um punhado de hererós de suas terras apenas porque querem o território. Os hererós lutaram corajosa e brilhantemente, considerando o seu número, mas nada representavam contra assassinos enviados por um canalha de arminho para lhes cortar a garganta e bater a carteira. Nós nos declaramos um país democrático – um povo honesto –, mas compramos o ingresso nessa Sociedade de Ladrões Coroados pagando 20 milhões de dólares a um país que não era dono, por umas ilhas que não tínhamos o direito de comprar. Foi a piada estupenda do século: os Estados Unidos, depois de vencerem a Espanha e de adquiri-

2. Povo da região hoje correspondente à Namíbia e Botswana, de língua bantu.

rem as ilhas por direito de conquista, darem 20 milhões de dólares à Espanha. Por quê? Pelas ilhas? Elas não eram da Espanha. Então por quê? Lógico, para isto: um americano vai ao exterior e vende a filha a um aristocrata e assim compra o ingresso nos círculos da nobreza. O Tio Sam pagou 20 milhões de dólares a título de jóia para ser aceito nessa sociedade: a Sociedade dos Ladrões Coroados. Estamos agora nivelados ao resto deles. Tivemos a coragem de transformar o que deveria ter sido um protetorado benevolente numa monarquia autocrática!”

“E o senhor acredita...”

“Acredito que se um homem tem alguma coisa que algum governo deseje o melhor será ele desistir. A Inglaterra roubou, por gatunagem, pilhagem, assassinato, incêndio e rapinagem, os campos de diamantes da África, e o mesmo excelente sistema de governo condena sumariamente o indivíduo que rouba uma única pedra preciosa da vitrine de uma joalheria.”

A BANDEIRA AMERICANA

Durante a campanha presidencial de 1900 foi distribuído um panfleto com críticas ao presidente McKinley, por considerar que ele subjogava os filipinos amantes da liberdade apenas para auferir vantagens comerciais. Na margem do panfleto Mark Twain escreveu: “Oh, patriotismo – eu não teria permitido que levasse a bandeira à desonra, ainda que a nação inteira o tivesse exigido”. O jornal antiimperialista The Public observou que Twain havia tido a coragem de dizer o que tantos americanos pensavam, mas não diziam abertamente. Por outro lado, The New York Times, classificando a observação de “piada sem graça”, advertiu Twain para que não voltasse a cometer “erros” que poderiam resultar em sérias conseqüências para sua popularidade. A resposta do escritor utiliza o argumento central dos que o criticaram e, revertendo o efeito resultante, postula a idéia de que não é a bandeira que se desonra quando das iniciativas imperialistas, e sim o governo responsável por elas.

DISCURSO SOBRE A CORRUPÇÃO MUNICIPAL

(4 de janeiro de 1901)

Tivemos recentemente dois homens que concorriam à Presidência. Havia o Sr. McKinley, de um lado, e o Sr. Bryan, do outro. Se houvesse aqui um “Partido Anti-doughnut”³ nenhum dos dois teria sido

3. Doughnut é um tipo de rosquinha tipicamente norte-americana, feita de massa doce e macia recheada com creme de baunilha. O termo “Partido Anti-doughnut” remete a uma história da infância de Twain narrada por ele no texto “250,000 Rally for Mark Twain”. Trata-se de um relato do que ele considerava ter sido sua iniciação na arte da liderança política: “Minha primeira lição na arte da liderança

eleito. Não conheço muito de finanças, mas um amigo me disse que Bryan estava completamente errado na questão do dinheiro e, portanto, não votei nele. Conhecia as Filipinas suficientemente bem para ter uma forte aversão à idéia de enviar nossos brilhantes jovens para lutar com um mosquetão em desgraça sob uma bandeira maculada, portanto também não votei no adversário. Eu ainda guardo aquele voto, ele ainda está limpo, pronto para ser usado quando for formado o “Partido Anti-doughnut” que só aceite os melhores homens para os cargos, independentemente do partido a que pertençam e de qual deles irá resolver todos os nossos problemas políticos.

A NATUREZA HUMANA É EGOÍSTA, *NEW YORK HERALD*

(Nova York, 5 de janeiro de 1901)

“Ora, eu disse uma coisa num discurso ontem à noite que não queria dizer. Ela me escapou porque estava escrevendo um artigo sobre o assunto. Não pretendia dizer aquilo naquele discurso.”

política foi aprendida em tenra idade. Cinquenta e um anos atrás eu tinha 14 anos de idade e nós tínhamos uma sociedade, na cidade em que eu vivia, nos moldes da dos Maçons ou da Ordem Antiga de Fazendeiros Unidos ou algo assim – o tipo exato de sociedade em que se baseava não vem ao caso. Tinha uma guarda interna e uma externa e uma comissão administrativa, e uma série de coisas desse tipo a fim de dar dignidade à organização e postos a seus membros.

“De modo geral era um tipo bastante bom de organização e alguns dos melhores meninos da cidadezinha inclusive – mas não posso ficar tocando em questões pessoais numa ocasião como esta – e seus membros poderiam ter-se dado muito bem entre si se não fosse pelo fato de que alguns deles podiam ser comprados. Esses vieram a se revelar um terrível aborrecimento. Toda vez que tínhamos uma eleição os candidatos tinham que ficar atentos e observar os membros compráveis. O preço por voto era pago em doughnuts, e dependia um pouco dos apetites dos indivíduos no que diz respeito ao preço dos votos.

“Isso tudo continuou até que alguns de nós, aqueles que eram realmente os melhores garotos da organização, decidiram que essas práticas corruptas precisavam parar, e com o propósito de pôr-lhes um fim, organizamos um terceiro partido. Tínhamos um nome, mas nunca fomos conhecidos por esse nome. Os que não gostavam de nós chamavam-nos de Partido Anti-doughnut, mas não nos importávamos.

“Dissemos: chamem-nos do que quiserem; o nome não importa. Estamos organizados em prol de um princípio. Suponho que eles nos chamavam de Partido Anti-doughnut porque eles não podiam nos comprar com seus doughnuts. Eles não os tinham em quantidade suficiente. A maioria dos reformadores chega a seu preço mais cedo ou mais tarde, e acho que nós teríamos tido o nosso preço; mas nossos oponentes não estavam oferecendo nada a não ser doughnuts, e isso nós rejeitávamos.” http://www.boondocksnet.com/twain2k/news_990930.html

Foi uma referência à política presidencial nas Filipinas. Mostrei-lhe o parágrafo que estava nos jornais diários.

“É isto mesmo. Ora, só admito emitir uma opinião uma vez, de uma maneira, em certa hora e lugar, e não pretendia fazer esta declaração ontem à noite, embora já tenha escrito substancialmente sobre ela, extensamente.”

“O senhor não aprova a política desta administração para as Filipinas?”, perguntei imparcialmente.

“Se pretendemos nos tornar membros da família internacional, façamo-lo respeitavelmente, e não nas bases atualmente propostas em Manila. Denunciamos um monte de erros na guerra da África do Sul, comovemo-nos até a histeria com o sofrimento dos bôeres, e ainda assim, ao que parece, não nos comovemos tanto com os nativos das Filipinas.”

“Mais uma fase de depravação”, sugeri.

“É isto. A natureza humana é egoísta, e só é realmente nobre se lucrar.”

A BANDEIRA NÃO ESTÁ MACULADA

(1901)

Não acho errado o uso que se está fazendo de nossa bandeira, pois agora, para não parecer excêntrico, mudei de opinião e me juntei à nação na convicção de que nada pode macular uma bandeira. Não fui bem educado e tinha a ilusão de que uma bandeira era uma coisa a ser protegida contra usos vergonhosos e contra contatos com a sujeira, para que ela não se polua; e assim, quando ela foi mandada às Filipinas para pairar sobre uma guerra imoral e uma expedição de pilhagem, supus que ela estava sendo conspurcada, e num momento de ignorância foi o que afirmei. Mas aceito a emenda. Admito e reconheço que poluído é apenas o governo que a enviou nessa empresa. Nisso nós podemos concordar. Fico feliz que seja assim. Pois nossa bandeira não poderia suportar a poluição, já que nunca havia se submetido a ela, mas isso não vale para a administração.

DEFESA DO GENERAL FUNSTON

22 de fevereiro de 1902

(publicado pela primeira vez em maio de 1902)

O general Funston foi o responsável pela captura do líder filipino Aguinaldo, em 1901, e teve uma recepção de herói quando voltou aos Estados Unidos. Utilizando neste texto um procedimento argumentativo bastante comum em sua produção ensaística, Mark Twain propõe-se a escrever “em defesa” de Funston para, na verdade, mover-lhe a mais acerba crítica e fazer a ele as menos lisonjeiras referências.

Tendo iniciado a elaboração do ensaio precisamente no dia do aniversário de Washington (22 de fevereiro), feriado nacional nos Estados Unidos, Twain estabelece uma contraposição entre Funston (cuja celebridade provém da traiçoeira captura de Aguinaldo durante uma guerra de conquista) e Washington, considerado símbolo perfeito da honestidade norte-americana e da herança anticolonialista da nação.

Parte da seção 2 deste ensaio foi extraída da descrição da captura de Aguinaldo numa resenha anterior que fizera da biografia de Edwin Wildman. O trecho ainda era inédito no momento em que este texto foi divulgado, pois Twain não chegou a publicar a resenha. Ambos estão entre os textos mais importantes de Twain sobre a guerra. O post script refere-se ao testemunho de dois soldados perante o Senado a respeito do uso generalizado de uma forma de tortura designada como “cura pela água” e outras atrocidades cometidas nas Filipinas pelos soldados americanos. As acusações feitas por esses soldados, evidentemente, não podiam ser sumariamente descartadas como “propaganda antiimperialista” ou consideradas mentirosas pura e simplesmente. Assim sendo, o governo sentiu-se pressionado a responder. Pouco tempo depois, no dia 15 de abril, a imprensa noticiou que o presidente Roosevelt havia ordenado uma investigação das afirmações feitas pe-

los dois soldados e da ordem dada pelo general Jacob Smith, mencionada neste ensaio, de “matar e queimar” e de “transformar Samar num imenso deserto”.

Twain responde na qualidade de “porta-voz dos traidores”, novamente utilizando o recurso da ironia como forma de construção de um contradiscurso paródico, que esvazia os argumentos daquele ao qual se reporta.

I

22 de fevereiro. Hoje é o dia do grande Aniversário; e foi tão extensamente observado nesta terra que diferenças longitudinais de tempo pregaram uma peça curiosa em algumas das notícias dos testemunhos de respeito ao nome sublime que a data nos traz à memória; pois, embora todos fossem comemorados mais ou menos à mesma hora, para nós vários aconteceram ontem, e muitos outros amanhã.

Houve uma referência nos jornais ao general Funston.

Washington, assim como o general Funston, não foi feito num dia. Foi necessário longo tempo para acumular materiais. Em cada caso, a base ou esqueleto moral do homem foi uma disposição inata; uma coisa tão permanente quanto uma rocha, que entre berço e túmulo nunca sofre mudança real ou genuína. Em cada caso, o cerne moral (ou seja, o *caráter*) foi construído e modelado em torno do esqueleto por treinamento, associação e circunstâncias. Quando o esqueleto é defeituoso, não há força nem influência na terra que consiga moldar uma forma permanentemente elegante sobre ele. Treinamento, associação e circunstâncias podem contê-lo, sustentá-lo, apertá-lo numa elegância artificial que permanece até o fim, enganando não somente o espectador, mas o próprio homem. Mas ali só existe artificialidade, e se a qualquer tempo as amarras e tipóias são removidas aquela forma volta a cair na sua natural deselegância.

Washington não criou o esqueleto básico (temperamento) que havia nele; nasceu com Ele, e o mérito da perfeição do esqueleto não

pertenceu ao homem. Foi Ele, apenas Ele, que levou o homem a procurar e preferir associações que Lhe satisfaziam o espírito; e a se abrir para influências que Lhe davam prazer e satisfação; e a repelir ou manter-se indiferente a influências que não se ajustavam ao Seu gosto. Minuto a minuto, dia a dia, ano a ano, Ele filtrava as pequenas influências, atraindo e retendo, tal como um magneto de mercúrio, todas as partículas de ouro em pó que surgiam; e repelindo com desprezo automático todas as partículas de sujeira; e, com a mesma indiferença automática, fazendo com que as associações vis passassem despercebidas. Tinha uma afinidade natural com todas as boas e raras influências, e a elas oferecia um abrigo seguro; tinha uma aversão natural a todas as influências más e vulgares e as repelia. Escolhia as melhores associações para Seu pupilo; escolhia por ele suas influências; escolhia em Seu nome os ideais; e, com todos esses materiais pacientemente reunidos, Ele o construiu e moldou o caráter de ouro.

E nós damos o crédito *ao homem!*

Damos a Deus todo o crédito e louvor por ser onisciente e todopoderoso, mas isso é outra história. Nenhuma contribuição externa nem comissão de nascimento conferiu a Ele essas características; Ele as fez *sozinho*. Mas o caráter de Washington nasceu com ele, ele não o criou; Ele foi o arquiteto do caráter dele; e seu caráter foi o arquiteto de suas conquistas. Se o meu caráter tivesse sido dado a ele, o mapa da história teria sido outro. É um privilégio observar o esplendor do Sol, a beleza do arco-íris e o caráter de Washington, mas não se pode louvá-los por estas qualidades, pois não criaram a fonte de onde surgiram estas qualidades: os fogos do Sol, a luz que bate nas gotas de chuva, o caráter sadio, impoluto e bom do Pai deste país.

Então, qual o valor de se ter um Washington, já que não podemos atribuir a ele o *mérito pessoal* pelo que foi e fez? É claro que existe um valor; um valor tão grande que desafia estimativa. Influências externas aceitáveis foram os materiais com que o temperamento natural de Washington construiu seu caráter e o preparou para suas conquistas. Suponhamos que eles não tivessem existido. Suponhamos que ele tivesse nascido e sido criado numa caverna de piratas; haveria carên-

cia de materiais aceitáveis, e não se teria construído o caráter de Washington.

Felizmente para nós, para todo o mundo e para as eras e os povos futuros, ele nasceu onde se encontravam as influências e associações mais aceitáveis à sua disposição; onde se construiu para ele o melhor e o mais digno caráter possível, e onde o acidente de circunstâncias favoráveis se apresentou para lhe fornecer um campo notável de exercício e exibição de suas capacidades dominantes.

Então, o grande valor de Washington está no que realizou? Não, isso representa um valor menor. Seu grande valor, seu vasto valor, seu valor imensurável para nós, e para o mundo e as eras e os povos futuros, está na permanente e altaneira conspiciência de sua *influência*.

Somos *construídos*, tijolo por tijolo, de *influências*, pacientemente construídas em torno da estrutura de nossas disposições inatas. Este é o único processo de construção; não existe outro. Todo homem, mulher ou criança é uma influência; uma influência diária e horária que nunca deixa de operar, e nunca deixa de afetar, para o bem ou para o mal, o caráter de pessoas sujeitas a ela; algumas contribuem com pó de ouro, outras com a simples poeira sem valor, mas nos dois casos contribuindo na construção, sem um descanso. O sapateiro ajuda a construir a sua dúzia de associados; o batedor de carteira ajuda a construir os seus 40 comparsas; o pároco da aldeia ajuda a formar 500 associados; a fama e o renome do assaltante de bancos ajudam a construir as centenas de associados e mais 3 mil pessoas que ele nunca viu; os bons serviços do filantropo e as doações do bom milionário ajudam a levar boas obras e generosas quantias em dinheiro até 100 mil pessoas que nunca o viram nem hão de o ver; e para a construção do caráter de cada pessoa tocada os que a tocam oferecem um tijolo. Os anúncios mentirosos nos jornais acrescentam todo dia um pouco de vileza a 1 milhão de caracteres em formação; os anúncios éticos nos jornais acrescentam uma melhoria diária a outro milhão de caracteres em formação. O sucateiro que se enriqueceu rapidamente e o assaltante de sistemas ferroviários baixam o padrão moral de toda uma nação por três gerações. Um Washington, erguido sobre o monte mais

alto do mundo, eternamente visível, eternamente vestido de luz, exemplo e conselho sereno, inspirador, é uma influência que eleva o nível do caráter de todo homem ou povo receptivo, estrangeiro ou nacional; e os termos de sua obra graciosa não se medem pela passagem rápida das gerações, mas pela marcha lenta dos séculos.

Washington foi mais e maior que o pai de uma nação, ele foi o Pai de seu Patriotismo – patriotismo maior e mais grandioso; e tão poderosa foi a influência que deixou, que aquele patriotismo dourado não se manchou nem se empanou depois de cem anos, menos um; e nosso povo se tornou tão fundamentalmente justo pela graça de ensinamento tão nobre e longo, que hoje ele se volta para o lar, abandona os patriotismos nascidos ou criados no estrangeiro para retomar o que Washington legou aos seus pais, que é americano e somente americano, que já dura 99 anos e vai durar mais 1 milhão. No peito dos americanos cresce cada vez mais a dúvida: a dúvida de que agimos certo nas Filipinas; à dúvida se seguirá a certeza. A nação há de falar; sua vontade é lei; não existe outro soberano neste solo; e nesse dia vamos corrigir a injustiça que fizemos. Vamos soltar das mãos obsequiosas as longas saias dos ladrões de terra coroados da Europa e voltar a ser o que sempre fomos, uma potência mundial de verdade, e a maior delas pelo direito das únicas mãos limpas da cristandade, as únicas mãos inocentes da pilhagem sórdida das liberdades roubadas de povos indefesos, mãos novamente limpas no patriotismo de Washington, mais uma vez em condições de tocar a roupa do Espectro e ficar em sua presença sem manifestar vergonha. Foi a influência de Washington que criou Lincoln e todos os verdadeiros patriotas que a República conheceu; foi a influência que criou os soldados que salvaram a União; e é essa influência que há de nos salvar sempre e nos trazer de volta ao aprisco quando nos perdermos.

E, assim, o que deveríamos fazer quando um Washington nos é oferecido, ou um Lincoln, ou um Grant? Sabendo, como sabemos, que uma influência *conspícua* para o bem vale mais que 1 bilhão de influências obscuras, deveríamos sem dúvida valorizar altamente a lógica associada a ela e construir com ela a chama sagrada das vestais e

mantê-la brilhando de todas as formas ao nosso alcance – no berçário, na escola, no púlpito, no jornal, até no Congresso, se isso for possível.

Foi necessária a disposição inata para construir um Washington; para desenvolvê-lo e completá-lo foram necessárias influências e circunstâncias e um extenso campo. O mesmo vale para Funston.

II

“A guerra acabou” – fim de 1900. Um mês depois o refúgio na montanha do chefe filipino, derrotado, caçado, impotente, mas ainda esperançoso chefe filipino, foi encontrado. Seu exército fora destruído, sua república extinta, seus melhores estadistas deportados, todos os seus generais enterrados ou feitos prisioneiros. A lembrança de seu belo sonho havia passado a uma vida histórica para ser a inspiração de patriotas menos desafortunados em outros séculos; o sonho estava morto, impossível ressuscitá-lo, mas ele ainda não acreditava.

Deu-se então a sua captura. Um autor cheio de admiração⁴ vai nos contar como tudo se passou. Pode-se confiar no seu relato, pois foi resumido da confissão feita pelo próprio general Funston à época. Os itálicos são meus.

Somente em fevereiro de 1901 foi descoberto o seu esconderijo. A descoberta tomou a forma de uma carta enviada por Aguinaldo a seu primo, Baldormero Aguinaldo, pedindo-lhe para enviar 400 soldados armados, e que o portador os guiaria. A ordem estava cifrada, mas entre outras coisas capturadas em diversas ocasiões encontrou-se uma cópia do código dos rebeldes. O portador dos rebeldes foi convencido do erro em que vivia (embora a história não revele quais exatamente foram os métodos usados), e se ofereceu para mostrar o caminho até o esconderijo de Aguinaldo. Era uma oportunidade que sugeria uma aventura maior que tudo o que já foi publicado como ficção barata. Era o tipo de aventura ousada que atraía o romântico general Funston. Não era nor-

4. WILDMAN, Edwin . *Aguinaldo*. Boston, Lothrop Publishing Co. (Mark Twain)

mal um general-brigadeiro deixar o posto de comando e agir como batedor, mas foi impossível resistir ao general Funston. Ele elaborou um plano e solicitou permissão ao general MacArthur. Nada se poderia recusar ao valente aventureiro, ao herói do Rio Grande; e assim Funston pôs mãos à obra e imitou a letra de Lacuna, o oficial dos rebeldes que era mencionado na carta de Aguinaldo. Pouco tempo antes da captura do correio tagalog, várias cartas de Lacuna, bem como o código de Aguinaldo, haviam sido encontradas. Depois de tentar várias vezes imitar a assinatura de Lacuna, Funston escreveu duas cartas nos dias 24 e 28 de fevereiro, comunicando o recebimento da carta de Aguinaldo e informando-o de que ele (Lacuna) estava lhe enviando alguns dos melhores soldados sob seu comando. Para ser acrescentada a esta bela falsificação, o general Funston ditou uma carta, que foi escrita por um ex-rebelde ligado ao seu comando, informando a Aguinaldo que a força enviada havia surpreendido e capturado um destacamento de soldados americanos, tomando cinco prisioneiros que, por sua importância, estavam sendo levados até ele. Era um subterfúgio para explicar a presença de cinco americanos: o general Funston, o capitão Hazzard, o capitão Newton, o tenente Hazzard e o ordenança do general, tenente Kitchell, que deveriam acompanhar a expedição.

Setenta e oito macabebes, inimigos hereditários dos tagalogs, foram escolhidos por Funston para formar o corpo do comando. Esses nativos corajosos e resistentes entraram entusiasmados no plano. Três tagalogs e um espanhol também foram convidados. Os macabebes receberam uniformes rebeldes capturados em batalha e os americanos fardas de soldado. Receberam ração para três dias e todos receberam fuzis. O “Vicksburg” foi escolhido para levar os ousados impostores até um ponto da costa oriental perto de Palanan, onde Aguinaldo estava escondido. Ao chegar perto de Casignan, não muito longe da capital dos rebeldes escondidos, o grupo desceu à terra. Três macabebes que falavam fluentemente o tagalog foram enviados à cidade para informar os nativos de que estavam trazendo reforços e cinco importantes prisioneiros para Aguinaldo, e pedir às autoridades locais ajuda e guias. O presidente dos rebeldes concordou imediatamente e o pequeno grupo, depois de des-

cansar e mostrar os prisioneiros, tomaram a trilha de 90 milhas até Palanan, um refúgio na montanha perto da costa da província de Isabella. Por declives pedregosos e mata fechada, atravessando rios sem pontes e subindo gargantas estreitas, os aventureiros de pés feridos e corpos torturados avançaram até que se acabasse a comida e eles ficassem *fracos demais para dar um passo*, apesar de estarem apenas a 12 quilômetros do ponto de encontro com Aguinaldo.

Enviaram um mensageiro para informar Aguinaldo da posição em que estavam e para *implorar comida*. O chefe rebelde respondeu imediatamente, enviando arroz e uma carta para o oficial em comando, instruindo-o a tratar bem os prisioneiros americanos, mas deixá-los fora da cidade. Que melhor condição o artificioso Funston poderia ter ditado? No dia 23 de março o grupo chegou a Palanan. Aguinaldo enviou 11 homens para receber os prisioneiros americanos, mas Funston e seus companheiros conseguiram evitá-los e se espalharam pela floresta até que eles passassem para encontrar os americanos que os rebeldes acreditavam ter sido deixados para trás.

Funston imediatamente reuniu seu comando e ordenou aos bravos que marchassem até a cidade e se apresentassem a Aguinaldo. No quartel-general rebelde eles foram recebidos pelos guardas pessoais de Aguinaldo, completamente fardados com uniforme azul e chapéu branco, reunidos em formação. O porta-voz enganou Aguinaldo tão completamente que ele de nada suspeitou. Enquanto isso, os macabebes assumiram posições fortes em torno da cidade, comandados pelo espanhol, até estarem todos prontos. Então ele gritou: “Macabebes, chegou a sua vez!”, e eles esvaziaram os fuzis contra a guarda pessoal de Aguinaldo.

Os americanos se juntaram à luta e dois membros do quartel-general de Aguinaldo foram feridos, mas conseguiram fugir; o tesoureiro do governo revolucionário foi preso. O resto dos oficiais filipinos fugiu. Aguinaldo aceitou a captura com resignação, mas com muito medo da vingança dos macabebes. Mas o general Funston garantiu sua segurança pessoal e ele se tranqüilizou e discutiu calmamente a situação. Estava muito abatido pela captura, e afirmou que *por nenhum outro meio* teria sido possível prendê-lo vivo – uma declaração que aumentou o

valor do feito de Funston, pois o caso de Aguinaldo era difícil e desesperado, exigia métodos extraordinários.

Alguns dos costumes de guerra são desagradáveis para o civil, mas séculos de treinamento fizeram com que fossem considerados justificáveis e aceitos sem hesitação, mesmo quando nos provocam um calafrio inesperado. Todos os detalhes do plano de Funston – todos menos um – já foram empregados na guerra no passado e são perdoados pela história. Os costumes da guerra permitem, no interesse da empresa, como a que estamos considerando, a um general-brigadeiro (se for do tipo que faz tal escolha) convencer ou subornar um correio a trair seu dever; remover os sinais de sua honrosa posição e se disfarçar; mentir, trair, falsificar; associar-se a pessoas preparadas por treinamento e instinto para o trabalho a ser feito; aceitar as boas-vindas e assassinar seus anfitriões cujas mãos ainda estavam quentes do caloroso aperto de mão.

Pelas regras da guerra, todas essas coisas são inocentes, nenhuma delas é causa de culpa, todas são justificáveis; nenhuma delas é nova, todas já foram usadas antes, ainda que não por um general-brigadeiro. Mas há um detalhe novo, absolutamente novo. Nunca havia sido usado antes, em nenhuma época da história do mundo, em nenhum país, por nenhum povo, selvagem ou civilizado. Foi o que Aguinaldo quis dizer quando disse que não teria sido capturado vivo “*por nenhum outro meio*”. Quando um homem está tão exausto pela fome a ponto de ser incapaz “de dar mais um passo”, ele tem o direito de suplicar ao inimigo para que lhe salve a vida que se esvai, mas se comer uma migalha daquela comida, que é sagrada pelo preceito de todas as eras e nações, *ele perde o direito de erguer a mão contra aquele inimigo naquele momento*.

Coube a um general-brigadeiro dos voluntários do Exército americano lançar a vergonha sobre um costume respeitado até mesmo pelos corruptos frades espanhóis. *E por isso nós o promovemos*.

Nosso presidente estendia confiante a mão para seu assassino quando este homem atirou. O mundo atônito ponderou sobre aquele fato,

discutiu-o, envergonhou-se dele, disse que ele maculava e envergonhava a nossa raça. Ainda assim, por pior que fosse, ele não havia, quase morto de fome, implorado alimento ao presidente para recuperar as forças que o abandonavam e ter condição de executar sua tarefa traiçoeira; ele não agiu contra a vida de um benfeitor que havia acabado de salvar a sua.

14 de abril. Estive ausente por várias semanas, nas Índias Ocidentais. Retomo agora esta defesa.

Parece-me que a avaliação do general Funston a respeito dessa captura exige um reparo. Parece-me que em seus discursos de final de banquete ele exhibe os heroísmos – digo isto com deferência e o submeto a correção – com generosidade quase excessiva. Ele é um homem de coragem; esse crédito lhe dão seus mais cordiais inimigos. Por causa dele, é uma pena que um pouco desta qualidade esteve em falta no episódio em consideração; que ele a teria para dar, ninguém duvida. Mas ele próprio demonstrou que só correu um perigo: a fome. Ele e seu grupo estavam bem disfarçados em fardas desonradas, americanas e rebeldes; eram muito superiores em número à guarda de Aguinaldo⁵; pela falsificação e pela mentira, ele havia afastado todas as suspeitas; sua chegada era esperada, o caminho preparado; a interrupção de sua passagem por algum obstáculo inamistoso era muito improvável; seu grupo estava bem armado; sua presa iria recebê-los com sorrisos de boas-vindas, as mãos hospitaleiras estendidas para um aperto amigo – nada mais seria necessário, bastava atirar naqueles homens. E foi isso o que fizeram. Agradeceu-se a hospitalidade recebida à moda mais recente da civilização moderna, e isso seria admirado por muitos.

O porta-voz enganou Aguinaldo tão completamente que ele de nada suspeitou. Enquanto isso, os macabebes assumiram posições estratégicas em torno da cidade, comandados pelo espanhol, até estarem todos prontos. Então ele gritou: “Macabebes, chegou a sua vez!” e eles esva-

5. Oitenta e nove a 48 (*Funston's Lotos Club Confession*). (Mark Twain)

ziaram os fuzis contra a guarda pessoal de Aguinaldo. *Do livro de Wildman, citado atrás.*

A completa surpresa, a completa ausência de suspeita que havia sido assegurada pelas falsificações e mentiras fica mais clara na descrição bem-humorada do episódio feita pelo próprio Funston em um de seus joviais discursos; o discurso do qual, ele acreditava, o presidente teria dito que gostaria de vê-lo publicado, mas isso não passou de um sonho. Sonho de um repórter, diz o general:

Os macabebes atiraram naqueles homens e dois caíram mortos; os outros recuaram atirando, e eu poderia dizer que recuaram com tanta algazarra e entusiasmo que abandonaram 18 fuzis e mil balas.

Sigismondo entrou correndo na casa, puxou o revólver e ordenou aos oficiais rebeldes que se rendessem. Todos ergueram as mãos, com exceção de Villia, o chefe do estado-maior de Aguinaldo; ele tinha uma dessas novas Mauser e tentou usá-la. Mas, antes que ele conseguisse sacar a Mauser, recebeu dois tiros; Sigismondo é um bom atirador.

Alambra foi ferido no rosto. Saltou pela janela; a casa, por falar nisso, ficava junto ao rio. Ele saltou pela janela e caiu no rio, mais de sete metros abaixo do barranco. Conseguiu fugir, nadou até a outra margem e fugiu, mas se entregou cinco meses depois.

Villia, ferido no ombro, também saltou pela janela para o rio, mas os macabebes o viram e o seguiram pela margem, entraram no rio e o pescaram, e depois o trouxeram a socos e pontapés, perguntando se ele estava gostando. (Risos)

Apesar de ser verdade que os valentes soldados nessa ocasião não estivessem em perigo, houve um momento em que eles estiveram realmente em perigo; perigo de uma morte tão terrível que a execução sumária a bala, ou pelo machado, ou pela espada, pela força, por afogamento ou pelo fogo, teria sido uma bênção comparada a ela; morte tão terrível que tem o lugar indiscutível de suprema das agonias humanas: a morte pela fome. Desta, Aguinaldo os salvou.

Sendo estes os fatos, chegamos agora à pergunta: a culpa é de Funston? Acho que não. E por isso me parece que há muito exagero nessa questão. Ele não fez o próprio temperamento: nasceu com ele. Foi Ele quem ditou seus ideais, não foi ele quem os escolheu. Ele escolheu para ele o tipo de sociedade de que gostava, o tipo de amigos que preferia e os impôs a ele, rejeitando todos os outros; ele não foi capaz de evitar; Ele admirava tudo o que Washington não admirava, e recebeu hospitaleiramente tudo o que Washington teria expulsado – foi Ele, somente Ele, o culpado de tudo, não Funston; o Ele de Funston apreciava naturalmente a escória moral, assim como o de Washington preferia o ouro moral, mas o culpado é apenas Ele, e não Funston. O sentido moral d’Ele, se é que Ele o tinha, era daltônico, mas isso não era culpa de Funston, ele não é responsável pelos resultados; Ele tinha uma predileção natural pelo comportamento condenável, mas seria extremamente injusto culpar Funston pela conseqüência da enfermidade d’Ele; assim como seria claramente injusto culpá-lo pelo fato de a consciência lhe ter fugido pelos poros quando era pequeno, o que ele não conseguia evitar, e que ele, de qualquer forma, não conseguiria suportar; Ele foi capaz de dizer ao inimigo, “Tenha piedade de mim, estou morrendo de fome; estou fraco demais para dar um passo, dê-me comida; sou seu amigo, sou um patriota igual a você, um filipino como você; tenha dó, dê-me comida, salve-me, ninguém mais pode me ajudar!”, e depois Ele foi capaz de recuperar, restaurar as forças de sua marionete com o alimento, para depois matar quem o havia salvo ainda com a mão estendida em sinal de boas-vindas, como a mão do presidente. Ainda assim, se houve culpa, traição, vileza, elas não são responsabilidade de Funston, mas d’Ele; Ele tem o dom do humor e quase mata de rir os comensais de um banquete ao relatar um incidente engraçado; que merece ser relido e relido vezes sem conta:

Os macabebes atiraram naqueles homens e dois caíram mortos; os outros recuaram atirando, e eu poderia dizer que recuaram com tanta algazarra e entusiasmo que abandonaram 18 fuzis e mil balas.

Sigismondo entrou correndo na casa, puxou o revólver e ordenou aos oficiais rebeldes que se rendessem. Todos ergueram as mãos, com exceção de Villia, o chefe do estado-maior de Aguinaldo; ele tinha uma dessas novas Mauser e tentou usá-la. Mas, antes que ele conseguisse sacar a Mauser, recebeu dois tiros; Sigismondo é um bom atirador.

Alambra foi ferido no rosto. Saltou pela janela; a casa, por falar nisso, ficava junto ao rio. Ele saltou pela janela e caiu no rio, mais de sete metros abaixo do barranco. Conseguiu fugir, nadou até a outra margem e fugiu, mas se entregou cinco meses depois.

Villia, ferido no ombro, também saltou pela janela para o rio, mas os macabeus o viram e o seguiram pela margem, entraram no rio e o pescaram, e depois o trouxeram a socos e pontapés, perguntando se ele estava gostando. (Risos)

(Era um homem ferido.) Mas quem falava era Ele, não Funston. Com alegria jovial Ele vê afundar na morte as criaturas simples que ouviram Seu pedido mortiço de comida, e sem remorso vê o olhar de censura nos olhos que se apagam, mas é preciso que nos lembremos de que tudo isso se deve somente a Ele, e não a Funston; por procuração, na pessoa de Seu servo nato, Ele realiza Sua estranha obra, pratica todas as ingratidões e traições, enquanto usa a farda de soldado americano e marcha sob a autoridade da bandeira americana. E é Ele, não Funston, quem volta para casa para nos ensinar, a nós meninos, o que é o patriotismo! E é claro que Ele sabe.

Para mim é claro, e acho que deveria estar claro para todos, que Funston não é culpado de nenhuma das coisas que fez, faz, pensa ou diz.

Ora, temos Funston; o problema já aconteceu, e está nas nossas mãos. A questão é: o que devemos fazer, como vamos resolver esta emergência? Já vimos o que aconteceu no caso de Washington: ele se tornou um exemplo colossal, um exemplo para todo o mundo e para todo o tempo porque seu nome e seus feitos chegaram a todos os lugares e inspiraram, como ainda hoje inspiram e hão sempre de inspirar, admiração e incentivaram emulação. Portanto, o que o mundo deve

fazer neste caso é virar o rosto dourado da maldade notória de Funston para trás e expor o aspecto de seu reverso, seu aspecto correto e negro, para a juventude da terra; caso contrário *ele* vai se transformar num exemplo e ídolo dos jovens, e lamentavelmente trazer a sua espécie de patriotismo para competir com o de Washington. A competição já começou. Alguns talvez não creiam, mas é verdade que hoje existem professores e superintendentes que apresentam Funston como o modelo de herói e de patriota nas escolas.

A continuar essa explosão fustoniana, o fustonianismo vai afetar o exército. Na verdade isso já está ocorrendo. Sempre haverá, em todos os exércitos, oficiais de pouca inteligência e poucos princípios, que estão sempre prontos a imitar métodos que dão notoriedade, sejam eles bons ou maus. O fato de ter Funston conseguido notoriedade ao paralisar o universo com uma idéia nova e medonha é suficiente para essa gente – capaz de tentar essa cartada, se puderem, com melhoramentos se for possível. O exemplo de Funston gerou muitos imitadores, e muitas adições pavorosas à nossa história: a tortura dos filipinos pela terrível cura pela água para fazê-los confessar – o quê? A verdade? Ou mentiras? Como alguém vai saber o que eles estão dizendo? Pois sob dor insuportável um homem confessa o que lhe for pedido, seja verdade ou mentira, e a prova que oferece não tem valor. Ainda assim, com base em evidências semelhantes, oficiais americanos já... – mas todos sabem dessas atrocidades que o Departamento de Guerra vem tentando esconder há um ou dois anos; e da hoje mundialmente famosa ordem de *massacre* do general Smith – resumida pela imprensa do testemunho do major Waller:

Matar e queimar – não é hora de fazer prisioneiros – quanto mais mortes e incêndios, melhor – Matar todas as pessoas acima dos dez anos – transformar Samar num imenso deserto!

Vejam o que o exemplo de Funston produziu neste curto espaço de tempo – antes mesmo de ele ter produzido o próprio exemplo. Ele fez avançar a nossa civilização tanto quanto a européia avançou na

China. E é claro que foi o exemplo de Funston que nos fez (e à Inglaterra) copiar o horror que foram os *reconcentrados* do general Weyler, depois de termos os dois, a caminho da escola paroquial, os narizes virados para o céu, manifestado o nosso desprezo por aquele “bandido”. E aquele horrível terremoto de Krakatoa, que destruiu uma ilha e matou 2 milhões de pessoas... Não, aquele não foi um exemplo de Funston; eu me lembro, ele ainda não havia nascido.

Entretanto, apesar de tudo isso, eu ainda culpo apenas o seu Ele, não ele. Para concluir, eu o defendi com o melhor da minha capacidade, e nem me pareceu difícil, e acredito que consegui afastar dele o preconceito e reabilitá-lo na admiração do público. Nada pude fazer por seu Ele, por estar Ele fora de minha jurisdição, assim como fora da de Funston e da de qualquer um. Como demonstrei, Funston não tem culpa por seu feito assustador; e se tentasse eu talvez conseguisse demonstrar que ele não tem culpa de ainda mantermos prisioneiro o homem que ele capturou por meios ilegais, e que não é legalmente nosso prisioneiro, nem espólio, como não o seria se fosse dinheiro roubado. Ele tem direito à liberdade. Se fosse rei de uma grande potência, ou ex-presidente de nossa república, em vez de ex-presidente de uma pequena república destruída e abolida, a Civilização (com C maiúsculo) iria criticar e lamentar até que ele fosse libertado.

Mark Twain

P.S. 16 de abril. O presidente está discursando hoje de manhã, exatamente no momento em que este texto segue para ser impresso, e não há incerteza quanto à nota. É o discurso e o espírito de um presidente de um povo, não de um partido, e todos nós, inclusive os Traidores, gostamos muito. Acredito poder falar pelos outros traidores, pois tenho certeza de que sentem o mesmo que eu. Quero esclarecer que ganhamos este título dos patriotas fustonianos gratuitamente. Sempre merecemos deles esses pequenos agradecimentos; são lisonjeadores natos, esses moços.

M. T.

ORAÇÃO DA GUERRA

(1923)

Escrita para publicação durante a Guerra Filipino-Americana, a “Oração da guerra” foi recusada pela revista feminina Harper’s Bazaar em 22 de março de 1905 por ter sido considerada imprópria para seu público. Uma semana depois, Twain escreveu a seu amigo Dan Beard, para quem havia anteriormente lido o texto, dizendo que não acreditava que ele viesse a ser publicado antes de sua própria morte, e que nos Estados Unidos “nem os mortos têm o direito de dizer a verdade”. Referindo-se ao caráter comercial da publicação, Twain acrescentou que o editor responsável pela companhia “não podia permitir que risos prejudicassem o negócio”.

Twain manteve sempre, ao longo de sua produção, o hábito de anotar e expandir suas idéias em cadernos, nos quais as anotava em bruto, muitas vezes sob a forma de máximas⁶. É esse o ponto de partida deste texto.

Ninguém, fora os mortos, tem liberdade de expressão.

Ninguém, que não os mortos, pode falar a verdade.

Na América – como em qualquer lugar – a liberdade de expressão é restrita aos mortos.

A minoria tem sempre razão.

Quando o país tende ao assalto às Filipinas, a roubar suas galinhas, não fuja do dever, não recuse lealdade, pois você pode vencer e merecer a vergonha de ser um “patriota”.

6. Esta série de máximas foi publicada pela primeira vez em *Mark Twain’s Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War*. Syracuse, Syracuse University Press, 1992, p. 162.

A maioria nunca tem razão.

Estar com a maioria, eis o sinal de que chegou a hora de reformar.

*Como tinha um contrato de exclusividade com Harper & Brothers, Twain não conseguiu publicar a “Oração da guerra”, que ficou inédita até 1923, quando seu executor literário a incluiu em Europe and Elsewhere. Uma década antes, Paine publicou longos trechos da história em Mark Twain: A Biography, e eles estão incluídos aqui*⁷.

É a história do culto patriótico de despedida dos jovens de uma cidade que partem para a guerra. O ministro começa com uma invocação:

“Deus, Todo-Terror! Vós que ordenais o trovão, Vosso clarim, e o raio, Vossa espada!”

O culto continua com uma “longa oração” pela vitória dos militares do país. Quando termina a oração, um “estrangeiro idoso” entra na igreja e caminha entre as filas de bancos até parar diante do ministro, na frente da igreja. Afastando o ministro, ele começa a relatar os “resultados não mencionados” que “se seguem à vitória, não há meios de evitar que se sigam”.

“Venho do Trono e trago uma mensagem de Deus Todo-Poderoso!... Ele ouviu a prece de Seu servo, pastor dos senhores, e promete realizá-la, se for este o desejo dos senhores, depois que eu, Seu mensageiro, tiver explicado a Ele o que ela significa – ou melhor, o significado completo. Pois ela, igual a tantas outras preces de homens, pede mais do que imagina quem a faz; é preciso parar e pensar.

“O servo de Deus e dos senhores fez a oração. Mas ele parou para pensar? Trata-se mesmo de uma oração? Não, são duas, uma expressa

7. Como só foi publicada em 1923, o restante da “Oração da guerra” ainda é protegido por direito autoral e não pode ser publicado sem autorização do editor original.

Esta nota e o comentário a que se refere foram extraídos de: TWAIN, Mark. “The War Prayer”. Excertos de Albert Bigelow Paine, *Mark Twain: A Biography* (Nova York, Harper and Brothers, 1912). http://www.boondocksnet.com/ai/twain/war_prayer.html In: Jim Zwick, ed., *Anti-Imperialism in the United States, 1898-1935*. <http://www.boondocksnet.com/ai/> (23 de outubro de 2002).

e a outra não. As duas chegaram aos ouvidos d'Aquele que ouve todas as súplicas, as ditas e as não ditas...

“Os senhores ouviram todos a prece do Seu servo – a parte dela que foi pronunciada. Recebi instruções de Deus para pôr em palavras a outra parte, a parte que o pastor e os senhores, do fundo do coração, pediram fervorosa e silenciosamente. E, quem sabe, também ignorante e impensadamente? Deus entende que foi isso o que se passou! Os senhores ouviram estas palavras: ‘Dai-nos a vitória, Oh, Senhor, nosso Deus!’. Isto foi tudo. *Toda* a oração pronunciada está resumida nessas palavras tão sugestivas.

“Ao espírito atento de Deus Pai chegou também a parte não pronunciada da oração. Ele ordenou que eu a expressasse em palavras. Ouçam!

“Oh, Senhor, nosso Pai, nossos jovens patriotas, a luz de nosso coração, vão para a batalha. Acompanhai-os! Com eles, em espírito, deixaremos a doce paz da nossa lareira para atacar o inimigo.

“Oh, Senhor, nosso Deus, ajudai-nos a rasgar a carne dos soldados do inimigo em postas sangrentas com nossas bombas; ajudai-nos a cobrir seus campos alegres com as formas pálidas de seus patriotas mortos; permiti-nos abafar o trovão dos canhões com os feridos retorcendo-se de dor; ajudai-nos a destruir seus lares humildes com um furacão de fogo; ajudai-nos a arrancar com dor inútil o coração de viúvas inocentes; ajudai-nos a deixá-las sem lar a vagar, com trapos, fome e sede, na companhia dos filhos pequenos, abandonadas pelas ruínas de sua terra desolada, enfrentando o calor do sol de verão e os ventos gelados do inverno, o espírito abatido, exaustas de aflição, implorando a Vós o refúgio da tumba e vê-lo negado... por nós que Vos adoramos, Senhor, matai suas esperanças, estiolai suas vidas, prolongai sua amarga peregrinação, tornai pesados os seus passos, molhai com suas lágrimas o seu caminho, manchai a branca neve com o sangue de seus pés feridos! Imploramos a quem é o Espírito do amor, refúgio e amigo fiel de todos os que sofrem e buscam Sua ajuda com humildade e contrição. Atendei à nossa prece, oh, Senhor, e Vossas serão a gratidão, a honra e a glória por todos os séculos dos séculos, Amém.

(Faz uma pausa) “Foi por tudo isso que os senhores oraram; Se ainda o desejam, digam! O mensageiro do Mais Alto espera.”

• • •

Surgiu então a crença de que o homem era um lunático, porque no que ele dizia não havia sentido.

CHINA

VERGONHOSA PERSEGUIÇÃO DE UM GAROTO

(maio de 1870)

A simpatia de Mark Twain pelos chineses na América data de um período bem anterior ao da Revolução dos Boxers, o grande conflito de proporções internacionais que envolveu a presença estrangeira em território chinês. Em meados de 1860 Twain havia tentado publicar uma notícia sobre a perseguição de chineses em São Francisco, sem obter, porém, a permissão de seu editor. “Vergonhosa perseguição de um garoto” foi publicado alguns anos depois, em 1870, abordando o mesmo tema, dessa vez sob a forma de sátira paródica marcada por uma ironia aguda e contundente.

A crítica de Twain, desencadeada a partir da notícia do apedrejamento de um chinês por um garoto de São Francisco, desenvolve-se de modo a expor inequivocamente os diferentes aspectos e implicações do episódio: a xenofobia arraigada na educação e na cultura dominantes nos Estados Unidos, o interesse sensacionalista da imprensa, a existência de taxações ilegítimas e extorsivas discriminando cidadãos chineses e a desigualdade de tratamento por parte das autoridades policiais.

Em 1882, pouco mais de uma década após o episódio, o governo instituiria o Ato de Exclusão de Chineses, vetando aos cidadãos chineses a entrada como imigrantes em todo o território norte-americano. O Ato só viria a ser repellido em 1942, quando a China se aliou aos Estados Unidos por ocasião da entrada deste país na Segunda Guerra Mundial.

Galaxy, maio de 1870.

Em São Francisco, há alguns dias, “um garoto bem vestido, a caminho da escola dominical, foi preso e atirado na cadeia por ter ape-

drejado um chinês”. Que comentário sobre a justiça humana! Que proeminência ele atribui à nossa disposição humana de tiranizar os fracos! São Francisco não tem direito a reivindicar o crédito pelo tratamento desse pobre rapaz. Como o rapaz foi educado? Como ele iria saber que é errado apedrejar um chinês? Antes de tomarmos posição contra ele, ao lado da ultrajada São Francisco, devemos dar-lhe uma oportunidade: vamos ouvir seu testemunho de defesa. Era um menino bem vestido e freqüentava a escola dominical, portanto é provável que tenha pais inteligentes, bem de vida, em cuja formação entra a vilania natural suficiente para justificar o enorme interesse no que dizem os jornais diários, bem como para satisfazer esse interesse; portanto, esse menino teve a oportunidade de saber como agir corretamente durante a semana, assim como no domingo. E foi assim que ele descobriu que a grande comunidade da Califórnia impõe ao John estrangeiro uma taxa ilegal de mineração, enquanto permite ao Patrick estrangeiro garimpar ouro sem nada pagar, provavelmente porque o degradado mongol não consome uísque, ao passo que o refinado celta não passa sem ele. Foi assim que ele descobriu que alguns coletores de impostos cobram duas vezes, e não uma, e que, como o fazem apenas para desencorajar a migração de chineses para as minas, se trata de uma atividade merecedora de aplauso, e que pode mesmo ser considerada divertida. Foi assim que ele descobriu que, quando um homem branco rouba ouro da caixa de cascalho de um garimpeiro (o termo branco indica espanhóis, portugueses, irlandeses, hondurenhos, peruanos, chilenos e outros), ele é expulso do garimpo, e que quando um chinês faz a mesma coisa é enforcado. E foi assim que ele descobriu que em muitos distritos da vasta costa do Pacífico o amor pela justiça é tão agreste e livre nos corações dos homens que sempre que algum crime misterioso é cometido eles dizem: “Que se faça a justiça, ainda que o céu caia sobre nossa cabeça”, e enforcam algum chinês. Foi assim que ele descobriu, pelo estudo diário da metade dos “assuntos locais”, que a polícia de São Francisco vivia adormecida ou morta, e que, pelo estudo diário da outra metade, os repórteres haviam enlouquecido de admiração pela energia, virtude, eficiência e

intrepidez da mesma polícia, fazendo inúmeras referências a como, “sempre atento, o guarda Fulano de Tal capturou um perigoso chinês no momento em que ele roubava galinhas e o trouxe gloriosamente para a cadeia da cidade”; e como o “bravo detetive Beltrano vigiou silenciosamente os movimentos de um filho de Confúcio de olhos amendoados” (esse repórter é muito bem-humorado), seguindo-o com aquele olhar distante e vazio que sempre foi característica marcante do policial de 40 dólares durante suas horas de vigília, e finalmente o capturou no ato de lançar mão sobre um punhado de alfinetes deixados em situação exposta pelo proprietário; como um guarda realizou tal feito importante, outro detetive aquele outro feito e um seguinte ainda outro – e todos esses acontecimentos tinham como elemento central um chinês culpado de um crime de centavos, um infeliz cuja infração deve ser ampliada em algo enorme para evitar que o público saiba quantos bandidos realmente importantes deixaram de ser presos e como esses policiais são superestimados. Foi assim que o garoto descobriu que a Assembléia Legislativa, apesar de saber que a Constituição transformou os Estados Unidos no asilo dos pobres e oprimidos de todas as nações e que, portanto, não se poderá cobrar dos pobres e oprimidos que fogem para o nosso abrigo nenhuma taxa de admissão, aprovou uma lei estabelecendo que todo chinês, ao pisar solo americano, deverá ser *vacinado* e pagar ao funcionário indicado pelo Estado uma taxa de 10 dólares pelo serviço, quando existem inúmeros médicos em São Francisco que o fariam por meros 50 centavos. Foi assim que ele descobriu que nenhum chinês tinha os direitos que todos devem respeitar; que o sofrimento do chinês não causa pena; que sua vida e sua liberdade não valeriam um centavo se algum homem branco precisasse de um bode expiatório; que ninguém ama um chinês, ninguém é seu amigo, ninguém lhe poupa sofrimento quando é conveniente infligir-lhe sofrimento; que todos, indivíduos, comunidades, e mesmo a majestade do Estado, se unem no ódio, no abuso e na perseguição desses estrangeiros humildes. Ou seja, o que poderia ser mais natural que esse garoto de coração puro a caminho da igreja dizer para si mesmo, depois de tomar ciência de

todos esses incentivos: “Olha ali um chinês! Deus não vai me amar se eu não lhe jogar uma pedra”.

E por isso ele foi preso e atirado na cadeia. Tudo conspirou para lhe ensinar que apedrejar um chinês era um ato sagrado, e mesmo assim ele é punido tão logo tenta cumprir seu dever; ele, pobre-coitado, que sempre soube que um dos principais divertimentos da polícia era observar e desfrutar tranqüilamente o espetáculo dos açougueiros da rua Brannan ataçando os cachorros contra um chinês pacífico, que tinha de correr para salvar a própria vida¹.

Tendo em mente o curso de humanidade oferecido por toda a “costa do Pacífico” aos seus jovens, há até uma certa sublimidade no grotesco da proclamação dos grandes da cidade (recentemente tornada pública) de que a polícia “tem ordens de prender todos os garotos de qualquer classe ou raça, e sempre que encontrados, que cometerem violência contra os chineses”.

Ainda assim, devemos nos alegrar por eles terem dado a ordem, apesar de sua inconsistência; e devemos ter a certeza de que a polícia também ficará feliz. Pois não há risco em prender garotos, desde que pequenos, e desde que os repórteres louvem esta ação com a mesma lealdade de sempre, ou a deixem sem menção. O novo formato dos “assuntos locais” em São Francisco será: “O sempre vigilante e atento guarda Fulano de Tal prendeu ontem o jovem Tommy Jones depois de renhida resistência” etc. etc., acompanhado da costumeira estatística e do elogio final com o sarcasmo inconsciente: “É bom que se diga também que esta foi a 47ª prisão deste bravo policial desde que esta ordem entrou em vigor. É extraordinária a atividade do nosso Departamento de Polícia. Jamais se viu algo semelhante”.

1. Eu próprio me lembro de muitas dessas ocasiões, mas estou agora me lembrando de uma em particular, quando os açougueiros da rua Brannan ataçaram os cachorros contra um chinês que passava tranqüilamente com uma cesta de roupa na cabeça, e enquanto os cachorros rasgavam a carne do chinês um dos açougueiros o fazia engolir os dentes com um tijolo. Este incidente talvez viva mais forte na minha memória pelo fato de à época eu estar a serviço de um jornal de São Francisco e não ter tido autorização para publicá-lo por ele poder ofender algum dos assinantes do jornal. MEMÓRIA DO EDITOR.

JOHN CHINAMAN EM NOVA YORK

(setembro de 1870)

Este texto apresenta uma breve mas significativa reflexão de Twain sobre uma cena de rua vislumbrada em Nova York: um imigrante chinês subempregado como chamariz de uma casa de chá motiva o riso e os comentários preconceituosos e desumanos dos passantes. A condição degradada do imigrante leva Twain a tecer comentários acerca do contraste entre aquilo de que costumam jactar-se os norte-americanos e o sentido implícito no ato de absoluto descompromisso com a dignidade humana ali demonstrado.

Datado de 1870, e portanto anterior ao início da militância antiimperialista de Twain, este texto evidencia o grau de idealização do escritor diante de uma América que enxerga como generosa e igualitária e que não se coaduna com a índole dos responsáveis pelo gesto deplorado. A forma quase ingênua e cívica com que Twain postula essa crença seria drasticamente testada e abalada nas décadas seguintes.

Galaxy, setembro de 1870.

Memorando

Um correspondente (cuja assinatura “Lang Bemis” é mais ou menos conhecida do público) envia a seguinte contribuição:

Ao passar à frente de uma daquelas monstruosas casas de chá de Nova York, vi um chinês sentado diante dela operando como placa. Todos que passavam o olhavam fixamente, a ponto de quase deslocar o pescoço, e um grande grupo de pessoas havia parado para observar atentamente.

Não é realmente uma vergonha que nós, que falamos com tanto orgulho de nossa civilização e de nossa humanidade, consideremos normal degradar um ser humano num trabalho como esse? Já não seria tempo de refletir, quando vemos este ser, nesta situação, como mero objeto de curiosidade, e não de tristeza e grave reflexão? Eis aqui uma pobre criatura, a quem a má fortuna exilou de sua terra natal além-mar, cujo sofrimento deveria comover os estranhos ociosos que se apertam em torno dele; deveria, mas aparentemente não comove. Homens que se consideram parte de uma raça superior, a raça da cultura e do sangue generoso, examinavam o estranho chapéu chinês, um cone alto com uma bola na ponta; e a longa trança dançando contra suas costas. A blusa curta de seda estampada, de botões e casas decorados (e, tal como o resto das roupas, puída, velha e desajeitada); a calça apertada de algodão azul amarrada nos tornozelos, e o sapato estranho, de sola grossa de cortiça; e depois de examiná-lo de cima a baixo e de inventar alguma piada sem graça sobre a roupa estranha ou o rosto melancólico, seguiam em frente. Do fundo do coração me veio uma pena do pobre mongol. Imaginei o que se passava por trás daquele rosto triste, que cena distante os olhos vazios sonhavam. Seus pensamentos estariam, junto com o coração, a 10 mil milhas de distância, além das ondas desertas do Pacífico? Entre os campos de arroz e as palmeiras plumosas da China? Sob a sombra de montanhas ocultas na memória, ou entre arbustos e florestas desconhecidas no nosso clima? E vez por outra, soando entre suas visões e seus sonhos, o riso conhecido e as vozes meio esquecidas, e a visão de relance de rostos amigos de tempos idos? Que destino cruel o deste andarilho bronzeado, destino realmente muito triste. Para que o grupo de ociosos se comovesse pelo menos com as palavras do pobre sujeito, já que o apelo do traje miserável e do exílio sem vida se perdeu neles, toquei-lhe o ombro e disse:

“Alegre-se, não se desespere. Não é a América que trata você dessa forma, é apenas um cidadão cuja humanidade desapareceu do coração, consumida pela ganância de lucro. A América oferece mais hospitalidade para o exilado e para o oprimido. A América e os americanos

estão sempre prontos a ajudar os infelizes. Você há de ter dinheiro, vai voltar à China e rever os velhos amigos. Quanto lhe pagam aqui?”

O exilado continua no seu posto. Para os comerciantes de chá de Nova York que precisam de um sinal pitoresco não haverá escassez de chineses.

AOS MEUS CRÍTICOS MISSIONÁRIOS

(12 de agosto de 1900)

Em 1899 um movimento revolucionário de camponeses na China insurge-se contra a dominação estrangeira, propugnando o apoio à dinastia chinesa reinante e a expulsão dos missionários cristãos e dos chineses convertidos. O movimento, denominado Yihequan (Lutadores Virtuosity e Harmoniosos), atingiu seu auge nos primeiros meses de 1900 e ficou conhecido como a Revolução dos Boxers ou o Levante Boxer, uma vez que seus participantes destacavam-se pela prática de lutas marciais.

Na primavera desse mesmo ano, as forças revolucionárias dirigiram-se a Tianjin e Pequim, onde sitiaram missões diplomáticas e áreas residenciais estrangeiras. Rapidamente relatos começaram a circular falando de um massacre generalizado de missionários e diplomatas por parte dos boxers.

Nos Estados Unidos, falava-se em atrocidades cometidas pelos chineses. Em razão disso, organizou-se uma expedição militar internacional, que reuniu tropas norte-americanas, japonesas, britânicas, alemãs, francesas, italianas, belgas e russas, para proteger os cidadãos estrangeiros e seus interesses na China. A expedição sufocou a Revolução dos Boxers usando de violência extrema, mesmo após os expedicionários terem obtido a confirmação de que os residentes das áreas ocupadas estavam ilesos.

Em 1901 a China foi forçada a pagar altíssimas indenizações às forças aliadas e a fazer concessões territoriais e elevados pagamentos monetários, e os Estados Unidos elevaram o contingente de suas tropas no país. Até 1942 eram comuns, ainda, ao longo do rio Yangzi, pequenas embarcações de guerra norte-americanas que se mantinham em guarda constante.

Mark Twain encontrava-se na Inglaterra no momento de eclosão dos conflitos e acompanhou com interesse o desenvolvimento da luta revolucionária dos boxers. Em 12 de agosto de 1900, em carta ao amigo Joseph H. Twitchell, ele declara aberta e inequivocamente sua simpatia pela causa chinesa: “Tudo está concentrado na China agora, e minhas simpatias estão com os chineses. Eles têm sido tratados de forma aviltante pelos ladrões imperiais da Europa, e eu espero que expulsem todos os estrangeiros e os mantenham longe para sempre”.

Após retornar aos Estados Unidos, em outubro de 1900, Twain discutiu a ocupação internacional da China em numerosos ensaios e artigos, entre os quais o texto aqui apresentado e “Para aquele que vive nas trevas”(ver p. 64) têm destaque especial. Em novembro do mesmo ano, um discurso por ele proferido na Associação de Educação Pública discute a Revolução dos Boxers à luz do Ato de Exclusão de Chineses, proclamado nos Estados Unidos em 1882, que proibira a imigração de chineses aos Estados Unidos.

No texto aqui apresentado Twain discute o episódio desencadeado a partir de um telegrama de Pequim que, pouco antes, denunciara o fato de o veterano missionário reverendo Ament, da Câmara Americana de Missões no Estrangeiro, cobrar dos chineses indenizações 13 vezes² superiores ao permitido. O texto é precedido por uma introdução do editor, que cobra de Twain uma retratação oficial e reitera o esclarecimento prestado por Ament de que se tratava de indenizações “um terço” superiores, e não “13 vezes” (erro proveniente de falha na transmissão telegráfica), que o dinheiro havia sido mobilizado para o amparo de órfãos e viúvas, e que o valor havia sido aprovado por funcionários chineses.

Twain debruça-se sobre o caso de forma exaustiva, examinando meticulosamente as evidências que apontam para o fato de o desmentido não diminuir absolutamente em nada o agravo e o desmando implícitos no ato de Ament, quer a cifra das indenizações tenha sido 13 vezes superior, quer tenha sido “apenas” um terço superior.

2. Ver a este respeito a nota número 6 adiante.

Aplicando o processo argumentativo que domina tão bem, Twain chega a lançar mão de duas pequenas fábulas para apontar de forma satírica e enfática o cinismo do raciocínio dos defensores do missionário Ament.

A crítica de Twain estende-se, em última instância, à Câmara Americana das Missões no Estrangeiro, à natureza do treinamento ministrado a seus membros e à absurda alegação de que o ato de extorsão praticado por seus membros resultara da adoção de práticas legitimadas pela cultura local.

North American Review 172 (abril de 1901)

Recebi de vários clérigos muitos recortes de jornal; e também uma nota do doutor Judson Smith, secretário correspondente da Câmara Americana das Missões no Estrangeiro, todas com conteúdo semelhante; todas dizendo, em essência, o que está dito no recorte aqui copiado:

O SR. CLEMENS DEVE UM PEDIDO DE DESCULPAS

A evidência dos dois últimos dias deveriam induzir Mark Twain a se penitenciar e formular desculpas imediatas pelo violento ataque ao reverendo doutor Ament, o veterano missionário na China. O ataque se baseou num telegrama de Pequim dirigido ao *Sun* de Nova York, que informava ter o doutor Ament cobrado dos chineses em vários lugares indenização por danos que excediam em 13 vezes as perdas incorridas. Assim, Mark Twain acusou o Sr. Ament de coação, extorsão e coisas semelhantes. Entretanto, um telegrama de Pequim dirigido ontem ao *Sun* explica que a quantia cobrada não foi realmente 13 vezes o montante dos danos, mas *um excedente de um terço das indenizações*, e que a confusão se deveu a um erro de transmissão. O “1/3” se transformou em 13. Ontem o reverendo Judson Smith, secretário da Câmara Americana, recebeu um comunicado do doutor Ament, chamando a atenção

para o erro na mensagem original e declarando que todas as cobranças feitas foram aprovadas *por funcionários chineses*. A quantia fracionária foi cobrada além das perdas reais, explicou ele, e está sendo *usada para manter viúvas e órfãos*.

Assim, desaba completamente, e convulsivamente, o bombardeio feio e sensacionalista de um missionário cujo caráter e cujos serviços deveriam ter lhe propiciado imunidade contra tamanha agressão.

A sustentação da acusação acaba de ser derrubada. O Sr. Clemens cometeu contra o doutor Ament uma injustiça, grosseira ainda que não intencional. Se Mark Twain é o homem que acreditamos ser, ele não tardará a apresentar uma retratação e um pedido de desculpas.

Não tenho preconceitos contra desculpas. Creio que jamais recusarei uma quando for devida; creio que jamais terei a propensão a fazê-lo. As cartas e os parágrafos do jornal merecem minha melhor atenção, respeito pelos missivistas e pelo sentimento humano que provocou tais manifestações o exigem. Talvez fosse até possível que, se essas cobranças de um pedido de desculpas tivessem chegado a mim antes do dia 20 de fevereiro, houvesse uma chance limitada de eu me desculpar; mas naquele dia surgiram os dois pequenos telegramas a que se refere o recorte de jornal copiado acima, um do reverendo doutor Smith ao reverendo doutor Ament, e o outro do doutor Ament ao doutor Smith; e então morreu aquela pequena chance. Na minha opinião, os dois telegramas deveriam ter sido suprimidos, pois parece evidente que eles desmascararam completamente o caso do doutor Ament. Ainda assim, trata-se de uma opinião, e pode estar errada. O melhor será examinar o caso desde o início, à luz dos documentos relacionados a ele.

EVIDÊNCIA A

Este é o despacho do Sr. Chamberlain³, chefe da sucursal do *Sun* em Pequim. Foi publicado no *Sun* na véspera do último Natal, e a partir de agora vou me referir a ele como “despacho CE”.

3. Testemunho do gerente do jornal *The Sun*. (Jim Zwick)

O reverendo Sr. Ament, da Câmara Americana de Missões no Estrangeiro, acaba de retornar de uma viagem que fez com o fim de cobrar indenizações por danos provocados pelos boxers. Em todos os lugares por onde passou os chineses foram obrigados a pagar. Segundo ele, todos os nativos cristãos das missões já estão bem providos. Havia 700 sob seus cuidados, mas 300 foram mortos. Cobrou 300 taels por cada um dos assassinados, mais o pagamento de indenizações por toda a propriedade pertencente a cristãos que foi destruída. E multas que chegaram a 13 vezes⁴ o valor a ser indenizado. Esse dinheiro vai ser usado para a propagação da Palavra de Deus.

O Sr. Ament declara que as indenizações que cobrou são moderadas, se comparadas com o valor recebido pelos católicos, que exigem, além do dinheiro, cabeça por cabeça. Cobram 500 taels por cada católico assassinado. Na região de Wenchiu, 680 católicos foram mortos, e por eles os católicos europeus cobraram 750 mil colares de cobre⁵ e 680 cabeças.

Durante a conversa, o Sr. Ament se referiu à atitude dos missionários em relação aos chineses. Disse ele:

“Nego enfaticamente que os missionários sejam vingativos, que eles tenham em geral feito saques, ou que desde o cerco eles tenham feito qualquer coisa que as circunstâncias não tenham determinado. Eu critico os americanos. A luva de pelica dos americanos não é tão boa quanto a luva de aço dos alemães. Trate os chineses com luvas de pelica e eles se aproveitam”.

No artigo dirigido “Para aquele que vive nas trevas”, publicado na *North American Review* de fevereiro, teci alguns comentários sobre esse despacho CE.

Em carta aberta a mim dirigida pelo doutor Smith, publicada no *Tribune* de 15 de fevereiro, ele lança dúvidas sobre a autenticidade do despacho. Até o dia 20 de fevereiro esta dúvida era um fator importan-

4. Em vez de “13 vezes”, leia-se “um terço”. (M. T.)

5. Havia na China o costume de amarrar moedas de cobre, que eram vazadas, formando colares. Isto facilitava o manuseio do dinheiro, os pagamentos e recebimentos. (N. T.)

te do caso: o breve telegrama do doutor Ament, publicado naquela data, tirou dela toda a sua importância⁶.

Na carta aberta, o doutor Smith cita este trecho de uma carta do doutor Ament, datada do dia 13 de novembro. Os itálicos são meus:

“*Desta vez eu decidi acertar essas questões sem a ajuda de soldados nem das legações*”.

Isto não pode significar mais que uma única coisa: que anteriormente ele *havia* feito a cobrança por força armada.

Ainda na mesma carta aberta o doutor Smith cita elogios ao doutor Ament e ao reverendo Sr. Tewksbury feitos pelo reverendo doutor Sheffield, e diz:

“O doutor Sheffield não costuma se referir desta forma a *ladrões, extorsionários* ou *fanfarrões*”.

O que ele poderia querer dizer com expressões tão fortes? Com as duas primeiras estaria ele se referindo a um missionário que cobra de B, com a “ajuda de soldados”, indenizações possivelmente devidas por A, e que de vez em quando se permite fazer algumas pilhagens?

EVIDÊNCIA B

Testemunho de George Lynch (reconhecido como absolutamente confiável pelo *Tribune* e pelo *Herald*), correspondente de guerra nas guerras de Cuba e da África do Sul, e na marcha sobre Pequim para resgatar as legações. Os itálicos são meus:

Quando os soldados foram proibidos de saquear, a mesma proibição não parecia se aplicar aos *missionários*. Por exemplo, o *reverendo Sr. Tewksbury fez uma grande venda de bens saqueados que durou vários dias*.

Um ou dois dias depois da chegada de socorro, ao procurar um lugar onde dormir, encontrei o reverendo doutor Ament, da Câmara Americana de Missões no Estrangeiro. *Ele me disse* que ia tomar posse da casa de um rico chinês que já havia muito tempo era seu inimigo, pois no

6. Erro do telegrama. Em lugar de “treze vezes”, leia-se “um terço”. Esta correção foi feita pelo doutor Ament no seu curto telegrama de 20 de fevereiro, citado anteriormente. (Jim Zwick)

passado ele havia interferido nas obras missionárias do reverendo em Pequim. Uns dois dias depois *ele o fez*, e fez uma *grande venda de bens de seu inimigo*. Lá eu comprei um casaco de marta por 125 dólares e um par de estátuas de Buda. *À medida que o estoque se reduzia, era recomposto pelos esforços dos convertidos, que saqueavam as casas da vizinhança* (N. Y. Herald, 18 de fevereiro).

Foi o doutor Smith, não eu, quem sugeriu que pessoas que agem dessa forma são “ladrões e extorsionários”.

EVIDÊNCIA C

Sir Robert Hart, na *Fortnightly Review* de janeiro de 1901: esta testemunha foi durante muitos anos o inglês mais importante e proeminente na China, e tem uma reputação inatacável de moderação, equidade e veracidade. Ao terminar a descrição de cenas revoltantes que se seguiram à ocupação de Pequim, quando os exércitos cristãos (com a honrosa exceção dos soldados americanos, ainda bem) se dedicaram a uma implacável orgia de roubo e espoliação, ele diz (os *itálicos* são meus):

E até alguns missionários participavam com tal intensidade da espoliação dos egípcios para maior glória de Deus, que se ouviu um circunstante dizer: “*Por mais um século os chineses convertidos vão considerar virtudes cristãs o saque e a vingança!*”

Foi o doutor Smith, não eu, que sugeriu que pessoas que agem dessa forma são “ladrões e extorsionários”. De acordo com o Sr. Lynch e com o Sr. Martin (outro correspondente de guerra), o doutor Ament ajudou a saquear vários desses egípcios. O Sr. Martin tirou uma fotografia da cena. Ela foi reproduzida no *Herald*. Eu a tenho.

EVIDÊNCIA D

Numa breve resposta à carta aberta do doutor Smith, eu afirmei o que se segue no *Tribune*. Reproduzo propositadamente em *itálico* diversas palavras:

No instante em que ele (doutor Smith) apresentar uma afirmação do doutor Ament de que o despacho do *Sun* não foi autorizado *por ele*, e no instante em que o doutor Smith reforçar tal afirmação com a confissão do Sr. *Chamberlain*, chefe do Laffan News Service na China, de que o despacho foi uma invenção falsa *não autorizada*, o caso contra o doutor Ament vai desmoronar.

EVIDÊNCIA E

Os breves cabogramas a que me referi acima, trocados entre o doutor Smith e o doutor Ament, e que foram publicados no dia 20 de fevereiro:

“Ament, Pequim: Publicado 24 dezembro o Sr. cobrou 13 vezes as perdas reais; usado na propagação da Palavra de Deus. Afirmações são verdadeiras? Remeta resposta específica. SMITH.”

“Afirmação falsa. Além dos danos reais, cobre um terço para despesas da igreja; usado para sustentar viúvas e órfãos. Publicação 13 vezes empastelamento do cabo. Todas as cobranças foram aprovadas por funcionários chineses, que insistem em outros acordos segundo a mesma linha. AMENT.”

Só foram feitas duas perguntas; e pediram-se respostas “específicas”; não se desejavam incursões entre os detalhes de tão infeliz despacho.

EVIDÊNCIA F

Carta do doutor Smith, datada de 8 de março, dirigida a mim. Os *itálicos* são meus; marcam imprecisões das afirmações:

Permita-me chamar sua atenção para os parágrafos marcados nos artigos anexos e lhe pedir para observar a relação deles com as duas condições citadas em sua carta ao *New York Tribune* de 15 de fevereiro. A primeira é a *negativa do doutor Ament da verdade do despacho do New York Sun* de 24 de dezembro, que fundamentou suas críticas publicadas no *North American Review*. A segunda é uma correção, por parte do

correspondente especial do Sun em Pequim, do despacho publicado no *Sun* de 24 de dezembro.

Uma vez que, como o Sr. afirma em sua carta ao *Tribune*, “o caso contra o doutor Ament vai desmoronar” caso o doutor Ament negue a verdade do primeiro despacho do *Sun*, e se a agência de notícias do *Sun* em Pequim também declare que *o despacho era falso*, e como essas duas condições acabam de ser atendidas, tenho certeza de que, levados esses fatos à sua atenção, o senhor não há de hesitar em se retratar de críticas baseadas em *empastelamento do despacho*.

Creio que o doutor Smith devia ler-me com mais atenção; se o fizesse, não teria cometido tantos erros. No pequeno espaço de dois parágrafos, num total de 11 linhas, ele se afastou nove vezes dos fatos num total possível de nove e meia. Ora, seria isso parlamentar? Não o trato desta forma. Quando o cito, tenho todo o cuidado de não ser infiel, e de não o forçar a dizer o que não disse.

1. O Sr. Ament não “nega a verdade do despacho CE”; ele apenas altera uma de suas frases, sem alterar materialmente o seu significado, e corrige (imaterialmente) um empastelamento (correção que eu aceito). Não lhe foi feita nenhuma pergunta relativa aos outros quatro quintos do despacho CE. 2. Eu nada disse sobre correspondentes especiais; citei o homem certo e responsável – o Sr. Chamberlain. A correção a que ele se refere é uma repetição da que eu já havia aceito, e que altera (imaterialmente) de 13 para um terço o montante do excedente. 3. Nunca disse nada acerca da “agência de notícias do *Sun*”; eu disse Chamberlain. Tenho toda a confiança no Sr. Chamberlain, mas não conheço pessoalmente os outros. 4. Mais uma vez o Sr. Ament não negou a veracidade do despacho CE, limitou-se a fazer pequenas correções em alguns de seus muitos detalhes. 5. Não disse “se o Sr. Ament negar a verdade” do despacho CE; disse que se ele afirmasse que o despacho não havia sido “autorizado” *por ele*. Por exemplo, não acreditei que fosse verdade que os católicos tivessem exigido a decapitação de 680 chineses, mas queria saber se o doutor Ament havia pessoalmente autorizado aquela afirmação e as outras como tendo saído de seus

lábios. Mais um detalhe: uma de minhas condições não era a de que o Sr. Chamberlain se limitasse a afirmar que o despacho CE era uma “invenção falsa”, ele deveria também confessar que ele era “*desautorizado*”. O doutor Smith se esqueceu desse importante detalhe. 6. A agência de notícias do *Sun* não “declarou falso o despacho CE”, mas se limitou a corrigir um detalhe sem importância no meio de uma longa lista – a mudança de um excedente de “13 vezes para outro de um terço”. 7. As “duas condições” não foram “atendidas” – longe disso. 8. Os detalhes rotulados como “fatos” não passam de fantasias. 9. Finalmente, minhas críticas não se limitaram de forma alguma àquele detalhe do despacho CE que agora aceitamos como um empastelamento.

Deixando de lado estes nove casos de divergência dos fatos, descobro que o restante das 11 linhas é realmente correto e verdadeiro. Não estou culpando o doutor Smith por estas discrepâncias, não seria certo e não seria justo. Admito algumas coisas. Ele nunca foi jornalista, como eu já fui – uma profissão em que a pessoa é tão pressionada a responder por divergências, que com o passar do tempo ela adquire um medo quase mórbido de incorrer nelas. É o que se passa comigo. Sempre tive disposição para denunciar o que está errado; nasci com ela, e todos a temos. Hoje tento não o fazer, porque descobri que não é seguro, Mas, evidentemente, não é este o caso do doutor.

EVIDÊNCIA G

Queria me inteirar de todos os fatos que cercam o despacho CE, portanto escrevi à China solicitando-os, quando verifiquei que a Câmara não ia fazê-lo. Mas não posso esperar. Pareceu-me inteiramente possível que o detalhamento completo dos fatos me daria a oportunidade de apresentar meu pedido de desculpas ao doutor Ament, oportunidade que, dou minha palavra, eu teria honestamente usado sem abusar. Mas não adianta. Se a Câmara não se preocupou com o conteúdo daquele despacho assustador, por que eu iria me preocupar? Respondi a muitas cartas de religiosos que me exigiam um pedido de desculpas com a informação de que havia escrito à China solicitando mais detalhes, e disse que considerava ser esta a única forma garantida de se

chegar à condição de emitir um julgamento equilibrado e justo de todos os envolvidos, mas alguns deles me responderam que esta questão não podia esperar. Ou seja, tatear na escuridão em busca do caminho na floresta com adivinhações e conjecturas é melhor que sair direto para o sol dos fatos. Parece-me uma idéia curiosa.

Entretanto, os dois religiosos estavam em grande parte corretos, do ponto de vista deles e do da Câmara; que é o seguinte, expresso sob a forma de duas perguntas:

1. O doutor Ament cobrou os danos avaliados mais um excedente de 13 vezes? A resposta é: *não*. Ele cobrou um excedente de apenas *um terço*.
2. Ele aplicou o *terço excedente* na “propagação da Palavra de Deus”? A resposta é esta correção: ele o aplicou em “despesas da igreja”. Parte do total dessas despesas se destina a “sustentar viúvas e órfãos”. Pode ser que as despesas da igreja e o sustento de viúvas e órfãos não façam parte da máquina de propagação da Palavra de Deus. Eu supunha que faziam, mas isso não tem importância; gosto mais desta forma de expressá-lo, não é tão insensível quanto a outra.

Na opinião dos dois religiosos e da Câmara, estas duas são as únicas questões importantes em todo o despacho CE.

Muito bem, eu concordo. Vamos portanto abandonar todo o restante do despacho como já não sendo parte da causa do doutor Ament.

EVIDÊNCIA H

Os dois religiosos ficaram muito satisfeitos com as respostas do doutor Ament para as duas perguntas.

Quanto à primeira, minha própria opinião pode ser indicada por uma pergunta:

O doutor Ament cobrou de B (seja por coação ou por simples cobrança) um centavo que fosse de indenização por assassinatos e depredações, sem ter a certeza, sem sombra de dúvida, de que foi B, e não outro, quem cometeu os assassinatos e depredações?

Ou em outras palavras:

O doutor Ament, por acaso ou por ignorância, forçou os inocentes a pagar as dívidas dos culpados?

No artigo intitulado “Para aquele que vive nas trevas”, adiantei esta questão num parágrafo extraído da *História* (imaginária) de McCallum:

Quando um boxer branco mata um *pawnee* e destrói sua propriedade, os outros *pawnees* não se preocupam em caçar *aquele*, matam qualquer branco que aparecer; também fazem com que alguma aldeia branca pague aos herdeiros do *pawnee* o valor integral do falecido, mais o valor integral da propriedade destruída; e fazem a aldeia pagar, além de tudo isso, *treze vezes*⁷ o valor da propriedade para constituir um fundo para disseminação da religião *pawnee*, considerada por eles a melhor dentre todas para enternecer e humanizar o coração do homem. Consideram também que é verdadeiramente digno e justo que os inocentes paguem pelos culpados, e que é preferível fazer 99 sofrerem a deixar um único culpado sem castigo.

Sabemos que o doutor Ament não trouxe as pessoas suspeitas diante de um tribunal regularmente organizado, nem as julgou por métodos cristãos e civilizados, eqüitativos e justos, mas limitou-se a proclamar suas “condições” e cobrar as indenizações igualmente de inocentes e culpados, sem nenhum processo jurídico⁸. Que foi ele, e não os aldeões, quem determinou as condições, ficamos sabendo por sua carta de 13 de novembro, já citada – aquela em que ele diz não ter levado soldados com ele *naquela* ocasião. Os itálicos são meus: “Depois de conhecidas as nossas *condições* muitos aldeões se apresentaram voluntariamente trazendo consigo o seu dinheiro”.

7. Em vez de “treze vezes”, leia-se “um terço”. (Mark Twain)

8. Em países civilizados, se a multidão destrói propriedades de uma cidade, o dano é pago pelo tesouro da cidade, e nenhum contribuinte é forçado a pagar uma fração desproporcional da despesa; o prefeito não tem o privilégio de distribuir a despesa ao seu bel-prazer, poupando a si e aos amigos e esfolando as pessoas de quem é inimigo – como acontece no Oriente –, e o cidadão pobre demais para ser contribuinte nada paga. (Jim Zwick)

Não todos, “muitos”. A Câmara acredita que aqueles pobres caçados e atormentados estavam não somente dispostos a se privar voluntariamente de tudo para pagar pelos danos infligidos pelos boxers, fossem ou não devedores, mas sentimentalmente ansiosos por fazer tal pagamento. O Sr. Ament diz em sua carta: “Os aldeões ficaram muito gratos por eu não ter trazido soldados estrangeiros, e felizes de acertar o acordo nos termos propostos”. Algumas dessas pessoas conhecem melhor a teologia que a natureza humana. Jamais conheci um cristão que ficasse feliz por pagar algo que não devia; e a possibilidade de um chinês fazer a mesma coisa, ora, ora, é absolutamente impensável. Todos já vimos chineses, muitos chineses, mas não dessa espécie. É um tipo novo: uma invenção da Câmara – e dos “soldados”.

COM RELAÇÃO ÀS COBRANÇAS

O que foi esse “um terço extra”? Dinheiro devido? Não. Então foi um roubo? Deixando de lado o terço extra, qual a justificativa do restante da indenização extorquida, se ela foi cobrada de pessoas que não eram *comprovadamente* devedoras, e sem os procedimentos cristãos e civilizados? Seria um roubo, seria um assalto? É o que seria na América; é o que seria também na Europa cristã. Tenho grande confiança no discernimento do doutor Smith com relação a este detalhe, e ele lhe dá o nome de “roubo e extorsão”, mesmo na China; pois, à época em que ele lhe deu este nome forte, ele estava pensando em “13 vezes”⁹. Sua idéia é então a de que quando alguém faz inocentes e culpados pagarem igualmente as indenizações calculadas e, além disso, força-os a pagar 13 vezes aquele valor, então o 13 representa “roubo e extorsão”.

9. Em sua Carta Aberta, o doutor Smith cita a carta do doutor Ament de 13 de novembro, que contém um relato da viagem de cobrança do doutor Ament; então o doutor Smith faz este comentário: “Nada se diz sobre a cobrança de ‘treze vezes’ o montante das perdas”. Poucas linhas abaixo, o doutor Smith cita elogios feitos ao doutor Ament e à sua obra (de uma carta do reverendo doutor Sheffield) e acrescenta este comentário: “O doutor Sheffield não está acostumado a falar assim para elogiar ladrões e extorsionários ou fanfarrões”. A frase é uma referência à taxa extra de “treze vezes”. (Jim Zwick)

Então o que representa o *terço* extra? Será que ele vai dar um nome a esse *terço*? Seria “roubo e extorsão modificados”? Lembra a resposta da moça que foi censurada por ter dado à luz um filho ilegítimo: “Mas ele é tão pequeno!”.

Quando se reivindicou o “excedente de 13 vezes”, aos olhos do doutor Smith ele recebeu o nome de “roubo e extorsão”, e ele ficou chocado. Mas quando o doutor Ament mostrou que só havia tomado um excedente de um *terço*, em vez de 13, o doutor Smith ficou aliviado e feliz. Declaro que não entendo por quê. O editor citado no início deste artigo também ficou feliz. Não entendo a razão de tanta felicidade. Segundo ele, “eu devia dizer amém e apresentar imediatamente as minhas desculpas”. Desculpas a quem? E por quê? Tudo isto é profundo demais para mim.

Para o doutor Smith, o “excedente de 13 vezes” representava “roubo e extorsão”, e ele estava com a razão, com toda a razão, indiscutivelmente tinha razão. É claro que ele pensa que quando aquele valor se reduz a apenas um *terço*, coisa tão pequena, já não seria “roubo e extorsão”. Por quê? Só a Câmara sabe! Vou tentar explicar este difícil problema para que a Câmara entenda. Se um mendigo me deve 1 dólar, e eu o encontro indefeso e o forço a me pagar 14 dólares, 13 dólares deste total são “roubo e extorsão”; se eu o forçar a pagar apenas 1 dólar e 33 centavos, os 33 centavos são da mesma forma “roubo e extorsão”. Vou explicar de outra forma, ainda mais simples. Se um homem me deve um cachorro – qualquer cachorro, a raça não importa – e eu... Melhor esquecer; a Câmara nunca iria entender. Eu mesmo *sou incapaz* de entender coisas tão complicadas e difíceis.

Mas, se a Câmara pudesse entender, então eu poderia lhe ensinar um pouco mais. O *terço* obtido por “roubo e extorsão” é dinheiro sujo, e não será purificado nem mesmo se for usado para atender a “despesas da igreja” ou se destinar ao “sustento de viúvas e órfãos”. Ele tem de ser restituído às pessoas de quem foi tirado.

Há uma outra maneira de ver essas coisas. Pelo nosso código moral e pelo direito cristão, a *totalidade* do valor de 1 dólar e 33 centavos, desde que tomados de um homem que não pode ser formalmente res-

ponsabilizado pelos danos a serem indenizados por aquele 1 dólar, é “roubo e extorsão”. Não poderá ser usado honestamente para nenhum outro propósito, terá de ser devolvido ao homem de quem foi tomado.

Existe alguma maneira de justificar esses roubos e extorsões, torná-los limpos e justos e honrados? Existe. Pode ser feito; já foi e ainda é feito, basta rever e atualizar os Dez Mandamentos: exclusive para uso em terras pagãs. Por exemplo:

Não roubarás – exceto quando for costume do país.

Esta saída é reconhecida e aprovada pelas melhores autoridades, inclusive a Câmara. Posso citar testemunhas.

O recorte acima: “O doutor Ament declarou que todas as cobranças que fez foram aprovadas pelos funcionários chineses”. O editor está satisfeito.

O cabograma do doutor Ament para o doutor Smith: “Todas as cobranças foram aprovadas por funcionários *chineses*”.

Cartas de oito religiosos – dizem todos mais ou menos o mesmo: o doutor Ament fez apenas o que os *chineses* já fazem. Portanto estão tranquilos.

O Sr. Ward do Independent.

O reverendo doutor Washington Gladden.

Perdi as cartas destes senhores e não posso citar suas palavras, mas eles estão entre os satisfeitos.

O reverendo doutor Smith, na sua carta aberta publicada no *Tribune*: “Todo o procedimento (do doutor Ament) obedeceu a um costume dos *chineses*, o de responsabilizar a aldeia pelos danos sofridos nela, e especialmente o de responsabilizar o principal da aldeia pelos crimes lá cometidos”. O doutor Smith também está satisfeito. O que significa que a Câmara também está.

O “principal”! Então, esse pobre-diabo, inocente ou culpado, terá de pagar toda a conta se não conseguir extorqui-la de seus vizinhos pobres-diabos. Mas, de fato, pode-se ter a certeza de que ele vai tentar e vai arrancar deles seu último centavo, seu último trapo de roupa, sua última refeição. Ele certamente vai arrancar deles a indenização, ainda que ao custo de chicotadas e pancadas, de sangue, lágrimas e carne.

A HISTÓRIA DO REI E SEU TESOUREIRO

Como tudo isso parece estranho, remoto, oriental, das mil e uma noites – e realmente é. Faz lembrar histórias esquecidas, e ouvimos o rei dizer ao seu tesoureiro:

“Traga-me 30 mil tomans de ouro.”

“Alá nos proteja, Senhor, o tesouro está vazio.”

“Você não ouviu? Traga-me o dinheiro dentro de dez dias. Se não trouxer, pode me enviar sua cabeça num cesto.”

“Ouço e obedeço.”

O tesoureiro convoca os principais de cem aldeias e diz ao primeiro:

“Traga-me cem tomans de ouro.” A outro: “Traga-me 500”; a um terceiro: “Traga-me mil. Dentro de dez dias. Sua cabeça é a caução.”

“Vossos escravos beijam os vossos pés! Ah, poderoso senhor, tenha piedade de nosso povo sofrido; são tão pobres, andam nus, passam fome; são quantias impossíveis! Nem mesmo a metade...”

“Vão! E arranquem tudo deles, espremam tudo deles, transformem em dinheiro o sangue dos pais, as lágrimas das mães, o leite das crianças, ou assumam as conseqüências. Ouviram?”

“Seja feita a Sua vontade, Aquele que é a Fonte de amor e misericórdia e compaixão. Que pela mão de seus servos lança sobre nossas costas esse peso, abençoado seja Seu Santo Nome. O pai há de sangrar, a mãe desfalecer de fome, o bebê vai perecer no peito seco. Os escolhidos de Deus mandaram: será como ordenam.”

Não pretendo discordar da substituição de costumes cristãos por outros pagãos, aqui e ali, uma vez ou outra, quando os cristãos se mostram inconvenientes. Não; gosto da idéia e a admiro. Eu também o faço. E admiro o zelo da Câmara ao buscar aproveitar todas as oportunidades de trocar a sua moral pela chinesa, e tirar dessa troca o ganho máximo; não tolero aquelas pessoas, são amarelas, e sempre considerei o amarelo pouco elegante. Sempre agi como a Câmara: bem-intencionado, mas destituído de senso moral. Ora, uma das principais razões que tornam difícil para a Câmara entender que não existe diferença moral entre um grande roubo e um pequeno roubo, que a dife-

rença é apenas legal, é essa imprecisão. Moralmente o roubo não tem gradações. O mandamento diz apenas “Não roubarás”, e pára por aí. Não reconhece a diferença entre roubar um terço e roubar 13 vezes. Se eu soubesse um meio de explicar à Câmara de forma simples...

AS MELANCIAS

Já sei. Muitos anos atrás, quando estudava para o cadafalso, eu tinha um bom colega, um jovem que seguia outra linha, mas, ainda assim, um bom sujeito, apesar de um pouco inescrupuloso. Ele estava se preparando para se qualificar a um posto na Câmara, pois haveria uma vaga dentro de mais ou menos cinco anos. Era no Sul, nos dias da escravidão. Fazia parte da natureza do negro de então, como ainda hoje, roubar melancias. Roubaram três melancias de meu irmão adotivo, as únicas boas que ele tinha. Suspeitei de três negros da vizinhança, mas não consegui provas; além disso, as melancias desses três negros estavam verdes e pequenas, não tinham o padrão de indenização. Mas três outros negros tinham melancias bastante satisfatórias. Discuti a questão com meu amigo, o que se preparava para a Câmara. Ele disse que se eu aprovasse os seus métodos ele resolveria o problema. Disse eu: “Considere que eu sou a Câmara; eu aprovo: providencie”. Então ele pegou uma arma, foi e recolheu as três melancias para o meu irmão e mais uma. Fiquei muito satisfeito, e perguntei:

“Para quem é esta última?”

“Para as viúvas e órfãos.”

“Muito boa idéia. Por que você não pegou 13?”

“Não estaria certo; na verdade, seria um crime – roubo e extorsão.”

“E este excedente de um terço – a melancia extra – não é a mesma coisa?”

Ele parou para pensar. Mas nada disse.

O juiz era um homem severo. No dia do julgamento, ele não concordou com o esquema e exigiu uma explicação do fundamento de nossa estranha conduta – como ele a chamou. Meu colega explicou:

“É um costume dos negros. É o que todos fazem.”

O juiz esqueceu sua dignidade e desceu ao sarcasmo:

“Costume dos negros! Nossa moral é tão inadequada a ponto de termos de tomar a dos negros?” Em seguida ele disse ao júri: “Alguém devia três melancias; foram tomadas de pessoas das quais não se provou serem as devedoras; isto é roubo. Foram tomadas por coação; isto é extorsão. Tomou-se uma melancia adicional para as viúvas e órfãos. Ninguém era devedor dela. Outro roubo, outra extorsão. Ela deve retornar ao lugar de onde veio, acompanhada das outras três. Não se admite aqui o uso de bens obtidos desonestamente, nem mesmo para alimentar viúvas e órfãos, pois isto representaria a desmoralização e a desonra da caridade.”

Isto ele disse perante o tribunal, diante de todos, e não me pareceu muito gentil.

Um religioso, em carta dirigida a mim, lembra-me de que “muitos missionários são homens bons, de bom coração, sérios, dedicados ao trabalho”. É claro que são. Ninguém discute. Em vez de “muitos” ele poderia ter dito “quase todos”, e ainda dizer a verdade. Conheço muitos missionários; já encontrei muitos deles em muitos pontos do globo, e conheci talvez um ou dois que não se ajustassem a esta descrição. “Quase todos” é uma proporção e uma descrição que se pode aplicar a advogados, autores, editores, mercadores, industriais; na verdade, pode ser aplicada à maioria das profissões e vocações. Sem dúvida o doutor Ament fez o que considerava certo, e admito que quando um homem faz o que considera certo pode-se argumentar a seu favor. Discordo do doutor Ament, mas apenas porque ele foi treinado na Câmara e eu fui treinado fora. Nenhum de nós é completamente responsável.

RECAPITULAÇÃO

Mas é desnecessário recapitular. O Sr. Ament admitiu o “terço excedente”, não há necessidade de outra testemunha. O reverendo doutor Smith considerou cuidadosamente o ato e lhe deu um nome severo, e seu veredicto parece correto. A moral do ato é chinesa, mas foi

aprovada pela Câmara, por alguns religiosos, por alguns jornais, considerada um aprimoramento valioso da moral cristã, o que me deixa de boca fechada, apesar da dor no coração.

A CÂMARA AMERICANA ESTÁ EM JULGAMENTO?

Será que eu imagino que o doutor Ament e alguns de seus amigos missionários são tão maus como indica a sua conduta? Não, não acho. Eles são o produto de seu treinamento; e agora que entendo todo o caso, e sei onde eles foram buscar seus ideais, e que eles não passam de subordinados sujeitos a autoridade, compreendo que são meros acessórios e que seus atos indicam cérebros defeituosos, não maus corações. Acredito, acima de tudo, que é a Câmara Americana quem merece ser julgada. E, mais uma vez, é uma questão de cabeça, não de coração. Que ela tem um coração que nunca abrigou má intenção, ninguém pode negar, e ninguém discute; a história da Câmara reduz ao silêncio qualquer um que tente desafiá-la quanto a esse ponto. O coração da Câmara não está em julgamento: está em julgamento a sua cabeça.

É uma cabeça bastante estranha. Que pasma a compreensão; suas idéias são absolutamente sem par; seus métodos são novidades para o mundo prático; suas decisões, surpreendentes. Quando se imagina que ela vai falar, e é preciso que fale, ela se cala; quando se imagina que ela vai se calar, e é preciso que se cale, ela fala. Aponte o lugar onde ela deve estar, e lá ela não está; aponte para onde ela não deve estar, e lá está ela.

Quando seu servo parecia se desincumbir na China de coisas assustadoras, num despacho publicado por muitos jornais, a Câmara se manteve em silêncio, morta como qualquer cadáver a quem se informasse que a casa estava em fogo. Bastaria uma troca de telegramas e em dois dias ela seria capaz de provar ao mundo, possivelmente, que o despacho não vinha da boca de seu servo; apesar disso ela esperou calada e nada perguntou sobre a questão.

Ficou calada durante 38 dias. Então o despacho veio novamente à luz. Por acaso, fui eu a oportunidade. Seguiu-se uma quebra de tran-

qüilidade. E como ela se manifestou? Uma troca de cabogramas, que resultou na prova de que o maldito despacho não havia sido autorizado? Não, sob a forma de uma carta aberta do secretário correspondente da Câmara Americana, o reverendo doutor Smith, na qual ele afirmava que o doutor Ament não poderia ter dito e feito as coisas descritas no despacho.

É claro que isso não é boa política. Um telegrama de repúdio teria valido mais que toda uma biblioteca de argumentação.

Penso que a continuação do silêncio teria sido melhor que aquela carta aberta. Pensava assim naqueles dias. Parecia-me que já se haviam cometido erros demais, muito dano já havia sido feito. Pensava que era uma política questionável a publicação da carta aberta, pois “não acreditava que o doutor Ament iria negar o despacho”, e foi o que disse por telegrama ao doutor Smith. Pessoalmente, nada tenho contra o doutor Ament, e esta é minha atitude até hoje.

Mais uma vez, era a hora de estender o silêncio. Mas não; a Câmara tem seus métodos, e um deles é fazer a coisa errada quando a ocasião se oferece. Depois de ter esperado durante 56 dias, ela enviou um cabograma ao doutor Ament. Ninguém entende a razão de ela ter feito isso naquele dia, e não 56 dias antes¹⁰. E veio a resposta fatal – que ela não esperava. Foi a curiosa confissão do “terço excedente”; sua aplicação não na propagação da Palavra de Deus, mas apenas “em despesas da igreja”, e no sustento de viúvas e órfãos; e, para coroar tudo isto, o fato estonteante de que nossos missionários, que foram para a China para ensinar a justiça e a moral cristã, haviam, pelo contrário, adotado a moral e a justiça pagãs. *Aquele cabograma foi pura dinamite.*

Parece estranho que não tenha percebido que tal revelação tornava muito mais difícil a sua causa, pois antes havia uma dúvida salvadora; uma dúvida que representava um Gibraltar de fortaleza e que não deveria ter sido perturbada. Por que a Câmara permitiu que se publicasse aquela revelação? Por que a Câmara não a ocultou e ficou calada?

10. O cabograma foi transmitido no dia em que foi publicado o relato do senhor George Lynch. Ver “Evidência B”. Parece uma pena ele não ter perguntado sobre o saque, nem ele ter sido negado. (Jim Zwick)

Mas não; na opinião da Câmara, era mais uma oportunidade de falar; uma boa carta, se desconsiderarmos os nove erros, mas ainda assim mais uma prova de que o cérebro da Câmara não é tão bom como seu coração.

Um missionário é um homem que é quase todo coração, caso contrário ele não se dedicaria a uma vocação que exige dele tantos e tão grandes sacrifícios. Ele é feito de fé, zelo, coragem, sentimento, emoção, entusiasmo e, portanto, é uma mistura de poeta, devoto e cavaleiro andante. Ele se exila de seu lar e seus amigos, das cenas e associações que lhe são mais caras; sofre com paciência desconforto, privação, desencorajamentos; enfrenta com coragem perigos que ele sabe que poderiam lhe custar a vida, e quando tem de sofrer a morte é capaz de fazer voluntariamente este sacrifício pela causa.

Às vezes a peça pensante desse tipo de homem é de qualidade inferior, e disso resultam erros de julgamento, como já vimos. Então, para se proteger, é o que me parece, ele deveria ter na retaguarda uma Câmara capaz de reconhecer um erro, e capaz de trazê-lo de volta ao caminho certo quando ele se perde. Quero dizer, acho que o capitão de um navio deveria entender de navegação. Se entende ou não, ele terá que assumir parte da culpa se a tripulação levar o navio a pique.

CHINA E FILIPINAS

(12 de dezembro de 1900)

Em 12 de dezembro de 1900, Mark Twain foi convidado a apresentar Winston Churchill a uma platéia nova-iorquina que lotava o auditório do Waldorf Astoria. Nascido em 1874, Churchill contava, então, 26 anos de idade e havia se tornado famoso um ano antes ao ser capturado durante uma cobertura da Guerra dos Bôeres, que realizava como repórter para o London Morning Post. Tendo conseguido escapar e integrar-se ao exército inglês, Churchill serviu durante algum tempo como tenente e, após deixar a África do Sul, publicou De Londres a Pretória, sobre suas aventuras. Sua conferência no Waldorf Astoria foi a primeira de uma série destinada a promover tanto o livro como a posição britânica na guerra, o que motivou a crítica e o boicote de muitos militantes antiimperialistas. William Dean Howells e Henry van Dyke, amigos pessoais de Twain, escreveram cartas de protesto aos organizadores do evento.

A despeito de sua oposição à Guerra dos Bôeres, Twain concordou em apresentar Churchill, aproveitando a oportunidade para proferir um de seus mais inflamados discursos de denúncia ao imperialismo, concluindo que a Inglaterra e os Estados Unidos eram “aparentados no pecado” por suas guerras, respectivamente, na África do Sul e nas Filipinas. Twain destaca e critica, ainda, a posição dos Estados Unidos em relação aos imigrantes chineses, ressaltando que o caráter de “refúgio dos oprimidos”, assumido pelo país, não se estendia a eles, numa alusão indireta ao Ato de Exclusão dos Chineses, decretado em 1882.

A oportunidade de conhecer Mark Twain pessoalmente é comentada por Churchill em sua autobiografia como um momento importante de sua juventude e de seu início de carreira.

O discurso de apresentação proferido por Twain foi provavelmente um dos textos excluídos da edição organizada por Albert Bigelow Paine com os discursos do escritor. Uma versão abreviada do discurso chegou a ser incluída na edição de 1910, mas não consta da edição de 1923 organizada por Paine.

Durante anos agi como um missionário auto-indicado para realizar a união entre a América e a Terra-Mãe. Elas deveriam estar unidas. Vejam a América, o refúgio dos oprimidos de todo o mundo (os que podem pagar a taxa de 50 dólares) – qualquer um que não um chinês –, que se levanta em defesa dos direitos humanos em toda parte, até mesmo ajudando a China a admitir pessoas gratuitamente quando ela gostaria de cobrar 50 dólares de cada um. E como a Inglaterra lutou desprendida pela porta aberta para todos! E como a América lutou pela mesma porta aberta para todos, desde que não fosse a dela!

É verdade, como missionário eu cantei meus cantos de louvor. E ainda assim penso que a Inglaterra pecou ao se envolver numa guerra que poderia ter evitado, assim como pecamos ao entrar em guerra semelhante nas Filipinas. O Sr. Churchill é, por parte de pai, inglês; por parte de mãe, é americano – sem dúvida uma mistura que torna perfeito um homem. A Inglaterra e a América; é verdade, somos parentes. E agora que somos também aparentados pelo pecado, não há nada mais a ser desejado. A harmonia é completa, a combinação é perfeita.

CONGO

SOLILÓQUIO DO REI LEOPOLDO: A DEFESA DO GOVERNO DO CONGO

(fevereiro de 1905)

Twain escreveu o “Solilóquio do rei Leopoldo” em outubro de 1904, pouco depois de visitar um membro da Associação Inglesa para a Reforma do Congo que se encontrava em Nova York, pedindo-lhe auxílio para a filial americana da organização.

O ensaio ficou pronto em fevereiro de 1905, e Twain ofereceu-o à Harper & Brothers, pensando possivelmente em publicá-lo na North American Review, revista de prestígio em que já havia anteriormente publicado “Para aquele que vive nas trevas”, “Aos meus críticos missionários”, “A defesa do general Funston” e o “Solilóquio do czar”. A editora recusou, assim como havia feito pouco antes com “Oração da guerra”.

Twain, que tinha contrato de exclusividade com a Harper & Brothers, foi forçado a solicitar autorização para que o texto pudesse ser publicado pela Associação Americana para a Reforma do Congo sob a forma de panfletos.

A publicação atrasou-se em razão de um erro no endereço da Associação e acabou saindo apenas no verão seguinte, ou seja, em setembro de 1906. O episódio serviu para que Twain tomasse consciência do fato de que seus textos estavam efetivamente sendo censurados. Uma observação registrada nesse período em seu caderno de anotações diz: “Nos Estados Unidos – como em qualquer lugar – o direito de expressão está limitado aos mortos”.

SOU EU.

Leopoldo II é o senhor absoluto de toda a atividade interna e externa do Estado Independente do Congo. A organização da justiça, o exército, os

regimes industriais e comerciais são estabelecidos livremente por ele. Com mais razão do que Luís XIV, ele poderia dizer: ‘O Estado sou eu.’
Prof. F. Cattier, Universidade de Bruxelas.

Vamos repetir como tantos outros o que se tornou uma platitude, o sucesso do trabalho na África é obra de uma única vontade diretora, que não se deixa embaraçar pela hesitação de políticos timoratos, executada sob sua responsabilidade única – inteligente, ponderada, consciência dos perigos e das vantagens, descontando com grande presciência os grandes resultados de um futuro próximo. *M. Alfred Poskine, em Bilan Congolais.*

[*Atira ao chão os panfletos que estava lendo. Com os dedos, penteia excitado as longas suíças; bate na mesa com os punhos; resmunga a intervalos torrentes de palavras grosseiras, baixando a cabeça penitentemente para beijar o crucifixo de Luís XI preso ao pescoço, pedindo desculpas enquanto beija; ergue-se de repente, vermelho e suado, e caminha pela sala, gesticulando.*]

——— !! —— !! Ah, se eu pudesse agarrá-los pela garganta! [*Beija apressado o crucifixo, resmungando.*] Durante os últimos 20 anos gastei milhões para calar a imprensa dos dois hemisférios, e mesmo assim ainda ocorrem esses vazamentos. Gastei outros milhões em religião e arte, e qual a minha recompensa? Nada. Nenhum cumprimento. Todas essas generosidades são estudadamente ignoradas pela imprensa. Da imprensa só recebo calúnias e mais calúnias, e ainda mais calúnias, insultos sobre calúnias! Ainda que sejam verdadeiros, e daí? São calúnias quando lançadas contra um rei.

Depravados, estão contando *tudo!* Tudo: minha peregrinação entre lágrimas até as potências, com a boca cheia da Bíblia, a piedade vazando por todos os poros, e lhes implorei para que deixassem sob meus cuidados, como seu agente, esse vasto, rico e populoso Estado Livre do Congo, para que eu pusesse fim à escravidão e às expedições de caça aos escravos, para tirar da escuridão aqueles 25 milhões de negros gentis, trazê-los para a luz de nosso abençoado Redentor, a luz

que emana de sua palavra, a luz que torna gloriosa a nossa civilização; erguê-los e secar suas lágrimas, encher os corações machucados de alegria e gratidão; erguê-los e fazê-los compreender que já não são renegados e abandonados, são nossos irmãos em Cristo; como a América e 13 grandes Estados europeus choraram comigo de simpatia e se convenceram; como seus representantes se reuniram em convenção em Berlim e me fizeram líder e superintendente do Estado Livre do Congo, e estabeleceram cuidadosamente meus poderes e limitações, protegendo as pessoas, liberdades e propriedades dos nativos contra agressões e prejuízos; proibindo o tráfico de uísque e de armas; oferecendo tribunais de Justiça e tornando livre e desembaraçado o comércio com mercadores e comerciantes de todas as nações, dando boas-vindas a todos os missionários de todas as crenças e denominações. Contaram como eu planejei e preparei o estabelecimento e selecionei a horda de funcionários, meus “amigos do peito”, meus “cafetões”, todos eles “belgas execráveis”; e ergui minha bandeira e iludi um presidente dos Estados Unidos, e fiz que ele fosse o primeiro a reconhecê-la e saudá-la. Pois que me insultem se quiserem; é uma satisfação enorme saber que fui um pouquinho mais esperto que a nação que se considera tão esperta. Enganei de verdade um ianque, como dizem eles. Bandeira pirata? Deixe que falem, talvez seja mesmo. Mesmo assim, *foram eles os primeiros a saudá-la.*

Esses impertinentes missionários americanos! A franqueza dos cônsules ingleses! Esses belgas faladores e traiçoeiros, esses papagaios cansativos sempre a falar, sempre a denunciar. Contaram como, durante 20 anos, eu dominei o Estado congolês não como mandatário das potências, seu agente, um subordinado, um capataz, mas como soberano; soberano sobre um rico território quatro vezes maior que o Império Alemão, soberano absoluto, irresponsável, acima da lei; pisoteando a Carta do Congo escrita em Berlim; proibindo todo o comércio estrangeiro que não o meu; restringindo a mim todo o comércio por intermédio de concessionários que são minhas criaturas e sequazes; tomando e mantendo o Estado como propriedade pessoal, a totalidade de suas vastas rendas como meu butim pessoal

– meu, só meu –, reivindicando e mantendo milhões de pessoas como minha propriedade pessoal, meus servos, meus escravos; o trabalho deles é meu, assalariado ou não, o alimento que plantam não é deles, é meu; a borracha, o marfim e todas as outras riquezas da terra são meus – só meus –, arrancados e colhidos para mim por homens, mulheres e crianças à força de chicote, bala, fogo, fome, mutilação e cabresto.

Esses insetos! É como eu digo, não esconderam nada! Revelaram esses e outros detalhes sobre os quais a vergonha deveria forçá-los ao silêncio, pois eram denúncias contra um rei, personagem sagrado, imune a censuras, por direito de seleção e por ter sido indicado pelo próprio Deus para seu alto posto; um rei cujos atos não podem ser criticados sem blasfêmia, pois Deus os observa desde o começo e não manifestou contrariedade com eles, nem os desaprovou, nem os impediu, nem os embaraçou. Por esse sinal reconheço Sua aprovação do que fiz; sua aprovação alegre e cordial, posso afirmar.

Abençoado, coroadado, beatificado com essa grande recompensa, recompensa dourada, essa recompensa indizivelmente preciosa, por que eu iria me importar com as blasfêmias e os insultos que lançam contra mim? [*Com uma repentina explosão de sentimento.*] Que assem durante 1 milhão de séculos no... [*Recupera o fôlego e beija efusivamente o crucifixo; murmura tristemente: “Ainda acabo me condenando com essas indiscrições de fala.”*]

É verdade, continuam a denunciar tudo, esses tagarelas. Contam como lancei impostos incrivelmente penosos contra os nativos – impostos que são um verdadeiro assalto; impostos que eles têm de pagar colhendo borracha em condições cada vez mais duras, plantando e fornecendo alimentação grátis – e acontece que, quando não conseguem completar suas tarefas por fome, doença, desespero e trabalho incessante, exaustivo e sem descanso, abandonam suas casas e fogem para a mata para evitar o castigo, eles são caçados por meus soldados negros de tribos inimigas, instigados e dirigidos por meus belgas, que os matam e queimam suas aldeias, guardando para si algumas das meninas. Contam tudo, como estou apagando uma nação de gente

indefesa e abandonada por toda forma de assassinato, em benefício de meu próprio bolso. Mas ninguém diz, embora todos o saibam, que, ao mesmo tempo e todo o tempo, trabalhei muito pela causa da religião e mandei missionários (de uma “estirpe conveniente”, como dizem) para lhes ensinar o erro em que vivem e trazê-los para o Senhor que é todo bondade e amor, o incansável guardião e amigo de todos os que sofrem. Só contam o que me prejudica, nada a meu favor.

Contam como a Inglaterra exigiu de mim uma comissão de inquérito para investigar as atrocidades no Congo e como, para acalmar a interferência daquele país e de sua irritante Associação para a Reforma do Congo, constituída por condes, bispos e John Morelys, e lideranças universitárias e outros desocupados, mais interessados nos assuntos de outras pessoas que nos próprios, eu a nomeei. E isso os calou? Não, eles apenas disseram que minha comissão era composta apenas de meus “açougueiros do Congo”, “exatamente os homens cujos atos deveriam ser investigados”. Disseram que era o mesmo que indicar o lobo para investigar o assassinato do cordeiro. *Nada* satisfaz o maldito inglês.¹

E os denunciadores foram francos com relação ao meu caráter privado? Impossível ser mais franco, fosse eu um plebeu, um camponês, um mecânico. Eles me fazem lembrar de um mundo que desde o início de minha dinastia foi uma combinação de capela e bordel, e as duas indústrias trabalhavam em tempo integral; que eu praticava crueldades contra minha rainha e minhas filhas, que eram suplementadas com uma dose diária de vergonha e humilhações; que, quando minha

1. O resultado dessa visita foi melhor do que se esperava. Um dos membros da comissão era um importante funcionário no Congo, outro funcionário do governo belga, o terceiro um jurista suíço. Temia-se que o trabalho da comissão não fosse melhor que as incontáveis “investigações” conduzidas por funcionários locais. Mas parece que a comissão foi assaltada por uma avalanche de testemunhos horríveis. Uma pessoa presente às audiências públicas escreve: “Homens de pedra teriam se comovido com as histórias ouvidas à medida que a comissão aprofunda a horrível história da colheita da borracha”. É evidente que os membros da comissão se comoveram. De seu relatório e de sua influência sobre a questão internacional representada pelas condições existentes no Estado do Congo, fala-se numa página suplementar deste panfleto. Algumas reformas foram ordenadas pela comissão em uma das seções visitadas, mas as notícias mais recentes informam que depois de sua partida as condições logo ficaram ainda piores do que antes de sua chegada. (Mark Twain)

rainha descansava no refúgio feliz de seu caixão, e minha filha me implorou chorando para ver pela última vez o rosto da mãe, eu recusei; e que há três anos, insatisfeito com o butim roubado de toda uma nação estrangeira, eu roubei de minha filha uma propriedade e me apresentei como seu representante no tribunal, um espetáculo para o mundo civilizado, para defender o ato e completar o crime. Foi como eu já disse: são injustos; são capazes de reviver e fazer circular coisas como essas, ou qualquer coisa que me seja deletéria, ou que me prejudique, mas não mencionam nenhum ato meu que me seja favorável. Gastei mais dinheiro com arte do que qualquer outro monarca do meu tempo, e eles sabem. Mas isso eles contam? Não, não contam. Preferem transformar o que chamam de “horrríveis estatísticas” em lições insultuosas de pré-escola, destinadas a fazer tremer as pessoas sentimentais e aumentar seus preconceitos contra mim. Dizem que “se o sangue derramado de congolezes inocentes pelo rei Leopoldo fosse colocado em baldes, e esses baldes colocados em linha, essa linha se estenderia por 3.218 quilômetros; se os esqueletos desses 10 milhões de mortos de fome e violência pudessem se levantar e marchar em fila única, levariam sete meses e quatro dias passando por um ponto qualquer; se compactados em um único corpo, ocupariam um terreno maior que o coberto pela cidade de Saint Louis, inclusive a Feira Mundial; se todos batessem as mãos ossudas em unísono, o som seria ouvido a uma distância de...”. Maldição, tudo isso me cansa! E fazem milagres com o dinheiro que destilei daquele sangue e guardei no bolso. Constroem com ele pirâmides egípcias; atapetam com ele o Saara; espalham-no pelo céu e a sombra que lança escurece a terra. E as lágrimas que causei, os corações que parti, não há nada que os convença a deixá-los em paz!

[*Pausa meditativa.*] Muito bem, mesmo assim eu enganei os ianques! E como foi bom. [*Lê com sorriso zombeteiro a Ordem Presidencial de Reconhecimento de 22 de abril de 1884.*]

[...] o governo dos Estados Unidos anuncia sua simpatia e aprovação dos objetivos humanos e benevolentes de (meu esquema congolês), e

ordena a todos os seus funcionários em terra e no mar a reconhecer sua bandeira como bandeira de um governo amigo.

É até possível que os ianques queiram agora retirar esta ordem, mas hão de descobrir que meus agentes na América não estão lá à toa. Mas não há perigo; nem nações, nem governos podem se dar ao luxo de confessar tamanho erro. [*Com um sorriso satisfeito, começa a ler o “Relatório do Rev. W. M. Morrisson, missionário americano no Estado Livre do Congo”.*]

Ofereço aqui alguns dos muitos incidentes atrozes que pude observar pessoalmente; revelam um sistema *organizado* de saques e violências que foi perpetuado e agora é executado pelo rei Leopoldo da Bélgica. Digo rei Leopoldo, porque ele, e somente ele, é hoje responsável, pois ele é o *soberano absoluto*. *É o que ele se considera*. Quando, em 1884, nosso governo lançou as bases do Estado Livre do Congo, ao reconhecer sua bandeira, não sabia que sob o disfarce da filantropia estava na realidade o rei Leopoldo da Bélgica, um dos governantes mais impiedosos e sem consciência que jamais se sentaram num trono. Para não mencionar sua moral corrupta, que tornou seu nome, e o de sua família, conhecido em dois continentes. Nosso governo certamente não teria reconhecido aquela bandeira se soubesse que o pedido de tal reconhecimento partia do rei Leopoldo individualmente; se soubesse que estava estabelecendo uma *monarquia absoluta* no coração da África; se soubesse que, depois de abolir a escravidão em nosso próprio país, com grande custo em sangue e dinheiro, estava ajudando a *estabelecer uma forma mais cruel de escravidão bem no centro da África*.

[*Com alegria cruel.*] A verdade é que fui esperto demais para os ianques. Estão feridos, confusos. Confusão que não conseguem superar! E também se envergonham de outra forma, ainda mais grave; pois não podem apagar de sua história o fato censurável de que sua vaidosa República, auto-intitulada defensora e promotora das liberdades do mundo, é a única democracia na história a oferecer sua

força e sua influência para o estabelecimento de uma *monarquia absoluta!*

[*Olha com raiva para uma grande pilha de panfletos.*] Morram esses missionários intrometidos! Escrevem toneladas de coisas como essas. Estão sempre por perto, sempre espionando, sempre testemunhando o que acontece; e tudo o que vêem eles lançam no papel. Vão de um lugar para outro; os nativos os consideram seus únicos amigos; vão até eles levando suas dores, mostram as cicatrizes e feridas infligidas pela minha polícia; mostram os tocos de braço e choram as mãos cortadas por não terem colhido borracha suficiente e para comprovar aos meus funcionários que o castigo devido foi bem aplicado. Um desses missionários viu 81 mãos secando no fogo para serem entregues aos meus funcionários... e é claro que ele imediatamente escreveu e mandou imprimir. Eles viajam e espionam! E para eles nada é trivial demais para ser impresso. [*Pega um panfleto. Lê uma passagem do relatório sobre uma “Viagem feita em julho, agosto e setembro de 1903, pelo rev. A. E. Scrivener, missionário inglês”.*]

[...] Logo começamos a conversar, e sem qualquer incentivo de minha parte os nativos começaram a contar as histórias a que já nos acostumamos. Viviam tranquilos e em paz até os homens brancos chegarem do lago, com muitos pedidos para fazer isso e aquilo, e eles pensaram que aquilo significava escravidão. Então eles tentaram manter os brancos fora de sua terra, mas não conseguiram. Era impossível vencer os rifles. E assim eles se submeteram e decidiram tirar o máximo da nova condição. Primeiro veio a ordem de construir uma casa de comando para os soldados, o que foi feito sem um murmúrio. Então tiveram de alimentar os soldados e todos os homens e mulheres – agregados – que os acompanhavam. Depois lhes ordenaram que trouxessem borracha. Isso era para eles uma novidade. Havia borracha no meio da floresta, a muitos dias de caminhada da aldeia, mas que aquilo tivesse valor era para eles uma novidade. Ofereceram um pequeno pagamento, e houve uma corrida da borracha. “Como são estranhos os brancos; dão tecidos e colares em troca da seiva de um cipó selvagem”. Festejaram o que pare-

cia a eles a boa sorte. Mas logo o pagamento foi reduzido e finalmente receberam a ordem de trazer a borracha a troco de nada. Tentaram recusar, mas, para sua surpresa, foram alvejados pelos soldados, e os outros receberam ordens, em meio a muitos insultos e pancadas, de partir imediatamente ou mais gente seria morta. Aterrorizados, começaram a preparar a comida para os 15 dias de ausência da aldeia necessários para recolher a borracha. Os soldados os encontraram sentados. “O quê? Ainda não foram?” Bang! Bang! Bang! E mais um caiu, depois mais outro, mortos, no meio das mulheres e dos companheiros. Muitos choram e começam a preparar o enterro, mas não podem. Todos têm de partir imediatamente para a floresta. Sem comida? É, sem comida. E lá se vão os pobres-coitados, sem levar nem mesmo com que preparar um fogo. Muitos morreram na floresta de fome e exposição, e muitos outros de tiros dados pelos soldados ferozes encarregados do posto. Apesar dos seus esforços, diminuiu a quantidade colhida, e ainda mais gente foi morta. Mostraram-me o lugar. De acordo com uma estimativa cuidadosa, a população sete anos antes era de 2.000 pessoas na aldeia em um raio de um quarto de milha. Hoje não é possível reunir mais que 200, e hoje a tristeza é tanta que eles estão rapidamente se acabando.

Ficamos lá toda a segunda-feira e conversamos muito com as pessoas. No domingo, alguns meninos me haviam falado de alguns ossos avistados, e então, na segunda-feira, pedi a eles para me mostrarem aqueles ossos. Espalhados pelo gramado, perto da casa que eu ocupava, havia muitos crânios, ossos, até alguns esqueletos completos. Conteí 36 crânios, e vi muitos grupos de ossos a que faltavam os crânios. Chamei um dos homens e lhe perguntei o que significava aquilo. “Quando começou o negócio da borracha, os soldados mataram tantos que muitos de nós se cansaram de enterrar os mortos, além de não terem permissão para enterrar; assim, nós simplesmente arrastávamos os corpos e os abandonávamos no gramado. Há centenas à sua volta, se o senhor quiser ver.” Mas eu já havia visto mais que o suficiente, e estava nauseado pelas histórias que ouvia daqueles homens e mulheres sobre as coisas horríveis que tinham de suportar. As atrocidades dos búlgaros podem ser consideradas a própria gentileza quando comparadas ao que se faz aqui. Como

as pessoas se submetem eu não sei, e ainda hoje, ao me lembrar de sua paciência, eu me escandalizo. Fico feliz por alguns terem conseguido fugir. Fiquei lá durante dois dias e o que mais me impressionou foi a colheita da borracha. Vi longas filas de homens chegando, como em Bongo, trazendo cestas pequenas sob os braços; vi quando receberam uma lata de leite cheia de sal e dois metros de algodão atirados para o primeiro da fila; vi-os tremendo de timidez, e muita coisa que prova o estado de terror que ali impera e a virtual escravidão em que aquela gente é mantida.

É isso que eles fazem: espionam, espionam, e depois correm a publicar qualquer bobagem que tenham descoberto. E o cônsul inglês, Sr. Casement, faz a mesma coisa. Pega um *diário mantido por um de meus funcionários* e, apesar de ser um diário particular que só interessa ao dono, o Sr. Casement, com toda indelicadeza e falta de refinamento, manda publicar passagens tiradas de lá. [*Lê uma passagem do diário.*]

Cada vez que sai para receber a borracha, o cabo recebe algumas balas. Ele deve devolver todas que não tiverem sido usadas, e para cada bala usada ele deve trazer uma mão direita. M. P. me disse que às vezes eles usavam um cartucho para caçar algum animal; depois cortavam a mão de um homem vivo. Quanto à extensão dessa prática, ele me informou que em seis meses o estado do rio Mambogo havia gasto 6.000 balas, o que significa que 6.000 pessoas foram mortas ou mutiladas. Na verdade, mais de 6.000, pois muitas pessoas já me disseram que os soldados matam crianças com a coronha do fuzil.

Quando parece ao sutil conde que o silêncio será mais eficaz que as palavras, ele o emprega. Neste caso, ele deixa sem menção o fato de que mil mortes por mês é um resultado alto para uma região tão pequena quanto a concessão do rio Mambogo, informando silenciosamente as suas dimensões em um mapa anexo com a área prodigiosa do Estado do Congo, no qual um objeto pequeno como aquele rio não

é representado. O silêncio parece dizer: “Se morrem mil por mês nesse pedacinho, imagine a quantidade morta em todo este vasto Estado!”. Um cavalheiro de verdade não desceria a tamanha dissimulação.

Ora, quanto às mutilações, não se pode decapitar um desses críticos do Congo e deixá-lo sem cabeça; ele se esquivava e reaparece vindo de outra direção. São escorregadios. Quando a questão das mutilações (amputação de mãos, castração de homens etc.) começou a agitar a Europa, tivemos a idéia de justificá-las com uma resposta que haveria de forçá-los definitivamente ao silêncio, e deixá-los sem palavras; ou seja, atribuímos o costume aos nativos, e alegamos não o ter inventado, apenas o seguimos. E isso funcionou? Fê-los calar-se? Nem por cinco minutos. Eles se esquivaram e voltaram ao ataque, observando que “se um rei cristão vê diferença moral salvadora entre inventar uma barbaridade sangrenta e imitá-la dos selvagens, pelo amor de Deus, ele que se console com essa confissão!”.

É impressionante a forma como age aquele cônsul, aquele espião, aquele intrometido. [*Pega um panfleto: “Tratamento dado a mulheres e crianças no Estado do Congo; o que o Sr. Casement viu em 1903”.*] *Mal passados dois anos!* Oferecer essa data ao público foi uma enorme prova de má-fé. Visa enfraquecer a força das garantias oferecidas pelos meus agentes na imprensa de que essas amputações já haviam sido interrompidas no Congo, cessaram completamente *há muitos anos*. Esse homem gosta de detalhes, diverte-se com eles, alegra-se com eles, afaga-os, e os registra a todos. Não é preciso aborrecer-se com a leitura desse relatório monótono para percebê-lo; os subtítulos dos capítulos o demonstram. [*Lê.*]

Duzentas e quarenta pessoas, *homens, mulheres e crianças*, obrigados a fornecer uma tonelada de alimentos cuidadosamente preparados por semana, em troca de uma remuneração de 15s e 10d!

Muito bem, foi uma liberalidade. Não muito menos que um centavo por semana para cada negro. É típico desse cônsul aviltar essa troca, apesar de saber muito bem que alimento e trabalho poderiam

nada me custar. Posso provar com milhares de exemplos que isso é verdade. [Lê.]

Expedição contra aldeia que atrasou a entrega (compulsória) de suprimentos; resultado: matança de 16 pessoas, entre elas três mulheres e um menino de 5 anos. Dez foram levados presos até ser pago o resgate; entre eles uma criança, que morreu durante a marcha.

Mas ele toma todo cuidado para não explicar que somos *forçados* a exigir resgate para pagamento de dívidas nos casos em que as pessoas não têm com que pagar. Famílias que fogem para a mata às vezes vendem alguns de seus membros como escravos e assim pagam o resgate. Ele sabe que eu não permitiria essa prática se houvesse um meio menos censurável de cobrar essas dívidas. ... Mm – eis aqui mais uma das pérolas do cônsul. Aqui ele relata uma conversa que teve com alguns nativos:

P: Como vocês sabem que foram os *brancos* quem ordenaram essas crueldades contra vocês? Essas coisas podem ter sido feitas pelos soldados negros sem o conhecimento dos brancos.

R: Os homens brancos disseram aos soldados: “Vocês só matam *mulheres*; não são capazes de matar homens. Vocês precisam provar que vocês matam homens”. Então aí os soldados, quando eles nos mataram (aqui ele hesitou e então, apontando o ... , ele disse:) “então eles... e eles levaram para mostrar para os homens brancos, que disseram: “É verdade, vocês mataram *homens*.”

P: E vocês dizem que isso é verdade? Muitos de vocês foram tratados assim depois de levar um tiro?

R: Todos gritam: “*Nkoto! Nkoto!*” (Muitos! Muitos!)

Não havia dúvida de que eles não estavam inventando. A veemência, os olhos brilhantes, a excitação, nada disso podia ser simulado.

É claro que o crítico iria divulgar isso; não tem respeito próprio. Todos os da sua laia me condenam, embora saibam muito bem que

não tenho o menor prazer em punir homens dessa forma particular, e que só o fazia como um aviso para os outros delinqüentes. Castigos comuns não funcionam com selvagens; não causam a menor impressão. [*Lê mais subtítulos.*]

“Região devastada; população reduzida de 40 mil para 8 mil.”

Ele não se preocupa em dizer como tudo aconteceu. Ele é inventivo em dissimulações. Espera que seus leitores e seus reformadores congolese, da estirpe do Senhor – Aberdeen – Norbury – John – Morely – Sir – Gilbert – Parker, pensem que todos foram assassinados. Mas não foram. A grande maioria fugiu. Fugiram para a mata com as famílias por causa das expedições da borracha, e foi lá que morreram de fome. Como poderíamos evitar?

Um dos meus infelizes críticos observa:

Outros governantes cristãos tributam seus povos, mas em troca oferecem escolas, tribunais, estradas, luz, água, proteção à vida e ao corpo; o rei Leopoldo tributa a nação que roubou, mas *nada oferece em troca, além de fome, terror, sofrimento, vergonha, escravidão, mutilação e massacre.*

É o estilo deles! Eu nada forneço! Envio o Evangelho para os sobreviventes; esses traficantes de censuras o sabem, mas a admiti-lo eles prefeririam ter a língua cortada. Já pedi mil vezes aos meus soldados para oferecerem aos moribundos uma última oportunidade de beijar o crucifixo sagrado; se eles tivessem me obedecido, eu teria sido o humilde salvador de muitas almas. Nenhum de meus caluniadores teve a decência de mencionar este fato, mas deixe estar; existe Alguém que o percebeu, e este é meu conforto e meu consolo.

[*Deixa cair o relatório, pega um panfleto, corre os olhos pelo meio.*]

É aqui que aparece a “armadilha da morte”. Um missionário intrometido espionando, reverendo W. H. Sheppard. Conversa com um de meus soldados negros; convence-o com mentiras a dar alguns detalhes. O soldado conta:

“Exigi 30 escravos deste lado do rio e 30 do outro lado; dois pontos de marfim, 2.500 bolas de borracha, 13 cabras, dez galinhas e seis cachorros, um pouco de milho para fazer iscas etc.”

“E como começou a luta?”

“Mandei chamar todos os chefes, subchefes, homens e mulheres para virem certo dia, dizendo que ia terminar todos os negócios. Quando entraram por aqueles portões pequenos (os muros eram feitos de madeira trazida de outras aldeias, as dos nativos altos), exigi meu pagamento ou ia matar todos eles; e eles não quiseram pagar, e eu mandei fechar a cerca e eles não puderam fugir; então nós matamos todos aqui dentro da cerca. Uns painéis caíram e alguns conseguiram fugir.”

“Quantos você matou?”

“Matamos muitos. Quer ver alguns dos mortos?”

Era exatamente o que eu queria.

Ele disse:

“Acho que matamos entre 80 e 90, mais aqueles das outras aldeias, não sei, não fui ver, mandei meus homens.”

Ele e eu caminhamos pela planície perto da cerca. Havia três cadáveres descarnados da cintura para baixo.

“Por que estão descarnados assim, até os ossos?”

“Meus homens comeram”, respondeu sem hesitar. Depois explicou: “Homens que têm filhos pequenos não comem gente, mas os outros comem”. À esquerda havia um homem grande, com um tiro nas costas e sem cabeça (todos os corpos estavam nus).

“Onde está a cabeça deste homem?”

“Ah, eles fizeram uma tigela com a testa para misturar fumo e diamba.” Continuamos a andar e examinar até o final da tarde, e contamos 41 corpos. O resto havia sido comido pelos homens.

Ao retornar ao cercado, passamos por uma mulher jovem, com um tiro atrás da cabeça, uma mão amputada. Perguntei por quê, e Mulumba N’Cusa explicou que eles sempre cortam a mão direita para dar ao governo na volta.

“Posso ver essas mãos?”

Então ele nos levou até uma estrutura de madeira, sob a qual queimava um fogo baixo, e lá estavam elas, as mãos direitas – contei 81 no total. Não havia menos que 60 mulheres (Bena Pianga) presas. Eu as vi. Dizemos todos que investigamos até o limite de nossa capacidade toda essa violência, e descobrimos que tudo foi previamente planejado para tomar tudo o que pudessem e prender toda aquela pobre gente na “armadilha da morte”.

Como se vê, *outro* detalhe – canibalismo. Relatam casos de canibalismo com a mais ofensiva frequência. Meus caluniadores nunca se esquecem de dizer que, na medida em que sou absoluto, capaz de, com uma palavra, evitar que ocorra no Congo o que eu decidir que deve ser evitado, então tudo o que lá é feito com a minha permissão é considerado ato meu, ato *peçoal* meu; que eu sou o autor; que a mão de meu agente não é menos minha mão do que a que está presa ao meu braço e, portanto, eles me representam em trajes de Estado, a coroa na cabeça, a mastigar carne humana, dando graças, agradecendo a Ele, de quem nos chegam todas as coisas boas. Meu Deus, meu Deus, quando agarram a contribuição de algum missionário, aqueles piegas ficam completamente agitados. Falam coisas profanas e censuram o Céu por permitir que tamanho canalha continue a viver. Ou seja, eu. Acham que está errado. Tremem ao pensar que a população do Congo se reduziu de 25 milhões para 15 milhões durante os 20 anos de minha administração; então explodem e me chamam de “o rei com 10 milhões de almas na consciência”. Dizem que eu sou um “recorde”. A maioria não se contenta em me responsabilizar pelos 10 milhões. Não, calculam que, não fosse por minha causa, a população teria naturalmente crescido até 30 milhões, e portanto eles lançam mais 5 milhões à minha conta e estimam em 15 milhões o total de minha colheita mortal. Observam que o homem que matou a galinha dos ovos de ouro é o responsável pelos ovos que ela deixou de botar por não ter sido deixada em paz. É verdade! Chamam-me de “recorde”. Dizem que na Índia, duas vezes a cada geração, a Grande Fome destrói 2 milhões de uma população de 320 milhões, e o mundo todo ergue as mãos

com pena e horror; então imaginam as emoções que correriam o mundo se eu trocasse de lugar com a Grande Fome durante 20 anos! A idéia lhes incendeia a imaginação, e eles imaginam a Fome apresentando-se ao fim de 20 anos, prostrando-se aos meus pés, dizendo: “Ensina-me, Senhor, entenda que eu não passo de um mero aprendiz”. E em seguida eles imaginam a própria Morte se aproximando, com a foice e a ampulheta, implorando-me para casar com sua filha, reorganizar sua fábrica, administrar seu negócio. Em todo o mundo! A partir deste ponto, já com a consciência em fogo, eles escrevem seus livros e expandem suas obras, tomando a mim como seu texto. Percorrem todas as biografias em busca de meu igual, avaliando Átila, Torquemada, Gengis Khan, Ivan, o Terrível, e toda aquela multidão, exultando com maldade quando não o encontram. Depois examinam os terremotos, ciclones, nevascas, cataclismos e erupções vulcânicas: veredicto, nenhum deles se compara comigo. Finalmente eles o encontram (é o que imaginam) e terminam a busca admitindo, relutantemente, que há na história um desastre comparável, apenas um: o *Dilúvio*. É um despropósito.

Mas é o que eles são, sempre que pensam em mim. São incapazes de se calar ao ouvir meu nome, assim como um copo de vidro não consegue ocultar seus sentimentos quando tem as entranhas cheias de sal de frutas. As coisas bizarras que imaginam quando me tomam como inspiração! Um inglês se propõe a me pagar três por um, apostando o que eu quiser até o limite de 20 mil guinéus, que durante 2 milhões de anos eu hei de ser o estrangeiro mais conspícuo no inferno. O homem está tão enlouquecido que não percebe como a idéia é idiota. Idiota e sem sentido, pois não haverá ganhador; perderíamos os dois, pois se perderia o interesse no jogo; a juros compostos de 4% ou 5%, daria um total de... Nem sei a quanto chegaria, mas decorrido o prazo, e se tivesse de pagar a dívida, seria possível comprar o próprio inferno com o acumulado.

Outro louco propõe construir, com os 15 milhões de esqueletos e crânios, um memorial para a perpetuação de meu nome, e se enche de entusiasmo vingativo pelo seu estranho projeto. Já tem tudo calculado

e desenhado em escala. Usando os crânios ele quer construir para mim um monumento e mausoléu que será uma cópia exata da pirâmide de Quéops, cuja base mede mais de cinco hectares, e cujo topo chega a 135 metros acima do solo. Quer me empalhar e prender lá no alto, de arminho e coroa, com a minha bandeira pirata numa das mãos e uma faca de açougueiro na outra, da qual penderiam algemas. Quer construir a pirâmide no centro de um espaço deserto, uma solidão taciturna coberta de mato e de ruínas de aldeias incendiadas, onde os espíritos de mortos famintos e assassinados não de se manifestar eternamente no uivo lamentoso do vento. Irradiando da pirâmide, como os raios de uma roda, haverá 40 grandes avenidas, cada uma com 56 quilômetros, cada uma cercada dos dois lados por cercas feitas de esqueletos sem cabeça, espaçados de cerca de um metro, unidos por correntes que ligam pulso a pulso, presos a algemas que trazem estampadas a minha marca particular, um crucifixo e uma faca de açougueiro cruzadas, e o meu lema: “Neste sinal prosperamos”; cada uma das cercas consistirá em 200 mil esqueletos de cada lado, ou seja, 400 mil em cada avenida. Ele observa com satisfação que haverá entre 6.000 e 8.000 quilômetros de esqueletos – 15 milhões no total – que se estenderão através da América, de Nova York até São Francisco. Observa ainda, no tom feliz de uma ferrovia que projeta a expansão de sua rede, que minha produção chega a 500 mil cadáveres por ano, operando em três turnos, e que portanto, caso eu ainda viva por mais dez anos, haverá crânios suficientes para adicionar mais 50 metros à pirâmide, tornando-a a mais alta construção arquitetônica da terra, além de esqueletos suficientes para expandir a fila transcontinental mais 1.600 quilômetros Pacífico adentro. O custo de reunir o material que jaz em meus “inúmeros cemitérios particulares que se espalham por uma área enorme” e de transportá-lo, de construir o monumento e as avenidas irradiantes já foi calculado, chegando a milhões de guinéus, e então... Ora, então esse idiota pede que eu *ofereça o dinheiro!* [*Aplicação repentina e efusiva ao crucifixo.*] Ele me lembra que a minha renda no Congo monta a milhões de guinéus anuais, e que *apenas* 5 milhões de guinéus seriam gastos na empresa. Todo dia alguém tenta assaltar a

minha bolsa; eles não me afetam, não me causam a menor preocupação. Mas *esse*... esse me perturba, me deixa nervoso; pois não se sabe o que uma criatura dessas pode imaginar em seguida. *Se ele pensar em Carnegie*... Tenho de tirar isso da cabeça! Isso estraga os meus dias, agita o meu sono. Mas dessa direção só me pode vir a loucura. [*Depois de uma pausa.*] Não há alternativa – tenho de comprar Carnegie.

UM ERRO ORIGINAL

(1905)

Neste trecho Twain utiliza um recurso que lhe é particularmente caro em termos do efeito crítico resultante: a citação supostamente “em bruto” do discurso direto do dominador imperialista, fazendo transparecer claramente o processo violento de dominação que esse discurso implica e todo o arbítrio dos raciocínios que pretendem justificá-lo. O argumento citado é de um cinismo desconcertante, e a referência à aposta no final, remetendo ironicamente a um debate no Parlamento belga, evidencia de forma eficaz o paradoxo de se fazer uso de um fórum de representação inspirado nos princípios das liberdades democráticas para se postular a idéia de uma forma ilegítima e brutal de exercício do poder.

“Esta obra civilizadora é uma matança enorme e contínua.” “Todos os fatos tornados públicos nesta Câmara foram inicialmente negados com toda energia, mas depois, pouco a pouco, foram sendo comprovados por documentos e por textos oficiais.” “Afirmou-se que a prática de amputar as mãos estava em desacordo com as instruções; mas os senhores se limitam a alegar a necessidade de indulgência e dizer que esse mau hábito deve ser corrigido ‘pouco a pouco’, e afirmam, ademais, que se cortam apenas as mãos de inimigos *mortos*, e que a amputação de mãos de ‘inimigos’ que ainda não estão completamente mortos e que, uma vez recuperados, têm a péssima idéia de ir até os missionários para mostrar os cotos de braço se deve ao ‘erro original de pensar que eles estavam mortos.’” *Do debate no Parlamento Belga, julho de 1903.*

SUPLEMENTO

A partir da primeira edição deste panfleto, iniciou-se novo capítulo da história do Congo. A comissão do rei admite a correção do que se delineou nas páginas anteriores. Afirma a prevalência de abusos assustadores sob o governo do rei, que reteve o relatório durante oito meses. Mas os membros da comissão ficaram comovidos demais pelos horrores a que foram expostos durante a visita ao Estado do Congo, e os testemunhos que lhes foram apresentados chegaram finalmente ao conhecimento do mundo por outras vias. O resumo do relatório que foi oferecido por Bruxelas à imprensa europeia e americana foi cuidadosamente editado e o relatório em si tenta ao máximo dourar a pílula da responsabilidade do rei por tamanha vergonha, mas a história contada no documento autêntico é essencialmente tão terrível quanto os depoimentos dados na fala direta dos missionários. Portanto, os fatos são claros, indiscutíveis e indiscutidos. Desfaz-se assim a longa trilha de negações caluniosas dos testemunhos dos missionários que mostrava um quadro róseo das condições sob o governo do rei, e que chegou a enganar os mal-informados, e Leopoldo é abandonado sozinho no palco, como um esqueleto que se recusa a permanecer oculto no armário do Congo.

O relatório tem uma omissão: não denuncia nem julga o sistema que gerou o horror de todas essas iniquidades – a reivindicação de propriedade pessoal do rei dos 2 milhões de quilômetros quadrados de território com todos os produtos e o emprego de hordas selvagens encarregadas de tornar efetiva tal reivindicação. A comissão entende que o julgamento dessa política está além do mandato recebido. Ao se declararem impedidos de chegar às raízes dessa enormidade, os membros da comissão propõem as reformas superficiais que lhes ocorrem. E o rei se apressa a aceitar essa sugestão e convoca para assisti-lo no trabalho de implantação dessas reformas uma nova comissão. Do grupo de 14 pessoas, todas, à exceção de duas, estão comprometidas com uma história anterior de defesa e manutenção da política do rei no Congo.

E assim termina a investigação do rei por ele mesmo; é certo que não foi tão auspiciosa quanto ele havia antecipado, mas tão ineficaz quanto se havia previsto. Atingiu-se um novo estágio. O próximo deverá ser a ação das potências responsáveis pela existência do Estado do Congo. Os Estados Unidos são uma delas. Tal atitude vem sendo advogada em petições assinadas por John Wanamaker, Lyman Abbot, Henry van Dyke, David Starr Jordan e muitos outros importantes cidadãos. Se a irmandade das nações civilizadas esperava a ocasião justa de ir a Haia ou outro lugar conveniente de reunião, a hora dessa assembléia acaba de soar.

ALGUMAS COISAS INFORMADAS NO RELATÓRIO DA COMISSÃO DO REI

“Além das plantações, insuficientes para alimentar os próprios nativos e para atender às necessidades das estações, todos os frutos do solo são considerados propriedade do Estado ou das sociedades concessionárias... Já se admitiu que até mesmo em terra ocupada por eles os nativos só podem dispor dos produtos do solo até o limite do que produziam antes da constituição do Estado.”

“Todo funcionário responsável por estação, ou agente responsável por fábrica, cobrava dos nativos, sem explicar em que bases, os mais diversos impostos em trabalho ou em espécie, seja para satisfazer suas próprias necessidades e as da estação, seja para explorar as riquezas do *Domaine*... Os próprios agentes regulamentavam tais impostos e providenciavam a sua cobrança, e tinham interesse direto no aumento da arrecadação, pois recebiam um bônus proporcional à quantidade coletada.”

“Missionários, tanto católicos como protestantes, a quem ouvimos em Leopoldville, foram unânimes em enfatizar a miséria generalizada existente na região. Um deles afirmou que ‘se continuar por mais cinco anos, este sistema que obriga os nativos a alimentar 3 mil trabalhadores em Leopoldville há de destruir toda a população do distrito.’”

“Oficiais de justiça nos informaram das conseqüências lamentáveis do sistema de transporte por carregadores: exaure os infelizes submetidos a ele e os ameaça de destruição parcial.”

“Na maior parte dos casos os nativos têm de caminhar um ou dois dias a cada quinzena até chegar ao lugar da floresta onde se encontram as árvores de borracha com certo grau de abundância. Ali o seringueiro passa alguns dias numa existência miserável. Ele é forçado a construir para si mesmo um abrigo improvisado, que, obviamente, não substitui sua cabana. Não tem a comida a que está acostumado. Fica privado da companhia da mulher, exposto à inclemência do tempo e ao ataque de feras selvagens. Terminada a colheita da borracha, ele deve levá-la até a sede da estação do Estado ou à da companhia, e só depois ele volta à sua aldeia, onde mal descansa durante dois ou três dias, pois logo vem uma nova cobrança.”

“Não se chegou a negar que em vários postos da A. B. I. R.² que visitamos a prisão de mulheres reféns, a sujeição dos chefes a trabalho servil, as humilhações impostas a eles, o açoitamento de coletores de borracha, a brutalidade dos empregados negros encarregados dos prisioneiros eram a regra geralmente seguida.”

“De acordo com testemunhas, esses auxiliares, principalmente os que ficam estacionados nas aldeias, se transformam em déspotas, exigindo mulheres e comida; matam sem piedade todos aque-

2. Uma vez estabelecido o Estado Livre do Congo, um decreto real determinou que os 347.640 quilômetros quadrados de seu território, com exceção de uma pequena porção de terra próxima à foz do Congo e as aldeias nativas, seriam propriedade do governo, ou seja, do rei da Bélgica. Assim como a terra, também os seus produtos passaram a ser considerados propriedade real. Na maior parte do Congo o direito exclusivo de compra dos produtos locais era conferido a algumas companhias concessionárias das quais o Estado, ou seja, o rei, detinha uma parte (geralmente a metade) em ações. Inúmeras companhias concessionárias foram fundadas nesse período. O governo, que havia se comprometido a não estabelecer monopólio ou privilégio de qualquer espécie em assuntos comerciais, passou a declarar que apenas os agentes das companhias concessionárias estavam autorizados a comprar o que quer que fosse dos nativos (borracha, marfim ou quaisquer outros produtos), sendo aquele que comprasse diretamente dos nativos considerado um receptor de mercadorias roubadas. Também os nativos foram terminantemente proibidos de vender sua produção a quem pagasse mais, ficando obrigados a trazer quantidades especificadas aos agentes do Estado ou das companhias. A produção local, particularmente a de borracha, era cada vez maior. As exportações do Estado do Congo tornaram-se imensas, e as companhias concessionárias prosperaram extraordinariamente. A A.B.I.R. foi uma dessas concessionárias, e sua história de lucros astronômicos ilustra muito bem o processo de exploração e de lucro aí

les que tentam resistir aos seus caprichos. A veracidade dessas acusações é comprovada por grande massa de evidências e relatórios oficiais.”

“As conseqüências são geralmente fatais. E que ninguém se assuste. Se durante a execução de uma dessas delicadas operações, cujo objetivo é a tomada de reféns e a intimidação dos nativos, não for possível exercer vigilância constante dos instintos sanguinários dos soldados quando a autoridade superior dá ordens de punição, é difícil evitar que a expedição se degenere em massacres, acompanhados de pilhagens e incêndios.”

OS ESTADOS UNIDOS E O ESTADO DO CONGO

A Associação Internacional do Congo foi reconhecida pelos Estados Unidos no dia 22 de abril de 1884. Nove meses depois, foi obtido o reconhecimento da Alemanha e, mais tarde, em seqüência, das outras potências européias. Houve duas conferências internacionais em que as potências se constituíram em guardiãs do povo do território congolês, comprometendo-se a Associação a observar os princípios de administração adotados. Nas duas conferências, os Estados Unidos tiveram participação proeminente. O presidente dos Estados Unidos não submeteu a Ata de Berlim ao Senado para ser ratificada, por considerar que sua adoção envolveria responsabilidade pelo apoio a reivindicações territoriais das potências rivais sobre a região do Congo. A Ata de Bruxelas, em que se introduziu uma cláusula de salvaguarda quanto a essa questão, foi formalmente ratificada pelos Estados Unidos. Se não temos a obrigação de estender a mão a esse povo agonizante é o que há de julgar o leitor inteligente.

atingido: com um capital nominal de 40 mil libras por época da fundação, obteve em quatro anos um lucro de 600 mil libras, e em 1901, quando a especulação atingiu o ápice, as suas 40 mil libras iniciais em ações podiam ser vendidas por 2,16 milhões. A A.B.I.R. foi apenas uma entre as diversas concessionárias semelhantes que obtiveram resultados na mesma faixa de lucros. (Fonte: Indictment against the Congo Government – the Case Reviewed.) http://www.boondocksnet.com/congo/congo_cra_indict.html

“Stanley não viu fortaleza nem bandeira de qualquer civilização, com exceção da americana, que ele próprio levava ao longo do curso arterial d’água. [...] O primeiro pedido de reconhecimento e apoio moral foi com toda justiça apresentado ao governo cuja bandeira foi a primeira levada até a região.” – Sr. Kasson em *North American Review*, 1886.

“Ao ser a primeira potência a reconhecer a bandeira da Associação Internacional do Congo como a bandeira de um Estado amigo, este governo atestou desde o início o maior interesse no bem-estar e futuro progresso da vasta região agora colocada sob os sábios cuidados de Vossa Majestade.” – Presidente Cleveland ao rei Leopoldo, 11 de setembro de 1885.

“O reconhecimento dos Estados Unidos representou uma nova vida para a Associação, cuja existência se via seriamente ameaçada por interesses e ambições contrárias.” – Sr. Stanley em *The Congo*, v. I, p. 383.

“Ele (o presidente dos Estados Unidos) deseja ver na delimitação da região a ser submetida a esse governo beneficente (da Associação Internacional do Congo) a máxima expansão coerente com os justos direitos territoriais dos outros governos.” – Discurso do Sr. Kasson, representante dos Estados Unidos na Conferência de Berlim, 1884.

“Tão clara foi a aceitação pela Conferência de Berlim das opiniões apresentadas pelos Estados Unidos que Herr von Bunsen, ao repassar os atos da Conferência, atribuiu aos Estados Unidos o primeiro lugar, abaixo do da Alemanha, em influência na Conferência.” – Sr. Kasson em *North American Review*, fevereiro de 1886.

“Ao enviar um representante a esta assembléia, o governo dos Estados Unidos desejou demonstrar seu maior interesse e profunda simpatia pela grande obra de filantropia que a Conferência pretende realizar. Nosso país, mais que todos os outros, tem imenso interesse no trabalho desta assembléia.” – Sr. Terrell, representante dos Estados Unidos na Conferência de Bruxelas, Primeira Sessão, 19 de novembro de 1889.

“O Sr. Terrell informa ter sido autorizado por seu governo a assinar a Ata Geral aprovada pela Conferência.”

“O presidente diz que a comunicação do ministro dos Estados Unidos será recebida pela Conferência com extrema satisfação.” – *Atas da Conferência de Bruxelas*, 28 de junho de 1890.

“Afirmando, como o fizeram em Berlim, estar falando em Nome de Deus Todo-Poderoso, os signatários (em Bruxelas) se declararam igualmente animados pela firme intenção de pôr fim aos crimes e devastações engendrados pelo tráfico de escravos africanos, de efetivamente proteger as populações aborígenes e assegurar os benefícios da paz e da civilização.” – *Civilização na Terra do Congo*, H. R. Fox Bourne.

“O presidente continua a esperar que o governo dos Estados Unidos, que foi o primeiro a reconhecer o Estado Livre do Congo, não venha a ser um dos últimos a lhe oferecer toda a assistência de que ele vier a necessitar.” – Observações do presidente belga da Conferência de Bruxelas, sessão de 14 de maio de 1890.

O REI LEOPOLDO DEVERIA SER ENFORCADO?³

ENTREVISTA DO REVERENDO JOHN H. HARRIS, DE BARINGA, NO ESTADO DO CONGO, AO SR. W. T. STEAD NA *ENGLISH REVIEW OF REVIEWS* DE SETEMBRO DE 1905

Pela sugestão de certa forma assustadora do título de sua entrevista, o missionário entrevistado não tem nenhuma responsabilidade. O crédito, ou se preferir, descrédito, por ela pertence inteiramente ao editor da *Review*, que, sem dogmatismo, deseja propor a questão para uma séria discussão. Desde que se cortou a cabeça de Carlos I diante de Whitehall, há quase 250 anos, a santidade que paira sobre um rei tem merecido pouco respeito por parte dos puritanos e seus descendentes. Portanto, nada há de chocante ou ultrajante na discussão da questão de os atos de qualquer soberano justificarem ou não a convocação dos serviços do carrasco público. Evidentemente, não cabe ao jornalista pronunciar julgamento, mas nenhuma função do escritor

3. Este artigo foi publicado quando o anterior estava sendo impresso, e é oferecido ao rei e aos leitores de seu solilóquio. (Mark Twain) [Escrito no verão de 1898.]

público é tão imperativa quanto a de chamar a atenção para os grandes crimes, e nenhum dever mais imperioso que o de insistir em que a posição ou classe não permita a proteção do verdadeiro criminoso contra a justiça uma vez que tenha sido descoberto.

A controvérsia entre a Associação para a Reforma do Congo chegou agora a um ponto em que se torna necessário dar mais um passo em direção à reparação desses crimes inomináveis e à punição desses criminosos não menos inomináveis. O reverendo J. H. Harris, missionário inglês, passou os últimos sete anos naquela região da África Central – o Alto Congo –, transferido pelo rei Leopoldo a um de seus grupos vampiros de sócios financeiros (conhecido como a Sociedade A.B.I.R.) em troca de uma participação na metade dos lucros arrancados do sangue e da miséria dos nativos. Acaba de voltar à Inglaterra, e no mês passado fez uma visita a Mowbray House para me contar as últimas notícias do Congo. O Sr. Harris é um jovem que vive num perigoso estado de fúria vulcânica, o que não é de espantar. Depois de viver sete anos face a face com as devastações do Estado vampiro, é impossível negar que sua raiva é justificada. Como sucede aos que emergiram das profundezas, quando começou a detalhar as histórias horríveis de assassinato, violência e tortura contra mulheres, a mutilação de crianças e toda a categoria infernal de horrores, oferecida contra o pano de fundo de canibalismo, às vezes voluntário, outras vezes, por incrível que pareça, imposto pelas ordens de funcionários, eu o interrompi, e disse:

“Meu caro Sr. Harris, assim como nos despachos orientais o tradutor do Ministério da Índia abrevia a primeira página da carta em duas letras, ‘depois dos cumprimentos’, ou ‘d.c.’, vamos abreviar nossa conversa com um ‘depois das atrocidades’, ou ‘d.a.’. Elas são tão invariáveis e monótonas, como outro dia bem observou Sir Percy no Parlamento, que é desnecessário insistir nelas. Já não existe nenhuma dúvida na mente de qualquer pessoa razoável quanto ao que se passa hoje no Congo. É a exploração econômica da metade de um continente perpetrada pelo uso da força armada por funcionários cuja existência tem por objetivo único extorquir a máxima quantidade de borra-

cha no menor período de tempo, para poder pagar o maior dividendo possível aos acionistas das concessionárias”.

“Bem”, disse relutante o Sr. Harris, pois está acostumado a falar com pessoas que precisam ouvir toda a história, de A a Z, “o que o senhor quer saber?”.

“Quero saber se o senhor considera que já é tempo de trazer o rei Leopoldo perante um tribunal internacional para responder pelos crimes perpetrados sob suas ordens e no seu interesse no Estado do Congo.”

O Sr. Harris fez uma pausa, e depois disse: “Isso vai depender da reação do rei ao relatório da comissão, que está agora em suas mãos”.

“O relatório já foi publicado?”

“Não, e não se sabe se será publicado. Para surpresa nossa, a comissão, que todos esperavam que fosse uma cortina de fumaça cuja indicação visava jogar areia nos olhos do público, foi composta de pessoas muito respeitadas que ouviram imparcialmente os testemunhos, não recusaram nenhum testemunho *bona fide* oferecido por pessoas confiáveis e ficaram assombradas com a montanha de horrores que lhes foi apresentada, e chegará a conclusões que tornarão necessária uma revolução completa na administração do Congo.”

“O senhor tem certeza, Sr. Harris?”

“Tenho, toda a certeza. A comissão nos impressionou muito favoravelmente a todos no Congo. Alguns de seus membros nos pareceram exemplos admiráveis de estadistas independentes e dotados de espírito público. Perceberam que estavam agindo na qualidade de juízes; sabiam que os olhos da Europa estavam fixos neles, e, em vez de transformar seu inquérito numa farsa, fizeram dele uma realidade, e suas conclusões deverão, com toda certeza, ser tão prejudiciais ao Estado, que se o rei Leopoldo se recusar a agir e permitir que tudo continue como antes qualquer tribunal internacional dotado dos poderes de um tribunal criminal poderia, com base apenas nas provas levantadas pela comissão, mandar os responsáveis para a forca.”

“Infelizmente, o Tribunal de Haia não está armado com os poderes de um tribunal internacional, nem tem competência para mandar criminosos, coroados ou não, para o banco dos réus. Mas o senhor

não acha que a evolução da sociedade exige a constituição de um tribunal criminal como esse?”

“Seria uma grande conveniência hoje; também não haveria necessidade de apresentar qualquer evidência além das que estão no relatório da comissão para justificar o enforcamento de quem for responsável pela existência e continuidade desses crimes abomináveis.”

“Alguém já viu o texto do relatório?”

“Desde que a comissão voltou a Bruxelas em março, parte do conteúdo do relatório ainda é secreta. Grande parte das evidências foi publicada pela Associação para a Reforma do Congo. No Congo, os membros da comissão admitiram duas coisas: primeira, que havia evidência esmagadora da existência dos crimes até então negados; segunda, que haviam inocentado o caráter dos missionários. Descobriram, como qualquer um que vá àquele país, que são os missionários, e somente os missionários, que constituem o elemento europeu permanente. Os funcionários do Estado do Congo ignoram a língua, desconhecem o país, e não vêem outro sentido para seus deveres que não o de apoiar as empresas concessionárias na extorsão da borracha. É como se fossem cegos, surdos e mudos, e muito felizes com esta condição. Em dois ou três anos eles desaparecem, dando lugar a outros migrantes tão ignorantes quanto eles, ao passo que os missionários ficam ali, ano após ano; são eles que têm contato pessoal com a população, que falam a sua língua, que respeitam seus costumes, e que dão o máximo de seu esforço para defendê-la.”

“Mas, Sr. Harris, não é verdade que havia um certo Sr. Grenfell, missionário batista, que foi ao longo de todos esses anos um defensor convicto do Estado do Congo?”

“É verdade, e é uma pena que tenha sido verdade, mas já não é verdade. Os olhos do Sr. Grenfell se abriram para a verdade e ele agora já tomou seu lugar entre os que foram convencidos. Ele perdeu a capacidade de resistir à evidência esmagadora apresentada contra a administração do Congo.”⁴

4. A missão do Sr. Grenfell está situada no Baixo Congo, muito distante das áreas de extração de borracha. (Mark Twain)

“Os funcionários do Estado tiveram acesso prévio à natureza do relatório da comissão, antes de ela deixar o Congo?”

“Os mais graduados, sim”, respondeu o Sr. Harris.

“E qual foi o resultado?”

“No caso do oficial mais graduado do Congo, o correspondente no Congo a Lord Curzon na Índia, logo após tomar conhecimento das conclusões da comissão, a assustadora significância daquelas acusações o convenceu de que o jogo havia chegado ao fim, ele foi para seus aposentos e rasgou a garganta. O que me impressionou, na volta à Europa, foi a pouca importância dada ao seu suicídio. Um parágrafo no jornal anunciou a morte de um funcionário do Congo. Ninguém que tenha lido aquele parágrafo fez idéia de que aquele suicídio teve a mesma significância para o Congo que o suicídio de Lord Milner imediatamente após o recebimento das conclusões de uma comissão real encarregada de investigar sua administração da África do Sul.”

“Se isso é verdade, Sr. Harris, se o governador-geral prefere cortar a garganta a enfrentar as conseqüências e a desgraça da exposição, eu quase começo a ter esperanças de ver o rei Leopoldo diante do tribunal em Haia.”

“Quanto a isso, meu comentário é citar o que disse a Sra. Sheldon na minha e na presença dos senhores Bond, Ellery, Ruskin, Walbaum e Whiteside no último dia 19 de maio, ao responder à pergunta que lhe fizemos: ‘Por que o rei Leopoldo teria medo de submeter sua causa ao Tribunal de Haia?’ Ela respondeu: ‘Homem algum vai à força e põe o nó no próprio pescoço, se for possível evitá-lo.’”

TWAIN CHAMA LEOPOLDO DE ASSASSINO DE 15 MILHÕES

(29 de novembro de 1905)

Este texto é um fragmento de uma entrevista “ditada” por Mark Twain a um repórter do New York World e publicada em 29 de novembro de 1905. Twain encontrava-se vivamente interessado pela guerra do Congo e concordou em trabalhar para a Associação para a Reforma do Congo. O “Solilóquio do rei Leopoldo” foi publicado na mesma época. Pouco antes da publicação, Twain fez uma viagem de quatro dias a Wahington D.C. para fazer lobby em nome da Associação, tendo chegado a almoçar com o presidente Theodore Roosevelt para discutir a situação daquele país.

Meu interesse pelo Congo e pela ligação do rei da Bélgica com aquele Estado deve-se somente ao fato de ser eu cidadão dos Estados Unidos e, tal como qualquer outro cidadão americano, ter prometido superintender a atuação daquele rei como líder e superintendente daquela propriedade. Treze nações cristãs fizeram promessas semelhantes. As 13 são responsáveis pela boa conduta daquele rei, por sua conduta humana; prometemos todos acompanhar o bom cumprimento de seus deveres no Estado do Congo ou, caso contrário, chamá-lo à responsabilidade.

Pelo acordo de 1884 em Berlim, as potências cristãs colocaram o bem-estar do Estado do Congo nas mãos da Associação Internacional, a quem foram atribuídas duas importantes responsabilidades. A Associação deveria proteger os nativos de todo mal e promover de várias formas o seu bem-estar; ela também ficou responsável por garantir que as 13 potências cristãs tivessem liberdade de comércio no Estado do Congo.

O rei dos belgas assumiu totalmente a propriedade; age como soberano absoluto. Desobedeceu a todas as restrições que lhe foram impostas em Berlim em 1884 e pela Conferência de Bruxelas de 1890. Dessa forma, ao assumir esse vasto Estado, duas vezes maior que o Império Alemão, muito rico e populoso antes que ele começasse a devastação, os roubos e massacres de nativos, ele atraiu para si as responsabilidades atribuídas à Associação Internacional. Pelos termos das duas convenções, não é privilégio das potências cristãs chamá-lo à responsabilidade, é sua obrigação, uma obrigação que assumiram solenemente e que estão negligenciando.

Pode-se considerar que a responsabilidade dos Estados Unidos é anterior, porque fomos a primeira nação a reconhecer a bandeira do Estado do Congo, o que foi feito por ordem presidencial em 1884. Cumprimos o papel de parteira do Estado do Congo e o trouxemos para o mundo.

Mas não somos mais responsáveis que nenhuma das outras potências. Deveria haver uma ação concertada entre elas. Este concerto há de ocorrer no devido tempo; já existe um movimento do outro lado do mar que está fazendo progressos, particularmente na Inglaterra, cujo governo se interessa cada vez mais pelo assunto, e onde o povo está fortemente inflamado e dá voz aos seus sentimentos ultrajados.

Espera-se que logo a Inglaterra venha a convidar as outras potências a se unirem a ela na exigência de uma investigação profunda da atuação de Leopoldo, investigação a ser conduzida por uma comissão não indicada por ele como a última, mas por elas próprias. Nossa participação nesse ato de honra é essencial, e não é provável que nos furtemos a ela.

A comissão indicada por Leopoldo concluiu sua tarefa e terminou o relatório meses atrás. Foi um documento fraco, mas não o tipo de documento que o rei esperava mostrar às nações civilizadas. Ele o reteve durante vários meses e somente agora, com toda relutância, tornou-o público.

Há uma questão relativa a esse relatório que teve grande significância à época. Estou falando do suicídio do principal funcio-

nário no Congo, um governador-geral ou coisa parecida. Aquele homem representou o rei durante muitos anos; o tratamento que deu aos nativos foi impiedoso; ele os coagia pelo fogo e pela espada; roubou e queimou por todo lado; era odiado, não pelos nativos, mas pelos brancos. Leu o relatório original da comissão ainda no Congo, antes que Leopoldo tivesse oportunidade de corrigi-lo.

Mais tarde, naquela mesma noite, dois homens, um dos quais um inglês de alta posição e caráter, ocupavam um aposento contíguo ao do governador. Ouviram um ruído estranho e um disse ao outro: “Alguns coisa está acontecendo naquele quarto”.

Entraram no quarto e encontraram o governador-geral agonizando com a garganta cortada. O ruído que ouviram viera do jorro de sangue no chão. Seu último ato foi escrever uma nota impressionante. Não posso citá-la literalmente, mas continha essencialmente o seguinte: “Não posso negar aquele relatório, posso apenas declarar com toda sinceridade que tudo que fiz foi ordenado pelo próprio rei”.

A nota foi trazida e está agora sob a posse do inglês. Esses fatos me foram informados por um missionário americano que estava no local à época e que garante sua autenticidade.

O rei não corrigiu as condições no Congo depois de ter corrigido e publicado o relatório. As atrocidades continuam como antes, e o mundo deve esperar que continuem até que as potências cristãs exerçam o direito que se reservaram em Berlim e Bruxelas de pôr um fim a elas.

O panfleto que publiquei há dias contém uma pequena parte de 20 anos de provas acumuladas contra o rei Leopoldo, provas que têm autoridade indiscutível. Foram apresentadas por funcionários ingleses e belgas e por missionários americanos de caráter irrepreensível. Pretendo levar o panfleto às mãos de todo clérigo americano, e isso será feito. Temos 80 milhões de pessoas que hão de reclamar, reclamar em alto e bom som quando descobrirem as infâmias que estão sendo perpetradas no Congo, que nossa nação tem interesse pessoal na questão e tem compromisso escrito de lhe dar solução.

RAÇA, GÊNERO
E RELIGIÃO

SÓ UM NEGRO

(26 de agosto de 1869)

Na época em que escreveu este pequeno ensaio satírico, em 1869, Mark Twain era co-proprietário e editor do Buffalo Express, em que veio a publicá-lo sem assinatura. A autoria foi atribuída a Twain por Philip S. Foner, autor de Mark Twain: Social Critic (Nova York, International Publishers, 1958). Posteriormente o texto veio a ser incluído em Mark Twain at the “Buffalo Express”, editado por Joseph B. McCullough e Janice McIntire-Strasbourg (Dekalb, Northern Illinois University Press, 1999).

O texto encontra-se entre os primeiros escritos nos quais Twain manifesta-se contra os linchamentos, assunto que ele viria a abordar também em sua produção literária, como fez em Aventuras de Huckleberry Finn, de 1885, e em “Os Estados Unidos do Linchamento”, de 1901 (ver p. 84).

Utilizando deliberadamente a palavra “negro”, que possui, em inglês, violenta carga discriminatória, Twain procura, por meio do uso satírico do termo, denunciar o racismo de forma assemelhada à que emprega no capítulo 32 de Huckleberry Finn. Quando tia Sally pergunta se alguém havia se ferido num acidente com um barco a vapor, Huck responde com a naturalidade de alguém criado numa comunidade escravista: “Não, senhora. Morreu um negro”.

A colocação da palavra entre aspas no texto aqui apresentado indica o realce de crítica e estranhamento que Twain deseja conferir-lhe, em um escrito marcado pela contundência da ironia e do sarcasmo, que são, juntamente com a paródia e a alegoria política, as armas mais eficientes de denúncia empregadas por Twain.

Buffalo Express (26 de agosto de 1869)

Um telegrama de Memphis menciona que, de dois negros recentemente condenados à morte na região, um deles, chamado Woods, acaba de confessar ter violentado uma jovem durante a guerra, crime pelo qual outro negro foi enforcado à época pela multidão vingativa, sendo a evidência que condenou o infeliz inocente o seu chapéu, que Woods agora informa ter roubado e deixado no local para desviar atenções. Ah, bom! É uma pena, é claro! Um pequeno erro cometido na administração da justiça pela lei da turba sulista, mas nada de importante. Só um “negro” morto por engano, nada mais. É claro que todo cavalheiro aristocrata, cujos esforços foram lamentavelmente mal orientados nessa questão pela astúcia do depravado Woods, lamenta o fato como se espera que um cavalheiro aristocrata lamente a triste sorte de um “negro”. Mas erros acontecem, mesmo na conduta das multidões mais bem reguladas e aristocráticas, e não existe razão por que um cavalheiro sulista deva se angustiar com lamentos inúteis, pois trata-se apenas de, vez por outra, um “negro” inocente ser enforcado, ou queimado, ou açoitado até a morte. Suponhamos que o erro de linchar o homem errado aconteça uma vez em quatro ou cinco casos! E isso é razão para se argumentar contra o refinamento e a gratificação dessas paixões cavalheirescas e contra o nobre espírito do Sul que não suporta a formalidade fria do direito regular, quando a feminilidade sulista ultrajada clama por vingança? Morra pensamento tão indigno da alma sulista! Que ele fique restrito ao sentimentalismo e ao humanitarismo da fria civilização ianque! O que representam as vidas de alguns “negros” comparadas à preservação dos instintos impetuosos de uma raça orgulhosa e inflamada? Guardem portanto a corda, ó cavalheiros de Memphis! Guardem pronto o laço; guardem a lenha da fogueira para uso no próximo “negro” suspeito de crime condenável! Imponham a ele uma vingança rápida, para satisfação dos nobres impulsos que animam corações cavalheirescos, deixando a cargo do tempo e do acaso descobrir, se for possível, se ele era culpado ou não.

O NOBRE PELE-VERMELHA

Twain foi um crítico acerbo das obras de Fenimore Cooper, às quais não perdoava, entre outras coisas, as características de artificialismo e de idealização no tratamento do nativo norte-americano. Este texto apresenta de forma crua e sem meias-tintas seu pensamento a respeito dos chamados peles-vermelhas, tornando flagrante sua dificuldade em lidar com parâmetros culturais diversos dos inerentes à cultura branca ocidental.

Inúmeros outros escritos de Twain reforçam as idéias centrais aqui desenvolvidas. Não se pode esquecer, por exemplo, que o vilão de As aventuras de Tom Sawyer é o frio e cruel Injun Joe, ao qual cabe, no final, a punição e a morte.

Em “Niagara Falls”, publicado numa coletânea de 1875, uma casual aproximação de Twain de nativos da região das lendárias cachoeiras quase resulta em desastre, fazendo-o expressar-se com igual virulência e com a utilização sarcástica da mesma expressão “nobre pele-vermelha” do título.

As características de barbárie e violência atribuídas por Twain aos nativos pediriam hoje que se evocasse, em contrapartida, um episódio de 1838, quando tem início a chamada Longa Rota das Lágrimas, um dos mais terríveis episódios da história dos nativos norte-americanos: em cumprimento ao Ato de Remoção, aprovado pelo Congresso em 1830, os cherokees da Geórgia são expulsos para uma reserva nas terras inóspitas do interior de Oklahoma, num processo que acarretou a morte de dois terços dos nativos ao longo do percurso, além da inevitável aculturação dos sobreviventes. Evocar esse ato e suas decorrências permite verificar que o pensamento de Twain sobre os nativos não

diverge dos termos do pensamento dominante, assim como não havia divergido, até 1898, acerca do próprio imperialismo. Se isso nos faz deplorar aqui o preconceito e a xenofobia, vem por outro lado tornar mais fácil avaliar a importância de sua conscientização no que diz respeito à política externa do país por ocasião da Guerra Hispano-Americana.

Nos livros ele é alto e acobreado, musculoso, elegante, tem porte majestoso; tem o nariz adunco e olhos de águia.

Tem o cabelo brilhante, preto como a asa do corvo; dessa rica massa sai um maço de penas brilhantes; nas orelhas e no nariz ele tem ornamentos de prata; nos braços, punhos e tornozelos, braceletes e faixas largos de prata; a roupa de caça feita de pele é elegantemente frisada, o cinto e os mocassins são maravilhosamente ornados de contas coloridas; e quando, pintado com o arco-íris das cores de guerra, ereto, envolto no cobertor vermelho, a aljava às costas, o arco e a machadinha projetando-se para cima entre os braços cruzados, os olhos de águia fixos no horizonte distante que nem mesmo os binóculos do carapálda conseguem alcançar, ele é um ser diante do qual se deve ajoelhar e adorar.

Sua língua é intensamente figurativa. Nunca fala da lua, fala sempre do “olho da noite”; não fala do vento, mas do “sussurro do Grande Espírito”; e assim por diante. Sua capacidade de condensação é maravilhosa. Em algumas publicações ele diz apenas: “Ora!” e esta palavra, com uma página de explicação pelo autor, revela todo um mundo de pensamento e sabedoria antes oculto numa única palavra.

Ele é nobre. É sincero e leal; nem mesmo a iminência da morte abala sua fé inigualável. Seu coração é uma fonte de verdade e de impulsos generosos e de cavalheiresca magnanimidade. Para ele, a gratidão é uma religião: é incapaz de esquecer, até o fim da vida, uma boa ação recebida. Quem come o pão que ele oferece, ou quem lhe oferece o seu, sela um pacto de hospitalidade – pacto que ele jamais violará.

Ama a filha de olhos escuros da floresta, a donzela morena de formas perfeitas e ricas roupas, orgulho da tribo, a beleza completa. Fala a ela em voz baixa, no crepúsculo, fala de seus feitos na guerra e na caçada, e das grandes conquistas de seus ancestrais; e ela ouve de olhos baixos, “enquanto um rubor lhe acentua o moreno da face”.

Nos livros, o Nobre Pele-Vermelha é assim. Mas nas planícies e montanhas, onde não usa trajes de gala, onde não é acordado para receber visitas, ele não tem a menor obrigação de ser diferente de si mesmo, e portanto:

Ele é pequeno, magro e negro e sujo; e, a julgar pelo mais caridoso de nossos cânones de excelência humana, ele é absolutamente mísero e desprezível. Nada há de atraente nos seus olhos ou nariz, e se há alguma coisa no seu cabelo que – mas isso é uma característica que não se deve examinar com tanto detalhe. Não usa penas no cabelo, nenhum enfeite na cabeça. Os fios pretos, maltratados e sem brilho, caem retos até a nuca, e na frente chegam até os olhos, como uma cortina cortada reta cobrindo toda a testa, sem separação no meio. Não tem pendentes nas orelhas, e a sua – mas não vamos perder tempo com detalhes sem importância. Não usa braceletes nos braços nem nos tornozelos; a roupa de caça tem franjas elegantes, mas elas não são intencionais; quando não usa um horrível manto de pele de coelho, sua roupa de caça consiste na metade de um cobertor de cavalo que chegou na Pinta ou no Mayflower e que ficou esgarçado pelo uso constante. Não é suficientemente rico para ter um cinto; jamais teve um par de mocassins ou de sapatos; e, na verdade, não passa de um vagabundo pobre, imundo e nu, cujo extermínio representaria uma caridade para os insetos e répteis mais nobres do Criador oprimidos por ele. Ainda assim, quando o contato com o homem branco deu ao Nobre Filho da Floresta certas impressões nebulosas de civilização e de aspirações a uma vida mais nobre, ele aparece em público calçando uma bota e um sapato – sem camisa, vestindo calças rasgadas e remendadas que segura com a mão esquerda – o execrável manto de pele de coelho sobre os ombros – tendo por fora uma velha saia arma-

da – um colar de latas velhas de sardinha e de ostras caído sobre o peito nu – uma venerável espingarda de pederneira na mão direita – uma cartola batida pelo tempo, inclinada para estibordo, o tampo rasgado preso por duas linhas; e quando ele assim aparece, e espera pacientemente pelo bar até adotar uma atitude “bacana” diante de um espelho, ele é o melhor objeto, o mais justo, mais desejável de extermínio que já se viu.¹

Sua língua não tem nada de figurativo, de poético ou de sentimental. É uma língua muito simples e sem ostentação, e consiste em mentiras simples e diretas. Um idiota qualquer, com sua “sabedoria”, ficaria completamente desarvorado.

Ele é ignóbil – vil, traiçoeiro e odiento de todas as formas. Nem mesmo a iminência da morte arranca dele um espasmo de virtude. O traço dominante de todos os selvagens é um egoísmo ganancioso, que no nosso Nobre Pele-Vermelha é extremamente bem desenvolvido. Seu coração é uma cloaca de falsidades, de traição e de instintos baixos e diabólicos. Para ele, a gratidão é uma emoção desconhecida; e quando alguém lhe faz uma gentileza, o melhor é não lhe dar as costas, para não receber nelas uma flecha como agradecimento. Aceitar um favor dele é assumir uma dívida que ele nunca considerará paga, ainda que você se mate tentando pagá-la. Oferecer comida quando ele está faminto é precipitar toda a tribo faminta para abusar de sua hospitalidade, pois ele irá buscá-los a todos, homens, mulheres, crianças e cachorros, e eles se agrupam pacientemente diante de sua porta, ou acham o nariz contra o vidro da janela, dia após dia, fitando com olhar pidão todo pedaço que você come, engolindo inconscientemente quando você engole. A escória da terra!

E, na estação certa, o Nobre Filho das Planícies se transforma no grande caçador. A estação é o verão, e a presa de muitas tribos são grilos e gafanhotos! Os guerreiros, os velhos, mulheres e crianças se espalham pela planície e conduzem as criaturas saltadoras para um

1. Não é exagero. Eu mesmo já vi muitos exemplos em Nevada exatamente iguais ao retrato apresentado aqui. (Mark Twain)

círculo de fogo. Eu poderia descrever em detalhe o banquete que se segue se achasse que o leitor seria capaz de suportar.

A história e a observação honesta mostram que o Pele-Vermelha é um covarde traçoeiro e um embusteiro arrogante que ataca sem aviso – geralmente de emboscada ou sob a proteção da noite, e quase sempre lançando cinco ou seis para cada inimigo; mata mulheres e crianças inocentes, massacra os homens ainda dormindo, e depois se vangloria pelo resto da vida, e depois dele, seu filho, neto e bisneto glorificam esse ato entre os “feitos heróicos de seus antepassados”. Um regimento de fenianos enche o ar com o barulho da preparação para invadir o Canadá; mas quando o Pele-Vermelha declara guerra, a primeira indicação que recebe o homem branco, seu amigo, com quem ele jantou ao anoitecer é quando o grito de guerra lhe fere os ouvidos e a machadinha afunda no seu cérebro. Em junho, sete índios chegaram numa pequena estação nas planícies onde viviam três homens brancos e pediram comida; receberam comida e fumo. Ficaram ali duas horas, comendo e fumando, conversando, esperando com paciência índia a hora em que se oferecesse a relação costumeira de sete para um, e tão logo ela se ofereceu eles agarraram a oportunidade; ou seja, quando dois homens saíram, eles mataram o terceiro no instante em que ele lhes deu as costas para lhes fazer um favor; então atacaram separadamente os outros dois e mataram um, mas o último conseguiu escapar.

É muito raro o Nobre Pele-Vermelha dizer tolices amorosas a uma donzela airosamente vestida e ruborizada ao pôr-do-sol. Ele a troca por um cavalo manco, uma espingarda velha, ou um cachorro, um galão de gafanhotos, talvez a mãe já velha e ineficiente, e a faz trabalhar como uma escrava abjeta pelo resto da vida para compensar o que pagou por ela. Ele próprio nunca trabalha. Ela constrói a habitação, quando eles a têm (é uma meia dúzia de trapos jogados sobre um arbusto do lado que sopra o vento sob os quais eles se assam); é ela quem cata e traz a lenha para casa; quem toma conta do pônei magérrimo, se forem ricos bastante para tamanha ostentação; ela caminha e carrega consigo os filhotes que ainda amamenta, enquanto

ele cavalga. Ela não usa outra roupa que não a perfumada pele de coelho que antes foi usada por sua bisavó, e todo o seu rubor pode ser lavado com sabão e toalha, desde que não tenha endurecido depois de cinco ou seis semanas.

É este o autêntico Nobre Aborígine. Não o conheci nos livros, mas por observação pessoal.

De acordo com o excelente livro do doutor Keim, parece que entre junho de 1868 e outubro de 1869 os índios *massacraram quase 200 pessoas brancas e violaram mais de 40 mulheres capturadas em pacíficos acampamentos distantes ao longo da fronteira, ou participantes de caravanas de emigrantes que percorriam as rotas de viagem estabelecidas. Crianças foram queimadas vivas diante dos pais. Mulheres foram violadas diante dos maridos. Maridos foram mutilados, torturados e escarpelados, e suas mulheres forçadas a olhar*. Esses fatos e números são oficiais, e exibem o verdadeiro caráter do incompreendido Filho da Floresta – uma criatura vazia das qualidades de coragem e generosidade, mas cruel, traiçoeiro e brutal. Durante a guerra contra a tribo Pi-Ute, os índios arrancavam os tendões das costas dos brancos antes que estivessem mortos. (Os tendões eram usados como cordas nos arcos). Mas não se pode imprimir suas mutilações preferidas. Ainda assim, toda vez que se mete em confusão, esse Nobre Pele-Vermelha é saudado com um gemido de simpatia humanitária que vem do litoral do Atlântico; donzelas e matronas horrorizadas erguem as mãos ante a vingança sangrenta que lhe é imposta, e os jornais clamam por uma comissão de inquérito para examinar a conduta do oficial desumano que infligiu o castigo de brincadeira sobre o “pobre índio ultrajado” (eles sempre examinam a questão do ponto de vista do índio ultrajado, nunca do da viúva e do órfão brancos enlutados). Mas ainda nos resta o conforto de saber que, por mais rápidos que eles sejam, o inquérito só é realizado depois de o bom oficial ter administrado o castigo merecido.

A RESPEITO DOS JUDEUS

(1898)

Escrito na Áustria durante a primavera e o verão de 1898, este texto representa a mais completa tentativa de Twain de discutir o anti-semitismo. O texto começa como uma resposta a indagações recebidas após a divulgação de “Tempos agitados na Áustria”, ensaio publicado no início de 1898, em que descrevia como os judeus haviam sido alvos de ofensas violentas no tumulto que se seguira ao fechamento forçado do Parlamento austríaco no mês anterior.

As primeiras entrevistas de Twain em Viena haviam sido dadas, justamente, a repórteres judeus. Esse fato, associado ao primeiro nome do escritor (Samuel), derivado do Antigo Testamento, serviu de pretexto para que a imprensa vienense tachasse seus escritos de “mentiras judaicas”. Muitos dos conhecidos de Twain em Viena eram judeus, fosse por escolha, fosse porque ele se sentia isolado pelos anti-semitas locais, e sua experiência frustrada e dolorosa de discutir o anti-semitismo contribuiu, sem dúvida, para aumentar seu interesse pelo assunto durante o período em que permaneceu em Viena.

A queixa básica dos judeus na época era de que Twain reiterava a acusação de que os judeus não eram patriotas e que haviam evitado o serviço militar. Antes de incluir o texto em O homem que corrompeu Hadleyburg e outros ensaios e histórias (de 1900), Twain acrescentou um pós-escrito em que citava os relatórios do Departamento de Guerra para elogiar os judeus americanos por seu serviço militar desde a Revolução até a guerra civil.

No texto aqui apresentado, Twain repete alguns dos estereótipos que ele próprio considerou fundamentais para o anti-semitismo: um exemplo é a afirmação de que o preconceito contra judeus não se baseia na questão religiosa, mas na competição econômica. Embora Twain

tivesse como objetivo elogiar os judeus atribuindo-lhes uma honestidade genérica, sua reprodução da indústria de roupas de Nova York como dominada por judeus passava ao largo do fato de que também eram judeus muitos dos trabalhadores, incluindo crianças de tenra idade, que trabalhavam longas horas em tarefas braçais ligadas à produção de roupas. Twain, assim, reforçava um estereótipo tentando criar outro para justificá-lo.

Receber o apelido de “o judeu Mark Twain” pela imprensa anti-semita foi algo que deu a Twain um particular interesse nas questões envolvidas, mas não evitou que ele cometesse as mesmas espécies de generalizações raciais.

Há alguns meses eu publiquei um artigo numa revista² em que descrevi uma cena notável no Parlamento Imperial em Viena. Desde então venho recebendo muitas cartas dos judeus nos Estados Unidos que me questionam. Foram cartas difíceis de responder, pois não eram suficientemente definitivas. Mas finalmente recebi uma carta definitiva. Vem de um advogado, e ele me propõe as perguntas que os outros acreditavam ter feito. Com a ajuda deste texto vou tentar responder publicamente da melhor forma possível a este correspondente e a todos os outros – pedindo desculpas por não ter respondido privadamente. A carta do advogado é a seguinte:

*Li *Tempos agitados na Áustria*. Uma questão em particular tem importância vital para não poucos milhares de pessoas, inclusive eu próprio, uma questão sobre a qual sempre tive vontade de perguntar a uma pessoa desinteressada. A demonstração de força militar no Parlamento da Áustria, que precipitou as agitações, não foi provocada por um judeu. Nenhum judeu fazia parte daquele corpo. Não havia nenhuma questão judaica envolvida no Ausgleich ou na proposta de linguagem. Nenhum judeu insultou quem quer que fosse. Em resumo, nenhum judeu estava*

2. *Harper's Magazine*, março de 1898. (Jim Zwick)

fazendo nada de errado contra quem quer que fosse. Na verdade, os judeus são a única dentre as 19 raças na Áustria que não tem partido; são absolutamente não-participantes. Ainda assim, no seu artigo o senhor diz que na agitação que se seguiu todas as classes de pessoas foram unânimes numa coisa, ou seja, no fato de serem todas contra os judeus. Ora, o senhor poderia ter a gentileza de me dizer por que, na sua opinião, os judeus têm sempre sido, e ainda hoje o são nesses dias de suposta inteligência, o motivo de animosidades infundadas e más? Ouso dizer que durante séculos jamais houve cidadão, como classe, mais calmo, menos dado a agitação e mais bem-comportado que o judeu. Parece-me que ignorância e fanatismo não podem ser os únicos responsáveis por essas perseguições injustas e horríveis.

Responda-me então, do seu ponto de vista neutro: qual é a causa? Os judeus americanos serão capazes de fazer qualquer coisa para corrigir essa situação, seja nos Estados Unidos ou no exterior? Isso terá fim algum dia? Os judeus poderão viver honestamente, decentemente e em paz como o resto da humanidade? O que aconteceu com a regra de ouro?

Começo dizendo que se me julgasse preconceituoso contra os judeus preferiria deixar esta questão para outra pessoa que não tivesse o mesmo defeito. Mas acredito não ter este preconceito. Há alguns anos um judeu me disse não ter encontrado nos meus livros nenhuma referência indelicada contra o seu povo, e me perguntou a razão. A razão era a falta de disposição. Tenho certeza absoluta de que não tenho preconceito de raça e acredito não ter preconceito de cor, nem de casta, nem de credo. Ou melhor, tenho certeza. Aceito qualquer sociedade. Tudo o que me interessa é saber que um homem é um ser humano, para mim é o bastante; é impossível ser pior. Não tenho interesse especial por Satã, mas posso pelo menos alegar que não tenho preconceito contra ele. Pode até ser que eu me incline um pouco a seu favor, pois ele não é julgado com justiça. Todas as religiões lançam bíblias contra ele, dizem dele as coisas mais injuriosas, mas ninguém ouve o lado *dele*. Depois de ouvir apenas os argumentos da acusação, já estamos

prontos a dar o veredicto. A meu ver, isso é muito irregular. Não é inglês, nem americano, mas é francês.

Sem este precedente, Dreyfuss não teria sido condenado. É claro que Satã tem uma defesa, desnecessário dizer. Pode não ser uma boa defesa, mas isso não quer dizer nada; isso vale para quase todos nós. Tão logo consiga reunir os fatos, vou me dedicar a reabilitá-lo, se conseguir um editor apolítico. É algo que deveríamos fazer por qualquer um que esteja sob acusação. Talvez não se deva render-lhe homenagens, mas podemos ao menos respeitar seus talentos. A uma pessoa que, durante séculos incontáveis, manteve a importante posição de chefe espiritual de quatro quintos da raça humana e de chefe político de toda ela, deve-se reconhecer a posse de capacidade executiva do mais alto nível. Na sua poderosa presença, os outros papas e políticos se reduzem a insetos a serem observados no microscópio. Gostaria de vê-lo. Prefiro encontrá-lo e sacudir-lhe o rabo a encontrar qualquer outro membro do Concerto Europeu. Neste artigo vou me permitir usar a palavra judeu como indicativa de religião e raça. É prático e, ademais, é o que o termo significa para o mundo em geral.

Na carta acima é possível observar os seguintes pontos:

1. O judeu é um cidadão bem-comportado?
2. A ignorância e o fanatismo explicam sozinhos esse tratamento injusto?
3. Conseguirão os judeus melhorar essa situação?
4. Os judeus não têm partidos; são não-participantes.
5. Algum dia a perseguição aos judeus terá fim?
6. O que aconteceu à Regra de Ouro?

Ponto nº 1 – Temos de aceitar a proposição número 1, por muitas razões suficientes. Em nenhum país o judeu é um perturbador da paz. Até os inimigos concordam. Não é um vagabundo, não é um bêbado, não gosta de brigas e não é agitador, nem agressivo. Nas estatísticas de crimes sua presença chama a atenção pela raridade, em todos os países. Pouco tem a ver com assassinatos ou outros crimes violentos; des-

conhece o carrasco. Nos tribunais criminais raramente seu nome aparece associado à longa lista de “assaltos”, “bebedeiras e desordens”. Que o lar judeu é um lar no sentido mais puro da palavra, é algo que não se discute. A família é unida por fortes afeições; seus membros mostram o maior respeito uns pelos outros; e a reverência pelos mais velhos é uma lei inviolável daquela casa. O judeu não é um peso para a caridade do Estado ou da cidade; elas poderiam deixar de funcionar e isso não o afetaria. Quando está bem ele trabalha; quando incapacitado, seu próprio povo trata dele. E não de uma forma mesquinha, mas com grande largueza. Sua raça merece ser chamada a mais benévola de todas as raças de homem. Um mendigo judeu talvez não seja uma impossibilidade; pode existir coisa semelhante, mas poucos podem afirmar ter visto este espetáculo. O judeu foi representado de muitas formas pouco lisonjeiras, mas, pelo que sei, nenhum dramaturgo lhe fez a injustiça de representá-lo como mendigo. Sempre que um judeu tem realmente necessidade de mendigar, seu povo o protege da necessidade de fazê-lo. As instituições de caridade judaicas são mantidas, com sobras, por dinheiro judeu. Os judeus não alardeiam esse fato; tudo é feito em silêncio; eles não nos incomodam com pedidos de contribuição; eles nos deixam em paz e nos dão um exemplo, um exemplo que não conseguimos imitar, pois não somos, por natureza, generosos, e é necessário nos caçar incessantemente no interesse dos desafortunados.

Todos esses fatos são lançados na coluna de crédito da proposição de que o judeu é um cidadão bom e ordeiro. Confirmam, em resumo, que ele é calmo, pacífico, industrioso, desinteressado de crimes violentos e disposições brutais; que sua vida familiar é elogiável; que ele não é um peso para as caridades públicas; que ele não é mendigo; que em bondade ele não tem competidores. São essas as condições essenciais da boa cidadania. Se pudermos acrescentar que ele é tão honesto quanto a média de seus vizinhos... Mas creio que a resposta para essa questão é o seu sucesso nos negócios. A base do sucesso nos negócios é a honestidade; um negócio não prospera quando os sócios não confiam uns nos outros. Na questão de números, os judeus representam

pouco na população total de Nova York; mas que sua honestidade representa muito é comprovado pelo fato de a imensa maioria das empresas atacadistas da Broadway, de Battery até a Union Square, ser propriedade deles.

Creio que o exemplo mais pitoresco na história da confiança de um comerciante no colega comerciante é que ela não trata de um cristão confiando em outro cristão, mas de um cristão que confiou num judeu. O duque hessiano³ vendia seus súditos ao rei Jorge III para lutar contra George Washington e assim ficou rico; mais tarde, as guerras engendradas pela Revolução Francesa fizeram com que seu trono se tornasse quente demais para ele, e ele foi obrigado a fugir do país. Como estava com pressa, foi forçado a deixar para trás as suas posses, 9 milhões de dólares. Teve de deixar o dinheiro com alguém, sem a menor garantia. Não escolheu um cristão, mas um judeu; um judeu modesto, mas de grande caráter, um caráter tão grande que o isolava da multidão – Rotschild de Frankfurt. Trinta anos depois, quando a alma e a segurança retornaram à Europa, o duque voltou do estrangeiro, e o judeu pagou o empréstimo com juros⁴.

3. Hessiano: relativo à cidade de Hesse, na Alemanha; durante a época da guerra revolucionária norte-americana, o termo designava os mercenários alemães engajados no exército britânico, e, por extensão, passou a designar mercenários em geral no contexto norte-americano.

4. Esta é outra história pitoresca; e ela nos lembra que mesquinhez e desonestidade não são monopólio de qualquer raça ou credo, são apenas humanas.

“O Congresso acaba de aprovar uma lei para pagar 379,56 dólares a Moses Pendergrass, de Libertyville, Missouri. A história da razão dessa liberalidade é pateticamente interessante e mostra a enrascada em que pode se meter um homem que tenta executar um trabalho honesto para o nosso Tio Sam. Em 1886, Moses Pendergrass se qualificou para concorrer a um contrato de transporte do Correio entre Knob Lick até Libertyville e Coffman, 48 quilômetros por dia, a começar do dia 1º de julho de 1887 com a duração de um ano. Ele pediu ao chefe do Correio de Knob Lick para escrever a carta por ele e, apesar de Moses oferecer o preço de 400 dólares, o escriba descuidado escreveu 4 dólares. Moses recebeu o contrato e só descobriu o erro ao fim do primeiro trimestre, quando recebeu a primeira parcela. Ao descobrir o preço que estava recebendo, ele ficou desesperado e se comunicou com o Departamento dos Correios. O departamento lhe informou que ele teria de cumprir o contrato ou, se decidisse não cumprir, seu fiador teria de pagar ao governo a quantia de 1.459,85 dólares por perdas e danos. E assim Moses cumpriu o contrato e recebeu 4 dólares pelo trabalho, ou melhor, 6,84 dólares, pois o trecho foi ampliado depois de aceita a sua proposta e o preço aumentou proporcionalmente. Agora, dez anos depois, aprovou-se finalmente uma lei para pagar a Moses a diferença entre o que ganhou naquele ano infeliz e o que realmente deveria receber.”

O *Sun*, que contou a história acima, diz que várias leis foram propostas em três ou quatro legislaturas para indenizar Moses, e que vários comitês investigaram a sua reivindicação. Foram necessários seis

O judeu também tem um outro lado. Pratica atos desabonadores, embora não tenha o monopólio deles por não poder se livrar completamente da competição irritante dos cristãos. Vimos que ele raramente transgredir a lei contra os crimes violentos. De fato, suas relações com os tribunais se restringem geralmente às questões comerciais. Criou uma reputação pelas várias formas de pequenas trapaças, por praticar um tipo opressivo de usura, por incendiar a própria casa para cobrar o seguro e por inventar contratos engenhosos que lhe deixem uma saída, mas prendam a outra parte, e por criar estratégias esper-tos que o deixam a salvo no conforto, todos de acordo com a letra da lei, apesar de o tribunal e o júri saberem muito bem que ele violou o seu espírito. É sempre um funcionário fiel e capaz no serviço público, mas é acusado de ter pouca inclinação a se colocar como soldado ao lado da bandeira, tal como o quacre cristão.

Se agora compararmos estas características desabonadoras com as abonadoras, resumidas no parágrafo anterior com as palavras “todos esses fatos são lançados na coluna de crédito”, e calcularmos o saldo, qual será o veredicto? Acredito que seja este: medidos e ponderados os méritos e deméritos, o cristão não pode alegar superioridade sobre o judeu no quesito da boa cidadania.

Ainda assim, em todos os países, desde o início da história, o judeu tem sido persistente e implacavelmente odiado e geralmente perseguido.

Ponto nº 2 – “O fanatismo sozinho explica tudo isso?”

Há alguns anos eu pensava que era ele a única explicação, mas ultimamente passei a pensar que isso não é verdade. De fato, estou

Congressos, contendo em suas pessoas a condensação das virtudes de 70 milhões de pessoas, dando expressão cuidadosa e cautelosa a essas virtudes no temor de Deus e na eleição seguinte, 11 anos para descobrir uma forma de lesar um cristão em cerca de 13 dólares num contrato executado honestamente, e de quase 300 dólares que lhe eram devidos em termos finais. E conseguiram. Durante o mesmo período eles pagaram 1 bilhão de dólares em pensões – um terço delas injustificadas e imerecidas. Isso indica uma competência generalizada para o roubo, pois começa com centavos e desenvolve suas indústrias até chegar a fortunas. É possível que os judeus sejam capazes de superar esse caso, mas quem apostar nisso está arriscando muito. (Mark Twain)

convencido de que o fanatismo não tem praticamente nenhuma responsabilidade.

Para demonstrar, relembro o Gênesis, capítulo XLVII.

Todos já lemos atentamente, ou mesmo sem atenção, a patética história dos anos de abundância e dos anos de fome no Egito, e como José, naquela oportunidade, monopolizou corações partidos, o pão dos pobres e a liberdade humana, monopólio pelo qual ele tomou todo o dinheiro da nação, até o último centavo; tomou também toda a terra do país, até o último lote; e depois tomou a própria nação, comprando-a com o pão, homem por homem, mulher por mulher, criança por criança, até que todos se tornassem escravos, um monopólio que tomou tudo, que não deixou nada; um monopólio tão enorme que os mais gigantescos monopólios da história subsequente não passam de brinquedos de criança, pois envolvia milhões de alqueires, e seus lucros chegaram a milhões de dólares, e foi um desastre tão avassalador que seus efeitos até hoje não desapareceram completamente do Egito, mais de 3 mil anos depois do acontecido.

Seria presumível que os olhos do Egito estivessem fixos em José, o judeu estrangeiro, durante todo esse tempo? É pouco provável. Seria um olhar amigável? Devemos duvidar. José estava definindo o caráter de sua raça que sobreviveria por tanto tempo no Egito? E com o passar do tempo aquele nome não passou a ser comumente usado para descrever tal caráter, como o de Shylock? Difícil não acreditar. É preciso lembrar que isso se passou *séculos antes da crucifixão*.

Gostaria de chegar até 1.800 anos depois e lembrar uma observação feita por um historiador latino que li em tradução há vários anos, e que agora me volta à mente com muita clareza. Ele aludia a um tempo em que ainda viviam pessoas que haviam visto o Salvador em carne e osso, e quando o cristianismo ainda era tão recente que o povo de Roma mal tinha ouvido falar dele, e tinha idéia confusa do que era aquilo. Em essência, a observação foi a seguinte: “Alguns cristãos foram perseguidos por engano em Roma por terem sido *confundidos com judeus*”.

O significado é claro. Esses pagãos nada tinham contra os cristãos, mas estavam prontos a perseguir os judeus. Por qualquer razão

eles odiavam um judeu antes mesmo de saber o que era um cristão. Não se pode então presumir que a perseguição aos judeus *precede* o cristianismo, não nasceu com o cristianismo? Acredito que sim. Qual teria sido a origem desse sentimento?

Quando era menino num povoado afastado do vale do Mississípi, onde prevaleciam a simplicidade e a impraticabilidade da linda escola dominical, o ianque (cidadão dos estados da Nova Inglaterra) era odiado com esplêndida energia. Mas isso nada tinha a ver com religião. Em qualquer negócio o ianque era considerado cinco vezes mais competente que o homem do Oeste. Sua esperteza, sua percepção, seu julgamento, seus conhecimentos, sua iniciativa e a formidável inteligência na aplicação dessas forças eram francamente confessados e competentemente amaldiçoados.

Nos estados produtores de algodão, depois da guerra, os negros simples e ignorantes tocavam as lavouras dos brancos à meação. Os judeus desceram e se estabeleceram nas plantações, forneceram todas as necessidades dos negros a crédito, e no final da estação passavam a ser os proprietários da parte do negro na colheita em andamento, e de uma parte de sua cota da próxima. Não se passou muito tempo e os brancos detestavam os judeus, e não acredito que os negros os amassem.

O judeu está sendo expulso da Rússia. A razão é conhecida. O movimento foi iniciado porque o camponês e o aldeão cristãos não tinham a menor chance de competir contra ele em habilidade comercial. Ele estava sempre pronto a emprestar dinheiro com a garantia da colheita, vender vodca e outras necessidades da vida a crédito enquanto a colheita crescia. No dia do acerto de contas, ele era o dono da colheita, e um ou dois anos depois ele já era o dono da fazenda, tal como José.

Na Inglaterra burra e ignorante da época de João todo mundo devia ao judeu. Ele reunia em suas mãos todas as empresas lucrativas; era o rei do comércio; estava sempre pronto a ajudar de todas as formas lucrativas; chegou mesmo a financiar as cruzadas para libertar o Santo Sepulcro. Para acertar as contas com a nação e fazer voltar os negócios aos canais habituais e incompetentes ele teria de ser banido do reino.

Pelas mesmas razões a Espanha teve de bani-lo há 400 anos, e a Áustria 200 anos depois.

Em todas as eras, a Europa cristã foi obrigada a restringir suas atividades. Se ele iniciava uma empresa mecânica, o cristão era obrigado a se retirar dela. Quando se estabelecia como médico, ele era sempre o melhor e absorvia toda a clientela. Se explorava a agricultura, os outros agricultores tinham de trabalhar em outra coisa. Como não havia meios de competir com ele em qualquer atividade, foi necessário invocar a lei e salvar os cristãos da miséria. Um depois do outro, os negócios foram sendo vedados por estatuto ao judeu, até que não sobrou praticamente nenhum. Ele estava proibido de trabalhar na agricultura; foi proibido de praticar o direito; só teve permissão de praticar a medicina entre os judeus; proibiram-lhe as artes manuais. Até mesmo as sedes do saber e as escolas de ciência fecharam suas portas ao tremendo inimigo. Ainda assim, quase excluído de todos os empregos, ele ainda encontrou meios de ganhar dinheiro, meios de se enriquecer. E também meios de investir bem suas rendas, pois não lhe proibiram a usura. Nas difíceis condições sugeridas, o judeu sem cérebro não conseguiria sobreviver, e os judeus com bons cérebros tiveram de manter os seus bem afiados e treinados, ou morreriam de fome. Séculos de restrição a um único instrumento que a lei foi incapaz de lhe tomar, seu cérebro, tornaram esse instrumento singularmente competente; séculos de falta compulsória de uso das mãos as atrofiaram, e hoje ele nunca as usa. Esta história tem um aspecto muito, muito comercial, um aspecto comercial extremamente sórdido e prático, o aspecto empresarial da cruzada do trabalho chinês barato. Preconceitos religiosos podem explicar uma parte dele, mas não as outras nove.

Os protestantes sempre perseguiram os católicos, mas nunca os privaram dos meios de ganhar a vida. Os católicos perseguiram os protestantes com ódio sangrento e amargo, mas nunca fecharam a eles a agricultura nem as artes manuais. Por quê? Tudo isto tem o aspecto claro de uma genuína perseguição religiosa, não um boicote comercial sob disfarce religioso.

Os judeus são atacados e cerceados na Áustria e na Alemanha, e ultimamente na França, mas a Inglaterra e a América lhes ofereceram campo de trabalho e ainda assim progrediram. A Escócia também lhes oferece campo irrestrito, mas não são muitos os que se interessam. Há poucos judeus em Glasgow, apenas um em Aberdeen; mas isso porque eles não ganharam o suficiente para partir. Os escoceses se elogiam dessa forma, mas ela é autêntica.

Estou convencido de que a crucifixão pouco teve a ver com a atitude do mundo em relação ao judeu; que as razões para ela são mais antigas, como sugerem a experiência do Egito e o pesar dos romanos pela perseguição àquele tipo desconhecido chamado cristão, sob a impressão de que perseguia apenas um judeu. *Apenas* um judeu, presumivelmente uma enguia esfolada já acostumada à perseguição. Estou convencido de que na Rússia, na Áustria e na Alemanha nove décimos da hostilidade contra os judeus vêm da incompetência do cristão médio para competir com sucesso nos negócios contra o judeu médio, tanto nos negócios legais como nos discutíveis.

Em Berlim, há alguns anos, li um discurso que exigia abertamente a expulsão dos judeus da Alemanha, e a *razão* apresentada pelo agitador era tão franca como a sua proposta: 85% dos advogados bem-sucedidos de Berlim eram judeus, e a mesma proporção de todos os negócios grandes e lucrativos da Alemanha estava nas mãos da raça judia! Não é uma confissão impressionante? Era uma outra forma de dizer que, de uma população de 48 milhões, dos quais apenas 500 mil eram judeus reconhecidos, 85% dos cérebros e da honestidade do conjunto estavam com os judeus. É preciso insistir na honestidade, é universalmente reconhecida como elemento essencial de qualquer negócio bem-sucedido. É claro que isso não exclui inteiramente os cana-lhas, nem mesmo entre os cristãos, mas, mesmo assim, é uma boa regra prática. Os números do agitador talvez não fossem exatos, mas o *motivo da perseguição* é claro como o dia.

O homem afirmava que em Berlim os bancos, os jornais, os teatros, os grandes interesses mercantis, navais, mineradores e industriais, o grande exército e os contratos municipais, os bondes e praticamente

todas as outras propriedades de alto valor, *bem como* os pequenos negócios, estavam todos nas mãos dos judeus. Segundo ele, em toda a linha o judeu estava apertando o cristão contra a parede; que aquilo era tudo o que um cristão podia fazer para ganhar a vida, e que o judeu precisava ser banido, e depressa; não havia outro meio de salvar os cristãos. Aqui em Viena, no verão passado, um agitador afirmou que todos esses detalhes desastrosos valiam também para a Áustria-Hungria; e com palavras selvagens ele exigia a expulsão dos judeus. Quando políticos vêm a público ler de forma tão franca e sem corar um ato como esse, sem nenhuma reação, tem-se uma boa indicação de que o mercado os apóia, pois eles sabem aonde ir para pescar votos.

Nota-se o ponto crucial da agitação mencionada: o argumento de que o cristão é incapaz de *competir* com o judeu e que, portanto, é o seu pão que está em perigo. Para os seres humanos, este é um argumento muito mais inspirador de ódio que qualquer outro detalhe ligado à religião. Para a maioria das pessoas, pão e carne têm necessariamente prioridade absoluta, vindo a religião em segundo lugar. Estou convencido de que a perseguição do judeu não se deve em grande parte ao preconceito religioso.

Não, o judeu é um ameadador de dinheiro e, ao amear o seu dinheiro, ele se constitui em sério obstáculo aos vizinhos menos capazes que perseguem o mesmo objetivo. Acho que é este o problema. Ao estimar os valores mundanos, o judeu é profundo. Com precoce sabedoria ele descobriu já na aurora dos tempos que alguns homens adoraram a classe, alguns adoram os heróis, outros o poder, outros a Deus, e que por todos esses ideais eles lutam e em torno deles não conseguem se unir, mas todos adoram o dinheiro; então ele fez do dinheiro o fim e o objetivo de sua vida. Era o que ele fazia no Egito 36 séculos atrás; era o que ele fazia em Roma quando os cristãos foram perseguidos por engano em lugar dele; e é o que ele tem feito desde então. O custo para ele foi grande; seu sucesso tornou sua inimiga toda a raça humana, mas valeu a pena, pois lhe trouxe inveja, a única coisa pela qual o homem é capaz de vender corpo e alma. Havia muito ele sabia que um milionário é respeitado, um bilionário é homenageado e um

multimilionário é objeto da mais profunda adoração. Conhecemos todo esse sentimento; já o vimos expressado. Já observamos que, quando menciona o nome de um multimilionário, o homem comum o faz com o mesmo misto de assombro, reverência e luxúria que queima no olho do francês quando ele se lança sobre o *centime* do vizinho.

Ponto nº 4 – “Os judeus não têm partido; são não-participantes”.

Talvez aqui o senhor se denuncie. Não me parece que se possa lançar a crédito de uma raça ser ela capaz de fazer tal afirmação; ou a crédito do senhor mesmo ser capaz de dizê-lo sem manifestar remorso; mais, que o senhor o ofereça como argumento contra o abuso, a injustiça e a opressão. Quem dá ao judeu, quem dá a qualquer raça o direito de esperar parado num país livre e deixar que alguém mais proteja sua segurança? O judeu oprimido teve todo o direito à nossa compaixão em tempos passados, sob autocracias brutais, pois era fraco e sem amigos, e não tinha meios de defender sua própria causa. Mas hoje ele tem os meios, e já os tem há um século, mas não me parece que ele tenha tentado usá-los com seriedade. Sua libertação pela revolução na França foi um ato de graça, graça de outras pessoas; nela ele não assumiu o papel de colaborador. Ao que eu saiba, ele não ajudou a Inglaterra a libertá-lo. Entre os 12 sábios da França que se juntaram ao grande Zola⁵ para lutar (e vencer, espero e creio) a batalha em favor do judeu mais perseguido do nosso tempo⁶, o senhor viu o nome de algum judeu rico ou ilustre? Nos Estados Unidos, desde o

5. Émile Edouard Charles Antoine Zola (1840-1902). Romancista e reformador social francês, autor de *A fortuna dos Rougons*, em 1867, uma série de vinte romances naturalistas tratando da vida de uma família francesa da época do Segundo Império. Escreveu também *Germinal*, em 1885, *A terra*, em 1888, a trilogia *Três cidades*, entre 1894 e 1898, e *Fecundidade*, em 1899, entre outros. Em 1898 publicou um ensaio sob a forma de panfleto intitulado “Eu acuso!” inculcando os promotores do caso do capitão Dreyfus, oficial do exército francês condenado sem provas à prisão perpétua por traição à pátria.

6. Referência ao famoso caso do capitão francês Alfred Dreyfus, oficial acusado de traição e condenado à prisão perpétua sem que houvessem sido apresentadas provas de sua culpa. Três anos após esse fato, outro caso semelhante teve veredicto completamente oposto, sendo o acusado considerado inocente. O fato de Dreyfus ser judeu parece ter sido a causa do tratamento diverso, o que acarretou indignação em todo o mundo. Em 1898, o escritor francês Émile Zola foi preso e acusado de falsidade ideológica após a publicação de um ensaio intitulado “J'accuse” (“Eu acuso”), acusando o exército francês de perseguir Dreyfus. Para Carl Dolmetsch, autor de “*Our Famous Guest*”: *Mark Twain in Vienna*, muitos

início, ele foi criado livre, e é claro que sua ajuda não foi necessária. Na Áustria, na Alemanha e na França ele tem o direito de voto, mas qual a sua utilidade para ele? Ele parece não saber usá-lo. Apesar de toda a sua grande capacidade e de toda a sua gorda riqueza, o judeu não tem importância política em país algum. Na América, desde 1854, o servente irlandês ignorante, de espírito independente e com coragem de expô-lo a riscos, deixou claro para todos que queria ser politicamente reconhecido; ainda assim, 15 anos antes, mal sabíamos como era a cara de um irlandês. Como força inteligente, e em número, ele esteve sempre por baixo, mas mesmo assim já governou o país. Isso porque ele *se organizou*. E organizar-se deu valor ao seu voto; de fato, tornou-o essencial.

O senhor há de dizer que o judeu é numericamente fraco em toda parte. Isso não quer dizer nada – pois temos a história do irlandês como exemplo. Mas ainda vou chegar à questão de sua fraqueza numérica. Em todos os países parlamentaristas seria possível eleger judeus para os legislativos – e até mesmo um elemento num desses corpos é uma força que conta. Quanto os senhores se interessaram por essa questão na Áustria, na França e na Alemanha? Ou mesmo nos Estados Unidos? O senhor afirma que os judeus não têm culpa pelas agitações no Reichsrath, e acrescenta satisfeito que não havia um único participante judeu. Esta afirmação não é estritamente correta; se fosse, não seria agora a hora de o senhor explicar e se desculpar, em vez de tentar fazer dessa ausência um mérito? Mas acredito que o judeu não participou com a força que deveria ter demonstrado. A Áustria lhe oferece o sufrágio em termos bastante liberais, e é certamente por sua própria culpa que ele é tão fraco politicamente.

Quanto à sua fraqueza numérica. Já mencionei alguns números, 500 mil, como a população judia da Alemanha. Posso acrescentar

dos que defendiam a idéia de que Dreyfus não podia em hipótese alguma ser absolvido argumentavam que, sendo um judeu, ele não poderia ser leal à França ou a qualquer outra nação. O veredicto do segundo julgamento tornou ainda mais flagrante essa discriminação: embora Dreyfus tenha obtido a absolvição, ele não teve permissão para reassumir a posição que ocupava anteriormente no exército francês. (http://www.boondocksnet.com/twainwww/essays/twain_dreyfus0005.html .)

mais alguns: são 6 milhões na Rússia, 5 milhões na Áustria, 250 mil nos Estados Unidos. Estou citando de memória; eu os li na *Encyclopedia Britannica* há dez ou 12 anos. Ainda assim, estou absolutamente certo deles. Se estas estatísticas estão corretas, meu argumento não é tão forte quanto devia ser no que se refere à América, mas assim mesmo tem sua força. É uma força significativa para a Áustria, pois, há dez anos, 5 milhões representavam 9% da população do império. Os irlandeses governariam o Reino dos Céus se tivessem ali toda essa força.

Tenho algumas suspeitas; recebi-as de outra fonte, mas elas me acompanharam ao longo desses dez ou 12 anos. Quando li na *EB* que a população judia dos Estados Unidos era de 250 mil, escrevi ao editor e lhe expliquei que eu pessoalmente conhecia mais judeus em meu país, e que aquele número deveria ser um empastelamento de 25 milhões. Acrescentei também que conhecia pessoalmente todos eles apenas para aumentar a confiança dele em mim, pois não era verdade. A resposta se perdeu e nunca a recebi, mas comecei a comentar o assunto e muitas pessoas me diziam ter razão para suspeitar que por razões comerciais muitos judeus que tinham negócios principalmente com cristãos não se apresentavam ao censo como judeus. Parecia plausível; ainda me parece plausível. Veja a cidade de Nova York; e Boston, e Filadélfia, e Nova Orleans, e Chicago, e Cincinnati, e São Francisco – como sua raça é numerosa nessas cidades! –, e por todo lado na América, até a menor aldeia. Observe as placas nos mercados e nas lojas: Goldstein (pedra de ouro), Edelstein (pedra preciosa), Blumenthal (vale florido), Rosenthal (vale das rosas), Veilchenduft (perfume de violetas), Singvogel (ave canora), Rosenzweig (ramo de rosa), e toda a lista impressionante de nomes belos e invejáveis com que a Áustria e a Prússia glorificaram os senhores há tanto tempo. É mais um exemplo da dura e cruel perseguição à sua raça; não que fosse duro e cruel atribuir nomes tão poéticos, mas que era duro e cruel forçá-la a pagar por eles ou adotar nomes horrorosos e geralmente indecentes que já não são usados pelos donos; ou são usados apenas em documentos oficiais. E foram muitos, não poucos, os que ficaram com os nomes odiosos, por

serem pobres demais para subornar os funcionários e garantir para si nomes melhores.

Mas por que a raça mudou de nome? Já me disseram que na Prússia era comum o uso de nomes fictícios, e o hábito de mudá-los com frequência para enganar o coletor de impostos, para fugir ao serviço militar etc.; e que finalmente alguém teve a idéia de dar a todos os moradores de uma casa o mesmo sobrenome, e tornar a casa responsável por aquelas pessoas e pelo desaparecimento de qualquer uma; isto fez que os judeus, por interesse próprio, sempre soubessem o paradeiro uns dos outros e poupassem esse trabalho ao governo⁷.

Se é correta esta explicação de como os judeus da Prússia mudaram seus nomes, se é verdade que eles se registravam ficticiamente para obter certas vantagens, possivelmente será verdade que nos Estados Unidos os judeus evitam registrar-se como judeus para fugir ao preconceito dos clientes cristãos. Não tenho meios de comprovar se esta idéia tem ou não fundamento. É possível que haja outras formas de explicar melhor a razão por que apenas aqueles nossos míseros 250 mil judeus chegaram até a *Encyclopedia*. É possível que eu esteja errado, mas tenho a forte convicção de que temos uma imensa população judaica na América.

Ponto nº 3 – “Conseguirão os judeus melhorar esta situação?”

Acredito que sim. Se puder fazer uma sugestão, sem pretender ensinar o padre-nosso ao vigário, faço esta. Aprendemos o valor da combinação. Nós a aplicamos em tudo, nos sistemas ferroviários, nos conglomerados, nos sindicatos, nos Exércitos da Salvação, na baixa política, na alta política, nos acordos europeus. Qualquer que seja a nossa força, grande ou pequena, nós a organizamos. Descobrimos que

7. “A mudança de nomes, na Áustria, foi feita apenas porque os judeus em algumas regiões recém-incorporadas não tinham sobrenomes, eram apenas Abraão ou Moisés, e portanto o coletor de impostos não conseguia distinguir um do outro e poderia se perder nessa questão. O restante se deveu aos bons ofícios do Departamento de Guerra e à graciosa confusão que os jovens tenentes criaram. Para eles um judeu nada representava, e eles rotulavam a raça de uma forma que fazia os anjos chorarem. Por exemplo, esses dois: Abraão Dordebarriga, Schmul Deusamaldiçoado.” Recolhido de *Namens Studien*, de Carl Emil Franzos. (Jim Zwick)

esse é o único meio de tirar dela o máximo proveito. Sabemos a fraqueza das varas isoladas e a força do feixe reunido. Suponhamos, por exemplo, que os senhores tentem um esquema como esse. Na Inglaterra e na América, lancem todos os judeus no recenseamento como judeus (caso isso já não esteja sendo feito). Criem regimentos voluntários compostos exclusivamente por judeus e, ao soar do tambor, sigam para a frente de batalha, para remover a censura de que existem alguns Massenas⁸ entre os senhores e que os senhores se alimentam do país, mas não gostam de lutar por ele. Em seguida, na política, organizem sua força, reúnam-se, votem onde isso for possível, onde não for, imponham os melhores acordos possíveis. Os senhores são muito unidos em todos os países, mas sua união não tem, politicamente falando, propósito definido.

A não ser por suas obras de caridade, os senhores não parecem organizados. Nelas os senhores são onipotentes; nelas os senhores merecem o devido reconhecimento, não precisam cobrá-lo. O que mostra do que são capazes quando se reúnem com um objetivo definido.

Falando em concentração, o doutor Herzl tem uma idéia muito clara de seu valor. Os senhores já ouviram falar de seu plano? Ele deseja reunir os judeus do mundo na Palestina, com um governo próprio – sob a suserania do sultão, suponho. No ano passado, na Convenção de Berna, havia delegados de todos os países, e a proposta foi muito bem recebida. Não sou o sultão e não me oponho, mas se tamanha concentração dos melhores cérebros do mundo tiver de se realizar em

8. André Massena (1756-1817). General francês, serviu nas Guerras Revolucionárias Francesas e sob o reinado de Napoleão Bonaparte foi nomeado duque de Rivoli, em 1808, e príncipe de Essling, em 1809, como reconhecimento por seus méritos militares. Ficou conhecido também pelos atos de pilhagem praticados contra os inimigos que derrotou. Foi comandante na guerra com a Espanha em 1810-1811, quando foi derrotado pelas tropas britânicas de Wellington. O texto indica que a visão de Twain quanto à figura de Massena é muito diferente da veiculada pela história oficial, deixando subentendido que Massena foi premiado como um herói sem ter-se empenhado verdadeiramente pelas causas de seu país. Em carta dirigida ao *Harper's Magazine* em setembro de 1899 comentando este artigo de Twain, o rabino M. S. Levy, referindo-se a esta passagem onde Massena é mencionado, exorta Twain a lembrar-se dos feitos heróicos do general francês e lamenta o comentário feito por Twain quanto ao patriotismo dos judeus. <http://www.boondocksnet.com/twaintexts/levy99.html>

algum país livre (que não a Escócia) acho que ela devia ser proibida. Não será bom permitir que aquela raça saiba a própria força. Se os cavalos soubessem da sua, nunca mais poderíamos cavalgar.

Ponto nº 5 – “Algum dia a perseguição aos judeus terá fim?”

Na questão religiosa acredito que ela já tenha chegado ao fim. Com relação ao preconceito de raça ou no comércio, tenho a impressão de que vai continuar. Ou melhor, aqui e ali, em alguns pontos do mundo onde predominam uma ignorância bárbara e uma espécie de civilização animal, mas não acredito que em outros lugares o judeu tenha de temer o assalto ou a agressão. Nas grandes civilizações ele parece estar muito bem situado e ter uma cota mais que proporcional da prosperidade existente. É assim em Viena. Suponho que não se possa eliminar o preconceito de raça, mas ele tem condições de suportá-lo; nada de excepcional. Por constituição e formação, o judeu é essencialmente um estrangeiro onde quer que esteja, e nem os anjos gostam de estrangeiros. Uso a palavra estrangeiro no sentido que lhe dão os alemães, *estranho*. Quase todos nós temos antipatia pelo estranho, mesmo quando é da mesma nacionalidade. Empilhamos sacolas no lugar vago para evitar que ele se sente; e o cachorro ainda vai além e faz o que faria um selvagem: desafia-o imediatamente. O dicionário de alemão não distingue entre o estranho e o estrangeiro; para ele um estranho é um estrangeiro; uma boa solução, parece-me. Os senhores serão sempre, por suas habilidades, seus gostos e hábitos, substancialmente estranhos – estrangeiros – onde quer que estejam, e isto há de manter vivo o preconceito contra os senhores.

Mas os senhores foram originalmente os favoritos do Céu e suas múltiplas e injustas prosperidades me convencem de que os senhores voltaram a se fechar naquele lugar confortável. Eis um incidente significativo. Na semana passada, em Viena, uma tempestade de granizo atingiu o prodigioso Cemitério Central e provocou uma destruição horrível. Na parte cristã do cemitério, de acordo com números oficiais, 621 janelas foram quebradas; mais de 900 pássaros morreram; cinco árvores grandes e muitas outras menores foram rasgadas e os

restos espalhados pelo vento; plantas ornamentais e outras decorações dos túmulos foram completamente arruinadas e mais de cem lanternas estilhaçadas em seus túmulos; e foram necessários três dias para que a força de trabalho do cemitério, cerca de 300 homens, conseguisse limpar os destroços. No relatório aparece esta observação, e vem em itálico para que se possa ouvir o ranger dos dentes cristãos: “... *lediglich die israelitische Abtheilung des Friedhofes vom Hagelwetter gänzlich verschont worden war*”. Nenhuma pedra de gelo atingiu a reserva judia! Este nepotismo me cansa.

Ponto nº 6 – “O que aconteceu à Regra de Ouro?”

Ela ainda existe, continua a brilhar, e é bem cuidada. É o item mais importante entre os bens da Igreja, e todo domingo nós a abrimos e arejamos. Mas os senhores não podem tentar trazê-la para esta discussão, na qual ela não é relevante e não se sentiria bem. Trata-se de uma peça estritamente religiosa, como um acólito ou a bandeja de esmolas ou qualquer dessas coisas. Nunca se envolveu nos negócios e a perseguição aos judeus não é uma paixão religiosa, é a paixão dos negócios.

Em conclusão: se as estatísticas estão corretas, os judeus constituem não mais que 1% da raça humana. Elas sugerem uma diminuta nuvem de pó de estrelas diante do brilho ofuscante da Via Láctea. Não se deveria ouvir falar do judeu, mas ouve-se falar dele; sempre se ouviu falar dele. Ele é tão proeminente no país como qualquer outro povo, e sua importância comercial é extravagantemente desproporcional ao seu número. Sua contribuição para a lista mundial de grandes nomes na literatura, na ciência, na arte, na música, nas finanças, na medicina e nos conhecimentos abstrusos também é absolutamente desproporcional ao seu pequeno número. Lutou maravilhosamente neste mundo, em todas as eras; e o fez com as mãos amarradas. Poderia ser vaidoso do que é, e não ser condenado por isso. O egípcio, o babilônio e o persa ergueram-se e encheram o mundo de som e esplendor, depois se transformaram em matéria de sonho e desapareceram; os gregos e os romanos os seguiram, fizeram muito barulho e desapareceram; outros povos surgiram, carregaram no alto a sua tocha

durante algum tempo, e ela se apagou, e hoje eles estão na sombra, quando não desapareceram. O judeu os viu a todos, venceu-os a todos, e é hoje o que sempre foi, sem demonstrar decadência, nem as doenças da velhice, nem enfraquecimento dos membros, nem diminuição de energia, nem embotamento da mente agressiva e alerta. Todas as coisas são mortais, menos o judeu; todas as outras forças passam, mas ele fica. Qual é o segredo da imortalidade?

P. S. – O judeu como soldado

Quando publiquei o artigo acima na revista *Harper's Monthly* não sabia, assim como todo o resto do mundo cristão, que existia uma história do judeu na guerra. Desde então tive acesso a estatísticas e descobri que ele ofereceu soldados e oficiais para a Revolução, a Guerra de 1812 e a Guerra do México. Na guerra civil eles estavam representados nos exércitos e marinhas do Norte e do Sul por 10% de sua força numérica, a mesma porcentagem oferecida pelas populações cristãs dos dois lados. Este fato importante significa mais do que parece significar, pois quer dizer que o patriotismo dos judeus não somente se nivelava ao dos cristãos, mas o superava. Quando um voluntário cristão se apresentava no campo, era recebido com aplausos, mas o judeu era geralmente humilhado. Ninguém desejava a sua companhia, nem se preocupava em esconder esse sentimento.

O fato de que apesar de tudo isso ele tenha conquistado o orgulho ferido e sacrificado tanto ele como o próprio sangue em nome da bandeira eleva seu patriotismo a um nível mais alto que o do cristão. Seu registro de capacidade, fidelidade e heroísmo militar é equivalente ao de qualquer outro. Isto vale tanto para o soldado judeu como para o general judeu.

O major-general O. O. Howard cita um de seus oficiais como “um dos melhores e mais bravos”; outro, morto em Chancellorsville, é citado como “um amigo de verdade e bravo oficial”; tece altos elogios a dois de seus generais-brigadeiros judeus; finalmente ele usa essas palavras fortes: “Intrinsecamente não há neste país homens mais patriotas que os que proclamam a descendência hebraica, e que serviram comigo em comandos paralelos ou diretamente sob minhas instruções”.

Catorze famílias judias da Confederação e da União contribuíram com um total de 51 soldados para a guerra. Entre elas um pai e três filhos; outra, um pai e quatro filhos.

No artigo acima, por não saber se era verdadeira ou falsa, não fui capaz de endossar a censura comum de que o judeu se alimenta do país, mas não luta por ele. Supus que fosse verdade, mas não se pode endossar por suposição máximas de origem incerta, a não ser quando se tenta demonstrar uma tese. Aquela calúnia atirada sobre o judeu não se mantém diante dos números do Departamento de Guerra. Ela já cumpriu seu dever, e o cumpriu longa e fielmente, com grande aprovação: deveria agora ser transferida para a reserva remunerada.

MULHER – UMA OPINIÃO

(1868)

Twain escreveu este texto a partir de um brinde que ofereceu em um banquete organizado pelo Clube de Correspondentes de Washington em 11 de janeiro de 1868, abordando o tema “Mulher – o orgulho de qualquer profissão e a jóia da nossa”. A tradicional metáfora da mulher como ornamento precioso e como tesouro é central, dela decorrendo todo o processo de valorização da figura feminina.

O texto permite observar que o padrão de conduta feminina considerada admirável por um lado ou típica por outro encontra-se associado às funções tradicionais da mulher, seja em termos de parentesco (mãe, prima), de relações afetivas (namorada) ou mesmo de interesse (ama-de-leite e avó rica).

Paralelamente, a galeria de figuras femininas evocada por Twain deixa entrever seu desejo de falar em termos abrangentes ou mesmo de evocar uma natureza intrinsecamente essencial da mulher através da história e da tradição religiosa e literária.

O convencionalismo predominante é contrabalançado por um breve momento de pilhéria, quando Twain, brincando com as limitações da carreira jornalística, afirma que, se George Washington tivesse sido correspondente, certamente teria sido obrigado a mentir, contrariando sua proverbial honestidade.

Senhor presidente, não sei por que deva ser eu o escolhido para receber a maior distinção desta noite – pois assim foi considerado em todas as eras o ofício de responder ao brinde à mulher. Não sei a razão de eu ter recebido esta distinção, a menos que eu seja um tanto menos honesto que os outros membros do clube. Mas, seja qual for a razão,

senhor presidente, tenho orgulho dessa posição, e o senhor não poderia ter escolhido ninguém que a aceitasse com maior alegria, ou que trabalhasse com maior boa vontade para fazer justiça ao objeto do brinde do que eu – porque, senhor, eu amo aquele sexo, amo todas as mulheres, independentemente de idade ou cor.

O intelecto humano não tem condições de avaliar o que devemos à mulher, senhor. É ela quem prega nossos botões; quem repara nossas roupas; quem nos arrasta para as feiras da igreja; ela confia em nós; ela nos conta tudo o que descobre sobre os pequenos casos dos vizinhos; ela nos dá bons conselhos, e muitos; ela nos alivia a dor de cabeça; ela gesta nossos filhos – nossos, de modo geral. Em todas as relações da vida, é um tributo justo e gracioso à mulher dizer que ela é uma prata.

Onde quer que seja colocada a mulher – em qualquer posição ou condição – ela é um ornamento para o lugar que ocupa, e um tesouro para o mundo. [Aqui o Sr. Clemens fez uma pausa, olhou inquisitivo para os ouvintes e observou que esperava aplausos naquele ponto. Os aplausos vieram e ele retomou o elogio.] Vejam Cleópatra! Vejam Desdêmona! Vejam Florence Nightingale! Vejam Joana d’Arc! Vejam Lucrecia Borgia! [Expressão de desaprovação.] Ora [o Sr. Clemens coçou a cabeça, em dúvida], talvez seja melhor deixar Lucrecia de fora. Veja Joyce Heth! Veja nossa mãe, Eva! Ninguém é obrigado a olhar para ela, se não quiser, mas [disse o Sr. Clemens, meditativo, depois de uma pausa] Eva foi um ornamento, senhor, particularmente antes da mudança da moda. Repito, senhor, veja os nomes ilustres da história. Veja a Viúva Machree! Veja Lucy Stone! Veja Elizabeth Cady Stanton! Veja George Francis Train! E, senhor, isto eu digo com a maior veneração, veja a mãe de Washington! Criou um filho incapaz de dizer uma mentira... incapaz de dizer uma mentira! Mas a verdade é que ele nunca teve uma oportunidade. A história talvez fosse outra tivesse ele sido membro do Clube dos Correspondentes de Washington.

Repito, senhor, em qualquer posição que se coloque uma mulher, ela é um ornamento para a sociedade e um tesouro para o mundo. Como namorada, tem poucos iguais e nenhum superior; como pri-

ma, é conveniente; como a avó rica e mal-humorada, ela é preciosa; como ama-de-leite, não tem igual entre os homens.

O que, senhor, seria a humanidade sem a mulher? Seríamos poucos, senhor, pouquíssimos. Vamos então tratá-la com todo carinho; vamos lhe dar todo apoio, incentivo, simpatia, e a nós mesmos – se for possível.

Mas, deixando de facécias, senhor presidente, a mulher é amável, graciosa, gentil, bela – merecedora de todo respeito, de toda estima, de toda deferência. Ninguém aqui há de se recusar a beber à sua saúde este cálice de vinho, pois todos aqui conhecem, honram e amam pessoalmente a melhor de todas – sua própria mãe.

CONSELHO ÀS MOÇAS

(1909)

Este é o texto de um pequeno discurso proferido por Twain em junho de 1909 na cerimônia de formatura da Escola Tewksbury para Moças, em Baltimore, estado de Maryland, à qual ele comparece a convite de Francês Nunmally, uma das formandas, que conhecera na viagem que fez à Inglaterra em 1907 para receber o grau honorário de doutor em Oxford. Twain dirige-se a uma platéia constituída por jovens da classe abastada, e não há, aqui, a preocupação em referir-se a uma suposta natureza essencial da mulher, como no texto anterior.

Comparado a “Mulheres – uma opinião”, que ele escrevera aos 33 anos de idade, o tom deste texto, escrito um ano antes de sua morte, é menos sentencioso e convencional. Twain permite-se brincar com alguns dos tabus sociais relacionados à conduta feminina na época: o fumo, a bebida e a diversidade da vida afetiva, ainda que sob a forma de casamentos “em excesso”.

O tom de pilhéria permite-lhe utilizar a idéia do “excesso” como forma de apregoar nas entrelinhas o seu conselho, justamente o de seguir uma conduta equilibrada e contida, deixando entrever o lado “vitoriano” de sua visão da mulher e da família. A apologia final da honestidade, por outro lado, funciona como um princípio geral, defendido pelo fato de ser, segundo ele a entende, “a melhor das políticas”.

Não sei o que aconselhar a vocês. O Sr. Martin já lhes disse tudo o que devem fazer, e agora devo lhes dar alguns “nãos”.

Há três coisas que me vêm à mente e que considero um conselho excelente:

Primeiro, meninas, não fumem – ou melhor, não fumem imoderadamente. Já tenho 73 anos e meio e fumo há 73. Mas nunca fumei muito – ou melhor, fumo moderadamente, um charuto de cada vez.

Segundo, não bebam – ou melhor, não bebam imoderadamente.

Terceiro, não se casem – quero dizer, imoderadamente.

Honestamente, essa é a melhor política. É um provérbio antigo; mas vocês não devem jamais esquecê-lo em sua jornada pela vida.

VOTOS PARA AS MULHERES

(20 de janeiro de 1901)

No dia 20 de janeiro de 1901 Mark Twain foi convidado a falar em uma reunião da Escola Técnica Hebraica para Moças. Ao apresentá-lo, Mayer, o presidente do estabelecimento, definiu o que havia motivado o convite a Twain: “Em uma de suas obras, o Sr. Clemens expressou sua opinião sobre os homens, dizendo não ter escolha entre hebreus e gentios, pretos ou brancos; para ele todos são iguais. Mas nunca o ouvi expressar sua opinião sobre as mulheres; talvez essa opinião seja tão gloriosa que ele se viu incapaz de enunciá-la. Vamos agora ouvir o que ele pensa das mulheres”.

Twain era defensor do voto feminino e do movimento das sufragistas, posicionando-se favoravelmente à participação ativa das mulheres na vida política do país. Um dos pontos centrais de seu argumento é a idéia da dignidade moral da mulher como elemento indispensável a um exercício político responsável. “Por 30 séculos a história vem reiterando que, quando se trata de uma luta moral, a mulher é de inquebrantável coragem, e todos nós sabemos, mesmo com nossos olhos voltados para o Congresso e nossos eleitores, que, desde o dia em que Adão comeu a maçã e denunciou Eva até o presente, o homem, em se tratando de uma luta moral, tem se mostrado sistematicamente um completo covarde.”

Para Twain, nesse momento, o voto feminino é uma questão de tempo e de absoluta necessidade, e associa-se diretamente à necessidade de transformação do aparato legislativo e administrativo da sociedade.

Senhoras e senhores,

É muito pequena a ajuda que posso oferecer, mas a ajuda que ofereço é aquela que vem do coração e passa pela boca. O relatório do Sr. Mayer foi admirável, e ele me interessou tanto quanto aos senhores. Ora, sou duas vezes mais velho que ele e já tive tantas experiências que, ao ouvir seu pedido de ajuda, ousaria dizer a ele: “Não deixe para hoje ou amanhã, recolha o dinheiro na mesma hora”.

Somos todos criaturas de impulsos repentinos. É como se fôssemos movidos a vapor. Façam agora seus testamentos, depois poderá ser tarde demais. Há 15 ou 20 anos passei por uma experiência que nunca esqueci. Entrei numa igreja apinhada com uma multidão suada e ofegante. O missionário de nossa cidade, Hartford, fez um apelo emocionado por ajuda. Falou de experiências pessoais entre os pobres em porões e entre ricas mansões que exigiam exemplos de devoção e socorro. Os pobres sempre são bons para os pobres. Quando uma pessoa tem milhões e dá 100 mil dólares, ela faz grande alarido no mundo, mas aquilo não lhe faz falta, é a viúva que não faz barulho mas faz o melhor trabalho.

Lembro-me de que naquela ocasião na igreja de Hartford era a hora da coleta. O apelo me emocionou tanto que não podia esperar a chegada do prato até onde eu estava. Tinha 400 dólares no bolso e estava ansioso para deixar tudo no prato e ainda queria ter mais. Mas o prato demorou tanto a chegar que aquela febre de caridade foi baixando lentamente, descendo a um ritmo de cem dólares por minuto. O prato passou tarde demais. Quando finalmente chegou, meu entusiasmo já tinha esfriado tanto que guardei meus 400 dólares e ainda roubei 10 centavos do prato. Vocês estão vendo então que às vezes o tempo leva à ocasião que faz o ladrão.

Quantas vezes não me lembrei daquele dia e o lamentei, e conclamo todos os senhores a dar enquanto a febre está nos senhores.

Quanto à esfera da mulher na vida, devo dizer que a mulher tem sempre razão. Já sou, há 25 anos, um homem pelos direitos da mulher. Sempre acreditei, muito antes da morte de minha mãe, que com seus

cabelos grisalhos e intelecto maravilhoso ela talvez soubesse tanto quanto eu. Talvez ela soubesse tanto sobre o voto quanto eu.

Gostaria de ver o dia em que as mulheres ajudarão a fazer as leis. Gostaria de ver aquele chicote, o voto, nas mãos das mulheres. Quanto ao governo da cidade, não quero dizer muito, exceto que é uma vergonha, uma vergonha; mas se eu viver mais 25 anos, e não vejo razão para que não viva, creio que verei a mulher votando. Se hoje as mulheres votassem, o estado de coisas nesta cidade seria outro.

Se todas as mulheres desta cidade pudessem votar hoje, elas elegeriam um prefeito nas próximas eleições, e se elevariam à altura de sua força e mudariam o pavoroso estado de coisas atual desta cidade.

A PEQUENA BESSIE AUXILIA A PROVIDÊNCIA

“Confiamos em Deus.” É o melhor dos lemas e o mais gratificante aos nossos sentimentos. É simples, direto e formulado com graça; soa sempre bem – “confiamos em Deus”. Não acho que o efeito pudesse ser melhor se o sentido fosse verdadeiro.

Uma das provas da imortalidade da alma é que miríades têm acreditado nela. Já acreditaram também que o mundo era plano.

Há muitos bodes expiatórios para nossos pecados, mas o mais popular é a Providência Divina.

A mais nobre obra de Deus? O homem. Quem descobriu isso? O homem.

Os trechos acima são apenas algumas das máximas de Twain acerca da religião, e dão bem a medida do teor crítico das considerações do autor a respeito. Em “A pequena Bessie auxilia a Providência”, Twain contrapõe o saudável e natural estranhamento de uma garota diante dos ensinamentos religiosos e morais que lhe são transmitidos e a perplexidade da mãe, que raciocina estritamente segundo os dogmas que embasam a visão religiosa.

[É tedioso, e eu preciso de excitação e distrações saudáveis, portanto vou percorrer despreocupado o caminho florido da teologia.]

A pequena Bessie tinha quase três anos. Era uma boa menina, não era boba, não era frívola, era meditativa e interessada, muito dada a descobrir as razões das coisas e tentar harmonizá-las com os resultados. Um dia ela disse:

“Mamãe, por que há tanta dor e sofrimento? Para que eles servem?”

Não era uma pergunta fácil, e a mãe teve dificuldade em responder:

“É para o nosso bem, filhinha. Na Sua sabedoria e compaixão, o Senhor nos envia esses tormentos para nos castigar e nos tornar melhores.”

“É Ele quem nos manda esses tormentos?”

“É.”

“E é Ele quem manda todos eles?”

“É, minha querida, todos. Nenhum deles acontece por acidente; Ele e somente Ele nos manda todos eles, sempre por amor a nós, para nos tornar melhores.”

“Não parece estranho?”

“Estranho? Ora, não, nunca encarei dessa forma. Nunca antes ouvi ninguém dizer que era estranho. Para mim sempre pareceu natural e correto, e sábio, bondoso e piedoso.”

“Quem foi o primeiro a pensar assim, mamãe? Foi a senhora?”

“Não, minha filha. Eu aprendi assim.”

“E quem ensinou isso à senhora, mamãe?”

“Não sei, na verdade não sei; não lembro mais. Talvez a minha mãe; ou o pastor. Mas todo mundo sabe que é assim.”

“Bem, de qualquer forma parece estranho. Foi Ele quem mandou o tifo de Billy Norris?”

“Foi.”

“Por quê?”

“Para lhe ensinar e fazê-lo ser bom.”

“Mas ele morreu, mamãe, então como ele podia ser bom?”

“Então foi por outra razão. Só sei que deve ter sido por uma boa razão.”

“Qual podia ser a outra razão, mamãe?”

“Ora, você pergunta demais. Acho que foi para punir os pais dele.”

“Então não é justo, mamãe. Porque *ele* precisava morrer por causa deles, se ele não fez nada?”

“Ora, não sei! Só sei que foi por uma razão boa, sábia e piedosa.”

“Que razão, mamãe?”

“Acho... acho... Bem, foi um julgamento; foi para punir os dois por algum pecado que cometeram.”

“Mas quem foi punido foi *ele*, mamãe. A senhora acha certo?”

“É claro, claro. Tudo o que Ele faz só pode ser certo, sábio e piedoso. Você ainda é pequena para entender essas coisas, querida, mas quando crescer você vai entender tudo e vai ver que tudo é certo e sábio.”

Houve uma pausa.

“Foi Ele quem fez o teto cair sobre aquele homem que estava tentando salvar do incêndio a velhinha entrevada, mamãe?”

“Foi, filhinha. *Espera!* Não me pergunte a razão, porque eu não sei. Só sei que foi para ensinar a alguém, ou para castigar alguém ou para mostrar Seu poder.”

“E aquele bêbado que fincou o forçado no bebê da Sra. Welch quando...”

“Basta, não é preciso entrar em detalhes; foi para castigar o bebê... Disso eu tenho certeza.”

“Mamãe, o Sr. Burgess disse no sermão que bilhões de criaturinhas provocam o cólera e a tifoide e o tétano e outros milhares de doenças e... Mamãe, é Ele quem manda todos eles?”

“Com certeza, filhinha, com certeza. É claro.”

“Por quê?”

“Ora, para nos castigar! Já não falei tantas vezes?”

“Mas é muita crueldade, mamãe! E é bobagem! E se eu...”

“Cale-se, *cale-se!* Quer atrair um raio?”

“A senhora se lembra que o raio caiu na semana passada, mamãe, e incendiou a igreja nova. Foi para castigar a igreja?”

(Cansada) “Acho que foi.”

“Mas o incêndio matou um porco que não estava fazendo nada. Foi para castigar o porco, mamãe?”

“Filhinha, você não quer brincar lá fora? Se você quiser...”

“Mamãe, veja só! O Sr. Hollister diz que não existe ave, peixe ou réptil que não tenha um inimigo que a Providência criou para mordê-lo, persegui-lo ou matá-lo e sugar-lhe o sangue, para castigá-lo e fazê-

lo ficar bom e religioso. É verdade, mamãe?... E, se for verdade, por que ele riu?”

“Aquele Hollister é um escandaloso, e eu não quero você ouvindo as coisas que ele fala.”

“Ora, mamãe, ele é muito interessante, e acho que ele quer ser bom. Ele contou que a vespa caça aranhas para prender no seu ninho no chão – vivas, mamãe! –, e elas ficam lá vivas e sofrendo por dias e dias, com as vespinhas comendo suas pernas e mordendo suas barrigas o tempo todo, para elas serem boas e religiosas e louvarem a Deus na Sua infinita bondade. O Sr. Hollister disse que, se tivesse de tratar dessa forma as aranhas, ele preferia ir para o inferno; e então... *Mamãe*, a senhora desmaiou! Vou correndo buscar ajuda. É o que acontece com quem fica na cidade neste calor.”

RELIGIÃO

A postura crítica de Twain com relação à religião deixa entrever o racionalismo iluminista arraigado no seu pensamento. Uma ferramenta fundamental para essa crítica vem a ser sua leitura da teoria de Darwin e A evolução das espécies. Twain ataca frontalmente as ortodoxias religiosas em prol da liberdade de pensamento. Paralelamente, essa mesma liberdade de pensamento permite-lhe, por exemplo, ao mesmo tempo desfrutar da amizade com o reverendo Joseph Twichell e com o colega escritor e membro da Liga Antiimperialista, William Dean Howells. “Nem Howells nem eu acreditamos no inferno ou na divindade do Salvador, mas isso não faz do Salvador uma personagem menos sagrada, e nenhum homem deveria ter desejo ou disposição de referir-se a ele de forma ligeira, profana ou de qualquer outra forma que não com a mais profunda reverência”⁹. Apesar da reverência aí demonstrada, Clara Clemens, única filha a sobreviver à morte de Twain, mostrou-se receosa de que o conteúdo de Cartas da Terra pudesse denegrir a imagem do pai em função de suas opiniões sobre a religião¹⁰. Um de seus últimos livros, Christian Science, de 1907, compõe-se de 23 ensaios sobre o tema, e foi considerado inflamadamente anti-religioso. O livro só veio a ser publicado em 1962, e juntamente com Christian Science e What is Man? constitui-se em fonte fundamental para o estudo do pensamento de Twain sobre a religião.

9. http://www.boondocksnet.com/twainwww/csvh_religion.html

10. http://www.boondocksnet.com/twainwww/essays/bible_twain0001.html

[Homem] é o único animal que tem a Verdadeira Religião – muitas.

“O mais inferior dos animais”

A Bíblia cristã é uma farmácia. Seu conteúdo é o mesmo; mas a prática médica muda.

“O ensino da Bíblia e a prática religiosa”

Se um homem não acredita no que acreditamos, dizemos que ele é um chato, e pronto. Quero dizer, pronto hoje, porque não podemos condená-lo à fogueira.

Viagem ao longo do Equador

Houve apenas um único cristão. Logo ele foi preso e crucificado.

Anotações

Há dois tipos de moral cristã, uma privada e outra pública. As duas são tão diferentes, tão díspares, que as relações entre elas não são mais próximas que as existentes entre arcanjos e políticos.

“Impostos e moral”

Dentro de dois ou três séculos se reconhecerá que todos os assassinos competentes são cristãos; então o mundo pagão irá para a escola do cristão: não para aprender a religião, mas para adquirir armas.

O estranho misterioso

Monarquias, aristocracias e religiões se baseiam todas nesse grande defeito de sua raça – a desconfiança do indivíduo em relação ao próximo, e, por razões de segurança, no desejo de se apresentar bem aos olhos do próximo.

O estranho misterioso

Por mais tirânica, assassina, rapace e moralmente podre que fosse, [a nobreza] era profunda e entusiasticamente religiosa.

Um ianque na corte do rei Artur

A Igreja vive tentando reformar os outros; não seria uma má idéia reformar um pouquinho a si mesma para dar exemplo.

Um vagabundo no estrangeiro

A Igreja foi contra toda inovação e descoberta, desde o tempo de Galileu até hoje, quando o uso de anestésicos no parto é considerado pecado porque evita a maldição bíblica lançada contra Eva.

A vida de Mark Twain, Albert Bigelow Paine, ed.

Evidentemente, a religião teve sua parte nas mudanças da civilização e do caráter nacional. Que parte? A do leão.

“O ensino da Bíblia e a prática religiosa”

[O pregador] nunca cobrou nada por sua pregação. E bem que ela valia.

As aventuras de Huckleberry Finn

Há os que zombam do estudante, chamando-o frívolo e vazio. Ainda assim, foi um estudante quem disse “ter fé é acreditar no que a gente sabe que não é verdade”.

Viagem ao longo do Equador

Nada inspira mais respeito que um milagre, a não ser a credulidade de quem acredita nele.

Anotações

O provérbio diz que a Providência protege as crianças e os idiotas. É verdade. Eu sei porque já testei.

Autobiografia de Mark Twain, Albert Bigelow Paine, ed.

A primeira coisa que um missionário ensina a um selvagem é a indecência.

Anotações

A verdadeira irreverência é o desrespeito pelo deus de outro homem.

Anotações

Em Deus confiamos. Acho que não soaria melhor se fosse verdade.

Anotações

A desumanidade de Deus para com o homem provoca o luto de milhares.

Anotações

O livro da natureza nos diz claramente que Deus não liga a mínima para nós – nem para nenhuma criatura viva.

Anotações

Descanso Eterno soa confortador no púlpito... Pois experimente uma vez e você vai ver como o tempo é pesado.

“O capitão Stormfield visita o Céu”

Deixe que eu crie os supersticiosos de uma nação e não me interessa quem vai fazer suas leis.

Viagem ao longo do Equador

A Índia tem 2 milhões de deuses, e os adora a todos. Em religião muitos países são miseráveis; a Índia é o único milionário.

Viagem ao longo do Equador

Uma das provas da imortalidade da alma são os milhões que nela acreditaram. Mas eles também acreditaram que a Terra era plana.

Anotações

Quando penso no número de pessoas desagradáveis que conheço
e que foram para um mundo melhor, sou tentado a mudar de vida.

Pudd'nhead Wilson

O Céu pelo clima; o inferno pela companhia.

Anotações

Se não puder xingar no céu, não vou morar lá.

Anotações

FICÇÃO E JORNALISMO

A HISTÓRIA PRIVADA DE UMA CAMPANHA FRACASSADA

(1885)

No início de 1861 Mark Twain trabalhava como piloto de barcos a vapor ao longo do Mississípi quando um grupo de estados do Sul separou-se da União, formando a Confederação e desencadeando a guerra civil norte-americana.

Pouco depois do início do conflito, em abril daquele mesmo ano, o comércio fluvial foi proibido em toda a região do Mississípi, e Twain retornou a seu estado de origem, o Missouri. Embora este estado não tivesse aderido à Confederação, o governador Claiborne F. Jackson havia convocado voluntários para proteger o estado de uma invasão das tropas da União. Mark Twain, juntamente com 14 outros provenientes da cidade de Hannibal, atenderam à convocação através da formação dos Marion Rangers (Patrulheiros de Marion). Para sorte de Twain, o grupo se desfez de forma tão prematura que não houve tempo hábil para acusações formais de deserção.

Logo em seguida, a designação de seu irmão Orion para o cargo de secretário do governo territorial de Nevada proporcionou-lhe a oportunidade de se transferir para esse recém-organizado estado, evitando assim outras formas de envolvimento militar durante toda a guerra. Foi durante esse período, enquanto trabalhava como jornalista para o Territorial Enterprise, de Virgínia City, que pela primeira vez o autor utilizou o pseudônimo que viria a celebrizá-lo, e há quem afirmar que, se não tivesse sido forçado a abandonar sua carreira de piloto no Mississípi, Samuel Clemens talvez nunca tivesse vindo a ganhar fama literária como Mark Twain.

As primeiras reflexões sobre sua participação na guerra só viriam a ser registradas após dez anos, em outubro de 1877, por ocasião de um jantar na Antiga e Honorável Companhia de Artilharia de Boston,

quando Twain relatou algumas de suas desventuras entre os Patrulheiros de Marion. Em 1885, quando se preparava para publicar a biografia de Ulysses Grant¹, Twain expandiu o relato e deu-lhe a forma final do texto aqui apresentado, atendendo ao pedido que a revista Century (Century Magazine) lhe havia feito de um texto para integrar a série “Batalhas e líderes da guerra civil”.

Apesar de haver sido publicado nessa ocasião, o ensaio não foi incluído na edição em livro que viria a ser feita a partir da série, provavelmente devido ao teor das críticas que Twain tece sobre a guerra.

Nos relatos das experiências de guerra de Twain encontram-se tanto o registro de sua relação com o general U. S. Grant como suas considerações sobre Abraham Lincoln, atestando o grau de seu envolvimento com as posições do Norte nos anos que se seguem ao final do conflito.

Todos já ouviram falar de muitas pessoas que realizaram grandes feitos na guerra; não seria então justo e correto ouvir durante um momento alguém que queria realizar algo, mas não conseguiu? Milhares entraram na guerra, tiveram um gostinho e saíram permanentemente. Considerando apenas o seu número, eles compõem um grupo respeitável e que tem direito a voz; não uma voz forte, uma voz modesta; não uma voz orgulhosa, uma voz que pede desculpas. Concordo que não merecem muito espaço entre as melhores pessoas, aquelas que realizaram grandes coisas, mas merecem pelo menos o direito de dizer por que não realizaram nada e de explicar o processo pelo qual nada realizaram. Esta espécie de luz tem seu valor.

No Oeste havia muita confusão na mente das pessoas durante os primeiros meses da grande confusão; muita indecisão, inclinar-se para

1. Ulysses Simpson Grant. Nascido Hiram Ulysses Grant (1822-1885). Décimo oitavo presidente dos Estados Unidos (1869-1877) e general da guerra civil. Depois de sua campanha vitoriosa em Vicksburg (1862-1863), tornou-se comandante-em-chefe das tropas da União (1864) e negociou a rendição do general Robert E. Lee em Appomatox (1865). Teve duas gestões como presidente, ambas caracterizadas pela corrupção e pela malversação do dinheiro público.

este lado, e depois para o outro. Para nós, foi duro fincar os pés no chão. Lembro-me de um exemplo. Estava pilotando no Mississípi quando chegaram as notícias de que a Carolina do Sul havia se desligado da União, no dia 20 de dezembro de 1860. Meu imediato era de Nova York. Estava com a União de todo coração, eu também. Mas ele não tinha paciência para me ouvir; para ele, minha lealdade era manchada porque meu pai fora dono de escravos. Como paliativo para este fato doloroso, eu explicava que havia ouvido meu pai dizer pouco antes de morrer que a escravidão era um erro terrível, e que ele libertaria o único escravo negro que então possuía, se considerasse correto perder a propriedade da família quando estava vivendo situação tão difícil. Meu imediato retrucava que um simples impulso não representava nada, qualquer um poderia fingir um bom impulso, e continuava zombando do meu unionismo e insultando meus ancestrais. Um mês depois, a atmosfera de secessão havia se agravado no Baixo Mississípi e eu passei para o lado rebelde; ele também. Estávamos juntos em Nova Orleans quando a Louisiana se desligou da União, no dia 26 de janeiro. Ele gritou honestamente os brados rebeldes, mas não admitia que eu fizesse o mesmo. Dizia que minhas origens não eram boas: um pai que queria libertar os escravos. No verão seguinte ele pilotava um navio armado da União, e mais uma vez dando vivas a ela, e eu estava servindo no Exército Confederado. Tinha comigo um vale em que ele reconhecia me dever dinheiro. Era um dos homens mais honestos que eu já conheci, mas não hesitou em repudiar o vale porque eu era um rebelde, filho de um proprietário de escravos.

Naquele verão de 1861, a primeira onda da guerra quebrou nas margens do Missouri. O estado foi invadido pelas forças da União. Tomaram Saint Louis, Jefferson Barracks e outros pontos. O governador, Claib Jackson, lançou uma proclamação convocando 50 mil milicianos para repelir o invasor.

Eu estava visitando a cidadezinha onde havia passado a infância, Hannibal, no condado de Marion. Vários de nós nos reunimos à noite num lugar secreto e formamos uma companhia militar. Um certo Tom Lyman, um rapaz corajoso mas sem a mínima experiência militar, foi

feito capitão; eu fui escolhido segundo-tenente. Não tínhamos primeiro-tenente; não sei por quê, já faz muito tempo. Éramos 15. Um noviço ligado à organização sugeriu, e nós aceitamos, o nome de Patrulheiros de Marion. Ao que me lembre, ninguém fez reparos ao nome. Pelo menos eu não fiz; para mim soava muito bem. O rapaz que sugeriu o nome era uma boa amostra da matéria de que éramos feitos. Era jovem, ignorante, simpático, honesto, trivial, romântico e dado a ler novelas de cavalaria e a cantar músicas tristes. Tinha patéticos instintos aristocráticos e detestava o próprio nome, Dunlap; detestava em parte por ser um nome quase tão comum na região quanto Smith, mas principalmente por não soar bem aos seus ouvidos. Assim, ele tentou torná-lo mais nobre escrevendo-o assim: *D'Unlap*, o que contentava seus olhos, ainda que não satisfizesse os ouvidos, pois as pessoas continuavam a pronunciar da mesma forma o novo nome – acento no “Un”. Ele então fez a coisa mais inteligente que se pode imaginar – uma coisa que até hoje me faz tremer quando me lembro como o mundo é dado a representar vaidades e afetações; ele passou a escrever assim o seu nome: *D'Un Lap*. Esperou pacientemente passar a longa tempestade de lama atirada sobre sua obra de arte e finalmente foi recompensado, pois viveu até ver seu novo nome aceito, e o acento colocado no lugar onde ele o queria, por pessoas que o haviam conhecido a vida inteira, e para quem, havia já 40 anos, a tribo dos Dunlaps era tão familiar quanto a chuva ou o sol. É a certeza da vitória final da coragem que persiste. Disse ter descoberto, ao consultar algumas antigas crônicas francesas, que a forma correta de escrever seu nome era *d'Un Lap*; e disse também que se fosse traduzido para o inglês significaria Peterson: *lap*, em latim ou grego, significava pedra ou rocha, *pierre* em francês, ou seja, Peter; *d'* significava de; *un*, um; portanto, *d'Un Lap* significava da pedra, filho da pedra, Peterson. Nossa milícia não era muito erudita, e a explicação era confusa; portanto ele passou a ser chamado de Peterson Dunlap. Para nós, ele foi útil à sua moda: era ele quem dava nome aos nossos acampamentos, e geralmente descobria um nome “bacana”, como diziam os rapazes.

Este era um exemplo do nosso grupo. Outro era Ed Stevens, o filho do joalheiro da cidade; esbelto, bonito, elegante, limpo como um gato, inteligente, educado, mas dedicado inteiramente ao divertimento. Nada na sua vida era sério. Para ele, essa nossa expedição militar ia ser uma festa. Devo dizer que pelo menos a metade de nós a encarava da mesma forma; se não conscientemente, talvez inconscientemente. Não pensávamos; para nós era impossível. Quanto a mim, estava cheio de uma alegria irracional por não ter de levantar à meia-noite ou às quatro da madrugada; feliz pela mudança, pelas novas cenas, novas ocupações, pelos novos interesses. Nos meus pensamentos só havia isso; não entrava em detalhes; geralmente ninguém entra quando tem 24 anos.

Outro exemplo era Smith, o aprendiz de ferreiro. Era um animal enorme, de grande coragem, de um tipo lento e pesado, mas um coração de manteiga; se era capaz de derrubar um cavalo com um soco por alguma falta de educação, às vezes ficava com saudades de casa e chorava. Mas teve um crédito que os outros não tivemos: ficou na guerra e acabou morto em batalha.

Jo Bowers, outro exemplo, era um grandalhão, bem-humorado, louro, preguiçoso, sentimental, fanfarrão, resmungão por natureza; um mentiroso experiente, industrioso, ambicioso e geralmente pitoresco, e apesar de tudo isso não tinha sucesso, pois não tinha a inteligência treinada, mas mesmo assim teve autorização para nos acompanhar. A vida era para ele uma coisa séria, raramente satisfatória. Mas era um bom sujeito, e todos gostavam dele. Era o sargento ordenança, Stevens era cabo.

Esses exemplos são suficientes, são muito bons. Ora, esse bando partiu para a guerra. O que se poderia esperar deles? Fizeram o que podiam, mas o que se poderia esperar deles? Nada, diria eu. E foi o que fizeram.

Esperamos uma noite escura, pois cautela e sigilo eram essenciais; então, perto da meia-noite, saímos aos pares em várias direções até Griffith Place, do outro lado da cidade; de lá partimos juntos a pé. Hannibal fica no extremo sudoeste do condado de Marion, no rio

Mississípi; nosso objetivo era a vila de Nova Londres, 15 quilômetros além, no condado de Ralls.

A primeira hora foi divertida, só bobagens e risos. Mas isso não iria durar. A marcha forçada se transformou para nós em trabalho; o divertimento havia sumido; a quietude das florestas e a escuridão da noite começaram a gerar uma influência depressiva sobre o espírito de garotos e, em pouco tempo, a conversa morreu e cada um se fechou com seus pensamentos. Durante a última metade da segunda hora ninguém disse uma só palavra.

Estávamos nos aproximando de uma casa de madeira onde, de acordo com um relatório, havia uma guarda de cinco soldados da União. Lyman deu ordem de alto e ali, na escuridão profunda dos galhos acima de nós, começou a sussurrar baixinho um plano de assalto à casa, tornando mais deprimente a escuridão. Foi um momento crucial; percebemos de repente que já não era mais brincadeira; estávamos face a face com a guerra de verdade. E estivemos à altura da ocasião. Não houve em nossa resposta nem hesitação, nem indecisão: dissemos a Lyman que se pretendia se meter com os soldados ele que fosse; mas se esperava que o seguissemos teria de esperar muito tempo.

Lyman insistiu, pediu, tentou nos encher de brios, mas nada aconteceu. Nosso plano era simples, estávamos decididos: flanquearíamos a casa e sairíamos do outro lado. E foi o que fizemos.

Entramos na floresta e passamos um mau bocado, tropeçando sobre raízes, embaraçando em cipós, rasgados de espinhos. Finalmente chegamos a um descampado numa região segura e nos sentamos, ofegantes e suados, para descansar e cuidar dos arranhões e ferimentos. Lyman estava irritado, mas o resto de nós estava feliz; havíamos flanqueado uma fazenda, havíamos completado nosso primeiro movimento militar, e tinha sido um sucesso; não havia motivos de queixa, e não nos queixávamos. Recomeçaram as brincadeiras e as risadas; a expedição voltou a ser um passeio.

Passamos então mais duas horas de marcha cansativa, silêncio absoluto e depressão; então, perto do amanhecer, entramos em Nova

Londres, sujos, machucados, exaustos da nossa curta marcha, e todos nós, com exceção de Stevens, de péssimo humor e intimamente cansados da guerra. Empilhamos as velhas espingardas no celeiro do coronel Ralls e, em seguida, fomos comer com um veterano da Guerra do México. Mais tarde ele nos levou a um campo distante e lá, à sombra de uma árvore, ouvimos dele um antigo discurso, carregado de pólvora e glória, cheio de adjetivos, metáforas mistas e declamações apaixonadas, o que era considerado eloquência naquele tempo antigo e naquela região remota; e então ele nos fez jurar sobre a Bíblia fidelidade ao estado do Missouri e que iríamos expulsar todos os invasores de seu solo, não importa de onde viessem, nem a bandeira sob a qual marchassem. Ficamos confusos, sem saber que tipo de serviço iríamos prestar, mas o coronel Ralls, um político vivido, e um malabarista com as palavras, não tinha as mesmas dúvidas; ele sabia claramente que havia nos investido na causa da Confederação Sulista. Encerrou as solenidades colocando em volta da minha cintura a espada que seu vizinho, coronel Brown, havia usado em Buena Vista e em Molino del Rey; e acompanhou este ato com outra explosão impressionante.

Então formamos em linha de batalha e marchamos quase nove quilômetros até um bosque fresco e agradável nos limites de uma extensa planície florida. Era uma região encantadora para a guerra – para a nossa espécie de guerra.

Penetramos quase um quilômetro floresta adentro e tomamos uma posição fortificada, tendo às costas algumas colinas rochosas e cobertas de florestas e um riacho de águas límpidas à nossa frente. Metade do comando se atirou imediatamente no riacho para nadar, dedicando-se a outra metade à pesca. O rapaz de nome francês deu a esta posição um nome romântico, mas, como era muito longo, os homens o abreviaram para Acampamento Ralls.

Ocupamos um campo onde se colhia seiva do bordo para fazer açúcar, as calhas meio apodrecidas ainda apoiadas aos troncos. Um depósito de milho foi o dormitório do batalhão. À nossa esquerda, a pouco menos de um quilômetro, ficava a casa e a fazenda de Mason; ele também apoiava a causa. Pouco depois do meio-dia os fazendeiros

começaram a chegar de várias direções, trazendo mulas e cavalos para nosso uso, emprestados pelo tempo que durasse a guerra, que eles calculavam em três meses. Eram animais de todos os tamanhos e cores e raças. Eram geralmente novos e nervosos, e ninguém do comando conseguia ficar muito tempo em cima deles, pois éramos todos rapazes da cidade, ignorantes da arte da cavalaria. O animal que coube a mim era uma mula muito pequena, mas muito rápida e esperta, e me derrubava com a maior facilidade, o que ela fazia toda vez que eu a montava. Então ela zurrava, esticando o pescoço para a frente e as orelhas para trás, abrindo a boca até eu conseguir ver todo seu equipamento interno. Era um animal absolutamente antipático. Se eu a puxava pelo cabresto e tentava fazê-la sair da área, ela empacava, fincava pé e ninguém conseguia tirá-la do lugar. Mas eu não era completamente destituído de qualidades militares, e logo consegui estragar seu jogo, pois já havia visto muitos vapores encaçados e conhecia um ou dois truques que faziam andar até uma mula empacada. Havia uma cisterna ao lado do depósito de milho, então eu coloquei 50 metros de corda no lugar do cabresto e puxei a mula com o sarilho.

Só vou dizer que aprendemos a cavalgar depois de alguns dias de prática, mas nunca chegamos a ser bons. Era impossível gostar dos nossos animais, que não haviam sido escolhidos, e a maioria tinha algum tipo de peculiaridade. O cavalo de Stevens o levava, quando ele estava distraído, sob as excrescências que se formam sob os galhos do carvalho e o arrancava da sela; desta forma Stevens ficou muito machucado. O cavalo do sargento Bowers era muito grande e alto, de pernas finas e longas, parecia uma ponte ferroviária. Seu tamanho lhe permitia chegar até onde quisesse com a cabeça, e ele vivia mordendo as pernas de Bowers. Durante a marcha sob o sol quente, Bowers caía no sono, e logo que percebia que Bowers estava dormindo ele lhe morde a perna. Foram tantas mordidas que suas pernas estavam cobertas de manchas pretas e azuis. Era a única coisa que o fazia praguejar, mas invariavelmente o fazia. Amaldiçoava o cavalo toda vez que era mordido, e Stevens, que ria de tudo, começava a rir e ria tanto que entrava em convulsões e acabava caindo do próprio cavalo; e então Bowers, já

irritado pela mordida do cavalo, se irritava mais ainda com as risadas e xingava mais, e começava uma briga; portanto, o cavalo criava um mundo de problemas e estragava o humor do comando.

Mas vou voltar ao ponto onde estava, nossa primeira tarde no campo de açúcar. As calhas de açúcar foram usadas como cochos para os cavalos, e tínhamos muito milho para colocar neles. Ordenei ao sargento Bowers que alimentasse a minha mula, mas ele disse que se eu achava que ele estava indo para a guerra para ser babá de mula eu logo iria descobrir que estava errado. Na minha opinião isso era insubordinação, mas estava cheio de incertezas com relação às coisas da vida militar e deixei passar, e ordenei a Smith, o aprendiz de ferreiro, que alimentasse a minha mula; mas ele se limitou a me lançar um sorriso frio e sarcástico, igual ao que dá um cavalo de sete anos quando alguém lhe levanta o beicho e descobre que ele na verdade tem 14, e me deu as costas. Fui até o capitão e lhe perguntei se não era apropriado e adequado que eu tivesse uma ordenança, e ele concordou, mas, como havia somente uma ordenança na companhia, o mais certo seria Bowers ficar a seu serviço. Bowers disse que não ia ficar a serviço de ninguém, que se alguém quisesse forçá-lo a servir que tentasse. Então, é claro, o assunto morreu; não houve outro jeito.

Em seguida, ninguém se dispôs a cozinhar, era considerado uma degradação; ficamos sem jantar. Jiboiamos o resto da tarde, alguns cochilando debaixo das árvores, outros fumando cachimbo de sabugo, falando de namoradas e da guerra, outros ainda jogando. Pela hora do jantar, todos estavam famintos e, para enfrentar a dificuldade, todos os homens colaboraram, de igual para igual, e juntaram lenha, fizeram fogo e cozinham uma refeição. Logo depois tudo ficou em calma durante algum tempo; então estourou uma briga entre o cabo e o sargento, cada um alegando ser superior ao outro; assim, Lyman teve de resolver a questão igualando a patente dos dois. O comandante de uma companhia de ignorantes igual àquela tem problemas que provavelmente nunca ocorreriam no exército regular. Mas logo a cantoria e o bate-papo em volta do fogo acalmaram as coisas; pouco mais tarde nós nivelamos o milho em uma das extremidades do depósito e fomos

dormir, deixando um cavalo amarrado na porta para ele relinchar se alguém tentasse entrar².

Tínhamos exercícios de equitação todo dia antes do meio-dia; depois, à tarde, percorríamos em grupo algumas milhas, visitávamos as filhas dos fazendeiros, nos divertíamos, alguém nos oferecia um bom jantar ou ceia, e voltávamos para o acampamento, felizes e contentes.

Durante algum tempo a vida foi uma delícia, foi perfeita; não havia nada para atrapalhar. Então chegaram alguns fazendeiros alarmados. Disseram ter ouvido um boato de que o inimigo estava avançando em nossa direção, vindo da planície de Hyde. O resultado foi que ficamos agitados e consternados. Era um rude despertar de nosso sonho feliz. O rumor não passava disso, não havia comprovação e, assim, na confusão, não sabíamos em que direção fazer a retirada. Lyman era totalmente contra uma retirada nessas condições incertas, mas descobriu que se tentasse forçar aquela posição ficaria em má situação, pois o comando não estava disposto a tolerar insubordinação. Então ele cedeu e convocou um conselho de guerra formado por ele próprio e mais três oficiais, mas os soldados reclamaram em tão altos brados da exclusão que tivemos que permitir sua presença. Quero dizer, tivemos que permitir que continuassem, porque presentes eles já estavam, e eram mesmo os que mais falavam. A questão era em que direção fazer a retirada, mas estavam todos tão excitados que ninguém tinha sugestões a apresentar. A não ser Lyman. Ele explicou em poucas e calmas palavras que, já que o inimigo se aproximava vindo da planície do Hyde, nossa decisão era simples: bastava não fazer a retirada na direção *dele*; qualquer outra direção atenderia perfeitamente aos nossos objetivos. Todos viram imediatamente a verdade e a sabedoria desse

2. Sempre acreditei que o cavalo tinha sido preso ali com esse fim e sabia que essa era também a impressão de pelo menos outro membro do comando, pois conversamos a respeito à época e eu contei da minha admiração pela idéia; mas quando estive no Oeste, há três anos, o Sr. A. G. Fuqua, um dos soldados da companhia, me disse que o cavalo era dele, e que o fato de ele ter ficado preso à porta fora uma questão de esquecimento e que o atribuir à capacidade inventiva era um crédito que estava acima do seu merecimento. Para confirmar o que dizia, ele chamou minha atenção para o fato sugestivo de tal artifício não ter sido empregado outra vez. Antes eu não tinha levado em conta esse fato. (Mark Twain)

argumento; então Lyman recebeu muitos e efusivos cumprimentos. Ficou decidido que nos retiraríamos na direção da fazenda de Mason.

Já estava escuro, e como não tínhamos idéia de quando o inimigo estaria chegando não pareceu de bom alvitre levar cavalos e outras coisas conosco, portanto só levamos armas e munições e saímos imediatamente. A rota era muito difícil, montanhosa e pedregosa, e logo a noite ficou uma escuridão completa e começou a chover; foi uma retirada muito difícil, lutando e rastejando pelas pedras no escuro; e logo alguém escorregou e caiu, e logo quem vinha atrás tropeçou nele e também caiu, e assim todo mundo; e então chegou Bowers carregando um barril de pólvora, enquanto o comando tentava desembaraçar braços e pernas na encosta coberta de lama; então ele caiu, com o barril, e todo o destacamento escorregou pela encosta como um corpo único, até parar amontoado no riacho que havia lá embaixo, e quem estava embaixo arranhava e mordía, além de puxar o cabelo de quem estava por cima; e os que estavam sendo arranhados e mordidos também arranhavam e mordiam os outros, e todos gritavam que, se conseguissem sair do riacho, preferiam morrer a entrar noutra guerra, que o invasor se lixasse, que o país também se lixasse, que eles não dariam a mínima; era o que eles diziam, o que era muito triste ouvir, e pior ainda ter de dizer, naquelas vozes abafadas e baixas, naquele lugar escuro e molhado, onde o inimigo poderia surgir a qualquer momento.

O barril de pólvora estava perdido, bem como as armas; assim, os rosnados e os gemidos continuaram enquanto a brigada tateava na encosta barrenta e se encharcava no riacho procurando as coisas; conseqüentemente, perdemos muito tempo. Ouvimos um som, prendemos a respiração para prestar mais atenção, e parecia que o inimigo estava se aproximando, embora pudesse ser também uma vaca, pois tossia igual a uma vaca; mas resolvemos não esperar, abandonamos algumas armas e corremos na direção da fazenda de Mason, com a rapidez que o terreno permitia aos nossos tropeços no escuro. Mas logo nos perdemos entre as ravinas e gastamos muito tempo até achar de novo o caminho, e assim já passava das nove quando finalmente chegamos à porteira da fazenda de Mason; e antes de abirmos a boca

para dar a contra-senha vários cachorros saíram pulando a cerca, com muita violência e barulho, e cada um atacou um soldado pelos fundilhos da calça e começou a puxar. Não podíamos atirar nos cachorros sem pôr em risco os soldados atacados, e assim tivemos de observar, impotentes, o espetáculo mais mortificante da guerra civil. Já havia bastante luz, luz de sobra, pois o velho Mason e o filho vieram até a varanda com velas. Eles chegaram e soltaram os cachorros sem dificuldade, todos menos o que atacou Bowers; este eles não conseguiam soltar, parece que não sabiam a combinação; era um daqueles buldogues cuja boca parece trancada por uma fechadura Yale, mas finalmente eles o soltaram jogando água fervendo, que também caiu em Bowers, que ficou muito grato. Peterson Dunlap inventou um nome muito bonito para essa batalha, e outro para a marcha noturna que a precedeu, mas os dois já desapareceram há muito da minha memória.

Finalmente, entramos na casa e eles começaram a nos fazer um monte de perguntas, das quais ficou claro que não sabíamos do que nem de quem estávamos fugindo; por isso o velho senhor demonstrou toda a sua franqueza, disse que éramos um tipo esquisito de soldado e adivinhou que de nós ninguém poderia esperar a vitória em tempo, pois nenhum governo teria condições de gastar a sola tentando nos perseguir. “Patrulheiros de Marion! Belo nome!”, disse ele. Então perguntou por que não montamos um posto avançado de sentinela na estrada que dá para a planície e por que não tínhamos enviado batedores para espionar o inimigo e trazer um relatório indicando a força e outras informações antes de sair correndo de uma posição fortificada ao primeiro boato de perigo... Até nos humilhar mais do que nos humilharam os cachorros e nos convencer de que não éramos bem-vindos. Então fomos para a cama envergonhados e desanimados; todos menos o Stevens. Logo ele começou a imaginar para Bowers uma roupa que expusesse automaticamente suas cicatrizes de batalha para os agradecidos, ou as ocultasse dos invejosos, conforme a ocasião; mas Bowers não estava de bom humor, e houve uma briga, e quando a briga terminou Stevens estava ocupado em tratar suas próprias cicatrizes de batalha.

Então dormimos um pouco. Mas, mesmo depois de tudo que havíamos passado, as atividades daquela noite ainda não tinham terminado, pois às duas da madrugada ouvimos um grito de aviso que vinha da estrada, acompanhado do coro de todos os cachorros, e num instante todo mundo saltou da cama e corria de um lado para o outro, tentando descobrir a razão do alerta. O alarmista era um cavaleiro avisando que um destacamento de soldados da União vinha de Hannibal com ordens de encontrar, capturar e enforcar todos os grupos iguais ao nosso, e nos disse que não tínhamos tempo a perder. O velho Mason agora ficou todo agitado. Mandou nos expulsar da casa e chamou um dos negros para nos mostrar onde esconder a nós e às nossas armas entre as ravinas a menos de um quilômetro de distância. Chovia forte.

Tomamos a estrada, atravessamos um pasto pedregoso que oferecia algumas vantagens para tropeçar; conseqüentemente, ficamos na lama a maior parte do tempo, e toda vez que um homem se esborrachava ele amaldiçoava a guerra, quem a havia inventado e todo mundo que estava nela, e a dose mais generosa era tomada por ele mesmo, por ser idiota a ponto de entrar nela. Chegamos finalmente à floresta na boca da ravina, lá nos encolhemos sob as árvores molhadas e mandamos o negro de volta. O tempo estava horroroso. A chuva estava quase nos afogando, o vento e os trovões nos ensurdeciam, os raios nos cegavam. A noite estava feroz. Estar encharcado já era ruim demais, mas pior era pensar que a corda do carrasco talvez nos encontrasse antes do raiar do dia. Nenhum de nós ainda havia considerado morte tão vergonhosa como uma das possibilidades oferecidas pela guerra. Todo o romance de nossa campanha desapareceu e nossos sonhos de glória se tornaram pesadelos repulsivos. E ninguém chegou a duvidar que alguém tivesse dado ordem tão bárbara.

A longa noite chegou ao fim, e então o negro voltou para nos avisar que o alarme fora evidentemente falso, e que o café logo estaria na mesa. Ficamos felizes, o coração em festa; o mundo ficou alegre e a vida cheia de esperanças e promessas como sempre fora, pois éramos jovens. Há quanto tempo tudo isso aconteceu! Já lá se vão 24 anos.

O filho bastardo da filologia deu ao refúgio daquela noite o nome de Acampamento Devastação, e ninguém discordou. Os Mason nos deram um café da manhã do Missouri, com a abundância do Missouri, e foi ótimo: biscoitos quentes, “pão branco” quente coberto com um lindo desenho quadriculado, bolo de milho, frango frito, café, ovos, leite, creme de leite etc.; e ninguém no mundo oferece café da manhã igual ao que é servido no Sul.

Ficamos vários dias na fazenda do Mason, e depois de todos esses anos a lembrança do tédio, da imobilidade, do desânimo daquela fazenda sonolenta ainda me oprime o espírito com o senso da presença da morte e do luto. Não havia nada a fazer, nada a pensar; não havia interesse na vida. A parte masculina da casa passava o dia inteiro no campo, as mulheres se ocupavam de suas coisas e não eram vistas; o único som era o gemido plangente da roca oculta em algum ponto distante da casa, o som mais solitário da natureza, um som agudo e saturado de saudade e do vazio da vida. A família sempre se recolhia ao anoitecer e, como não nos pediram para criar novos hábitos, tivemos que seguir os da casa. As noites duravam séculos para jovens acostumados a não dormir antes da meia-noite. Rolando na cama, acordados e infelizes, mais velhos e decrepitos a cada minuto, esperávamos o som do relógio batendo a hora. Aquilo não era lugar para jovens da cidade. Mas, finalmente, foi com alguma coisa parecida com alegria que recebemos a notícia de que o inimigo mais uma vez vinha em nosso encalço. Sentindo renascer o espírito guerreiro, cada um assumiu seu posto na linha de batalha e voltamos ao Acampamento Ralls.

O capitão Lyman havia absorvido os ensinamentos de Mason e deu ordens de postar sentinelas avançados para evitar um ataque de surpresa. Recebi ordens de montar um posto avançado na encruzilhada das estradas que davam para a planície de Hyde. A noite estava escura e ameaçadora. Mandei o sargento Bowers ir até aquele ponto e lá ficar até meia-noite; como eu já esperava, ele respondeu que não iria. Tentei mandar outros, mas todos recusaram. Uns deram a desculpa das condições do tempo, mas o resto justificou dizendo simplesmente que não iria com nenhuma condição de tempo. Isso hoje pare-

ce estranho, impossível, mas naquele dia ninguém ficou surpreso. Pelo contrário, parecia ser a coisa mais natural. Em muitos outros acampamentos espalhados pelo Missouri a mesma coisa estava acontecendo. Eram acampamentos formados por jovens nascidos e criados em forte independência, e que não admitiam receber ordens do Tom, Dick ou Harry, que conheciam desde crianças na cidade ou na fazenda. O mais provável é que estivesse acontecendo em todo o Sul. James Redpath reconheceu a justeza dessa suposição e ofereceu o seguinte exemplo para apoiá-la: durante uma curta viagem ao leste do Tennessee, ele estava um dia na barraca de um cidadão coronel quando um cabo apareceu na entrada e, sem saudação ou qualquer outro circunlóquio, disse ao coronel:

“Ei, Jim, vou passar uns dias em casa.”

“Para quê?”

“Já tem bastante tempo que não vou lá e quero ver como estão as coisas.”

“Quanto tempo você pensa ficar lá?”

“Umas duas semanas.”

“Está bem, mas não demore mais de duas semanas; e volte antes, se puder.”

E foi tudo. O oficial retomou a conversa onde havia sido interrompida pelo cabo. É claro que isso aconteceu somente nos primeiros meses da guerra. Os acampamentos na nossa região do Missouri estavam sob o comando do brigadeiro-general Thomas H. Harris. Ele era da nossa cidade, um sujeito batuta, e todo mundo gostava dele, mas todos o conheciam como o modesto operador do telégrafo, que normalmente enviava um telegrama por semana, ou dois quando havia muita coisa acontecendo; conseqüentemente, quando ele parou rapidamente no nosso acampamento e deu uma ordem militar qualquer, de forma altamente militar, ninguém ficou surpreso com a resposta dos soldados reunidos:

“Ora, esquece isso, Tom Harris!”

Era muito natural. Alguém poderia imaginar que nenhum de nós prestava para a guerra. E realmente dávamos essa impressão, tamanha

era a nossa ignorância, mas houve alguns entre nós que mais tarde aprenderam a triste profissão; aprenderam a obedecer como máquinas; tornaram-se soldados valorosos; lutaram durante toda a guerra e dela saíram com honras. Um dos rapazes que se recusaram a sair em sentinela naquela noite e que me chamou de burro por pensar que ele iria se expor loucamente ao perigo distinguiu-se por coragem antes de completar mais um aniversário.

Naquela noite eu consegui montar aquele posto avançado de sentinela, não pela autoridade, mas pela diplomacia. Convenci Bowers a ir quando concordei em trocar minha patente pela dele durante algum tempo e ir montar guarda com ele, como seu subordinado. Ficamos por ali durante umas duas horas em absoluta escuridão e na chuva, sem nada além das monótonas imprecações de Bowers contra a guerra e a chuva para atenuar a monotonia; os olhos começaram a pesar e tornou-se quase impossível ficar na sela; então desistimos daquele trabalho tedioso e voltamos para o acampamento sem esperar a chegada do nosso substituto. Entramos no acampamento sem interferência nem resistência de quem quer que fosse, e o inimigo poderia ter feito a mesma coisa, pois não havia sentinelas. Todos estavam dormindo; à meia-noite não havia ninguém para sair, então não se enviaram batedores. Ao que me lembre, não tentamos mais fixar turnos de vigilância durante a noite, mas durante o dia havia sempre um posto avançado.

Naquele acampamento, todo o comando dormia sobre o milho no depósito e geralmente havia uma agitação toda manhã, pois o lugar estava cheio de ratos que passavam pelo corpo e pelo rosto dos soldados, irritando todo mundo; uma vez ou outra eles se atreviam a morder o dedo do pé de alguém, e o dono do dedo pulava, ampliava seu inglês e começava a atirar milho para todos os lados no escuro. As espigas tinham quase o peso de tijolos e machucavam quando acertavam alguém. Quem era atingido respondia, e em cinco minutos todos os homens estavam engalfinhados com os vizinhos. Muito sangue se perdeu no depósito de milho, mas este foi todo o sangue vertido enquanto eu estava na guerra. Não, não é bem verdade. Mas, não

fosse por uma circunstância, poderia ter sido. É disso que passo a falar agora.

Passávamos por sustos freqüentes. Todo dia chegavam boatos de aproximação do inimigo. Nesses casos, sempre nos retirávamos para algum outro acampamento; nunca ficávamos onde estávamos. Mas os boatos foram sempre falsos, então acabamos por ficar indiferentes a eles. Uma noite um negro foi mandado ao depósito de milho trazendo o mesmo aviso: o inimigo está chegando à nossa região. Dissemos ao negro que o inimigo podia chegar aonde quisesse. Decidimos ficar no conforto de onde estávamos. Foi uma bela decisão, uma decisão de guerreiros, e sentimos a emoção correndo pelas nossas veias... durante um instante. Estávamos nos divertindo a rodo, brincando como meninos, mas a animação desapareceu imediatamente e logo o fogo de palha das piadas e dos risos dos forçados morreu completamente e a companhia ficou em silêncio. E nervosa. E logo depois inquieta, preocupada, apreensiva. Havíamos dito que ninguém faria uma retirada, e agora não tínhamos como livrar a cara. Alguém poderia nos ter convencido a partir, mas ninguém tinha coragem de sugerir. Logo teve início um movimento silencioso, um impulso difuso e sem voz. Completado o movimento, cada um de nós já sabia que não fora o único a chegar até a paliçada para olhar entre os paus. Não, na verdade, estávamos todos lá; todos com o coração na boca, olhando para as calhas de açúcar por onde passava o caminho que vinha da floresta. Já era tarde, e por toda parte a imobilidade da floresta era sentida. Era uma noite clara, de lua velada por uma névoa fina, que só nos permitia distinguir a forma geral dos objetos. Logo um som abafado chegou aos nossos ouvidos e reconhecemos o som de cascos de um ou mais cavalos. Imediatamente apareceu uma figura no caminho da floresta; poderia ser fumaça, pois o contorno era muito mal definido. Era um homem a cavalo, e me pareceu que outros vinham atrás dele. Peguei uma arma e enfiei pelo buraco entre os paus da cerca, sem nem mesmo saber o que estava fazendo, estava morto de medo. Alguém gritou “Fogo!” e eu puxei o gatilho. Tive a impressão de ver cem raios e de ouvir cem trovões e vi o homem cair da sela. Meu primeiro sentimen-

to foi de surpresa gratificante; meu primeiro impulso foi o do caçador aprendiz que corre para pegar sua primeira presa. Alguém disse em voz alta: “Bom, pegamos ele! Vamos esperar o resto”. Mas o resto não veio. Esperamos, orelhas em pé, mas não veio ninguém. Não se ouviu um som, nem o da queda de uma folha. Imobilidade absoluta; uma imobilidade de certa forma misteriosa, ainda mais misteriosa por causa dos cheiros noturnos de terra úmida que a permeavam. Então, decidimos avançar arrastando e nos aproximamos do homem. Quando chegamos até ele, a luz da lua o revelou claramente. Estava caído de costas, de braços abertos; a boca estava aberta, o peito arfava em longos haustos, o peito da camisa manchado de sangue. Ocorreu-me imediatamente que eu agora era um assassino; que tinha matado um homem, um homem que nunca me havia feito mal. Foi a sensação mais fria que me passou pelos ossos. Num instante estava ajoelhado ao seu lado, passando desesperado a mão pela sua testa; naquele instante eu teria dado qualquer coisa, até a vida, para fazê-lo ser de novo o que fora até cinco minutos antes. Todos pareciam sentir a mesma coisa; estavam todos curvados sobre ele, cheios de um interesse penalizado, tentando ajudá-lo, dizendo frases de arrependimento. Todos esqueceram o inimigo; pensavam apenas naquela infeliz unidade do inimigo. Minha imaginação me convenceu de que o homem agonizante me deu um olhar de censura com os olhos apagados, e senti que seria melhor se ele tivesse me esfaqueado. Ele gaguejou e murmurou alguma coisa, como quem fala em sonhos, alguma coisa sobre mulher e filho, e pensei, com desespero renovado, que o que eu tinha feito não acabava nele; caía também sobre as vidas *deles*, que, como ele, também nunca me haviam feito mal.

Em pouco tempo o homem morreu. Morto na guerra; morto numa guerra justa e legítima; morto em batalha, alguém diria, e, ainda assim, sua morte foi sinceramente lamentada, como a de um irmão, pelas forças inimigas. Os soldados ficaram lá uma meia hora velando o soldado morto, lembrando os detalhes da tragédia, tentando adivinhar quem seria ele, se era um espião, que se pudessem eles não o atacariam a menos que fossem atacados primeiro. Percebi então que

não fora o único a atirar; cinco outros também atiraram; uma divisão de culpa que para mim foi um bálsamo, pois de certa forma aliviava e reduzia o peso de minha cruz. Seis tiros foram disparados ao mesmo tempo. Mas, alterado como estava, minha imaginação excitada ampliou meu tiro numa fuzilaria.

O homem não tinha farda nem arma. Era desconhecido na região, foi o que conseguimos saber dele. Sua lembrança passou a vir todas as noites assombrar o meu sono; não conseguia esquecê-lo. O pensamento de que havia tirado aquela vida me parecia desumano. Parecia um epítome da guerra; que a guerra era aquilo mesmo, matar estranhos contra quem não tínhamos nenhuma animosidade; estranhos que, em outra circunstância, poderíamos ter ajudado numa situação difícil, que teriam nos ajudado se precisássemos. Minha guerra acabou ali. Senti que não estava preparado para coisa tão terrível; que guerra era coisa de homens e que eu era mais um enfermeiro de crianças. Decidi me afastar dessa falsa vocação militar enquanto ainda me restava um pouco de respeito próprio. Estava irracionalmente obcecado por aqueles pensamentos, pois no fundo não acreditava ter ferido aquele homem. A lei das probabilidades decretava que não era culpado por aquele sangue; que nunca havia acertado coisa alguma que tivesse tentado acertar, e que havia feito o máximo para acertá-lo. Mas o pensamento não me consolava. Para uma imaginação doentia, nenhuma demonstração tem valor.

O restante de minha experiência de guerra segue o mesmo padrão do que contei até agora. Continuamos monotonamente a bater em retirada para um ou outro acampamento, devorando a região. Até hoje fico maravilhado pela paciência dos fazendeiros e de suas famílias. Deveriam ter atirado em nós, mas, pelo contrário, eram hospitaleiros e gentis, como se fôssemos merecedores. Num desses acampamentos encontramos Ab Grimes, um piloto do Alto Mississípi que mais tarde se tornou famoso como espião ousado cuja carreira foi marcada por aventuras desesperadas. A aparência e o estilo de seus companheiros de armas mostravam que eles não haviam entrado naquela guerra para brincar, e seus feitos mais tarde confirmaram essa impressão. Eram

excelentes cavaleiros e bons atiradores, mas sua arma preferida era o laço. Todos tinham o seu na cabeça da sela e com ele arrancavam sem erro qualquer homem da sela, a pleno galope e a uma distância razoável.

Noutro acampamento, o chefe era um ferreiro feroz e profano de 60 anos que havia equipado seus 20 recrutas com facas gigantescas que deviam ser manejadas com as duas mãos, como machadinhas do Istmo. Era um espetáculo assustador ver aquele bando praticar sua arte assassina sob o olhar vigilante daquele velho fanático e impiedoso.

O último acampamento a que chegamos estava num local vazio perto da vila de Flórida, onde eu havia nascido, no condado de Monroe. Aqui recebemos o aviso de que um coronel do Norte nos perseguia com um regimento inteiro. Parecia realmente grave. Nós nos afastamos e discutimos a questão; depois voltamos e informamos aos outros companheiros presentes que a guerra era para nós um desapontamento e que íamos debandar. Eles próprios já se preparavam para bater em retirada e só estavam esperando o general Tom Harris, que deveria chegar a qualquer momento; então eles tentaram nos convencer a esperar um pouco, mas a maioria dos nossos foi contra, já estávamos acostumados a bater em retirada e não precisávamos da ajuda de Tom Harris; éramos perfeitamente capazes de bater em retirada sem ele – e ainda ganhar tempo. Então a metade de nós, eu entre eles, se levantou e partiu imediatamente; os outros cederam e ficaram... Ficaram até o final da guerra.

Uma hora depois encontramos o general Harris na estrada, na companhia de dois ou três homens, provavelmente seu estado-maior, mas não sabíamos; nenhum deles estava fardado, os uniformes ainda não eram comuns entre nós até então. Harris nos ordenou que voltássemos, mas lhe dissemos que um coronel da União estava chegando com um regimento inteiro, e parecia que haveria luta, então havíamos decidido ir para casa. Ele ficou com raiva, mas não adiantou; estávamos decididos. Já tínhamos feito a nossa parte; já havíamos matado um homem, exterminamos um exército, se isso ele era; se tivéssemos matado o resto e o deixado partir, a guerra teria provavelmente termi-

nado. Só tornei a encontrar aquele jovem general no último ano da guerra, quando ele já tinha o cabelo e as suíças brancos.

Com o passar do tempo, fiquei conhecendo o coronel cuja chegada me tirou da guerra e destruiu a causa sulista: o general Grant. Estive a poucas horas de conhecê-lo quando ainda era tão desconhecido quanto eu, numa época em que qualquer um teria dito: “Grant? Ulysses S. Grant? Não conheço esse nome”. Hoje parece difícil imaginar que houve tempo em que essa frase podia ser dita racionalmente; mas houve, e eu estava a poucos quilômetros do local e da ocasião, embora estivesse marchando na direção oposta.

Os mais sérios provavelmente vão agora jogar fora, como sem valor, essa minha pequena história de guerra. Mas ela tem valor: não é um retrato injusto do que se passou em muitos e muitos acampamentos durante os primeiros meses da rebelião, quando os recrutas imaturos ainda não tinham disciplina nem a influência tranquilizadora e encorajadora de líderes treinados; quando todas as situações eram novas e estranhas, carregadas de terrores exagerados, e antes que a experiência valiosa dos choques reais no campo de batalha transformasse os coelhos em soldados. Se esse lado do retrato daquela época distante não foi ainda escrito na história é porque a história ainda estava incompleta, pois ela é o seu lugar de direito. Muito mais dos soldados de Bull Run³ está espalhado pelos primeiros acampamentos deste país do que está exposto em Bull Run. E, ainda assim, eles logo aprenderam seu mister e mais tarde lutaram grandes batalhas. Se tivesse insistido, eu poderia ter me tornado um soldado. Parte do que era necessário eu cheguei a aprender: aprendi mais sobre retiradas do que o homem que as inventou.

3. Ver nota 1, p. 197.

O HOMEM QUE CORROMPEU HADLEYBURG

(1899)

Considerada uma das mais brilhantes histórias de Mark Twain, “O homem que corrompeu Hadleyburg”, escrita em 1899, acabou por vir a ser o pivô central de um episódio de censura no auge do período do macartismo nos Estados Unidos: sua utilização como motivo central do romance Silas Timberman, de Howard Fast, escrito em 1954, foi o pretexto para a inclusão do autor na notória e temida lista negra. No romance, um professor universitário perde o emprego e é intimado a depor perante o Comitê de Atividades Antiamericanas após utilizar “O homem que corrompeu Hadleyburg” como tema de discussão em uma aula de literatura.

A história aborda o processo de derrocada moral de uma pequena cidade considerada um reduto de excelência de conduta. Twain discute assim o processo de alienação implícito no mito da incorruptibilidade e no obsessivo desejo de proteção contra as tentações.

I

Foi há muitos anos. Hadleyburg era a cidade mais honesta e honrada de toda a região próxima. Já mantinha esta reputação imaculada havia três gerações, e tinha mais orgulho dela que de qualquer de suas outras posses. Tinha de fato tanto orgulho dela, e tamanha ânsia por perpetuá-la, que começou a ensinar os princípios de honestidade a seus filhos ainda no berço, tornando esses ensinamentos a característica de sua cultura durante todos os anos de educação. E os jovens eram afastados de todas as tentações durante esses anos de formação para que sua honestidade pudesse se fortalecer e solidificar, e ser ab-

sorvida até os ossos. As cidades vizinhas tinham inveja dessa honrada supremacia e fingiam zombar do orgulho de Hadleyburg por ela, a que davam o nome de vaidade; mas mesmo assim eram obrigados a reconhecer que Hadleyburg era uma cidade realmente incorruptível; e, se alguém insistisse, reconheciam mesmo que ter vindo de Hadleyburg já era recomendação bastante para qualquer jovem que pretendesse um emprego de responsabilidade.

Mas finalmente, com o passar do tempo, Hadleyburg teve o infortúnio de ofender um estrangeiro de passagem, talvez até sem o saber, certamente sem se importar, pois Hadleyburg era muito auto-suficiente e não ligava a mínima para estrangeiros ou suas opiniões. Mas teria sido melhor fazer uma exceção no caso deste homem, pois ele era amargo e vingativo. Durante um ano ele remoeu essa ofensa e gastou todos os seus momentos livres tentando inventar uma compensação satisfatória. Imaginou muitos planos, e todos eram bons, mas nenhum deles suficientemente abrangente; o mais fraco atingiria muitos indivíduos, mas o que ele queria era um plano que atingisse toda a cidade, ninguém poderia escapar. Finalmente veio-lhe uma idéia feliz que, quando entrou no seu cérebro, lhe iluminou toda a cabeça com uma alegria má. Começou a formular imediatamente o seu plano, dizendo aos seus botões: “É isto. Vou corromper Hadleyburg”.

Seis meses depois ele foi a Hadleyburg e parou diante da casa do velho caixa do banco lá pelas dez da noite. Arrancou da charrete um saco, jogou-o no ombro, entrou tropeçando pelo jardim da casa e bateu na porta. Uma voz de mulher respondeu: “Pode entrar”, e ele entrou, largou o saco atrás do fogão, dizendo educadamente à velha senhora que lia sentada o *Arauto Missionário* à luz da lamparina:

“Por favor, não se levante, minha senhora, não vou demorar. Muito bem, está bem escondido; ninguém vai saber que ele está ali. Posso falar ao seu marido, madame?”

“Não, ele foi a Brixton e talvez só chegue pela manhã.”

“Muito bem, madame, não tem importância. Eu só gostaria de deixar este saco aos seus cuidados para ser entregue ao legítimo dono, quando for encontrado. Sou estrangeiro; ele não me conhece; aconte-

ce que estou de passagem pela cidade para tratar de um assunto que há muito me ocupa a cabeça. Agora minha tarefa está completa, e parto feliz e até um pouco orgulhoso e a senhora nunca mais vai me ver de novo. Há um papel preso no saco que explica tudo. Boa noite, madame.”

A velha senhora teve medo do estranho misterioso e ficou feliz quando ele se foi. Mas agora estava curiosa, e ela foi até o saco e pegou o papel. Começava assim:

A SER PUBLICADO; ou se pode procurar o homem certo por meios privados, as duas formas são aceitáveis. Este saco contém moedas de ouro, num total de 160 libras e quatro onças...

“Meu Deus, e a porta não está trancada!”

A Sra. Richards correu até a porta e trancou-a, depois fechou as cortinas e lá ficou, medrosa, preocupada, sem saber se havia mais alguma coisa a fazer para tornar mais seguros o dinheiro e ela própria. Aguçou os ouvidos para ver se havia ladrões, e então se rendeu à curiosidade e voltou até a lamparina e terminou de ler o papel.

Sou estrangeiro e agora volto ao meu país, para lá ficar permanentemente. Agradeço à América por tudo o que dela recebi durante minha estada sob sua bandeira; e a um de seus cidadãos – um cidadão de Hadleyburg – tenho especial gratidão pelo grande bem que me fez há um ou dois anos. Na verdade, foram dois grandes benefícios. Explico. Eu era jogador. Digo ERA. Era um jogador arruinado. Cheguei uma noite a esta vila, faminto e sem vintém. Pedi ajuda – no escuro, tinha vergonha de mendigar à luz. Pedi ao homem certo. Deu-me 20 dólares, mas seria melhor dizer que ele me deu a vida. E também me deu uma fortuna, pois com aquele dinheiro eu me enriqueci à mesa de jogo. E, finalmente, ele me disse uma frase que ficou comigo todos esses anos e acabou por me conquistar; e ao me conquistar salvou o que restava de minha moral; nunca mais vou jogar. Não tenho a menor idéia de quem era aquele homem, mas quero que ele seja encontrado e receba este dinhei-

ro, para gastar, distribuir ou guardar, como preferir. Esta é apenas a forma que encontrei de afirmar minha gratidão. Se me fosse possível ficar, eu mesmo o encontraria; mas não importa, ele vai ser encontrado. Esta cidade é honesta, incorruptível, e estou certo de que nela posso confiar despreocupado. Esse homem será identificado pela frase que me disse; tenho certeza de que ele há de se lembrar.

Este é o meu plano: se preferirem, os senhores poderão conduzir discretamente esse inquérito. Informem o conteúdo desta carta a quem imaginem ser o homem certo. Se ele responder, “Sou eu o homem e a frase é tal e qual”, apliquem o teste: ou seja, abram o saco e lá encontrarão um envelope selado contendo a frase. Se a frase citada pelo candidato for igual a ela, entreguem-lhe o dinheiro sem mais perguntas, pois ele será com certeza o homem certo.

Mas se preferirem um inquérito público publiquem esta carta no jornal local – inclusive as seguintes instruções: dentro de 30 dias, que o candidato se apresente no salão da prefeitura e entregue sua frase num envelope selado ao reverendo Sr. Burgess (se ele aceitar tal incumbência); e lá, no mesmo instante, o reverendo Sr. Burgess deverá romper os selos do saco, abri-lo e verificar se a frase está correta; se correta, que o dinheiro seja entregue, com toda a minha gratidão, ao meu benfeitor assim identificado.

A Sra. Richards sentou-se lentamente, tremendo de excitação, e se perdeu em pensamentos, mais ou menos neste tom: “Que coisa estranha! E que fortuna para esse homem bom, merecedor de tanta gratidão!... Ah se tivesse sido o meu marido! Somos tão pobres, tão velhos e pobres!...” Então, com um suspiro: “Mas não pode ser o meu Edward; não foi ele quem deu os 20 dólares ao estrangeiro. Que pena!”. Então, com um calafrio: “Mas isso é dinheiro de *jogo*! Dinheiro do pecado: não podemos aceitar; não podemos nem tocar; nem gosto de estar tão perto dele; é uma vergonha”. Ela se sentou numa cadeira mais distante. “O Edward bem que podia chegar e levar isto logo para o banco; qualquer hora aparece um ladrão; é horrível ficar aqui sozinha com isto.”

Às onze chegou o Sr. Richards, e enquanto sua esposa dizia “Que bom que você chegou”, ele também se queixava: “Estou tão cansado! Morto de cansado; é horrroso ser pobre e obrigado a fazer essas viagens na minha idade. Sempre trabalhar, trabalhar, trabalhar, e receber *aquele* salário; escravo de outro homem, e ele lá rico, sentado de chinelos no conforto de sua casa”.

“Você bem sabe que eu também sinto muito, Edward, mas anime-se: ganhamos o bastante para viver; temos nosso bom nome...”

“É verdade, Mary, e isto é o mais importante. Não ligue para o que eu disse, é só uma irritação de momento que não significa nada. Dê um beijo; pronto, passou tudo, já parei de reclamar. O que é aquilo no saco?”

Então a mulher lhe contou o grande segredo. Ele ficou petrificado durante um instante, então disse:

“Cento e sessenta libras? Mary, isso vale 40 mil dólares, pense bem, uma fortuna enorme! Não existem dez homens nesta cidade que valham tanto dinheiro. Deixe-me ver esse papel”.

Ele o percorreu com os olhos e disse:

“Mas que aventura! É um romance; é uma dessas coisas impossíveis que a gente lê nos livros e nunca vê na vida”.

Ele já estava bem excitado, animado, até feliz. Deu um tapinha no rosto da mulher e disse, rindo:

“Ora, estamos ricos, Mary, ricos; só precisamos enterrar o tesouro e queimar os papéis. Se o jogador voltar, nós lhe dizemos, no maior desprezo, ‘que bobagem é esta? Nunca vimos nem ouvimos falar de seu saco de ouro’; ele ia ficar com cara de idiota e...”

“E enquanto você faz piadas, o ouro continua aqui, e logo é hora de aparecer um ladrão.”

“É verdade. Muito bem, o que vamos fazer, um inquérito privado? Não, estragaria toda a emoção. O método público é o melhor. Imagine o barulho que vai fazer! E todas as outras cidades vão morrer de inveja, pois nenhum estrangeiro confiaria tamanho tesouro a nenhuma outra cidade; só a Hadleyburg, e todo mundo sabe. Vai ser a nossa glória. Vou correndo até o jornal, ou vai ficar tarde.”

“Mas, espere, espere... Não me deixe aqui sozinha com o saco, Edward!”

Mas ele já havia sumido. Contudo, não demorou muito. Perto de casa encontrou o editor e proprietário do jornal e lhe deu o documento, dizendo: “Veja que coisa boa, Cox. Ponha no jornal”.

“É capaz de já ser tarde, Sr. Richards. Mas vou ver o que posso fazer.”

Já em casa, ele e a mulher se sentaram para discutir o lindo mistério; era impossível dormir. Primeira pergunta: quem poderia ser o cidadão que deu 20 dólares ao estrangeiro? Esta não devia ser difícil; os dois responderam a uma voz:

“Barclay Goodson”.

“É, ele era capaz de fazer uma coisa dessas, e ninguém iria estranhar, mas não há outro igual na cidade.”

“Nisso todo mundo concorda, Edward, pelo menos em particular. Há seis meses a cidade voltou a ser o que sempre foi: honesta, estreita, intolerante e avarenta.”

“Foi o que ele sempre disse dela, até o dia da morte; e dizia em público, para todo mundo ouvir.”

“E por isso todo mundo o detestava.”

“É claro, mas ele nem ligava. Acho que ele foi o homem mais odiado da cidade, se não foi o reverendo Burgess.”

“Pois o Burgess bem merece, aqui ele não consegue mais nenhuma paróquia. Ruim como é, a cidade sabe bem o quanto *ele* não presta. Edward, não parece estranho o estrangeiro escolher Burgess para entregar o dinheiro?”

“Bem... é. Isto é... Isto é...”

“Por que tanto ‘isto é’? *Você* escolheria o Burgess?”

“Mary, talvez o estrangeiro o conheça melhor que a cidade.”

“Grande coisa!”

O marido pareceu indeciso; a mulher o encarou e esperou. Finalmente, Richards disse, com a hesitação de alguém que vai dizer alguma coisa meio inacreditável.

“Mary, Burgess não é um mau sujeito.”

A mulher fez um ar de surpresa.

“Bobagem!”

“Não é um mau sujeito. Toda a sua impopularidade se baseava naquilo, só naquilo que provocou aquele escândalo.”

“Só aquilo! Como se aquilo já não fosse bastante.”

“Era bastante, mais que bastante. Só que não foi culpa dele.”

“Veja lá o que você fala! Não foi culpa dele. Todo mundo sabe que *foi* culpa dele.”

“Mary, eu lhe dou minha palavra. Ele era inocente.”

“Não posso acreditar; e não acredito. Como é que você sabe?”

“Tenho de confessar. Estou com vergonha, mas tenho de confessar. Eu era o único que sabia que ele era inocente. Eu poderia tê-lo salvo. Mas... Você sabe como é esta cidade... Não tive coragem. Todo mundo ficaria contra mim. Eu me senti mal, tão sórdido, mas não tive coragem; não fui homem para encarar a cidade.”

Mary ficou em silêncio durante um instante. Então falou, gaguejando:

“Eu... Acho que não ia ser bom... A gente não pode... A opinião pública... É preciso muito cuidado...” Havia entrado por uma estrada lamacenta e se atolou, mas logo depois continuou. “Foi mesmo uma pena. Mas nós não podíamos correr esse risco, Edward. Não podíamos. Eu não ia deixar você fazer uma coisa dessas por dinheiro nenhum!”

“Teria nos custado a boa vontade de tanta gente, Mary, e então... e então...”

“O que me preocupa agora é o que *ele* pensa de nós, Edward.”

“Ele? Ah, *ele* nem imagina que eu podia salvá-lo.”

“Ah”, exclamou a mulher aliviada, “ainda bem! Se ele não sabe que você podia salvá-lo, ele... ele... Então é muito melhor. Eu devia saber que ele não sabia, porque ele vive querendo nos agradar, mesmo com toda a nossa frieza. Muita gente já me provocou por causa dele. Os Wilson, os Wilcox, eles têm prazer em dizer ‘o seu amigo, Burgess’, porque sabem que isso me irrita. Bem que ele podia desistir de gostar assim de nós; não sei por que ele insiste.”

“Isso eu posso explicar. É mais uma confissão. Na época, quando o assunto ainda estava quente e a cidade planejava expulsá-lo, minha consciência doeu, e eu não suportei, então eu fui até ele e lhe contei, e ele fugiu da cidade e ficou fora até as coisas acalmarem e ele poder voltar.”

“Edward, se a cidade ficasse sabendo...”

“*Nem fale!* Até hoje eu tremo de medo só de pensar. Eu me arrependi na mesma hora; fiquei com medo até de contar a você, e você deixar transparecer no rosto. Nem dormi aquela noite, de tanta preocupação. Mas depois de alguns dias eu vi que ninguém ia suspeitar de mim, e então eu fiquei feliz por ter ajudado o Burgess. Até hoje eu estou feliz, Mary, absolutamente feliz.”

“Eu também, agora, porque teria sido uma forma horrível de tratar o pobre homem. É, estou feliz, pois você tinha mesmo uma dívida com ele. Mas, Edward, suponha que um dia alguém descubra!”

“Ninguém vai descobrir.”

“Por quê?”

“Porque todo mundo pensa que foi Goodson.”

“É claro!”

“É claro. E é claro que ele não ligou a mínima. Eles convenceram o pobre do Sawlsbury a ir lá e acusá-lo, e ele foi até lá bufando de raiva e acusou-o. Goodson o olhou de alto a baixo, como se procurasse o ponto mais desprezível do homem, e então disse: ‘Então você é a Comissão de Inquérito, hein?’. Sawlsbury disse que era. ‘Você quer detalhes ou uma resposta bem geral é suficiente?’ ‘Se eles quiserem detalhes eu volto, Sr. Goodson; aceito a resposta geral.’ ‘Muito bem, diga a eles para irem para o inferno, acho que isso é suficientemente geral. E vou lhe dar um conselho, Sawlsbury; quando voltar para buscar os detalhes, é melhor trazer uma cesta para carregar de volta o que sobrar de você.’”

“É o Goodson, sem tirar nem pôr. Ele só tinha uma vaidade: achava que podia dar conselho para qualquer um.”

“Resolveu a questão e nos salvou, Mary. Foi tudo esquecido.”

“Graças a Deus, disso eu não duvido.”

Começaram então a discutir muito interessados o mistério do saco de ouro. Logo a conversa começou a ter interrupções... quebras causadas por pensamentos. As quebras foram ficando cada vez mais frequentes. Finalmente Richards se perdeu completamente nos próprios pensamentos. Ficou lá sentado longo tempo, olhando para o chão, e começou a pontuar os pensamentos com movimentos aflitos da mão. Enquanto isso, a mulher também caíra num silêncio pensativo, e seus movimentos começaram a mostrar um certo desconforto. Finalmente Richards se levantou e andou pela sala, passando as mãos pelos cabelos, parecendo um sonâmbulo com pesadelo. Então ele pareceu se decidir; e, sem uma palavra, pôs o chapéu e saiu correndo da casa. Sua mulher ficou sentada, pensando, o rosto preocupado, e não percebeu que estava só. Vez por outra ela murmurava, “Não nos deixeis cair... mas... nós somos tão pobres, tão pobres! Não nos deixeis...” A voz foi sumindo em murmúrios. Então ela ergueu os olhos e murmurou quase alegre: “Ele saiu! Mas talvez já seja muito tarde... tarde demais... Talvez não... talvez ainda esteja em tempo”. Ela se levantou e ficou pensando, apertando e soltando as mãos. Um calafrio percorreu seu corpo e ela disse com a garganta seca: “Deus me perdoe... é horrível pensar essas coisas... mas... Deus, é assim que somos feitos, somos tão estranhos!”

Ela diminuiu a luz, aproximou-se e se ajoelhou ao lado do saco, sentiu com as mãos a aspereza, acariciou-o carinhosamente; e surgiu nos seus pobres olhos uma luz de felicidade. Tinha acessos de ausência e como que saía deles para murmurar: “Ah, se a gente tivesse esperado! Ah, se ele tivesse esperado um pouquinho, se não tivesse saído com tanta pressa!”

Enquanto isso, Cox havia voltado para casa e contou para a mulher aquele estranho acontecimento, e discutiram nervosamente e adivinharam que a única pessoa na cidade capaz de ajudar um estranho com a nobre quantia de 20 dólares seria o falecido Goodson. Houve então uma pausa, os dois ficaram em pensativo silêncio. Passaram então gradualmente a um estado de agitação nervosa. Finalmente a mulher disse, como se falasse consigo mesma:

“E ninguém sabe disso, só o Edward e a Mary... e nós... ninguém”.

O marido saiu com ligeiro sobressalto de sua profunda meditação, encarou com expressão triste a mulher, cujo rosto havia empalidecido; levantou-se então parecendo hesitante, olhou para o chapéu, depois para a mulher... fazendo com os olhos uma pergunta muda. A Sra. Cox engoliu em seco, uma vez, duas vezes, com a mão na garganta, e então, sem falar, ela assentiu com a cabeça. No instante seguinte ela estava só, murmurando coisas consigo mesma.

E agora Cox e Richards corriam pelas ruas desertas vindo de direções opostas. Encontraram-se ofegantes junto à porta do jornal; à luz da noite cada um estudava a expressão do outro. Cox sussurrou:

“Alguém, além de nós, sabe disso?”

A resposta sussurrada foi:

“Ninguém... pela minha honra, vivalma!”

“Se já não for muito tarde...”

Os dois homens começaram a subir a escada; nesse instante passou um rapaz, e Cox perguntou:

“É você, Johnny?”

“Sim, senhor.”

“Não é preciso enviar a correspondência da manhã... Nenhuma correspondência; espere até eu mandar.”

“Mas eu já mandei, senhor.”

“Já mandou?” Havia nessa frase o tom de um enorme desapontamento.

“Sim, senhor. Hoje mudou o horário para Brixton e todas as outras cidades; mandei os papéis 20 minutos mais cedo. Tive de correr, se demorasse mais dois minutos...”

Os dois homens se voltaram e saíram lentamente, sem esperar para ouvir o resto. Nenhum deles falou durante uns dez minutos; então Cox disse num tom irritado:

“O que eu não consigo entender é a razão de tanta pressa”.

A resposta veio humilde:

“Agora eu também não entendo, mas parece que eu nem pensei... sabe... até ser tarde demais. Mas da próxima vez...”

“Que próxima vez!? Não vai haver próxima vez nem em mil anos.”

Os dois amigos então se separaram sem boa-noite e se arrastaram para casa com o passo de homens mortalmente feridos. Em casa, as duas mulheres se levantaram com um ansioso “E então?”... e viram a resposta em seus olhos e se perderam em tristeza, sem esperar as palavras. Nas duas casas começou uma discussão acalorada, uma coisa anormal; já houvera discussões antes, mas nenhuma acalorada, eram sempre educadas. As discussões daquela noite foram quase um plágio uma da outra. A Sra. Richards disse:

“Você podia ter esperado, Edward... Devia ter parado para pensar, mas não, tem de sair feito um louco até o jornal e contar para o mundo todo”.

“A carta dizia ‘publique’.”

“Isso não quer dizer nada; ela também dizia que, se você preferisse, podia fazer uma investigação discreta. Era verdade ou não era?”

“Era, era, mas quando eu pensei na comoção que ia ser, como ia ser importante Hadleyburg ter sido a única merecedora da confiança do estrangeiro...”

“É claro, eu bem sei disso tudo; mas, se você tivesse parado para pensar, veria que era impossível encontrar o homem, porque ele está enterrado e não deixou ninguém, nem filho, nem parente, nem namorada; e que o dinheiro iria para quem precisava tanto, e que ninguém seria prejudicado, e... e...”

Ela rompeu a chorar. O marido tentou pensar em alguma coisa confortadora para lhe dizer, e saiu-se com esta:

“Mas afinal, Mary, deve estar tudo certo, tem de estar; a gente sabe que está. E não podemos esquecer que essa foi a ordem que recebemos...”

“Ordem! Tudo é ordem quando uma pessoa tem que inventar uma desculpa para tanta estupidez. Mesmo assim, foi também ordenado que o dinheiro viesse a nós dessa maneira especial, mas você tem de discutir os desígnios da Providência, quem lhe deu esse direito? Foi uma maldade, uma presunção blasfema, que não condiz com um humilde professor de...”

“Mas, Mary, você sabe que nós fomos treinados toda a vida, como toda a vila, e agora é como uma segunda natureza não parar para pensar quando existe uma coisa honesta a ser feita...”

“Oh, eu sei, eu sei... foi um treinamento sem fim... treinar, ensaiar honestidade... uma honestidade protegida de toda tentação; então é uma honestidade artificial, e fraca como água quando chega a tentação, como nós vimos esta noite mesmo. Deus é testemunha de que eu nunca tive a menor hesitação, a menor dúvida com relação à minha honestidade petrificada e indestrutível, até hoje, e agora, com a primeira tentação forte e de verdade, eu... Edward, acho que a honestidade desta cidade é tão podre quanto a minha, tão podre quanto a sua. É uma cidade dura, cruel e sovina e não tem outra virtude, só essa honestidade que lhe dá tanta fama, e que lhe dá tanto orgulho; e sou capaz de pôr a mão no fogo que no dia em que aparecer a grande tentação essa reputação vai desmoronar como um castelo de cartas. Pronto; já confessei, e estou melhor; sou uma fraude, e sempre fui uma fraude toda a minha vida, mesmo sem saber. Que ninguém me chame de honesta; eu não admito.”

“Eu... bem... Mary, eu também estou sentindo a mesma coisa; é verdade. Parece estranho, tão estranho. Eu nunca acreditei... nunca.”

Seguiu-se um longo silêncio; os dois mergulharam em pensamentos. Finalmente a mulher ergueu os olhos e disse:

“Sei o que você está pensando, Edward”.

Os dois ficaram com a expressão embaraçada de quem foi pego com a mão na botija.

“É uma vergonha, Mary, mas tenho de confessar...”

“Não tem importância. Eu também estava fazendo a mesma pergunta.”

“Espero que sim. Diga.”

“Você estava perguntando se alguém sabe qual era a frase que Goodson disse para o estrangeiro.”

“É a pura verdade. Eu me sinto culpado e envergonhado. E você?”

“Eu já nem estou mais interessada. Vamos estender a cama aqui e ficar de guarda até o banco abrir de manhã e guardar o saco... Ah, se a gente não tivesse cometido esse erro!”

Fizeram a cama, e Mary disse:

“O ‘abre-te sésamo’; qual teria sido a frase? Esqueça, vamos deitar”.

“E dormir?”

“Não, pensar.”

“É, pensar.”

Nessa mesma hora os Cox também tinham terminado a discussão e se reconciliado e se preparavam para deitar; para pensar, pensar, e rolar na cama, e se atormentar tentando adivinhar qual seria a frase que Goodson havia dito ao estrangeiro desgarrado; a frase de ouro; a frase que valia 40 mil dólares em dinheiro.

O telégrafo ficou aberto até mais tarde aquela noite por esta razão: o gerente do jornal de Cox era o representante local da Associated Press. Alguém diria que ele era o representante honorário, pois ele só conseguia ver aceito o máximo de 30 palavras não mais que quatro vezes por ano. Mas daquela vez foi diferente. Seu despacho relatando o ocorrido teve resposta imediata:

Mande tudo, todos os detalhes; 1.200 palavras.

II

A vila de Hadleyburg acordou mundialmente famosa, atônita, feliz, vaidosa. Uma vaidade além da imaginação. Os 19 principais cidadãos e suas esposas passeavam, apertavam-se as mãos, radiantes e sorridentes, cumprimentando-se, dizendo que isso representava a inclusão de mais uma palavra no dicionário – *Hadleyburg*, sinônimo de *incorruptível* –, destinada a viver para sempre nos dicionários! E os cidadãos menores e menos importantes também passeavam com suas mulheres, com igual afetação. Iam todos ao banco para ver o saco de ouro; e antes do meio-dia multidões humilhadas e invejosas acorriam de Brixton e das cidades vizinhas; e na tarde daquele dia e no dia seguinte começaram a chegar os jornalistas de todos os lugares para ver

o saco e sua história, para reescrever o caso todo e desenhar em traços ousados da mão livre o saco, a casa de Richards, o banco, a igreja presbiteriana, a igreja batista, a praça pública e a prefeitura, onde se aplicaria o teste e o dinheiro seria entregue; e retratos horrorosos do casal Richards, do banqueiro Pinkerton, de Cox e de seu gerente, do reverendo Burgess e do chefe do correio, e até de Jack Halliday, o pescador, vadio, engraçado, à-toa, caçador, amigo da rapaziada, amigo da cachorrada, o vagabundo típico da cidade. No banco, Pinkerton, baixinho e oleoso, com um sorriso falso, mostrava aos visitantes o saco, esfregando as mãos, simpático, enfatuatedo pela reputação de honestidade da cidade e pelo maravilhoso endosso que havia recebido; esperava que tal exemplo percorresse toda a América e fizesse época na questão da regeneração moral, e assim por diante.

Então aconteceu a mudança. Foi uma mudança gradual: tão gradual que o início quase não foi percebido; talvez ninguém tenha percebido, somente Jack Halliday, que percebia tudo e zombava de tudo o que percebia, não importando o que fosse. Começou a dizer coisas a respeito de gente que já não parecia tão feliz como um ou dois dias antes; logo depois afirmou que esse novo aspecto se aprofundava num ar de positiva tristeza; em seguida, que parecia doentio; e finalmente disse que todo mundo estava tão estranho, pensativo, distraído que ele jurava que seria capaz de roubar um centavo do bolso da calça do homem mais sovina da cidade sem acordá-lo de seu sonho.

Nesse ponto, ou mais ou menos nessa ocasião, ouvia-se uma observação casual à hora de dormir, geralmente acompanhada de um suspiro, emitida pelo chefe de cada uma das 19 principais famílias: “Qual *teria sido* a frase de Goodson?”

E imediatamente a mulher, com um calafrio, responder:

“Ah, *não!* Que coisa horrível você está pensando? Esqueça, pelo amor de Deus!”

Mas na noite seguinte a mesma pergunta era feita pelo mesmo homem, e recebia a mesma resposta. Só que mais fraca.

E na terceira noite os homens faziam mais uma vez a mesma pergunta, angustiados, distraídos. E dessa vez, e na noite seguinte, as

mulheres murmuravam e tentavam dizer alguma coisa. Mas não diziam.

Mas na noite seguinte sua língua respondia, sonhadora:

“Ah, se *a gente* adivinhasse!”

Os comentários de Halliday ficavam cada dia mais antipáticos e desdenhosos. E ele continuava a rir diligentemente da cidade, individualmente e em conjunto. Mas seu riso era o único que se ouvia na cidade: caía sobre um enorme vazio, oco e lúgubre. Não se via o mais tímido sorriso. Halliday tinha uma caixa de charutos que levava de cá para lá com um tripé fingindo ser uma câmera, parava os passantes e dizia: “Atenção, um sorriso, por favor!”. Mas nem essa piada hilariante tinha o poder de arrancar um sorriso daqueles rostos tristes.

E assim se passaram as semanas – ainda faltava uma. Era sábado, à noite, depois do jantar. Em vez da agitação das antigas noites de sábado, as ruas estavam vazias e desoladas. Richards e a mulher se sentavam separados na pequena sala, infelizes e pensativos. Era este o novo hábito de todas as noites: o antigo hábito de toda a vida, de ler e tricotar e conversar contentes, visitando ou recebendo visitas dos vizinhos, estava morto e esquecido havia séculos – duas ou três semanas; ninguém falava, ninguém lia, ninguém visitava ninguém, a cidade toda ficava sentada em casa suspirando, preocupada, silenciosa. Tentando adivinhar a frase.

O carteiro deixou uma carta. Richards olhou inquieto o endereço do remetente e a marca do correio, desconhecidos os dois, e jogou a carta na mesa e retomou os “quem dera”, seus pensamentos e a infelicidade monótona. Duas ou três horas depois sua mulher se levantou cansada e já ia para o quarto sem dizer boa-noite – o hábito novo –, mas parou perto da carta e lhe deu uma olhada com interesse mortiço, decidiu abri-la e começou a ler. Richards, sentado com a cadeira inclinada contra a parede, o queixo entre os joelhos, ouviu o som de alguma coisa caindo. Era sua mulher. Deu um pulo até ela, mas ela gritou:

“Largue-me, eu estou é feliz demais. Leia a carta, leia!”

Foi o que ele fez. Devorou-a, o cérebro girando a toda corda. A carta vinha de um estado distante e dizia:

Você não me conhece, mas isto não tem importância. Tenho algo a lhe dizer. Acabo de chegar do México e fiquei sabendo do acontecido. É claro que vocês não sabem quem disse a frase, mas eu sei, e sou a única pessoa viva que sabe. Foi Goodson. Eu já o conhecia bem, há muitos anos, e estava de passagem por sua cidade naquela mesma noite, hospedado na casa dele, esperando a hora de embarcar no trem da meia-noite. Ouvi quando ele disse a frase ao estrangeiro no escuro – foi no Beco Hale. Ele e eu viemos conversando pelo caminho e na casa dele, enquanto fumávamos. Ele falou de muitas das pessoas da sua cidade – da maioria em termos nada elogiosos, mas de dois ou três ele falou bem; entre eles você. Insisto que ele falou bem, nada mais que isso. Lembrome de que ele me disse que na verdade não gostava de ninguém na cidade, mas que você – acho que foi você, tenho quase certeza – lhe havia prestado um grande serviço, talvez até sem saber o valor do que tinha feito, e que se tivesse uma fortuna ele gostaria de deixar para você quando morresse, e uma banana para cada um dos outros cidadãos. Então, se foi você mesmo quem prestou tal serviço, você é o herdeiro legítimo e tem direito ao saco de ouro. Sei que posso confiar em você, na sua honra e na sua honestidade, pois nos cidadãos de Hadleyburg tais qualidades são uma herança irrefutável, e por isso vou lhe revelar a frase, certo de que se não for o herdeiro você vai procurá-lo e encontrá-lo, e ver que seja paga a quem lhe prestou aquele serviço a dívida de gratidão do velho Goodson. A frase é esta: “Você está longe de ser um homem mau: vá e emende-se”.

Howard Stephenson

“Oh, Edward, o dinheiro é nosso, estou tão feliz, tão grata... Beijeme, há quanto tempo a gente não se beija... Precisamos tanto... o dinheiro... Agora você fica livre de Pinkerton e do banco, não vai ser mais escravo de ninguém; estou tão feliz que podia voar.”

Foi uma meia hora feliz a que aquele casal passou ali no sofá a trocar carinhos; voltaram os dias felizes de antigamente, os dias que começaram com o namoro e que duraram até a noite em que o estrangeiro trouxe o dinheiro fatal. Mas logo a mulher falou:

“Ah, Edward, que bom que você lhe deu aquela ajuda, pobre Goodson! Nunca gostei dele, mas agora eu o adoro. E como é bonito você nunca ter mencionado nem ter se orgulhado disso.” Em seguida, com um quê de censura, “Mas você devia ter me contado, Edward, devia ter contado à sua mulher”.

“Bem, eu... é... bem, Mary, acontece...”

“Ora, pare de resmungar e me conte, Edward. Eu sempre te amei e agora estou orgulhosa de você. Todo mundo pensando que só havia uma alma generosa nesta cidade, e agora eu descobro que você... Ah, Edward, por que você não me conta?”

“Bem... é que... Ora, Mary, eu não posso!”

“Não *pode*? Por que não pode?”

“É... é... bem... ele me fez prometer que não ia contar.”

A mulher olhou para ele e disse, lentamente:

“Fez você... prometer? Edward, por que você está me dizendo isto?”

“Mary, você acha que eu ia mentir?”

Ela ficou perturbada por um instante, então colocou sua mão na dele e disse:

“Não... não... A gente já se desviou muito do caminho, Deus nos livre! Em toda a sua vida você jamais disse uma mentira. Mas agora... agora que tudo parece desmoronar debaixo de nós... nós...”. Perdeu a voz por um momento, depois continuou desanimada: “Não nos deixeis cair em tentação... Acredito que você fez a promessa, Edward. Vamos esquecer. Não vamos entrar em terreno perigoso. Bem... agora já passou; vamos voltar a ser felizes; chega de nuvens”.

Edward teve alguma dificuldade em obedecer, pois a cabeça continuava longe, tentando lembrar qual havia sido o serviço que ele tinha prestado a Goodson.

O casal passou a noite acordado, Mary feliz e agitada, Edward agitado, mas menos feliz. Mary planejava o que ia fazer com o dinheiro, Edward tentava se lembrar do que havia feito. De início a consciência lhe doeu por causa da mentira que havia contado a Mary, se é que era mesmo uma mentira. Depois de muito pensar, suponhamos que fosse uma mentira? E então? E isso era tão importante? A gente não vive

representando mentiras? Então, por que não contar mentiras? Veja a Mary, veja o que ela fez. Enquanto ele saía correndo para cumprir o seu dever, o que ela estava fazendo? Ficou lamentando não ter destruído os papéis e guardado o dinheiro! E então, roubo não é pior que mentira?

Aquela questão então parou de incomodar; a mentira se foi e ficou a tranqüilidade. A questão seguinte tomou o seu lugar: será que *ele havia mesmo* prestado o serviço? Bem, havia a evidência oferecida pelo próprio Goodson na carta de Stephenson, não poderia haver melhor evidência, era uma prova definitiva de que ele havia mesmo feito aquele favor. Claro. Então aquela questão estava definida... Não, não totalmente. Lembrou-se assustado de que esse desconhecido, o Sr. Stephenson, não estava completamente seguro de ter sido mesmo Richards a pessoa que havia realmente prestado tal serviço... e, além de tudo, ele havia invocado a honra de Richards! Ele tinha de resolver sozinho para onde devia ir o dinheiro... e o Sr. Stephenson tinha certeza de que, não fora ele o homem, ele iria honradamente procurar e encontrar o homem certo. Era odioso colocar um homem em semelhante situação... Stephenson bem que podia ter esquecido de mencionar aquela dúvida! Por que a inventou?

Pensou mais um pouco. Por que o nome de *Richards* ficou na memória de Stephenson como sendo o do homem certo, por que não ficou outro nome qualquer? Era um bom sinal. É. Era um ótimo sinal. De fato, a cada instante a coisa ficava cada vez melhor, até que, pouco a pouco, acabou se transformando numa *prova* indiscutível. Então Richards tratou de esquecer o assunto, pois tinha a impressão instintiva de que, uma vez definida uma prova, o melhor era deixá-la quieta.

Ele agora estava razoavelmente bem, mas havia ainda um outro detalhe que insistia em ser notado: é evidente que ele havia feito o favor, disso não havia dúvida; mas qual teria sido o favor? Ele tinha de se lembrar, não ia conseguir dormir enquanto não se lembrasse; para ser completa, sua paz de espírito dependia disso. Então ele pensou, pensou. Pensou numa dúzia de coisas – favores possíveis, serviços prováveis –, mas nenhuma delas parecia adequada, nenhuma delas pare-

cia suficientemente grande, nenhuma delas parecia merecer tanto dinheiro, a fortuna que Goodson gostaria de ter deixado em testamento. Além disso, ele não tinha a menor lembrança de ter feito um favor ou serviço que fosse. E então? Que serviço teria o poder de fazer um homem ficar tão absurdamente agradecido? Ah! A salvação da própria alma! Era isto. É, ele agora se lembrava, certa vez ele se tinha imposto a tarefa de converter Goodson, e que havia tentado durante... ia dizer três meses, mas achou melhor reduzir para um mês, depois uma semana, então para um dia, e finalmente para nada. É, ele agora se lembrava claramente de Goodson lhe dizer para ir chatear outro e tratar da própria vida porque não tinha o menor interesse em ir para o céu com Hadleyburg.

Então aquela não era a resposta, ele não havia salvo a alma de Goodson. Richards ficou desanimado. Mas logo lhe veio outra idéia: ele havia salvo a propriedade de Goodson? Não, ele não tinha propriedades. A vida? Era isso! Claro! Por que ele não se lembrou logo? Agora estava no caminho certo. Pôs a imaginação a trabalhar.

Passou então duas horas ocupadíssimo em salvar a vida de Goodson. Salvou de diversas formas perigosas e difíceis, mas em todos os casos o salvamento corria satisfatoriamente até determinado ponto; a partir daí, exatamente quando ele já estava quase convencido de que aquilo havia realmente acontecido, surgia algum detalhe problemático que tornava tudo impossível. Como, por exemplo, no caso do afogamento. Nesse caso ele havia nadado e arrastado Goodson inconsciente até a terra, com uma multidão assistindo e aplaudindo, mas, depois de desenvolver todo o enredo, quando estava quase a ponto de se lembrar de tudo, uma chusma de detalhes interveio e complicou todo o caso: a cidade teria sabido do que aconteceu, Mary teria sabido, a lembrança do caso estaria fulgindo como o sol na sua memória, não seria um serviço inconspícuo que ele teria prestado “sem ter idéia de seu valor”. E finalmente ele se lembrou de que nem mesmo sabia nadar.

Ah! Mas havia um detalhe que ele havia esquecido desde o início: tinha de ser um serviço prestado ainda que ele “não fizesse idéia de seu

valor”. Ora, era uma busca fácil, muito mais fácil do que as outras. E logo ele descobriu qual seria. Muitos anos antes, Goodson estivera quase a ponto de se casar com uma moça linda e boa, chamada Nancy Hewitt, mas de uma forma ou de outra o noivado foi rompido; a moça morreu, Goodson continuou solteiro, e com o passar do tempo tornou-se amargo e passou a desprezar francamente a raça humana. Logo depois da morte da moça, a cidade ficara sabendo, ou pensara ter descoberto, que a moça tinha um pouco de sangue negro nas veias. Richards elaborou esses detalhes durante algum tempo, e no final ele pensou lembrar de coisas relacionadas com eles que deviam ter se perdido na sua memória por longa negligência. Ele se lembrava vagamente de ter sido ele quem descobrira a história do sangue negro; que foi ele quem a espalhou pela cidade; que a cidade contou a Goodson de onde tinha chegado a notícia; e que dessa forma ele havia salvo Goodson de um casamento com uma moça maculada; e que esse favor havia sido feito sem que o autor tivesse uma idéia do seu valor, sem saber na verdade o que estava fazendo; mas que Goodson sabia de seu valor e como havia escapado por pouco, e portanto foi para o túmulo cheio de gratidão por seu benfeitor, desejando ter uma fortuna para lhe deixar em testamento. Como tudo agora estava tão claro e simples! E, quanto mais pensava naquilo, mais aquilo lhe parecia certo e luminoso. Finalmente, quando se preparava para dormir, satisfeito e feliz, ele se lembrou de tudo como se tivesse ocorrido na noite anterior. De fato, ele até se lembrava vagamente de que Goodson certa vez lhe *havia dito* de sua gratidão. Enquanto isso, Mary já havia gasto 6.000 dólares comprando uma nova casa para ela própria e um par de chinelos para seu pastor, e depois caiu num sono tranqüilo.

Naquela mesma noite de sábado o carteiro havia entregue uma carta na casa de cada um dos outros principais cidadãos, 19 cartas no total. Não havia dois envelopes iguais, e cada um estava sobrescritado em letra diferente, mas as cartas eram todas idênticas à que Richards havia recebido, inclusive a caligrafia; eram todas assinadas por Stephenson, mas em lugar do nome de Richards cada uma trazia o nome do destinatário.

Durante toda aquela noite os 18 principais cidadãos fizeram o mesmo que Richards, seu irmão de casta: reuniram todas as forças para tentar lembrar qual fora o serviço notável que haviam prestado a Barclay Goodson. Em nenhum dos 18 casos foi empresa fácil, mas todos conseguiram.

E enquanto se dedicavam a esse trabalho, o que era difícil, suas esposas passaram a noite gastando o dinheiro, o que era fácil. Durante aquela noite, 19 mulheres gastaram, cada uma, 7.000 dólares em média dos 40 mil dólares no saco – um total de 133 mil.

No dia seguinte uma surpresa esperava Jack Halliday. Ele notou que os 19 principais cidadãos e suas esposas exibiam outra vez no rosto aquela expressão de felicidade sagrada e tranqüila. Nem ele entendeu, nem foi capaz de inventar piadas que a perturbassem. Foi, então, a sua vez de ficar zangado com a vida. As razões que imaginou para explicá-la fracassaram todas quando testadas. Quando viu a Sra. Wilcox com aquele ar plácido, disse para si mesmo: “A gata teve uma ninhada”, e foi perguntar à cozinheira, mas não era verdade; a cozinheira também tinha notado aquela felicidade, mas não sabia a causa. Quando Halliday viu a mesma expressão no rosto de Billson “Colete-Curto” (apelido dado pela cidade), teve certeza de que algum vizinho de Billson tinha quebrado a perna, mas logo ficou sabendo que nada semelhante acontecera. O êxtase mal disfarçado no rosto de George Yates só podia significar que ele tinha uma sogra de menos, mas foi outro erro. “E Pinkerton, Pinkerton conseguira receber dez centavos que considerava perdidos.” E assim por diante, e assim por diante. Em certos casos ainda ficava uma dúvida, mas os outros estavam completamente errados. No fim, Halliday disse para seus botões: “De qualquer forma, é evidente que 19 famílias de Hadleyburg estão no céu: não sei o que aconteceu; só sei que a Providência hoje está de férias”.

Um arquiteto e construtor do estado vizinho havia montado seu escritório nessa vila de poucas perspectivas, e sua placa já estava exposta havia uma semana. E nenhum cliente aparecera. Mas, de repente, mudou a maré. Primeiro uma, depois uma segunda esposa importante lhe disse confidencialmente:

“Apareça lá em casa na próxima segunda-feira, mas por enquanto é segredo. Estamos pensando em construir”.

Recebeu 11 convites iguais no mesmo dia. Naquela noite ele escreveu para a filha e a fez romper o compromisso com o namorado estudante. Disse-lhe que ela podia se casar muito mais alto na sociedade.

Pinkerton e outros dois ou três dos mais ricos planejaram casas de campo, mas resolveram esperar. Gente desse tipo não conta as galinhas antes do choco.

Wilson e a esposa imaginaram uma coisa nova e grandiosa: um baile à fantasia. Não prometeram nada, mas disseram aos conhecidos, em confiança, que estavam pensando e talvez ele acontecesse, “e se acontecer é claro que você será convidado”. As pessoas se surpreenderam e começaram a dizer umas às outras: “Ficaram loucos, eles são tão pobres, não têm com que dar uma festa dessas”. Várias dentre as 19 disseram aos maridos: “É uma bela idéia: vamos esperar até depois da festinha deles, e então nós vamos dar uma que vai matar os dois de inveja”.

Os dias corriam, e a conta dos desperdícios ficava cada dia mais alta, cada dia mais louca, idiota e imprudente. Parecia que cada um dos 19 ia gastar não apenas os 40 mil dólares, mas já estaria endividado no dia em que recebesse o dinheiro. Em alguns casos, algumas pessoas menos responsáveis não se limitaram a planejar o gasto do dinheiro, gastaram de verdade, a crédito. Compraram terras, hipotecas, fazendas, ações especulativas, roupas finas, cavalos e muitas outras coisas, deram uma entrada e assinaram promissórias para pagar o resto dentro de dez dias. Logo depois pensaram melhor e Halliday começou a notar um ar de ansiedade no rosto de muita gente. Mais uma vez ele ficou perplexo, e não entendeu. “Os gatinhos não morreram, pois nem chegaram a nascer; ninguém quebrou a perna; nenhuma sogra desapareceu; *nada* aconteceu – mistério insolúvel.”

Mas outro homem também estava intrigado, o reverendo Sr. Burgess. Durante vários dias, onde quer que fosse, as pessoas pareciam segui-lo ou procurá-lo; e se ele estivesse num local mais retirado um dos membros do grupo dos 19 aparecia e lhe enfiava discretamen-

te um envelope na mão dizendo baixinho: “Para ser aberto na assembléia na prefeitura”, e em seguida desaparecia como uma coisa cheia de culpa. Ele esperava um candidato ao saco, ainda que duvidasse, pois Goodson havia morrido, mas nunca lhe ocorrera que toda essa gente pudesse reivindicá-lo. Quando finalmente chegou a grande sexta-feira, viu que tinha 19 envelopes.

III

O salão da prefeitura jamais se apresentou tão lindo. O palco que havia na frente tinha por fundo uma cortina de bandeiras; a intervalos ao longo das paredes laterais se viam festões de bandeiras coloridas; as galerias também estavam enfeitadas de bandeiras; tudo isso para impressionar o estrangeiro, pois ele lá estaria representado em grande quantidade, e em sua maioria seriam ligados à imprensa. A casa estava lotada. Os 412 assentos fixos estavam ocupados; também as 68 cadeiras extras que atravancavam os corredores; alguns dos estrangeiros mais importantes foram acomodados no palco; em torno de mesas que contornavam os lados e a frente do palco sentava-se a nata dos correspondentes estrangeiros vindos de toda parte. Havia no salão algumas *toilettes* razoavelmente caras, e em muitos casos as senhoras que as vestiam demonstravam pouca familiaridade com roupas daquele tipo. Pelo menos a cidade tinha esta impressão, que talvez tenha se originado de ela saber que aquelas senhoras até então nunca haviam habitado roupas semelhantes.

O saco de ouro estava sobre uma mesa pequena à frente do palco onde podia ser visto por toda a casa. A maioria o olhava com ardente interesse, um interesse que enchia a boca d’água, um interesse deseioso e patético; uma minoria de 19 casais o encarava ternamente, amorosamente, proprietariamente, e a metade masculina desse conjunto ensaiava os comoventes discursos improvisados de agradecimento pelos aplausos e congratulações da platéia que logo iriam recitar. Aqui e ali um deles tirava do bolso do colete um pedaço de papel e dava uma olhada para refrescar a memória.

É claro que havia um zumbido de conversa no salão, sempre há, mas finalmente, quando o reverendo Burgess se levantou e pôs a mão sobre o saco de dinheiro, foi capaz de ouvir seus micróbios mastigando, tal o silêncio no salão. Contou a curiosa história do saco e então passou a falar nos termos mais calorosos da antiga e merecida reputação de imaculada honestidade de Hadleyburg e do orgulho da cidade por essa reputação. Disse que essa reputação era um tesouro de valor incalculável; que com a ajuda da Providência seu valor havia aumentado inestimavelmente, pois o recente episódio havia espalhado essa fama por toda parte, e assim os olhos do mundo americano se fixaram sobre a cidade, e fizeram de seu nome um sinônimo, por toda a eternidade, como ele acreditava e esperava, de incorruptibilidade comercial. [*Aplausos.*] “E quem há de ser o guardião deste nobre tesouro, a comunidade? Não! A responsabilidade é individual, não comunitária. A partir de hoje, todos os senhores passam a ser em pessoa guardiões especiais, individualmente responsáveis por que nada aconteça a ele. Os senhores, cada um dos senhores, estão prontos a aceitar esta grande responsabilidade? [*Tumultuosa concordância.*] Então está bem. Transmitam-na a seus filhos e aos filhos de seus filhos. Hoje a pureza dos senhores paira acima de qualquer reparo e cabe aos senhores assegurar que ela vai continuar assim. Não há hoje entre os senhores uma única pessoa que se deixe tentar a tocar uma só moeda que não lhe pertença; cabe aos senhores manter esta graça. [*Prometemos! Prometemos!*] Não é hora de fazer comparações entre nós e outras comunidades, algumas delas chegam a nos ofender; elas sabem o que fazem, nós sabemos o que fazemos; isso para nós é suficiente. [*Aplausos.*] Terminei. Sob minha mão, meus amigos, está o reconhecimento eloqüente de tudo o que somos, enviado por um estranho; por meio dele o mundo há de saber para sempre o que somos. Não sabemos quem é ele, mas em nome dos senhores quero expressar a ele a gratidão de todos, e lhes peço que ergam a voz como confirmação de seu endosso.”

O salão todo se levantou num só movimento, e as paredes tremeram durante alguns minutos com os trovões de seu agradecimento.

Em seguida todos se sentaram, e o Sr. Burgess tirou do bolso um envelope. O salão prendeu a respiração enquanto ele abria o envelope e dele retirou uma folha de papel. Leu o conteúdo, lenta e impressionantemente, a platéia ouviu com atenção aflita aquele documento mágico, de que cada palavra representava uma barra de ouro:

“A frase que eu disse ao estranho foi esta: Você está muito longe de ser um homem mau; vá e emende-se”. Em seguida, continuou:

“Vamos saber num instante se a frase aqui citada corresponde à que está escondida no saco; e se corresponder, o que certamente vai acontecer, este saco de ouro pertence a um cidadão que a partir de hoje será diante de toda a nação o símbolo da virtude especial que fez a fama de nossa cidade neste país, Sr. Billson!”

O salão tinha se preparado para explodir num tornado de aplausos, mas em vez disso ficou paralisado; ouviu-se durante um instante um murmúrio profundo, e então uma onda de murmúrios sussurrados percorreu o local, com mais ou menos o seguinte teor: “*Billson!* Ora, esta eu não engulo! Vinte dólares... para um estranho... para *qualquer um...* *Billson!* Isso é conversa para boi dormir!”. E nesse momento a platéia perdeu novamente o fôlego noutro acesso de assombro, ao perceber num dos lados do salão o diácono Billson de pé com a cabeça humildemente baixa, e no outro o advogado Wilson fazendo a mesma coisa. Houve um silêncio perplexo.

Estavam todos perplexos, e 19 casais estavam surpresos e indignados.

Billson e Wilson voltaram-se e se encararam. Billson perguntou mordaz:

“Por que o senhor se levantou, Sr. Wilson?”

“Porque este é o meu direito. O senhor nos faria a gentileza de explicar por que se levantou?”

“Com grande prazer. Porque eu escrevi aquela frase.”

“Isso é uma falsidade impudente! Eu a escrevi.”

Foi a vez de Burgess ficar paralisado. Olhou sem entender para um e depois para o outro, sem saber o que fazer. A platéia estava estupefata. O advogado Wilson pediu:

“Rogo ao presidente desta assembléia que leia o nome de quem assina o papel”.

O presidente se recompôs e leu o nome:

“John Wharton *Billson*”.

“Aha! E agora? O que você tem a dizer? Que desculpas você vai apresentar a mim e a esta assembléia insultada pela impostura tentada aqui?”

“Não devo desculpas, senhor; e quanto ao resto eu o acuso publicamente de ter roubado a minha nota que estava sob a posse do Sr. Burgess, e de colocar em seu lugar uma cópia assinada pelo senhor. Não há outro meio de o senhor saber a frase; dentre todos os viventes, somente eu possuía esse segredo.”

Tudo caminhava para um estado escandaloso de coisas; todos notaram apavorados que os jornalistas taquigrafavam como loucos; muitas pessoas gritavam, “Presidente! Presidente! Ordem! Ordem!”. Burgess bateu o martelo e disse:

“Não nos esqueçamos do decoro. É evidente que temos aqui um engano, nada mais que isso. Se o Sr. Wilson me deu um envelope, e agora me lembro de que efetivamente ele o fez, eu ainda o tenho em meu poder”.

Tirou outro envelope do bolso, abriu, fez uma expressão de surpresa e preocupação, e ficou em silêncio durante alguns instantes. Ele então acenou mecanicamente a mão, fez um esforço para dizer alguma coisa, mas desistiu, derrotado. Várias vozes gritaram:

“Leia! Leia! O que está escrito?”

Começou a ler, mas tinha a aparência de um sonâmbulo:

“*A frase que eu disse ao infeliz estrangeiro foi: Você está longe de ser um homem mau.* [A platéia olhou para ele fascinada.] *Vá e emende-se*”. [Murmúrios: Fantástico! O que quer dizer isto?] “Este está assinado Thrulow G. Wilson”, concluiu o presidente.

Wilson gritou:

“Muito bem! Isto esclarece tudo! Eu bem sabia que minha nota havia sido roubada”.

“Roubada! Quero que você saiba que nem você nem ninguém de sua laia pode...”

O PRESIDENTE:

“Ordem, senhores, ordem! Tomem seus lugares, os dois, por favor”.

Os dois obedeceram, meneando a cabeça e resmungando irritados. A platéia estava perplexa; não sabia o que pensar dessa curiosa emergência. Thompson se levantou. Thompson era o chapeleiro. Ele sonhava em ser um dos 19; mas tal não estava ao seu alcance: sua ascendência não lhe dava direito àquela posição. Disse ele:

“Sr. presidente, gostaria de fazer uma pergunta, seria possível que estes dois senhores tivessem razão ao mesmo tempo? Quero dizer, os dois poderiam ter dito as mesmas palavras ao estrangeiro? Parece-me...”

O curtidor se levantou e lhe cortou a palavra. O curtidor era um homem mal-humorado; considerava que devia ser um dos 19, mas ninguém lhe reconhecia esse direito. Por isso seus modos e sua fala eram antipáticos. Disse ele:

“Nada disso, a questão não é esta! *Isto* poderia ter acontecido duas vezes em cem anos, mas não a outra coisa. *Nenhum* dos dois deu os 20 dólares!”

[*Uma salva de palmas.*]

BILLSON: “*Eu* dei!”

WILSON: “*Eu* dei!”

E cada um acusou o outro de roubo.

O PRESIDENTE:

“Ordem! Sentem-se, por favor... os dois. Posso garantir que as duas notas nunca deixaram as minhas mãos”.

UMA VOZ: “Muito bem. Pelo menos alguma coisa está clara”.

O CURTIDOR: “Senhor presidente, uma coisa agora está clara: um desses dois homens andou espiando debaixo da cama do outro, roubando segredos de família. Se a sugestão não for considerada pouco parlamentar, eu diria que qualquer dos dois seria capaz disso. [*O presidente: Ordem! Ordem!*] Retiro a insinuação, senhor, e vou me limitar a sugerir que, *se* um dos dois ouviu o outro revelar a frase de teste à mulher, agora é a hora de descobrir”.

UMA VOZ: “Como?”

O CURTIDOR: “É fácil. Os dois não citaram as mesmas palavras. Todos teriam notado, se não tivesse havido um intervalo significativo e uma discussão tão emocionante entre as duas leituras.”

UMA VOZ: “Qual é a diferença?”

O CURTIDOR: “A nota de Billson tem a palavra *muito*, mas não a outra”.

MUITAS VOZES: “É verdade. Ele tem razão!”

O CURTIDOR: “Portanto, se o senhor presidente examinar o envelope que está no saco, vamos saber qual dos dois é uma fraude [O presidente: Ordem!], qual destes dois aventureiros... [O presidente: Ordem! Ordem!], qual destes dois cavalheiros... [*risos e aplausos*] vai ter o direito de portar o título de primeiro mentiroso desonesto nascido nesta cidade que ele desonrou, e que, a partir de agora, vai se tornar para ele um lugar insuportável!”

MUITAS VOZES: “Abra! Abra o saco!”

O Sr. Burgess rasgou uma abertura no saco e retirou um envelope que continha duas folhas dobradas.

“Uma destas está marcada, ‘A ser aberta depois de serem lidas todas as comunicações escritas dirigidas à presidência’. A outra está marcada, ‘A frase’. Permitam-me. Ela diz:

‘Não exijo que a primeira metade da frase que me foi dita por meu benfeitor seja citada nos seus termos exatos, pois não era importante, e poderia facilmente ser esquecida, mas as 20 últimas palavras têm grande importância, e dificilmente seriam esquecidas; a menos que estas sejam reproduzidas com exatidão, o autor deverá ser visto como um impostor. Meu benfeitor começou dizendo que raramente dava conselhos, mas que quando dava o conselho era sempre muito valioso. Então ele disse isto, e esta frase jamais saiu da minha memória: *Você está longe de ser um homem mau...*’”

CINQUENTA VOZES: “Então está resolvido, o dinheiro pertence a Wilson! Wilson! Wilson! Discurso! Discurso!”

A multidão se levantou e se juntou em volta de Wilson, apertando-lhe calorosamente a mão enquanto o presidente batia o martelo e gritava:

“Ordem, senhores! Ordem! Ordem! Deixem-me terminar a leitura, por favor”. Quando se fez silêncio, ele retomou a leitura:

“*Vá e emende-se – ou então, preste atenção, por seus pecados, quando morrer você poderá escolher entre o inferno ou Hadleyburg. ESCOLHA O PRIMEIRO*”.

Fez-se um silêncio mortal. Primeiro se formou uma nuvem raivosa sobre os rostos dos cidadãos; depois de algum tempo a nuvem começou a subir e uma expressão divertida tentou assumir o lugar; tentou com tanta força que só foi contida com grande e dolorosa dificuldade; os repórteres, os homens de Brixton e os outros estrangeiros abaixaram a cabeça e esconderam o rosto com as mãos, e conseguiram se conter com grande força e heróica cortesia. Nesse momento inoportuno, explodiu no silêncio uma voz solitária, a voz de Jack Halliday:

“*Esta tem a marca da verdade!*”

Nesse momento a platéia se soltou, inclusive os estrangeiros. Até a gravidade do Sr. Burgess se desmanchou, e a platéia se sentiu oficialmente desobrigada de toda restrição, e aproveitou ao máximo esse privilégio. Foi uma gargalhada gostosa e longa, cordialmente tempestuosa, mas finalmente cessou – tempo suficiente para encorajar o Sr. Burgess a continuar, e para as pessoas secarem os olhos, mas logo ela irrompeu novamente; e mais uma vez; então Burgess conseguiu finalmente dizer estas graves palavras:

“Não adianta querer disfarçar o fato, estamos diante de um acontecimento de extrema gravidade. Envolve a honra de nossa cidade, descredita o bom nome da cidade. A diferença de uma palavra entre as frases oferecidas pelo Sr. Wilson e pelo Sr. Billson já era em si uma coisa muito séria, pois indicava que um dos dois havia cometido roubo...”

Os dois homens estavam sentados, abatidos e arrasados, mas ao ouvir essas palavras os dois se agitaram e ameaçaram se levantar.

“Sentem-se os dois!”, ordenou rispidamente o presidente, e os dois obedeceram. “Como já disse, isso, por si só, já é uma coisa muito séria. E foi, para um deles. Mas a questão agora se tornou mais séria, pois a honra *dos dois* está sob enorme perigo. Poderia ir além e afirmar que ela está sob perigo inevitável. *Os dois* omitiram as 20 palavras cruciais.”

Fez uma pausa. Durante um minuto deixou ao silêncio a tarefa de fixar e aprofundar na mente de todos o significado dramático de suas palavras. Então continuou:

“Só parece haver um meio de explicar como isto aconteceu. E eu pergunto aos dois cavalheiros: Houve um *conluio*? Um *acordo*?”

Um murmúrio baixo correu a platéia; dizia mais ou menos o seguinte: “Ele agora pegou os dois”.

Billson não era acostumado a emergências; continuou sentado num colapso desamparado. Mas Wilson era advogado. Levantou-se, pálido e assustado, e disse:

“Rogo a indulgência desta casa enquanto esclareço tão embaraçosa questão. Sinto muito ser obrigado a dizer o que vou dizer, pois dizê-lo há de causar dano irreparável ao Sr. Billson, a quem até hoje sempre estimei e respeitei, e em cuja invulnerabilidade à tentação eu tinha total confiança como, de resto, confiavam todos os senhores. Mas a preservação de minha própria honra exige que eu fale, e fale com franqueza. Confesso, envergonhado, e agora imploro o perdão de todos os senhores, que disse ao estranho arruinado todas as palavras contidas na folha de teste, inclusive as 20 desabonadoras. [*Sensação.*] Quando a notícia foi publicada, eu me lembrei delas e decidi reivindicar o saco de ouro, pois tinha todo direito a ele. Peço agora que os senhores considerem e ponderem bem a seguinte questão: a gratidão daquele estranho não tinha limites; ele próprio afirmou não ter palavras dignas, e que se lhe fosse possível ele me recompensaria mil vezes o bem que eu havia feito. Ora, então eu pergunto: poderia eu esperar, acreditar, ou mesmo remotamente imaginar que, sentindo o que sentia, ele iria cometer a ingratidão de incluir aquelas 20 palavras desnecessárias na sua frase de teste? Montar uma armadilha contra mim? Expor-me como caluniador de minha cidade diante de meu próprio povo reunido neste salão público? Era um absurdo; era impossível. Seu teste só poderia conter minha sentença generosa de abertura. Disso eu não tinha dúvida. Os senhores teriam pensado como eu. Ninguém teria esperado uma traição tão mesquinha de alguém a quem tinha feito um favor e contra quem não tinha cometido qualquer ofensa. E assim, com abso-

luta confiança, escrevi num pedaço de papel as palavras de abertura que terminavam em ‘vá e emende-se’ e assinei. Quando me preparava para colocar a folha num envelope, fui chamado ao escritório e sem pensar deixei a folha aberta sobre a mesa”.

Parou um instante, voltou-se para o Sr. Billson, esperou um momento, e acrescentou:

“Peço que atentem para o seguinte: ao voltar, pouco depois, o Sr. Billson saía pela porta da rua”. [*Sensação.*]

O Sr. Billson se levantou de um salto, gritando:

“É mentira! Mentira infame!”

O PRESIDENTE: “Sente-se, senhor! O Sr. Wilson está com a palavra”.

Os amigos de Billson forçaram-no a se sentar e o acalmaram; Wilson continuou:

“Esses são os fatos. Minha nota não estava na posição em que eu a havia deixado. Na hora eu percebi a mudança, mas não lhe dei importância, pensando ter sido provavelmente o vento. Que o Sr. Billson fosse capaz de ler um documento particular, era algo que jamais me teria ocorrido; era um homem honrado e não se rebaixaria tanto. Se me permitem dizê-lo, acredito que isso explica a palavra *muito*; pode ser atribuída a uma falha da memória. Eu era a única pessoa no mundo capaz de fornecer aqui, por meios *honrados*, os detalhes relativos à frase de teste. Tenho dito”.

Não há nada no mundo que confunda tanto o aparelho mental, destrua com tanta eficácia as convicções e faça tamanha troça das emoções de uma platéia pouco habituada aos truques e ilusões da oratória como um discurso persuasivo. Vitorioso, Wilson se sentou. Foi afogado numa onda de aplausos de aprovação; os amigos se juntaram em volta dele, cumprimentando-o, apertando-lhe a mão; Billson foi forçado a se calar. O presidente batia o martelo e gritava:

“Vamos continuar! Senhores, vamos continuar!”

Finalmente fez-se um pouco de silêncio, e o chapeleiro disse:

“Mas não há o que continuar, senhor, basta entregar o dinheiro”.

VOZES: “É isso mesmo! Isso mesmo! Apresente-se, Wilson!”

O CHAPELEIRO: “Três vivas ao Sr. Wilson, símbolo da virtude especial...”

Os vivas explodiram antes que ele terminasse de falar; e no meio dos vivas, no meio do clamor do martelo do presidente, alguns entusiastas colocaram Wilson nos ombros de um amigo corpulento e se preparavam para levá-lo ao palco. A voz do presidente se fez ouvir acima do clamor:

“Ordem! Tomem seus lugares. Os senhores estão se esquecendo de que ainda há um documento a ser lido”. Quando o silêncio voltou ao salão, ele pegou o documento e se preparava para lê-lo, mas desistiu, dizendo:

“Ia me esquecendo; este documento só deve ser lido depois de serem lidas todas as comunicações escritas recebidas por mim”. Tirou do bolso outro envelope, retirou a mensagem, examinou-a; pareceu atônito, olhou de novo.

Vinte ou 30 vozes gritaram:

“O que é? Leia! Leia!”

E ele leu, lentamente, sem entender:

“*A frase que eu disse ao estrangeiro [Vozes: Ei! O que é isto?] foi esta: ‘Você está longe de ser um homem mau. [Vozes: Ora, esta!] Vá e emende-se’ [Vozes: Conte essa para outro.] Assinado pelo Sr. Pinkerton, o banqueiro*”.

Criou-se um pandemônio de júbilo de um tipo que faria chorar os mais judiciosos. Os menos sensíveis rolavam de rir até as lágrimas; os repórteres, às gargalhadas, rabiscavam garranchos que jamais seriam capazes de decifrar; e um cachorro que dormia num canto se levantou assustado e latiu como louco contra a multidão. Ouviam-se gritos de todo tipo no meio daquela balbúrdia: “Estamos cada vez mais ricos. Dois símbolos de incorruptibilidade!”; “Sem contar Billson!”; “Três! É preciso contar o Colete-Curto – não pode faltar nenhum!”; “Muito bem! Billson está eleito!”; “Pobre Wilson: vítima de *dois* ladrões!”

VOZ FORTE: “Silêncio!”. O presidente tirou outro envelope do bolso!

VOZES: “Viva! Mais um? Leia! Leia!”

PRESIDENTE: “*A frase que disse ao... etc.: ‘Você está longe de ser um homem mau. Vá’* etc. Assinado, Gregory Yates”.

UM FURACÃO DE VOZES: “Quatro símbolos!” “Viva Yates!” “Mais um!”

O salão estava às gargalhadas, pronto a tirar o máximo de diversão que a ocasião pudesse oferecer. Vários dos 19, pálidos e acabrunhados, começaram a se esgueirar em direção às saídas, mas nesse instante ouviram-se muitos gritos:

“As portas! Fechem as portas; nenhum incorruptível vai deixar este salão! Sentem-se, todos!”

A ordem foi obedecida.

“Mais um! Leia! Leia!”

O presidente tirou mais um e as palavras conhecidas começaram a ecoar de seus lábios – “*Você está longe de ser um homem mau.*”

“O nome! Quem é este?”

“L. Ingold Sargent.”

“Cinco eleitos! Vamos empilhar os símbolos! Continue! Continue!”

“*Você está longe de ser um...*”

“Nome! Nome!”

“Nicholas Witworth.”

“Viva! Viva! Hoje é o dia dos símbolos!”

Alguém começou a cantar esse verso ao som de uma linda canção, muito conhecida; a platéia cantou em coro, alegre; então alguém cantou mais um verso:

E uma coisa não pode ser esquecida

O salão urrou em coro! Mais um verso foi cantado:

Corruptos não chegam a Hadleyburg

A platéia cantou também esse verso. Quando morreu a última nota, ouviu-se claramente sobre o tumulto a voz de Jack Halliday cantando o último verso:

Mas símbolos? Pode apostar sua vida!

Esse verso foi cantado com estrepitoso entusiasmo. Então a platéia recomeçou do início e cantou os quatro versos duas vezes em se-

guida, com muito ritmo, fechando com três vezes três vivas a “Hadleyburg, a incorruptível, e a todos os seus símbolos que pudermos encontrar merecedores de tão honroso troféu!”

Recomeçaram então os gritos vindos de todos os lados:

“Continue! Continue! Leia! Leia mais! Leia todos!”

Vários homens se levantaram e começaram a protestar. Disseram que aquela farsa era obra de algum engraçadinho à-toa e era um insulto para toda a comunidade. Todas aquelas assinaturas haviam sido sem dúvida forjadas.

“Sentem-se! Sentem-se! Isso é uma confissão. *Os seus* nomes ainda vão entrar naquela pilha.”

“Senhor presidente, quantos envelopes o senhor tem em mãos?”

O presidente contou.

“Contando os que já foram lidos, são 19.”

Explodiu uma salva de palmas sarcásticas.

“Talvez todos tenham o mesmo segredo. Proponho que todos sejam abertos e lidas as assinaturas que acompanham frases semelhantes, e que seja lida também a frase inicial.”

“Apóio a proposta!”

Foi votada e estrondosamente aprovada. Nesse instante o pobre Richards se levantou, e sua esposa se levantou e se colocou ao seu lado. Ela tinha a cabeça baixa, para que ninguém visse que estava chorando. O marido lhe deu o braço, e assim, apoiando-a, começou a falar em voz trêmula:

“Amigos, vocês nos conhecem há muitos anos... Mary e eu... toda a nossa vida... e acho até que gostam de nós, que nos respeitam...”

O presidente o interrompeu:

“Permita-me dizer: isto é a verdade absoluta... o que o senhor está dizendo, Sr. Richards: esta cidade *conhece* os senhores; *gosta* dos dois; *respeita* os dois; mais que isso, ela *ama* os dois, e é *honrada* pelos senhores...”

Ouviu-se a voz de Halliday:

“É a pura verdade! Se o presidente concordar, que esta assembléia se levante e confirme. Levantem-se! Agora... hip! hip! hip! Todo mundo!”

A platéia se levantou em massa, encarou o velho casal, e encheu o ar com uma nevasca de lenços brancos, e soltou os gritos com todo afeto do coração.

O presidente continuou:

“O que eu ia dizer era o seguinte: conhecemos o seu bom coração, Sr. Richards, mas agora não é a hora de invocar a caridade para com os pecadores. [*Gritos: Muito Bem! Muito Bem!*] Vejo no seu rosto o propósito generoso, mas não posso permitir que o senhor interceda por esses homens...”

“Mas o que eu queria...”

“Sente-se, por favor, Sr. Richards. Temos de examinar o resto desses envelopes, é uma questão de justiça para com os homens que já foram expostos. Quando terminarmos, dou-lhe minha palavra, o senhor será ouvido.”

MUITAS VOZES: “É isso mesmo! O presidente tem razão, não pode haver interrupções neste ponto! Continue! Conforme os termos da proposta!”

O velho casal se sentou relutantemente, e o marido sussurrou no ouvido da esposa:

“É duro ter de esperar; a vergonha vai ser ainda maior, quando descobrirem que nós íamos pedir por *nós mesmos*”.

A alegria irrompeu novamente, à medida que os nomes eram lidos.

“*Você está longe de ser um homem mau...* Assinado: Robert J. Titmarsh.”

“*Você está longe de ser um homem mau...* Assinado: Eliphalet Weeks.”

“*Você está longe de ser um homem mau...* Assinado: Oscar B. Wilder.”

Nesse momento, a platéia teve a idéia de tomar do presidente as oito palavras iniciais. Ele gostou. Desse momento em diante, ele erguia a nota e esperava. A casa cantava musicalmente em coro as oito palavras (com uma ousada semelhança com um hino religioso bem conhecido) “Vo-cê está lon-ge de ser um ho-mem mau”. E o presidente lia: “Assinado: Archibald Wilcox”. E assim foi, um nome depois do

outro, e todos se divertiam gloriosamente, com exceção dos infelizes 19. Aqui e ali, quando era invocado um nome particularmente luminoso, a platéia obrigava o presidente esperá-la cantar toda a frase até as palavras finais: “...escolher entre o inferno ou Hadleyburg – faça o possível para escolher o primeiro”, e terminavam com um grandioso “A-a-a-mém!”

A lista ia se aproximando do fim, inexoravelmente. O pobre Richards ia contando, sobressaltando-se quando algum nome parecido com o dele era pronunciado, e esperando em sofrido suspense a hora de se levantar e terminar o pedido por si mesmo e por Mary, que deveria terminar assim: “Pois até hoje não tínhamos feito nada de que nos envergonhar, vivíamos humildemente e sem censuras. Somos tão pobres, somos tão velhos, não temos ninguém que nos ajude; a tentação foi muito cruel e caímos. Quando me levantei há pouco, queria fazer minha confissão e pedir que nossos nomes não fossem lidos publicamente, pois achávamos que não conseguiríamos suportar, mas não me permitiram. Era justo; nós também merecíamos sofrer com os outros. Para nós foi muito difícil. Foi a primeira vez que ouvimos nosso nome cair maculado dos lábios de alguém. Tenham piedade, em nome dos dias melhores; que sua caridade lhes permita tornar mais leve a nossa vergonha”. Nesse ponto de seu sonho, ao ver que estava ausente, Mary lhe deu um beliscão. A casa estava cantando “Você está longe...”

“Prepare-se”, sussurrou Mary. “O próximo nome vai ser o seu; ele já leu 18”.

Burgess enfiou a mão no bolso. O velho casal preparou-se para se levantar. Burgess procurou durante um instante, e então disse:

“Já li todos”.

Tonto de alegria e surpresa, o velho casal afundou nas cadeiras e Mary sussurrou:

“Louvado seja Deus, estamos salvos! Ele perdeu o nosso. Não troco este momento nem por cem sacos iguais àquele!”

A canção voltou a explodir no salão, e a platéia cantou três vezes com entusiasmo crescente, pondo-se de pé quando chegou pela terceira vez ao último verso: *Mas símbolos? Pode apostar sua vida!*, ter-

minando com vivas à “pureza de Hadleyburg e aos seus 18 imortais representantes”.

Então Wingate, o seleiro, se levantou e propôs vivas ao “homem mais limpo desta cidade, o único cidadão importante que não tentou roubar o dinheiro – Edward Richards”.

Os vivas foram gritados com grande e comovente emoção; então alguém propôs que Richards fosse eleito o símbolo e guardião único da agora Sagrada Tradição de Hadleyburg, com a força e o direito de encarar de pé o sarcasmo do mundo.

A proposta foi aprovada por aclamação; então a platéia tornou a cantar a canção, mas dessa vez o verso final foi:

Mas símbolo, só resta um nesta vila!

Houve uma pausa; então...

UMA VOZ: “E então, quem fica com o saco?”

O CURTIDOR [*amargamente sarcástico*]: “Esta é fácil. O dinheiro deve ser dividido entre os 18 incorruptíveis. Eles deram, cada um, 20 dólares ao sofrido estrangeiro, além do conselho, um de cada vez, 22 minutos para passar a procissão. Investiram no estranho, contribuição total, 360 dólares. Eles querem de volta o que emprestaram, acrescido de juros: 40 mil dólares no total”.

MUITAS VOZES [*cheias de desprezo*]: “Isso mesmo! Repartir! Repartir! Tenham pena dos pobres, eles não podem mais esperar”.

O PRESIDENTE: “Ordem! Passo a ler agora o restante do documento. ‘Se ninguém se apresentar como reivindicante [*coro de muxoxos*], desejo que o saco seja aberto e o dinheiro distribuído entre os principais cidadãos de sua cidade, que dele serão fiéis depositários [*gritos*: Oh! Oh! Oh!], para que o usem como melhor lhes aprouver para a propagação e preservação da nobre reputação de incorruptível honestidade desta comunidade [*mais gritos*], reputação a que seus nomes acrescentarão novo brilho.’ [*Explosões entusiasmadas de aplausos sarcásticos.*] Parece que é só. Não, há ainda um P.S.:

‘P.S. CIDADÃOS DE HADLEYBURG: Não existe a frase de teste, ninguém a disse. [*Grande sensação.*] Não houve estrangeiro faminto, nem contri-

buição de 20 dólares, nem bênção e cumprimento que a acompanharam, foi tudo invenção. [*Zumbido generalizado, de espanto e prazer.*] Permitam que eu conte minha história, é muito rápida. Passei certa vez pela sua cidade e recebi uma profunda ofensa que não mereci. Qualquer outro teria se contentado em matar um ou dois dos senhores e se considerar vingado, mas para mim teria sido uma vingança trivial, além de inadequada, pois os mortos não sofrem. Ademais, eu não poderia matar todos os senhores; além do mais, sendo como sou, nem mesmo isso me teria satisfeito. Queria fazer sofrer a todos os homens do lugar, e a todas as mulheres, e não queria que sofressem na carne ou no patrimônio, mas na vaidade, o ponto de maior vulnerabilidade dos fracos e idiotas. Por isso eu me disfarcei, voltei e estudei os senhores. Os senhores eram presas muito fáceis. Tinham uma antiga e grandiosa reputação de honestidade, da qual tinham naturalmente muito orgulho; era o seu tesouro dos tesouros, a menina dos olhos dos senhores. Quando descobri que os senhores se protegiam e aos seus filhos de toda tentação, soube imediatamente como proceder. Ora, criaturas ordinárias, a mais fraca de todas as coisas fracas é uma virtude não testada a fogo. Fiz um plano e reuni uma lista de nomes. Meu projeto era corromper Hadleyburg, a Incorruptível. Minha idéia era transformar em mentirosos e ladrões os quase cem homens e mulheres sem jaça que nunca haviam na vida dito uma mentira nem roubado um centavo. Só não tinha certeza quanto a Goodson. Ele não havia nascido nem sido educado em Hadleyburg. Meu medo era o de que se mandasse minha carta os senhores logo pensariam: “Goodson é o único homem entre nós que daria 20 dólares a um pobre-diabo”, e não morderiam minha isca. Mas Deus levou Goodson e tive a certeza de que então não haveria problemas. Preparei a isca e montei minha armadilha. É possível que eu não consiga pescar todos os homens a quem enviei a falsa frase de teste, mas tenho certeza de que vou pegar a maioria, se realmente conheço a natureza de Hadleyburg. [*Vozes: É verdade. Pegou todos eles.*] Sei que preferirão roubar um dinheiro ostensivamente obtido no jogo a deixar passar essa oportunidade, pobres sujeitos, tentados e fracos. Espero destruir eternamente e para sempre a vaidade dos senhores e dar a

Hadleyburg uma nova fama, realmente *merecida*, que se espalhará por toda parte. Se tive sucesso, abram o saco e reúnam o Conselho para a Propagação e Preservação da Reputação de Hadleyburg”.

UM CICLONE DE VOZES: “Abra! Abra! Chame os 18 até a frente! Comitê para Propagação da Tradição! À frente – incorruptíveis!”

O presidente abriu o saco e pegou um punhado de moedas grandes, amarelas e brilhantes, balançou-as na mão e examinou:

“Meus amigos, isto aqui não passa de um saco de discos dourados de chumbo!”

Ante essa notícia, ouviu-se uma gargalhada ruidosa, e quando o ruído acalmou o curtidor gritou:

“Por direito de precedência nesta atividade, o Sr. Wilson é o presidente do Comitê para a Propagação da Tradição. Sugiro que ele suba ao palco e receba, como seu depositário, o dinheiro em nome do comitê”.

CEM VOZES: “Wilson! Wilson! Discurso! Discurso!”

WILSON [*a voz trêmula de raiva*]: “Permitam-me dizer, sem me desculpar pela blasfêmia, dinheiro do demônio!”

UMA VOZ: “Oh, e logo ele, um batista!”

UMA VOZ: “Sobram 17 símbolos! Subam senhores, e tomem posse do dinheiro”.

Houve uma pausa; não se ouviu resposta.

O SELEIRO: Senhor presidente, da antiga aristocracia sobrou-nos um único homem digno; ele precisa e merece o dinheiro. Proponho que o senhor indique Jack Halliday para leiloar o saco de moedas douradas, e que o resultado seja oferecido ao homem certo, o homem com quem Hadleyburg tem uma dívida de honra: Edward Richards.

A proposta foi aprovada com grande entusiasmo, mais uma vez com a participação do cachorro; o seleiro deu o primeiro lance de um dólar, os homens de Brixton e Barnum disputaram acirradamente o troféu, a platéia comemorava entusiasmada cada novo lance, a excitação crescia, os contendores ficavam cada vez mais ousados, mais determinados, os lances subiam de um dólar para cinco, para dez, 20, 50, cem, então...

No início do leilão Richards sussurrou assustado para a mulher: “Mary, não podemos deixar! É um prêmio de honra, uma prova de pureza de caráter... Não podemos deixar! Vou me levantar e... Mary, o que vamos fazer?... O que você acha? [*A voz de Halliday*: Quinze! Quinze pelo saco! Vinte! Obrigado! Trinta! Obrigado! Trinta, 30... Alguém diz quarenta? Quarenta! Vamos, senhores, mais animação, coragem! Cinquenta! Obrigado, nobre romano! Cinquenta, 50, 50! Setenta! Noventa! Ele vale muito mais, senhores! Cem! Abram os bolsos, senhores, é por uma boa causa! Cento e vinte... 140! Cento e cinquenta!... Duzentos! Alguém disse 200?... Duzentos e cinquenta!...]

“É mais uma tentação, Edward... Estou tremendo toda... Mas já fugimos de uma tentação, será que não vamos aprender? [*Ouvi seiscentos? Obrigado!... Seiscentos e cinquenta... Setecentos!*] Mas, mesmo assim, ninguém suspeitou de nada [*Oitocentos dólares! Muito bem! Alguém dá 900? Sr. Parsons, o senhor dá... Obrigado! Novecentos! Este nobre saco de chumbo virgem vale mais que 900 dólares, chumbo dourado! Vamos, senhores! Alguém dá 1.000? Obrigado! Mil e cem? Este vai ser o saco mais famoso do univ...*] Oh, Edward [*começa a soluçar*], somos tão pobres!... mas... faça como achar melhor... faça o que achar melhor.”

Edward caiu, ou melhor, continuou sentado; continuou sentado com uma consciência que não estava feliz, mas fora derrotada pelas circunstâncias.

Enquanto isso, um desconhecido que lembrava um detetive amador disfarçado de impossível conde inglês observava os acontecimentos com evidente interesse e uma expressão satisfeita no rosto, e comentava consigo mesmo. Soliloquiava mais ou menos assim: “Nenhum dos 18 está dando lances; está errado; preciso consertar isto, é uma exigência das unidades dramáticas; eles hão de comprar o saco que tentaram roubar; e terão de pagar um alto preço, alguns são ricos. Ademais, quando cometo um erro sobre a natureza de Haldleyburg, o homem que denuncia meu erro tem direito a altos honorários, e alguém vai ter de pagar. Este pobre Richards mostrou o erro de meu julgamento; é honesto. Não entendo, mas sou obrigado a

reconhecer. É isso, ele pagou para ver o meu par, e tinha um *straight flush*, e o prêmio é dele por direito. E vai ser o grande prêmio, se eu realizar o que estou pensando. Ele me desapontou, mas não há de ser nada”.

Ele estava observando o leilão. Quando chegou a mil, o leilão esfriou; os lances agora subiam pouco. Esperou, ainda observando. Uma a uma, as pessoas saíam da disputa. Fez um lance, depois outro; esperou um pouco e fez um lance aumentando em 50 dólares o anterior; quando os lances já estavam aumentando apenas 10 dólares, ele subiu cinco; alguém deu mais três; ele esperou mais um momento e cobriu com mais 50 dólares e o saco era seu, por 1.282 dólares. A casa explodiu em vivas e parou, pois ele havia se levantado e erguido a mão. Começou a falar.

“Gostaria de dizer uma palavra e pedir um favor. Sou especulador de raridades e tenho negócios com pessoas interessadas em numismática em todo o mundo. Tal como está, esta compra já vai ser lucrativa para mim, mas, se os senhores concordarem, posso aumentar o valor desses discos de chumbo até seu valor de face de 20 dólares, talvez mais. Concedam-me a sua aprovação, e eu ofereço parte do ganho extra ao senhor Richards, cuja probidade invulnerável os senhores acabam de reconhecer com tanta justiça e tanto entusiasmo; ofereço a ele uma participação de 10 mil dólares, e o dinheiro lhe será entregue amanhã. [*Aplausos da platéia*. A ‘invulnerável probidade’ fez o casal Richards enrubescer, mas isso foi entendido como nada mais que uma manifestação de modéstia, e não teve conseqüências.] Se os senhores aprovarem minha proposta por boa maioria – se possível, uma maioria de dois terços –, poderei entender que a cidade aprova a minha proposta, e é tudo que peço. Qualquer coisa que aumente o interesse sempre é benéfica para as raridades. Peço então a permissão dos senhores para estampar nas faces de cada uma dessas moedas os nomes dos 18 cavalheiros que...”

Nove décimos da platéia se ergueram num pulo, inclusive o cachorro, e a proposta foi votada por um turbilhão de aplausos e gargalhadas.

Todos se sentaram, e todos os símbolos, com exceção do “doutor” Clay Harkness, se levantaram protestando violentamente contra a proposta insultuosa, e ameaçando.

“Peço que não me ameacem”, disse calmamente o estrangeiro. “Conheço meus direitos legais e caras feias não me dão medo.” [*Aplausos.*]

Sentou-se. O “doutor” Harkness percebeu a oportunidade. Ele era um dos dois homens mais ricos da cidade, Pinkerton era o outro. Harkness era proprietário de uma fábrica de dinheiro, ou seja, de uma marca muito popular de remédio. Era candidato de um partido ao Legislativo, e Pinkerton concorria pelo outro. A disputa estava acirrada, e a cada dia ficava mais quente. Os dois tinham um forte apetite por dinheiro; os dois tinham comprado grandes lotes de terras; uma nova ferrovia estava para ser construída e os dois queriam estar na Assembléia Estadual para obter máxima vantagem quando fosse a hora de definir sua rota; um único voto poderia decidir a questão, e, com ela, duas ou três fortunas. Era um jogo de alto cacife e Harkness era um especulador destemido. Enquanto os outros símbolos distraíam a platéia com seus protestos, ele se sentou ao lado do estrangeiro e lhe perguntou baixinho:

“Quanto você quer pelo saco?”

“Quarenta mil dólares.”

“Dou 20.”

“Não.”

“Vinte e cinco.”

“Não.”

“Trinta.”

“O preço é 40 mil dólares, nem um centavo a menos.”

“Está bem. Vou ao seu hotel às dez da manhã. Isto deve ser segredo; nosso encontro será discreto.”

“Muito bem.” Então o estrangeiro se levantou e disse à platéia:

“Já é tarde. Os discursos desses senhores não carecem de mérito, nem de interesse, nem de graça; mesmo assim, com a licença dos senhores, eu me despeço. Agradeço o grande favor que me presta-

ram ao aprovar meu pedido. Peço ao senhor presidente que guarde o saco para mim até amanhã, e que entregue em meu nome estas três notas de 500 dólares ao Sr. Richards”. As notas foram passadas ao presidente. “Devo buscar o saco às nove, e às onze vou entregar o resto dos 10 mil dólares ao Sr. Richards em pessoa, na sua casa. Boa noite.”

Ele saiu, deixando a platéia festejando rumorosamente, uma mistura de vivas, a canção que falava dos símbolos, a desaprovação do cachorro e a ladainha “Você está lo-o-o-ongue de ser um ho-o-omem mau; A-a-a-a-mém!”

IV

Em casa, Edward e Mary tiveram que suportar os cumprimentos e louvores até a meia-noite. Depois ficaram sozinhos. Estavam tristes, ficaram sentados, pensando. Finalmente, Mary disse:

“Você acha que somos culpados, Edward, muito culpados?” Seus olhos pousaram sobre as três notas acusadoras jogadas na mesa, onde ficaram expostas aos olhares cobiçosos dos visitantes e por eles foram tateadas com reverência. Edward não respondeu logo; então deu um suspiro e disse, hesitante:

“Não tínhamos como evitar, Mary. Era... estava escrito. Como tudo o que existe”.

Mary levantou o rosto e o encarou, mas ele não devolveu o olhar. Ela disse:

“Eu sempre achei que elogios e cumprimentos eram bons. Mas... agora eu acho... Edward?”

“O quê?”

“Você vai continuar no banco?”

“N-não.”

“Pedir demissão?”

“Pela manhã... vou entregar uma carta.”

“Acho que é o melhor.”

Richards apoiou a cabeça nas mãos e murmurou:

“Antes eu não tinha medo quando oceanos de dinheiro de outras pessoas escorriam por entre minhas mãos, mas... Mary, eu estou tão cansado, tão cansado...”

“Vamos para a cama.”

Às nove da manhã o estrangeiro foi buscar o saco e o levou até o hotel. Às dez Harkness conversou com ele privadamente. O estrangeiro pediu cinco cheques contra um banco da capital, emitidos ao “portador”, quatro no valor de 1.500 dólares e mais um de 34 mil dólares. Colocou um dos primeiros na carteira e os outros, no total de 38.500 dólares, colocou num envelope juntos com uma nota, escrita depois da saída de Harkness. Às onze chegou à casa de Richards e bateu. A Sra. Richards olhou pela janela, saiu e recebeu o envelope, e o estrangeiro desapareceu sem nada dizer. Ela voltou; estava rubra e as pernas tremiam, e ela disse:

“Era ele. Tenho certeza de que o reconheci! Ontem à noite eu tive a impressão de já tê-lo visto antes.”

“Foi ele quem trouxe o saco até aqui?”

“Tenho quase certeza de que foi.”

“Então ele é também o ostensivo Stephenson, e vendeu todos os cidadãos desta cidade com aquele segredo mentiroso. Agora ele manda cheques em vez de dinheiro, e nós também estamos perdidos, depois de achar que tínhamos escapado. Já estava até me sentindo melhor, depois de uma noite de sono, mas a aparência desse envelope me deixa doente. É muito fino; 8.500 dólares, mesmo em notas muito altas, faz um volume maior que esse.”

“Edward, por que você não aceita cheques?”

“Cheques assinados por Stephenson! Eu seria até capaz de aceitar os 8.500 dólares se viessem em dinheiro, pois parece que é assim que estava escrito, mas nunca fui muito corajoso e não tenho coragem de trocar cheques assinados com aquele nome sinistro. É uma armadilha. Aquele homem tentou me pegar; escapamos, nem sei como, e agora ele está tentando mais uma vez. Se forem cheques...”

“Oh, Edward, que pena!” Ela mostrou os cheques e começou a chorar.

“Jogue no fogo! Depressa! Não vamos cair em tentação. É mais um truque para fazer o mundo rir de nós, como já riu dos outros, e... me dê aqui, se você não tem coragem.” Ele os agarrou e caminhou até o fogão, mas era humano, era caixa, e parou um instante para verificar a assinatura. Quase desmaiou.

“Abane-me, Mary, abane-me! Estes cheques valem ouro!”

“Ah, que maravilha, Edward! Por quê?”

“Estão assinados por Harkness. Qual será este mistério, Mary?”

“Edward, você acha...”

“Veja, veja! Mil e quinhentos! Mil e quinhentos! Mil e quinhentos! Trinta e quatro mil. São 38.500 dólares! Mary, aquele saco não valia nem dez, e Harkness aparentemente pagou por ele o valor de face.”

“E tudo isto é nosso... Você acha?... Quero dizer, em vez dos 10 mil?”

“É o que parece. E os cheques também foram emitidos ao portador.”

“E isto é bom, Edward? Por quê?”

“Isso quer dizer que podemos sacar em algum banco distante. Talvez Harkness não queira que o negócio seja conhecido. O que é isso aí? Uma nota?”

“É. Veio com os cheques.”

Estava escrita na caligrafia de Stephenson, mas não estava assinada. Dizia:

Sou um homem desapontado. Sua honestidade está além do alcance da tentação. Eu não acreditava, mas estava errado quanto a você, e por isso eu lhe peço perdão, com toda sinceridade. Eu lhe rendo honras, e nisso também sou sincero. Esta cidade não tem o direito de beijar a bainha de sua roupa. Prezado senhor, fiz uma aposta honesta comigo próprio de que havia 19 homens desonestos nesta comunidade hipócrita. E perdi. O prêmio é seu.

Richards deu um suspiro profundo, e disse:

“Queima tanto! Parece escrito a fogo. Mary... agora estou infeliz outra vez”.

“Eu também. Oh, meu bem... bem que eu gostaria...”

“Pensar, Mary... Ele *acredita* em mim.”

“Oh, não, Edward... Eu não agüento mais!”

“Se estas palavras tão lindas fossem merecidas, Mary – e Deus é testemunha de que houve um tempo em que eu acreditava realmente merecê-las –, acho que daria os 40 mil dólares em troca delas. E guardaria para sempre este papel, como símbolo de uma coisa muito mais valiosa que ouro e jóias. Mas agora... Não poderíamos viver à sombra de sua presença acusadora, Mary.”

Jogou a nota no fogo.

Chegou um mensageiro e entregou um envelope.

Richards abriu e leu; vinha de Burgess.

Uma vez você me salvou em tempos difíceis. Ontem eu o salvei. Foi ao custo de uma mentira, mas fiz este sacrifício espontaneamente, com o coração cheio de gratidão. Ninguém nesta cidade conhece como eu o quanto você é nobre e bom. No fundo, você não pode me respeitar, sabendo, como sabe, do que sou acusado, e por todos condenado, mas imploro que acredite pelo menos na minha gratidão, pois isso tornará mais fácil carregar a minha cruz.

[Assinado] Burgess

“Salvo, mais uma vez. E nestes termos!” Jogou a nota no fogo. “Quem dera eu estivesse morto, Mary, como eu gostaria de não ter passado por isto!”

“Oh, Edward, são dias amargos, difíceis. A própria generosidade torna ainda mais profundos os ferimentos... e eles se sucedem com tanta rapidez!”

Três dias antes da eleição, os 2.000 eleitores receberam de repente uma lembrança muito cobiçada: uma das moedas falsas. Em volta de uma das faces havia sido cunhada esta frase: “A FRASE QUE EU DISSE AO ESTRANGEIRO FOI” e na outra face estava escrito: “VÁ E EMENDE-SE. [Assinado] PINKERTON”. Assim tudo o que sobrou daquela famosa piada despencou sobre uma única cabeça, com calamitoso efeito. A cidade

reviveu a gargalhada recente e a concentrou sobre Pinkerton; a eleição de Harkness foi uma barbada.

Vinte e quatro horas depois de receber os cheques, Edward e Mary sentiam a consciência se acalmar, desencorajada; o velho casal estava aprendendo a aceitar o pecado que haviam cometido. Mas ainda iriam aprender que um pecado assume terrores novos e reais quando existe a possibilidade de ser descoberto. Isto dá a ele um aspecto novo e importante. O sermão da manhã, na igreja, foi como todos os outros sermões da manhã; as mesmas coisas ditas da mesma forma; já tinham ouvido aquilo mais de mil vezes e sempre o sermão lhes parecia inócua, sem importância, soporífero, mas agora era diferente: o sermão parecia carregado de acusações, parecia dirigido especialmente a pessoas que ocultavam pecados mortais. Esgueiraram-se depois do serviço, fugindo da multidão de congratulações e cumprimentos, correndo para casa, tremendo até a medula dos ossos de medo não sabiam precisar de quê – medos indefinidos, vagos, obscuros. Viram por acaso o Sr. Burgess quando virava uma esquina, e ele não respondeu ao aceno dos dois! Ele não os havia visto, mas eles não sabiam. O que poderia significar tal conduta? Só poderia significar – só poderia significar – dezenas de coisas diferentes. Será que ele sabia que Richards poderia tê-lo inocentado naquela ocasião distante e agora esperava silenciosamente a hora do acerto de contas? Em casa, começaram a imaginar que a empregada estava ouvindo no quarto ao lado quando Richards confessara à mulher que sabia da inocência de Burgess; logo Richards se lembrou de ter ouvido o farfalhar de saias naquela noite; logo ele passou a ter *certeza de ter* ouvido. Chamaram Sarah sob um pretexto qualquer e lhe observaram a expressão; se ela estivesse traindo os segredos dos dois para o Sr. Burgess, eles veriam no seu rosto. Fizeram algumas perguntas, tão sem sentido, incoerentes, que a moça teve certeza de que os dois haviam sido afetados pela repentina boa sorte; o olhar atento dos dois sobre ela completara o serviço. Ela se confundiu, ficou rubra, nervosa, e para os velhos aquilo era sinal seguro de culpa, alguma culpa assustadora; ela era sem dúvida uma espia traidora. Quando ficaram novamente sozinhos começaram a juntar

muitas coisas sem relação e chegar a resultados horríveis. Quando as coisas chegaram ao fundo do desespero, Richards tossiu e a mulher perguntou:

“O que foi? O que foi?”

“A nota, a nota de Burgess! Ela era sarcástica, agora eu percebo.” Citou de memória: “‘No fundo você não pode me respeitar, sabendo, como sabe, do que fui acusado’. Ah, agora está tudo claro, Deus me ajude! Ele sabe que eu sei! Observe a sutileza da frase. Era uma armadilha e, como um idiota, eu caí. E... Mary...?”

“É horrível. Já sei o que você vai dizer: ele não devolveu o envelope com a nossa frase teste.”

“É verdade, guardou para nos destruir com ela. Mary, ele já nos denunciou a alguns. Eu sei, tenho certeza. Vi escrito numa dúzia de rostos na saída da igreja. Ah, é claro que ele não ia responder ao nosso cumprimento, *ele* sabia muito bem o que estava fazendo!”

Durante a noite o médico foi chamado. Pela manhã circulou a notícia de que o velho casal estava muito doente, ambos prostrados pela excitação exaustiva resultante da sorte grande, dos cumprimentos, da noite longa e do pouco sono, disse o médico. A cidade ficou sinceramente penalizada, pois o velho casal era agora o seu último motivo de orgulho.

Dois dias depois, as notícias pioraram. O velho casal delirava e fazia coisas estranhas. Segundo uma das enfermeiras, Richards havia exibido cheques de 8.500 dólares? Não, no valor total de 38.500 dólares! Como se poderia explicar sorte tão gigantesca?

No dia seguinte, as enfermeiras tinham mais notícias, maravilhosas. Elas haviam decidido guardar os cheques, para que não se perdessem, mas, quando procuraram, os cheques já não estavam debaixo do travesseiro – haviam desaparecido. O paciente disse:

“Largue o meu travesseiro; o que você está procurando?”

“Achamos que é melhor guardar os cheques...”

“Ninguém vai ver aqueles cheques. Foram destruídos. Vieram de Satã. Eu vi a marca do inferno, e descobri que me foram mandados para me fazer pecar.”

Então começou a delirar e a falar coisas estranhas e terríveis, difíceis de entender, e que o médico mandou que guardassem em segredo.

Richards tinha razão; os cheques nunca mais foram vistos.

Uma das enfermeiras deve ter falado durante o sono, pois dois dias depois os delírios secretos já eram propriedade da cidade, e eram surpreendentes. Pareciam indicar que Richards também havia se candidatado ao saco, e que Burgess havia ocultado o fato e mais tarde o havia denunciado por maldade.

Burgess foi acusado e o negou energicamente. Disse que não era justo acreditar na fala de um velho enlouquecido. Mesmo assim permaneceu a suspeita e muita conversa.

Mais um dia ou dois, alguém informou que os delírios da Sra. Richards eram cópia dos de seu marido. A suspeita aumentou e se transformou em certeza, e o orgulho da cidade pela pureza do único cidadão importante que não havia sido desacreditado começou a se apagar e extinguir-se.

Passaram-se mais seis dias e chegaram mais notícias. Os velhos estavam morrendo. Na sua última hora, a mente de Richards voltou ao normal, e ele mandou chamar Burgess. Burgess disse:

“Saíam do quarto. Acho que ele quer falar comigo em particular.”

“Não! Quero falar e quero que todos ouçam a minha confissão, para que eu possa morrer como homem, e não como um cão. Eu era um homem limpo, artificialmente, como todo o resto; e, como os outros, caí quando veio a tentação. Assinei uma mentira e reivindiquei o saco maldito. O Sr. Burgess se lembrou de que eu lhe tinha prestado um favor, e por gratidão (e ignorância) escondeu minha reivindicação e me salvou. Vocês se lembram da antiga acusação que foi feita a Burgess há muitos anos. Meu testemunho, e o de mais ninguém, poderia tê-lo inocentado, mas eu fui covarde e o deixei sofrer a desgraça...”

“Não... não... Sr. Richards, o senhor...”

“Minha empregada denunciou a ele o meu segredo...”

“Ninguém me contou coisa alguma...”

“... e ele fez a coisa mais natural e justificável, arrependeu-se da generosidade salvadora que me havia feito e me *denunciou*, como eu merecia...”

“Nunca... Eu juro...”

“Do fundo do coração eu o perdôo.”

Os protestos apaixonados de Burgess caíram em ouvidos moucos; o moribundo faleceu sem saber que havia mais uma vez prejudicado o pobre Burgess. Sua mulher morreu naquela mesma noite.

O último dos 19 havia caído, presa do saco maldito; a cidade perdeu o último trapo de sua antiga glória. O luto não foi ostentoso, mas foi profundo.

Por ato da Assembléia Legislativa, a pedido, Hadleyburg teve permissão de mudar o próprio nome (não me perguntem o nome atual, não vou dizer) e de mudar o lema que durante tantas gerações havia sido ostentado no selo oficial da cidade.

Ela é hoje novamente uma cidade honesta, e quem quiser lhe pregar uma peça como aquela deve pensar duas vezes.

Antigo lema: Não nos deixeis cair em tentação.

Novo lema: Deixai-nos cair em tentação.

Posfácio

MARK TWAIN NO BRASIL

Maria Sílvia Betti

No mundo editorial brasileiro Mark Twain esteve associado sempre a dois aspectos predominantes: em primeiro lugar, à imagem de um escritor para o público infanto-juvenil; em segundo, de um autor de livros considerados “clássicos” da literatura norte-americana.

Uma consulta à relação de títulos disponíveis atualmente nas livrarias não deixa dúvidas a esse respeito: cinco diferentes editoras têm *As Aventuras de Tom Sawyer* em seus catálogos, e três têm *As Aventuras de Huckleberry Finn*. Via de regra esses e outros títulos de Twain são encontráveis em coleções de caráter paradidático, e nas páginas eletrônicas das casas editoriais o material informativo a respeito é visivelmente dirigido ao professor de ensino médio, estimulando a possível adoção dos livros como material de leitura programada.

A grande difusão das obras de Mark Twain em traduções brasileiras se dá a partir do segundo pós-guerra, num contexto em que a veiculação da cultura e da literatura norte-americana terão grande estímulo oficial. Nesse período o aprendizado do inglês vai ganhando espaço no currículo escolar de nível médio, e a mídia cinematográfica encarrega-se de veicular versões altamente idealizadas e romanceadas de episódios da história do país, de seu mundo institucional, de suas práticas culturais e de seu modo de vida, o chamado *American way of life*.

Com a posição absolutamente hegemônica ocupada pelos Estados Unidos no cenário mundial, a circulação de produtos culturais de estímulo a um imaginário pró-americano torna-se um fator para o crescimento do interesse pela cultura do país. Se até meados da década de 1940 o brasileiro de escolaridade média era inevitavelmente exposto ao idioma francês como língua estrangeira, a partir desse momento ele o será ao inglês, e cada vez mais ao inglês norte-americano.

Dentro desse contexto, cresce um mercado de consumo de produtos culturais norte-americanos ligados ao cinema e à indústria fonográfica, e serão estes os setores que passarão a ocupar as posições de supremacia no que se refere ao contato com o idioma, a cultura e a literatura dos Estados Unidos.

Fazendo-se as devidas e necessárias exceções, a literatura norte-americana não possuía, até esse momento, um público leitor expressivo, mesmo entre a intelectualidade e a classe abastada. O número de traduções de obras norte-americanas em língua portuguesa era ainda incipiente, e o grau médio de domínio do inglês não facilitava a leitura dos originais.

É pelas mãos de Monteiro Lobato que pela primeira vez um livro de Mark Twain irá ter, em 1934, sua primeira tradução nacional. Trata-se de *As aventuras de Huck*. Monteiro Lobato havia sido adido comercial em Nova York entre 1927 e 1931. O período de permanência no país proporcionara-lhe amplo contato com a literatura em língua inglesa em geral, e em particular com a norte-americana, e Lobato, talentoso na arte da tradução-adaptação literária, encontra em Twain pontos de afinidade com suas próprias convicções de escritor. Posteriormente ele viria a traduzir e adaptar também *As aventuras de Tom Sawyer*, em tradução adaptada que continua encontrável, seja em catálogos de editoras atuais, seja nos acervos de bibliotecas.

Com o passar do tempo, a crescente divulgação da cultura norte-americana e a implantação do estudo de literatura norte-americana em universidades, o grau de conhecimento da obra de Twain passa a aumentar gradativamente. Outras traduções vão se somando às primeiras, e inúmeros outros tradutores e adaptadores retrabalham títulos já anteriormente publicados. Os lançamentos alternam-se entre coleções de literatura adulta e infanto-juvenil, reproduzindo aqui uma tendência também observável no contexto original.

No âmbito universitário, à medida que os estudos literários passam a incluir um repertório de literatura norte-americana, Twain começa a ser lembrado cada vez mais sob o prisma da celebridade cujo trabalho transcende o tempo. Sob este ângulo, suas obras são conside-

radas indissociáveis de um regionalismo e de uma “cor local” ligados ao contexto cultural do sul dos Estados Unidos e, a essa altura, já popularizados pela mídia sob a forma de musicais, de filmes de ação e de aventura.

É importante que se lembre que a idéia de uma literatura de massas não desagradava Twain, assim como também não o desagradava uma literatura não preocupada em atender exclusivamente ao gosto das elites e dos literatos e críticos. Twain foi também co-editor de seus próprios trabalhos, e conhecia as agruras financeiras do mercado editorial. A idéia da diversificação de seus escritos apresenta-se desde o início de sua carreira, tanto na ficção como nas conferências, que ele reelaborava e rerepresentava sucessivas vezes. Nenhum destes dois traços contradiz ou desautoriza o empenho antiimperialista dos últimos anos de sua vida: muito pelo contrário, já que ele fez questão de utilizar sua facilidade de circulação na mídia escrita da época para difundir e debater em prol da causa antiimperialista.

Lobato não foi o único escritor a traduzir trabalhos de Twain: também Fernando Sabino, Carlos Heitor Cony e José Geraldo Vieira realizaram traduções e recriações ainda encontráveis em edições correntes.

Ao contrário do que se deu no Brasil, a circulação de traduções de textos de Mark Twain em Portugal inicia-se ainda no século XIX, com “Por telephone”, publicado no Correio de Portugal em 29 de janeiro de 1888¹.

Apesar de não ser conhecida no país até esse momento, a obra de Twain começa a passar por uma grande divulgação, nesse período, por conta da circulação de periódicos literários que irão servir de meio de divulgação principalmente de seus contos. Assim, entre a década de 1890 e a de 1930, Twain irá tornar-se um dos escritores norte-americanos mais difundidos em Portugal.

1. Duarte, Maria de Deus. “Mark Twain nos periódicos portugueses: 1890-1920: projeções e silenciamentos”. In: *Actas do I Encontro Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*. De 6 a 8 de maio de 2001.

Tal como ocorreu no contexto brasileiro, a imagem fixada pelas traduções portuguesas é a de um escritor jovial e mordaz por excelência. Os escritos com maior profundidade psicológica de elaboração, como é o caso de *O homem que corrompeu Hadleyburg*, de 1899, ou os escritos antiimperialistas do início do século XX não chegam a ser traduzidos nesta fase. Os periódicos, dotados de uma missão pedagógica e regeneradora, privilegiavam as narrativas joviais e simples, que transmitiam sem idealizações a necessidade de se refletir sobre a cultura norte-americana de forma crítica.

Como observa Maria de Deus Duarte, a ilusão de uma presença freqüente de Twain nos periódicos literários e antologias dessa fase não deve ser superestimada, uma vez que o número elevado engloba a ocorrência de inúmeras repetições².

Quanto aos romances, sua tradução e divulgação ocorre, em Portugal, aproximadamente na mesma época em que no Brasil, ou seja, na década de 1940. Maria de Deus Duarte cita, como fator importante nesse sentido, a iniciativa da Editorial Inquérito, que a partir de 1944 passa a contribuir para tornar Twain popular ao extremo. Sua popularidade atinge o máximo nas décadas de 1970 e 1980, quando se implanta em Portugal o segundo texto em língua inglesa como leitura extensiva nas aulas de língua inglesa do ensino básico.

A partir daí, como observa Maria de Deus Duarte, passa a predominar a veiculação de Twain como ícone da própria cultura dos Estados Unidos. É significativa a esse respeito a afirmação da autora:

“O poder de uma nação não existe sem os seus símbolos; as questões relativas à descrição estereotipada de um Sul escravagista [sic] pré-Guerra Civil não parecem motivar a discussão do racismo que permanece na sociedade americana mas, inversamente, Mark Twain é eleito como ícone cultural, a par da estátua da liberdade, águia, bandeira, The Star-Spangled Banner, Uncle Sam, Columbia, Yankee (Doodle), ou E Pluribus Unum; Frogtown é lembrado como o ponto de reunião para o festival que cele-

2. Duarte, Maria de Deus, op. cit.

bra todos os anos, em maio, o autor de *The Jumping Frog of Calaveras County* (Calaveras County Fair & Jumping Frog Jubilee).”³

Num processo análogo ao que se verifica no Brasil no mesmo período, o nome de Twain torna-se inseparável de uma esfera oficial de veiculação da cultura norte-americana. E é precisamente diante destas condições que a publicação aqui realizada de escritos antiimperialistas do autor ganha relevo, seja no sentido de corrigir os desvios e omissões do processo de recepção de sua obra, seja no de utilizá-la como introdução ao estudo e debate do imperialismo norte-americano, questão indiscutivelmente premente diante dos acontecimentos internacionais recentes.

Maria Silvia Betti
março de 2003

3. Duarte, Maria de Deus, op. cit.

CRONOLOGIAS

CRONOLOGIA DAS INTERVENÇÕES NORTE-AMERICANAS

MÉXICO, CUBA, GUAM, PORTO RICO

1823 – A Doutrina Monroe, associada ao lema “A América para os americanos”, é formalizada em pronunciamento do presidente Monroe, o qual declara que a América Latina se encontra sob a “esfera de influência” dos Estados Unidos.

1847 – Os Estados Unidos entram em guerra com o México e compram metade de seu território, incluindo o Texas e a Califórnia.

1855 – O aventureiro William Walker invade a Nicarágua com um exército particular, declara-se presidente e governa por dois anos.

1895 – Tem início, em fevereiro, a segunda guerra pela independência de Cuba da Espanha. Em maio o líder patriota José Martí é morto em combate em Dos Rios.

1898 – Após a explosão do navio de guerra norte-americano Maine no porto de Havana, o Congresso norte-americano aprova uma Resolução Conjunta de intervenção no país. A Espanha declara guerra aos Estados Unidos, que aprova uma declaração formal de guerra com data retroativa.

- Nesse mesmo ano é assinado o Tratado de Paris, segundo o qual a Espanha renunciava às intenções de posse de Cuba e concordava com a independência cubana, cedendo o controle de Guam e Porto Rico aos Estados Unidos e concordando com a venda das Ilhas Filipinas por 20 milhões de dólares.

- O Havá é anexado mediante uma Resolução Conjunta emitida pelo Congresso norte-americano.

1901 – Com a Emenda Platt, os Estados Unidos declaram seu direito de intervir nos assuntos de Cuba.

1902 – Os Estados Unidos apóiam a luta pela independência do Panamá da Colômbia a fim de adquirir direitos sobre o Canal do Panamá.

1905 – O Corolário Roosevelt à Doutrina Monroe declara que os Estados Unidos são guardiões do Caribe; uma recebedoria alfandegária norte-americana é estabelecida na República Dominicana.

1912– Tropas marítimas norte-americanas invadem a Nicarágua e ocupam o país quase que continuamente até 1933.

1914 – O México recusa-se a saudar a bandeira norte-americana e em represália o navio mexicano Veracruz é bombardeado por um encouraçado norte-americano; partes da cidade são ocupadas pelos marines norte-americanos.

1933 – As forças da marinha norte-americana deixam a Nicarágua, mas bem treinados e armados contingentes da Guarda Nacional sob o controle de Anastasio Somoza ocupam seu lugar.

1954 – A CIA engendra a derrubada do governo democrático da Guatemala; seguem-se 30 anos de ditadura militar, repressão e violência.

1961 – Os Estados Unidos tentam derrubar o governo revolucionário de Cuba mediante desembarque na Baía dos Porcos.

1965 – O presidente norte-americano Lyndon Johnson envia 22 mil soldados à República Dominicana para combater as forças constitucionais que tentavam recuperar o poder.

1973 – A CIA ajuda a derrubar o governo democrático de Salvador Allende no Chile e a implantar uma ditadura sanguinária em seu lugar.

CRONOLOGIA DAS INTERVENÇÕES NAS FILIPINAS

1898 – Tropas expedicionárias norte-americanas desembarcam em Cavite, nas Filipinas.

- É assinado o Protocolo de Paz decretando a suspensão das hostilidades na Guerra Hispano-Americana e estabelecendo as bases do futuro Tratado de Paris.
- Os espanhóis rendem-se em uma batalha pré-arranjada em Manila, que é ocupada por tropas norte-americanas.
- É elaborada a constituição da Primeira República Filipina. O presidente McKinley recusa-se a receber o cônsul Agoncillo e a atender o pedido de reconhecimento da independência filipina, argumentando que o país não havia sido reconhecido pelas potências estrangeiras.
- Realiza-se em Paris a primeira sessão conjunta de comissários de paz norte-americanos e espanhóis.
- O presidente McKinley apela aos comissários de paz norte-americanos em prol da anexação de todo o arquipélago das Filipinas.
- É assinado o Tratado de Paris, pelo qual a Espanha renunciava às intenções de posse de Cuba, concordava com a independência cubana, cedia o controle das ilhas de Porto Rico e Guam aos Estados Unidos e vendia as Filipinas por 20 milhões de dólares aos Estados Unidos.
- O presidente McKinley emite um pronunciamento incitando a adoção de uma política colonial de “assimilação benevolente” (*benevolent assimilation*) nas Filipinas.

1899 – O general filipino Emilio Aguinaldo é declarado presidente. O presidente McKinley recusa-se a reconhecer o novo governo e o líder das tropas norte-americanas emite uma proclamação de Assimilação Benevolente.

- O presidente McKinley assina instruções à Primeira Comissão Filipina conhecida como Comissão Schurman.

- É proclamada a Primeira República Filipina, tendo Emilio Aguinaldo como presidente.
- O governo norte-americano ratifica o Tratado de Paris após uma votação muito contestada.

GUERRA FILIPINO-AMERICANA

1899 – Início da guerra. O Congresso norte-americano ratifica o Tratado de Paris.

- Ocupação norte-americana de Cebu e queda de Iloilo.
- Chegada da Comissão liderada por Jacob Schurman, que permanece nas Filipinas por seis meses e emite uma proclamação intimidativa e de apoio à supremacia dos Estados Unidos.
- Os Estados Unidos rejeitam propostas de paz encaminhadas pelo governo filipino.
- O chefe das tropas de ocupação, general Otis, dá ordens para a formação de governos filipinos locais sob a supervisão dos norte-americanos.
- Escolas públicas são abertas tendo espanhóis, filipinos e norte-americanos como professores.
- O sistema espanhol de leis é substituído pelo norte-americano e a língua espanhola é proibida.
- Uma série de derrotas militares leva o presidente Aguinaldo a dissolver o exército e a estabelecer comandos descentralizados de guerrilha.

1900 – Chegada do primeiro delegado apostólico norte-americano às Filipinas e designação da Segunda Comissão Filipina. Essa comissão, encabeçada por William Taft, torna-se o corpo legislativo colonial. Os políticos filipinos que se negam a prestar lealdade a essa comissão são exilados.

1901 – O general Emilio Aguinaldo é capturado pelas tropas do general Funston e forçado a prestar juramento de lealdade aos Estados Unidos em Manila.

- Os Estados Unidos proclamam o estabelecimento de uma autoridade civil nas Filipinas e a primeira administração completa das Filipinas é estabelecida por William Howard Taft.

1902 – Assassinato do presidente McKinley, que é substituído por Theodore Roosevelt. O navio a vapor Thomas traz a Manila 540 professores norte-americanos, que ficaram conhecidos como *thomasitas*.

- As operações devastadoras lideradas pelo general Franklin Bell disseminam a destruição de lavouras e a morte de rebanhos, espalhando a fome e o extermínio.
- O major Littleton “Tony” Walter é levado à Corte Marcial pelas atrocidades cometidas em operações militares em Manila.
- O general Miguel Malvar, autoproclamado sucessor do presidente Aguinaldo, rende-se aos norte-americanos.
- William Taft vai a Roma negociar a aquisição de terras pertencentes aos religiosos nas Filipinas.
- Batalhas são desencadeadas pela tomada de cotas por parte dos norte-americanos.
- O presidente Theodore Roosevelt declara oficialmente o fim da guerra, aprovando um Decreto de Paz e concedendo anistia aos revoltosos.
- 1903 – Resistência de filipinos islamitas aos norte-americanos.
- Um Ato da Comissão Filipina institui as províncias muçulmanas.
- 1906 – O inglês torna-se a língua oficial.
- Batalha contra os filipinos muçulmanos.
- Abertura da Assembléia Filipina, com William Taft presente.
- 1909 – O general John Pershing é nomeado governador militar da província de Jolo nas Filipinas.
- 1913 – Novos combates acontecem em Bud Bagsak e Bud Talipao.

CRONOLOGIA DA REVOLUÇÃO DOS BOXERS (1900)

1898 – Camponeses do Norte da China formam uma sociedade secreta conhecida como I-ho-chuan (Punhos Virtuosos e Harmoniosos). Os membros dessa sociedade passam a ser chamados de “boxers” pela imprensa ocidental, pelo fato de praticarem lutas marciais. Os boxers dedicavam-se também à prática de rituais calistênicos que os tornavam, segundo acreditavam, invulneráveis às balas. No início de sua organização os objetivos dos boxers eram destituir a dinastia Ch’ing, no poder havia 250 anos, e livrar a China da presença de estrangeiros, considerados uma ameaça à cultura chinesa.

1899 – Com o apoio estratégico da imperatriz, os boxers passam a concentrar-se no objetivo de expulsão dos estrangeiros. No final desse ano, grupos de boxers massacram missionários cristãos e chineses convertidos ao cristianismo.

1900 – A rebelião estende-se ao campo, organizada a partir da capital, Pequim.

- Com o intuito de defender seus interesses na China, um exército internacional de 2.100 soldados composto por norte-americanos, britânicos, russos, franceses, italianos e japoneses é enviado para subjugar o movimento.
- Em 18 de junho de 1900 a imperatriz ordena que todos os estrangeiros sejam mortos.
- Em 14 de agosto desse mesmo ano a força internacional toma Pequim e sufoca o movimento.
- A derrota enfraquece a dinastia Ch’ing e apressa a revolução republicana de 1911, que destronou o imperador menino e fez da China uma República.

CRONOLOGIA DA GUERRA DOS BÔERES (1899-1902)

1899 – Com o intuito de ganhar o controle econômico da região das minas de ouro das Repúblicas de Transvaal e do Estado Livre de Orange, no Bôer holandês, o Alto Comissário da Colônia do Cabo, na África do Sul, declara guerra contra os bôeres. A iniciativa visava, a médio prazo, criar uma confederação de colônias britânicas que se estenderia progressivamente da Cidade do Cabo ao Cairo, assegurando assim aos britânicos o controle de todo o continente.

- Em outubro desse mesmo ano os bôeres invadem Natal e a província do Cabo, e sitiavam cidades adjacentes.

1900 – Os britânicos conseguem romper o cerco e, entre maio e junho, tomam as capitais de duas Repúblicas Bôeres.

- Embora os britânicos considerem encerrada a guerra, alguns comandos bôeres escapam à perseguição e, refugiando-se nas vastas áreas florestais, passam, durante dois anos, a articular estratégias de guerrilha, explodindo trens e emboscando tropas britânicas.

- Incapazes de se defenderem com eficácia usando os métodos bélicos convencionais, os britânicos diversificam suas estratégias bélicas. A fim de forçar os bôeres a deixar seus esconderijos em meio à densa vegetação, incendiavam matas e fazendas e confiscam alimentos. Mulheres e crianças são aprisionados em campos de concentração como “colaboradores”.

1901 – Em maio os comandos bôeres, desprovidos de alimentos e munição e sem qualquer condição de resistir, rendem-se e a guerra termina com o Tratado de Vereening.

CRONOLOGIA DA ANEXAÇÃO DO HAVAÍ (1897)

1800 – Desde o início da primeira década do século XIX o Havaí (Ilhas Sandwich) é visitado por comerciantes, baleeiros e missionários norte-americanos. Seus descendentes tornam-se prósperos plantadores e cana e passam a controlar o poder diante da monarquia da ilha.

1838 – O primeiro jornal em língua inglesa é publicado no Havaí. Nasce Lydia Kamekeha Liliuokalani, a última imperatriz antes da anexação do Havaí pelos Estados Unidos.

1839 – A Declaração Havaiana de Direitos é assinada.

1840 – A primeira Constituição é promulgada.

1842 – Os Estados Unidos reconhecem a independência do Havaí e passam a reafirmar repetidamente seus direitos de comércio com o país.

1845 – Reúne-se a primeira Assembléia Legislativa do Havaí.

1872 – É assinado o Tratado de Reciprocidade entre os Estados Unidos e o Havaí.

1875 – Um tratado comercial estipula que o açúcar havaiano passava a entrar no mercado norte-americano isento de direitos aduaneiros.

1880 – O secretário de Estado James G. Blaine avisa a potenciais rivais que as ilhas do Havaí eram essencialmente parte do sistema norte-americano.

1887 – O Senado norte-americano aprova o arrendamento de Pearl Harbor, em Oahu, no Havaí, para ali estabelecer uma base naval. Os Estados Unidos recebem direitos sobre Pearl Harbor.

1893 – A monarquia havaiana, representada na pessoa da rainha Liliuokalani, é derrubada pelos Estados Unidos: a economia açucareira, ameaçada por novas disposições tarifárias, via-se em risco diante do nacionalismo fomentado por um jovem soberano nativo. A revolução é estimulada pelo embaixador e garantida pelas tropas norte-americanas. Um Comitê de Segurança é organizado em apoio à destituição da monarquia. O Reino do Havaí torna-se uma República e um governo provisório é orga-

nizado. A rainha Liliuokalani renuncia. Embora a República fosse prontamente reconhecida pelos Estados Unidos, a anexação só veio a ocorrer mais tarde, após ter enfrentado o antagonismo de antiimperialistas e de racistas que se opunham à absorção de um território racialmente misto.

1894 – É realizada a primeira eleição da República do Havai.

1895 – Forma-se a Associação dos Plantadores de Cana-de-Açúcar.

1897 – O governo norte-americano assina um Tratado de Anexação com o Havai em 16 de junho.

- Em setembro desse mesmo ano o Tratado é ratificado pelo Senado da República do Havai. O Tratado nunca chegou a ser ratificado pelo Senado dos Estados Unidos porque se acreditava que os dois terços requeridos de maioria de votos não haviam sido atingidos, e portanto uma votação nunca poderia ser convocada.

- Protesto oficial diante do Tratado de Anexação é apresentado por Liliuokalani em Washington, em 17 de junho.

1898 - A Câmara de Deputados norte-americana aprova e formaliza a anexação do Havai.

- Sanford B. Dole é o autoproclamado presidente da República do Havai, sendo empossado no dia 4 de julho de 1894, sob uma Constituição também aprovada por proclamação. Apóiam Dole os cidadãos norte-americanos de nascença, que há muito tempo exerciam pressões no sentido de que a anexação se realizasse, e o grupo conhecido como Comitê de Segurança, que havia destituído a monarquia havaiana em 1893 e instituído o governo provisório.

- Liliuokalani e seus correligionários visitam Washington a fim de solicitar auxílio para restaurar a monarquia. Mais de uma petição com cerca de 20 mil assinaturas foi enviada ao Congresso, opondo-se à anexação, e uma petição foi dirigida à República do Havai no sentido de submeter a questão da anexação a plebiscito.

1900 – O Havai torna-se o Território Norte-americano do Havai (U.S. Territory of Hawaii).

1959 – O presidente Dwight Eisenhower proclama o Havai como o 50º estado da União.

CRONOLOGIA DO IMPERIALISMO BELGA NO CONGO: O ESTADO LIVRE DO CONGO (1884-1908)

1884 – O rei Leopoldo II da Bélgica ganha apoio Internacional, por ocasião da Conferência de Berlim, para a criação do Estado Livre do Congo. Justificam esse apoio as propostas feitas pelo rei de lutar para acabar com a escravidão dos nativos, protegendo seus direitos e garantindo o livre comércio. A imprensa popular retrata Leopoldo II como um filantropo altruísta que dedica seus esforços no sentido de “civilizar” os povos da África Central.

1884-1903 – O Estado Livre do Congo constitui-se num dos mais opressivos regimes da história da humanidade. Longe de abolir a escravidão, o rei Leopoldo incorpora o chefe do serviço de captura de nativos aos quadros da Associação do Congo e introduz o trabalho forçado em larga escala.

- Os Estados Unidos são o primeiro país a reconhecer o Estado Livre do Congo, embora o Tratado resultante da Conferência de Berlim não chegue a ser enviado ao Senado norte-americano, não sendo, portanto, ratificado por ele. Pouco depois uma Companhia Norte-Americana do Congo é formada, sendo encabeçada por Guggenheim, Morgan e Rockefeller com o intuito de assegurar a “satisfação geral” nas altas esferas do capital financeiro.

- Missionários da Europa e dos Estados Unidos acorrem em grande número ao Congo a fim de “fazer sua parte” na “missão civilizadora” ali em curso.

- Em pouco tempo relatos de missionários e comerciantes começam a circular na Europa e nos Estados Unidos descrevendo mutilações, trabalho escravo e outras formas de tortura usadas no Congo para aumentar a extração de marfim, borracha, óleo vegetal e outros produtos locais. As atrocidades são sistematicamente desmentidas por emissários públicos do rei, que constituem uma sofisticada rede de relações públicas cuja função inclui proporcionar viagens ao Congo para os opositores, na tentativa de convencê-los da inverdade das afirmações correntes, e subornar funcioná-

rios públicos, procurando assim evitar que se constituam em testemunhas inconvenientes.

1903 – William Morrison, missionário norte-americano que passou quase sete anos no Congo, retorna aos Estados Unidos e começa a organizar uma oposição ao reinado de Leopoldo II.

1904 – Os esforços no sentido de trazer oficialmente a público as atrocidades cometidas são infrutíferos até que, em março, Edmund Done Morel forma a Associação para a Reforma do Congo. O interesse de Morel no assunto nasce quando ele, que até então trabalhava numa empresa de navegação de Liverpool, passa a ouvir relatos de comerciantes vindos do Congo dando conta de atos de inenarrável violência lá praticados.

- Em 21 de setembro desse mesmo ano Morel parte para os Estados Unidos a fim de representar a Associação na Conferência Internacional de Paz em Boston.

- Nos Estados Unidos Morel apresenta um memorial sobre o Congo ao presidente Theodore Roosevelt, e tem um encontro com o secretário de Estado John Hay, obtendo assim apoio para a organização de um ramo norte-americano da Associação.

- Mark Twain filia-se à Associação e torna-se um dos mais influentes defensores da reforma do Congo.

1906 – Mark Twain toma conhecimento do fato de que os Estados Unidos não haviam ratificado, em 1885, o tratado regulamentando a criação do Estado Livre do Congo. O presidente da Conferência de Paz, Chester A. Arthur, afirma que compartilhar o compromisso de assegurar a neutralidade no vale remoto do rio Congo seria algo que o país não estava em condições de assumir, e que portanto ele se abstinha de pedir sanção ao Senado para esse ato.

- Enfurecido por julgar que havia sido induzido pela Associação a tomar uma atitude equivocada, e por acreditar que prosseguir com as lutas em prol do Congo seria inútil, Twain desliga-se da Associação.

- Em 10 de dezembro desse mesmo ano o jornal *New York American* começa a publicação de um dossiê sobre os agentes do rei Leopoldo, tendo como fonte os relatos de um secretário do Comitê de Relações Estrangeiras do Senado que havia sido subornado, em uma tentativa de impedir o Comitê de agir em protesto contra as condições do Congo.

- No mesmo dia o senador republicano por Massachussets Henry Cabot Lodge apresenta uma resolução pedindo a investigação das condições do Congo e apoiando a operação conjunta dos Estados Unidos com os signatários do Tratado de Berlim nesse sentido.
- No dia seguinte Theodore Roosevelt escreve ao secretário britânico de Relações Exteriores dizendo que estava preparado a agir em prol das reformas do Congo, e citando, como base para essa decisão, as resoluções aprovadas na ocasião da participação norte-americana na Conferência de Bruxelas de 1889-1890. Isso, evidentemente, significa uma reviravolta no movimento em prol das reformas, já que os Estados Unidos passam a ter um envolvimento direto com a questão.
- O mais importante desdobramento dos acontecimentos de dezembro de 1906 foi o dano irreparável causado à reputação do rei Leopoldo em função da exposição de sua máquina política de subornos e manipulação política, tornando-o causa de constrangimento internacional para a Bélgica. 1908 – Em novembro a Bélgica anexa o Congo e põe um fim ao governo de Leopoldo sobre o Estado Livre. O país, anexado, torna-se o Congo Belga. A Associação para a Reforma do Congo sobrevive, mas Morel e outros membros deslocam-se para a Inglaterra, lá continuando o seu trabalho.
- Apesar do fim do poder pessoal de Leopoldo sobre o Congo, só muito paulatinamente a Bélgica irá desmontar o sistema de exploração ali estabelecido. A Associação para a Reforma do Congo continua em atividade na Inglaterra até junho de 1913.

FONTES DOS TEXTOS PUBLICADOS

ANTIIMPERIALISMO

SAUDAÇÃO AO SÉCULO XX

A Salutation to the Twentieth Century

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/salutate.html> [17-02-03]

A VOLTA DO ANTIIMPERIALISTA

Anti-Imperialist Homecoming

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_homecoming.html [21-01-2003]

A PROCISSÃO ESTUPENDA

The Stupendous Procession

Paine, Albert Bigelow. *Mark Twain: A Biography* (New York: Harper & Brothers, 1912; BoondocksNet Edition, 2001). <http://www.boondocksnet.com/twaintexts/biography/> [21-01-2003]

INFORMAÇÕES

Information Wanted

Sketches, New and Old (Hartford, Conn.: American Publishing Company, 1875).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/infowanted.html> [21-01-2003]

PATRIOTAS E TRAIADORES: DISCURSO EM JANTAR DO LOTOS CLUB

Patriots and Traitors: Lotos Club Dinner Speech

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_lotos010323.html [21-01-2003]

BEM-VINDO AO LAR: DISCURSO EM JANTAR NO LOTOS CLUB

Welcome Home: Lotos Club Dinner Speech

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_lotos001110.html [21-01-2003]

PARA AQUELE QUE VIVE NAS TREVAS

To the Person Sitting in Darkness

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/persit.html> [21-01- 2003]

OS ESTADOS UNIDOS DO LINCHAMENTO

The United States of Lyncherdom

Bernard de Voto, ed., *The Portable Mark Twain* (Nova York, Penguin Books, 1977).

PATRIOTISMO MONÁRQUICO E REPUBLICANO

Monarchical and Republican Patriotism

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_patriotism1908.html [21-01-2003]

PROGRESSO MATERIAL E A GANA DO DINHEIRO: CARTA A JOSEPH H. TWICHELL

Material Progress and Money Lust: Letter to Joseph H. Twichell

<http://www.boondocksnet.com/twaintexts/letters/letter050314.html> [21-01-2003]

CARL SCHURZ, PILOTO

Carl Schurz, Pilot

Harper's Weekly (26 mai.1906).

http://www.boondocksnet.com/ai/twain/schurz_pilot.html [21-01-2003]

VERDADEIRO PATRIOTISMO NO TEATRO DAS CRIANÇAS

True Patriotism at the Children's Theater

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_theater.html [21-01-2003]

HAVAÍ

AS ILHAS SANDWICH: DEPOIMENTO DE MARK TWAIN

The Sandwich Islands: Concluding Views of Mark Twain

New York Tribune (9 jan. 1873).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/hawaii1873b.html> [21-01-2003]

AS ILHAS SANDWICH: CONCLUSÃO DO DEPOIMENTO DE MARK TWAIN

The Sandwich Islands: Concluding Views of Mark Twain

New York Tribune (9 jan. 1873).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/hawaii1873b.html> [21-01-2003]

NOSSOS AMIGOS SELVAGENS DAS ILHAS SANDWICH

Our Fellow Savages of the Sandwich Islands

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_sandwich_islands730207.html [21-01-2003]

RÚSSIA

AO EDITOR DE RÚSSIA LIVRE

To the Editor of Free Russia

Albert Bigelow Paine, ed. *Mark Twain's Letters* (Nova York: Harper & Brothers, 1917). <http://www.boondocksnet.com/ai/twain/freerussia.html> [22-01-2002]

O SOLILÓQUIO DO CZAR

The Czar's Soliloquy

Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/czarsoliloquy.html> [21-01-2003]

RUSSOS SOFREDORES

Russian Sufferers

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_russiansufferers.html [21-01-2003]

REPÚBLICA RUSSA

Russian Republic

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_russianrep.html [21-01-2003]

ÁFRICA DO SUL E AUSTRÁLIA

ÁFRICA DO SUL

Mark Twain, *Following the Equator – A Journey Around the World* (Nova York, Dover, 1989), capítulo LXVI.

AUSTRÁLIA

Mark Twain, *Following the Equator – A Journey Around the World* (Nova York, Dover, 1989), capítulos X e XI.

GUERRA HISPANO-AMERICANA/FILIPINAS

A MAIS DIGNA DAS GUERRAS: CARTA A JOSEPH H. TWICHELL

The Worthiest War: Letter to Joseph H. Twichell

Mark Twain's Letters (New York: Harper & Brothers, 1917).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/letter980617.html> [21-01-2003]

RECRUTAS PARA UMA CRUZADA DE CRUCIFIXÃO DA LIBERDADE: CARTA A WILLIAM JAMES LAMPTON

Recruits for a Liberty-crucifying Crusade: Letter to William James Lampton
Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).
http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_lampton.html [21-01-2003]

TREINAMENTO QUE FUNCIONA

Training That Pays
http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_training.html [21-01-2003]

A ESTUPENDA PIADA DO SÉCULO

The Stupendous Joke of the Century
Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).
http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_stupendous_joke.html
[21-01-2003]

A BANDEIRA AMERICANA

The American Flag
Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).
http://www.boondocksnet.com/ai/twain/mtws_flag.html [21-01-2003]

DEFESA DO GENERAL FUNSTON

A Defence of General Funston
Jim Zwick, ed., *Mark Twain's Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War* (Syracuse: Syracuse University Press, 1992).
<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/deffunst.html> [21-01-2003]

A ORAÇÃO DA GUERRA

The War Prayer
http://www.boondocksnet.com/ai/twain/war_prayer.html [21-01-2003]

CHINA

VERGONHOSA PERSEGUIÇÃO DE UM GAROTO

Disgraceful Persecution of a Boy
Galaxy (mai. 1870).
<http://www.boondocksnet.com/twaintexts/disgracefulpersecution.html>
[21-01-2003]

JOHN CHINAMAN EM NOVA YORK

John Chinaman in New York

The Galaxy, set. 1870

<http://www.twainquotes.com/Galaxy/187009b.html> [21-01-2003]

AOS MEUS CRÍTICOS MISSIONÁRIOS

To My Missionary Critics

North American Review 172 (abr. 1901).

<http://www.boondocksnet.com/ai/twain/missionary.html> [21-01-2003]

CHINA E FILIPINAS

China and the Philippines

Mark Twain's Speeches (New York: Harper & Brothers, 1910).

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_chinaphilippines.html
[21-01-2003]

CONGO

SOLILÓQUIO DO REI LEOPOLDO: A DEFESA DO GOVERNO DO CONGO.

King Leopold's Soliloquy: A Defense of His Congo Rule

Boston: The P. R. Warren Co., 1905.BoondocksNet Edition, 2001.

<http://www.boondocksnet.com/congo/cls/> [21-01-2003]

UM ERRO ORIGINAL

An Original Mistake

http://www.boondocksnet.com/congo/cls/congo_cls_09.html [21-01-2003]

TWAIN CHAMA LEOPOLDO DE ASSASSINO DE 15 MILHÕES

Twain Calls Leopold Slayer of 15,000,000

New York World (3 dez. 1905).

http://www.boondocksnet.com/congo/congo_twain051203.html [21-01-2003]

RAÇA, GÊNERO E RELIGIÃO

SÓ UM NEGRO

Only a Nigger

Buffalo Express (Aug. 26, 1869).

<http://www.boondocksnet.com/twaintexts/onlynigger.html> [21-01-2003]

O NOBRE PELE-VERMELHA

The Noble Red Man

The Galaxy, set. 1870

<http://www.twainquotes.com/Galaxy/187009c.html> [21-01-2003]

A RESPEITO DOS JUDEUS

Concerning the Jews

The Man That Corrupted Hadleyburg and Other Stories and Essays (Nova York, Harper & Brothers, 1900).

<http://www.boondocksnet.com/twaintexts/concerningjews.html> [21-01-2003]

MULHER – UMA OPINIÃO

Woman – An opinion

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_womanopinion.html

[21-01-2003]

CONSELHO ÀS MOÇAS

Advice to Girls

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_advicegirls.html [21-01-2003]

VOTOS PARA AS MULHERES

Votes for women

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/speeches/mts_voteswomen.html

[21-01-2003]

A PEQUENA BESSIE AUXILIA A PROVIDÊNCIA

Little Bessie Would Assist Providence

http://www.boondocksnet.com/twaintexts/biography/paine_biow.html

[21-01-2003]

RELIGIÃO

Religion

Mark Twain, *The Wit and Wisdom of Mark Twain – A Book of Quotations* (Nova York, Dover Thrift, 1999).

FICÇÃO E JORNALISMO

A HISTÓRIA DE UMA CAMPANHA FRACASSADA

The Private History of a Campaign that Failed

Mark Twain, *Humorous Stories and Sketches* (Nova York, Dover, 1996).

O HOMEM QUE CORROMPEU HADLEYBURG

The Man that Corrupted Hadleyburg

Mark Twain, *The Mysterious Stranger and Other Stories* (Nova York, Dover, 1992).

ÍNDICE

MARK TWAIN: UMA REDESCOBERTA OPORTUNA

Maria Sílvia Betti 9

ANTIIMPERIALISMO 45

Saudação ao século XX 47

A volta do antiimperialista 48

A procissão estupenda 51

Informações 53

Patriotas e traidores: discurso em jantar do Lotos Club 56

Bem-vindo ao lar: discurso em jantar no Lotos Club 60

Para aquele que vive nas trevas 64

Os Estados Unidos do linchamento 84

Patriotismo monárquico e republicano 94

Progresso material e a gana do dinheiro:

carta a Joseph H. Twichell 96

Carl Schurz, piloto 100

O verdadeiro patriotismo no teatro das crianças 103

HAVAÍ 107

As Ilhas Sandwich: depoimento de Mark Twain 109

As Ilhas Sandwich: conclusão

do depoimento de Mark Twain 118

Nossos amigos selvagens das Ilhas Sandwich 128

RÚSSIA 143

Ao editor de *Rússia Livre* 145

O solilóquio do czar 149

Russos sofredores 156

República russa 161

ÁFRICA DO SUL E AUSTRÁLIA	163
África do Sul	165
Austrália	185
GUERRA HISPANO-AMERICANA/FILIPINAS	195
A mais digna das guerras: carta a Joseph H. Twichell	197
Recrutadas para uma cruzada de crucifixão da liberdade: carta a William James Lampton	199
Treinamento que funciona	201
A estupenda piada do século	203
A bandeira americana	206
Defesa do general Funston	209
A oração da guerra	224
CHINA	229
Vergonhosa perseguição de um garoto	231
John Chinaman em Nova York	235
Aos meus críticos missionários	238
China e Filipinas	259
CONGO	261
Solilóquio do rei Leopoldo: a defesa do governo do Congo ..	263
Um erro original	281
Twain chama Leopoldo de assassino de 15 milhões	292
RAÇA, GÊNERO E RELIGIÃO	295
Só um negro	297
O Nobre Pele-Vermelha	299
A respeito dos judeus	305
Mulher – Uma opinião	326
Conselho às moças	329
Votos para as mulheres	331

A pequena Bessie auxilia a Providência	334
Religião	338
FICÇÃO E JORNALISMO	343
A história privada de uma campanha fracassada	345
O homem que corrompeu Hadleyburg	366
POSFÁCIO – MARK TWAIN NO BRASIL	
<i>Maria Sílvia Betti</i>	417
CRONOLOGIAS	425
FONTES DOS TEXTOS PUBLICADOS	439
ÍNDICE	445
ÍNDICE REMISSIVO	449

ÍNDICE REMISSIVO

- “250,000 Rally for Mark Twain”, de Mark Twain, 206n
- Abbot, Liman, 283
- Aberdeen, 315
- Abraão, 112
- Actas do I Encontro Internacional de Estudos Anglo-Portugueses*, 421n
- Adão, 132, 331
- Afganistão, 41
- África, 264, 269; campos de diamantes da, 205
- África Central, 288
- África do Sul, 14, 22, 47, 64, 73n, 75, 80, 83, 165, 166, 176, 183, 185, 204, 208, 243, 259, 291
- África do Sul: atividade mineradora, 167; invasão dos soldados ingleses, 177; legislação de controle à bebida, 167; rebelião armada, 167, 169, 176; *ver também* República Bôer e República Sul-Africana
- África do Sul tal como é*, A, de Reginald Statham, 169, 176n, 177
- “Against the empire”, de Michael Parenti, 32n
- agricultura, 115
- Aguinaldo, Baldormero, 214
- Aguinaldo*, de Edwin Wildman, 214
- Aguinaldo, Emílio, 24, 78, 79, 80, 209, 215, 216, 217, 218, 219
- Alabama, 88
- Alambra, Sr., 219, 221
- Alasca, 53, 55, 62n
- Albany, 21
- Aldrich, 59
- Alemanha, 22, 24n, 47, 74, 75, 285, 286, 310n, 315, 318; tomada da baía de Kiao Chow, 22, 47; *ver também* Prússia
- Alexandre III, 146
- Aliança Educacional do Lower East Side, 103, 105
- Amajuba, 178, 180, 181, 184
- Ament, reverendo, 66, 67, 69, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 255, 256, 257
- América, 75, 77, 106, 126, 140n, 191, 192, 194, 224, 231, 235, 236, 250, 260, 265, 269, 279, 315, 318, 319, 320, 321, 368, 379
- América do Norte, 37, 131n
- América do Sul, 99, 130
- americanismo, 26
- Amigos Americanos da Liberdade Russa (American Friends of Russian Freedom), 32
- Amigos Ingleses da Liberdade Russa, 146n
- Anápolis, 203
- anexação, 29, 53, 109, 118, 127
- Antiga e Honorable Companhia de Artilharia de Boston, 345
- antiimperialismo, 23, 27, 37, 43, 48, 85, 100
- Antiimperialismo: campanha, 56; causas, 10, 25, 56, 421; debate, 21, 41, 203; escritores, 21; militância, 16, 19, 20, 27, 235, 259; pensamento, 20, 118, 200; propaganda, 209; *ver também* escritos antiimperialistas de Mark Twain
- Anti-Imperialism in the United States, 1898-1935*, de Jim Zwick, 225n
- anti-semitismo, 305
- “Aos meus críticos missionários”, de Mark Twain, 263
- Appomatox, 346n
- Arauto Missionário*, 367
- Argentina, 34
- Arkansas, 101n
- Army and Navy Journal*, 199
- arquitetura, 191, 279
- arte: galerias, 189
- artes, 153, 264, 268, 323
- As regards patriotism*, de Jim Zwick, 22n, 41n
- Ascensão de Silas Lapham, A (The Rise of Silas Lapham)*, de William Dean Howells, 20n
- Ásia, 43
- Associação Americana de Reforma do Congo (American Congo Reform Association), 32, 263
- Associação dos Professores Homens da Cidade de Nova York, 201
- Associação Inglesa para a Reforma do Congo, 263
- Associação Internacional do Congo, 285, 286, 292, 293
- Associação para a Reforma do Congo, 267, 288, 290, 292
- Associated Press, 378
- Atenas, 66n

- Átila, 278
Atlântico Mensal (Atlantic Monthly), 20n
 Atlântico, oceano, 304
 Austrália, 165, 171, 185, 187, 192, 193, 194
 Austrália: descoberta, 186; desobediência às ordens do governo inglês, 188-189
 Áustria, 15, 305, 306, 307, 314, 315, 318, 319, 320n
Autobiografia de Mark Twain (Mark Twain's Autobiography), de Mark Twain, 38, 340
 autoritarismo, 28
Aventuras de Huckleberry Finn, As, de Mark Twain, 10, 13, 16, 17, 297, 340, 419, 420
Aventuras de Tom Sawyer, As, de Mark Twain, 10, 13, 16, 17, 18, 299, 419, 420
 Avery, 127
 Baender, Paul, 41
 Balcãs, 41
 Baltimore, 329
Baltimore News, 203
Baltimore Sun, 203
 bandeira, 21, 22, 51, 52, 56, 57, 60, 72, 75, 78, 82, 83, 94, 95, 104, 116, 169, 170, 173, 174, 177, 180, 201, 206, 207, 208, 221, 265, 279, 286, 311, 324, 351, 368, 388, 422
 Barnards, 127
 Barnum, 126, 404
 Battery, 310
 Beard, Dan, 118n
 Behring, estreito de, 131n
 Bélgica, 13, 269, 284n, 292
 Bellamy, Francis, 42
 Beloat, 90, 90n, 93
 Bemis, Lang, 235
 Berlim, 154, 265, 287, 292, 293, 294, 315
 Bermudas, ilhas, 15
 Berna, Convenção de, 321
 Bernhardt, Sarah, 156, 157
 Betti, Maria Sílvia, 42n
 Bíblia, 52, 98, 114, 119, 126, 177, 183, 184, 264, 339, 351
big stick, política do, 25n, 33
Bilan Congolais, de M. Alfred Posline, 264
 Bill, príncipe, 117, 120, 126
 Birmingham, 72n
 Bixby, Horace, 11, 100, 101
 Blab, W. Spaminondas Adrastas (primeiro pseudônimo de Mark Twain), 11
 Blaine, James G., 62n
 Bobrikoff, 153
 Bonaparte, Napoleão, 75, 321
 Bond, Sr., 291
 Bongo, maciço do, 272
 Bórgia, Lucrecia, 327
Boston Transcript, 60
 Boston, 23, 319, 345
 Botswana, 73n, 204n
 Bourne, H. R. Fox, 287
 Bowers, sargento Jo, 349, 352, 353, 355, 356, 358, 360
 Brannan, 234
 Brasil, 421, 422, 423
 Brixton, 367, 378, 394, 404
 Broadway, 310
 Bronkhorst, 177, 180, 181
 Brooklin, Ponte de, 87
 Brown, coronel, 351
 Browning, Robert, 13
 Bruxelas, 282, 287, 290, 294;
 Bruxelas, Universidade de, 264
 Bryan, William Jennings, 25, 48, 49, 206, 207
 Buena Vista, 351
 Buffalo, 25n
Buffalo Express, 297, 298
 Bunsen, Herr von, 286
 Cabel, 59
 Cabo, colônia britânica, 169
Caderno de Mark Twain (Mark Twain's Notebook), de Mark Twain, 38, 339, 340, 341, 342
 Califórnia, 12, 13, 43, 88, 139, 122, 232
 Calvert, Lord Cecil, 204
 Câmara Americana de Missões no Estrangeiro, 66, 69
 camponeses, 69, 74, 75, 267, 313
 Canadá, 62n, 185, 190, 303
 canibalismo, 135, 277, 288
 capitalismo, 32
 “Capitão Stormfield visita o Céu, O”, de Mark Twain, 341
 Caribe, 15, 43
 Carlos I, 287
 Carlos II, 62
 Carnegie, Andrew, 23
 Carolina do Sul, 347
 Carroll, Lewis, 13
Cartas da Terra, de Mark Twain, 338
 Casa Branca, 15, 25
 Casement, Sr., 272, 273
 Cassignan, 215
 Cattier, Prof. F., 264
 “Causa do reverendo doutor Ament, missionário, A”, de Mark Twain, 64, 239n

- Ceilão, 165, 185; *ver também* Sri Lanka
Célebre rã saltadora do condado de Calaveras e outras histórias, A, de Mark Twain, 12-13, 423
- censura, 321, 325, 366, 382, 401
 censura: a livros e bibliotecas, 28; às obras antiimperialistas de Mark Twain, 9, 10, 21, 27, 38, 39, 40, 41
- Centro Geográfico do Campo Comercial Oriental, 29
- Century Magazine*, 346
- Chamberlain, Joseph, 72n, 72-73, 75, 76, 77, 79, 83, 241, 245, 246, 247
- Chancellorsville, 324
- “*Chapters From My Autobiography*”, de Mark Twain, 15
- Charles L. Webster & Co., casa editorial, 14
- Chicago, 23n, 319
- Chicago Herald*, 14
- Chicago Tribune*, 49, 88
- Chili, província de, 67
- China, 22, 25n, 34, 47, 48, 49, 61, 64, 66, 67n, 73, 74, 75, 85, 86, 91, 92, 93, 223, 231, 236, 238, 239, 240, 242n, 244, 245, 247, 250, 256, 260
- China: cristianização, 92; movimento Yihequan (Lutadores Virtuosos e Harmoniosos), 238; Rebelião dos Boxers, 64, 74; Revolução Boxer, 238, 239
- Christian Science*, de Mark Twain, 15, 338
- Churchill, Winston, 259, 260
- cidadania, 103, 104, 105, 201, 309, 311
- Cidade do Cabo, 170
- ciência, 123-124, 314, 323, 333, 337
- Cincinnati, 319
- cinema, 420
- cinema: filmes de ação, 421; filmes de aventura, 421; musicais, 421
- civilização, 29, 51, 52, 64, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 79, 83, 110, 127, 131, 188, 218, 222, 223, 236, 265, 287, 298, 301, 322, 340; efeito devastador da, 109
- Civilização na Terra do Congo*, de H. R. Fox Bourne, 287
- civismo, 103; crise cívica, 94
- Clafin, 127
- classe: de colonos, 188; diferenças de, 194
- classes, 199, 234, 288, 307, 316, 329
- classes sociais, 147
- Clemens, Clara (segunda filha de Mark Twain), 37, 165, 338
- Clemens, Olívia (esposa de Mark Twain), 14, 165
- Clemens, Samuel Langhorne (Mark Twain), 10, 11, 128, 156, 241, 327, 331, 345
- Clemens, Samuel Langhorne (Mark Twain): ataques de antagonistas políticos, 21; casamento, 13; co-editor de seus trabalhos, 421; conferencista, 12; contador de casos, 12; correspondente, 12; crítico em relação à política externa norte-americana, 12; defensor do imperialismo, 10; edições póstumas, 37; especulador fundiário, 12; falecimento, 9, 16, 20; falecimento da filha caçula, 16; falecimento da mãe e da sogra, 14; falecimento da mulher, 15; falecimento da primogênita, 15; falecimento da segunda filha, 37; *freelancer* do *Golden Era*, 12; jornalista, 11; minerador de ouro e prata, 12; nascimento, 10; nascimento da primeira, segunda e terceira filhas, 13; participação na Guerra Civil, 182; piloto de barcos, 11, 345; primeiro pseudônimo, 11; repórter, 12; sócio e editor de um jornal, 13, 297; título honorário de doutor, 15, 329; voluntário confederado, 12
- Cleópatra, 327
- Cleveland, Grover, 286
- Coffman, 310n
- Colley, general Sir George, 177, 178, 179
- Colômbia, 30
- colonialismo: colônias, 29, 33, 34, 188, 189, 204; colônias anexadas, 24; colônias de língua inglesa, 190; colônias sul-africanas, 170; expansão colonialista, 33; exploração econômica, 288; sem colônias, 35; *ver também* imperialismo
- colonização, 33, 36
- Colorado, 88, 89
- Columbia Britânica, 14, 165
- comércio, 28, 29, 105, 115, 126, 167, 189, 193, 265, 292, 322
- Comissão Parlamentar de Inquérito em Londres, 169
- Comitê para Propagação da Tradição, 404
- Comitê Reformador, 173
- Comitê Republicano Nacional, 29
- Companhia Bênçãos da Civilização, 70, 71, 82
- confederados, 197n
- Conferência de Berlim, 285, 286, 292, 293, 294; Ata de Berlim, 285

- Conferência de Bruxelas, 286, 293; *Atas da Conferência de Bruxelas*, 285, 287
- Conferências de Mark Twain (Mark Twain Speaking)*, 128
- conflitos raciais, 19, 41
- conflitos raciais, étnicos e religiosos: leis de segregação no sul dos Estados Unidos, 23; linchamento, 84, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 297; preconceito de raça, 305, 307, 322; preconceitos religiosos, 314, 316, 320
- Confúcio, 233
- Congo, 32, 267, 272, 273, 277, 279, 282, 288, 289, 290, 291, 291n, 292, 293, 294
- Congo: Carta do Congo, 265; Grande Fome, 277, 278; Estado Independente do, 263; Estado Livre do, 149, 264, 265, 269, 284n, 287
- Connecticut, 15, 97, 130
- Connolly, 127
- Conselho para a Propagação e Preservação da Reputação de Hadleyburg, 404
- Conselho Privado, 118
- Constituição: dos Estados Unidos, 27, 50, 185, 233; da Finlândia, 153; do Havái, 119, 120
- Cony, Carlos Heitor, 421
- Cook, capitão James, 111, 112, 123, 130, 135, 186
- Cooper, Fenimore, 299
- Correio de Portugal*, 421
- Correspondência de Mark Twain (Mark Twain's Letters)*, de Mark Twain, 40
- Costa, Iná Camargo, 42n
- costumes, 136, 190, 193, 217, 252, 253, 255, 290
- Crawford, 59
- crime, 87a, 152, 186, 233, 268, 287, 288, 298, 308, 311
- crime: assalto, 309; assassinato, 267, 288; enforcamento, 87, 134; execução coletiva, 84; infanticídio, 136; massacres, 293; roubos, 293, 311n; tortura, 52, 153, 209, 222, 288
- cristianismo, 109, 114, 312, 313
- cristianismo: cristandade, 47, 51, 70, 82, 96, 99; cristão(s), 66, 72, 93, 113, 238, 242, 244, 249, 250, 252, 253, 273, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 319, 323, 324, 339; Cristo, 52, 265
- Croker, Richard, 64, 83
- “Cruz de Ouro”, de William Jennings Bryan, 25n
- Cruz Vermelha, 47
- Cuba, 21, 25n, 27, 34, 40, 60, 75, 76, 77, 78, 197, 243
- cultura, 109
- Curzon, Lord, 291
- D’Arc, Joana, 14, 327
- Darwin, Charles, 25n, 338
- Dave, 197
- De Londres a Pretória*, de Winston Churchill, 259
- Deane, coronel, 177
- Decorah, 81
- “Defesa do general Funston, A”, de Mark Twain, 263
- Delegação do Comitê Reformador, 173
- democracia, 269
- Depew, Chauncey, 57, 58, 59, 62
- Desdêmona, 327
- desigualdade social, 185
- despotismo, 147
- “Desprezo pelo reles McKinley” (“Contempt for the lousy McKinley”), de Mark Twain, 40
- Dewey, George Pomodoro, 76n, 77, 78, 91n, 197
- Dewey, Jane, 23, 77, 78, 197
- Dexter, 92
- Diários de Adão e Eva*, Os, de Mark Twain, 15
- direito(s), 119, 185, 204, 223, 233, 252, 283, 294, 314, 317, 390, 392, 393
- direito: a voto, 115, 167, 318; a voz, 346; de conquista, 205; de expressão, 263; de falar, 181; de livre manifestação, 94; de oposição, 94; de seleção, 266; do indivíduo, 95; individual de livre manifestação, 30; internacional, 124; público, 147
- direitos: autorais, 14, 15; da mulher, 332; humanos, 260; territoriais, 286
- Discursos de Mark Twain (Mark Twain's Speaks)*, de Mark Twain, 38, 40
- Documentos Mark Twain (Mark Twain Papers)*, de Mark Twain, 37
- Dolmetsch, Carl, 317n
- Drew, Daniel, 118n
- Dreyfuss, capitão Alfred, 308, 317n, 318n
- Duarte, Maria de Deus, 421n, 423n
- Dubbo, 190, 191
- Duneka, Frederick A., 37
- Dunlap, Peterson, 348, 356
- Dyke, Henry van, 259, 283
- East Side, 65
- economia, 33, 34

- economia: capital, 33, 35, 36, 126; dívida, 124, 278; emissões monetárias, 48; exercício de empregados, 116; exportações, 72, 124; importações, 124; insumos, 167; intervencionismo econômico, 36; investimentos, 36; lucro, 35, 70, 110, 116, 126, 236, 288, 312; orçamento anual, 125; renda, 131, 314; salário, 59, 113, 131; subsídio, 54; tributos, 167; valor da terra, 185
- Editorial Inquérito, 422
- Eduardo v, 17
- educação, 66, 113, 119, 126, 131, 200, 366
- Egito, 98, 312, 315, 316
- Ellery, Sr., 291
- emprego, 151
- Encyclopedia Britannica*, 319, 320
- English Review of Reviews*, 287
- “Ensino da Bíblia e a prática religiosa, O”, de Mark Twain, 339, 340
- Enterprise*, 12
- Equador, linha, 111
- Erie, Ferrovia, 118n
- Escócia, 23n, 315, 322
- escola (s), 19, 86, 104, 113, 114, 115, 119, 123, 133, 153, 154, 167, 189, 201, 202, 214, 222, 223, 231, 232, 268, 275, 313, 314
- Escola Técnica Hebraica para Moças, 331
- Escola Tewksbury para Moças, 329
- escravidão, 11, 17, 18, 30, 82, 94, 132, 152, 153, 254, 264, 270, 272, 275, 347
- escravidão: abolição, 18, 269; causa abolicionista, 30; tráfico, 287
- escravos, 84, 118n, 253, 264, 274, 276, 287, 303, 312, 347, 370, 381
- escritos antiimperialistas de Mark Twain, 9, 20, 37, 41, 65, 199, 422, 423; *ver também* antiimperialismo
- Espanha, 21, 34, 79, 99, 203, 204, 205, 314
- Estados Unidos da América, 9, 13, 15, 18, 20, 21, 23n, 25n, 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 42, 43, 64, 65, 71n, 74, 75, 76, 77, 80, 83, 84, 96, 99, 103, 104, 105, 110, 110n, 117, 121, 130, 132, 146n, 172, 185, 190, 199, 200, 203, 204, 209, 224, 231, 233, 238, 239, 259, 265, 268, 283, 285, 286, 287, 292, 293, 306, 307, 317, 318, 319, 320, 346, 366, 419, 420, 421, 422
- Estados Unidos da América: aliança militar com os filipinos, 78; *American way of life*, 419; anexação do Alasca, 53; anexação de Cuba, 25n; anexação de países latino-americanos, 34; anexação de territórios espanhóis, 34; armamentismo naval, 29n; Associação de Educação Pública, 239; ataques de 11 de setembro de 2001, 42, 43; Ato de Exclusão dos Chineses, 231, 239, 259; Ato de Remoção, 299; Ato do Padrão Ouro, 25n; bases navais em Cuba, 29; bases navais nas Filipinas, 30; bases navais em Guam, 30; bases navais em Porto Rico, 29-30; Câmara Americana de Missões no Estrangeiro, 239, 240, 242, 243, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258; campanha presidencial, 29, 48; campos de concentração de Weyler, 40-41, 43; caráter nacional, 33, 34; Comitê de Atividades Antiamericanas, 43, 366; contrato congressional com Cuba, 82; Declaração de Independência, 114; defesa nacional, 35; Departamento de Estado, 53; Departamento de Guerra, 222, 305, 325; Departamento de Patentes, 130; Doutrina Monroe, 33; economia industrial, 34; educação das crianças, 66; Era Dourada (Gilded Age), 185; espírito americano, 67; expansionismo, 34; Forças Armadas, 199; formação cultural do cidadão, 21; Guerra contra a tribo Pi-Ute, 304; Guerra de 1812, 324; guerra revolucionária, 305, 310n, 324, *ver também* guerras específicas; hegemonia econômica, 41; ideais republicanos, 28, 94; idéia da natureza não-americana do imperialismo, 25; ideologia do Destino Manifesto, 33, 34; Instrução Pública, 43, 201; intervenções externas, 34, 35; Juramento à Bandeira, 42, 43, 201; Lei Ramapo, 57, 58, 59; liberdades civis, 43; liberdades individuais, 57; Longa Rota das Lágrimas, 299; marcha rumo ao Oeste, 19, 33, 34; Marinha, 29; medidas anticomunistas, 42, 43; mitos da nacionalidade, 19; mugwump, 62; padrões de prata e de ouro, 48, 140n; Pânico de 1873, 140n; política de livre comércio com a China, 25n; política externa, 34; potência imperialista, 19, 34; processo imperialista, 34; subjugar insurreições armadas, 29, 64; territórios anexados, 24, 53; tese da Fronteira, 33, 34; *ver também* imperialismo

- “Estados Unidos do linchamento, Os” (“*United States of Lyncherdom, The*”), de Mark Twain, 84n, 297
- estilo literário de Mark Twain: alegoria, 51, 297; cor local, 16, 421; estilo realista, 16; estrutura episódica, 18; fantasia política, 18; imagens, 51; ironia, 16, 96, 149, 210, 297; metáfora, 187; paradoxo, 16; paródia, 118, 231, 297; regionalismo, 421; sarcasmo, 297; sátira, 13, 53, 65, 149, 231; solilóquio, 149
- Estranho misterioso, O*, de Mark Twain, 38, 339
- “Eu Acuso!” (“J’accuse”), de Émile Edouard Charles Antoine Zola, 317n
- Europa, 12, 13, 14, 21, 22, 26, 27, 33, 36, 47, 76, 77, 99, 140n, 172, 197, 204, 239, 250, 273, 289, 291, 310, 314; Concerto Europeu, 308; *ver também* países específicos
- Europa e alhures (Europe and Elsewhere)*, de Mark Twain, 38, 40, 225
- Eva, 132, 327, 331
- Evolução das espécies, A*, de Charles Darwin, 338
- Fairhaven, 158
- Fan, tribo, 151
- “Fardo do homem branco, O” (“White Man’s Burden”), de Rudyard Kipling, 71n
- Fast, Howard, 366
- Fatout, Paul, 128
- Fecundidade*, de Émile Zola, 317n
- Federação Americana do Trabalho (American Federation of Labor), 23
- Feira Mundial, 268
- ferrovias, 19, 127, 189, 192
- Fiji, Ilhas, 14, 165
- Filadélfia, 319
- Filhas da Coroa Real, As, 62
- Filipinas, 22, 23, 24, 25n, 29, 40, 47, 49, 50, 56, 57, 64, 72n, 96, 104, 200, 203, 207, 208, 209, 213, 224, 259, 260
- Filipinas: arquipélago, 82, 78, 79, 80; campos de concentração norte-americanos, 24; exército filipino, 77; exílio, 78; independência, 79; Lei Tarifária, 24; luta pela independência, 78; guerra, 199; *ver também* Guerra Filipino-Americana
- Fisk, James (Jim), 112, 118n
- Fleet, doutor Frank van, 56, 58
- Florença, 15
- Flórida, cidade, 10, 364
- Flórida, estado, 15
- Flórida, vila, 364
- fome, 69, 312
- Foner, Philip S., 297
- Fort Pillow, 101n
- Fortnightly Review*, 244
- Fortuna dos Rougons, A*, de Émile Zola, 317n
- França, 13, 75, 315, 317, 318, 318n
- Frankfurt, 310
- Franzons, Carl Emil, 320n
- Frente de Libertação Nacional do Vietnã, 41
- Funston, general, 209, 210, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223
- Funston’s Lotus Club Confession*, 218n
- Fuqua, Sr. A. G., 354n
- Galaxy, 231, 235
- Gales, 17
- Galilei, Galileu, 340
- Gane, Sr., 190
- Garrett, Sr. 175, 179, 180, 181, 182, 183
- Gatling, 183
- Gênesis, 312
- George, Henry, 185
- Geórgia, 88, 299
- Germinal*, de Émile Zola, 317n
- Gibraltar, estreito de, 54, 258
- Gladden, reverendo doutor Washington, 252
- Glasgow, 315
- Golden Era*, 12, 13
- Gompers, Samuel, 23
- Gorky, Maxim, 32, 161
- Goulds, Jay, 118, 127
- “governada por Deus”, expressão, 42, 43
- Grã-Bretanha, 169; *ver também* Inglaterra
- Grant, Ulysses Simpson (Hiram Ulysses Grant), 182, 213, 346, 346n, 365
- Great Eastern, 119
- Greenback Party, 140n
- Grenfell, Sr., 290, 291, 291n
- Griffith Place, 349
- Grimes, Ab, 363
- Guam, 23, 29
- guerra, 40, 62, 72, 74, 79, 80, 94, 175, 178, 179, 181, 182, 183, 197, 208, 209, 217, 225, 238, 243, 259, 260, 298, 300, 301, 303, 310, 313, 324, 325, 346, 347, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 357, 359, 360, 362, 363, 364, 365
- guerra: armamentos, 70, 168, 173, 180, 183, 184, 226, 302, 355, 357, 361; companhias militares, 168; conselhos militares, 175; exército, 83; exército permanente, 30; exército regular, 188; força armada, 126; guerra

- justa, 60, 362; infantaria, 182; milícia, 188; milícias estaduais, 30; navios de guerra, 54, 74, 78; teatro de operações, 181
- Guerra Civil norte-americana 9, 11, 19, 30, 40, 84, 101n, 116, 182, 305, 324, 345, 346n, 356, 422
- Guerra Civil norte-americana: Acampamento Devastação, 358; Acampamento Ralls, 351, 358; batalha de Manassas, 197n; Bull Run, 365; Confederação Sulista, 345, 351; Exército Confederado, 347; final, 9, 34, 42; início, 11; Patrulheiros de Marion (Marion Rangers), 345, 346, 348, 356; período de reconstrução, 84; Primeira Bull Run, 197, 197n; unionismo, unionistas, 197n, 347
- Guerra da Secessão: *ver* Guerra Civil norte-americana
- Guerra do Congo, 292
- Guerra do México, 40, 324, 351
- Guerra dos Bóeres, 22, 47, 72n, 73n, 80n, 96, 99, 176, 231, 259; derrota em Magersfontein, 73
- Guerra Filipino-Americana, 22, 27, 31, 40, 47, 64, 71n, 96, 99, 224; Batalha de Manila, 76n
- Guerra Franco-Espanhola, 321n
- Guerra Fria, 30, 42, 43
- Guerra Hispano-Americana, 21, 23, 25, 29, 34, 42, 76n, 91n, 197, 199, 201, 203, 300
- Guerra Hispano-Americana: bloqueio do porto de Santiago de Cuba, 91n; fim do império espanhol, 76n; final, 203
- Guerra Russo-Japonesa, 25n, 96
- Haia, 283, 291
- Haia, Tribunal de, 289, 291
- Hammond, Sra., 172, 173
- Hannibal, 10, 11, 15, 18, 345, 347, 349, 357
- Hanói, 42
- Harper & Brothers, editora, 14, 37, 38, 225, 263
- Harper's Magazine*, 306, 321n
- Harper's Monthly*, 324
- Harpers Bazaar*, 224
- Harris, reverendo John H., 288, 289, 290, 291
- Harris, Sr. 125, 126
- Harris, brigadeiro-general Thomas H., 359, 364
- Hart, Sir Robert, 244
- Hartfield, 18
- Hartford, 13, 14, 157, 197, 332
- Havaí, 14, 109, 110n, 118, 121, 122, 128, 134, 165; *ver também* Sandwich, Ilhas
- Hazzard, capitão, 215
- Helena Reach, 101n
- Hendon, Miles, 17
- Henrique VIII, 17
- hererós, 204
- herói, 78, 114, 131, 172, 209, 215, 222, 316
- heroísmo, 171, 218, 324
- Herzl, doutor, 321
- Hesse, 310n
- Heth, Joyce, 327
- História da Austrália*, A, de J. S. Lurie, 186n
- História de uma crise africana*, A, de Sr. Garrett, 169
- Ho Chi Minh, cidade de, 42
- Holanda, 13
- Homem que corrompeu Hadleyburg e outros ensaios e histórias*, O, de Mark Twain, 305, 422
- “Homem que corrompeu Hadleyburg, O”, de Mark Twain, 15, 366
- Honolulu, 110n, 111, 113, 120, 122, 124, 137, 139
- Horn, estreito de, 119
- Howard, major-general O. O., 324
- Howells, William Dean, 20, 39, 57, 58, 259, 338
- Humboldt, Sr., 125
- Hunter, Sr., 161
- Hyde, planície, 354, 358
- Ianque na corte do rei Arthur*, Um, de Mark Twain, 10, 13, 16, 18, 118n, 340
- Igreja católica, 50
- igreja(s), 49, 86, 113, 119, 189, 225, 245, 248, 251, 323, 327, 332, 336, 340, 379, 412, 413
- Ilhas do Pacífico Sul, 135
- imigração, 235, 239
- imigrantes, 103, 189, 199, 231, 235
- imperialismo, 9, 10, 14, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 39, 40, 41, 47, 48, 60, 64, 71-72n, 94, 96, 199, 259, 300, 423; *ver também* colonialismo
- imperialismo: luta contra, 22, 96; pensamento, 31; política, 72n; teóricos, 29
- império, 26, 28, 71n, 151, 169, 176, 319
- império: colonial, 28; informal, 35
- Império: Alemão, 265, 293; Americano, 201; Áustro-húngaro (Áustria-Hungria), 316; Macedônio, 32; Persa, 32; Romano, 32, 312, 316; Russo, 124
- impostos, 119, 122, 167, 232, 266, 283
- impostos: alfandegários, 126; de importação de bebidas, 138; sobre a propriedade, 115, único, 186

- “Impostos e moral”, de Mark Twain, 339
Independent, 252
 Índia, 14, 165, 185, 277, 288, 291, 341
 Indiana, 88, 89
 Índias Ocidentais, 218
Indictement against the Congo Government – the Case Reviewed, 285n
 índios, 304
 indústria, 9, 16, 19, 158, 192, 267, 306, 311n, 420
 industrialismo, 185
Influência do poder marítimo sobre a história, A, de Alfred T. Mahan, 28
 Inglaterra, 13, 14, 17, 18, 23n, 75, 83, 96, 99, 128, 172, 174, 176, 178, 179, 180, 185, 188, 193, 194, 205, 223, 239, 259, 260, 267, 288, 293, 313, 315, 317, 321, 329; política externa, 72n; *ver também* Grã-Bretanha e Reino Unido
 Ingogo, 177, 180, 181
Innocents Abroad, The, de Mark Twain, 13
 invasão, 70, 104, 170, 171, 173, 174
 Iowa, 81
 Iraque, 41
 Isabella, província, 216
 Ivan, o Terrível, 278
 Jack, o Estripador, 87
 Jackson, Claib, 347
 Jackson, Clairbone F., 345
 Jackson, ilha, 17
 Jacobz, 181
 James, Henry, 20n
 James, William, 23
 Jameson, doutor, 166, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184n
 Jameson, Fredric, 42
 Japão, 34, 36, 75, 96
 Jefferson Barracks, 347
 Jennings, 48
 Jim, 359
 João, 313
 Johannesburg, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 180, 184
 Johnson, Samuel, 104
 Jolly, Beck, 100
 Jones, Tommy, 234
 Jordan, David Starr, 283
 Jordão, rio, 114
 Jorge III, 310
 jornais, 49, 189
 jornalismo, imprensa, 48, 109, 171, 172, 264, 273, 388
 José, 312, 313
 judeu(s), 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 311n, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 317n, 318, 318n, 319, 320, 320n, 321, 321n, 322, 323, 324, 325; perseguição aos, 314, 315, 316, 319, 323
 justiça, 54, 154, 127
 Kaltenleutgeben, 197
 Kamehameha v, 109, 117, 119, 120, 121, 123
 Kasson, Sr., 286
 Keim, Dr., 304
 Kennan, George, 146
 Khan, Gengis, 278
 Kiao Chow, baía, 47
 Kilauea, vulcão, 111, 113, 126, 138
 King, 18
 Kipling, Rudyard, 71n
 Kitchener, Plano, 80n
 Klondike, região, 62, 62n
 Knob Lick, 310n
 Krakatoa, terremoto, 223
 Krugersdorp, 176, 179, 181
 Kutno, 154
 Lacuna, 215
 Laffan News Service, 245
 Lahaina, ilha, 111
 Laing Nek, 177, 179, 180, 181
 Lampton, William J., 199, 200
 Lanalilo, William, príncipe, 117
 Lázaro, ressurreição de, 197
 Lee, Robert E., 346n
 Leopoldo II, 263, 268, 269, 275, 282, 286, 288, 289, 290, 291, 293, 294
 Leopoldville, 283
 Levy, rabino M. S., 321n
 Libertyville, 310n
 Liga Antiimperialista da Nova Inglaterra, 47
 Liga Antiimperialista de Nova York, 24-25
 Liga Antiimperialista Norte-Americana, 10, 20, 22, 23, 25, 34, 39, 71n, 338
 Lincoln, Abraham, 31, 82, 213, 346
 línguas, idiomas, 112, 113, 114, 119, 132, 156, 204n, 297, 348, 360, 419, 420, 422
 literatura, 109, 323
 literatura: adulta e infanto-juvenil, 420; antiimperialista, 24; “de ação”, 16; de massas, 421; em língua inglesa, 420; norte-americana, 9, 419, 420
Lloyd’s Weekly, 73

- Lobato, Monteiro, 420, 421
London Morning Post, 259
London Times, 150, 154
 Londres, 15, 154, 171, 172, 186, 193
 Lotus Club, 21, 40, 56, 60
 Louisiana, 88, 115, 130, 347
 Lowell, Josephine Shaw, 23
 Luís XI, 264
 Luís XIV, 264
 Lurie, J. S., 186n
 Lyman, capitão Tom, 347, 350, 353, 354, 355, 358
 Lynch, George, 243, 244
 Lynch, William, 84
 Macallun, Sr., 67
 macarthismo, 42, 43, 366
 Machree, Viúva, 327
 maçons, 207n
 Mahan, Alfred T., 28
 “Mais inferior dos animais, O”, de Mark Twain, 339
 Manassas, 197n
 Manchúria, 47, 75
 Manhattan, 103
 Mani, ilha, 115
 Manila, 29, 76, 78, 79, 80, 208
 Marion, condado, 347, 349
 “mark twain”, expressão, 11, 101
Mark Twain at the “Buffalo Express”, de Joseph B. McCullough e Janice McIntire Strasbourg, 297
Mark Twain: A Biography, de Albert Bigelow Paine, 225, 225n
 “Mark Twain nos periódicos portugueses: 1890-1920: projeções e silenciamentos”, de Maria de Deus Duarte, 421n, 422, 423n
Mark Twain: Social Critic, de Philip S. Foner, 297
Mark Twain’s Antiimperialist Writings in the American Century, de Jim Zwick, 22n, 24n, 26n
Mark Twain’s Arguments against War and Imperialism, de Jim Zwick, 25n, 26n, 29n, 31n
Mark Twain’s Weapons of Satire: Anti-Imperialist Writings on the Philippine-American War, de Jim Zwick, 224n
 “Mark Twain Uncensored”, de Jim Zwick, 39n, 40n
 Martin, Sr., 244, 329
 Maryland, 203, 204
 Mason, 355, 357, 358
 Massachusetts, 66
 Massena, André, 321n
 matemática, 184
 Mateus, padre, 159
 Mathews, Brander, 59
 Maui, ilha, 121
 Mauna Kea, ilha, 111
 Maurício, Ilhas, 185
 Mayer, Sr., 331, 332
 Mayflower, 301
 Maryland, 329
 McArthur, general, 81, 215
 McCain, John, 41, 42
 McCallum, Sr., 248
 McCarthy, Joseph, 42
McClure Magazine, 71n
 McCullough, Joseph B., 297
 McKee, capitão, 115
 McKinley, William, 25, 34, 48, 49, 60, 64, 65, 72, 206
 medicina, 323
 Meio-Oeste, 15
 Melbourne, 191, 192
 Memphis, 298
 mercado: capitalista, 42; de consumo, 420; de ouro, 118n; editorial, 38, 421; pagão, 73
 Merrill, 90, 93
 Merrimac, 91n
 Methuen, vitórias de, 73
Método Brecht, O, de Fredric Jameson, 42n
 México, 40, 381; *ver também* Guerra do México
 mídia, 24, 419, 421
 migração, 232
 migrantes, 290
 militarismo, 31
 Milner, Lord, 291
 miséria, 145, 149
 missionária: causa, 133
 missionárias: iniciativas, 110; obras, 244
 missionário(s), 52, 64, 67, 68n, 69, 73, 74, 85, 91, 92, 93, 112, 113, 115, 119, 123, 132, 133, 136, 137, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 255, 256, 257, 258, 260, 265, 269, 270, 275, 277, 282, 284, 287, 288, 290, 294, 332, 341
 Mississípi, estado, 88
 Mississípi, rio, 10, 11, 16, 17, 100, 101, 101n, 345, 347, 350, 363
 Mississípi, Vale do, 313

- Missouri, 10, 18, 24n, 58, 84, 85, 86, 88, 100, 310n, 345, 347, 351, 358, 359
- Molino del Rey, 351
- monarquia, 28, 31, 60, 124, 131, 146, 205, 339; absoluta, 269, 270
- monarquismo, dogma do, 31
- monopólio, 167, 185, 189, 284n, 310n, 311, 312
- Monroe, condado, 364
- Morely, John, 267, 275
- Morgan, 140, 141
- Morrisson, reverendo W. M., 269
- Mount Pleasant, 177
- movimento: antiimperialista, 185, 20, 21, 23; contrário à extensão do direito de voto aos negros, 23; das sufragistas, 331; em prol dos direitos da mulher, 135; libertário, 27; norte-americano, 161; pelo Imposto Único (Single Tax Movement), 185, 186; pragmático, 23n; revolucionário, 156, 238
- movimentos, 23, 69, 161
- Mowbray House, 288
- “Mulher – o orgulho de qualquer profissão e a jóia da nossa”, de Mark Twain, 326
- “Mulheres – uma opinião”, de Mark Twain, 329
- música, 114, 323
- N’Cusa, Mulunba, 276
- nação, 22, 26, 28, 29, 32, 33, 35, 36, 40, 42, 49, 50, 52, 57, 60, 68, 76, 78, 85, 94, 95, 99, 104, 105, 119, 132, 138n, 150, 151, 152, 153, 155, 187, 188, 206, 208, 209, 213, 233, 265, 266, 268, 269, 275, 283, 292, 293, 294, 312, 313, 341, 390, 422
- nacional, 85
- nacionalidade, 322
- nacionalismo, 199; xenófobo, 199
- Namens Studien*, de Carl Emil Franzons, 320n
- Namíbia, 204n
- NBC, emissora, 42
- negócios, 53, 58, 66, 70, 77, 82, 83, 131, 133, 192, 203, 224, 271, 276, 278, 309, 313, 314, 315, 316, 319, 323, 406, 410
- negros, 81, 84, 86, 87, 88, 92, 167, 175, 254, 255, 273, 274, 275, 285, 297, 298, 313, 357, 360, 385
- neocolonialismo, 35
- neimperialismo, 35, 36
- Nevada, 12, 90, 302, 345
- New Bedford, 158
- New Hampshire, 125
- New York Herald*, 27, 47, 50, 243, 244
- New York Sun*, 245
- New York Times*, 154
- New York Tribune*, 50, 65, 69, 109, 118, 245
- New York World*, 48, 292
- Newton, capitão, 215
- Niágara, Cataratas do, 87
- “Niagara Falls”, de Mark Twain, 299
- Nicarágua, 34, 35
- Nightingale, Florence, 327
- Nobel da Paz, Prêmio, 25n
- Norbury, Aberdeen, 275
- North American Review*, 25, 149, 240, 242, 245, 263, 286
- Nosso problema filipino: um estudo da política colonial americana*, de Henry Parker Willis, 24
- “No tocante ao patriotismo”, de Mark Twain, 40
- Nova Gales do Sul, 186, 188, 189, 190
- Nova Inglaterra, 13, 313
- Nova Jersey, 66
- Nova Londres, vila, 350, 351
- Nova Orleans, 11, 319, 347
- Nova York, cidade, 49, 50, 60, 64, 65, 66, 88, 89, 118n, 161, 165, 235, 237, 240, 263, 279, 297, 306, 310, 319, 320
- Nova York, estado, 347
- Nova Zelândia, 14, 165, 185
- Novgorod, 154
- Novo Mundo, 35
- Nunmally, Frances, 329
- O que é o homem? E outros ensaios (What is Man? And Other Essays)*, de Mark Twain, 38, 338
- Oahu, ilha, 110n, 122
- Oddell, Benjamin, 57, 58, 59, 62
- Oggel, Terry, 41
- Ohio, 18
- Oklahoma, 299
- Onteora, 145
- operário, 150; subempregado, 235
- “Oração da guerra”, de Mark Twain, 224, 225, 225n, 263
- Ordem Antiga de Fazendeiros Unidos, 207n
- Oregon, 43
- Oriente Próximo, 12
- Orion (irmão mais velho de Mark Twain), 11, 345
- ostracismo, 159
- “*Our Famous Guest*”: *Mark Twain in Vienna*, de Carl Dolmetsch, 317n

- Oxford, universidade, 15, 329
- Pacífico, oceano, 27, 50, 76n, 111, 126, 130, 139, 141, 165, 232, 234, 236, 279
- Paige, James, 14, 165
- Paine, Albert Bigelow, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 225, 225n, 260, 340
- Palanan, 215, 216
- Palestina, 321
- Panamá, 34; luta pela independência da Colômbia, 30
- Panamá, canal do, 25n, 30
- Papel de uma mulher na revolução, O*, de Sra. John Hays Hammond, 169
- “Para aquele que vive nas trevas”, de Mark Twain, 22, 25, 239, 242, 249, 263
- Parenti, Michael, 32, 35
- Paris, 34, 165
- Paris, Tratado de, 21, 24, 28, 50, 71n; campanha contra a ratificação do, 24
- Parker, Sir Gilbert, 275
- Parlamento Belga, 281
- partido, 307, 308, 317
- Partido: Anti-doughnut, 206, 207, 207n; Democrata, 118n, 135; Republicano, 24n, 62
- partido(s) político(s), 105, 223, 407
- pátria, 31, 92, 95, 94, 317
- patriota(s), 22, 31, 52, 57, 74, 77, 79, 94, 103, 131, 154, 202, 213, 214, 220, 222, 223, 224, 226, 305, 324
- patriotismo, 22, 30, 31, 43, 56, 57, 58, 92, 94, 95, 101, 103, 104, 105, 149, 150, 153, 201, 202, 206, 213, 221, 222, 324
- paz, 53, 54, 62, 170, 270, 287, 307, 308, 309
- Pendergrass, Moses, 310n
- Penn, Sr., 204
- Pensilvânia, 89, 204
- “Pequena Bessie auxilia a Providência, A”, de Mark Twain, 334
- Pequim, 238, 240, 241, 243, 244, 245, 246
- Percy, Sir, 288
- personagens das obras de Mark Twain: Barnum, 404; Billy Norris, 334; Camelot, 18; conde de Hertford, 17; “doutor” Clay Harkness, 407, 409, 410, 412; Dr. Robinson, 17; Eliphalet Weeks, 400; George Yates, 386; Gregory Yates, 398; Hank Morgan, 18, 19; Howard Stephenson, 381, 383, 385, 409, 410; Huck Finn, 16-17, 18; Injun Joe, 17, 299; Jack Halliday, 379, 380, 386, 387, 394, 398, 399, 404, 405; Jim, 17, 18; Joe Harper, 18; John Canty, 17; Johnny, 375; L. Ingold Sargent, 398; mago Merlin, 19; Muff Potter, 17; Nancy Hewitt, 385; Nicholas Witworth, 398; os Wilcox, 372; os Wilson, 372; Oscar B. Wilder, 400; Pap Finn, 18; pequena Bessie, 334; rei Arthur, 18; rei David Kalakua, 122; reverendo Sr. Burgess, 369, 371, 372, 373, 379, 387, 389, 390, 391, 393, 394, 401, 411, 412, 413, 414, 415; Robert J. Titmarsh, 400; Sarah, 412; Sawlsbury, 373; Sr. Archibald Wilcox, 400; Sr. Barclay Goodson, 371, 373, 374, 377, 378, 379, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 388, 403; Sr. Burgess, 336; Sr. Cox, 371, 374, 375, 378, 379; Sr. Edward Richards, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 391, 392, 393, 394, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 404, 405, 406, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414; Sr. Hollister, 336, 337; Sr. John Wharton Billson “Colete-Curto”, 386, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397; Sr. Parsons, 405; Sr. Pinkerton, 379, 381, 386, 387, 397, 407, 411, 412; Sr. Thrurow G. Wilson, 387, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 404; Sra. Cox, 375, 378; Sra. Mary Richards, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 382, 383, 384, 385, 399, 401, 405, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414; Sra. Welch, 336; Sra. Wilcox, 386; Thompson, o chapeleiro, 392, 393, 396, 397, 402, 404; tia Sally, 297; Tom Canty, 17, 18; Victória, 122, 123; Wingate, o seleiro, 402, 404
- Peterburger Zeitung*, 154
- Philadelphia North American*, 199
- Phillips, Lionel, 169, 173
- Pierce City, 84, 86, 87
- Pinta, caravela, 301
- Pittsylvania, 84
- Pleuve, 153
- Plum Point Bend, 101n
- política, 25n, 31, 33, 34, 49, 65, 66, 100, 102, 134, 208, 257, 282, 321, 330, 331
- Pond, major, 165
- Port Arthur, 75
- “Por telefone”, de Mark Twain, 421
- Porto Rico, 23, 29, 55
- Portugal, 421, 422
- Poskine, M. Alfred, 264
- Post, Louis F., 24

- povo(s), 27, 29, 31, 35, 48, 50, 64, 70, 78, 86, 87, 119, 120, 127, 131, 132, 135, 136, 137, 140, 141, 151, 154, 161, 171, 190, 204, 212, 213, 217, 223, 253, 275, 285, 293, 307, 309, 312, 323
- Pratt, Abner, 127n
- Pretória, 166, 172
- Primeira Guerra Mundial, 29n, 72n
- Príncipe e o plebeu*, O, de Mark Twain, 10, 13, 16, 17, 103
- “Procição estupenda, A”, de Mark Twain, 51
- produção, 29, 33, 167, 189, 279
- progresso, 19, 73, 78, 79, 83, 96, 98, 99
- Projeto Mark Twain (Mark Twain Project), 37
- propaganda, 91
- propriedade, 50, 54, 68, 113, 168, 192, 197, 204, 242, 249, 265, 266, 268, 283, 284n, 292, 293, 310, 316, 384, 414
- propriedade: comercial, 71; da terra, 185, 186; privada, 53, 185
- Prússia, 319, 320; *ver também* Alemanha
- Public Opinion*, 81
- Pudd'nhead Wilson's new Calendar*, de Mark Twain, 165, 173, 183, 186, 190, 342
- “Quarter-less-twain”, 101n
- Quaker City, 129
- Quéops, pirâmide de, 279
- raça, 31, 120, 132, 141, 217, 218, 234, 236, 298, 307, 308, 309, 310n, 312, 316, 317, 319, 320, 320n, 322, 323, 339, 385
- racismo, 297
- Ralls, condado, 350
- Ralls, coronel, 351
- “Ready if needed!” (Pronto se necessário!), de William J. Lampton, 199
- Real Igreja Católica Reformada Havaiana, 123
- Redpath, James, 359
- reforma, 90n, 136, 167, 170, 283; social, 185
- Reichsrath, 318
- Reid, Whitelaw, 24
- Reino Unido, 13; *ver também* Inglaterra
- religião, 41, 67, 86, 113, 114, 119, 123, 151, 264, 300, 307, 308, 313, 316, 334, 338, 339, 340, 341; tolerância religiosa, 19
- república, 26, 28, 35, 50, 81, 147, 161, 167, 168, 169, 176, 178, 201, 213, 214, 223, 233,
- República Bôer, 72n, 178; *ver também* África do Sul
- República Dominicana, 34
- República Sul-Africana, 169; *ver também* África do Sul
- revolução, 26, 28, 147, 149, 169, 170, 174, 289, 305
- Revolução Francesa, 310, 317
- Revolução Russa, 32
- Rhode Island, 130, 192
- Rhodes, Cecil, 169, 170, 171, 172, 174, 184n
- Rio Grande, 215
- Rio Monbogo, 272
- Riverdale, 15
- Robson, Richmond Pearson, 91n, 197
- Rodgers, Henry Hatson, 14
- Romanoff, dinastia, 153
- Roosevelt, Theodore, 15, 25, 28, 33, 34, 60, 61, 91n, 292
- Rotschild, Sr., 310
- Rull House, 23n
- Ruskin, Sr., 291
- Russell, Sr., 176, 177, 178
- Rússia, 22, 47, 73, 75, 96, 99, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 153, 156, 161, 313, 315, 319
- Rússia: agitação pró-reforma, 147; causa revolucionária, 150, 156; cossacos, 154; Domingo Sangrento, 149; exílio, 148; ocupação da Manchúria, 22, 47; partidos para a libertação, 146, 147
- Rússia Livre*, 145
- Saara, 268
- Sabino, Fernando, 421
- Sacramento Union*, 12, 109
- Sacramento, 122, 139
- Saint Louis, 15, 131, 268, 347
- Salisbury, Sr., 72n
- Salomão, 125
- Samar, 210, 222
- San Francisco, 12, 109, 116, 126, 130, 231, 232, 233, 234, 279, 319
- Sandwich, Ilhas, 12, 109, 110, 111, 117, 121, 127n, 128, 129, 130, 131, 132, 136, 138, 139; *ver também* Havaí
- Santiago de Cuba, porto de, 91n
- Santo Sepulcro, 313
- São Petesburgo, 149
- São Tomás, ilha, 53, 54, 55
- “Saudação do século XIX ao século XX”, de Mark Twain, 22, 25, 47, 51
- Savonarola, Girolamo, 90, 90n
- Schreiner, Oliver, 183
- Schurz, Carl, 24, 100, 101, 102
- Scopes, julgamento de, 25n
- Scrivener, reverendo A. E., 270

- Seguindo o Equador (Following the Equator – A Journey Around the World)*, de Mark Twain, 165, 165n, 185n
- Segunda Guerra Mundial, 41, 43, 231
- servilismo, 95
- servos, 266
- Shafroth, John F., 26
- “Shakespeare está morto?”, de Mark Twain, 15
- Shantung, 74
- Sheffield, doutor, 243, 250n
- Sheldon, Sra., 291
- Sheppard, reverendo W. H., 275
- Show do Oeste Selvagem de Buffalo Bill (*Buffalo Bill’s Wild West Show*), 34
- Shylock, 312
- Sibéria, 146, 148
- Sigismondo, Sr., 219, 221
- Silas Timperman*, de Howard Fast, 366
- Skinner, Charles, 43, 201, 202
- Smith, Sr., 349, 353
- Smith, doutor Judson, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 251, 252, 255, 257
- Smith, general Jacob, 210, 222
- sociedade, 127, 148, 159, 203, 207n, 220, 290, 307, 327
- Sociedade A. B. I. R., 284, 288
- Sociedade dos Amigos Americanos para a Liberdade Russa, 145
- Sociedade dos Ladrões Coroados, 204, 205
- Sociedade Médica do Estado de Nova York, 56
- Sociedade para a Temperança do padre Mateus, 160
- solidariedade, 150, 156
- “Solilóquio do czar, O”, de Mark Twain, 32, 263
- “Solilóquio do rei Leopoldo”, de Mark Twain, 149, 263, 292
- South Africa Company, 169
- Spalding, Dr. Wyland, 68n
- Sri Lanka, 165n; ver também Ceilão
- Standard Oil, 14
- Stanley, Sr., 286
- Stanton, Elizabeth Cady, 327
- Statham, Reginald, 176n
- Stedman, Sr., 59
- Stevens, Ed, 349, 351, 352, 356
- Stone, Lucy, 327
- Storey, Moorfield, 23
- Strasbourg, Janice McIntire, 297
- Straus, Isidor, 105
- Suazilândia, 73n
- subjugação, 21, 31
- Suécia, 15
- sufrágio, 318
- Suíça, 15
- Sweeny, 127
- Swinburne, Algernon Charles, 148n
- Sydney, 190, 191, 192, 193
- Syracuse University, 9
- Tammany Hall, 64
- Tasmânia, 165, 187
- taxas alfandegárias, 105, 110, 116, 126
- Tchecoslováquia, 15
- Teatro das Crianças do West Side, 103, 105, 106
- Tempos agitados na Áustria*, de Mark Twain, 305, 306
- Tennessee, cidade, 25n
- Tennessee, estado, 11, 101n, 359
- teologia, 70, 114, 250, 334
- Terceiro Mundo, 35, 36, 37
- Terra Nova, 135
- Terra, A*, de Émile Zola, 317n
- Terrell, Sr., 287
- Territorial Enterprise*, 345
- territórios, 24, 35, 70, 171, 175, 176, 188, 199, 226, 231, 285
- Terror Amarelo, 61
- Teudelsdrickh, 150
- Tewksbury, reverendo Sr., 243
- Texas, 89, 92
- The Congo*, 286
- The New York Times*, 199, 206
- The Public*, 24, 68n, 206
- The Sun*, de Nova York, 66, 65, 240, 241, 245, 246, 247, 310n
- The Youth Companion*, 42
- “The \$30,000 Bequest”, de Mark Twain, 15
- Thompson, 61
- Thornburgh, Ben, 11, 100, 101
- Tianjing, 238
- Tillman, Benjamin R., 23
- Tio Sam (Uncle Sam), 205, 422
- “Today”, programa, 42
- Tóquio, 69
- Torquemada, 278
- trabalho, 112, 132, 134, 141, 167, 264, 266, 273, 283, 284, 320, 332, 350
- traição, 97, 153, 220, 395
- traidores, 21, 22, 31, 56, 57, 223
- Traine, George Francis, 127, 327
- Transvaal, 73, 166, 167, 169, 170, 171, 173, 175, 176, 179

- Três Cidades*, de Émile Zola, 317n
Tribune, 13, 242, 243, 244, 246, 252
 Turgenev, Ivan, 13
 Turner, Frederick Jackson, 33
 Twain, Mark, *ver* Clemens, Samuel Langhorne
 Tweed, William Marcy, 118, 118n
 Twitchell, reverendo Joseph H., 40, 96, 197, 239, 338
 União Soviética, 43
 Union Square, 88, 310
 universidades, 119, 123, 420
 urbanização, 19
 Uruguai, 34
 Vaal, rio, 73n
Vagabundo no estrangeiro, Um, de Mark Twain, 13, 340
 Vancouver, 50
 Vanderbuilt, Cornelius, 118n
 Veneza, 75
 Vernon, Eduard, 159n
 Vesúvio, vulcão, 138
 Via Láctea, 323
Viagem ao longo do Equador, de Mark Twain, 339, 340, 341
 Vicksburg, 346n
 Victoria, 190
Vida de Mark Twain, A, de Albert Bigelow Paine, 340
Vida no Mississípi, A, de Mark Twain, 13
 Vieira, José Geraldo, 421
 Viena, 197, 305, 316, 322
 Vietnã, 41, 42
 Villard, Oswald Garrison, 23
 Villia, Sr., 219, 221
 Virgínia City, 197n, 345
 Virgínia, estado, 84, 140, 197n
 voto, 207, 318, 333, 407; feminino, 19, 331
 Walbaum, Sr., 291
 Waldorf Astoria, 259
 Waleer, major, 222
 Wanamaker, John, 283
 Ward, Sr., 252
 Warfield, governador, 204
 Warner, Charley, 197
 Warwick, castelo de, 18
 Washington D.C., 292
 Washington, Clube de Correspondentes de, 326, 327
 Washington, 43
 Washington, George, 31, 78, 82, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 220, 221, 222, 310, 326, 327
 Washington, Monumento a, 126
 Wellington, 321n
 Wenchiu, região, 67, 242
 Weyler, general, 223
 “What Is Man?”, de Mark Twain, 15
 Whiteside, Sr., 291
 Wildman, Edwin, 209, 214, 219
 William, príncipe, 120, 121
 Willis, Henry Parker, 24
 Windsor Hotel, 89
 Winslow, Sra., 138
 Wolseley, Sir Garnt, 176
 Woodbull, Sr., 127
 Woods, Sr., 298
 Yale, 59
 Yangzi, rio, 238
 Yukon, território, 62n
 Zimbábue, 73n
 Zola, Émile, 317, 317n
 Zwick, Jim, 9, 22, 24n, 25n, 26, 27, 29, 29n, 31n, 37, 39, 41, 43, 225n, 241n, 243n, 250n, 257n, 306n, 320n

Caso não encontre este livro nas livrarias,
solicite-o diretamente a:

Editora Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 224

04417-091 – São Paulo – SP

Fone: (11) 5571-4299

Fax: (11) 5571-0910

Correio Eletrônico: editora@fpabramo.org.br

Na Internet: <http://www.efpa.com.br>

Patriota e traidores foi impresso na cidade de São Paulo em abril de 2003 pela Gráfica OESP para a Editora Fundação Perseu Abramo. A tiragem foi de 3.000 exemplares. O texto foi composto em minion no corpo 11,8/15,4. Os fotolitos da capa foram executados pela Graphbox e os *laserfilms* fornecidos pela Editora. A capa foi impressa em papel Cartão Supremo 250g; o miolo foi impresso em pólen soft 80g.